

A Rainha
NORMANDA
PATRICIA BRACEWELL

*Uma envolvente história sobre poder e
amor proibido numa corte medieval*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

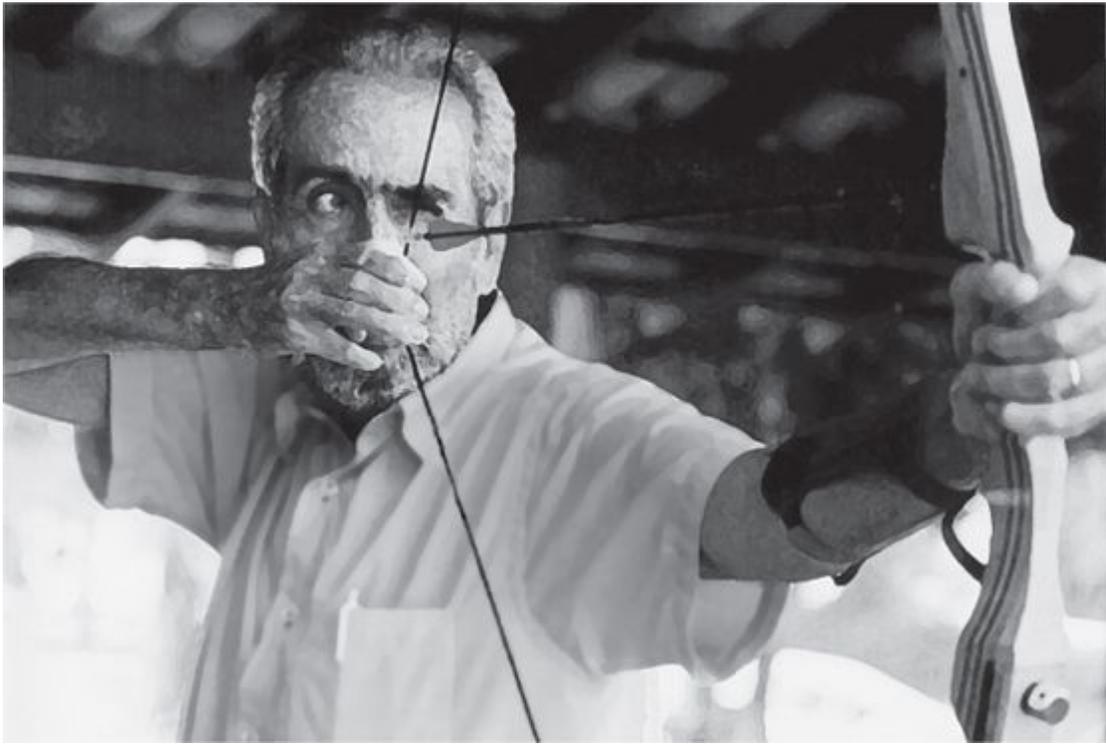
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A Rainha
NORMANDE





O ARQUEIRO

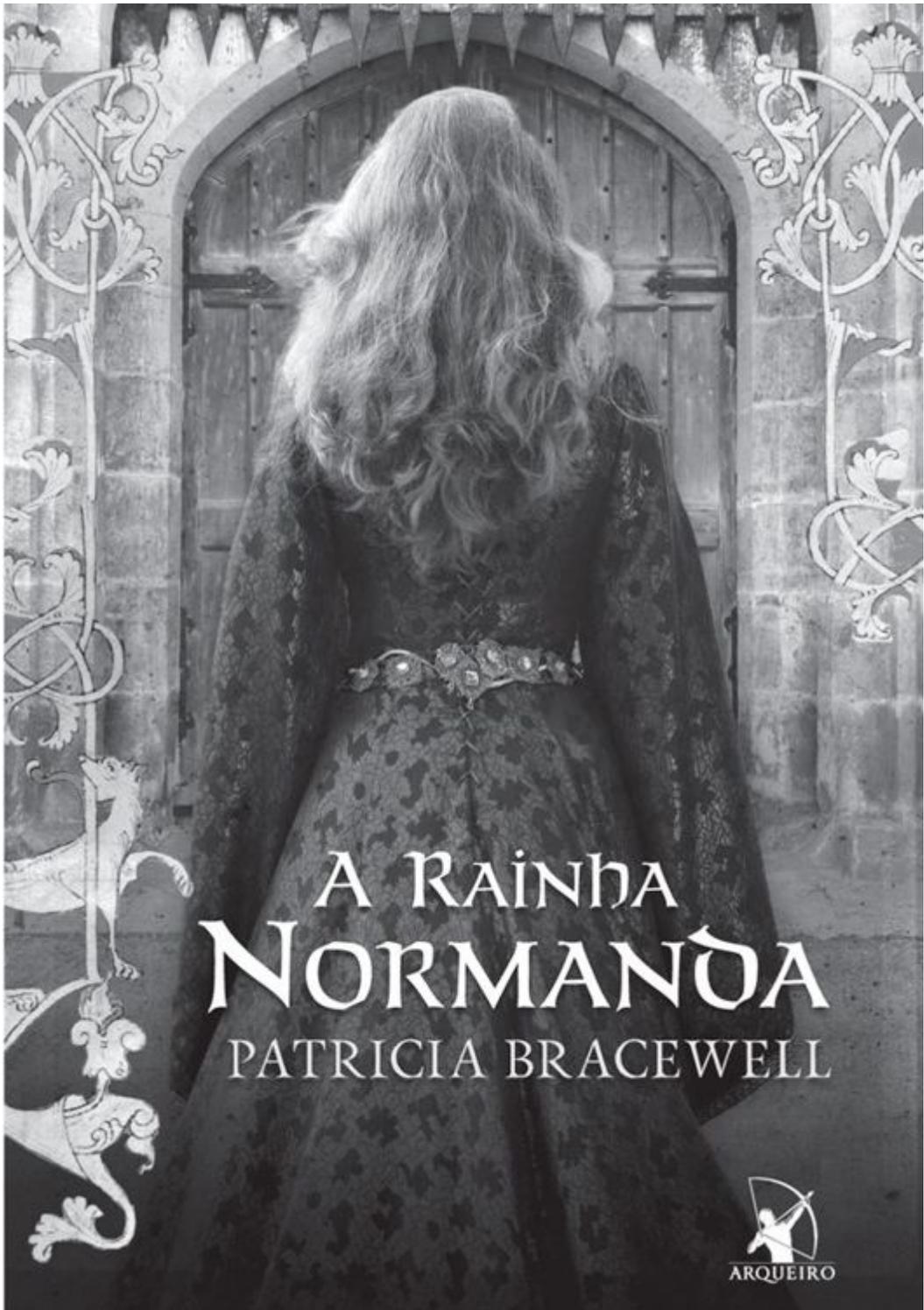
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



A RAINHA
NORMANDA
PATRICIA BRACEWELL



Título original: *Shadow on the Crown*

Copyright © 2013 por Patricia Bracewell

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob

quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com a Viking, membro da Penguin Group Inc. (EUA)

tradução: Maria Luiza Newlands

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Melissa Lopes Leite e Cristhiane Ruiz

diagramação e projeto gráfico: Natali Nabekura

capa: Nancy Resnick

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: Akg-Images/Latinstock (pergaminho);
Richard Jenkins (mulher)

mapa: Matt Brown

Conversão eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B812r

Bracewell, Patricia

A rainha normanda [recurso eletrônico] / Patricia Bracewell; tradução de Maria
Luiza Newlands. - São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Shadow on the crown

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-378-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Newlands, Maria Luiza. II. Título.

14-18648

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Lloyd, Andrew e Alan

A corte anglo-saxã, 1001–1005

Æthelred II, rei anglo-saxão da Inglaterra

Filhos do rei inglês, em ordem de nascimento:

Athelstan
Ecbert
Edmund
Edrid
Edwig
Edward
Edgar
Edyth
Ælfgifu (Ælfa)
Wulfilde (Wulfa)
Mathilda

Líderes da nobreza e do clero

Ælhelm, conde da Nortúmbria
Ufegeat, seu filho
Wulfeah, seu filho (Wulf)
Elgiva, sua filha

Ælfric, conde de Hampshire
Ælfgar, seu filho
Hilde, sua neta

Ælweah, bispo de Winchester

Godwine, conde de Lindsey
Leofwine, conde da Mércia Ocidental
Wulfstan, arcebispo de York e bispo de Worcester

A corte normanda, 1001–1005

Richard II, duque da Normandia

Robert, arcebispo de Rouen, irmão do duque

Judith, duquesa da Normandia

Gunnora, duquesa viúva da Normandia

Mathilde, irmã do duque

Emma, irmã do duque

A família real dinamarquesa

Swein Forkbeard, rei da Dinamarca

Harald, seu filho

Cnut, seu filho

Glossário

A Cruz: cruz na qual Cristo foi crucificado.

Ætheling: literalmente, “merecedor do trono”. Todos os filhos legítimos dos reis anglo-saxões eram chamados assim.

Augurar, vaticinar: prever baseando-se em sinais e presságios.

Bailio: homem com responsabilidades administrativas empregado por famílias reais, bispos e nobres para supervisionar cidades, aldeias e grandes propriedades.

Braies: termo francês para calções, ou *bragas*, feitos de linho.

Breecs: termo anglo-saxão para calções, ou calças, amarrados abaixo do joelho.

Burh: fortaleza anglo-saxã.

Byrnie: túnica, cota de malha.

Calendas: o primeiro dia do mês no antigo calendário romano, que sempre caía num dia de lua nova.

Capa de asperges ou capa magna: paramento eclesiástico, em geral de seda e profusamente bordado; parecia-se com um manto comprido.

Casula: paramento eclesiástico, manto sem mangas que cobre o corpo e os ombros, em geral ricamente bordado, usado por cima de uma túnica branca e comprida durante a celebração da missa.

Ceap: o mercado, ou rua principal (onde fica o comércio).

Chausses: palavra em francês antigo que significa meia colante e comprida.

Conde: nobre de posição elevada indicado pelo rei para governar uma província em seu nome. Liderava tropas, arrecadava impostos e cuidava da aplicação da justiça. Era uma posição política em geral concedida a membros de famílias poderosas.

Corredor de guarda-ventos: vestíbulo situado imediatamente à entrada de um grande salão ou cômodo semelhante, criado por anteparos móveis

que bloqueavam a penetração de correntes de vento no ambiente quando as portas eram abertas.

Culver: palavra anglo-saxã que significa pombo.

Cyrtel: tipo de vestido feminino.

Danelaw: área da Inglaterra que compreende aproximadamente Yorkshire, Ânglia Oriental, Mércia Oriental e Mércia Central, na qual ondas sucessivas de escandinavos se estabeleceram ao longo dos séculos IX e X.

Enviados: criaturas malévolas ou desagradáveis enviadas por alguém com poderes mágicos para advertir, punir ou vingar; da tradição nórdica antiga.

Escarpa: inclinação íngreme de terreno formada pelo rompimento da crosta da terra.

Fyrd: força armada mobilizada por ordem do rei ou de algum conde, normalmente para se defender de uma ameaça dos vikings.

Gafol: tributo pago a um exército inimigo para comprar a paz.

Geld: imposto arrecadado pelo rei, que usava o dinheiro para pagar o tributo exigido pelos invasores vikings.

Godwebbe: tecido precioso, muitas vezes de cor púrpura, em geral de seda; provavelmente um tafetá de seda furta-cor.

Handfasting: casamento ou noivado; sinal de compromisso num relacionamento sem cerimônia religiosa nem troca de propriedade.

Headrail: toucado feminino composto de véu, na maior parte das vezes usado com um diadema, aro ou faixa, mantido no lugar com grampos.

Herepath: estrada militar.

Hird: exército dos Homens do Norte; os inimigos dos ingleses.

Hoste: exército.

Leman: palavra em francês antigo que significa amante, concubina.

Pennons: estandartes, bandeiras.

Pulses: grãos comestíveis secos como ervilhas, feijões.

Scop: contador de histórias; harpista.

Seax: faca.

Sezão: qualquer doença com febre alta.

Skald ou scald: bardo ou contador de histórias.

Taftl: jogo de tabuleiro popular na Inglaterra e na Escandinávia no início da Era Medieval, parecido com o xadrez moderno.

egn ou thane: literalmente “aquele que serve a outro”; título que marca um relacionamento pessoal; os mais importantes serviam ao próprio rei; membro de posição mais elevada na sociedade anglo-saxã; arrendatário de terras com obrigações específicas devidas a seu senhor.

Tratamento com sanguessugas ou ventosas: arte da cura, praticada por curandeiros, rezadores, benzedeiros etc.; os médicos antigos.

Tropas da Lareira (*Hearth troops*) ou domésticas: guarda pessoal, guerreiros que protegiam a família do rei ou de algum grande senhor.

Wain: termo arcaico para carroça, carreta rural.

Wergild: literalmente “pagamento de homem”; valor estabelecido pela vida de uma pessoa.

Witan: “sábios”; o conselho do rei.

Wyrð: fado ou destino.





979 d.C. Nesse ano, o rei Edward foi assassinado em Corfegate, no décimo quinto dia antes das calendas de abril, ao anoitecer, e foi enterrado em Werham sem quaisquer honrarias reais. Não houve pior feito do que este desde que o homem chegou à ilha da Bretanha... Æthelred foi consagrado rei. Nesse mesmo ano, muitas vezes se viu o céu cor de sangue, mais evidente à meia-noite, como fogo em forma de nebulosos feixes de luz. Quando o amanhecer se aproximava, essa coloração aos poucos se desvanecia.

– *Crônica Anglo-Saxã*

Prólogo

Véspera da Festa de Santa Hilda, novembro de 1001 Proximidades de Saltford, Oxfordshire

Ela fez o circuito da clareira entre os carvalhos, três vezes ao redor e três vezes de volta, sussurrando feitiços de proteção. Houvera um presságio naquela noite: uma cortina de luz vermelha brilhara e dançara no céu da meia-noite como seda escarlate lançada contra as estrelas. Certa vez, no ano anterior ao de seu nascimento, uma luz como aquela tinha assinalado a morte de um membro da realeza. Agora certamente assinalava outra, e, embora sua magia não pudesse banir a morte, ela entrelaçou feitiços enquanto andava em círculos para afastar desgraças que pudessem cair sobre o reino.

Quando terminou sua tarefa, alimentou o fogo que ardia no centro do antigo anel de pedras que se erguia no meio da clareira e, sentando-se ao lado, esperou aquela que viria em busca de profecia. Antes que o sol se deslocasse pela grossura de um dedo no céu, a figura de uma mulher, oculta por manto e véu, surgiu na parte mais alta do terreno, a mão pousada na pedra-sentinela. Lentamente, ela desceu pela trilha através das árvores, passou pela dança dos gigantes e também veio sentar-se junto ao fogo, com prata na mão.

– Queria saber o destino de minha senhora – disse.

A prata mudou de mãos e, sem querer, a vidente vislumbrou um coração, partido e estéril, que amava com um amor sombrio e perverso. Mas a prata fora paga e, a um aceno seu, uma mecha de cabelo foi lançada às chamas. Ela procurou visões no fogo, e elas vieram em turba e atropelo até seus olhos doerem e seu coração ficar marcado.

– Sua senhora será unida a um senhor poderoso – decretou ela, afinal –, e os filhos dela serão reis.

No entanto, por causa das trevas naquele coração sobre o fogo, nada disse a respeito da outra, da dama que viria de longe, e dos dois fios de vida tão amarrados e emaranhados um no outro que seria impossível separá-los por uma vida inteira, ou para sempre. Não falou da terra verdejante que seria queimada e reduzida a cinzas nos dias vindouros, nem dos inocentes que morreriam, tudo pelo preço de um trono.

Haveria presságios no céu outra vez naquela noite, ela sabia, e, lá no alto, as estrelas chorariam sangue.



1001 d.C. Nesse ano houve grande comoção na Inglaterra em consequência de uma invasão dos dinamarqueses, que espalharam terror e devastação por onde passaram, saqueando, queimando e arruinando o país... Levaram grande quantidade de espólio para seus navios, e seguiram depois para a ilha de Wight e nada os deteve; nenhuma esquadra ousou ir por mar ao seu encontro; nem muito menos forças terrestres. Então, de todas as formas foi um tempo difícil, porque eles nunca paravam de cometer suas maldades.

— *Crônica Anglo-Saxã*

Capítulo Um

24 de dezembro de 1001

Fécamp, Normandia

Se alguém tivesse mantido esse tipo de registro, o inverno de 1001 no noroeste da Europa teria entrado para a história como o mais frio e inclemente em 75 anos. No final de dezembro daquele ano, uma tempestade vinda do norte do Ártico se desencadeou com terrível velocidade, varrendo toda a Europa, mas se abatendo com maior violência sobre os dois reinos que se defrontavam às margens do mar Estreito.

Na Normandia, começou com uma queda brusca de temperatura e uma chuva gelada que banhou as preciosas árvores frutíferas no vale fértil do rio Sena. Rajadas de vento seguiram-se à chuva, arrancando frágeis galhos congelados e dispersando a promessa da colheita do verão seguinte sobre vastos campos cobertos de gelo. Durante um dia e uma noite inteiros a tempestade rugiu e, quando o pior passou, a neve fina caiu silenciosa como uma bênção sobre a paisagem assolada.

De dentro da abadia, os monges de Jumièges e de Saint-Wandrille contemplaram a perda de sua colheita de maçãs, curvaram as cabeças e rezaram para aceitar a vontade de Deus. Camponeses, encolhidos juntos para se aquecer em precárias cabanas de madeira e temendo que o fim do mundo tivesse chegado, rezavam por libertação. No recém-construído palácio ducal de Fécamp, onde o duque Richard e sua família estavam reunidos para comemorar a temporada da Natividade de Cristo, a irmã do duque, Emma, de 15 anos, calçou em silêncio suas botas pesadas por cima das meias compridas de lã grossa e torceu para não acordar a irmã – em vão.

– O que você está fazendo?

A voz de Mathilde, áspera e num tom de reprovação de irmã mais velha, veio do ninho espesso de cobertas da cama.

Emma continuou a puxar a bota.

– Vou às estrebarias, lá embaixo – disse ela.

Lançou um olhar de esguelha para a irmã, tentando avaliar seu humor. O cabelo castanho e fino de Mathilde estava preso numa trança apertada que conferia a ela um semblante repuxado, contraído, e intensificava a expressão carrancuda que ela dirigia à caçula.

– Não pode sair com essa tempestade – ralhou Mathilde. – Vai ficar doente.

Ia continuar a falar, mas foi sacudida por um repentino e violento ataque de tosse.

Emma aproximou-se dela, pegou na mesa ao lado da cama a taça de vinho misturado com água e deu à irmã para beber.

– Parou de nevar – disse, enquanto Mathilde dava um gole. – Vou ficar bem.

Além disso, ao contrário dela, Emma raramente ficava doente, refletiu. Pobre Mathilde. Era uma falta de sorte ela ser a única filha miúda, morena e propensa a doenças. Todos os outros filhos de sua mãe – oito no total – eram gigantes louros e vigorosos.

Quando Mathilde acabou de beber, Emma apanhou um xale que estava ao pé da cama e jogou-o por cima de sua cabeleira abundante, lustrosa.

– Vai ver aquele seu cavalo detestável, imagino. – A voz de Mathilde soou quase como um grunhido gutural. – Não vejo por quê. Sabe Deus que todas aquelas criaturas são tão bem cuidadas quanto crianças. É maldade sua me deixar aqui sozinha.

Emma, que amava a vida ao ar livre, adorava cavalos, cães e caçadas, e era mais feliz quando cavalgava pela costa normanda sob as altas falésias brancas do que em qualquer outra ocasião, achou melhor não tentar explicar o motivo de sua saída à irmã, que detestava todas aquelas coisas. Emma sentia pena por Mathilde estar doente e entediada, mas enlouqueceria se não pudesse respirar um pouco de ar fresco e ficar sozinha por algum tempo. As duas estavam trancadas juntas dentro de casa havia três dias.

Pegou uma pesada capa preta forrada de pele de seu gancho na parede e atirou-a sobre os ombros.

– Não vou demorar – falou.

Mathilde, no entanto, tinha pensado em outra objeção:

– E se aqueles marinheiros voltarem quando você estiver lá embaixo? Não pode ter certeza de que os brutos dinamarqueses não vão molestá-la se a encontrarem sozinha e desprotegida.

Emma prendeu o manto sob o queixo, pensando sobre o aviso.

O rei dinamarquês, Swein Forkbeard, tinha solicitado ao irmão dela abrigo de inverno para os navios na costa norte da Normandia, e o duque Richard, não querendo ofender o feroz rei guerreiro, concedeu-o. Para grande irritação de Richard, porém, o próprio navio de Forkbeard e cerca de outros dez haviam fundeado no porto de Fécamp fazia dois dias, obrigando seu irmão a convidar o rei para se juntar à sua família no palácio.

Forkbeard aceitara a oferta sem pestanejar e instalara-se no grande salão de Richard com vários de seus companheiros – guerreiros rudes, de rostos brutos, apenas minimamente civilizados apesar do ouro que ostentavam nos pulsos e braços.

Mathilde, acometida pela febre, não saíra da cama. A mulher de Richard, Judith, que dera à luz poucas semanas antes, fizera o mesmo. Sendo assim, tinha sido a mãe de Emma, a duquesa viúva Gunnora, acompanhada apenas da filha mais nova, que oferecera ao rei a taça de boas-vindas quando ele entrou no castelo. A duquesa, apesar de ter orgulho de sua ascendência dinamarquesa e de seus laços de sangue com o trono daquele país, não alimentava ilusões a respeito de Swein Forkbeard. Apresentou-lhe Emma formalmente, depois a mandou se recolher a seus aposentos particulares junto com todas as outras moças.

Emma não lamentou ter que se retirar. Forkbeard a cumprimentou com olhos frios, ferozes e calculistas, e um aceno silencioso da cabeça. Seu olhar melancólico pareceu avaliá-la como se fosse não uma mulher, mas uma mercadoria passível de compra e venda – uma bugiganga que se pudesse adquirir no mercado em Rouen. Ela enrubesceu sob aquele olhar fixo e repulsivo, e teve vontade de sair correndo dali. Mas obrigou-se a deixar o salão lentamente, o queixo erguido, consciente de todos aqueles homens do mar ao seu redor, que a esquadrihavam com olhos impiedosos.

Eram sujeitos que ganhavam a vida com assassinatos e estupros, homens que tinham sido batizados em Cristo mas cujas almas ainda pertenciam a deuses pagãos, segundo o que ela tinha ouvido falar. Seus rostos sombrios, marcados pelas intempéries, haviam assombrado os sonhos de Emma

naquela noite, e, como seus irmãos, ela desejou que Forkbeard e seus marinheiros nunca tivessem aportado em Fécamp. Naquele dia, porém, os dinamarqueses não estavam no palácio.

– Os marinheiros foram ao porto para avaliar os danos causados pela tempestade nos navios. É provável que não retornem antes do anoitecer. Vou estar de volta muito antes disso, e prometo que lhe faço companhia até a hora de apagarmos as velas.

Com isso, saiu do quarto antes que Mathilde pudesse pensar em outras objeções.

O pátio encontrava-se deserto quando ela seguiu para as estrebarias, e o ar estava tão gelado que doía para respirar. Ela acompanhou a muralha, agarrando-se em suas pedras com uma das mãos enquanto pisava com cuidado na lama escorregadia e na neve semiderretida que fora revolvida por homens e cavalos.

Ange, a égua de Emma, branca como a neve, relinchou um cumprimento e a dona aninhou o rosto no pescoço do animal, aquecendo a face em sua grossa pelagem de inverno. Um momento depois, porém, escutou no pátio das estrebarias uma comoção que a deixou preocupada.

Seria possível que os homens tivessem voltado tão cedo? Nem todos, com certeza. Teriam feito muito mais barulho.

Escondendo-se atrás de Ange, Emma olhou para o largo portão e viu Richard e Swein Forkbeard levando suas montarias para as cocheiras. Sempre achou o irmão bastante alto, mas o rei dinamarquês o ultrapassava por meia cabeça. Eles tinham a mesma idade – ambos muito velhos, em sua opinião, pois Richard tinha nascido mais de vinte anos antes de Emma. O rei dos dinamarqueses, entretanto, com seus cabelos brancos e a comprida barba branca, que usava bifurcada e trançada, parecia muito mais velho. Havia uma severidade em Swein Forkbeard, uma crueldade no olhar duro que a assustava. Ele também intimidava Richard, ela não tinha dúvidas, embora ele disfarçasse isso sob uma capa de cortesia.

Ela não queria ter que cumprimentar o rei dinamarquês de novo, nem enfrentar a ira do irmão por encontrá-la ali, então se ocultou por trás de Ange para esperar que fossem embora. Não pareciam estar com pressa, apesar do frio. Richard, num dinamarquês hesitante, falava sobre o pedigree do cavalo do rei e dava o melhor de si para explicar o que tinha em vista ao criar aquela raça de cavalos.

Emma sorriu ao ver os esforços desajeitados do irmão para falar a língua de Swein. Como todos os filhos da duquesa Gunnora, ele havia aprendido dinamarquês no colo da mãe. E, como a maioria de seus irmãos, abandonara a prática da língua ainda muito novo. Emma fora a única a adotá-la, e falava dinamarquês com tanta fluência quanto o francês, o bretão ou o latim. Chegou a aprender até um pouco do inglês falado pelos prelados que algumas vezes visitavam seu irmão, vindos do outro lado do mar Estreito.

Nem Richard nem seu irmão Robert, o arcebispo, tinham conhecimento desse dom de Emma para os idiomas, como sua mãe o chamava. Gunnora aconselhara a filha a manter em segredo sua notável habilidade. *Use-a para escutar, dissera, em vez de falar. Vai ficar surpresa com o que acabará descobrindo.*

Agora, Emma escutou e percebeu, com um sobressalto, que a conversa entre Richard e o rei dinamarquês havia passado da criação de cavalos para a criação de filhos.

– Uma aliança de casamento seria do interesse de ambos – disse Swein Forkbeard. – Tenho dois filhos que precisam de esposas. Uma de suas irmãs poderia servir, e você ganharia muito com essa união, eu lhe garanto. E não a aceitando, é claro que pode perder muito. – Ele fez silêncio por um momento e então disse, num tom de voz especulativo, provocador: – Quanto, eu me pergunto, estaria preparado para perder?

Emma cobriu a boca com a mão, chocada com a clara ameaça nas palavras de Forkbeard. O que ele faria? Enviaria seus homens por mar para assolar a Normandia a menos que Richard mandasse uma de suas irmãs para a Dinamarca a fim de se casar com um dos filhos de Forkbeard?

Ela prendeu a respiração, esperando a resposta de Richard.

– Minhas irmãs são jovens demais para casar.

As palavras atropeladas de seu irmão foram ditas de modo tão espontâneo que Emma se perguntou se ele teria entendido bem o que o rei dinamarquês dissera.

– A idade pouco importa – retrucou Forkbeard, dessa vez em tom amável. – Meu filho mais novo viu apenas dez invernos, mas, assim como seu irmão mais velho, ele já é um marinheiro e guerreiro qualificado. Quanto às suas irmãs – ele fez uma pausa e Emma torceu os dedos nervosamente na crina de Ange enquanto esperava que continuasse –, você deve tratá-las com mais rigor. Lady Emma me parece madura para a cama.

Você deveria colocá-la para reproduzir agora, por um bom preço, ou acabará descobrindo que está tarde demais.

Emma sentiu o sangue lhe subir ao rosto, humilhação e raiva misturadas ao choque e ao medo. Richard certamente não concordaria em vendê-la para a Dinamarca! Era um lugar árido, selvagem, quase não cristão. A linhagem de sua família remontava às terras do Norte, mas isso ficara no passado. Não fazia parte de seu futuro. A Dinamarca era uma terra de homens ferozes governada por um rei cruel. Swein Forkbeard não tinha herdado a coroa; ele a conquistara numa batalha travada até a morte contra o próprio pai. Richard não podia permitir que ela se casasse e fizesse parte de uma família como aquela!

O sangue latejava em seus ouvidos, e Emma precisou se esforçar para ouvir a resposta de seu irmão a Forkbeard.

– Sua proposta é uma grande honra para a nossa família – disse Richard. – Deve compreender, é claro – prosseguiu ele, a voz suave e persuasiva apesar de seu dinamarquês truncado –, que um noivado é assunto delicado demais para ser resolvido às pressas. Há muitas coisas a serem consideradas e pesadas, e, como sabe, tenho duas irmãs. Ainda precisa conhecer a mais velha, que, por tradição, deve naturalmente ser a primeira a se casar.

Ela não escutou a resposta do rei dinamarquês, porque as vozes dos homens ficaram indistintas, substituídas pelo tilintar dos arreios quando os cavaleiros levaram os cavalos para as baias. Emma permaneceu plantada no mesmo lugar, o rosto enterrado no pescoço de Ange, os pensamentos num turbilhão.

A proposta de Swein Forkbeard devia ter grande importância para seu irmão. Richard era um realista. Ele iria considerar o sacrifício de uma irmã mais nova como um preço pequeno a pagar pela paz da Normandia com a Dinamarca. Seria terrível para a noiva, porém – banida para uma terra distante e hostil. Mathilde odiaria a possibilidade, tanto quanto Emma. Ela sentiu a garganta se contrair só de pensar naquilo.

Não, seu irmão não poderia fazer tal coisa com nenhuma das duas. Não iria mandá-las para tão longe. Ele havia casado as irmãs mais velhas com grandes senhores da Bretanha e de França, protegendo suas fronteiras e contribuindo muito para o enriquecimento de seu tesouro. Com certeza usaria Mathilde e Emma de maneira semelhante, pois as fronteiras da Normandia eram extensas e Richard precisava de aliados.

Mas Richard era ambicioso. Um casamento real, até mesmo com um filho do bárbaro Swein Forkbeard, aumentaria o prestígio de seu irmão por toda a Europa. Forkbeard podia ser um guerreiro viking, não um rei cristão devoto, mas toda a Europa o temia, o que fazia dele um valioso aliado. Ela conseguia facilmente imaginar Richard cedendo a esse argumento, e temia o que ele poderia estar tramando com o rei dinamarquês em seus aposentos particulares.

Sussurrou algumas palavras carinhosas no ouvido de Ange e em seguida, com medo de que os homens de Forkbeard chegassem logo depois dele, voltou correndo para o palácio. Não contaria a Mathilde nada do que tinha ouvido. Sua mãe, com certeza, daria alguma opinião sobre o assunto, mas Emma ainda estava assustada por causa da irmã mais velha.

Uma pontada de ansiedade começou a fazer suas entranhas se contraírem. Ela não confiava em Richard.

Capítulo Dois

25 de dezembro de 1001

Rochester, Kent

Na Inglaterra, naquele inverno, a violenta tempestade de neve cegou e enterrou inúmeros viajantes que foram apanhados nas chapadas de Wessex, mesmo estando a alguns passos de um abrigo. Perto de Durham, na Nortúmbria, foi tão grande a quantidade de neve que se acumulou no telhado de palha do salão de lorde Orkeld que o teto afundou sob o peso, soterrando o velho nobre, sua família e seus criados, vinte pessoas ao todo. Na ilha de Wight, um vagalhão arrastou uma aldeia inteira para o mar. Em Devon, as cidades outrora prósperas de Pin-Hoo e Clyst, que tiveram as casas, as oficinas e os armazéns destruídos durante os ataques dinamarqueses no verão anterior, ficaram debaixo de 4 metros de neve, como se nunca tivessem existido.

No salão real em Rochester, Æthelred II da Inglaterra e seus conselheiros estavam à mesa para o banquete de inverno, envoltos em peles para se defenderem do frio cortante. Seu humor estaria azedo mesmo que o tempo estivesse mais ameno. Bebiam sua cerveja natalina com sombria determinação em vez de prazer, reunidos ali sem o estímulo da participação feminina. A mãe do rei, uma presença forte na corte por quase 25 anos, tinha rendido a alma a Deus pouco mais de um mês antes, em novembro, na Festa de Santa Hilda. A senhora esposa do rei, que entrara em trabalho de parto na véspera de Natal pela décima primeira e última vez, tinha exalado seu último suspiro na manhã de Natal. Seu corpo frio jazia sob o teto abobadado de madeira da capela do rei, pranteado por suas damas. O bebê, nascido prematuramente e talvez sentindo sua perda, não encontrava

conforto nos braços da ama de leite. Sempre que o rugido do vento e os resmungos intermitentes dos homens diminuían por um momento, seu grito fraco invadia o salão como o lamento de uma alma vagando entre o céu e a terra. As mulheres que cuidavam da criança balançavam a cabeça, com os lábios franzidos. O recém-nascido não pertenceria muito tempo a este mundo, calculavam, pois não queria mamar.

Os homens que faziam companhia ao rei na mesa principal pouco pensavam na criança e em suas perspectivas, pois Æthelred tinha filhos em abundância, vários deles já adultos. Ele precisava agora era de uma esposa, e estavam decididos a lhe encontrar uma, quisesse ele ou não. Não estavam de acordo, porém, sobre onde procurá-la.

O rei Æthelred, um homem assombrado pelo passado e preocupado com o futuro, estava sentado entre eles, o corpo alto inclinado por cima de sua travessa de prata e a mão direita segurando um chifre dourado cheio de bebida. Vinte e três anos no trono tinham cavado vincos em seu rosto, incomuns para um homem que ainda não tinha visto 40 invernos. Reveladoras mechas cinzentas em seu cabelo castanho evidenciavam as agruras de ser um governante, e o ângulo de inclinação de sua cabeça sob a volumosa coroa de ouro sugeria que ela era mais um fardo do que um ornamento.

Olhando para seus assessores com os olhos azuis claros como água, o rei estava bem ciente da linha de divisão entre eles no que dizia respeito às suas perspectivas matrimoniais. Os homens que possuíam terras no norte do país, liderados por Æl elm, conde da Nortúmbria, insistiam que se casasse com Elgiva, filha de Æl elm – uma moça bonita e uma feiticeira tão ambiciosa, ele desconfiava, quanto seu pai. Uma união desse tipo fortaleceria o vínculo entre o rei e os senhores do norte, cuja lealdade a Æl elm e a cada um dos outros era de certa forma mais forte, Æthelred sabia, que a lealdade a ele próprio.

Os homens com terras no sul recomendavam que olhasse além do mar Estreito na direção da Normandia em busca de uma noiva. Case-se com a irmã do duque, diziam, e convença o irmão dela a se unir a Æthelred contra os dinamarqueses que saqueiam cidades e igrejas inglesas. Æthelred suspeitava que seria necessária uma boa dose de persuasão. Os vikings pagavam bem ao duque Richard para fundear seus navios na costa dele e negociar os produtos de seus saques no grande mercado de Rouen. Se

Æthelred se casasse com uma das irmãs do duque – e caso selasse a aliança com bastante ouro –, Richard *talvez* se dispusesse a impedir o acesso dos dinamarqueses a seus portos e assim deter a pilhagem nas costas inglesas por eles.

Ou, como Æthelred suspeitava, talvez não.

O burburinho no salão, abafado enquanto os homens enchiam a barriga, cresceu novamente depois que a refeição chegou ao fim e eles começaram a beber para valer. Æthelred fez sinal para seu copeiro vir encher seu recipiente de bebida em formato de chifre, depois recostou-se de novo na cadeira e fitou os homens a seu redor com uma expressão carrancuda, os olhos estreitados, fixando-se por fim em Æl elm, da Nortúmbria. O conde levantara-se de seu banco e agora confabulava, compenetrado, numa roda de nobres e religiosos. Tinha um rosto de traços marcados como uma esarpa castigada pelas intempéries e igualmente difícil de interpretar. Æthelred nunca fora capaz de decifrar os mecanismos sutis de sua mente por trás daquele rosto de pedra, mas apostaria metade de Wessex que naquela noite Æl elm estava angariando apoio para o casamento de sua filha com a Coroa.

E sem dúvida o conseguiria. Era costume o rei da Inglaterra escolher uma noiva em uma das famílias nobres do reino. A mulher de Æthelred e a mãe dele eram ambas filhas de senhores do norte. Os pais das duas, porém, certamente haviam sido mais flexíveis do que lorde Æl elm. O rei tinha a impressão de que Æl elm não era mortal, e sim feito de pedra. Æthelred não gostava nem confiava no homem, embora tivesse o cuidado de esconder isso. E, ao mesmo tempo que o rei sabia ser prudente manter seus inimigos por perto, parecia-lhe que o leito conjugal poderia estar perto demais para seu gosto. Æl elm tinha filhos homens, além de uma filha, e eles, como o pai, ansiavam pelo poder que lhes viria com um casamento real. Esse poder, combinado com a riqueza da família e a lealdade do norte, poderia lhe trazer problemas que moça nenhuma compensaria.

Quanto à moça, a última vez que o rei vira Elgiva ela completara 13 verões. Parecia muito mais velha, contudo, o corpo cheio e feminino, a boca de um vermelho voluptuoso de fruta madura. Era uma mulher que nascera para a cama, e caso tivesse mais idade ele poderia ter perdido a cabeça e ter lhe feito esse favor. Mas a juventude dela o detivera. Isso e a óbvia consciência que Elgiva demonstrava do poder que exercia sobre os homens

havam esfriado um pouco o ardor dele. Agora, aos 16 anos, rica e bonita, com parentes poderosos e terras de família que rivalizavam com as suas, se ele próprio não se casasse com ela teria de observá-la com cuidado. O homem com quem ela se casasse não deveria ter pretensões ao trono, ou a coroa de Æthelred poderia estar em risco.

O rei tomou outro gole. Quanto às irmãs solteiras de Richard da Normandia, havia duas, era só o que ele sabia. No entanto, tinha algum conhecimento sobre Richard – um arrivista pretensioso que descendia dos invasores dinamarqueses que haviam dizimado os territórios do norte do reino frâncico e em seguida se estabelecido na área para criar cavalos e filhos. A linhagem de Richard não se comparava com a ascendência nobre de Æthelred, e, apesar de Richard ser cristão e denominar-se “duque”, era pouco mais do que um pirata dinamarquês. Na juventude, havia inclusive atuado como viking, atacando a costa irlandesa em busca de ouro e escravos, e sempre recebia drácares, as embarcações escandinavas usadas pelos vikings, em seus portos. Mesmo agora, dizia-se, havia navios dinamarqueses desse tipo, os porões cheios de butim inglês, abrigados ao longo da costa da Normandia. Assim, casar-se com uma das irmãs de Richard e fazer um filho com ela talvez fosse uma medida sábia. Poderia dar ao duque normando um interesse mais pessoal pela segurança da costa da Inglaterra.

Æthelred franziu a testa. Uma noiva normanda ofenderia os senhores do norte e os uniria com mais força – contra ele. Já casar-se com a filha de Æl elm e não com a moça normanda poderia desperdiçar talvez a única oportunidade de acabar com a ameaça viking ao seu reino. Havia perigo dos dois lados, norte ou sul. Casar-se com qualquer uma delas seria negociar com o demônio, e, se tivesse escolha, não faria nem uma coisa nem outra. Ele era o rei. Não queria mulher nenhuma em seu salão.

Deu outro longo gole no recipiente de bordas de ouro, mas o doce hidromel que deveria ter feito correr fogo em suas veias não o aqueceu. Pelo contrário: um calafrio, gelado como um mausoléu, serpenteou por seus braços e desceu como um dedo glacial por sua espinha. Um peso o oprimia, uma apreensão sombria e implacável, e ele murmurou uma maldição contra o enviado que sabia estar se apoderando dele e do qual não podia fugir. Sua visão desfocou-se numa névoa, os sons da festa cessaram e, de cada canto escuro, sombras fluíram em sua direção até alcançarem o estrado, quando

então formaram uma escuridão pulsante diante dele. Do escuro, o rosto do irmão morto, olhos brilhantes e malignos, encarou-o.

Æthelred tentou rezar, praguejar, mas não conseguiu emitir nenhum som exceto o uivo silencioso e ininteligível que era a voz do pesadelo. O recipiente escorregou de sua mão, mas ele não o escutou cair. Ouviu apenas um lamento baixo, como o som do vento açoitando as falésias brancas acima do mar revolto. O ruído cresceu até lhe invadir o cérebro, e ele tentou gritar mais uma vez, agarrando a cabeça com as mãos enquanto outras mãos o seguravam e o negro fantasma à sua frente ondulava e afinal desaparecia.

Vozes alarmadas ressoaram em seus ouvidos e alguém levou uma taça à sua boca, insistindo que bebesse, mas ele atirou o recipiente longe e desvencilhou-se das mãos zelosas. Desesperado para distraí-los, pediu música e foi recompensado pelo dedilhar de uma harpa e pelos cânticos de seu *scop*, o contador de histórias.

Os homens voltaram aos seus lugares, mas, quando Æthelred lançou um olhar furtivo pelo salão, os olhos que encontraram os seus mostravam cautela e perturbação. O que pensavam ter visto? Um rei embriagado, afogado em bebida? Um homem tomado pela tristeza da morte de sua mulher?

Melhor do que um rei assombrado pelo fantasma do irmão.

Era a terceira ocasião em que a coisa que fora o seu irmão aparecia daquela maneira à sua frente, encarando-o com um brilho úmido nos olhos. Ele o vira pela primeira vez um mês antes, pairando como um pássaro monstruoso acima de sua mãe moribunda. Três dias depois, quando Æthelred acompanhava o corpo da rainha viúva para seu último lar, na Abadia de Wherwell, vislumbrou o rosto de Edward fitando-o, uma sombra mais escura em meio a todas as outras da capela. Agora ele aparecera de novo para atormentá-lo. Seria seu *wyrd*, sua sina, receber sempre a visita desse irmão morto, agora que, das pessoas que o tinham visto morrer, só restava Æthelred vivo?

O que atraía os mortos e os fazia virem andar entre os vivos? E o que seria preciso para mandar a coisa de volta para seu túmulo?

Seus pensamentos se desviaram para sua mulher morta, Ælfgifu, que jazia fria e imóvel em seu ataúde. No dia seguinte, levaria o corpo dela de navio para seu local de repouso na Abadia de Minster. Será que o espectro do irmão estaria esperando-o lá, como fizera em Wherwell? Estremeceu ao

pensar. À noite, rezaria pedindo redenção, imploraria a Deus por misericórdia e perdão pela morte de Edward. Rogaria até pelo repouso da alma de sua mãe, apesar de não ter dúvidas de que ela estava experimentando todos os tormentos do inferno.

Capítulo Três

25 de dezembro de 1001

Casa senhorial de Aldeborne, Northamptonshire

Elgiva de Northampton – bisneta de Wulfsige, o Negro, neta de Lady Wulfrun de Tamworth e filha única de Æl elm, conde da Nortúmbria – estava à janela de seus aposentos e viu com satisfação que uma grossa camada de neve se acumulava mais uma vez junto às paredes da casa de seu pai. A forte nevasca manteria os homens dentro de casa por muitos dias, o que convinha perfeitamente ao seu objetivo.

Sentou-se em um banco e, com um gesto, mandou a criada fechar o postigo de madeira para protegê-las do frio. Aconchegando o xale grosso de lã mais junto ao corpo, tentou controlar a impaciência enquanto sua velha ama se postava atrás dela e, com dedos ágeis, procurava domar seus volumosos cachos escuros. Precisava estar com a melhor aparência possível na festa de Natal, naquela noite. Visitantes reais a esperavam no salão e, se tudo caminhasse conforme seus planos, logo ela compartilharia a cama do filho mais velho do rei. Depois, seria bastante simples seu pai negociar os detalhes necessários para providenciar um casamento real.

Pegou um espelho de prata e contemplou o arco perfeito de suas sobrancelhas escuras, depois o inclinou para refletir o rosto idoso de Groa sob o toucado de linho cinza. Aquela fisionomia era tão familiar a Elgiva quanto a sua própria, e no entanto havia segredos por trás dos sombrios olhos cinzentos que ela nunca fora capaz de desvendar.

– Fale-me outra vez sobre a profecia – pediu.

A expressão normalmente taciturna de Groa se iluminou com um sorriso raro.

– Você está destinada à realeza, minha senhora. Seus filhos serão reis. Só precisa estender a mão e pegar o que for de sua vontade.

Elgiva franziu os lábios, avaliando suas curvas generosas no espelho.

– É isso mesmo que pretendo fazer – disse ela. – Pretendo fazer Athelstan me desejar hoje à noite.

Queria que ele tivesse fome de seu corpo, exatamente da maneira condenada pelos sacerdotes em seus sermões.

– Como ele poderia não a desejar? – retrucou Groa. – Você é tão bonita quanto rica. Até o rei a desejou, e na época você era apenas uma criança.

Elgiva assentiu com a cabeça, saboreando a lembrança de seu encontro com o rei três anos antes, na época do Natal. Ela havia subornado uma criada para ajudá-la a fugir de uma noite de oração nos aposentos de Lady Ælfgifu e, no corredor escuro, inadvertidamente trombou com o rei. Æthelred salvou-a de um tombo puxando-a contra si, mantendo-a próxima por muito mais tempo do que o necessário enquanto perguntava se tinha se machucado. Ela respondeu com seu sorriso mais cativante, comprimiu avidamente o corpo contra o dele enquanto o rei a segurava. Então, com uma habilidade que ela não pôde deixar de admirar, ele enfiou a mão dentro de sua túnica para acariciar seus seios. Ela o deixou fazer, claro, porque era o rei e porque ficou espantada demais para protestar. Além disso, tinha gostado. Quem poderia imaginar que um homem tão velho pudesse ter mãos tão desenvoltas e macias?

Ela ousou torcer para que ele a levasse ao seu quarto, mas naquele interessante momento um dos nobres de seu séquito apareceu para arrastá-lo a uma reunião qualquer, e assim terminou seu breve encontro amoroso com Æthelred.

Descendo um pouco o ângulo do espelho, Elgiva examinou os seios fartos e o colar grosso de ouro que seu irmão Wulf lhe dera de presente. Havia sido Wulf quem contara ao pai sobre seu pequeno interlúdio com o rei. Æl elm, que sempre fora de bater primeiro e perguntar depois, a esbofeteara com tanta força que sua boca e seu nariz sangraram. E a teria agredido outra vez se Groa não se metesse entre eles, levantando o amuleto pagão que usava no pescoço e ameaçando-o com uma maldição. Isso deteve Æl elm, pois ele era bastante cauteloso em relação a Groa, com suas maldições e poções. Ainda assim, ele dirigiu palavras sujas a Elgiva, chamando-a de meretriz e prostituta, e a mandou embora da corte naquele

mesmo dia. Ela ainda o odiava por isso, mas aprendera uma lição. Agora, era muito cuidadosa sobre os segredos que confidenciava a seu irmão favorito.

– Estou contente por não ter dado minha virgindade ao rei – disse. – Teria sido um desperdício.

– Como ele já tem uma mulher – respondeu Groa, o rosto no espelho severo outra vez –, isso não lhe traria grande vantagem, com certeza.

Bem, Elgiva poderia ter mais terras e mais dinheiro caso se tornasse concubina do rei, mas já era uma das mulheres mais ricas do reino, e uma das poucas que possuíam propriedades por completo, sem ressalvas. Ainda assim, ele não a teria tornado rainha, e isso era o que ela queria de fato. Groa dissera que ela seria mãe de reis, afinal, portanto isso devia significar que ela se casaria com Athelstan, que sem dúvida iria assumir o trono quando o pai morresse.

E, durante as duas semanas seguintes, Athelstan e dois de seus irmãos estariam sob aquele teto para as Festividades do Natal. Era perfeito.

E o melhor era que o pai não estaria presente, apesar de quase ter estragado tudo ao insistir que ela fosse para o sul com ele para o Natal do rei. Queria que ela passasse a data ajoelhada murmurando orações com a mulher do rei e suas damas. Ela o enganara, porém, e agora Elgiva sorriu intimamente ao lembrar como a fisionomia de Æl elm se anuviara quando ela dissera ao acaso que esperava conhecer melhor o rei durante sua temporada na corte. O pai levantou a mão de forma ameaçadora e ela recebeu que fosse lhe bater, mas Groa a tirara depressa do aposento, ralhando como louca, e a salvara. Depois disso, nada mais fora dito sobre ela ir para o sul e, com a partida do pai e do irmão mais velho, podia fazer o que bem entendesse. Wulf com certeza não a impediria.

– Acho que lorde Athelstan tem um ar de rei – observou.

Ele e o pai tinham o mesmo cabelo dourado e o rosto quadrado, agradável.

Groa bufou, com desprezo.

– Quando o vi no pátio hoje de manhã, ele parecia um homem que passa mais tempo cuidando de seu cavalo que de si mesmo.

– Não pedi sua opinião – rebateu Elgiva, áspera. – E você não está sendo justa. Qualquer homem parece desarrumado depois de ter cavalgado.

Além disso, Athelstan tinha uma arrogância involuntária que ela achava infinitamente atraente. Aos 16 anos, era o herdeiro do trono de toda a

Inglaterra, e ninguém sabia disso melhor do que ele.

Ela o espiara dos degraus do salão quando ele passou cavalgando pelo portão, e Athelstan erguera o rosto para ela e a seduzira com um olhar azul inquietante. Elgiva havia constatado, então, aquela consciência que ele demonstrava de ser exatamente quem e o que era. Ele a usava como se fosse um manto, no qual a partir daquele momento ela quisera se envolver.

Um dia Athelstan seria o homem mais poderoso do reino, e o seu destino, ela tinha certeza, precisava estar ligado ao dele. Durante duas semanas ele seria seu hóspede – tempo suficiente, sem dúvida, para fazer com que a desejasse e convencê-lo de que deveria tomá-la como esposa.

Capítulo Quatro

31 de dezembro de 1001

Casa senhorial de Aldeborne, Northamptonshire

Era o sétimo dia das festividades natalinas, e Athelstan e seus irmãos encontravam-se no meio de uma multidão perto da lareira central do grande salão de Aldeborne. O mau tempo finalmente dera uma trégua, e parecia que todos os donos de terras daquela divisão do condado de Northampton tinham se aventurado a sair de casa para acompanhar o lorde Wulfeah e sua irmã Elgiva à mesa. O salão revestido de lambris de madeira, com as vigas do teto repletas de ornamentos de folhagens, recendia a aromas suculentos, e os pernis assando nas brasas faziam Athelstan salivar. A mesa alta na parte superior do salão havia sido posta, como em todas as noites desde a chegada dele, com uma toalha branca como a neve, pratos de prata e velas grossas. Nesta noite, várias mesas adicionais tinham sido colocadas no salão e o ruído da multidão de convidados era quase ensurdecedor.

Quando Athelstan se virou para dizer algo aos irmãos, o vozerio no salão se aquietou e ele viu que Elgiva e Wulf tinham aparecido no tablado para começar a cumprimentar formalmente seus convidados. Formavam um par notável. Ambos tinham cabelos pretos e eram bonitos, embora a figura pequena de Elgiva e seus traços delicados lhe conferissem uma graça de elfo diferente do irmão, alto e com postura de guerreiro. Os dois usavam trajes de intenso escarlate, e o vestido cintilante de Elgiva colava-se em seu corpo de uma forma que com certeza deixaria todos os homens na sala desconfortáveis dentro de seus calções. O cabelo dela fora arrumado em luxuriantes cachos soltos, que lhe emolduravam o rosto e desciam em

cascata pelas costas, e, quando os lábios voluptuosos se curvavam em um sorriso cativante, um homem tinha que ser feito de pedra para não sorrir de volta.

Ele deveria saber. Ela vinha concedendo-lhe aquele sorriso – e algo mais – desde o momento em que ele atravessara os portões de Aldeborne, uma semana antes. Na noite de Natal, Elgiva o recebera com a tradicional taça de cerveja e um nada tradicional beijo ardente. Ele ficara bastante surpreso, mas não fora tolo o suficiente para levar aquilo a sério. Não no início. Ela o colocara a seu lado na mesa, porém, e o roçar casual de joelhos, ombros e mãos durante toda a longa refeição quase o enlouqueceu com um tipo de desejo que a comida não podia satisfazer. Agora já tinha entendido o jogo dela, e embora o estivesse jogando havia sete noites, ainda não perdera o encanto. Elgiva ainda o excitava, e naquela noite ele iria buscar alívio mais uma vez com a bela loura que fora encontrar na cozinha – uma moça que não esperava nenhuma recompensa além de algumas moedas de prata.

Aquele era o problema de Elgiva, pensou ele, observando-a circular pelo salão com a taça transbordante de cerveja. Ir para a cama com ela lhe custaria mais do que um pouco de prata. Se lhe fizesse um filho – mesmo sem um casamento cristão ou um acordo matrimonial –, as repercussões políticas aumentariam mais ainda o poder dos senhores do norte na Inglaterra.

Wulf, o irmão de Elgiva, devia saber disso. Era cinco anos mais velho do que ela e membro do conselho real. Como não fazia nenhum esforço aparente para deter o joguinho da irmã, sem dúvida o aprovava. O pai deles teria conhecimento disso? Teria sido ele quem a incentivara a agir daquele modo? O conde não estava presente, e assim podia alegar inocência caso alguma fagulha se acendesse entre a filha e um dos *æthelings*. A culpa – e a ira do rei – recairia toda sobre *ele*.

Athelstan não tirava os olhos de Elgiva, e seu irmão Ecbert inclinou-se para ele e cochichou:

– Ao inferno com tudo. Por que não vai logo para a cama com ela e acaba com esse sofrimento?

Athelstan lançou-lhe um olhar sombrio.

– A dama vem com uma bagagem pesada demais, e você sabe disso muito bem – murmurou. – Não me deixe beber mais do que uma única taça de hidromel hoje, ou posso perder a cabeça e aceitar o que ela está me

oferecendo. Por que não vai você para a cama com ela, Ecbert, se lhe agrada tanto?

Ecbert bufou.

– Ela não iria me querer nem se eu lhe fosse oferecido numa bandeja – respondeu –, o que é uma pena.

– O que ela quer é o *ætheling* mais velho – disse Edmund. – Não se vanglorie achando que sua boa aparência tem alguma coisa a ver com isso.

Edmund tinha razão. Athelstan estava mais do que consciente do manto de responsabilidade que carregava por ser o filho mais velho do rei. Quando se casasse – e era provável que isso não acontecesse enquanto o pai fosse vivo –, seria por conveniência política, não por inclinação pessoal. Formar qualquer tipo de laço com uma moça de berço nobre seria dar a ela e à sua família uma arma para usar contra o rei. Podia deitar-se com qualquer moça do reino desde que ela não fosse merecedora de uma coroa.

Elgiva, que naquele momento havia parado à sua frente para lhe oferecer a taça de cerveja, era fruto proibido. Os olhos escuros dela sustentaram seu olhar enquanto ele bebia, mas dessa vez seu rosto tinha uma expressão séria, e ela teve o cuidado de não tocar os dedos dele.

Seria um outro lance do jogo ou ela teria tomado conhecimento de suas escapadas amorosas com a criada da cozinha? Esperava que a moça não fosse castigada. Em todo caso, providenciaria para que fosse bem recompensada.

O que quer que existisse por trás daquela frieza, ele precisava desempenhar seu papel. Retribuiu o olhar de Elgiva curvando o corpo numa grave saudação e disse:

– Sua beleza, senhora, é uma dádiva para todos nós.

Elgiva, fitando os olhos azuis cheios de cautela de Athelstan, retribuiu o cumprimento com um breve aceno da cabeça. Sabia que ele a desejava. Via no olhar dele, sentia nas pontas dos dedos sempre que por acaso o tocava.

Mas Athelstan preferia ir para a cama com uma criada da cozinha do que com a senhora de Northampton. Wulf contara-lhe, zombando que o jovem obviamente preferia uma mulher com experiência nos jogos amorosos. “Posso lhe ensinar uma coisa ou outra, querida”, Wulf sussurrara, beijando-lhe a testa e rindo quando ela se afastara dele batendo os calcanhares com força no chão.

O irmão estava agora ao lado dela, a mão em sua cintura, distraíndo-a com uma leve carícia. Ela saiu de perto dele, ignorou Athelstan e sorriu para Ecbert, decidindo que ele se sentaria ao seu lado no banquete daquela noite. Que o filho mais velho do rei ruminasse o fato de não ser o único *ætheling* em seu salão.

À mesa, o irmão mais novo pareceu grato por aquele favorecimento repentino e retribuiu presenteando-a com uma sucessão de histórias irreverentes que ele, pelo menos, parecia achar divertidíssimas. Ele lhe lembrava um cachorrinho travesso, magro e desajeitado, sem um pinga da graciosidade dos irmãos. Até Edmund, o caçula dos três, com sua constituição física de um toco de árvore, tinha mais atrativos que Ecbert, todo desengonçado e, achava ela, sem qualquer vestígio de inteligência. Sua cara de cavalo e seu riso relinchado também não ajudavam. Era uma pena ele ser novo demais para cultivar uma barba, pois Elgiva achava que isso melhoraria bastante sua aparência. Deixaria menos à mostra.

Ainda assim, ele parecia bastante acessível e completamente desprovido de malícia. Talvez pudesse fazê-lo revelar algo sobre Athelstan que fosse a chave para enfeitá-lo.

Fez um sinal para uma das criadas encher a taça de Ecbert, que ele já esvaziara três vezes, e reparou que um criado se esgueirava por trás da mesa para entregar uma tábula de cera a Wulf e outra a Athelstan. Reconheceu o selo de seu pai na que Wulf abriu, e a pergunta que estava prestes a fazer a Ecbert morreu em seus lábios sem ser proferida. Virou-se para o irmão.

– O que meu pai diz? – perguntou.

Para ter chegado naquela noite, as mensagens certamente haviam sido enviadas de Rochester no primeiro momento em que o tempo permitiu. Sem dúvida continham notícias de alguma importância.

Wulf não respondeu, mas olhou de relance para Athelstan, que estava lendo sua missiva.

– São notícias muito ruins – disse o irmão de Elgiva, o rosto grave. – Sinto muito, meu senhor.

Ela prendeu a respiração. Devia ser sobre alguma morte. Nada mais faria seu irmão olhar para o *ætheling* com tanta preocupação. Teria sido o rei? Por Deus, se ele estivesse morto, o *witan* com certeza ofereceria o trono a Athelstan. As implicações disso para seu futuro podiam ser enormes. O novo rei precisaria de uma esposa, e seu pai se certificaria de que Athelstan

procurasse sua noiva em Northampton. Ela poderia se tornar rainha antes da Páscoa.

Mas Athelstan pousou a tábula de cera na mesa à sua frente, levantou-se e virou-se para a multidão que enchia o salão. Tinha uma expressão solene e seus movimentos atraíram todos os olhares. Fez-se silêncio entre os convivas, que esperavam para escutar o que ele tinha a dizer.

– Em nome de meu pai, o rei – começou ele, a voz ecoando pelo salão silencioso –, anuncio que, na manhã de Natal, minha mãe, Lady Ælfifu, morreu depois de dar à luz um filho. O bebê, infelizmente, seguiu a mãe na morte. Peço a todos os presentes aqui esta noite que rezem pelas almas de ambos. – Dirigiu-se a Elgiva e Wulf. – Preciso falar com meus irmãos em particular. Por favor, deem-nos licença.

Elgiva viu os três irmãos deixarem a mesa. A morte da mãe era uma tristeza para eles, suponha, mas seu falecimento tinha pouca importância para os demais. A mulher do rei dera-lhe muitos filhos, mas como consorte e não como rainha. Sua morte não teria qualquer consequência para o reino ou para o mundo de Elgiva.

Virou-se para o irmão, que contemplava pensativo a tábula em sua mão.

– O que meu pai diz? – perguntou de novo. – Imagino que os filhos do rei vão partir amanhã para Rochester.

De qualquer maneira, a notícia deveria dar fim aos festejos.

– Eles não vão para o sul – retrucou Wulf. – Não há razão para isso, pois sua mãe já está no túmulo. Meu pai escreve que os *æthelings* devem assumir o comando de nossas tropas e ir para a propriedade do rei em Saltford. Ele vai encontrá-los lá, mas não diz quando. Não de imediato, penso eu. – Bateu com um dedo na tábula, depois olhou para Elgiva com ar especulativo. – O rei, ao que tudo indica, vai tomar outra esposa, e muito em breve. Recebi ordens de ficar aqui com você, para o caso de ser convocada à corte. Parece, minha cara irmã, que meu pai alimenta a esperança de que você seja a noiva de Æthelred.

Elgiva olhou boquiaberta para o irmão, enquanto sua mente traçava novas possibilidades. Casar-se com o pai e não com o filho não era o destino que vinha prevendo. Seria de seu agrado? Bem, sem dúvida a colocaria numa posição de poder muito antes do que pretendia. No entanto, não era uma honra que tinha certeza que apreciaria, e não era exatamente o poder que esperara.

– Com que finalidade o rei se casaria? – perguntou a Wulf. – Æthelred é um homem velho com sete filhos. Que necessidade tem de uma noiva que lhe daria mais herdeiros ainda?

– Ele não é tão velho assim – retrucou o irmão. – E, como você bem sabe, ele aprecia os prazeres mundanos. Melhor casar-se do que queimar no inferno, dizem as escrituras.

Ela franziu a testa. Queria se casar com um rei, mas...

– A primeira mulher dele nunca foi coroada rainha – protestou. – De que adianta casar com um rei e não ser coroada?

Wulf insinuou a mão por trás dela como se fosse acariciá-la, mas, em vez disso, ela sentiu os dedos dele apertarem seu pescoço de modo doloroso, como se fossem um torno, de tal modo que ela não podia se desvencilhar dele sem fazer uma cena.

– Você nunca pensa além de suas preocupações mesquinhas, não é, minha irmã querida? – sibilou ele ao seu ouvido. – Não se iluda achando que essa aliança seria para seu benefício. O único objetivo seria fortalecer a influência de meu pai junto ao rei, e não satisfazer sua vaidade colossal. Você vai fazer o que lhe mandarem, vai se casar com quem lhe mandarem e deixar seu pai e seus irmãos cuidarem de quaisquer detalhes que existirem para ser negociados.

Ele a soltou e Elgiva esfregou o pescoço disfarçadamente, sorrindo-lhe para o caso de alguém no salão ter notado sua pequena alteração.

– Posso perguntar, então, se meu pai está negociando meu noivado? Estou autorizada a fazer preparativos para as minhas núpcias?

Ela precisaria de vestidos novos, joias, mais damas e sua própria mobília e acessórios para os aposentos do palácio de Winchester. De quanto tempo dispunha?

– É um pouco mais complicado do que isso – respondeu Wulf.

Ela não gostou do que ouviu.

– Como assim?

– Você não é a única moça que o rei está considerando – disse ele, olhando-a com ar malicioso, e Elgiva percebeu que ele a estava provocando, forçando-a a arrancar as informações dele pouco a pouco, deliciando-se com o poder que exercia sobre ela.

– Você está mentindo para mim – declarou, recusando-se a engolir a isca. – Não pode haver ninguém mais, sou a escolha óbvia.

Agora que se acostumara à ideia, a perspectiva de se casar com Æthelred, o rei de mãos macias, de repente se tornara extremamente atraente.

– Está tão confiante assim, minha cara? – perguntou Wulf, os olhos escuros divertidos. – Eu não estaria, se fosse você. Meu pai não mencionou nomes, mas deixou bem claro que existem outras noivas possíveis. As vantagens de um casamento com cada uma delas estão agora sendo examinadas pelo rei. – Ele se inclinou para ela e sussurrou em seu ouvido: – Se você tivesse ido para Rochester, poderia ter usado seus muitos encantos para fazer a opinião de Æthelred pender a seu favor. Mas, infelizmente, ficou aqui. Pobre Elgiva. Parece que, no fim das contas, você deveria ter acompanhado nosso pai à corte no Natal.

Ele mordiscou a orelha dela e se levantou. Pouco depois, juntou-se a um grupo de convidados fora do tablado.

Elgiva, acompanhando-o com os olhos, ainda se perguntou se ele teria falado a verdade. Se tivesse, e se o rei resolvesse procurar uma noiva em outro lugar, então sua decisão de ficar em casa para as festas teria sido, possivelmente, o pior erro que já cometera na vida.

Capítulo Cinco

Janeiro de 1002

Fécamp, Normandia

As fortes geadas do princípio de janeiro cobriam as terras que margeavam o mar Estreito e, durante muitos dias depois do fim do ano, os altos mastros dos navios dinamarqueses destacaram-se no porto de Fécamp como o pelo eriçado de um animal. Quando finalmente zarparam, seguindo o caminho das baleias na volta para sua terra natal, o povo da cidade deu um suspiro coletivo de alívio, e no palácio ducal a vida retomou sua rotina de inverno.

As mulheres da casa do duque passavam os dias juntas nos aposentos da jovem esposa de Richard, Judith, cuidando de seus bordados. As túnicas mais leves de verão, os mantos, as camisas longas de linho fino e até mesmo as meias colantes e as bragas que pertenciam aos membros masculinos da família ducal tinham sido retirados das arcas, cuidadosamente examinados em busca de furos e rasgões, e arrumados em pilhas para serem consertados.

Emma, que tinha certa habilidade com a harpa, tocava suavemente para as mulheres sentadas num círculo amistoso em torno do lume aceso. Enquanto dedilhava as cordas, olhava para Mathilde, que aproveitava um feixe de luz que se infiltrava pela janela alta com as molduras feitas de chifre. A irmã mais velha havia se recuperado da febre que a acometera durante as últimas semanas e agora seu rosto, apesar de ainda magro, readquirira um pouco de cor e animação. Ela estava inclinada sobre um bastidor de bordar, trabalhando com linha de ouro puro num cálice que enfeitava uma capa de asperges, um paramento eclesiástico de seda branca. Seria um presente para

o irmão delas, o arcebispo Robert, e os lábios de Mathilde curvavam-se de satisfação conforme a bela peça ganhava vida sob seus dedos.

Judith, andando de um lado para outro com o filho de um mês e meio no ombro, parou para inspecionar o trabalho de Mathilde.

– É um presente magnífico e generoso – declarou, num tom relutante de aprovação. – Espero que ao terminar dedique suas habilidades a algo mais prático. Acho que vai precisar de uns bons vestidos novos quando voltarmos para Rouen.

Emma viu a boca da irmã se contrair. As duas achavam irritante receber ordens da cunhada, por mais bem-intencionadas que fossem suas instruções. Com 20 anos, cabelos castanhos e o corpo agradavelmente arredondado, Judith da Bretanha tinha uma aparência simpática que contrastava com sua personalidade enervante. Ela assumira o papel de duquesa da Normandia com um vigor que aborrecia até a duquesa viúva, Gunnora. Meses de desentendimentos mutuamente destrutivos entre a mulher do duque e a mãe dele quase tinham se transformado em guerra declarada, até as duas mulheres enfim conseguirem estabelecer uma trégua. Gunnora continuou a aconselhar o filho em questões de Estado enquanto Judith administrava sua casa. Os termos do acordo tácito não agradaram muito a Emma e sua irmã, mas elas não tinham sido consultadas.

– Os vestidos que tenho não serão bons o bastante para frequentar sua corte em Rouen, minha senhora?

A voz de Mathilde soou alta e áspera, inegavelmente cortante, o que fez Emma estremecer.

– Não foi uma crítica, Mathilde – rebateu Judith, passando o filho de um ombro para o outro –, mas está na hora de pensar em se preparar para seu noivado e casamento. Agora que Richard tem um filho, estou certa de que vai querer providenciar isso para você e Emma, da mesma forma que fez com suas irmãs mais velhas. Você com certeza será a próxima a se casar, e pode ser antes do que imagina.

Sobressaltada com a observação da cunhada, Emma errou uma nota, depois colocou a harpa de lado. Sua mente se fixou nas palavras de Judith, e ela lembrou a conversa que escutara entre o irmão e Swein Forkbeard. Teria Richard afinal prometido a irmã ao filho do rei da Dinamarca? Ou a conversa com Forkbeard simplesmente fizera Richard considerar planos de casamento para suas irmãs mais novas?

– Meu irmão está pensando numa aliança para a minha irmã? – perguntou ela, procurando falar num tom descontraído. – Por favor, Judith, se sabe de alguma coisa, não nos mantenha em suspense.

– Seu irmão tem o bem-estar de Mathilde e o seu, Emma, sempre em mente – retrucou Judith. – Sejam quais forem as providências que ele tomar a respeito, serão explicadas a vocês no momento apropriado. Só toquei nesse assunto agora porque, como as duas estão em idade de se casar, devem mudar a forma de se comportar. Você, Emma, em particular, não poderá, em nenhuma circunstância, acompanhar Richard na viagem deste verão. Melhor tirar isso da cabeça de uma vez por todas.

Emma olhou estupefata para a cunhada.

– Mas eu sempre fiz essa viagem! – protestou.

Desde que era pequena e – ela própria tinha de admitir – a mais mimada pelo pai, tinham-lhe permitido acompanhar o duque e seus irmãos na viagem de verão pelas fortalezas ducais, abadias e casas senhoriais que se espalhavam pela Normandia. Emma tinha sido a única das irmãs a fazer as excursões anuais, e se deliciava com a relativa liberdade dessas ocasiões. Era verdade que ia acompanhada por uma pequena falange de criadas pessoais que nunca se afastavam dela, mas o ritmo daquela vida itinerante proporcionava-lhe um contraste bem-vindo à rotina reclusa dentro das muralhas do castelo.

– Você não é mais criança – disse Judith. – Meu conselho a Richard foi que seu lugar deve ser aqui, com as mulheres da corte, e ele concordou. Não se toca mais nesse assunto.

Emma mordeu o lábio. Ao lado dela, Margot, a curandeira e parteira que a ajudara a vir ao mundo e a acompanhara naquelas viagens que duravam o verão inteiro, afagou-lhe a mão, compadecida. Com o coração pesado de decepção, Emma começou a mexer numa pilha de vestidos seus, procurando sinais de desgaste. Recorreria à mãe no que dizia respeito àquela questão, embora suspeitasse que de nada adiantaria.

Judith, nesse meio-tempo, entregara o bebê a uma ama-seca e sentara-se de novo no meio das mulheres. Trabalharam num silêncio carregado por algum tempo, que foi rompido pelo som de uma movimentação no pátio do castelo, lá embaixo. Evidentemente, uma visita importante aproximara-se da entrada e solicitara uma audiência com o duque. No entanto, os chamados

da sentinela do portão e do chefe da guarda chegavam-lhes muito abafados para que alguém no aposento distinguisse o que estava sendo dito.

Judith fez um rápido aceno com a cabeça para Dari, uma escrava irlandesa que viera com ela da Bretanha. Miúda, de passos leves e esperta, Dari era uma ótima espiãzinha. Levava para as damas notícias das atividades em curso no salão do duque muito antes de chegarem mensagens por meios mais convencionais. Judith a recompensava com fitas, joias de pequeno valor e até moedas de prata, dependendo da importância da informação que ela trouxesse, dizendo que valia a pena saber das novidades quase ao mesmo tempo que elas chegavam à cozinha.

Emma, ainda remoendo a perda da aventura de verão, apanhou um de seus vestidos, examinou-o e encontrou um rasgão na bainha. Era um dos que usava para cavalgar, bem largo e solto. Colocou-o na pilha de reparos e levantou a cabeça à aparição de Dari, que voltava toda agitada.

– O mensageiro é inglês, minha senhora – disse Dari, arfando. – Um grupo de homens vindo do outro lado do mar Estreito chegou ao porto e estará aqui em breve. Há um arcebispo com eles, e um *ealdorman* também. O que é um *ealdorman*?

Ela pronunciou a palavra estranha franzindo o nariz.

– É uma espécie de título inglês – respondeu Judith. – Algo parecido com um duque, creio, só que não tão poderoso quanto Richard. Um arcebispo, porém...

Não precisou completar a frase. Todas as mulheres compreendiam a importância de um arcebispo, que representava tanto o poder temporal quanto o espiritual. Indicados para suas dioceses pelo monarca da terra em questão, controlavam uma enorme riqueza, administravam grandes propriedades e mantinham um séquito de combatentes. O irmão de Emma, Robert, arcebispo de Rouen, estava abaixo apenas do irmão dele, o duque, em termos de prestígio e poder. A chegada de um arcebispo inglês na Normandia significava que havia algum assunto de grande importância a ser tratado.

– Vá até a cozinha, menina – ordenou Judith a Dari –, e descubra o que puder. Vá correndo!

Dari saiu depressa e as mulheres voltaram ao trabalho, embora Emma pressentisse que todas estivessem tão perturbadas pela chegada dos ingleses quanto ela.

– Será que ele vem propor um tratado? – perguntou.

A presença de um arcebispo parecia indicar isso. No tempo de seu pai, o próprio papa havia intermediado um tratado entre Inglaterra e Normandia referente à comercialização de produtos ingleses em portos normandos. Na época, ela era muito nova para prestar atenção na conversa que correu pelo salão, sobre a conveniência de ceder à pressão exercida pelo papa e pelo rei inglês. Lembrava, sim, as discussões acaloradas entre a mãe e os dois irmãos quando a questão do tratado foi levantada novamente alguns anos antes.

O arcebispo Robert insistia que Richard, como novo duque, não precisava mais cumprir o tratado assinado por seu pai com a Inglaterra. Robert mostrava-se enfurecido pelo fato de o rei Æthelred, supostamente o mais rico monarca de toda a Cristandade, exigir que o duque da Normandia renunciasse às transações mercantis bastante lucrativas com dinamarqueses, nórdicos ou quem quer que fosse. Convenceu Richard da sensatez de seu ponto de vista, e desde então os cofres de Richard tinham se enchido de prata proveniente de um ativo comércio de escravos e produtos de saques efetuados na Inglaterra.

– Espero que seja alguma questão comercial ou política que seu irmão e a duquesa viúva resolvam – disse Judith, para encerrar o assunto. – Vamos saber do que se trata em breve, mas aposto que nada tem a ver conosco.

Judith contraiu os lábios numa linha fina, levando Emma a pensar que a cunhada ainda não aceitara o fato de que estava ali costurando enquanto a mãe de Richard estava sentada à direita dele no grande salão. A política do casamento, pensou Emma, parecia ser tão complicada quanto a política dos reis.

Capítulo Seis

Janeiro de 1002

Arredores de Saltford, Oxfordshire

Athelstan, Ecbert e Edmund vinham cavalgando à frente de uma pequena comitiva de homens por uma trilha que serpenteava através de uma paisagem escondida pela neve. Acima deles, faixas de nuvens finas sopradas por uma brisa leve riscavam o céu. Durante duas semanas, os *æthelings* tinham esperado a chegada de Æl elm, conde da Nortúmbria, na propriedade real próxima de Saltford, os homens impacientes e irritados com a inatividade forçada pelos repetidos surtos de mau tempo. Durante aquele período, os *æthelings* não receberam mais nenhuma notícia do conde ou do rei, e Athelstan tinha a sensação de que haviam sido abandonados, esperando uma palavra ao bel-prazer de seu pai. Ele se perguntava o que estaria se passando pela cabeça do rei para fazê-lo manter os filhos a distância numa ocasião como aquela.

Não se preocupara com o fato de a notícia da morte da mãe só ter chegado a eles depois que ela já fora para sua morada final, pois compreendia que a tempestade terrível durante a temporada do Natal não permitira que o mensageiro os alcançasse antes do que o fizera. Ele e os irmãos a haviam pranteado à própria maneira, ainda que a perda quase não os tivesse tocado. Apesar de ter tido onze filhos, a mãe não cuidara de nenhum deles durante a infância ou a juventude. O impacto que ela exercera sobre seus rebentos não tivera peso maior do que o de um único floco de neve tocando a terra. Ela não passara de uma sombra em suas vidas, quase invisível junto à sombra muito maior projetada por seu pai, o rei.

Agora, porém, Athelstan achava inquietante o conde Æl elm e os outros grandes senhores da terra permanecerem com o rei em Winchester e os *æthelings* mais velhos não serem convocados. Que assuntos estariam sendo discutidos pelos conselheiros do rei?

Que segredos o pai estaria escondendo de seus filhos?

– Ele vai se casar de novo – disse Edmund sem rodeios quando discutiram a questão entre eles.

Ecbert dera uma risada, descrente, mas Athelstan sentia-se inclinado a concordar com Edmund. O pai não era um rapaz, mas era vigoroso e saudável, e seus apetites carnis não eram segredo entre os nobres da corte. Os bispos sem dúvida insistiriam que se casasse.

Esse passo poderia ter consequências significativas para os *æthelings*, e o fato de Athelstan e os irmãos não participarem das deliberações do pai doía-lhe como uma ferida. Mesmo depois que Athelstan virou o rosto para a luz pálida do sol de inverno, seus pensamentos continuaram tão gélidos como o vento que soprava em suas costas.

Ele conduziu seu cavalo a uma subida suave, em direção a uma pedra antiga que se erguia negra contra o céu. A rocha marcava a etapa final da jornada daquela manhã, que tinha sido sugerida por Ecbert, meio a sério e meio em tom de brincadeira. Ele tinha ouvido falar de uma velha que vivia sozinha em uma dobra das colinas, uma mulher sábia que lia acontecimentos no futuro distante.

– Devíamos ir procurá-la – encorajara na noite anterior, enquanto enfrentava Edmund diante do tabuleiro de *tafl*, refletindo sobre a próxima jogada. – Talvez ela nos diga algo que possamos usar em vantagem própria.

Athelstan e Edmund caçaram da sugestão do irmão, mas Ecbert persistiu:

– O povo local garante que ela tem a Visão. Fala-se que até o prior da abadia das redondezas já foi visitá-la em sua cabana.

– Provavelmente para tentar convencê-la a abandonar suas práticas pagãs – comentou Athelstan em tom seco em seu canto, de onde os observava jogar.

– Dizem que ela sabe de coisas – continuou Ecbert –, que sabe decifrar o coração dos homens.

– Você pode pedir-lhe conselhos sobre como ganhar no *tafl* – disse Edmund, fazendo um lance que capturou o rei do irmão e terminou o jogo.

– Esta é a sua terceira derrota, mano. Você hoje está totalmente sem jeito.

Ecbert, em geral bem-humorado, ergueu as mãos, frustrado.

– Estou entediado, Edmund! Estou farto de esperar aqui como um cão preso no canil. Se o tempo estiver bom amanhã, pego o cavalo e vou consultar a velha. Athelstan, você vai comigo? Quem sabe? Pode ser que ela nos diga o que o rei tem em mente.

Athelstan achava aquilo improvável. De qualquer modo, a viagem poderia não ser má ideia, pelo menos. Correu os olhos ao redor do salão, onde os homens estavam reunidos em pequenos grupos jogando dados ou balançando a cabeça diante de taças de cerveja. Estavam todos entediados e muitos deles, carrancudos. Logo estariam brigando uns com os outros se ele não encontrasse alguma coisa para os ocupar.

Assentiu com um gesto vigoroso da cabeça dirigido a Ecbert.

– Mal não fará – afirmou –, e o exercício será bom para os homens e os cavalos, esteja o tempo bom ou não.

Então, no meio da manhã, eles partiram, seguindo pontos de referência que um homem local apontava enquanto os guiava – uma árvore derrubada por um raio, um moinho abandonado, uma antiga elevação que os nativos chamavam de Barril do Diabo. Chegaram enfim a um ponto baixo e comprido da montanha onde a neve era menos espessa do que no campo ao redor e onde uma pedra alta, com runas primitivas gravadas nas beiradas, apontava para o céu.

Athelstan fez seu cavalo parar ao lado da pedra antiga, coberta de líquen. Ao olhar o vale pouco profundo abaixo, o que viu o levou a prender a respiração: um círculo de umas cem pedras, segundo seus cálculos, posicionadas na vertical, cada uma da estatura de um homem ou mais alta. Pareciam cogumelos que tivessem brotado no chão do vale. Iguais a dedos imensos e deformados, negros contra o cobertor de neve, as rochas projetavam sombras compridas que apontavam, agourentas, direto para ele.

Podiam não ser tão imponentes quanto os gigantes da planície de Sarum, pensou Athelstan, mas havia muitas mais, e possuíam o mesmo poder ameaçador. Ele não gostou daquilo e sentiu suas entranhas se contraírem.

Ecbert e Edmund foram postar-se ao seu lado e ele observou o rosto dos irmãos enquanto eles corriam os olhos por aquela cena. Pela expressão de espanto, visivelmente estavam tendo dúvidas sobre aquela aventura, assim

como ele. Já havia coisas misteriosas demais no mundo. Não era preciso ir atrás delas.

– Tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou a Ecbert.

– Não – murmurou o rapaz –, mas seria bobagem voltar agora. – Ele lançou um olhar rápido para Athelstan. – Mas vá você na frente.

Athelstan franziu a testa para ele, depois examinou o vale outra vez à procura de sinais de vida. O círculo de pedra era contornado por carvalhos cheios de barbas de musgo e, na sua extremidade mais distante, via-se uma casa pequena num terreno cercado, o teto de palha coberto de geada. Com um susto, ele se deu conta de que aquilo que tomara por mais uma pedra, erguendo-se na penumbra junto à cabana, era o vulto de uma pessoa que o fitava.

Então ela os esperava. Athelstan teve certeza disso, apesar de não poder dizer como sabia. Havia algo mais de que estava certo, o que o deixava mais ansioso. Estava escrito que ele deveria descer ali. Ecbert tinha razão. Não podiam mais voltar atrás.

Ele desceu na dianteira até o bosque, guiando seu cavalo por entre as árvores na direção da cabana, evitando deliberadamente passar pela clareira e suas enormes pedras assustadoras. Ao se aproximarem da construção, viram que a figura que os aguardava estava envolta em camadas de lã negra grosseira, a cabeça coberta pelas dobras de um xale tão espesso que o rosto da velha, se é que se tratava de uma mulher, estava invisível.

– Deus esteja convosco, meu senhor – saudou ela.

A voz era surpreendentemente grave e áspera – enrouquecida, deduziu Athelstan, por fumaça de madeira queimada e desuso. Ele desmontou e caminhou para ela, Ecbert e Edmund vindo atrás.

– Deus esteja com você, mãe – retrucou ele. – Deve ser difícil manter-se neste inverno, morando tão longe dos vizinhos. Aceitaria um pequeno presente, alguns víveres para reabastecer sua despensa e preveni-la contra tempos mais difíceis?

Então, fez um sinal para um de seus homens, que colocou um grande saco cheio de queijo, pão e grãos de leguminosas ao lado da cabana e depois voltou depressa para sua montaria.

Os olhos que fitavam Athelstan não demonstraram surpresa nem gratidão.

– O que quer de mim? – perguntou ela. – Vocês saíram muito de seu caminho, pois creio que estão indo para o norte. A estrada militar fica para lá.

Ela apontou para o oeste, onde a antiga via construída pelas legiões romanas, a Fosse Way, ia de Exeter, no sudoeste do país, a Jorvik, no norte. De fato, esperava-se que, quando o conde Æl elm chegasse para acompanhá-los à Nortúmbria, eles seguissem por aquela mesma estrada rumo ao norte.

Ainda assim, ponderou Athelstan, não era preciso um sexto sentido para arriscar que um grupo de homens armados portando a insígnia do conde da Nortúmbria estava provavelmente seguindo para aquela direção.

– Talvez você já tenha me dado o que procuro – disse ele –, se não pode prever nada mais além de uma estrada que segue para o norte. Mas é o meu irmão aqui – fez um gesto para Ecbert – que deseja consultá-la.

Ela levantou o rosto para ele e Ecbert viu o brilho de um olhar penetrante em meio às dobras do xale.

– *Nay*, lorde – retrucou a mulher, balançando a cabeça devagar. – É o senhor quem precisa de orientação. Pode me dar sua mão?

Ele hesitou, tocado por um sopro de pressentimento. Os olhos perspicazes fixados nos dele, porém, tinham um lampejo de desafio que ele não podia ignorar, então Athelstan pousou a mão nas palmas estendidas. Sentiu dedos magros, parecendo garras, tão endurecidos e calejados quanto os seus.

Ela examinou-lhe a palma e manteve-se em silêncio por algum tempo, enquanto a inquietação de Athelstan crescia. A rocha erguida na aresta da colina, o ameaçador círculo de pedras, o toque de esqueleto das mãos da velha – tudo isso era proibido, era mágica pagã. Sentiu uma vontade louca de fugir, mas no momento seguinte ela falou, e numa voz bem diferente da que usara para saudá-lo. Agora era uma voz vibrante, sonora e feminina. Seu timbre pulsou através dele como um sino que vibra através do sangue de quem ouve.

– Há grande força nesta mão – proclamou ela, alto o bastante para todos os homens escutarem –, força capaz de brandir até a grande Espada de Offa.

Ao seu lado, ele sentiu o sobressalto de surpresa de Edmund, e era capaz de adivinhar o que seu irmão estava pensando, pois as palavras também o atingiram com o impacto de um golpe. A Espada de Offa, outrora usada

pelo lendário rei saxão, ainda pendia da parede atrás da cadeira de seu pai no grande salão de Winchester. Por tradição, era entregue pelo soberano reinante ao seu herdeiro escolhido. Ainda não fora prometida a Athelstan, mas o jovem esperava que um dia pertencesse a ele.

Mas como aquela mulher sabia que falava com o filho mais velho do rei? Teria descoberto de alguma forma que os *æthelings* estavam em Saltford? Provavelmente. Talvez tudo aquilo não passasse de encenação, mas, caso assim fosse, com que finalidade?

Então a mulher dobrou-lhe os dedos dentro da palma da mão e chegou bem perto dele.

– A espada você poderá empunhar – falou, tão baixo que só ele escutou –, mas o cetro permanecerá fora de seu alcance.

Ele levou um instante para apreender o significado das palavras dela, e àquela altura a mulher já se virava para entrar de novo na cabana. Ligeiro, ele alcançou-a, segurou-lhe o braço e a deteve.

– Quem ficará com o cetro, então, quando chegar a hora? – perguntou muito baixo, a voz sibilante. – Quem vai portar a coroa?

Ela se virou para Athelstan outra vez e, por um longo momento, olhou para além dele, para cada um de seus irmãos, até afinal encarar seu interlocutor novamente e balançar a cabeça devagar.

– Paira uma sombra sobre a coroa, meu senhor – murmurou ela –, e minha Visão não consegue penetrar as trevas. Deve se contentar com o conhecimento que lhe foi transmitido, pois nada mais posso dizer.

Não, é claro que ela não pode dizer mais nada, pensou ele. Ela foi astuta, essa mulher, brincando com seus suplicantes com a habilidade de uma meretriz para que a procurassem seguidamente. Mas não podia ter nenhum poder verdadeiro, a menos que lhe fosse concedido. Ele não iria se aventurar por aquela estrada sombria.

Soltou-a com um aceno brusco da cabeça.

– Deus esteja com você, então, mãe.

A mulher se afastou dele, que a seguiu com os olhos até a boca escura de sua pequena propriedade a engolir. Ecbert já estava montado em seu cavalo, mas Edmund o aguardava, estudando-o com seus olhos escuros e interrogativos.

– O que ela lhe disse agora no final? – perguntou. – O que falou sobre nós?

– Nada de importante – respondeu Athelstan com rispidez. – Você não esperava realmente nada, não é? Ela não passa de uma fraude, Edmund.

Montou no cavalo e encaminhou-se para o cume, mas, apesar do que dissera ao irmão, não parava de pensar nas palavras da velha. A profecia sobre a Espada de Offa não era mais do que aquilo que ele já sabia. Era o filho mais velho de um dos reis mais ricos da Cristandade e a Espada de Offa lhe cabia por direito.

Quanto ao resto, se havia alguma verdade no futuro que ela lhe revelara – que ele nunca seria rei da Inglaterra –, então Athelstan precisava encontrar uma maneira de mudar seu destino.

Capítulo Sete

Fevereiro de 1002

Fécamp, Normandia

O objetivo da chegada da delegação inglesa à Normandia ficou esclarecido assim que se espalhou a notícia da morte recente da consorte do rei inglês. Embora o duque Richard mantivesse um silêncio sepulcral sobre o que ocorrera durante aquela primeira reunião no grande salão, todos presumiram que o arcebispo e o conde tivessem trazido uma proposta de casamento para Mathilde, e que essa proposta tivesse sido aceita. Um laço com o trono inglês aumentaria o prestígio de Richard em toda a Cristandade. Seria uma tolice recusar uma oferta dessas, e Richard não era nada tolo.

Ainda assim, as negociações arrastaram-se por semanas, tramadas em segredo por trás das paredes da Abadia de Trinity, próxima dali. Gunnora, que participou de todas as reuniões, voltava a cada noite para o palácio com o rosto tão sombrio que nem suas filhas nem a intrépida Judith ousavam fazer-lhe perguntas.

Quando enfim o conde Ælfric foi visto embarcando em seu navio e partindo com um documento que exibia o selo ducal, o palácio ferveu de entusiasmo e expectativa. Emma esperou com a irmã o aviso de que Mathilde deveria ir à presença de sua mãe e seus irmãos para receber orientações sobre o rei Æthelred e o papel que iria desempenhar, mas o chamado não veio. Em vez disso, a teia de segredos que encobria as deliberações entre o duque normando e os enviados do rei inglês permaneceu impenetrável. A duquesa viúva entrou em reclusão no convento de St. Ann, em Fécamp, enquanto Richard e Robert deixaram a região,

seguindo com o arcebispo inglês para a Abadia de Saint-Wandrille a fim de rezar pelo êxito de suas decisões.

Judith, que como os demais não tinha a mais vaga ideia sobre o que havia se passado nos claustros da abadia, ainda assim deu seguimento a seu plano de encomendar novos guarda-roupas para ambas as irmãs de Richard, em preparação para as futuras núpcias. Tecidos dos mais finos, sedas, linhos e lãs chegavam diariamente de Rouen. Vestidos, camisas, meias e toucados passavam por mãos diligentes até cada aposento em Fécamp tornar-se um depósito de requintados enxovais de casamento.

Mathilde, que deveria ter sido o centro de todos os preparativos, tinha caído doente de novo, com dores de cabeça que não a deixavam dormir. Emma passava longas horas à cabeceira da irmã transmitindo-lhe cada detalhe dos rumores e mexericos que ouvia sobre o rei inglês e sua corte, apesar de seu coração estar pesado com a separação iminente. Mathilde, imaginava, devia se ressentir ainda mais, pois iria abandonar tudo o que lhe era familiar. Pior ainda: também havia a questão do rei, tantos anos mais velho do que a noiva, e, além disso, os desafios de uma corte inglesa cheia de estranhos falando uma língua estrangeira.

Muito se esperaria da nova esposa do rei, pensava Emma, um fardo que ela mal conseguia imaginar. Como poderia Mathilde, que nunca havia sido forte fisicamente, lidar com as pressões da nova vida? Emma ficava muitas vezes acordada durante as frias vigílias noturnas pensando nessas responsabilidades, o coração cheio de temor pela irmã, sabendo que, a seu lado, Mathilde também estava acordada no escuro. Entretanto, cada uma guardava para si suas preocupações.

E assim se passaram as semanas até que, no final de uma tarde de fevereiro, a duquesa viúva retornou de St. Ann e Emma foi chamada aos aposentos dela. Encontrou a mãe sozinha em seu quarto, diadema e véu postos de lado e a comprida trança grisalha enrolada no alto da cabeça. Estava aquecendo as mãos no braseiro, e a luz vinda de baixo acentuava os finos sulcos em torno de sua boca e de seus olhos. Fez um aceno com a cabeça para a filha, depois voltou a contemplar os carvões em brasa e ficou calada por algum tempo. Emma notou uma fadiga desconhecida em seu rosto e uma semelhança com Mathilde, que nunca percebera antes, na curva pronunciada do nariz e na linha fina da boca.

Finalmente, Gunnora a mãe começou a falar, quase como se para si mesma:

– Os acontecimentos nos surpreenderam, e não posso esperar a volta de seus irmãos para começar a tomar providências. – Lançou um olhar rápido a Emma e indicou-lhe um banco próximo – É melhor sentar-se, Emma, pois tenho muito o que lhe dizer.

O coração da jovem anuviou-se de receio. Ela se acomodou no banco e esperou o golpe que viria.

– Como deve ter ficado sabendo – falou Gunnora –, o rei da Inglaterra pediu a mão de sua irmã em casamento. – Olhou de soslaio para Emma, depois se pôs a andar de um lado para outro do aposento. – O rei Æthelred quer algo em troca, é claro; algo mais do que uma jovem noiva núbil para enfeitar seu leito. E, portanto, em recompensa pela grande honra que nos concede ao tomar uma esposa normanda, ele espera que seu irmão feche os portos aos dinamarqueses. Seus emissários não disseram isso especificamente. Rodearam a questão como virgens dançando em torno do mastro da festa de maio, mas é evidente o que desejam, e seu irmão deu-lhes todos os motivos para acreditar que vai concordar com o pedido.

Emma se inclinou para a frente em seu assento, os olhos fixos na mãe, os pensamentos a toda a velocidade. Tinha ficado tão preocupada com os desafios que tal casamento apresentava para a irmã que esquecera os riscos que seu irmão enfrentava ao concordar com ele. Æthelred da Inglaterra era o inimigo mortal do rei Swein da Dinamarca. Com o casamento de Mathilde e Æthelred, Richard também se tornaria inimigo do famigerado Swein Forkbeard, transformando a Normandia num alvo para os invasores dinamarqueses.

– Na verdade – prosseguiu Gunnora –, seu irmão não pode negar o acesso dos dinamarqueses aos nossos portos e nossos mercados. Se o fizesse, Swein Forkbeard lançaria seus marujos contra nós como cães famintos sobre um veado ferido. Assolaria nossas costas com saques e depois negociaria alegremente os produtos da pilhagem em Hamburgo ou Bremen. O rei inglês não poderia vir em nosso auxílio, pois não tem frota de navios. O rei francês, por sua vez, adoraria nosso infortúnio. Seria uma catástrofe para cada povoado normando que se encontra ao alcance dos navios dinamarqueses. Então – ela parou de andar e postou-se diante de Emma –, isso não vai acontecer. Seu irmão nunca vai fechar nossos portos aos

dinamarqueses. No entanto, ele concordará em fazê-lo, e sua irmã será dada em casamento como penhor.

Emma encarou a mãe enquanto tomava consciência do deplorável destino de sua irmã. Mathilde seria pouco mais que uma refém real, enviada para garantir a submissão de seu irmão à vontade do rei inglês. E se Richard não cumprisse sua promessa e desafiasse o rei, Mathilde estaria indefesa numa terra estrangeira, sem meios para se proteger de qualquer represália que seu marido decidisse lhe infligir.

– Ele não pode fazer isso – murmurou Emma, a boca seca, horrorizada.

Richard não podia sacrificar Mathilde dessa maneira, não podia colocá-la à mercê do rei inglês.

– Foi o que eu disse a seu irmão – concordou Gunnora, e agora Emma percebia o cansaço na voz dela. – Mas Richard é um governante e um homem, e a vida de uma moça, mesmo a de sua própria irmã, tem pouco peso em relação ao destino de um povo inteiro. Não fui capaz de demovê-lo.

Emma afligia-se com a ideia de Mathilde sozinha numa terra estrangeira, talvez prisioneira do rei.

– O que vai acontecer com ela?

Gunnora começou a andar pelo quarto outra vez, torcendo as mãos uma na outra, e Emma foi ficando cada vez mais assustada com a angústia evidente da mãe. Quando ela enfim tornou a falar, não respondeu à pergunta da filha.

– Richard não ignora o perigo que Mathilde enfrentaria na Inglaterra. Não precisei me esforçar muito para convencê-lo de que temos de fornecer a ela uma arma que possa usar para se proteger caso o marido se vire contra ela. A solução era óbvia, mas sofremos por horas a fio procurando descobrir o que fazer. Por fim, oferecemos a Æthelred minhas terras em Contentin, parte de minha herança de viúva. É um presente esplêndido que ele dificilmente recusaria, pois lhe proporciona uma base estratégica deste lado do mar Estreito. – Ela parou de andar e respirou fundo. – Em troca, Richard exigiu que sua irmã vá para a Inglaterra não como consorte de Æthelred, mas como sua rainha.

Ela fitou a filha com uma espécie de triunfo no olhar.

– Emma, o conde Ælfric voltou respondendo que o rei inglês aceitou o contrato. A noiva normanda de Æthelred não será uma simples consorte, e sim coroada como sua rainha. Terá riqueza e posição muito superiores às da

primeira mulher dele. Estará ao lado do rei com privilégios que ele não poderá revogar com facilidade, por mais que seja provocado.

Emma viu de imediato a sabedoria dessa medida, mas também reconheceu o peso adicional que uma coroa teria na vida de sua irmã.

– Mathilde já sabe? – perguntou.

Uma sombra cobriu o rosto de Gunnora e Emma viu, perplexa, sua mãe adiantar-se e ajoelhar-se na sua frente. Ela segurou a mão de Emma com seus dedos esguios, tão frios que quase congelaram a pele da filha.

– Não é Mathilde quem vai para a Inglaterra, Emma. Tem de ser você.

As palavras a princípio não penetraram em sua mente, depois pareceram invadir seu cérebro de tal forma que ela não conseguiu mais nem respirar. Não se atrevia a desviar os olhos dos da mãe, porque eram a única coisa que a impedia de se afogar naquele mar traiçoeiro.

Sentiu como se o mundo que conhecia deixasse de repente de ser um lugar seguro e se transformasse em algo desconhecido e aterrorizante. Não queria ir para a Inglaterra, não queria se casar com um rei, não queria suportar o peso de uma coroa. No entanto, fitando o rosto severo e inflexível da mãe, sabia que não teria escolha.

Escorregou do banco enquanto era acometida pelo pavor. Ao cair de joelhos, as mãos apoiadas no chão, começou a ter ânsias de vômito, a bile escaldando sua garganta. Uma bacia apareceu à sua frente e a mão firme de Gunnora sustentou-lhe a nuca. Fechou os olhos mas não conseguiu deter o pânico vertiginoso que tomava conta dela.

– É o choque – disse a mãe, a voz doce mas firme. – Você não estava preparada. Mas haverá coisas muito piores nos anos que virão, minha filha. – Agora a voz lhe soava implacável e intransigente. – Você deve estar sempre pronta para enfrentar as provações que lhe estejam reservadas. Que esta seja sua primeira lição: ninguém mais deve vê-la assim, Emma. Está ouvindo? Por maior que seja a provocação, você nunca deve permitir que alguém a veja com medo.

A jovem agachada no chão, com os braços envolvendo o tronco e o estômago embrulhado, apertava os olhos para não deixar as lágrimas caírem.

– Por que tenho de ser eu a ir? – perguntou. – Mathilde é a mais velha. Ela quer ir. É seu direito.

– Sua irmã não tem força física nem força de vontade para se defrontar... – Gunnora parou, como se tivesse se arrependido de suas

palavras e quisesse apagá-las – com as provações de uma rainha. – Terminou a frase devagar. – Só você, Emma, de todas as minhas filhas, tem qualidades para isso.

Muitas horas depois, quando Emma estava deitada, insone, ao lado da mãe, as palavras dela ecoavam sem cessar em sua cabeça. Não tinha ilusões sobre o destino que a aguardava. Gunnora deixara tudo perfeitamente claro. Como noiva normanda e rainha inglesa, ela teria de se equilibrar entre os interesses de dois governantes – seu irmão e seu senhor. Os dois homens exigiriam sua fidelidade, e pelo menos um deles lhe cobraria um preço bastante alto caso ela se provasse desleal. Era o que sua mãe temia, e o que se dispusera a revelar.

Mas havia algo mais que a mãe não queria contar, e Emma tinha a impressão de que se referia ao rei inglês. Pressentia que Gunnora sabia algo sobre Æthelred da Inglaterra que não queria que a filha soubesse, pelo menos por ora. Era essa informação não divulgada sobre o homem com quem se casaria o que mais a assustava.

Nas ruas de Fécamp e Rouen, em Caen e Évreux, o povo saudou Emma como a flor da Normandia, a noiva que se tornaria rainha da Inglaterra. Dentro do palácio ducal, porém, onde as irmãs do duque dividiam um quarto de dormir, a notícia do noivado de Emma não foi motivo de alegria. Mathilde, amargurada e irritada por arranjam um casamento real para Emma e não para ela, recolheu-se ao leito, recusando-se a falar com a irmã apesar de suas súplicas chorosas e das repreensões contidas de Gunnora. Por fim, a mãe mandou-a para Rouen, onde Mathilde não seria diariamente bombardeada pelos frenéticos preparativos do casamento de Emma.

Emma chorou na partida de Mathilde, mas Gunnora não a deixou se lamentar por muito tempo. Havia muita coisa para a filha aprender antes de os navios a levarem para o outro lado do mar Estreito.

Ela passou longas horas com o conde Ælfric, que a instruiu sobre os aspectos mais sutis da língua inglesa e das tradições da corte. Ele era um tutor competente, que a tratava com cortesia formal, e ela acabou por gostar muito dele. Não era mais um rapaz, sem dúvida – grossas madeixas grisalhas emolduravam seu rosto amável e lhe chegavam até os ombros. A barba também era cor de prata e os olhos escuros brilhavam abaixo de fartas sobrancelhas cinzentas. O broche dourado do tamanho de um punho que lhe prendia o manto em um dos ombros e os anéis incrustados de pedras

enfeitando seus dedos denotavam riqueza e influência, e ela se perguntava qual seria o seu grau de proximidade com o rei.

Ælfric falou-lhe sobre os antigos reinos de Nortúmbria, Mércia, Ânglia Oriental e Wessex, e sobre o grande rei Alfred, que tinha iniciado o processo de reunir os reinos separados em um só – tarefa completada, enfim, pelo rei Edgar, pai de Æthelred. Aquele rei, contou ele, morreu muito cedo, deixando o trono para um filho jovem. O rosto de Ælfric então se anuviou, como se alguma lembrança daquele passado distante lançasse de repente uma sombra sobre o presente. Não disse o que o perturbava, porém, e aumentou a desconfiança de Emma de lhe estarem escondendo algo sobre seu futuro marido.

Durante esse tempo, ela recebeu orientação também de sua família. Richard falou-lhe sobre as propriedades pelas quais ela seria responsável, lembrando-lhe de prestar atenção redobrada em receitas e despesas, arrendamentos e produção.

O arcebispo Robert aconselhou-a sobre o que Deus esperava dela como rainha, sobretudo seus deveres para com a Igreja e os homens e mulheres que serviam à instituição.

Judith ajudou-a a escolher as damas que a acompanhariam à Inglaterra e na arrumação de todos os seus pertences: trajes pessoais, móveis, roupas de cama, suprimentos para a viagem, presentes para a família e para os nobres que a esperavam. Não foi tarefa simples. Seriam necessários três navios para transportar Emma, sua comitiva e seus bens para Canterbury. Mais dois navios levariam doze cavalos criados nos estábulos normandos – presentes pessoais de Emma aos membros de sua nova família.

Foi Gunnora quem, após chamar a filha aos seus aposentos, levantou o assunto do leito nupcial e do papel de Emma ao dividir a cama com um rei.

– É seu dever ser submissa a seu senhor, Emma – disse ela, falando depressa, pronunciando as palavras de modo abrupto e tenso, sentada diante da filha. – Seria perigoso recusar ao rei os seus favores ou manifestar sua contrariedade, pois a princípio sua coroa será pouco mais do que um ornamento.

A expressão de Gunnora suavizou-se, então, e ela segurou a face de Emma com a mão em concha.

– Você é muito jovem, minha menina. Isso é sua fraqueza e ao mesmo tempo sua força. O rei vai apreciá-la por sua juventude e beleza, e você

precisa usar ambas para conquistar suas boas graças. – Respirou fundo e pousou as mãos nos ombros de Emma. – Nunca esqueça que sua tarefa primeira e mais importante é ter um filho. Ele é que será seu tesouro e sua proteção, mesmo quando ainda for um bebê. Seu filho é que lhe dará poder, é ele que vai ligar o rei a você como a nenhuma outra mulher viva.

Nos breves momentos em que se via sozinha, Emma refletia sobre as palavras da mãe. Um descendente seu teria realmente alguma importância para um rei que já tinha numerosos filhos e filhas? Seria possível Æthelred da Inglaterra algum dia ser tão ligado a ela quanto fora à primeira mulher?

Era uma pergunta que não fazia em voz alta, pois talvez nem a sua mãe soubesse responder.

Na última noite antes de sua partida para a Inglaterra, não houve nenhum grande banquete em homenagem a Emma, pois era o tempo da Quaresma, quando os banquetes eram proibidos. A família ducal, porém, reuniu-se no grande salão de Fécamp, onde os presentes de casamento enviados pelo rei inglês tinham sido espalhados em cima de seis mesas compridas. Entre os tesouros, havia cofres cheios de ouro e prata; peças de seda, de linho e da lã mais fina; arreios de prata e selas de couro trabalhado; peles de marta, arminho e zibelina; caixas de madeira habilmente entalhadas que continham flautas delicadas; colares cravejados de ametistas e esmeraldas; e uma coleção de livros magnificamente encadernados em ouro. Depois de admirarem os presentes, todos assistiram ao bardo de Richard recitar um poema sobre uma flor que foi levada pela correnteza do mar da Normandia para a Inglaterra, onde desabrochou, prosperou e foi amada por todos.

Emma escutou o poema com olhos secos e uma expressão branda no rosto, pois era o que se esperava dela. Em seu coração, porém, ela carregava a tristeza, a incerteza e o medo, que pareciam lhe oprimir a própria alma.



1002 d.C Então, naquela mesma Quaresma,
chegou Lady Emma, filha de Richard, a esta terra.

– *Crônica Anglo-Saxã*

Capítulo Oito

Abril de 1002

Canterbury, Kent

A viagem de Fécamp a Canterbury levou cinco dias, todos eles frios, úmidos e desagradáveis. O balanço do navio e o fedor incessante de óleo de peixe que os marinheiros usavam para impermeabilizar suas roupas e o cordame enjoavam Emma e suas acompanhantes. Foi um alívio quando deixaram para trás o mar aberto e finalmente singraram as águas plácidas do rio Stour. Quando passaram pelas habitações rústicas e pelos terrenos cercados de madeira que demarcavam os arredores de Canterbury, Emma postou-se à entrada do abrigo que fora montado na parte central do navio. Através da chuva constante, entrevia uma paisagem plana, encharcada, desoladora. A distância, torres de catedral pareciam perfurar as nuvens ameaçadoras, baixas e cinzentas que pairavam acima da cidade.

A seu lado, Lady Wymarc estava abafada em meio às dobras de um manto de lã e, quando uma rajada de chuva as atingiu, ela puxou o capuz de Emma, todo forrado de pele, para não deixar os pingos molharem seu cabelo.

– Você acha – murmurou Emma, o coração tão cinzento e pesado quanto as nuvens volumosas – que em algum momento o sol brilha neste lugar deprimente?

– Com certeza, milady – respondeu Wymarc, com entusiasmo. – Não pode ser sempre tão úmido, ou os ingleses teriam penas no corpo e pés de pato. – Pousou a mão no braço de Emma. – Não desanime, eu lhe suplico. Não agora, quando o pior da viagem já passou.

Emma não pôde deixar de sorrir ao fitar os grandes olhos castanhos que a encaravam com um misto de compaixão, orgulho e entusiasmo. Wymarc sempre conseguia ver o sol por trás das nuvens. Era de uma exuberância irreprimível – uma qualidade não muito apreciada pela duquesa Judith, mas que a fizera ganhar a simpatia de Emma. As duas tinham mais ou menos a mesma idade e, durante as agitadas semanas de preparativos, havia sido a animação desenfreada de Wymarc pela aventura que tinham pela frente o que levantara o ânimo de Emma e a afastara do desespero.

– Vou ficar muito grata quando sair deste navio – disse Emma –, mas receio que o pior ainda esteja por vir. – Ela estava apreensiva em relação ao primeiro encontro com o rei, e queria que passasse logo. No entanto, até aquilo, lembrou a si mesma, não seria a maior dificuldade que teria de enfrentar nos próximos dias. Ainda haveria a ida para a cama, mas procurou tirar aquilo da cabeça naquela hora. – Quando desembarcarmos, não saia do meu lado – ordenou –, nem por um momento.

Uma ponte atravessava o rio mais adiante e levava a uma larga entrada guarnecida de torres de pedra de onde pendiam estandartes, que estavam ensopados da chuva e gotejavam sem parar. Emma avistou uma multidão de pessoas aglomerada ao pé da torre e amontoada em suas balaustradas, acenando entusiasticamente com lenços e chapéus apesar de encharcadas. Um rumor surdo de vozes flutuou por cima da água em sua direção num bramido geral de agitação e vivas. Homens armados vestidos com túnicas de malha e capas escarlate ladeavam o caminho que ia da margem do rio às muralhas da cidade, seus escudos negros encostados uns nos outros para conter a aglomeração.

À beira da água, quatro acólitos trajados de negro, indiferentes aos pingos constantes, seguravam um pálio vermelho-vivo acima de um arcebispo de batina da mesma cor. Um grupo fechado de nobres usando trajes de cores intensas, os mantos com capuzes forrados de peles indicando sua alta posição, comprimia-se atrás do prelado, os rostos expectantes virados para o navio que se aproximava.

– Qual deles é o rei? – perguntou Wymarc.

Emma examinou os homens novamente, mas nenhum deles combinava com a descrição que o conde Ælfric lhe dera de Æthelred – alto, forte, cabelo louro comprido e barba aparada.

Um leve calafrio de mau pressentimento percorreu-lhe a espinha, juntando-se à ansiedade que ela já sentia. Seria possível que ele não tivesse ido recebê-la? Lembrou-se da jornada de cinco dias a Bayeux que seu irmão Richard fizera para casar-se com Judith e escoltá-la de volta a Rouen, e como o conde de Turenne tinha viajado por quase um mês para pedir a mão de sua irmã Beatrice. Æthelred, entretanto, enviara uma delegação à Normandia para fazer a proposta de casamento em vez de ir pessoalmente. Não poderia se dar ao trabalho nem de ir encontrá-la nos portões da cidade?

– Acho que ele não está lá.

– Talvez esteja esperando para recebê-la com grande pompa dentro do palácio – sugeriu Wymarc –, ou na igreja. Talvez ache que não deseja vê-lo antes de se recompor da viagem.

Ou talvez, pensou Emma, ele não esteja nem um pouco disposto a conhecer sua noiva. Qualquer que fosse a razão, era uma afronta a ela, e sua ansiedade cresceu.

O navio atracou no cais e Emma reconheceu o conde Ælfric parado à frente dos nobres que esperavam para cumprimentá-la. Ele partira da Normandia alguns dias antes dela e a visão do seu rosto magro e idoso, já com um sorriso de boas-vindas, de certa forma a alegrou. Ele a ajudou a passar da amurada do navio para o abrigo do pátio protegido, depois segurou suas duas mãos e as beijou.

– O rei envia suas saudações, minha senhora. Seu noivo desejava vir pessoalmente, mas assuntos prementes de Estado o impediram de estar aqui ao seu lado neste momento. Fui encarregado de lhe dar as boas-vindas e acompanhá-la aos seus aposentos no recinto da abadia.

Mal tinha acabado de falar quando o arcebispo levantou as mãos e entoou uma bênção, e o burburinho da multidão cessou quando as palavras em latim preencheram o ar. Depois, Emma foi apresentada aos nobres, um de cada vez, e cumprimentou todos os homens com uma palavra gentil e um sorriso, apesar da apreensão que lhe apertava o peito. A perspectiva do encontro com o rei a tinha deixado ansiosa. O fato de ele não ir recebê-la, por qualquer que fosse a razão, só tinha aumentado sua inquietação.

– Agradeço-lhes, meus senhores – disse ela, com a voz tão forte quanto conseguiu, pronunciando com cuidado as difíceis palavras em inglês –, e agradeço ao povo da Inglaterra por suas boas-vindas. Que o Senhor derrame suas bênçãos sobre todos nós.

A multidão emitiu um som como um rugido e, satisfeita por ter lhes agradado, Emma voltou-se para Ælfric.

– Peço-lhe, meu senhor, que me diga para quando devo esperar um encontro com o rei.

O arcebispo, um homem idoso com expressão azeda, levantou uma sobrancelha e franziu os lábios mostrando desaprovação.

– Seria bom refrear sua impaciência, minha senhora – retrucou, ríspido.
– Conte-se em saber que o rei vai recebê-la quando for conveniente.

Ofendida pela repreensão, Emma teve de morder o lábio para não dizer algo de que pudesse se arrepender mais tarde. Ali estava um dos que desaprovavam a sua presença. Seria porque era jovem e mulher, perguntou a si mesma, ou porque era normanda?

Foi Ælfric quem se adiantou para consertar o momento constrangedor:

– No domingo o rei vai recebê-la à porta da igreja para declarar formalmente os votos de casamento. Logo em seguida, vai acompanhá-la à catedral para a cerimônia de coroação.

Só no domingo! Dali a cinco dias, portanto. Que tipo de homem era aquele tal Æthelred que não queria se encontrar com sua noiva em particular, nem que fosse para alguns momentos de conversa, antes de se casar com ela? Era assim que se faziam as coisas na Inglaterra? A sensação de pânico que tinha conseguido manter afastada durante as últimas seis semanas começou a se apossar dela novamente.

– Desejo encontrar-me com o rei amanhã – insistiu ela, sorrindo, ainda que fosse um esforço. – Sem dúvida ele pode me conceder alguns momentos de seu tempo.

– Lamento, minha senhora – falou Ælfric, com delicadeza. – Isso não será possível, pois o rei ainda não chegou a Canterbury. Mandou dizer que não estará aqui antes de domingo.

Ela sentia os olhos de cada nobre fixados nela, avaliando-a, curiosos para ver como receberia essa notícia desagradável. Ela não disse mais nada, mas fez um aceno com a cabeça para Ælfric em reconhecimento a seu pedido de desculpas, fazendo o possível para disfarçar tanto seu desagrado com o pouco-caso do rei quanto seu medo em relação ao que isso poderia significar. Duvidava ter sido bem-sucedida. Suas mãos, percebeu, estavam tão contraídas quanto seu estômago. Respirou fundo e esforçou-se para relaxar enquanto seguia o arcebispo, que se dirigia aos portões da cidade.

Gostaria de ter se virado para procurar Wymarc com os olhos, mas sabia instintivamente que deveria manter as costas empertigadas e a cabeça voltada para a frente.

Ælfric conduziu-a a uma liteira revestida de peles sob um dossel forrado de seda. Com uma reverência, esperou-a entrar e então Emma foi levada nos ombros de oito nobres pelas ruas de Canterbury. Ela obrigou-se a sorrir, erguendo a mão para o povo aglomerado ao longo do caminho e para as pessoas que acenavam para ela dos telhados de palha. Ouviu gritos de “Bem-vinda! Seja bem-vinda, filha de Richard!” enquanto era carregada pelas ruas e passava pela grande catedral em direção à abadia.

Sua cabeça latejava com o barulho e com o esforço de segurar as lágrimas que enevoavam seus olhos – lágrimas de gratidão e de desalento. O povo daquele reino a acolhera com alegria, e no entanto o rei que seria seu marido nem ao menos fora recebê-la. Em meio àquela multidão cheia de júbilo, ela nunca se sentira tão dolorosamente só.

Naquela noite, Emma jantou com sua comitiva normanda nos aposentos de hóspedes da Abadia de Santo Agostinho. Com tantos rostos familiares à sua volta, ela quase podia imaginar que ainda estava em sua terra natal. Sua ansiedade em relação à ausência do rei naquele dia, porém, não se dissipou. Ele deveria ter estado presente na sua chegada para cumprimentá-la, e a tinha menosprezado por não ter comparecido.

Recordou as palavras de despedida de Richard, cinco dias antes, quando ele a acompanhara até os navios.

– Você não é a primeira noiva, Emma, a ir para a cama de um rei estrangeiro, e é preciso que saiba muito bem o que se espera de você. Tenha em mente que está indo para o seu senhor não como mulher, mas como uma rainha. Da mesma forma, ele virá até você não como homem, mas como um rei. Ele não será um pai para você, nem um amante, nem mesmo amigo. Não conte com nada disso. Só espere o que qualquer um dos súditos dele pode esperar, ou seja, justiça e benignidade. Como rainha, porém, você deve exigir mais uma coisa: respeito. Nunca se esqueça disso nem por um momento, e nunca faça nada que possa colocar isso em risco.

Naquele dia, Æthelred da Inglaterra não lhe demonstrara o respeito que ela merecia, embora ela não soubesse por quê. Gostaria que um de seus irmãos a tivesse acompanhado à Inglaterra. O duque Richard ou o arcebispo Robert certamente teriam sido capazes de lhe dar algum esclarecimento

sobre o que poderia estar se passando na cabeça do rei. Mas não tinha quem a aconselhasse, e sentia-se perdida, como se estivesse à deriva em alto-mar. Não conseguiria chegar a um porto seguro daquela forma, mesmo que soubesse identificar algum.

Nesse meio-tempo, as pessoas presentes naquela sala dependiam da sua orientação, e ela tinha muito pouco a oferecer. Precisava era de informação – não das aulas de história que o conde Ælfric lhe dera, mas de notícias da corte e das pessoas que a formavam. Se estivesse em casa, mandaria alguém à cozinha para ouvir o que se estava falando, mas seria praticamente impossível fazer isso ali.

Observou os homens e mulheres ao seu redor. Apenas alguns membros de sua comitiva entendiam inglês, e um número ainda menor sabia o suficiente para falar. Wymarc era um deles, pois sua madrasta era filha de um lorde de Kent. O jovem Hugh da Bretanha, que tinha sido um dos camareiros de Richard, era outro. Seu bardo, Alain, sabia recitar a poesia deles, mas ela não tinha certeza de quanto ele realmente compreendia.

E havia o seu padre, Martin. Ela não o conhecia e tivera pouco tempo para falar com ele nas semanas anteriores à partida da Normandia, mas ele servira bem à sua mãe. Sabia que era um estudioso, bom em idiomas, e que tinha estudado em uma abadia em algum lugar da Inglaterra. Sua mãe dizia que ele era um ótimo escrevente, pois sua caligrafia era excelente.

Naquele momento, Emma não precisava de um escrevente, mas de um espião. O padre Martin, em seu traje escuro de lã fina e com um crucifixo pendurado no peito, seria o melhor candidato para reunir informações nos prédios que pertenciam à catedral. A comunidade provavelmente gostaria de receber um sacerdote e erudito que fazia parte da comitiva normanda.

Chamou o padre e, depois de pensar um pouco, convocou Hugh também. Quando se ajoelharam à sua frente, ela contemplou seus rostos virados para cima, os dois barbeados no estilo normando. Fora isso, não tinham nenhum traço em comum. A pele enrugada de Martin e os cabelos grisalhos revelavam sua idade, assim como seus olhos castanhos solenes, que a observaram com a gravidade da experiência. Hugh era jovem e moreno, surpreendentemente bonito, com um encanto envolvente que, ela tinha motivos para acreditar, havia cativado Wymarc durante a viagem. Sua amiga tinha falado dele com tanta admiração que Emma a aconselhara a ter

cuidado com os sentimentos. Ainda assim, o comportamento jovial de Hugh era bem adequado à tarefa que Emma tinha em mente para ele.

– Preciso de informações sobre os ingleses – disse ela. – Tenho que saber quais são as preocupações deles, o que pensam, em que acreditam e, principalmente, o que temem. – Olhou para o religioso. – Padre Martin, quero que se aproxime da comunidade da catedral. Converse com as pessoas. Hugh, amanhã vá à praça do mercado, ao porto e às cervejarias. Descubra o que o povo inglês acha de seu rei, e o que está sendo dito sobre o seu casamento. Não devem ter medo de me contar o que descobrirem, mesmo se acharem que algo pode me desagradar. Entenderam?

Depois que os dispensou, sentiu-se mais sossegada. Tinha tomado uma providência, e logo teria resultados. Lembrou a si mesma que não estava sozinha ali e que dispunha de recursos. Bastava querer utilizá-los.

Na noite seguinte, Emma encontrou-se com Hugh e Martin na abadia, em um aposento sem uso que seus acompanhantes tinham transformado em um tranquilo refúgio adequado para uma rainha. Um braseiro estava aceso no meio do cômodo e tapeçarias bordadas cobriam as frias paredes de pedra. Emma tinha se acomodado numa cadeira de espaldar alto com almofadas atrás dos ombros, peles no colo e um banquinho debaixo dos pés. Ao olhar os dois homens à sua frente, viu que o padre parecia particularmente sério, então se dirigiu primeiro a ele.

– Conte-me – pediu.

– Existem... boatos ruins, minha senhora – começou ele, devagar –, sobre o rei e sobre como ele chegou ao trono.

Emma franziu a testa.

– Mas Æthelred sem dúvida herdou o trono de seu pai – retrucou ela. – O conde Ælfric contou que o rei Edgar morreu jovem, e que seu filho foi coroado depois disso.

– Isso é verdade – disse o padre, o rosto anuviado –, mas o menino coroado depois do rei Edgar não foi Æthelred, e sim seu meio-irmão mais velho, Edward. No scriptorium da catedral há crônicas que relatam – ele fez uma pausa – acontecimentos inquietantes que ocorreram naqueles dias.

Isso significava que Aelfric, de quem ela tinha gostado tanto, contara-lhe apenas parte da verdade. Não podia então confiar em ninguém na

Inglaterra?

– Continue – ordenou.

– O rei Edgar teve três filhos com duas esposas diferentes. O do meio morreu muito jovem, enquanto o pai ainda ocupava o trono. Alguns anos depois, quando o rei morreu de uma doença súbita, nenhum herdeiro havia sido nomeado, e os dois filhos ainda vivos tinham nascido de mães diferentes. Edward, o mais velho, foi coroado, mas muitos dos grandes homens da terra questionaram seu direito ao trono, pois sua mãe não era uma rainha consagrada, e a mãe de Æthelred, sim. – Ele fez uma pausa e deu um suspiro cansado antes de continuar: – Depois de governar por apenas três anos, o rei Edward foi assassinado, e violentamente, segundo as crônicas. Era jovem, tinha apenas 16 anos. Então seu meio-irmão, Æthelred, foi indicado para o trono pelo *witan*, o conselho de nobres que assessora o rei.

– E o que aconteceu com os assassinos? – perguntou Emma. – Como irmão e rei, seria dever específico de Æthelred punir um crime tão terrível.

– Os assassinos nunca foram descobertos – respondeu Martin. – Ninguém foi punido e nenhuma indenização foi paga. – Ele hesitou, com a expressão sombria. – Convenci um dos irmãos daqui, hoje um velho, a me contar o que se lembrava daquela época.

Mais uma vez ele hesitou, claramente relutante em sobrecarregá-la com o que descobrira. Emma esperou, o coração cheio de apreensão, e afinal Martin continuou seu relato:

– Muitos acreditavam que a mãe de Æthelred, a rainha viúva, havia tramado o assassinato de seu enteado. Foi uma época terrível, com presságios cor de sangue no céu à noite que nem mesmo os sacerdotes podiam ignorar. Disseram-me que no outono passado, pouco antes de a rainha viúva morrer, o céu noturno tingiu-se de sangue outra vez, embora o velho com quem falei não tenha visto.

Emma ficou ali parada ponderando as palavras dele. Conhecia muito bem o poder do boato e da superstição. Quando seu pai era vivo, Rouen fervilhou por algum tempo com histórias que diziam que ele vagava pelas ruas à meia-noite, entrando em igrejas escuras para lutar com fantasmas e demônios. Na verdade, o pai tinha realmente visitado igrejas durante a noite, pois sua doença terminal o fazia perder o sono e ele procurava a intercessão de um santo após outro buscando a cura. Mas o duque não havia lutado com

demônio nenhum, só com a consciência da própria morte chegando. Os rumores sobre ele tinham um ponto de partida verdadeiro que havia sido deformado por conjecturas insanas. Talvez fosse o mesmo caso.

– Há quanto tempo isso aconteceu? – perguntou Emma ao padre.

– O rei Æthelred está governando a Inglaterra há 23 anos.

Ela fez as contas. Æthelred, que agora estava em seu 35º ano de vida, deveria ser uma criança quando o irmão foi assassinado. Que papel uma criança poderia representar num ato tão hediondo?

– Diga-me, padre Martin: o senhor acredita que o rei teve alguma participação na morte de Edward? – perguntou Emma.

O sacerdote manuseou a cruz em seu peito enquanto refletia sobre a pergunta. Por fim, falou:

– Esta é uma terra cristã, minha senhora. No entanto, durante todos os anos do reinado de Æthelred, homens ímpios vindos do outro lado do mar do Norte têm invadido, queimado e torturado este reino. Por que Deus teria permitido tal coisa, a menos que houvesse um grande pecado nesta terra?

E que pecado maior, pensou Emma, do que o assassinato de um rei ungido? Seria aquela a verdade sobre Æthelred que ninguém quisera revelar-lhe?

Sua ansiedade sobre o homem com quem ia se casar cresceu, mas, ainda que perturbada, preferia estar armada com conhecimento do que ir a ele envolta num manto de ignorância. Murmurou um agradecimento ao padre. Então, numa reflexão tardia, estendeu o braço e tocou-lhe a mão.

– Por favor, reze por mim, padre – pediu –, e pela alma do rei.

Voltando a atenção para Hugh, ela imaginou que história de horror ele teria para contar.

– O que se fala no mercado – começou ele – é que o rei acabou de enviar trinta mil libras de prata a uma hoste dinamarquesa acampada em uma ilha na costa sul. Disseram-me que os vikings passaram todo o último verão incendiando e roubando nos condados do sul, e que a prata – ele fez uma pausa e deu um sorriso enviesado – se destina a desestimulá-los a continuar do ponto onde pararam quando o tempo melhorar outra vez.

– Quer dizer que o rei suborna os vikings para que deixem suas terras – falou ela. – Por Deus, é uma grande quantidade de dinheiro.

– *Aye*, minha senhora – concordou Hugh. – E a gente do povo, até mesmo os nobres, ao que parece, se ressentem por ter de pagar os altos impostos que o rei determinou para levantar essa quantia. Todos se queixam de que primeiro os dinamarqueses atacaram a região e, em seguida, os homens do rei vieram tomar o que foi deixado e subornar os dinamarqueses para irem embora.

– Mas onde estão os guerreiros? – perguntou ela. – Esta é uma terra rica com um rei rico. Æthelred não pode defender seu povo?

Hugh deu de ombros.

– O rei tem a sua guarda pessoal, assim como muitos nobres, mas em tempos difíceis ele precisa convocar guerreiros e armas. Até se espalhar uma notícia de ataque e se realizarem as arrecadações, os vikings já tiveram tempo de saquear tudo e fugir. – Ele franziu a testa e balançou a cabeça. – Diz-se também que o rei não tem sorte. Sempre que seus soldados enfrentam o inimigo, ocorre algo que faz a batalha pender a favor dos forasteiros.

Seria má sorte, perguntou-se ela, ou, como o padre Martin acreditava, a maldição de Deus? E, pelos Céus, qual era a diferença?

– Minha senhora – disse Hugh –, minhas informações não são de todo sombrias. Todos estão felizes com relação às suas núpcias. A crença generalizada é que a chegada de uma nova rainha só pode trazer boa sorte para a Inglaterra.

– Creio que o dote da nova rainha também não deve parecer mau – completou ela –, se o rei defende sua terra com prata em vez de aço.

Emma dispensou os homens e continuou sentada ali mais um pouco, refletindo sobre tudo o que tinha ouvido. Quais dos rumores seriam verdadeiros, e que segredos haveria escondidos na alma do homem com quem ela iria se casar? Ainda que o rei fosse inocente do assassinato de Edward, seu trono estava banhado do sangue desse irmão. Ela precisava partilhar esse trono. Qualquer que fosse o destino de Æthelred como rei, ela, como sua rainha, iria compartilhá-lo também.

Capítulo Nove

Abril de 1002

Canterbury, Kent

No domingo de Páscoa, Æthelred tomou por esposa sua noiva normanda e viu, com centenas de outras pessoas, um diadema de ouro ser colocado na cabeça dela enquanto Emma recebia o título de rainha da Inglaterra. Em seguida, presidiu ao banquete de seu casamento no salão real perto da catedral. Sentado à mesa alta em cima do estrado, com a nova rainha a seu lado, Æthelred olhou em torno e não ficou inteiramente satisfeito com a situação na qual se encontrava.

Havia gastado uma grande quantidade de dinheiro nas últimas semanas, num esforço para comprar a paz para a Inglaterra. Parte dessa paz tinha sido estabelecida com o acordo em relação àquela pirralha agora sentada a seu lado, e, caso o irmão dela mantivesse o prometido, o litoral da Inglaterra estaria muito mais seguro do que no ano anterior. Se podia de fato confiar em Richard, porém, era uma dúvida que o incomodava como uma dor de dente.

Quanto à moça, a aparência dela agradara-lhe bastante. Tinha a pele lisa e clara, enormes olhos verdes e um nariz longo e reto. A boca era larga demais, mas ela parecia ter bons dentes, e a voz não o aborrecia – ainda não. O cabelo era muito claro sob o toucado de seda, mantido no lugar pela coroa de ouro que lhe dera de presente.

Ele franziu a testa. Nunca deveria ter concordado com a coroação dela. Seu conselho de nobres era o culpado por isso. Sua discussão infernal sobre o assunto o levava a uma decisão apressada. Arrependera-se horas depois de

ter assinado os papéis do casamento, mas àquela altura os pergaminhos oficiais já estavam a caminho da Normandia e era tarde demais.

Sua primeira esposa não exigira coroa nenhuma, e a falta dela não lhe causara qualquer prejuízo. Emma, porém, queria garantias para todos os filhos que viesse a ter, queria que fossem os primeiros a herdar o espólio depois que ele morresse. Isso levaria a disputas em relação a qual descendente seria mais digno do trono, e, caso Emma desse à luz um menino, haveria animosidade entre sua primeira e sua segunda família, tudo porque ele tinha dado uma coroa de ouro àquela vadia normanda.

Já havia acontecido antes, e os filhos de Æthelred conheciam muito bem sua história familiar – sabiam das facções que haviam se formado em torno de Æthelred e de Edward quando o pai deles morrera. Edward era o mais velho, mas sua pretensão à coroa havia sido questionada porque a mãe de Edward era uma consorte, não uma rainha, ao contrário da mãe de Æthelred, que seduzira o rei, levava-o para sua cama e em seguida o convencera a conceder-lhe uma coroa. Isso tinha levado a anos de conflitos entre nobres rivais, que apoiavam Edward ou o próprio Æthelred, culminando no assassinato de Edward.

Æthelred fechou os olhos e, recorrendo a muita força de vontade, desviou a mente de seu irmão morto, receando que seus próprios pensamentos arrancassem Edward do túmulo outra vez. Observou a moça esguia a seu lado e despiu-a mentalmente de seu vestido cintilante e das delicadas peças de roupa que havia por baixo até ela estar nua, apenas com as pérolas que lhe pendiam do pescoço em muitas voltas. Imaginou aquelas contas pousadas sobre seus seios empinados e orgulhosos, cascadeando pela curva suave de seus quadris até a palha clara entre suas coxas.

Logo ele estaria deitado entre aquelas coxas, e o pensamento deixou sua boca seca de expectativa. Esvaziou sua taça de hidromel e pediu mais.

“Sede fecundos e multiplicai-vos”, recomendara o arcebispo quando fizeram seus votos. Emma aparentemente faria isso bastante bem, e, se tivesse apenas filhas, tanto melhor.

Voltou a esvaziar a taça e pediu mais outra vez. Em uma das mesas abaixo, notou que o velho Ælfric murmurava alguma coisa para ele. Cristo! Outro dever a cumprir, como se tomar uma puta normanda como esposa não fosse suficiente.

Relutantemente, levantou-se e ergueu sua taça de ouro, fazendo cessar o burburinho dos convidados do casamento.

– À Lady Emma da Normandia – gritou –, rainha de toda a Inglaterra!

A multidão respondeu com aplausos e, ao lado dele, sua nova e jovem rainha corou.

Quando os convivas se levantaram e ergueram as taças para ela, Emma procurou entre eles sua própria gente, mas não encontrou rostos conhecidos na multidão. Confiava que de alguma forma tivessem encontrado seus lugares às mesas. Havia comida suficiente ali para ninguém ir para a cama com fome. Soubera que o rei tinha ordenado que espalhassem mesas repletas por toda a cidade para comemorar suas núpcias, de modo que até as pessoas mais pobres iriam dormir satisfeitas pelo menos naquela noite. Ela estava feliz com isso.

Deixou o olhar vagar por cima das cabeças dos convidados sentados em intermináveis filas de mesas, depois ao longo das colunas de carvalho esculpido que se alinhavam duas a duas ao longo do comprimento do salão, tão altas que desapareciam na escuridão. Aquela era uma construção enorme, muito maior do que o salão de seu irmão em Fécamp, ou até mesmo em Rouen. Obviamente, havia sido feito daquela forma para inspirar admiração e para intimidar. Cumpria as duas funções, e naquele ambiente imenso e sombrio ela sentia-se pequena e insignificante... e com frio. Uma brisa conseguiu passar através do telhado de palha e agitou de leve os estandartes coloridos pendurados nas vigas. Em seu rastro, as chamas das tochas na parede e as das fileiras de velas grossas dançaram e fulguraram, lançando sombras que pairavam ameaçadoras e depois se encolhiam e sumiam. Uma corrente de ar constante vinda de algum lugar atrás dela esfriava suas costas, e Emma lamentou não estar usando uma segunda camisola sob o vestido.

Tomou um gole de hidromel da taça de prata, gravada de forma primorosa com um rendilhado de videiras – um dos vários presentes de casamento do rei, junto com os dois anéis e a coroa que ela usava. A bebida doce queimou sua garganta, mas esquentou-a por dentro, dando-lhe a coragem para espiar o homem sentado ao seu lado, cuja expressão taciturna parecia combinar perfeitamente com o frio salão escuro.

Sabia que ele era muitos anos mais novo do que o irmão dela, mas parecia muito mais velho do que Richard. O cabelo comprido e dourado que Ælfric havia descrito estava grisalho nas têmporas, e o rosto do rei era vincado e franzido na testa e ao redor da boca e dos olhos. Ocorreu-lhe, enquanto o examinava com rápidos olhares furtivos, que não era um homem feliz. Conturbado, ela poderia dizer, embora a história do padre Martin sobre o assassinato impune de um rei a tenha feito se perguntar se não seria culpa, e não preocupação, o que havia feito nascer as rugas em seu rosto.

Na cabeça, usava uma coroa de ouro maciço cravejada de pedras preciosas que brilhavam à luz do fogo, o que a fez ter pena dele. A coisa parecia pesada, e devia ser um castigo usá-la pelo tempo que fosse. A túnica branca com uma faixa na cintura era de uma trama de linho fino, as mangas elaboradamente bordadas em cores vivas. O manto de *godwebbe* de um azul profundo e reluzente que ele usava era forrado de seda dourada e preso em um dos ombros com um enorme broche de ouro cravejado de rubis.

O rei, no todo, era uma figura poderosa e imponente. No entanto, sua aparência seria agradável mesmo que estivesse vestido de lã grosseira. Movia-se com nobre elegância, apesar do peso daquela coroa assustadora. Ela não saberia dizer, no entanto, só de olhar para ele, se era gentil ou paciente, se tinha senso de humor ou se poderia ter matado um irmão a sangue-frio.

Esse último pensamento, que lhe veio à cabeça assim que ela levou o copo aos lábios, fez sua mão tremer e Emma quase derramou a bebida no vestido. Pousou a taça na mesa até se recompor. Já havia algum tempo que tentava pensar em algo para dizer ao marido, mas ele parecia tão intimidante que ela não sabia como começar. A história da morte do rei Edward continuou a perturbá-la, ocupando sua mente como um verme insidioso. Não conseguia esquecê-la, e não poderia perguntar ao rei se era verdadeira.

Por sua vez, ele não lhe dirigira uma única palavra, e Emma começou a imaginar se ao menos teria percebido que ela sabia falar a língua dele. Com certeza, pensou, Ælfric devia ter lhe informado. No entanto, tudo o que se passara entre eles até então fora a cerimônia religiosa, com frases em latim, e nenhum dos dois dissera mais do que as palavras que lhes eram atribuídas. Haviam lhe avisado que ela deveria aguardar que ele iniciasse a primeira

conversa, e assim ela fizera. Mas o rei tinha permanecido em obstinado silêncio.

Determinada a não esperar mais, Emma vinha tentando pensar em algum assunto, e decidiu então perguntar sobre os filhos dele. Alguns, pelo menos, tinham assistido ao casamento e à coroação, pois ela vira um grupo de crianças lindamente vestidas, acompanhadas pelo que supôs serem amas e preceptores, em um dos nichos laterais da catedral. Mas não estava vendo nenhum deles ali. Uma surpresa, pois esperava que pelo menos os mais velhos fossem participar da festa.

– Meu senhor – disse ela –, não vejo seus filhos aqui. Esperava conhecer todos eles hoje. Não lhes foi permitido participar do banquete?

O rei, usando um grande naco de pão para sugar meticulosamente o molho de uma fatia grossa de carneiro assado, continuou atento à tarefa como se ela não tivesse falado. Emma já estava perdendo a esperança de que ele respondesse quando, ainda focado no prato, Æthelred perguntou:

– Por que seu irmão mandou você em vez de sua irmã mais velha? Ela não aprecia os atrativos de um rei inglês?

Emma ficou petrificada, percebendo nas palavras dele um perigo que não correspondia ao tom displicente da voz. Então começou, pensou ela. Já precisava dissimular, dizer a ele apenas parte da verdade, só o suficiente para que ele não desconfiasse da intenção de seu irmão de descumprir o acordo.

– Minha irmã e eu fazemos o que nos mandam – falou despreocupadamente –, seja ou não o nosso desejo. Não pedimos explicações, e não pedi nenhuma a meu irmão sobre a decisão dele de me mandar para cá. – Era verdade. Ela pedira explicações à mãe, não a Richard. – Se pudesse arriscar um palpite, contudo, diria que ele receou que minha irmã, que não goza de boa saúde, não fosse ser forte o suficiente para cumprir os deveres de uma rainha.

Pensou no que aqueles deveres exigiriam que ela fizesse antes do fim daquela noite e tomou outro gole de hidromel.

– Talvez eu devesse ter insistido em sua irmã como minha consorte – retrucou o rei –, para não ter que lidar com a imposição de uma esposa que exigiu o título de rainha.

Ferida pela descortesia dele e por sua evidente insatisfação com o contrato de casamento que fizera, Emma limitou-se a olhar fixamente para Æthelred por um instante enquanto recuperava o fôlego. Então sentiu o peso

da coroa na cabeça, assim como o das palavras finais que seu irmão lhe dirigira. “Você deve exigir o respeito do rei.” Recompôs-se e respondeu:

– Acredito que meu irmão teria feito a mesma exigência, qualquer que fosse a irmã que lhe enviasse. E, como o senhor não insistiu em ter a minha irmã – continuou ela, escondendo seu desagrado com um sorriso –, em vez de uma esposa que talvez fosse um fardo para o senhor, agora tem uma rainha que pode compartilhar quaisquer adversidades que o destino possa lhe reservar. Tal é meu destino, meu *wyrd*, creio.

Usou de propósito a palavra que o conde Ælfric tivera tanto trabalho para lhe ensinar, esperando incitar o marido pelo menos à cortesia, se não ao respeito.

Depois que terminou seu pão com molho, o rei pegou sua taça e Emma se perguntou quantas vezes mais ele a esvaziaria antes do fim da noite. Æthelred continuou sem fitá-la, mas correu os olhos pela aglomeração de gente no salão abaixo deles.

– Você não passa de uma criança – murmurou. – Como pode saber das adversidades de...

Ele parou de falar no meio da frase e seu rosto empalideceu.

Emma acompanhou seu olhar e viu que um grupo recém-chegado de diversos homens com uma única mulher se aproximava rapidamente pela passagem central.

Æthelred fitou a aparição que vinha na direção dele, viu o espectro de seu irmão andando em meio à névoa enfumaçada do salão. Seu coração pareceu parar por um instante, e então, com horror ainda maior, percebeu que não se tratava de uma alma penada que fora ali para assombrá-lo. Aquele era um homem de carne e osso. Por Deus, aquele era Edward vivo outra vez, que saíra de seu túmulo para condená-lo. O rosto familiar do irmão o paralisou com uma acusação impiedosa e, embora ele tivesse balbuciado um protesto, a figura ameaçadora não se deteve.

Sua mão apertou a taça e seu coração bateu com tanta força que a garota a seu lado deve ter escutado, pois de repente ele sentiu os dedos dela agarrarem seu pulso.

Æthelred a afastou com um empurrão, esfregou os olhos, depois abriu-os outra vez. Edward continuava a avançar para ele através de faixas de luz e

sombra. O rei se levantou, prestes a chamar seus guardas. Mas, no instante em que levantou a mão, foi tomado pela incerteza e não deu o grito que lhe vinha aos lábios.

A figura se aproximou do estrado e ele viu, perplexo, que não era Edward, mas alguém muito parecido com ele. Então a confusão em sua mente se dissipou e ele reconheceu seu filho, Athelstan, que por algum truque do acaso ou do demônio assumira uma sinistra semelhança com o rei morto.

Æthelred praguejou baixinho diante da amarga ironia da situação. Sem dúvida, aquele era mais um castigo que lhe era destinado, ver o espectro que o assombrava no escuro agora olhando para ele na forma de seu filho mais velho. Sua mente resvalou para a lembrança de sua rainha garantindo que enfrentaria junto com ele as adversidades. O que ela acharia de dividir com ele o fardo da vingança de seu irmão morto?

Athelstan chegou ao estrado e Æthelred respirou fundo. Deus do Céu! Quanto tempo se passara desde a última vez que vira o rapaz? Devia haver quase um ano, e, no entanto, naquele curto período, seu filho amadurecera, pelo menos fisicamente, e passara de menino a homem. Por que, em nome de Cristo, ele tinha de se parecer com *aquela* outro?

Afinal, desviou os olhos do rosto do filho e só então reparou nos que o fitavam.

– Æl elm – murmurou para o conde, que se adiantara e flexionava um joelho em uma reverência para falar.

– Senhor meu rei – disse Ael elm –, suplico o seu perdão por nossa chegada tardia neste dia tão auspicioso. Tivemos obstáculos no caminho. – Levantou então os olhos e não havia nem sinal de arrependimento no rosto enrugado. – Devolvo-lhe seus filhos – continuou Æl elm, mas agora lançando à jovem noiva um olhar avaliador, após o qual sua boca se contorceu num sorriso escarninho. – Eles vieram cumprimentar sua nova... mãe.

Æthelred não respondeu. Seus olhos foram atraídos outra vez para Athelstan; ele ainda estava impressionado com a semelhança de seu filho com o falecido Edward. Finalmente, desviou o olhar para os outros. A prole de Æl elm ele conhecia – os dois filhos e a filha. Fitou a moça um pouco mais demoradamente antes de fixar a atenção nos próprios rebentos.

Todos deveriam ter estado presentes às cerimônias naquele dia. A chegada tardia no meio do banquete e a expressão desdenhosa de seus três filhos salientavam sua oposição ao casamento. Ele tivera razão em achar que conceder uma coroa à sua noiva causaria atritos. Já haviam começado, e o conde Æl elm sem dúvida atizara as brasas da desavença. Nada agradaria mais ao velho demônio do que indispor seus filhos contra ele, incitá-los ao ataque como uma matilha de cães de caça. Bem, que uivassem sua afronta para a lua, se quisessem. O que estava feito não tinha mais volta. Teriam de viver com as consequências, tanto quanto ele. Pousou os olhos no rosto ameaçador do filho mais velho e disse:

– São bem-vindos ao nosso banquete. Teriam prestado uma homenagem maior à minha rainha se tivessem chegado mais cedo, mas vão, recuperem as forças. Falaremos sobre isso em outra ocasião.

Voltou a sentar-se enquanto os convidados começavam a cochichar entre si. No dia seguinte haveria rumores na cidade sobre o estranho comportamento do rei na sua festa de casamento. Ele ergueu sua taça e, quando bebeu, sentiu o líquido aquecê-lo, acalmando seus nervos. Que cochichem. Seu irmão, o rei, estava seguramente morto e em seu túmulo.

Viu os filhos se misturarem à turba e não deixou de notar o olhar de ressentimento que a garota, Elgiva, lançou à nova rainha. Aquilo o divertiu. A alta posição e a riqueza de Elgiva garantiam-lhe um lugar no séquito da rainha. Por si só, ela seria provavelmente um fardo significativo nos ombros de sua nova esposa. Emma que aguentasse.

Fitou-a de soslaio e viu que o observava, os olhos arregalados de espanto e especulação. O rei franziu a testa. A moça o aborrecia, e ele queria se ver livre dela.

Ficou de pé outra vez e, quando ela se levantou junto com ele, anunciou:

– A rainha agora vai se retirar, e deseja boa-noite a todos.

As pessoas no salão levantaram-se em meio aos aplausos e habituais gritos obscenos, enquanto Emma erguia uma sobrancelha, surpresa. Mas nada disse, apenas dirigiu ao rei uma mesura graciosa e depois se virou abruptamente para seguir os criados que a conduziriam aos aposentos particulares de Æthelred.

Satisfeito por ter o tablado só para si, Æthelred sentou-se e dedicou-se outra vez à comida e à bebida. Cuidaria de sua rainha em momento oportuno.

Emma contemplou a grande cama real, suntuosamente guarnecida de cortinas e ornada de peles e almofadas com bordados primorosos. Havia sido instalada ali naquela mesma manhã, ela sabia, pois todos os itens do quarto de dormir do rei o acompanhavam aonde quer que ele fosse – tapeçarias para as paredes, tapetes de couro para o chão, as mais finas roupas de cama e peles para o leito, até as arandelas com velas e os braseiros, para iluminação e aquecimento do ambiente. Emma teve um pressentimento ruim, porém, ao olhar solenemente para si mesma. Nunca haveria velas suficientes, pensou, para iluminar aquele quarto. Toda a decoração era escura e opressiva, apesar de sua riqueza.

Seus próprios pertences já estavam a caminho de Winchester, pois ela não precisaria deles ali. Naquela noite, e enquanto o rei permanecesse em Canterbury, Emma dividiria com ele o quarto e a cama. Aquilo a fazia sentir-se apenas mais uma peça de mobiliário, como se fosse um cofre dourado ou uma almofada bordada.

Procurou afastar aquele pensamento quando as muitas mulheres que a haviam acompanhado do salão até ali começaram a prepará-la para receber o marido. Emma já fizera parte de um grupo incumbido daquela mesma tarefa quando sua irmã Beatrice se casou, e lembrava como Beatrice conversara e rira o tempo todo enquanto a despiam. Emma sentia-se entorpecida demais para falar, e submeteu-se em silêncio aos cuidados de suas damas.

Ela não conhecia a maioria daquelas mulheres, pois era uma honra concedida pelo rei ajudar sua noiva a se preparar para o leito. Ela fora autorizada a escolher apenas duas ajudantes de seu séquito normando, e assim Wymarc estava ali, bem como sua velha ama, Margot, parecendo uma pequena cambaxirra castanha em meio a todas aquelas damas refinadas.

Depois de ser despida de todo o seu rico traje de casamento e vestida com a delicada camisa de dormir que Gunnora bordara com as próprias mãos, Emma foi conduzida à cama. Trocou as devidas amabilidades com as mulheres da corte de Æthelred e depois as dispensou. Não tinha sido uma atitude muito diplomática, mas Emma não aguentava mais os olhares curiosos delas. Quando restaram apenas Wymarc e Margot no quarto, ela se deixou cair de costas nas almofadas da cama, exausta.

Um instante depois, Margot estava a seu lado, oferecendo-lhe uma taça de vinho.

– Este é um bom vinho normando – falou –, de sua reserva pessoal. Beba tudo, minha senhora. Vai lhe fazer bem.

– Deus a abençoe, Margot – disse Emma, sentando-se e segurando a taça.

Tomou um longo gole, depois lançou um olhar para a jarra ainda na mão de Margot.

– Ponha isso aqui, perto da cama, e é melhor servirem-se de uma taça também. Acho que ainda temos uma longa espera pela frente. Algo me diz que o rei não está com nenhuma pressa de vir se deitar com sua nova rainha hoje.

O sorriso infatigável de Wymarc apagou-se um pouco.

– Por que diz isso? Ele deveria estar ansioso para lhe dar atenção. Você é a mulher mais bonita no salão dele.

– Receio que beleza não seja uma grande vantagem – retrucou Emma devagar, fitando sua taça de vinho. – O rei parece lamentar sua... compra.

Ela levantou o olhar para Wymarc, cujo rosto se anuviou, cheio de apreensão.

– Isso não pode ser verdade – disse a jovem. – Por que ele lamentaria? Emma suspirou, exasperada.

– Não sei! Só sei que ele está mal-humorado, e esse mau humor é dirigido a mim. Praticamente me mandou embora do salão.

– Meu Deus... – murmurou Wymarc. Trocou um olhar preocupado com Margot, depois arriscou, esperançosa: – Não seria porque ele é apenas um noivo nervoso? É tão mais velho do que você... Talvez tenha medo de desapontá-la.

Era bondade de Wymarc procurar uma desculpa para o estranho comportamento do rei, mas ela não havia escutado as palavras ríspidas de Æthelred. Emma tomou outro gole de vinho, pensando com receio em como seria estar com ele na cama. Se fora tão frio à mesa, como seria no quarto?

Então se lembrou da expressão angustiada dele quando viu os filhos. Mostrara-se ainda mais alterado com eles do que com ela.

– Havia algo mais – disse. – Algo a ver com os filhos dele, que chegaram tarde à festa. Quando Æthelred os viu, ficou tão perturbado que pensei que estava tendo alguma espécie de convulsão. Ele se recompôs logo, mas me deu um susto.

Em seguida, Emma contou que tinha percebido uma tensão latente entre o rei e os filhos. Ainda ficava nervosa só de lembrar. A prole do rei tinha se comportado de maneira hostil, mas Æthelred não parecia zangado, e sim assustado. Havia arregalado os olhos e o rosto empalidecera de terror, como se ele estivesse diante da própria Morte.

– Quem sabe foi alguma das pessoas que os acompanhavam que assustou o rei – sugeriu Margot.

– Pode ser – concedeu Emma, a voz lenta, lembrando o homem mais velho que se dirigira ao rei.

Tinha o rosto vincado e enrugado, com um nariz achatado e olhos pequenos, maldosos – uma fisionomia desagradável, apavorante, por trás de uma espessa barba preta. Mas será que um homem, mesmo um como aquele, seria capaz de despertar o pavor do rei?

– Ah, Deus! – exclamou ela, abraçando os joelhos e mergulhando o rosto neles. – Há tanta coisa que ignoro... – Levantou a cabeça e estendeu a taça vazia para Wymarc enchê-la de novo. – O nome do tal homem é Æl elm – falou. – Amanhã de manhã, quero que Hugh descubra tudo o que puder sobre ele. Você precisa encontrar Hugh ainda hoje e dizer isso a ele.

– Claro – concordou Wymarc.

Emma reclinou-se outra vez nos travesseiros, segurando a taça com as duas mãos, repassando todos os acontecimentos do dia e tentando afastar seus pensamentos do que deveria ocorrer em seguida.

– Minha rainha – disse Margot baixinho de seu banco ao lado da cama –, sabe o que esperar do rei hoje?

Emma riu. De repente, tudo lhe pareceu cômico. Olhou para a taça em suas mãos e concluiu que talvez fosse por causa do vinho, pois realmente não havia nada de engraçado naquilo.

– Minha mãe conversou comigo – respondeu –, e Judith me contou sobre a noite de seu casamento. Mas acho que de certa forma minha experiência será menos... – ela pensou na melhor palavra – amistosa.

Margot assentiu.

– Judith devia conhecer o toque da mão de seu marido antes de se casarem, pois ficaram noivos durante muitos meses. Será diferente com você – disse ela com delicadeza –, pois nada sabe sobre seu senhor. Posso lhe dar um conselho, minha senhora?

Emma anuiu com a cabeça, ávida por qualquer conselho – qualquer coisa que lhe afastasse da mente a imagem aterradora de um dos belos garanhões de seu irmão cobrindo uma égua com o próprio corpo.

– Não deve ter medo – falou Margot –, não importa o que ele diga ou faça. O rei pode ser gentil com a senhora. – Ela respirou de leve e olhou para Emma com firmeza. – Ou pode não ser. Não tenho nenhum conhecimento sobre os ingleses, ou sobre reis, ou sobre esse Æthelred como homem. Porém, o que quer que ele faça, será melhor para a senhora se estiver dócil e calma. – Ela sorriu. – O vinho vai contribuir para isso, com certeza. Mas neste quarto, e sobretudo nesta noite, é preciso relaxar completamente todas as partes de seu corpo, deixá-las macias para melhor aceitar a dureza dele, se é que me entende.

– Sim – assentiu Emma –, creio que entendo.

Parecia-lhe uma tarefa impossível, contudo, de tão frágil que se sentia, como se pudesse se quebrar em mil pedaços ao menor toque.

– A senhora tem que usar sua mente – prosseguiu Margot. – Talvez não seja preciso, é claro. Ele pode ser o tipo de homem que amansa uma mulher como um bom cavaleiro amansa um cavalo. Se ele agir assim, se usar as mãos para acalmá-la, será fácil reagir da mesma forma. Apenas siga as orientações dele. Mas a senhora é uma amazona, milady. Sem dúvida já viu alguns homens que tratam seus cavalos de maneira furiosa, nada gentil. Quanto mais o animal resiste, pior para ele.

– Ela não é um cavalo! – protestou Wymarc, a fisionomia perturbada pelas palavras da mulher mais velha.

– Não, não é – concordou Margot –, pois ela tem uma mente afiada, e pode usá-la. Se for preciso, deixe sua inteligência levá-la para qualquer tempo ou lugar que possa acalentá-la. Espero que não tenha de fazê-lo, mas deve lembrar que sua mente pode lhe proporcionar um refúgio em caso de necessidade.

A grande vela entalhada no quarto assinalou a passagem de duas desgastantes horas antes que Emma enfim escutasse a pesada porta se abrir. Margot e Wymarc se levantaram quando o rei entrou, acompanhado de seis de seus conselheiros. Emma olhou para Æthelred com uma expressão cautelosa, pensando nas palavras de Margot e tentando não enrijecer o corpo. Ainda assim, sentiu o coração bater mais forte quando o rei fez sua

entrada majestosa, agora sem coroa, embora ainda envolto em seu magnífico manto azul e dourado.

– Saíam – ordenou ele aos acompanhantes, dispensando-os com um gesto.

Num instante, estavam somente os dois no quarto.

Æthelred parou a alguns metros da cama e baixou o olhar para ela. Emma procurou sinais de que ele estivesse de alguma forma pior por efeito da bebida. Sabia muito bem que banquetes de casamento muitas vezes terminavam em excessos, e chegara a torcer para o rei estar embriagado demais de cerveja, vinho ou hidromel, ou os três, para querer alguma coisa com ela. Mas ele não oscilou e andou em linha reta enquanto Emma o observava, e ocorreu-lhe que talvez ele estivesse mais sóbrio até do que ela.

– Levante-se – ordenou ele – e tire a roupa. Quero ver o que comprei.

O comando fez uma onda de choque percorrê-la. Nada do que tinham lhe dito a havia preparado para aquilo. Confirmava sua impressão de que Æthelred a via apenas como uma propriedade. Emma disfarçou o ressentimento, porém, e tentou relaxar os músculos, fazendo o possível para seguir o conselho de Margot. Sem uma palavra, deslizou rápido para fora da cama, desfez os laços das fitas em seu pescoço e deixou a camisola cair no chão a seus pés.

Abençoou Margot num sussurro, porque o vinho que havia tomado tornou a tarefa ridícula em vez de custosa. Precisou conter a vontade de rir. Sempre ficava nua na frente das criadas que a lavavam, e esforçou-se para encarar a situação da mesma forma. O quarto estava frio, no entanto, apesar do braseiro de carvão, e ela sentiu os mamilos se enrijecerem. Levantou um pouco o queixo e, tonta em razão do vinho, sentiu-se muito tentada a pedir ao rei que se despisse para que ela também o examinasse, mas achou melhor ficar calada. Seria algo novo para ela, e não tinha a menor ideia de como poderia reagir à sua primeira visão de um homem nu. De qualquer forma, ele teria de se despir mais cedo ou mais tarde. Só lhe restava esperar.

Æthelred olhou com ar carrancudo para sua noiva, o desejo lutando com a desconfiança. Perturbava-o o fato de ela ter atendido tão prontamente à sua ordem rude. Falara movido pela raiva – de seus conselheiros, por lhe infligirem aquele casamento, do irmão dela, exigindo uma coroação, e de Æl elm, que sua alma queimasse no inferno, por virar seus filhos contra

ele. Nada disso era culpa da moça. Agora, porém, que ela se despira na frente dele de maneira tão despidorada, via-se obrigado a imaginar por quê.

Praguejando, dirigiu-se à mesinha onde havia uma jarra e serviu-se de uma taça de vinho.

– Você é virgem? – perguntou.

Isso seria uma explicação para Richard ter-lhe impingido a irmã mais nova. Era material usado. Não se espantaria se estivesse carregando um fedelho normando na barriga.

Fitou-a por cima da borda da taça e viu que seu corpo inteiro se ruborizara por causa da pergunta dele.

– Sou virgem – respondeu ela. – Sou também sua rainha, e não admito ser tratada como uma meretriz da sarjeta.

Ele engoliu o vinho, jogou a taça no chão e começou a tirar as roupas.

– Você é rainha graças a mim – rebateu. – É bom que se lembre disso. E, pela manhã, quando o conselho vier inspecionar a roupa de cama, saberemos ao certo se você é ou não uma meretriz da sarjeta, como tão vividamente definiu. Agora, vá para a cama e vamos resolver logo essa questão.

Mais tarde, quando ela dormia a seu lado, Æthelred fitava as chamas das velas acesas junto da cama. Cumprira seu dever de rei e de marido da maneira mais eficiente possível. A moça, era preciso reconhecer, fizera o mesmo. Não era uma meretriz, em sua opinião. Ficara deitada por baixo dele tão passiva e maleável quanto um gato adormecido. Ele esperava algo melhor, depois de vê-la nua como uma deusa viking, mas ela o decepcionara.

Melhor assim. Queria ter o mínimo possível de interação com ela – só o suficiente para satisfazer às exigências da Igreja e de sua posição como rei.

Fechou os olhos e, naquela escuridão, seus pensamentos desviaram-se para a esposa morta. Tinha apenas 17 anos quando se casou com ela, que na época tinha 20. Durante todos os muitos anos de seu casamento, nunca a vira nua. Quando se deitavam juntos, ela se comportava como uma freira, tensa de repugnância pelo ato que era forçada a suportar. Apesar de nunca o ter repellido, tolerava a tarefa todas as vezes em virtuoso silêncio, e provavelmente rezava o tempo inteiro. Sempre que engravidava, informava-

o de imediato, demonstrando contentamento indisfarçável, pois enquanto estava em fase de gestação não tinha de atender à satisfação da atividade carnal que achava tão odiosa. Ficava sempre mais feliz quando estava grávida. Ele também ficava contente, pois encontrava prazer em outros lugares, com mulheres que abriam as pernas para ele com prazer.

Sentou-se na cama para contemplar a moça encolhida entre as peles, o cabelo espalhado pelos travesseiros, claro como prata à luz das velas. Não pareceu sentir repulsa pelo ato. Ele até mesmo a surpreendera examinando-lhe a fisionomia com distanciamento e perplexidade quando a penetrara, o que o fez se perguntar o que estaria se passando por sua mente.

Talvez fosse possível estabelecer laços com ela, se ele dedicasse algum tempo a isso. Era jovem e inexperiente o bastante para ser treinada como amante. Poderia ser bastante agradável dividir a cama com ela.

Mas isso lhe daria certo grau de poder sobre ele, e como sua rainha ela já detinha poder demais. Ele não queria uma rainha – maldição, não queria nem uma esposa –, e no entanto lá estava ela.

Deitou-se de novo, de costas para o corpo ao lado do seu na cama.

Não devia nada àquela garota. Iria usá-la para seu prazer porque a sua nudez o excitava. Plantaria sua semente no ventre dela e mandaria o padre da corte rezar uma missa rogando aos Céus por uma filha. Além disso, não lhe daria nada além do que o contrato de casamento exigia dele. O título de rainha teria de satisfazê-la, pois isso e um bebê eram só o que receberia dele.

Capítulo Dez

Abril de 1002

Canterbury, Kent

Na segunda-feira de Páscoa, mais de cem mulheres reuniram-se no grande salão do palácio do arcebispo para saudar a noiva de Æthelred. Elgiva chegou tarde, com Groa em seu rastro. Quando tentava abrir caminho para chegar junto ao estrado, uma matrona gorda fedendo a cravo-da-índia comprimiu-se contra ela, e o cheiro fortemente adocicado da especiaria quase fez a desgraça de Elgiva. Num instante, voltou a ser criança, escondida no baú de roupas da mãe – sem poder se mexer, quase sem conseguir respirar, fraca demais para sair dali e envolta em escuridão, em cheiro de cravo-da-índia e num pânico irracional.

O mesmo terror se apoderou dela agora, e a jovem começou a choramingar ao mesmo tempo que tentava se desvencilhar do odor e da multidão que a engolfava. Nauseada e quase perdendo os sentidos, cobriu o rosto com o manto, mas isso não bastou para bloquear o cheiro pungente. Sentiu o estômago revirar e pensou que iria vomitar, mas Groa segurou-lhe a mão e a apertou para acalmá-la.

– Vamos para perto da parede – disse Groa em tom decidido. – Vai conseguir respirar melhor lá.

Nervosa e tonta, Elgiva a seguiu às cegas, enquanto a mulher avançava às cotoveladas em meio às senhoras nobres que protestavam. Sentindo-se cada vez mais fraca, Elgiva agarrou-se à mão de Groa e afinal chegaram à parede. Quando ela se deu conta, Groa já desocupara um banco de espectadoras boquiabertas e a ajudava a sentar. Uma rajada de ar frio vinda de uma janela

estreita alcançou-lhe o rosto e ela respirou fundo, deliciada, livre do cheiro de cravo e de roupas de lã molhadas.

Logo sua tonteira começou a se dissipar e ela apoiou na parede a cabeça que agora latejava, enquanto Groa se sentava a seu lado no banco para assistir ao que se passava no ponto mais alto do salão. Quando Elgiva viu a nova rainha, porém, seu estômago ficou embrulhado outra vez. Emma, ladeada por guardas e damas, estava acomodada num trono sob um baldaquino dourado. Suntuosamente envolta num manto de um azul intenso, o cabelo louro preso em duas longas tranças, ela levava na cabeça o mesmo diadema que o arcebispo lhe colocara na véspera.

– Deveria ter sido você – disse Groa, baixinho.

E era mesmo verdade. Aquela bruxa normanda desbotada e insípida passara a perna em seu destino. Quem teria imaginado que Æthelred escolheria uma noiva estrangeira e ainda por cima a faria rainha? Isso nunca deveria ter acontecido. O rei fizera a opção errada e o pai dela não era o único a dizer tal coisa. Àquela altura, até o rei já devia ter se dado conta de seu erro. Não lhe passara despercebida a maneira como ele a olhara demoradamente na véspera, enquanto estava parada junto com os filhos dele perto da mesa real. Se já não estava arrependido de sua escolha da noiva, com certeza se arrependeria mais à frente.

Um infindável desfile de mulheres fazia reverência à rainha, oferecia-lhe seus presentes e em troca recebia pequenas lembranças dela – um grampo de cabelo ou um broche, e sempre de prata. Ao que parecia, a rainha sabia como comprar afeto. Bem, Emma não compraria o de Elgiva, por mais precioso que fosse o presente.

Por Deus! Por quanto tempo ela seria obrigada a conviver com aquela mulher? Meses, com certeza. Talvez até anos.

Sentiu-se nauseada outra vez ao pensar em ter de fazer mesuras e ser subserviente a Emma, mas até isso, pensava, era melhor do que mofar em Northamptonshire. Aquela rainha pelo menos era jovem – a anterior era mais velha até que o rei.

E, gostando ou não, ela seria uma das damas da corte. Seu pai deixara isso claro durante a refeição que fizeram juntos naquela manhã.

– Você precisa ser meus olhos e meus ouvidos na corte – dissera ele –, pois viajarei para o norte no final da semana e ficarei lá até o *witan* se reunir de novo no verão. Quero que faça todo o possível para conquistar a

confiança da rainha. Ela agora é pouco mais do que uma refém que depende do bom comportamento do irmão, porém, se der um filho ao rei, não há como saber quanto poder será capaz de obter e utilizar.

– Que Deus não permita que ela dê um filho a Æthelred – murmurara Elgiva em resposta.

O pai limitou-se a dar de ombros e deixá-la a sós. Ela ficou cutucando a comida, conjeturando se poderia afinal se insinuar na cama de Athelstan, ou talvez na do rei.

Ruminava outra vez aquela possibilidade quando Groa tocou seu braço.

– É melhor se adiantar, minha senhora, se quiser saudar a rainha. Vou conduzi-la através da multidão.

Então estendeu-lhe o presente que ela deveria oferecer à noiva.

Elgiva respirou fundo mais uma vez e deixou que Groa a ajudasse a levantar do banco. Não se importava com o que seu pai queria. Não iria sorrir e bajular aquela mulher como as outras idiotas ali. Tinha ouvido as conversas delas no dia anterior – os cochichos sobre a jovem e bela rainha e sua linhagem nobre. Emma, segundo diziam, recebera o nome de sua mãe, a irmã do rei frâncico que se casara com o pai de Emma quando os dois mal tinham saído da infância.

Aquilo tudo não passava de uma história de bardos, de *skalds*, inventada, tirada de raios de sol e poeira de lua, provavelmente espalhada pelo próprio rei para aumentar o prestígio da noiva. Groa descobrira a verdade e Elgiva pretendia fazer as mulheres da corte tomarem conhecimento do segredo da rainha.

Quando ela enfim chegou ao trono coberto com o baldaquino e o encarregado anunciou seu nome e títulos, ela fez sua reverência obrigatória diante de Emma, porém permaneceu séria. Não iria sorrir com afetação para aquela rainha, apesar de ter escolhido o presente nupcial com muito cuidado. Terminou a mesura e estendeu-lhe o pequeno cofre de marfim primorosamente lavrado. Na tampa, um impetuoso navio navegava em um mar de marfim e, na parte de trás e nos lados do cofre, um monstro das profundezas se contorcia.

– Ofereço-lhe um tesouro de Jorvik, capital do vasto distrito da Nortúmbria, que pertence a meu pai – disse ela, elevando a voz para que todas as mulheres a seu redor pudessem ouvir. – É uma obra de origem dinamarquesa, e portanto um tributo adequado à nossa rainha

dinamarquesa. Sua mãe, segundo me disseram, é dinamarquesa. Não é verdade?

As palavras ecoaram na sala, e Emma sentiu um tremor suceder-se a elas, como o rumor que precede um relâmpago. Os dinamarqueses não eram muito queridos na Inglaterra de Æthelred, e Emma suspeitava que a origem de sua mãe provavelmente havia sido um segredo real – até aquele momento. Poucos fora da Normandia teriam se preocupado com as práticas de casamento do duque normando que tivera duas esposas ao mesmo tempo – uma delas uma herdeira dinamarquesa que lhe dera terras e filhos e a outra uma princesa frânica estéril que ele não quisera.

Emma olhou dentro dos olhos escuros e triunfantes da moça diante dela e viu neles o mesmo desdém que detectara no rosto do conde Æl elm na noite anterior. Tal pai, tal filha, então. Precisava ainda descobrir a fonte da inimizade deles, mas teria de começar a lidar com ela naquele exato momento.

– É verdade, Lady Elgiva, que minha mãe nasceu na Dinamarca. Eu, no entanto, nasci na *Normandia* – disse ela, enfatizando a última palavra, e então se levantou para que pudesse ser vista facilmente, dirigindo suas palavras seguintes a todas as mulheres no salão. – Ontem, quando me casei com seu rei, nasci de novo diante de Deus e de todo o mundo como mulher e rainha inglesa. – A sala irrompeu em aplausos desenfreados, e Emma agradeceu com um sorriso antes de voltar o olhar solene para Lady Elgiva. – Agradeço-lhe, senhora, por seu presente. Ele simboliza, creio eu, sua fidelidade a mim e ao meu marido. Como prova do meu reconhecimento a sua honorável posição entre minhas damas, peço-lhe que aceite este anel.

Emma tirou um anel de ouro do dedo e colocou-o na palma da mão de Elgiva. Duvidava que o gesto fosse conquistar a amizade da jovem, muito menos sua fidelidade. No entanto, precisava se esforçar, pois Elgiva faria parte de sua comitiva e moraria no conjunto de aposentos reservados à rainha. Receava que seria como viver com um lindo pássaro com uma péssima tendência para bicar.

Æthelred cozinhou os três filhos mais velhos em banho-maria por vários dias antes de convocá-los a seu aposento particular. Como não tinham

demonstrado nenhuma pressa em comparecer a seu banquete de casamento, iria deixá-los esperar a seu bel-prazer para interrogá-los sobre o assunto.

Sabia que se ressentiam da existência de sua rainha, temendo que um filho de Emma pudesse ter mais direito ao trono do que eles.

No entanto, ainda era ele quem usava a coroa, ainda era ele quem seus filhos deveriam aplacar, não o contrário. Aparentemente, precisavam ser lembrados disso.

Encarando-os enquanto entravam no quarto, Æthelred não disse uma palavra sequer. Que suassem um pouco mais. Athelstan fitou os olhos do pai sem piscar, mas havia uma interrogação inquieta em seu olhar. Edmund, o moreno, não se atreveu a sequer levantar a cabeça. Ecbert sorriu acanhado até a expressão de Æthelred varrer o sorriso idiota do rosto dele.

– O que têm a me dizer? – indagou o rei num rosnado, dirigindo-se a Athelstan, cuja fantástica semelhança com o morto Edward continuava a afligi-lo como uma repreensão constante.

– Por que deu uma coroa a ela? – quis saber o filho mais velho.

Edmund estremeceu, e não era para menos. A pergunta era direta demais. Æthelred controlou-se, mas a muito custo.

– Então é assim que você questiona a política de seu rei, como se estivesse no mesmo nível que eu? Quem, em nome de Cristo, você pensa que é para fazer isso?

– Sou seu herdeiro – retrucou Athelstan, eriçado como um porco-espinho. – Tenho todo o direito de perguntar. O senhor levou uma esposa normanda para a sua cama e fez dela sua rainha. O que espera que eu faça, que lhe deseje felicidades? Devo fingir que meus próprios interesses não estão em jogo?

– Você não tem outros interesses além dos que lhe concedo – vociferou Æthelred. – Não tem somas de dinheiro, nem propriedades, nem poderes além dos que foram outorgados por mim. Cristo! Você é jovem demais para ter até um pensamento que não esteja de acordo com meus desejos.

– Está errado quanto a isso, meu senhor. Na realidade, tenho muitos pensamentos, e creio que praticamente nenhum deles esteja de acordo com os seus desejos.

– Então não deveria lhe surpreender – rebateu Æthelred – o fato de eu não ter lhe pedido sua opinião antes de tomar a decisão de me casar.

O filho ruborizou, magoado.

– E, no entanto – falou –, isso de fato me surpreendeu. Surpreendeu a todos nós. Por semanas, esperamos um chamado seu, meu senhor, convocando-nos para comparecer ao seu conselho. Em vão. Diga-me, então: com quem se aconselhou? Qual de seus brilhantes conselheiros o incentivou a dar uma coroa a uma noiva estrangeira? Garanto que não foi o conde Æl elm. Não é segredo a convicção dele de que o senhor é um louco ou um tolo.

Então, ali estava. Era daquilo mesmo que ele desconfiava o tempo todo. Æl elm tinha virado até os próprios filhos contra ele.

– Quer dizer que Æl elm os convenceu do ponto de vista dele? – disse o rei. – Todos vocês? – Olhou com dureza para os filhos, um de cada vez, mas nenhum respondeu à pergunta. Até mesmo Athelstan parecia agora um tanto surpreso com a audácia das próprias palavras. – Quando os coloquei sob a liderança de Æl elm, sabia que ele tentaria influenciar suas mentes contra mim, mas esperava que meus filhos mostrassem mais fidelidade a seu pai e seu rei. Ao que parece, minha confiança foi em vão.

– Meu senhor – falou Athelstan, agora em tom apaziguador –, não tive a intenção de...

– Sei exatamente qual foi sua intenção. Você se revelou em palavras e atos. Já que tem meu casamento e minha noiva em tão baixa conta, está banido de minha presença e de minha corte. Recolham-se a St. Albans, vocês três, até que eu os chame de volta. O lorde Æl elm ensinou-os a questionar seu rei. Vamos ver se os bons irmãos da abadia podem ensiná-los a ter paciência e humildade. Agora saiam.

Ao deixar os aposentos do rei, Athelstan parou, atordoado pela própria temeridade e por aquilo a que ela levava. Sentiu os olhares acusadores dos irmãos, receando as críticas que sabia que viriam.

– Correu tudo muito bem – ironizou Ecbert. – Banidos em St. Albans até Deus sabe quando. Obrigado, mano.

– Só um tolo chama o rei de tolo – acrescentou Edmund.

– Não o chamei de tolo – objetou Athelstan.

– Não – retrucou Edmund. – Você o chamou de tolo e de louco. Foi ainda melhor! O que deu em você para falar com ele daquela maneira?

– Ele me mandou dizer o que eu pensava e eu obedeci. Sim, admito, cometi um erro. Achei que ele quisesse mesmo saber minha opinião.

– *Jesu*, Athelstan! Ele nem precisava perguntar. Está escrito em seu rosto há dias.

– O que você queria que eu fizesse? Beijasse a mão dele e desejasse que fosse feliz entre as pernas de sua nova rainha? Ele logo veria que não estava sendo sincero.

– Não poderia ter encontrado um meio-termo? – insistiu Edmund. – Você prejudica a própria causa sendo tão brusco! Seu desejo é exercer alguma influência sobre as decisões do rei, mas como fazer isso se fomos banidos da corte?

– Poderia ter sido pior – disse Ecbert, animador. – Ele poderia nos ter mandado para Glastonbury, onde teríamos de passar o verão nos pântanos lutando contra os mosquitos. St. Albans pelo menos fica em terra firme e, a cavalo, a um dia de distância de Londres, com uma porção de estalagens e tabernas pelo caminho.

– Cale a boca, Ecbert – ordenou Athelstan, ríspido. – O rei nos vê como crianças e, enquanto for assim, jamais conseguiremos influenciá-lo.

– A noiva dele é da mesma idade que você – retrucou Edmund. – Evidentemente, ele não a considera uma criança. É melhor torcermos para que ela não exerça mais influência sobre ele do que nós.

Isso, em especial, abalou Athelstan. Eles passariam as próximas semanas ou os próximos meses em St. Albans, enquanto a nova rainha estaria na cama de seu pai. E se lhe desse um filho homem? A profecia da vidente ainda ressoava como um aviso em sua cabeça, e ele não encontrava uma forma de dar sentido a ela, a não ser que a noiva normanda de seu pai convencesse o rei a deserdar os filhos mais velhos.

Capítulo Onze

Julho de 1002

Arredores de Winchester, Hampshire

Emma, no interior da *wain* real com Wymarc e Margot, correu os olhos pelo campo de Hampshire iluminado pelo sol – a cena emoldurada por cortinas que tinham sido presas nas laterais da janela a fim de deixar luz e ar entrarem. A paisagem era a única coisa agradável naquela etapa da viagem, pois os almofadões colocados sobre o assento embaixo dela pouco absorviam o choque dos solavancos ao longo da estrada cheia de sulcos. Ela não sabia que tipo de viagem era mais desconfortável: a bordo de um navio que não parava de balançar ou dentro de uma caixa com rodas que a fazia ranger os dentes. A caixa, pelo menos, estava sempre seca, mas o pesado veículo movia-se tão devagar atrás dos vagarosos bois que o puxavam que Emma tinha certeza que seria mais rápido ir a pé.

Sentia-se aliviada por aquela longa e penosa jornada para o castelo real de Winchester estar quase no fim. Passariam aquela noite numa abadia e, no dia seguinte, escoltada por uma delegação de membros do clero e cidadãos proeminentes, chegaria à cidade que deveria ser seu novo lar.

O padre Martin conhecia Winchester bem, e a descrevera como uma bela cidade murada em meio a florestas, campos e pastagens no coração das terras reais de Wessex. No entanto, vendo todas as diferentes tonalidades de verde sob o céu azul e branco, sentiu uma saudade repentina do mar. Ali Emma não poderia cavalgar na areia da praia, sentindo os borrifos de água salgada no rosto, não haveria as falésias brancas nem o grito das aves marinhas que de vez em quando enchiam a atmosfera de Canterbury.

Chegaram então a uma curva da estrada e, por alguns instantes, ela avistou Æthelred montado no cavalo que ela lhe dera de presente de casamento – um garanhão mosqueado cinzento que Richard ajudara a escolher. Emma suplicara para cavalgar com o rei naquele dia, mas o pedido fora recusado por uma série de razões que seu camareiro havia enumerado para ela de maneira enfadonha. Assim, era a favorita do rei, Elgiva, quem ia ao lado dele, as saias do vestido puxadas por cima dos joelhos, revelando as pernas bem torneadas que as finas meias colantes pouco escondiam.

Emma não ficou surpresa em saber que Æthelred costumava ter favoritas entre as damas da corte. Fora algo que seu irmão lhe prevenira ser possível de acontecer, dizendo-lhe que seria tolice da parte dela demonstrar qualquer contrariedade a respeito. Era uma prerrogativa do rei, acrescentara ele.

Emma poderia conviver mais facilmente com a prerrogativa de seu marido caso ele escolhesse outra que não Elgiva. Ela descobrira bem depressa a origem do mal disfarçado desprezo da jovem por ela: Lady de Northampton alimentara esperanças de ser ela mesma a se casar com o rei, e, não podendo castigá-lo por tê-la preterido, resolvera dirigir seu rancor a Emma, a usurpadora.

Havia milhares de maneiras de semear discórdia em um grupo de mulheres que viviam juntas, e Elgiva parecia determinada a utilizar todas. Olhares altivos, observações indelicadas, boatos sem fundamento e histórias maliciosas haviam criado uma nítida divisão entre as acompanhantes inglesas e normandas de Emma, e ela não tinha qualquer esperança de algum dia encontrar uma forma de reverter isso. Os esforços ostensivos de Elgiva para atrair os olhares do rei não ajudavam.

Além de tudo, havia algo no caráter de Elgiva que perturbava Emma. Ela não sabia dizer se seria a crueldade indiferente de uma criança mimada ou algo mais sombrio que se escondia sob a pele clara e os olhos bonitos. Emma se perguntava se o rei não percebia. Ou talvez percebesse, e fosse isso que mais o intrigava – a atração do sombrio pelo sombrio.

Pois ainda que conhecesse muito pouco sobre Æthelred como homem, sabia que havia uma sombra em sua alma que ela não conseguia decifrar. Ele tinha muito medo, aquele rei. Emma vira esse temor no banquete de seu casamento e, durante os três meses que partilhara a cama com ele, Æthelred fora atormentado por pesadelos. Às vezes ela acordava à noite com o quarto

todo iluminado por velas e via o rei andando devagar de um lado para outro, murmurando coisas – preces ou pragas, ela não saberia dizer.

Perguntava-se o que ele via naquelas longas vigílias noturnas, mas não tinha coragem de tentar penetrar nas imagens sombrias da mente dele – fossem sombras de lembranças ou de acontecimentos ainda por vir. Æthelred a excluía de seus pensamentos e até mesmo de sua presença, como se estivesse construindo uma parede entre eles – ou melhor, em torno dela, pois Emma era mais uma prisioneira do que esposa ou rainha.

Via-o apenas durante os banquetes formais no salão ou no tenso e frio silêncio de sua cama. Em Canterbury, não recebera permissão para cavalgar nem caçar com ele – por preocupação pela segurança dela, segundo o que lhe tinham dito. Não passava de uma refém estrangeira em quem seu senhor não confiava. Era constantemente vigiada pelas mulheres que a serviam, e toda carta que enviava ou recebia da Normandia passava antes pelas mãos do rei.

Acordava todos os dias temendo que chegassem a Æthelred más notícias sobre seu irmão ou sobre algum terrível ataque viking pelo qual Richard pudesse ser responsabilizado. Se isso acontecesse, o que o rei faria com sua refém? Até aquele momento, os temores de Emma tinham sido infundados, mas as rotas marítimas ainda ficariam abertas por muitas semanas e, até que as tempestades de inverno impedissem os drácares de se aventurarem pelas costas inglesas, ela, assim como o rei, não descansaria com facilidade à noite.

Contemplou a linda terra verdejante e disse a si mesma que não devia perder as esperanças. Mas duvidava que algum dia viesse a sentir que pertencia àquele lugar, ou que pudesse gostar do rei melancólico que o governava.

A estrada fez outra curva e mais uma vez ela viu Æthelred com Elgiva a seu lado, o cabelo negro ondulando à brisa.

– Gostaria de saber se o rei confia em Elgiva e se ela gosta dele de verdade – falou Emma.

Wymarc torceu a boca numa careta desdenhosa que não lhe era característica.

– Elgiva não gosta de ninguém a não ser de si própria. Pensando bem, a única pessoa que gosta mais dela do que ela mesma é Groa, aquela bruxa velha. Acho que pensa que Elgiva mija água benta.

Margot dirigiu-lhe um olhar de repreensão.

– Basta – disse.

– Mas é verdade – insistiu Wymarc. – Groa adora aquela garota. Não notaram? Elgiva deve ter enfeitiçado a mulher. E o rei também, aliás.

– Não julgue Groa com tanta severidade – ralhou Margot. – Não admira que ela ame tanto a moça. Elgiva é a única coisa boa na vida da pobre mulher.

Wymarc olhou espantada para Margot.

– Por que diz isso? O que sabe a respeito de Groa que nós desconhecemos?

Margot contraiu os lábios, olhou de Wymarc para Emma, depois deu um pequeno suspiro.

– Quando Groa era jovem, durante um ataque, foi levada de casa, em algum ponto distante do norte. Seu captor era um dos *thegns* de Æl elm, que manteve Groa como uma de suas concubinas. Ela lhe deu seis filhos, e todos morreram antes de completarem 1 ano. Seu homem morreu também, quando Groa esperava o último bebê, e quando o pequeno morreu em seu seio, deram-lhe Elgiva para amamentar. – Ela suspirou de novo. – Desde então, a garota é tudo para ela.

Pobre Groa, pensou Emma. Era uma criatura de fisionomia carrancuda, dura, fria e cortante como uma espada com todos a não ser Elgiva. Seria possível a amargura e as perdas fazerem uma mulher ficar assim? Quando viessem as desventuras, ela também precisaria endurecer para não ser destruída?

Wymarc parecia igualmente abrandada por esse vislumbre da vida da velha ama de Elgiva, pois ficou em silêncio por algum tempo, contemplando os campos de cereais que passavam.

– Admito que ela deve ter sofrido – resmungou ela –, mas Groa não ajuda sua senhora defendendo-a até quando sabe que ela está errada. Garanto que Elgiva faz o que quer porque sempre permitiram. Olhem para ela agora, cavalgando junto ao rei com o vestido levantado quase até a cintura. Não fica bem.

– Se o rei pede a Elgiva que o acompanhe – murmurou Emma –, ela não pode recusar.

E se o rei pedisse ainda mais a Elgiva? Emma não acreditava que o conde Æl elm fosse aprovar uma relação ilícita entre sua filha e o rei. Elgiva era valiosa demais no mercado de casamentos para ser desperdiçada. Mas

Æl elm seguira para suas terras no norte, e se o rei quisesse levar a filha dele para a cama, não haveria quem o impedisse.

Quase inconscientemente, Emma pressionou o cinto que trazia bem ajustado à cintura. Seu ventre ainda não estava gerando um filho do rei, e já havia três meses. Não podia deixar de pensar na história de sua família. Sua mãe tivera seis filhos enquanto era consorte de um duque com quem não era casada e cuja mulher frâncica morrera jovem, infértil e infeliz. Se Elgiva seduzisse Æthelred para fora da cama de Emma, Emma poderia estar destinada a não engravidar. E, sem um filho para protegê-la, estaria à mercê do rei e dos filhos *dele*.

Tentara fazer amizade com os três mais velhos quando retornaram de seu exílio de oito semanas em St. Albans. O mais velho, Athelstan, recebera suas tentativas com frio desdém, que vez por outra substituía por uma gélida cortesia. No salão, às vezes ele nem se dava o trabalho de disfarçar seu desagrado. Olhava-a com desprezo, como se ela fosse uma criatura bizarra de outro mundo – o que, de certa forma, Emma achava que era mesmo.

Ecbert, um ano mais novo do que ela, parecia não saber como agir em sua presença. Era um sujeito afável por natureza, e estava sempre com um sorriso enviesado. Sempre que a via, contudo, dava um jeito de recompor a fisionomia e franzia a testa. Não conseguia manter a expressão carrancuda por muito tempo, porém, e Emma de vez em quando o surpreendia observando-a com tímido interesse.

Era Edmund quem parecia se ressentir mais dela. Tinha 14 anos, mas era um rapaz austero que dava a impressão de ser muito mais velho. Nunca a cumprimentava sem exhibir um ar de desagrado e jamais falava com ela se pudesse evitar – e, quando o fazia, só usava monossílabos.

Tivera muito mais sorte com os filhos mais novos de Æthelred. Para sua surpresa e alívio, pareciam aceitá-la com imparcialidade, se não com entusiasmo, encarando-a como se ela fosse apenas mais uma das muitas mulheres que supervisionavam seus estudos e cuidados diários. Imaginou que talvez não tivessem sido muito chegados à mãe, pois nunca falavam nela, e nem as meninas pareciam sentir muito sua falta.

Emma só não havia conhecido uma das garotas – Mathilda, a mais nova, que ainda não tinha chegado aos 2 anos. A menina fora instalada num convento logo depois da morte da mãe. Não era incomum as filhas de reis e de senhores abastados serem consagradas a Deus, mas Emma achava

doloroso aquela criança ter uma existência tão restrita desde cedo. Não podia se imaginar entregando uma filha a uma vida assim.

Nenhum dos filhos de Æthelred iria para Winchester de imediato. Os mais velhos tinham partido para cuidar de negócios próprios e os mais novos foram mandados para uma propriedade no campo. O objetivo declarado era dar ao rei e à sua nova esposa mais tempo sozinhos, sem serem incomodados pelos filhos da primeira mulher dele. Emma achou graça quando escutou isso, pois gostava muito mais dos filhos mais novos do rei do que do próprio rei.

Em agosto, porém, todos eles voltariam para Winchester. Quando isso acontecesse, ela deveria recebê-los como mãe e amiga. Se não pudesse dar um filho ao rei, precisaria do apego dos enteados, porque sua própria segurança – sua vida, na verdade – poderia estar nas mãos deles no futuro. Tinha certeza que conseguiria conquistar o afeto dos mais novos. Os três mais velhos – Athelstan, Ecbert e Edmund – é que representavam o verdadeiro desafio. Precisaria convencê-los de alguma forma de que não constituía uma ameaça. Mas como fazer isso quando os três sabiam que o principal objetivo dela era dar à luz um filho que seria seu rival no afeto e na liberalidade do rei – e quem sabe, um dia, até mesmo no trono?

Capítulo Doze

Agosto de 1002

Winchester, Hampshire

Æthelred estava em seus aposentos particulares, parado perto do vão de uma janela iluminada, e saudou a chegada de seu filho mais velho com um resmungo. Previa outra explosão de ressentimentos como a que tivera de suportar antes de banir o jovem para St. Alban's, e a perspectiva não lhe agradava.

Deus, como estava cansado de tudo aquilo – as noites de sono agitado, os dias de discussões com conselheiros e religiosos e, além disso, os rumores incessantes de transtornos que ele sabia não serem apenas rumores. Havia despachado seu filho teimoso para colher informações e agora, vendo Athelstan fazer uma reverência com sóbrio respeito, Æthelred recobrou ânimo. Talvez o filhote de urso estivesse aprendendo a ser humilde. Talvez tivesse alguma utilidade, afinal.

– Você seguiu minhas instruções? – perguntou o rei, acomodando-se em sua cadeira e fazendo um gesto para que o filho se levantasse.

– Sim, meu senhor.

– E entende o problema que enfrento?

Athelstan inclinou a cabeça.

– Há alguns anos, o senhor fez alianças com invasores vikings que estavam devastando nossas terras. Propôs que lhe servissem como mercenários e recompensou-os com ouro e propriedades. Agora dispõe de bandos de vikings bem treinados e bem armados, dinamarqueses na maioria, instalados em todo o reino.

Æthelred franziu a testa. O filho compreendera a situação muito bem, ainda que não entendesse a estratégia por trás dela.

– Tive poucas opções na ocasião – explicou –, e não sou o primeiro soberano a acomodar mercenários em seu reino. O rei frâncico também o fez. Até o grande Alfred foi obrigado a permitir que dinamarqueses se instalassem ao norte do rio Humber.

– No tempo de Alfred, porém – disse Athelstan, com expressão afável mas cautelosa –, os dinamarqueses se instalaram em terras onde morava pouca gente de Alfred. Os seus mercenários estão em Devonshire, Hampshire e Oxfordshire, no próprio coração de seu reino.

Athelstan não mencionou, mas Æthelred percebeu a acusação muda. Ele havia colocado uma matilha de lobos no meio do rebanho.

– Dei-lhes propriedades – rosnou ele – e eles fizeram juramentos comprometendo-se a não se virarem contra mim.

No entanto, era exatamente o que tinham feito, e com uma vingança. Depois de vários anos cumprindo as promessas, os cães de guerra agora estavam à solta, atacando a Inglaterra.

Æthelred fez uma careta e esfregou com as pontas dos dedos uma têmpora que de repente começou a latejar.

Um desses cães, Pallig, era casado com a meia-irmã de Swein Forkbeard, e, quando Forkbeard atacara a costa sul no ano anterior, Pallig e seus homens tinham se juntado a ele. Pilharam e queimaram tudo em seu caminho ao longo de Wessex, e o exército inglês que foi reunido para combatê-los não conseguiu impedir seu avanço.

Æthelred não teve opção a não ser subornar todos eles outra vez para deixar seu reino em paz. Forkbeard pegou seu ouro e navegou para o leste, mas Pallig limitou-se a fazer novas promessas de paz e recolheu-se às suas propriedades. Ele e outros semelhantes eram como ervas daninhas que cresceriam de novo algum dia para atormentá-lo outra vez. Não podia confiar neles.

– Você falou com Pallig? – perguntou.

– Falei com Pallig e com a mulher dele, Gunhild.

– Acha que ele vai honrar as promessas que me fez?

Olhou atentamente para o filho e percebeu a hesitação antes da resposta. Então o rapaz também via a ameaça.

– Meu senhor, Pallig não é fazendeiro – disse Athelstan. – Ele tem a alma de um mercenário, um aventureiro que se compraz com o perigo e a excitação. Se o senhor não o utilizar de alguma forma, ele causará mais danos apesar das promessas que lhe fez.

Æthelred descartou a sugestão com um aceno.

– Já coloquei a raposa para tomar contas das galinhas uma vez e paguei o preço. Não vou cometer esse erro de novo. Pallig pode estar morando nas terras que lhe dei, mas no fundo é um homem de Swein. Ele é uma faca em minha garganta.

– Não, meu senhor – objetou Athelstan.

Æthelred fulminou-o com o olhar pelo atrevimento, mas deixou-o dizer o que pensava.

– Pallig é mais como um reino independente – continuou o jovem –, que segue os próprios princípios e inclinações. Ele toma o que acha que é seu por direito, e faz isso pela força das armas. Não é o *ter* que ele ama, é o *tomar*. Se o senhor encontrasse um jeito de dobrá-lo à sua vontade...

– Homens como Pallig não se dobram! – esbravejou Æthelred. – É melhor aprender isso agora, rapaz. Se o dinheiro não é capaz de influenciá-lo, nada será.

Por Deus, havia duas décadas que ele lidava com pragas como Pallig; conhecia-os bem melhor do que aquele fedelho, que ainda não vira 18 verões.

Athelstan franziu a testa para o pai, dividido entre a compaixão pelo dilema do rei e a exasperação. O fato de a Inglaterra estar sendo assolada tanto por inimigos internos quanto pelos externos era sem dúvida resultado de decisões de Æthelred. Admitia que o casamento com Emma poderia conter a onda de ataques vikings, mas seu pai fizera um pacto com o diabo ao conceder terras a homens como Pallig. Eram como cães selvagens que precisavam ser domesticados e vencidos. Ele só conseguia pensar em uma maneira de fazer isso.

– Pallig tem um filho recém-nascido, meu senhor – falou, com urgência. – Tome o menino como refém para exigir o bom comportamento do pai.

Se o menino fosse criado na corte, ele se tornaria inglês, e não dinamarquês. Tendo estabelecido a confiança com um filho, os outros sem dúvida viriam a seguir.

– Refém? – Æthelred quase cuspiu a palavra. – É tarde demais para isso. Poderíamos ter usado um recurso assim em março, antes de fazermos o pagamento do *gafol*, mas agora não temos nada com que negociar. Pallig não vai entregar seu filho a mim de bom grado. – Cofiou a barba, o rosto preocupado e sombrio. – Ele está seguro em suas terras, cercado por seus guerreiros, fazendo o que bem entende. E não é o único. Há dezenas como ele, espalhados pelos condados do sul. O que não estarão tramando?

Escutando as suspeitas sem fundamento do pai, a exasperação de Athelstan finalmente superou sua compaixão.

– Quem disse que estão tramando alguma coisa? – perguntou. – E se não estiverem? E se Pallig quiser apenas ação? Ele é um homem do mar! O senhor não pode reunir uma frota e incumbi-lo de proteger nossa costa? Meu senhor, que outra opção o senhor tem?

Æthelred não respondeu e Athelstan, fitando aquele rosto que de repente lhe pareceu muito abatido e pálido, sentiu um calafrio na espinha. O rei olhava fixamente, com olhos avermelhados e amedrontados, para algo atrás do filho. Athelstan girou nos calcanhares, temendo dar de cara com algo terrível, mas nada viu a não ser uma bancada com velas, cujas chamas débeis tremeluziam num canto escuro onde a luz do dia não chegava.

Virou-se outra vez para o rei, que continuava encarando o nada enquanto articulava um grito silencioso, os nós dos dedos brancos de apertar as cabeças de dragão esculpidas nos braços da cadeira.

– Meu senhor! – gritou Athelstan.

Seria aquele um delírio desencadeado pelas preocupações que afligem um rei? Alguma doença repentina que transformava um homem em nada mais que uma casca vazia?

Athelstan estendeu o braço e apertou a mão do pai, e ficou impressionado com a frieza que sentiu na carne tensa. Seu próprio sangue pareceu congelar em reação, e de repente teve medo de estar assistindo à morte do próprio pai.

Agarrou os ombros de Æthelred e o sacudiu, sem saber mais o que fazer. Em resposta, o rei pousou os olhos azul-claros nos do filho, mas sua aflição pareceu tornar-se ainda mais aguda. Æthelred se inclinou para a frente, com o corpo rígido, batendo no peito e gemendo num grito mudo, torturado por algum inimigo invisível.

– Meu senhor! – gritou Athelstan novamente, furioso com o próprio desamparo.

Por que ninguém o ouvia, ninguém vinha oferecer ajuda?

No entanto, no mesmo instante em que formulou esse pensamento, o corpo do pai relaxou e ele deixou a cabeça cair nas mãos delgadas. O pânico de Athelstan foi diminuindo e ele sentiu como se tivesse acabado de despertar de um pesadelo.

Æthelred levantou a cabeça devagar e seu rosto estava vincado e cinzento, os olhos arregalados, fixos no filho.

– O que você viu? – indagou ele em um sussurro, num tom exigente, a voz rouca.

Athelstan hesitou, nervoso com a intensidade do olhar do pai, procurando desesperadamente uma resposta que pudesse apaziguá-lo.

– Vi sombras, meu senhor – respondeu, por fim. – Apenas sombras.

E um rei quase louco de medo, pensou. Mas isto não se atreveu a falar.

Æthelred respirou fundo e soltou o ar, repetindo a resposta de Athelstan.

– Apenas sombras – murmurou, e apertou as mãos contra os olhos, como se quisesse expulsar qualquer visão sinistra que ainda permanecesse ali.

Athelstan levantou-se para ir buscar vinho na mesa próxima. Observou enquanto seu pai bebia, uma centena de perguntas se formando em sua mente.

– O senhor estava sentindo alguma dor? – falou. – Esse... – hesitou, procurando uma maneira de descrever o que presenciara – ... incômodo já o perturbou antes?

Æthelred, bastante reanimado, ao que parecia, pelo vinho, lançou-lhe um olhar soturno, quase furtivo.

– Foi só cansaço, nada mais – murmurou. – Já passou. Há assuntos muito mais importantes para pensarmos agora. Esqueça isso. – Levantou-se da cadeira e começou a andar, agitado e perturbado. – Tenho recebido sinais que prenunciam problemas futuros – declarou, com a voz pesada. – Tive presságios... – Atirou um braço para cima como se quisesse varrer suas próprias palavras. – *Nay*, não preciso de presságios para saber que Pallig é perigoso. Como você disse, ele não é um fazendeiro, assim como os homens que respondem a ele. Eles vão ficar inquietos e depois vão atacar.

No momento seguinte, a porta se abriu e o mordomo do rei, Hubert, entrou carregando um maço de documentos. Æthelred levantou a mão para impedir o homem de dizer qualquer coisa e olhou com ar grave para o filho.

– Você viu qualquer indício de que Pallig estivesse se preparando para uma batalha?

– Não, meu senhor – disse ele, intrigado tanto pelo que tinha acabado de presenciar quanto pela aparente determinação de seu pai em ignorar o fato.

O rei fez uma careta, como se aquela não fosse a resposta que esperava.

– Então não há nada mais a fazer por ora.

Esbarrou em Athelstan ao voltar para sua cadeira e chamou o mordomo com um aceno.

– Agora vá. Tenho assuntos a resolver com Hubert.

Athelstan ficou parado por um momento, atônito, sem querer se retirar antes de compreender melhor o que tinha acabado de ver. Mas os dois homens não lhe deram atenção, e ele sabia que não devia desobedecer a uma ordem do pai. Saiu devagar e, ao olhar para trás, viu Æthelred fitando-o com dureza, e naqueles olhos havia um aviso que seria perigoso ignorar.

Enquanto atravessava o grande salão, Athelstan lembrou-se de algo que o bispo Æl eah lhe dissera na primavera: “O rei está com a mente perturbada.” Será que o bispo tinha testemunhado uma ocorrência semelhante? Æl eah não tinha explicado, e Athelstan não ousaria questioná-lo sobre o assunto agora. Aquele olhar ameaçador de Æthelred o havia obrigado ao silêncio. Saiu dos cômodos reais para o sol do final do verão, a cabeça ainda às voltas com o comportamento estranho do pai e sua conversa sobre sinais e presságios.

No entanto, ele também ouvira uma previsão da vidente de Saltford – ainda que não estivesse disposto a acreditar naquilo. E, no inverno anterior, rumores vindos do norte relatavam que homens tinham visto colunas de luz cintilando no céu noturno – anjos de fogo com espadas, dizia-se, que apareciam para punir os homens por seus pecados.

Na verdade, seu pai não era o único perturbado por tais presságios, mas que providências uma pessoa poderia tomar para dominar os pressentimentos e evitar alguma desgraça que estivesse espreitando no futuro? Então, recordando sua conversa com o pai, teve certeza de que ele devia estar planejando algum tipo de medida. Por que outra razão o teria mandado falar com Pallig? Entretanto, caso Æthelred tivesse de fato alguma

desconfiança sobre uma tragédia iminente, não seria possível que os próprios esforços dele para evitá-la causassem o infortúnio que tanto temia?

Por mais que tentasse, Athelstan não conseguia entender o misterioso funcionamento da mente do rei, da mesma forma que não era capaz de compreender os acontecimentos do futuro que a mulher sábia que morava perto do vale de pedras altas desfiara para ele. Era um esforço inútil, e, quando ouviu os gritos e o riso das crianças, deixou as palavras e ações perturbadoras de seu pai para lá. Esquecera que os irmãos menores já deveriam ter voltado para Winchester, e seguiu o som da risada deles até o jardim da rainha. Lá, a visão das crianças jogando bola pareceu-lhe inocente e abençoadamente despreocupada. No entanto, ficou surpreso ao ver que a rainha tinha se juntado a eles na brincadeira. Era algo que sua própria mãe jamais tinha feito.

Correu os olhos pelo jardim, notando a ausência das damas nobres inglesas que deveriam acompanhar a rainha. Então, os boatos que tinham chegado a ele em Headington eram verdadeiros. Havia duas cortes em Winchester, uma composta pelo séquito do rei, a outra pelo círculo de Emma, constituído sobretudo por normandos. Supunha que aquilo fosse o resultado da insatisfação do pai com sua noiva. O rei esperava casar-se com uma menina que falasse apenas francês normando, e, logo, não entendesse nada do que era dito no salão e no palácio – montes de informações que poderia transmitir ao irmão e, através dele, aos inimigos dinamarqueses do rei. A fluência de Emma na língua inglesa espantara a todos e devia ter enfurecido seu pai.

Contudo, se a rainha poderia ser um canal de comunicação da Inglaterra para a Normandia e, portanto, para a Dinamarca, também o poderia ser na direção oposta. Æthelred, tão concentrado em Pallig e nos inimigos dentro de suas fronteiras, provavelmente não fizera nenhum esforço para saber sobre o duque Richard – sobre suas ambições ou seus aliados – através de Emma. Alguém deveria cuidar disso, então, e logo – antes que a animosidade equivocada do rei por sua noiva a fizesse desprezar todos eles.

Emma pegou a bola de couro, mirou em Edgar e jogou, mas o ágil menino de 9 anos esquivou-se facilmente de seu míssil mal direcionado.

O irmão, Edward, ao lado dela na roda, caçoou, alegre.

– Você joga como uma menininha.

Emma riu.

– Não tive irmãos para me ensinar a jogar.

– Mas você *tem* um irmão, não tem? – perguntou Edward, utilizando o pé com habilidade para deter a bola que vinha quicando em sua direção. – Ele não é o rei da Normandia?

Em seguida arremessou a bola em Edgar, mas também errou.

– Ele é o duque – corrigiu Emma. – A Normandia pertence à França, então o senhor do meu irmão é o rei daquele país. – Não que seu irmão levasse muito em consideração as opiniões do rei francês. – Mas Richard, como o seu pai, governa uma terra grande, cheia de gente, como um rei faz. No entanto, ele é muito mais velho do que eu. Quando eu era criança, ele já era adulto, e não tinha tempo para me ensinar a jogar bola. Eu cavalgo muito bem, porém – acrescentou, na esperança de impressionar Edward, que a olhava com ar cético. – Aprendi a montar quando era muito, muito pequena – continuou, pegando a bola da qual Wymarc, no centro do círculo, tinha agilmente se esquivado.

– Então vamos cavalgar hoje à tarde – pediu Edward, o rosto se iluminando de entusiasmo. – É muito melhor do que brincar de bola.

Emma franziu a testa, em dúvida se deveria tentar. Ansiava por cavalgar, mas toda vez que se aproximava das estrebarias, que ficavam fora do conjunto de construções do palácio, seus guardas a faziam voltar. Eram bastante delicados, mas estavam cumprindo ordens, e ela imaginava quais fossem. A rainha não poderia sair dos limites da paliçada – para a própria segurança, é claro.

Se tentasse ir às estrebarias com os filhos de Æthelred e fosse impedida, as crianças logo perceberiam que ela era uma prisioneira, e daí deduziriam que era uma inimiga. Os laços entre eles – tão frágeis, forjados com tanto cuidado durante o tempo que tinham passado juntos em Canterbury – derreteriam como gelo ao sol.

– Quem sabe amanhã – sugeriu –, se o tempo continuar bom.

Teria de tentar, mais uma vez, falar com o rei. Se estivesse na companhia dos filhos dele, de seus acompanhantes e de um grupo de guardas, talvez ele a deixasse ir.

Ela estendeu a mão para a esquerda a fim de pegar a bola que o preceptor dos meninos tinha arremessado do outro lado do círculo, mas o

objeto bateu contra sua mão e desviou-se. Emma virou-se para recuperar sua posse, mas recuou abruptamente ao ver um jovem apanhar a bola com graciosidade.

– Meu senhor – disse ela, perturbada pelo olhar firme do filho mais velho de Æthelred.

– Aconselho-a a aproveitar a luz do sol, minha senhora – sugeriu ele. – É melhor não esperar que o tempo bom continue no dia seguinte. Eu, por exemplo, desejo testar uma das excelentes montarias que vieram com a senhora da Normandia. – Ele jogou a bola para o irmão. – O que me diz, Edward? Vamos levar a rainha para um passeio?

– Vamos! – exclamou o menino, o jogo de bola já esquecido. – Edgar tem de vir também. E não vamos levar as meninas. – Seu tom de voz tornou-se de repente imperioso. – Elas são muito pequenas. Só vão nos atrasar.

Deu um sorriso pretensioso para sua irmã Edyth, que franziu o nariz para ele e apontou-lhe a língua.

– Não gostamos de cavalos mesmo... Eles fedem. E meninos fedem mais ainda. Vamos brincar com os gatinhos.

Saiu pisando duro na direção de sua ama, o nariz empinado com determinação, arrastando a irmã Ælfgifu. Pelo jeito, o jogo de bola terminara.

Emma virou-se para Athelstan, que, com um rápido gesto da cabeça, fez os dois irmãos mais novos saírem em disparada para as cocheiras. O sol iluminava seu cabelo com reflexos dourados, mas essa era a única coisa calorosa nele. Não sorria, apenas esperava educadamente pela resposta dela.

Emma não sabia como interpretar o gesto dele, nem seu convite.

– Os guardas não vão me deixar... – começou ela, hesitante.

– Assumo a responsabilidade por sua segurança – respondeu ele.

Então ela compreendeu. Continuaria a ser uma prisioneira, escoltada pelo *ætheling* e seus homens em vez de por sua guarda normanda pessoal. Ainda assim, iria para fora dos muros da cidade por algum tempo, em seu próprio cavalo, sob o sol e o ar adocicado do verão. Podia não ser a liberdade, mas era o mais próximo disso que iria conseguir.

– Não saiam sem mim – pediu. – Estarei de volta num instante.

Acenou para Wymarc e entrou no corredor que levava a seus aposentos.

Enquanto seguia depressa para seu quarto, sua mente trabalhava. O que teria despertado a generosidade do *ætheling*? Nas poucas ocasiões em que havia tentado conversar com Athelstan, ele tinha sido cortês mas nada simpático. Ela já havia desistido de tentar abrandar todos eles – os filhos adultos do rei, as damas da corte, o próprio rei. Sentia-se como um pária à mesa e no salão, pois Æthelred a ignorava, e todos os outros seguiam o seu exemplo. O que, então, induzira Athelstan a procurar a companhia da rainha ultrajada de seu pai?

Não tinha como adivinhar, mas estava certa de que havia algum motivo oculto. Cada palavra, cada ato, cada gesto na corte vinham impregnados de intenções enigmáticas. As próprias paredes guardavam segredos. E o filho mais velho do rei tinha razões para desgostar e desconfiar dela, que poderia um dia gerar um filho que iria suplantá-lo. Desejou que as coisas não fossem assim, que pudesse cavalgar naquele dia com o coração despreocupado. Mas sabia que não. Teria de ser cautelosa.

Poucos instantes depois, o conjunto de cavaleiros passava pelo moinho, dividindo-se em pequenos grupos ao se dirigir para o sul a fim de pegar o caminho do rio Itchen. Emma se viu ao lado de Athelstan, com Wymarc e Hugh – convocado por Emma porque ela queria que pelo menos um de seus guardas pessoais normandos a acompanhasse – imediatamente atrás deles. Edward e Edgar, com seu temperamento agitado mantido sob certo controle por dois cavaleiros, iam um pouco à frente, enquanto batedores bem armados do *ætheling* seguiam atrás a uma distância discreta.

Enquanto cavalgava, Emma examinava o jovem a seu lado, procurando semelhanças com Æthelred. A cor dos cabelos era a mesma – fios dourados como trigo maduro, embora Athelstan, como a maioria dos jovens ingleses, usasse um corte despreocupado, na altura das orelhas, em contraste com a cabeleira mais comprida e perfeitamente cuidada de seu pai. Eles também tinham a mesma testa larga, mas as semelhanças terminavam aí. As sobrancelhas escuras de Athelstan, o nariz largo e os lábios cheios e sensuais não se pareciam em nada com os traços mais finos e mais acentuados do pai.

Ela observou sua boca e tentou se lembrar se já o tinha visto sorrir. Não para ela, com certeza, o que a fez se perguntar mais uma vez por que motivo ele estaria ali com ela naquele momento.

– Agradeço sua gentileza, meu senhor – falou. – O jardim do palácio é muito bonito, mas eu queria conhecer o campo.

– Minha mãe, que planejou o jardim – disse ele –, não montava. Tinha uma natureza contemplativa, e o jardim parecia satisfazer a todas as suas necessidades.

Emma pensou em como sabia pouco a respeito da mãe dele. A primeira mulher do rei, ao que parecia, tinha vivido como uma freira, exceto pela tarefa bastante mundana de conceber e ter onze filhos. Sua personalidade parecia não ter tido qualquer impacto na corte do rei. Será que ela tinha realmente se contentado em ter uma vida tão enclausurada ou havia sido forçada a isso por Æthelred? Emma bem que podia imaginar isso. Mas talvez a mulher nunca houvesse conhecido outro tipo de existência. Talvez tivesse sido criada em um ambiente tão protegido que achou o mundo além dos muros do jardim aterrorizante e proibitivo.

– Sua mãe veio do norte, certo? – disse ela. – O senhor viveu lá por algum tempo, não foi? É muito diferente daqui? As pessoas são diferentes?

– A terra, o povo e até a língua são diferentes. Eles falam uma mistura estranha de inglês e dinamarquês, com um pouco de norueguês apenas para dar um toque. É uma terra mais rústica, porém, do que esta. – Acenou com a cabeça em direção às colinas verdes das chapadas cobertas de pastagens. – Não é tão rica. Há picos irregulares, erguendo-se a prumo, como se tivessem sido empurrados para fora das entranhas da terra. No oeste, a terra é mais gentil. É a região do lagos; só Deus sabe quantos há. Ficam aninhados em vales verdejantes e, quando o sol brilha, são azuis como safiras. Na direção da costa leste, perto de Jorvik, já é outro tipo de terra: plana, mas também com o próprio tipo de beleza selvagem. Na primavera, é uma tapeçaria de flores.

Emma, perplexa com aquele súbito arroubo quase poético vindo de alguém que mal lhe dirigira uma palavra até então, disse:

– Sua eloquência, meu senhor, me faz ansiar para ver com meus próprios olhos essas paisagens do norte. Talvez as viagens do rei me levem até lá um dia.

Athelstan balançou a cabeça em negativa.

– Meu pai foi apenas uma vez ao extremo norte, e com um exército atrás dele. É um lugar perigoso. O povo de lá não aceita muito bem o poder de Wessex. Nossos baluartes, nossa história estão aqui no sul.

Ela lembrou que o pai de Elgiva era conde das terras do norte. *Um lugar perigoso*, segundo Athelstan. E, pelo jeito, homens e mulheres perigosos

eram criados lá.

– Elgiva é do norte? – perguntou Emma.

– Sim – respondeu ele, hesitante – e não. A família dela é dona de metade da Mércia; a maior parte de suas terras fica situada na área abaixo da fronteira da Nortúmbria. É o que chamamos de Midlands, mas na extremidade mais ao norte da região. A Mércia já teve os próprios reis antes de ter sido conquistada por Wessex, mas isso foi num passado distante. Elgiva, porém, muitas vezes esquece que a Mércia deixou de ser um reino e que ela não é filha de um rei.

Nem mulher de um rei, pensou Emma. Se a família de Elgiva era tão poderosa, seria bom saber por que Æthelred a havia preterido.

– Como é o povo da Nortúmbria, então? – quis saber Emma. – O povo que vive no extremo norte?

Ele franziu a testa.

– Há cinquenta anos, houve um homem do norte chamado Eric Bloodaxe que governou a Nortúmbria e batizou-a de Reino de Jorvik. Ele foi expulso, mas o povo ainda mantém laços fortes com as terras do outro lado do mar do Norte. – Ele não olhava direto para ela, mantinha o olhar firmemente voltado para o caminho à frente, de modo que suas palavras seguintes pareceram informais e não premeditadas. – A senhora também tem laços lá, creio eu, de família e de negócios.

Pressentindo o perigo apesar do aparente desinteresse dele, Emma respondeu sem rodeios:

– A família da minha mãe veio da Dinamarca, mas ela cresceu na Normandia.

Aproximavam-se perigosamente de um assunto no qual ela não tinha vontade de se aventurar. Acreditava que a desconfiança do rei em relação a ela tinha a ver com seus antepassados dinamarqueses, bem como com o comércio lucrativo de seu irmão com navegadores vikings. Será que Æthelred havia confidenciado suas suspeitas a Athelstan? Nesse caso, então ela tinha acabado de lhes dar munição ao mostrar um interesse tão intenso pelo norte. Desejou ter ficado em silêncio.

– Não é segredo – disse ele, devagar – que o rei dinamarquês, Forkbeard, ficou hospedado no palácio ducal na Normandia. Nunca o vi, embora já tenha ouvido falar muito sobre ele. A senhora estava presente quando seu irmão o recebeu? Chegou a conhecê-lo?

Ele a encarava agora com intensidade, mas ela não enxergou nenhuma astúcia naquele olhar, só curiosidade. Ainda assim, Emma hesitou, sem saber o que responder. Não queria dar ênfase à ligação de seu irmão com Swein Forkbeard, mas, se Athelstan já sabia que Swein estivera na Normandia no Natal, mentir seria tolice da parte dela.

– Eu o vi no último Natal – contou –, mas muito rápido. Minha mãe manteve todas as mulheres da casa bem afastadas do rei e de seus marinheiros.

– Ah. No entanto, ele e seus homens estavam lá a convite de seu irmão – replicou ele.

Ela o olhou, irritada com a suposição pretensiosa de compreender os motivos do irmão dela.

– É verdade, meu senhor. E o que o senhor faria caso uma hoste armada, muito mais numerosa do que toda a sua tropa pessoal e com a reputação de tomar à força tudo o que quisesse, aparecesse à sua porta exigindo abrigo?

Dessa vez foi ele quem olhou para ela, surpreso, as sobrancelhas erguidas. E sorriu.

– Eu os convidaria a entrar – respondeu ele.

Finalmente ela o fizera sorrir. O sorriso iluminou todo o rosto dele e suavizou as linhas duras do queixo quadrado. Emma acabara falando mais do que desejara, porém, apesar de tudo, achou que o resultado tinha valido a pena.

A conversa tornou-se menos tensa depois disso. Ela perguntou-lhe sobre seus irmãos, ansiosa para saber mais principalmente sobre Edmund e Ecbert, que tivera pouca oportunidade de observar. Ele, por sua vez, quis saber sobre os irmãos e irmãs dela, e mostrou-se curioso em relação ao treinamento que Richard tinha desenvolvido para seus cavalos.

Pareceu a Emma que o tempo passou rápido demais, e ela lamentou quando enfim pararam diante do grande salão do rei.

– Talvez possamos sair para cavalgar de novo – sugeriu Athelstan, enquanto a ajudava a desmontar. – Gostaria de saber mais sobre a Normandia, se a senhora estiver disposta a me instruir.

Estava parado de frente para ela, com as mãos ainda em sua cintura pressionando suavemente para firmá-la. Só que seu toque não a estabilizou. Pelo contrário, e, quando ela olhou em seus olhos, muito mais azuis do que o céu, sentiu-se tonta, como se estivesse caindo de uma grande altura.

– Não sei se o rei me daria permissão – respondeu, afastando-se dele, tentando se equilibrar.

– Vou falar com ele. Não deve fazer nenhuma objeção, desde que tenha certeza de que a senhora estará segura.

Segura? Haveria algum lugar naquele reino onde ela pudesse estar realmente segura? Era um mundo povoado por homens e mulheres tramando por poder e promoções, e seu casamento tinha criado rancores em relação a ela que poderiam um dia lhe angariar muito inimigos, dos quais ela mal poderia se defender.

Enquanto o observava se afastar levando os cavalos para a estrebaria, Emma pensou se seria sensato sair para cavalgar com ele de novo. Ainda não sabia por que ele tinha tomado a iniciativa de se aproximar, mas, por Deus, ela ansiava por escapar dos muros sufocantes do palácio. Por que não aceitar o convite, se o rei permitisse? Precisava forjar alianças dentro da corte. Talvez aquele fosse um começo.

Ou talvez, argumentou consigo mesma, fosse algum tipo de armadilha, concebida para destruir seu relacionamento já precário com o rei. Como saber?

Virou-se para seguir Wymarc, que estava conduzindo os meninos mais novos para os cômodos particulares. Não havia ninguém na corte, lembrou a si mesma, em quem pudesse realmente confiar, exceto o seu próprio pessoal. Precisava lembrar-se disso.

No entanto, enquanto seguia para as escadas, devagar, pois suas pernas estavam doloridas em razão do exercício a que se desacostumara, sentia-se perturbada pela vívida lembrança daqueles penetrantes olhos azuis e pela sensação repentina de lhe faltar o chão sob os pés.

Capítulo Treze

Outubro de 1002

Winchester, Hampshire

Depois que as sobras do jantar foram retiradas e a família do rei instalou-se em torno da lareira para afastar o frio do outono, Elgiva, com Groa a seu lado em uma alcova discreta, contemplou o grupo reunido. Normalmente, ela teria reivindicado um lugar perto do rei para ouvir seu *scop* recitar alguma história emocionante. Naquela noite, porém, por causa de exigências imperiosas de seu pai, tivera de abrir mão da preciosa proximidade de Æthelred.

Ainda fervia de raiva por causa da dura advertência que o mensageiro de seu pai lhe transmitira no início do dia. O grosseiro, arrogante e vaidoso aldeão a repreendera em nome de Æl elm por não cumprir a tarefa de que este a encarregara.

– A senhora deveria ser os olhos e os ouvidos dele – dissera o imbecil –, mas, a julgar pelas notícias que lhe mandou, parece que ficou cega e surda. Meu senhor deseja saber se também ficou demente.

Teve vontade de estapear o cretino. Tinha os próprios assuntos para cuidar e pouco tempo para fazer o papel de informante de seu pai. Além de precisar atender Emma sempre que ela estalava os dedos, acompanhava o rei quando ele visitava algum santuário ou caçava com um seleto grupo de acompanhantes – um ritual diário enquanto o tempo se mantinha ameno. Como dar atenção aos interesses de outras pessoas quando estava tão envolvida com os próprios?

Mas teria de mandar algo para o pai, ao menos para impedir que aquele palerma aparecesse para aborrecê-la outra vez. Correu os olhos pelo salão,

registrando mentalmente como os membros da corte tinham se acomodado. No lugar que ela em geral ocupava ao lado do rei sentara-se o conde Godwine de Lindsey e sua mulher, a Lady Winfred, que tagarelava como uma gralha. Æthelred parecia entediado, e Elgiva sorriu. Quando ela se sentava a seu lado, ele nunca se mostrava daquela forma.

Contaria ao pai sobre Godwine, é claro, mas o homem não constituía uma ameaça e, na verdade, também não era nenhum favorito do rei. Quanto a quem Æthelred mais favorecia... bem, isso não era conta de Æl elm. Estendeu o braço e olhou com admiração para a larga pulseira de ouro que enfeitava seu pulso, um presente que o rei tinha lhe oferecido na véspera. Ela fizera uma pirueta diante dele usando um vestido novo e ele colocara a pesada pulseira em seu braço. “Para manter seus pés no chão”, dissera.

No entanto, Elgiva queria mais do que belos presentes. Perguntava-se quanto tempo levaria até que o rei se cansasse de sua esposa insípida e procurasse consolo em outro lugar. Não muito tempo, pensou. Já visitava a cama de Emma com menos frequência do que nas primeiras semanas do verão.

Tomou nota mentalmente desse fato para também contar a seu pai. Além disso, diria a Æl elm que a cintura de Emma continuava delgada, motivo de grande especulação entre as mulheres da corte. Cochichava-se que, se Emma permanecesse estéril, o rei poderia ser convencido a colocá-la de lado e se casar com outra.

Então, procurou a rainha com os olhos e a viu sentada a alguma distância do marido. A filha de 3 anos de Æthelred, Wul ilde, chupava o dedo enroscada no colo de Emma, e as irmãs da menina estavam sentadas por perto. Quaisquer que fossem os sentimentos do rei por sua rainha, pensou Elgiva, as filhas dele tinham se apegado a ela como pintinhos a uma galinha. Mas elas não tinham nenhuma importância, e dificilmente despertariam o interesse de Æl elm.

Muito mais interessantes eram as companhias adultas de Emma, e Elgiva as viu com certa surpresa. Inclinou-se um pouco para Groa e cochichou:

– Quando foi que o bispo de Winchester e a abadessa de Wherwell passaram a tratar a rainha de modo tão amistoso?

Groa, os dedos como sempre ocupados com fios de lã e fusos, lançou um olhar de soslaio a Emma.

– Desde que ela deu ao bispo as relíquias de São Valentino para a Nova Catedral – respondeu Groa – e doou a Wherwell uma gleba das terras de seu dote para fundar uma nova casa perto de Exeter.

Elgiva não gostou da notícia. Emma podia ser uma prisioneira, mas aparentemente estava usando bem o ouro de seu irmão.

– Por que não me contou isso antes? – retrucou ela em tom ríspido.

– Porque não perguntou, minha senhora, então pensei que soubesse.

Elgiva teve vontade de sacudir a velha ama. O fato de Groa ser tão calada a deixava enlouquecida. Mantinha os olhos e ouvidos abertos, era verdade, mas era tão econômica com as palavras que era preciso arrancar as informações dela.

– Como eu poderia saber? – protestou Elgiva. – Tenho passado muito tempo com o rei ultimamente, e posso garantir que não falamos sobre Emma nem sobre suas doações. – Ela bufava de impaciência. – Quem mais a rainha tem cortejado que eu deveria saber? Diga-me, mesmo se achar que é óbvio.

– Os filhos do rei saem com a rainha quase todos os dias quando ela vai cavalgar além...

– As crianças não significam nada – disparou Elgiva, ríspida. – Quem a acompanha quando ela sai a cavalo? São sempre os mesmos homens?

Riqueza e beleza eram fatores de sedução, e Emma tinha as duas coisas. Na corte de Æthelred, como já observara, a lealdade estava frequentemente à venda.

– Lorde Athelstan e seus homens fornecem sua escolta, junto com alguns dos normandos de Emma – respondeu Groa. – Os *æthelings* Ecbert e Edmund às vezes saem com eles também. Na verdade, os criados deles fizeram amizade com muitos dos normandos.

Elgiva sentiu uma pontada de preocupação com essa notícia. Correu rápido os olhos pela sala e viu Athelstan sentado diante de um tabuleiro de jogo em frente ao camareiro de Emma, Hugh. O padre normando, Martin, estava profundamente entretido numa conversa em voz baixa com o abade da Nova Catedral, e, quando ela olhou em torno, percebeu que os normandos – homens e mulheres – já não se sentavam em um grupo isolado, e sim espalhados entre os ingleses.

– Como foi que não percebi isso? – murmurou.

– Não se recrimine, minha senhora. Como disse, a senhora tem acompanhado o rei quando ele sai a cavalo para caçar. Não viu o grupo da rainha sair após a sua partida, nem os viu retornar antes da volta dos caçadores.

– Mas não compreendo como os normandos se insinuaram entre nós – protestou Elgiva.

– Esforçaram-se muito para aprender nossa língua, foi por isso. Até as mulheres de Emma agora só falam inglês. Sem dúvida isso não lhe passou despercebido.

Elgiva fez uma careta, irritada, pois de fato não se dera conta daquilo.

– Todos os meus pensamentos têm se concentrado no rei – explicou. – Você me disse que um dia vou ser rainha. Como será possível a profecia se cumprir se eu não me tornar a querida do rei?

– A senhora será rainha – assegurou-lhe Groa. – Foi profetizado por alguém que viu.

Mais uma vez, Elgiva teve curiosidade de saber quem teria previsto um futuro tão auspicioso para ela. Mas, apesar de ter pressionado a ama sobre a fonte de seu conhecimento, Groa havia se recusado a revelá-la. E isso não era algo tão ruim, pensava a jovem, pois se a velha guardava os segredos dos outros, era sinal que os segredos de Elgiva também estariam seguros com ela.

Ela desviou os olhos para Athelstan de novo, e notou que ele fitava Emma. A rainha levantou a cabeça, encontrou o olhar do rapaz e, no espaço de vários segundos, algum entendimento mudo pareceu se passar entre eles. Então Emma corou e desviou o olhar.

Elgiva respirou fundo devagar, atônita, quase não acreditando no que tinha acabado de presenciar. Seria possível que Athelstan, que deveria ter sido o maior inimigo de Emma, cobiçasse a esposa do pai? Quantas horas teriam passado cavalgando juntos, então? E o que teriam partilhado durante esses passeios? Mais do que ar fresco, sem dúvida.

Sua suspeita a fez sentir um gosto amargo na boca. Se fosse verdade, então Athelstan era mais uma coisa que Emma lhe tomara, que deveria ter sido dela. E havia mais uma razão para ela odiar a esposa normanda do rei.

O dia da Festa de São Æthelred amanheceu claro e ensolarado. O palácio, a Antiga Catedral e todas as ruas que cercavam as construções reais fervilhavam de expectativa, enquanto membros da família real, prelados e os habitantes da cidade se reuniam para celebrar o santo padroeiro do rei.

Athelstan, esperando para tomar o seu lugar na procissão solene que se formava no pátio do castelo, viu os primeiros componentes do grupo passarem pelo portão. O bispo ia à frente, resplandecente em uma capa magna vermelha bordada com crucifixos dourados, as mãos adornadas com anéis de rubi. Atrás dele, dez sacerdotes vinham aos pares, usando casulas verdes para a celebração da missa. Eram seguidos por cerca de dez acólitos vestidos de branco, carregando um andor coberto de flores que levava o enorme cofre de ouro contendo as relíquias de São Æthelred. Atrás do santo, o rei e a rainha estavam parados, prontos para conduzir a família real em direção à igreja, e depois da comitiva real o coro já havia começado a entoar um salmo.

Athelstan, em seu lugar atrás da rainha, pensou que ela estava linda como nunca. Seu cabelo fora arrumado num penteado recatado: uma longa trança grossa, mal visível através da brancura opaca do véu. O branco de seu vestido, muito franzido no pescoço e nos pulsos, contrastava intensamente com o azul profundo. Ela tinha enfeitado o traje com apenas um fio de pérolas que lhe descia até a cintura, e o único ouro que usava era uma coroa delicada cravejada de safiras. A seu lado, Æthelred resplandecia em ouro da coroa até a bainha da túnica, em homenagem ao santo com cujo nome fora batizado – e para impressionar a multidão.

O cortejo seguiu seu caminho passando por aglomerações de reverentes e silenciosos moradores da cidade e do campo, espalhados pelas ruas para assistir ao desfile da realeza, dos prelados e do deslumbrante relicário do santo. Muitos na multidão seguravam cruzeiros; outros traziam crianças de olhos arregalados empoleiradas nos ombros.

Quando Athelstan entrou na Antiga Catedral, levou um momento para ajustar a visão na vastidão sombria da igreja, depois de ter acabado de sair da claridade solar. Sentiu o perfume de rosas antes que pudesse vê-las. As irmãs de Nunnaminster e as damas da corte de Emma tinham transformado a construção de pedra fria em um pavilhão florido – em cada altar e coluna havia guirlandas de flores perfumadas. Bem acima, brilhantes estandartes de seda ondulavam de seus suportes nas paredes.

Do órgão imenso veio um hino solene que ecoou sobre as cabeças da congregação enquanto o rei subia com sua comitiva para a câmara real, perto do altar. Athelstan se posicionou atrás do pai e correu os olhos pelas centenas de fiéis abaixo. Muitos deles tinham passado a noite na igreja para garantir um lugar privilegiado do qual pudessem olhar à vontade para a cintilante realeza. Hoje, poucos fiéis, pensou ele, observando seus rostos voltados para cima, ocupariam a mente com orações.

Na verdade, seus próprios pensamentos não eram nada religiosos; eram muito mais mundanos do que seria prudente ou sensato. Emma tinha se ajoelhado na diagonal dele, quase à sua frente, e estar tão perto dela quando não podia tocá-la nem falar com ela era uma doce tortura.

Pela milésima vez, lembrou a si mesmo que ela era a esposa de seu pai.

As palavras se repetiam em sua cabeça como uma ladainha desvairada, mas não importava. Sim, ela era a mulher de seu pai, mas seu pai não a amava, nem ao menos a queria.

E, que Deus o amparasse, ele sim.

Não cobiçarás a mulher do próximo.

Qual dos mandamentos era aquele? E quando o próximo era seu próprio pai? Haveria alguma redenção para quem cometesse aquele pecado?

Ele não se importava, porque não queria a redenção; queria a esposa de seu pai, embora jamais fosse poder tê-la. Ela estava tão além de seu alcance quanto a Lua.

No entanto, ele a amava – o que ainda o deixava perplexo. Apesar das leis de Deus e do homem, apesar até mesmo da própria vontade, ele a amava. E não sabia o que fazer, porque enquanto seu pai vivesse, ele nunca poderia tê-la.

A cerimônia pareceu durar uma eternidade. No momento em que terminou, suas reflexões sombrias sobre a impossibilidade de sua paixão por Emma o tinham levado quase ao desespero. O casal real saiu da igreja à frente do cortejo e Athelstan os seguiu obedientemente. Lá fora, foram recebidos por uma multidão e uma cacofonia de sinos. Forçando-se a desviar os olhos e os pensamentos da rainha, ele percebeu um movimento à sua frente, à direita, como a ondulação causada por um sopro de vento em um campo de trigo. Confuso, olhou para a multidão de cores vivas e, em meio aos tons de verde, amarelo e marrom, distinguiu uma solitária forma negra, rápida como a sombra de um falcão, que ia em direção ao rei.

Capítulo Catorze

Outubro de 1002

Winchester, Hampshire

O intenso repicar dos sinos da catedral encheu a praça de ondas sonoras quando Emma, andando ao lado do rei, sorriu para o povo que os aclamava ao longo de seu caminho. Sentia o calor do sol vespertino nos ombros e desejou poder diminuir o passo e apertar algumas das muitas mãos que se estendiam ansiosas para tocar a rainha. Æthelred, no entanto, não permitiu. Sua mão firme no cotovelo dela a fazia seguir rápido em direção aos portões do palácio.

Olhou para ele e viu que seu rosto tinha o aspecto severo de sempre. Ela não compreendia. Era o dia da festa dele. Toda aquela alegria era em sua homenagem. Será que ele não podia nem mesmo sorrir para seus súditos em agradecimento? E tivera boas notícias naquela manhã: os ventos do mar Estreito tinham virado a favor da Inglaterra. Não haveria mais ameaça de pilhagens por navios, pelo menos até que as rotas marítimas se abrissem novamente na primavera.

Para ela, ao menos, era uma boa notícia, se não para o rei. Durante todo o verão, Emma tinha esperado o ataque de invasores dinamarqueses, temendo que, quando isso acontecesse, seu irmão estivesse implicado de alguma forma, fosse culpado ou não, e que a represália recaísse sobre ela, fosse culpada ou não. Agora se sentia segura e caminhava com o passo mais leve, como se um pesado fardo tivesse sido tirado de seus ombros.

O primeiro indício de que havia algo errado foi o som de uma única voz discordante que se elevou, estridente, acima do clamor dos sinos. Emma ouviu maldições estrangeiras naquele grito, palavras que arrepiaram os

pelinhos de seus braços e lhe fizeram o sangue gelar. Procurou a origem daquele ruído horrível e, ao fazer isso, viu o lampejo de uma faca acima dos espectadores mais próximos. Antes que pudesse gritar, o rei foi arremessado de cabeça no chão e Athelstan investiu contra uma figura que havia se atirado sobre eles saída da multidão.

Emma gritou quando a faca brilhou mais uma vez, a lâmina descendo. No mesmo instante, um punhado de guardas de espadas em punho surgiu na frente dela, empurrando-a para trás enquanto formavam uma parede que a separou de Æthelred e de Athelstan. Mãos ásperas agarraram-na pelos ombros e um grupo de guardas do rei a cercou, fazendo-a atravessar os portões e entrar no pátio do palácio. Não havia possibilidade de protestar, de saber qual o dano perpetrado, pois os homens não diminuíram o ritmo até chegarem aos aposentos dela.

– Preciso ver o rei – insistiu, apavorada pelo que vira e escutara.

A faca descera na direção de Athelstan. Deus do Céu, o que teria acontecido?

Fez menção de sair do quarto, mas um dos guardas bloqueou-lhe o caminho.

– A senhora vai ficar aqui, milady – disse ele com firmeza. – Há homens da segurança postados no corredor para mantê-la a salvo.

Então ele foi até a porta e a fechou, interrompendo o protesto dela.

Por um momento, Emma ficou simplesmente parada olhando para a porta, trêmula e com medo. A dúvida avançou como um verme sob sua pele até chegar a seu cérebro. A intenção dos guardas seria mantê-la segura ou impedi-la de fugir?

De qualquer modo, era uma prisioneira.

Começou a andar de um lado para outro, os olhos fechados, tentando entender o que tinha visto, recordando com terrível clareza as palavras que haviam suplantado o barulho incessante dos sinos. O tempo passou devagar, e ela nada ouvia exceto o som dos próprios passos. Parecia que horas tinham transcorrido até finalmente soarem vozes no corredor.

Emma se virou para a porta assim que ela se abriu e o mordomo do rei, Hubert, entrou.

– O que aconteceu? – perguntou, antes mesmo que ele terminasse seu cumprimento.

O coração dela martelava dentro do peito esperando-o falar.

– A criatura que levantou a mão contra o rei foi presa – anunciou o homem.

– E lorde Athelstan? – indagou ela. – Não foi ferido?

Ele ergueu uma sobrancelha e Emma percebeu seu erro. Deveria ter perguntado primeiro pelo rei. Acrescentou, em tom formal:

– Pensei ter visto o *ætheling* ser atingido.

Os lábios finos e quase sem cor do mordomo curvaram-se ligeiramente num sorriso que descartava a questão.

– Um ferimento insignificante, minha senhora, que já foi tratado. O rei, posso lhe garantir, nada sofreu. Ele manda que a senhora não fale sobre o incidente com ninguém e ordena que vá ao seu encontro para o banquete no grande salão assim que puder.

Ela encarou o mordomo, sem ter certeza de que tinha escutado direito.

– O rei quer manter segredo disso? Como?

Não era possível. Havia centenas de pessoas na praça.

Hubert deu de ombros.

– Poucos viram de fato o que aconteceu, e foram tomadas medidas para calar as línguas ociosas. Aqueles que precisam saber, é claro, serão informados, a critério do rei. Ele confia na discrição da senhora.

Então, com um cumprimento brusco, ele a deixou.

Ainda abalada, Emma continuou a andar de um lado para outro, tentando desvendar a intenção do rei em abafar o incidente. Seria apenas porque não queria que seus súditos o considerassem uma vítima e, portanto, fraco? Ou teria algo mais em mente? Ainda não chegara a uma conclusão sobre o que poderia ser quando Wymarc entrou rapidamente no quarto.

– Por que há guardas à porta? – perguntou a jovem.

Não parecia assustada, apenas confusa. Portanto, talvez Hubert tivesse razão e o que acontecera na praça da catedral não fosse de conhecimento geral.

– Não é por nada importante – retrucou Emma, ansiosa para acabar com a curiosidade da outra. – Está tudo bem.

Wymarc examinou-a com seus olhos castanhos e balançou a cabeça.

– Pode estar tudo bem – disse –, mas a senhora está pálida como um espectro, milady, e trêmula como um choupo à ventania. Se não quer me contar o que não vai bem, pelo menos permita que lhe traga uma taça de vinho.

Emma, reconhecendo de repente que sentia as pernas fracas e trêmulas como varas verdes, deixou-se cair numa cadeira. Aceitou o vinho de bom grado, apesar da dificuldade em manter a taça firme, pois não conseguia controlar o tremor das mãos. Como ansiava montar Ange e fugir dali, seguindo ao longo do rio até chegar ao mar. Mas o rei ordenara que participasse do banquete, e ela precisava obedecer. Será que Athelstan estaria presente? Ela torcia para que sim. Hubert não dera importância ao ferimento do *ætheling*, mas o mordomo diria qualquer coisa que Æthelred mandasse, então apesar do que o homem lhe garantira, ela continuava apreensiva por Athelstan.

A voz de sua mãe, vinda de algum canto de sua mente, ecoou em sua cabeça. *Nunca deixe ninguém ver seu medo.*

Emma olhou para as mãos trêmulas e respirou fundo, tentando alcançar uma calma que lhe escapava. Não era só por Athelstan que temia. As palavras do agressor ainda ressoavam em seus ouvidos. Poucas pessoas na multidão as teriam escutado, e menos gente ainda, compreendido, pois a língua em que haviam sido pronunciadas fora o dinamarquês.

“Morte ao rei! Morte ao conselho!” As palavras foram gritadas várias vezes seguidas. Ela as escutou até enquanto ainda estava sendo levada para dentro dos portões do palácio.

No entanto, não era o que fora dito que a assustava. Era o que Æthelred, que não falava dinamarquês, poderia fazer quando soubesse o que significava.

Æthelred presidiu o banquete com o que acreditou ser uma louvável dignidade. Seus filhos e sua guarda pessoal tinham cuidado rapidamente do patife que tentara matá-lo, e os integrantes da multidão que estavam perto o bastante para presenciar o ataque tinham sido subornados com prata e ameaças para ficarem de boca fechada. Ele não queria que seus inimigos soubessem que quase tinham conseguido liquidá-lo.

E, no entanto, fora por um triz.

Comeu pouco, pois o espectro da própria morte escancarava-se à sua frente como um poço aberto. Quando não aguentou mais a tensão, levantou-se dizendo que estava cansado e saiu do salão, depois de pedir aos convivas que continuassem a festejar. Mandou acender tochas e velas em

seus aposentos – não queria ficar no escuro naquela noite – e optou pela solidão.

Já dentro no quarto, andando de um lado para outro em silêncio, constatou que nenhuma luz poderia apagar de sua mente a imagem de uma faca reluzente descendo em sua direção. Era o castigo merecido, ele não tinha dúvida – a indenização pelo assassinato de um rei.

Vinte e quatro anos antes, ele tinha visto uma lâmina igual àquela cintilar em uma mão levantada, um lampejo no escuro. Naquela noite, ninguém interferiu, nenhum paladino se adiantou para salvar a vida do monarca. Ele assistiu horrorizado, com um grito preso na garganta, imerso nas sombras do alto das escadas, Edward rechaçar aquele primeiro golpe. Mas houve muitas estocadas depois daquela. Inúmeras. Edward foi massacrado pelas mãos de homens em quem confiava.

Æthelred parou de andar diante da cruz na qual Cristo estava pendurado, agonizante.

O ataque a ele havia sido uma sentença proferida por Deus como castigo pelo assassinato cometido em Corfe. Suas mãos não tinham empunhado as armas que mataram o irmão, mas também não tinham feito nada para impedir o crime. Ele vira os cavaleiros chegando, testemunhara o brilho do luar em suas espadas, e não tivera a presença de espírito de avisar Edward. Tinha ficado ali parado, com a boca aberta em um grito silencioso que nunca chegara a ser proferido.

No fim de tudo, deram-lhe a coroa de Edward.

No entanto, naquele dia, seu filho – que tanto se parecia com o rei morto – vira o perigo e saíra em socorro do rei. Athelstan poderia ter subido ao trono naquela noite se tivesse hesitado apenas um pouco. Mas não hesitou. Havia interferido num ato divino de punição. Mas Deus, Æthelred sabia, não iria desistir.

Caiu de joelhos diante da cruz, fechou os olhos, inclinou a cabeça e fez uma oração silenciosa pedindo misericórdia. Ele tinha se empenhado na reparação. Incentivara o culto que reverenciava seu irmão como mártir e santo. Mandara construir um santuário para os restos sagrados de Edward, investira em abadias em nome do mártir. O que mais poderia fazer que já não tivesse feito?

Contudo, mesmo enquanto rezava, um pavor frio se apoderava dele.

– “Sim, ainda que eu caminhe pelo vale da sombra da...”

Mas o salmo ficou preso em sua garganta e uma força invisível o impeliu a levantar a cabeça e contemplar aquela figura familiar, torturada na cruz. Horrorizado, viu que o rosto que o encarava era o de Edward. Era o sangue de seu irmão que escorria de uma dezena de feridas abertas, e eram os olhos dele que o fitavam numa acusação muda.

Æthelred tentou desviar o olhar para fugir daquele poder que o dominava, mas não conseguiu. Sua visão enevoou-se com lágrimas e uma dor fria, lancinante, atingiu-lhe o peito uma vez, depois outra. O cheiro de carne queimada invadiu-lhe as narinas e ele gemeu, aterrorizado, porque sabia que era o fedor do castigo que o acometia e que a morte – e algo pior do que a morte – o esperava.

Pois, certamente, naquela terrível noite além-túmulo haveria um julgamento, e seu irmão, Edward, estaria esperando.

Elgiva, andando pelo corredor que levava ao quarto do rei, ouviu o grito de aflição de Æthelred e apressou o passo.

Não acreditou quando ele disse que estava exausto e precisava descansar. Algo desagradável tinha ocorrido, sem dúvida. Ela notara os olhares inquietos trocados pelo rei e Athelstan, e percebera a expressão frágil e séria de Emma.

Houvera rumores, também – algo sobre um incidente no pátio da catedral. Determinada a desvendar o mistério, Elgiva escapou do banquete logo depois do rei. Se alguma traição estivesse acontecendo, seu pai iria querer tomar conhecimento dela.

Ela se aproximava dos aposentos do rei, aliviada ao ver à porta um guarda que a conhecia bem e que poderia ser persuadido a deixá-la entrar, quando ouviu Æthelred gritar. O guarda olhou para a porta, assustado, mas não fez nenhum movimento para abri-la.

– Não ouviu isso, idiota ? – disse Elgiva. – O rei precisa de ajuda! Vá lá dentro, homem!

O guarda hesitou, depois bateu com força na porta.

– Meu senhor?

Sem obter resposta, bateu e chamou outra vez, mas Elgiva o empurrou e abriu a porta.

Æthelred estava ajoelhado no chão de pedra, de costas para eles, os braços abertos, imitando a imagem do crucifixo na parede. Não deu nenhum sinal de que os tivesse ouvido entrar e continuou virado para a cruz, como em transe.

O guarda parou no meio do caminho, parecendo querer que a terra o engolisse. Elgiva pôs um dedo sobre os lábios e fez-lhe sinal para sair.

Sozinha com o rei, ela observou Æthelred ajoelhado, com a testa franzida. O que quer que tivesse acontecido naquele dia, provavelmente o assustara até o fundo da alma para fazê-lo ficar naquela posição. Ela teria preferido qualquer outra reação àquela. Estava acostumada a ver homens beberem até cair – seu pai o fazia com bastante frequência sempre que algo o perturbava, de modo que Elgiva possuía alguma experiência em lidar com o corpo trôpego de um homem. Tinha muito menos confiança em sua capacidade de lidar com uma *alma* trôpega, porém.

Amaldiçoando em silêncio os homens e suas fraquezas, ajoelhou-se ao lado do rei e, não sabendo mais o que fazer, também abriu os braços. Não sabia qual era a oração que Æthelred estava enviando para o Céu, mas a dela era um apelo sincero para não ter de ficar agachada ali por muito tempo.

Depois de alguns instantes, olhou para o rosto do rei e viu, com leve repulsa, que estava molhado de lágrimas. Constrangida diante daquela demonstração emotiva nada masculina, começou a dar tapinhas nas costas dele cautelosamente, como faria com uma criança chorando.

– Meu senhor – sussurrou, sem saber bem o que devia falar –, não se desespere. – Procurou palavras tranquilizadoras e agarrou-se a algo que o bispo dissera no sermão interminável daquele dia. – Nosso Salvador escuta e atende às orações até mesmo dos miseráveis mais humildes que colocam sua fé e confiança n’Ele. Quão maior não será Sua compaixão e amor para com o rei que tem nos ombros as preocupações de todos nós?

A princípio, Æthelred não respondeu, e ela se perguntou se estaria de fato em transe e não a tivesse ouvido. Depois de alguns momentos, no entanto, ele relaxou a postura rígida, sentou-se sobre os calcanhares e enterrou o rosto nas mãos. Grata, Elgiva também relaxou.

– Deus não tem compaixão por mim – murmurou ele. – Permitiu que um servo do diabo me ferisse.

Ela não compreendeu muito bem o significado das palavras, a não ser o fato de ele parecer acreditar que o ocorrido havia sido orquestrado pelo

próprio Deus. Aquilo era pecado de orgulho, sem dúvida alguma. Elgiva reprimiu uma exclamação de desdém pela vaidade de Æthelred.

– Conte-me o que aconteceu hoje – sussurrou ela. – O senhor talvez descubra que pode aliviar a sua mente se falar sobre o assunto – acrescentou, esperançosa. Vamos, senhor meu rei. Não quer me contar?

Ela teria gostado muito mais de se levantar e conduzi-lo ao conforto macio de sua cama real, mas temia interromper a conexão que se estabelecera entre eles. Então, continuou a acariciar as costas e os ombros dele, a correr os dedos por seu pescoço e couro cabeludo. Viu seu peito subir e descer quando ele soltou um longo suspiro e começou a desabafar.

Elgiva escutou o relato dele, impressionada com a audácia do ataque. O homem com a faca devia ser louco, pois não havia esperanças de escapar com vida. Só uma pessoa fora de si tentaria fazer aquilo.

– Ele foi enviado pelo Céu para me castigar – afirmou Æthelred, o olhar mais uma vez fixo na figura de Cristo na cruz. – Não teve sucesso, mas outros virão.

Elgiva fechou os olhos. Qual seria o pecado que enegrecia a alma do rei para fazê-lo esperar um castigo divino tão severo? Aquele era, de fato, um segredo que valia a pena conhecer. Abriu os olhos e observou o homem a seu lado. O rosto dele estava pálido e abatido de exaustão, como se tivesse passado um longo tempo doente. Ele era fraco, aquele rei, e ela sentia apenas desprezo por ele. No entanto, lembrou a si mesma, todos os homens eram fracos.

E Æthelred ainda era um rei.

Deslocou-se para a frente e virou-se para olhar o rosto dele.

– Mas, senhor meu rei – sussurrou –, não vê que o ocorrido pode não ter sido uma sentença de Deus, mas um aviso? Mesmo que Deus tenha permitido que esse demônio o perseguisse, ele não teve êxito. Seu filho o protegeu e isso, com certeza, também foi obra de Deus.

Ela conquistara a atenção dele. Os vincos na testa se aprofundaram, e Elgiva percebeu que ele estava pensando em suas palavras. E aproveitou o momento:

– Está certo em rezar, meu senhor, e deve pedir orientação em suas preces. Como disse, esse homem pode ser apenas a ponta de uma onda maior e mais terrível prestes a se quebrar sobre nós. Não vê que precisa se recuperar para combater esse flagelo? – Procurou algo bíblico que fosse

adequado. – O senhor precisa ser o Davi, meu senhor, que vence Golias. Precisa ser Sansão, que destrói os filisteus. Precisa ser um rei guiado por sua coragem e paixão, não pelo remorso por atos que não podem ser desfeitos.

Ela prendeu a respiração. E se tivesse ido longe demais? Será que ele iria rejeitá-la pela presunção de lhe sugerir o que fazer?

Olhou-o nos olhos e viu uma súbita centelha de calor ali, mas não era o calor da raiva nem do desespero. Animada, inclinou-se para a frente e roçou de leve sua língua no lábio inferior dele, e Æthelred reagiu puxando-a arrebatadamente para si.

A cópula que se seguiu foi rápida e rude. Elgiva não sentiu prazer, mas não se importou. Chegara enfim aos braços de um rei. Despertara-o de seu torpor, e sem dúvida ele a recompensaria à altura. Groa prognosticara um destino real para ela, e agora Elgiva estava certa de que, dentro de pouco tempo, tudo o que merecia estaria a seu alcance.

Emma dormiu pouco na noite da Festa de São Æthelred, pois as maldições proferidas pelo agressor do rei continuaram a ecoar em sua mente. Na manhã seguinte, pediu para falar com Æthelred e, quando isso lhe foi negado, ficou preocupada. Por que ele não queria recebê-la? Estaria agora com medo de tudo o que fosse da Dinamarca, inclusive da rainha cuja mãe tinha sangue dinamarquês?

No decorrer do dia, tentou saber o que se passava nos aposentos dele, mas não conseguiu descobrir nada, e sua apreensão cresceu. Sentia-se tão indefesa quanto um camundongo numa caixa, privado de luz e som. Não se atrevia a falar com ninguém sobre o que acontecera no pátio da catedral, pois o rei a proibira. Não ousava sequer confessar seus temores numa carta para seu irmão, com medo de que fosse interceptada.

À tarde, cansada da sucessão infindável de perguntas que se sucediam em sua cabeça, foi sozinha para o jardim do palácio em busca de uma trégua. Só o que podia fazer era andar de um lado para outro, cheia de dúvidas e apreensões.

Decidiu que precisava encontrar alguma forma de falar com Athelstan. Não existia mais ninguém a quem pudesse confiar seus temores, e ele sem dúvida saberia o que se passava na mente do rei. Ansiava por vê-lo, conversar com ele e ouvir sua opinião, para encontrar alguma tranquilidade.

Ansiava por uma porção de coisas, refletiu, que não podia ter.

Então o viu entrar no jardim e aproximar-se dela em meio às sombras, e teve a sensação de ter sido atendida por um anjo piedoso.

– Esperava encontrá-la aqui – disse ele, com urgência na voz.

Levou-a para um pequeno bosque reservado na extremidade do jardim.

– Conte-me o que está acontecendo – suplicou Emma. – Não consegui descobrir nada, e tenho medo do que o rei possa estar planejando.

Ele, porém, ignorou a pergunta dela para fazer a sua:

– A senhora sabe o que ele disse, não sabe? – Examinou o seu rosto. – O homem que empunhava a faca. A senhora entendeu o que ele disse.

Emma se lembrou do conselho de sua mãe: manter em segredo seu conhecimento da língua dinamarquesa. “Não vai lhe fazer conquistar o afeto de seu novo senhor, e pode criar desconfianças.”

Quando Emma não respondeu, Athelstan o fez por ela:

– Claro que entendeu. Sua mãe é dinamarquesa. *Jesu!* – Correu a mão nervosamente pelo cabelo. – O rei sabe disso?

– Só Margot sabe. E, agora, o senhor.

Ele respirou fundo.

– Guarde isso em segredo, minha senhora – recomendou. – Não conte a mais ninguém, está me ouvindo?

– O que está acontecendo? – perguntou Emma mais uma vez.

– O homem que atacou o rei é um louco – começou Athelstan. – Suas ideias são tão confusas quanto um quebra-cabeças. Eu já disse isso a meu pai, mas ele não me dá ouvidos. Está convencido de que seu trono está ameaçado por inimigos dinamarqueses de dentro do reino, e está tomando providências para impedi-los de agir. Não haverá a comemoração tradicional de Natal na corte. Amanhã, as crianças irão para a propriedade de Cookham, e eu tenho ordens de seguir para Headington com Edmund e Ecbert. Meu pai quer que fiquemos espalhados para não servirmos de alvo. – Ele fez uma careta. – Mas não é só isso. Há algo pior, receio.

Emma permaneceu em silêncio, esperando o próximo golpe.

– Ele não confia em seus criados normandos – continuou Athelstan. – Devem todos ir embora da corte. Hugh irá para Exeter trabalhar como capataz em suas terras do dote. Sua guarda pessoal deverá acompanhá-lo, assim como suas damas, com exceção de uma ou duas. A senhora deverá ficar confinada ao palácio, para sua segurança.

Ele confirmara os piores medos de Emma. Todos iriam embora de Winchester, enquanto ela permaneceria ali, uma prisioneira à mercê do rei. Estaria impotente e sem amigos, suspeita de alguma indignidade imaginária.

Sentiu que ele lhe segurava os ombros para firmá-la, então levantou a cabeça e fitou aqueles olhos azuis que agora lhe eram tão familiares.

– Quando?

– Dentro de uma semana.

Ela fechou os olhos. Como iria suportar? Sem seus compatriotas, o inverno iminente parecia-lhe longo, solitário e assustador.

Sem Athelstan, os dias seriam intermináveis.

– Emma. – A voz dele soou urgente outra vez e ela abriu os olhos. – Não tenho certeza de que isso seja tudo. – Ele franziu a testa, a fisionomia grave. – Há algo de sombrio na mente de meu pai que não compreendo. Você tem que me prometer que será cautelosa com ele, que não lhe dará nenhum pretexto para lhe causar mais sofrimento. Prometa-me.

De repente, ela tomou consciência do silêncio no jardim. Até os pássaros tinham voado para longe e, pela primeira vez, os dois estavam sozinhos, sem crianças, criados ou acompanhantes. Não havia olhos para observá-los, para interpretar cada gesto e expressão.

Ela ergueu a mão para acariciar o rosto dele, com a barba áspera, cortada rente.

– Prometo ter cuidado. – Prendeu a respiração quando ele se inclinou para comprimir os lábios na palma de sua mão. A ternura do toque fez seu coração pular de alegria e sua alma encolher-se de pavor. – Agora você precisa ir, antes que alguém apareça. Rezo para que Deus o mantenha em segurança.

– É mesmo? Pois eu rezo para outra coisa. Algo em que é pecado até mesmo pensar.

Ele apertou os ombros de Emma e a beijou – um beijo dolorido que era feroz, raivoso e desesperado como uma maldição. Um instante depois, Athelstan já se fora e ela ficou ali, sozinha com seu medo, com a perspectiva do inverno escuro e solitário que a aguardava e com o coração partido por um desejo sem esperança.

Uma semana depois de sua festa, o rei convocou um grupo seletivo de conselheiros de confiança para uma reunião no fim da noite. O interior do pequeno aposento, contornado por largas bancadas de velas, irradiava claridade, enquanto o resto do palácio, e a maioria das pessoas dentro dele, dormia no escuro. Meia dúzia de velas adicionais brilhavam em meio a uma confusão de taças e jarras de vinho na mesa comprida posicionada no centro do ambiente.

Æthelred, sentado à cabeceira, olhava para os homens que entravam. Via a apreensão em seus rostos enquanto olhavam de soslaio, nervosos, para os escreventes atrás deles, que anotavam os nomes de cada um que chegava. O rei não dera nenhuma informação sobre o objetivo daquela reunião. Eles logo iriam descobrir.

Convidou os homens a se sentarem e, quando os criados começaram a encher as taças, o humor no recinto ficou perceptivelmente mais leve. Ele próprio bebia pouco, mas observou, satisfeito, as taças serem esvaziadas e enchidas mais uma vez. Reflexões sóbrias não era o que desejava daqueles homens naquela noite.

Finalmente, fez um sinal para todos os criados saírem, exceto os escreventes, que tinham a tarefa de registrar o que fosse dito ali e o que seria decidido.

– Estamos aqui – começou Æthelred, em tom solene, coçando a barba – para resolver a questão dos dinamarqueses que residem dentro de nossas fronteiras. Primeiro, quero verificar a magnitude do problema. O que têm para me dizer?

Não precisavam de muito incentivo – Æthelred os escolheu a dedo. Cada um deles tinha numerosos casos de ofensas a relatar: incidentes com gado roubado, igrejas saqueadas, mulheres violentadas, tudo obra dos renegados dinamarqueses. À medida que as histórias surgiam e as taças eram esvaziadas, a raiva em torno da mesa foi aumentando até culminar em maldições e brados de vingança.

Æthelred deixou-os dar vazão à sua indignação. Já decidira o que deveria ser feito. A criatura que o atacara na praça da catedral era apenas um sintoma de um mal muito maior. A Inglaterra estava infestada de bandos de mercenários vikings turbulentos, guerreiros experientes, fiéis apenas a seus próprios líderes e ao ouro que lhes era pago. Haviam sido úteis a ele em outros tempos. Agora que ficara provado que não eram confiáveis,

permaneciam nas terras como uma doença contagiosa. Homens como Pallig, sem ocupação e sem laços de lealdade que os contivessem, eram como um câncer que dominava seu reino. Ele não tinha escolha a não ser extirpá-los antes que formassem um exército e o destruíssem.

Na outra extremidade da mesa, Eadric de Shrewsbury contou sobre o roubo de uma manada de cavalos e o incêndio de um celeiro, depois deu um soco na mesa.

– Meu senhor, esses sujeitos vivem entre nós mas permanecem à margem da lei – disse. – Não respondem a ninguém. Temos medo, e com razão, dos homens que vêm em navios e roubam nossa comida, nossos bens e nossas mulheres. Mas deveríamos temer ainda mais os demônios que pensam como eles, os que habitam nossas terras e não precisam cruzar o mar dinamarquês para vir nos assassinar.

Æthelred assentiu com a cabeça enquanto gritos de aprovação retumbavam em torno da mesa. Estava na hora do ato final. Fez um sinal para o guarda da porta e então falou, acima do alarido:

– Meus senhores, eu mesmo fui vítima desses homens sem Deus. Eles chegaram ao ponto de erguer a mão contra seu rei.

Houve gritos de assombro e revolta, e antes que se extinguíssem, ele exclamou:

– O demônio estrangeiro que quase me matou está ali!

Apontou para a figura esfarrapada, vestida de preto, que estava parada à porta entre dois guardas. A criatura enrubesceu, correu os olhos malevolentes pela sala e, ao ver Æthelred, uivou como um animal que fareja a presa. Esforçando-se para se libertar dos grilhões, as mãos estendidas tentando em vão se atirar sobre o rei, o monstro gritou em dinamarquês as pragas que tinham sido a única coisa a sair de sua boca desde o momento em que fora preso.

Os homens ao redor da mesa ficaram mudos. O abade fez o sinal da cruz.

Æthelred, certo de que seu prisioneiro exercera o impacto desejado, fez um gesto para que os guardas o levassem dali.

– É esse o tipo de peste que enfrentamos – disse. – As palavras dele atingem a todos nós, pois ele ameaça de morte a mim e ao meu conselho, e jura que um exército dinamarquês tomará a Inglaterra para si.

Mais gritos de protesto e raiva seguiram-se a essa declaração, e o abade Kenulf, sentado ao lado de Eadric, pôs-se de pé.

– Eles não são cristãos – afirmou, com a voz impregnada de autoridade espiritual. – Homens assim adoram deuses pagãos e praticam atos pagãos. Brotaram entre nós como joio no meio do trigo, e precisamos nos livrar de seu contágio fétido antes que não possamos fazer mais nada.

A gritaria recomeçou, e Æthelred levantou a mão para contê-la.

– O que diz é verdade, abade, mas a tarefa precisa ser realizada com cuidado e em sigilo. Se desconfiarem que estamos nos preparando para combatê-los, eles nos enfrentarão com todas as forças. – E também era provável, pensava ele, que os dinamarqueses vencessem a luta. – Foi por isso que os convoquei aqui hoje com tanta discrição. Proponho mandar mensageiros a meus capatazes em todas as cidades e aldeias em que esses homens residem. Meus enviados levarão mandados declarando tanto esse homem como todos os como ele traidores da coroa. E no dia que eu designar, todos eles, no país inteiro, serão presos e mortos pela espada. Estamos de acordo?

Eadric socou a mesa outra vez e bradou:

– *Aye*, meu senhor! Tem meu apoio!

Num instante, os outros homens fizeram o mesmo e Æthelred assentiu com a cabeça, satisfeito. Seu prisioneiro, apesar de claramente louco, desempenhara bem seu papel.

Æthelred virou-se para o escrevente mais próximo dele.

– Em quanto tempo isso pode ser feito? – perguntou.

O escrevente contraiu os lábios, pensativo.

– Vamos precisar de pelo menos duas semanas para preparar os mandados, meu senhor, e vários dias depois disso para entregá-los. – Deslizou um dedo de cima a baixo na página de um dos livros abertos à sua frente, em seguida levantou os olhos para o rei. – Sexta-feira, 13 de novembro – falou. – Dia de São Brício.

Æthelred assentiu com a cabeça. No dia de São Brício ele estaria livre dos inimigos que perturbavam seus dias e torturavam suas noites.

Dispensou os conselheiros e foi para a cama – e para os braços de Lady Elgiva – muito satisfeito com o trabalho da noite.



1002 d.C. O rei ordenou que todos os dinamarqueses que estivessem na Inglaterra fossem assassinados. E assim foi feito, no dia consagrado a São Brício, porque foi dito ao rei que os dinamarqueses iriam matá-lo, em seguida matar os membros de seu conselho, e então tomariam seu reino sem qualquer resistência.

— *Crônica Anglo-Saxã*

Capítulo Quinze

Novembro de 1002

Winchester, Hampshire

Novembro era o mês do sangue, o tempo da carnificina, quando o gado era abatido, cortado e preparado para a época de escassez do inverno. Em Winchester, os dias curtos tornaram-se frios e úmidos, mas Emma mal prestava atenção no clima. Só saía do palácio para assistir às cerimônias em uma das duas grandes igrejas próximas, sempre escoltada por membros da guarda particular do rei, pois sua equipe de segurança normanda tinha sido mandada embora, espalhada por suas diversas propriedades em Wessex e Mércia. Hugh tinha ido para Exeter, e Emma sentia falta dele mais do que de todos, pois ele lhe dera bons conselhos sobre a gestão de suas propriedades. Wymarc, em sua opinião, devia sentir ainda mais, embora fizesse o possível para esconder.

– Eu posso mandá-la para Exeter também, se você quiser – oferecera Emma a ela vários dias antes de Hugh e seus homens partirem.

Testemunhara o afeto que nascera entre Wymarc e Hugh, e, apesar de a ideia de perder a amiga partir seu coração, não queria negar-lhe a felicidade que sua rainha nunca teria.

– Que utilidade eu teria para a senhora em Exeter? – retrucara Wymarc.
– Meu lugar é a seu lado, milady, não numa fortaleza qualquer num local afastado do reino. E, se acha que estou disposta a ir atrás de Hugh, bem, não fará nenhum mal a ele descobrir como o mundo pode ser horrível só com mulheres inglesas.

No entanto, quando Hugh se despediu de Emma, Wymarc o acompanhou para fora do aposento e quando voltou seus olhos estavam

marejados d'água, e ela tinha a aparência amarfanhada de uma mulher que acabara de ser beijada com ardor.

Na manhã de 13 de novembro, dia de São Brício, as acompanhantes inglesas de Emma estavam em seus aposentos reunidas em pequenos grupos; pareciam pássaros coloridos. Emma tinha se acomodado com Wymarc, Margot e o padre Martin – o que restava de seu séquito normando. Os quatro examinavam, ansiosos, um pacote que tinha chegado de Rouen com a notícia do casamento iminente da irmã de Emma, Mathilde, com um conde francês. Uma carta da mãe dela fornecia os detalhes, mas Emma ficou decepcionada por não encontrar nenhuma mensagem pessoal da irmã.

Ela achava que Mathilde ainda nutria ressentimentos por não ter sido enviada para se casar com um rei. Emma sentiu vontade de chorar com a cruel ironia do fato, mas suas lágrimas teriam que ficar para mais tarde, quando estivesse sozinha em sua cama fria e recordasse as noites passadas com a irmã no quarto das duas em Fécamp.

O padre Martin começou a ler em voz alta o que equivalia a um sermão de seu irmão, o arcebispo, a respeito dos deveres da esposa para com o marido, e Emma ficou aliviada quando ele foi interrompido por um criado trazendo notícias, pelo menos até ouvir o que o mensageiro tinha a dizer. Um dinamarquês não identificado tinha sido condenado à morte naquela manhã por crimes contra o rei.

Ela sabia qual tinha sido o delito do prisioneiro, e que ele perdera a vida como castigo por levantar a mão contra o rei. Houve especulações exaltadas sobre a execução, porém, entre as mulheres ali reunidas.

Emma tentou ignorar as conjeturas delas. Ninguém ali tinha como saber com certeza o que o louco fizera ou quão perto o pobre coitado estivera de assassinar o rei ou seu filho.

Então ela viu Elgiva, que a fitava com um olhar malicioso e insolente. Elgiva, ao menos, sabia o que tinha acontecido naquele dia na praça da catedral. Na verdade, ela devia saber muitas coisas, pois estava dormindo com o rei.

Era o maior segredo aberto da corte – isso e o fato de Æthelred não visitar a cama da rainha havia muitas semanas.

A pequena centelha de medo que sempre ardia dentro dela brilhou mais intensamente quando Emma considerou o problema que Lady de Northampton representava.

Se as atenções do rei para com Elgiva continuassem a afastá-lo da cama de sua esposa, ela nunca conceberia um filho. Isso pouco importava a Æthelred. Ele já tinha muitos rebentos, portanto o dever não o obrigava a buscar os braços de Emma. Era ela quem precisava de um filho para garantir sua posição dentro da corte e protegê-la em caso de morte do rei.

E reis costumavam morrer. Adoeciam e morriam sem nenhuma razão evidente. Acontecera com o próprio pai de Emma. E com o pai de Æthelred, também, quando ele era mais novo do que o filho era agora.

Durante as últimas semanas, destituída de seus protetores normandos, Emma viera a perceber quão instável era realmente a sua posição. Não seguira o conselho de sua mãe. “Use sua juventude e beleza para cair nas boas graças do rei”, Gunnora lhe dissera. No entanto, ela não só perdera a batalha pelas boas graças de Æthelred como deixara o caminho livre antes do início da batalha. O rei a afastara e ela se retirara de bom grado. Agora talvez fosse tarde demais.

Se fosse declarada estéril, nem mesmo sua posição de rainha a protegeria. Seria trancada em alguma abadia e viraria uma esposa amargurada, caída em desgraça, que só poderia contar com o irmão para apoiá-la.

O rei não aparecia mais em sua cama. Logo depois do casamento, ao menos Emma era para ele uma nova aquisição ainda desconhecida, um mistério a ser desvendado. Agora que se acostumara, ela não lhe dava a satisfação que Elgiva proporcionava.

Precisava encontrar uma forma de atrair o rei para seu quarto, por mais repugnância que a perspectiva lhe causasse. Só que não tinha a menor ideia de como fazer isso.

No dia seguinte, foi o padre Martin quem entrou nos aposentos da rainha com notícias. Emma e suas damas estavam sentadas em torno de uma armação que sustentava um pedaço de linho no qual um motivo de flores e folhas tinha sido desenhado com um pigmento negro. Aos poucos, os dedos diligentes das mulheres iam transformando o preto em cores vivas, sedosas.

Passava bastante do meio-dia e a luz estava diminuindo quando Emma viu o padre hesitar à porta. Começou a sorrir para ele, mas o gesto morreu em seu rosto quando viu a fisionomia transtornada de Martin.

– O que houve? – perguntou.

– Há notícias chegando de todos os lados sobre uma grande matança – disse ele, com a voz tensa. – Um massacre de dinamarqueses, por ordem do rei.

– Um massacre?

Todas as pessoas tinham se calado, e as palavras de Emma ecoaram no silêncio.

– Homens, mulheres e crianças mortos pela espada – continuou o padre.
– Comerciantes arrastados de dentro de seus negócios, fazendeiros e mulheres tirados de suas casas e exterminados. Um monge de Oxford contou uma história execrável de pessoas que buscaram refúgio em uma igreja, foram trancadas lá dentro com correntes e a igreja, incendiada por uma multidão sedenta de sangue. Só em Oxford morreram cinquenta pessoas, que Deus as tenha.

Ao lado de Emma, Elgiva falou calmamente, continuando a furar o linho com sua agulha:

– Eles eram a prole do diabo e inimigos do rei. Teriam nos assassinado em nossas camas se lhes dessem oportunidade. O rei foi sábio em atacar esses inimigos que vivem entre nós antes que pudessem nos prejudicar.

Emma tinha deixado cair a agulha e juntou as mãos enquanto as imagens de mães e filhos queimando invadiram sua mente, então dirigiu um olhar indignado a Elgiva.

– O que faz deles nossos inimigos? – perguntou com frieza. – Boatos? Inveja? Costumes estranhos? Uma língua diferente? O que fizeram para merecer uma morte tão horrível?

– Atacaram o rei no dia de sua festa – disse Elgiva. – O dinamarquês que foi executado há dois dias tentou assassinar o rei. Seus aliados foram mortos para serem impedidos de trazer um exército para lutar contra nós.

Emma recordou o uivo enfurecido jurando morte e destruição. Mas que viera da boca de um único homem, com uma mente alterada, distorcida, mais digno de pena do que de temor.

– Nunca houve qualquer prova da existência de um exército – observou.

– O rei não precisa de provas. A senhora não viveu entre nós por muito tempo, não compreende ainda o perigo que os dinamarqueses representam para os ingleses. – Nesse momento, ela encarou Emma com um olhar de desafio. – Temos de ter cuidado com eles, pois são estranhos em nosso meio.

Assim como a senhora. As palavras não foram pronunciadas, mas ainda assim Emma sentiu sua força e ameaça.

Ficou acordada até tarde, atormentada pelas últimas notícias e pela falta de compaixão cristã que testemunhara dentro da própria casa. Mandara avisar ao rei que estava indisposta e que faria sua ceia em seu quarto, pois achava que não suportaria o tipo de conversa que provavelmente escutaria à mesa de Æthelred.

No fim do dia, o assassinato dos dinamarqueses, inclusive o de mulheres e crianças inocentes, estava sendo aclamado como uma grande vitória. Quem discordava não se atrevia a exprimir sua opinião.

Emma estava sentada, tendo apenas Wymarc para servi-la, quando o rei entrou no quarto. Parecia ter vindo direto do salão, pois usava uma túnica curta de lã escarlate e tanto seu cinto quanto seus braceletes e as espessas correntes em seu pescoço eram de ouro.

– Saia – ordenou ele a Wymarc, que, com um longo olhar para trás na direção de Emma, deixou o quarto.

Quando ficaram sozinhos, Æthelred se serviu de um copo de vinho. Emma, observando a mão dele tremer enquanto despejava a bebida no recipiente, achou que ele já se embebedara antes de aparecer ali.

– Está acordada até bem tarde, minha senhora – disse ele.

– Estou indisposta e não consigo dormir.

– Já que está acordada, então é bom que eu tenha vindo lhe fazer companhia, não é?

Emma olhou para Æthelred e permaneceu em um silêncio obstinado. Tinha que recebê-lo em sua cama, porque era seu dever ao marido, senhor e rei. E devia isso a si mesma, pois precisava desesperadamente de um filho. No entanto, não conseguia. Não era capaz de tirar da cabeça as imagens de crianças queimadas, e isso foi tudo o que conseguiu fazer para impedir que o ódio transparecesse em seu rosto.

Æthelred examinou sua esposa à luz das velas. Sentada em sua cadeira acolchoada, parecia uma rainha sob todos os aspectos. Mesmo vestida apenas com sua camisola, tinha um porte imponente, apesar da juventude. O xale macio e espesso de lã negra finamente tecida que jogara sobre os ombros salientava a brancura de sua pele. O cabelo, solto da trança discreta

que usava durante o dia, pendia em torno dela em ondas suaves que caíam como um rio de leite em seu colo.

Nos seis meses desde as suas núpcias, não desenvolvera nenhuma afeição especial a relação a ela, mas sentia um orgulho enorme em possuir algo de beleza tão excepcional.

Emma, no entanto, não apreciava plenamente a boa sorte de ter sido escolhida para ser sua rainha. Faltava algo em sua fisionomia sempre que olhava para ele. Mesmo naquele momento, ela o fitava com desprazer, como se a filha de um duque arrivista pudesse se considerar melhor que um rei inglês. Tinha achado que enviar os compatriotas dela para longe a obrigaria a ser leal a ele, mas ainda assim Emma se mantinha distante. Quando olhava para ele, sua expressão era fria, sem nenhuma centelha de gratidão ou aprovação. Por Deus, ela o irritava.

Æthelred bebeu um grande gole de vinho e sentou-se na enorme cama dela, rodeada de cortinados.

– Foi uma imprudência ausentar-se do salão hoje, senhora – disse ele –, pois era seu dever como rainha estar lá. Sem dúvida, tem consciência de que a maré dinamarquesa teria nos tragado se não fosse contida. Deus fez de mim o instrumento de Sua Vontade Divina e eu salvei todos nós, até mesmo a senhora, de um perigo terrível. Sua voz deveria ter se elevado junto com todas as outras em orações de agradecimento. No entanto, a senhora parece indiferente.

– Na verdade, o meu senhor não me faz justiça.

Ele levantou uma sobrancelha para ela, esperando uma justificativa.

– Como poderia ficar indiferente ao massacre de inocentes? – disse Emma.

Céus, a garota devia ser louca ou idiota por falar daquele jeito com ele.

– Inocentes? É assim que os chama? Um povo bárbaro sem respeito pela vida e pela propriedade alheias? Um povo que incendeia, saqueia, assassina e estupra, e que iria ensinar os filhos a fazer o mesmo? Teria medo deles se tivesse visto a destruição que têm espalhado por nossas cidades e aldeias.

Os olhos dela faiscaram, e sua boca se contorceu de desprezo.

– E, com esse ato, o senhor não desencadeou a morte e a destruição sobre o seu povo? A igreja de St. Frideswide, em Oxford, deveria ser um lugar de refúgio, mas se tornou uma pira funerária para mulheres e crianças por causa de sua ordem. Se teme tanto os dinamarqueses, então deve temer a

mim também. Minha mãe é dinamarquesa, um desses bárbaros, como diz. Não receia que eu possa matar todos os seus filhos em suas camas? Ouvi dizer que os príncipes ingleses têm motivos de sobra para temer as suas madrastas.

Assim que as palavras lhe saíram da boca, Emma percebeu que fora longe demais. A raiva do rei contra ela vinha ardendo em brasas desde o momento em que ele entrara no quarto, e agora que ela tinha abanado as chamas, a raiva se transformou em fúria. Emma sabia, por instinto, que deveria correr dali, mas não tinha para onde ir. Num instante, ele atirou a taça no chão e cobriu a distância entre eles com um único passo. Esbofeteou-a com força e, antes que Emma pudesse se recobrar do golpe, agarrou-a abruptamente e a pôs de pé.

– Você está ameaçando meus filhos, sua vadia normanda?

Ele a sacudiu e, pela primeira vez na vida, ela teve medo do que um homem poderia fazer com ela.

– Meu senhor, não, de jeito nenhum! – exclamou ela, a voz entrecortada, os dentes rangendo. – Quis apenas lembrar que o senhor tem muitos povos em seu reino, e nem todos são ingleses. – Tentou acalmar a voz, falar com a gravidade de um padre ou de um conselheiro. – Se tornar todos os dinamarqueses responsáveis pelos atos de um homem, meu senhor, estará cometendo uma grave injustiça contra eles. Meu sangue também é dinamarquês, porém sou leal ao meu rei. Com certeza não sou a única.

Ela olhou para ele e seu estômago se contraiu de medo ao se dar conta de que ele bebera demais para escutar a voz da razão.

– Conheço muito bem sua origem, sua vadia – vociferou Æthelred. – É melhor ter cuidado com a minha. Se não teme os dinamarqueses, sugiro que passe a temer a mim! – Ele a sacudiu de novo e, embora Emma se contorcesse para se soltar, não conseguiu. – Eu a comprei e paguei com ouro inglês, e ainda não tive nenhum retorno decente pelo meu investimento, nem ao menos a semente de um fedelho meio normando criando raízes em seu ventre. Talvez eu tenha agido errado, tratando-a com delicadeza demais. Quem sabe prefira um comportamento mais bárbaro, mais de acordo com os hábitos de seus ancestrais.

– Não, meu... – começou ela, mas ele a estapeou outra vez.

Tonta com a força do segundo golpe, Emma mal se debateu enquanto Æthelred a arrastava para a cama. Quando a jogou com brutalidade em cima

do colchão, ela tentou se encolher, mas ele usou o joelho para prender suas pernas. Enfiou uma das mãos no rosto dela, abafando seu grito e empurrando sua cabeça para trás, imprensando-a na cama. Com a outra mão, Æthelred agarrou a barra da camisola e embolou-a para cima, e então Emma soube o que ele faria. Sentiu o peso do homem em cima de si, expulsando-lhe o ar dos pulmões de tal forma que precisou lutar para respirar debaixo da mão que cobria sua boca e seu nariz. Arqueou as costas, tentando aliviar a pressão angustiante em seu couro cabeludo, repuxado por seu cabelo comprido que ficara preso sob os corpos dos dois.

Empurrou o peito dele com as mãos, enfiando-lhe as unhas, desesperada por ar. Mas Æthelred era um homem forte, e os punhos dela não o afetaram em nada. Em pânico, Emma temeu sufocar sob todo aquele peso, até que enfim ele se ergueu acima dela e ela pôde respirar. Usou o ar que sugara para gritar quando ele a penetrou brutalmente várias vezes seguidas.

Quando terminou, caiu em cima dela outra vez, mas tirou a mão de seu rosto, e ela abriu a boca num soluço para encher os pulmões de ar. Æthelred se inflamou de novo e, agarrando a cabeça dela com as duas mãos, imobilizou-a e cobriu sua boca com a dele, enfiando-lhe a língua e impedindo-a outra vez de respirar, fazendo seu pânico crescer de novo. Comprimiu rudemente a boca contra a dela, usando os dentes para cortar os lábios de Emma antes de levantar a cabeça. Quando ela olhou para o rosto dele, a centímetros do seu, viu sangue em sua boca.

– Devia ter feito isso desde o início – disse ele. – Marcado você como minha propriedade. Você não é mais uma dinamarquesa, lady, nem uma normanda. Tem minha semente inglesa dentro de você, o que a torna uma mulher inglesa e nada mais. Nunca esqueça isso.

Então ele se levantou e Emma se virou de lado, rastejando para o outro lado da cama e apertando os joelhos dobrados contra o peito. Não o viu sair.

As notícias sobre o massacre do dia da Festa de São Brício chegaram a Athelstan quando ele estava caçando no bosque Hwicce. Escutou incrédulo os relatos lúgubres, então se pôs imediatamente a caminho de Oxford com uma pequena escolta para descobrir o que havia de verdadeiro por trás das terríveis histórias.

Aproximaram-se do povoado de Pallig e Gunhild em um fim de tarde em meados de novembro, acompanhados por uma chuva constante e melancólica. O exterior da paliçada estava deserto, o portão escancarado, um fedor repugnante enchia o ar. No centro do conjunto de construções, uma pilha macabra de restos humanos carbonizados e molhados pela chuva estava exposta a céu aberto. Mais à frente, o grande salão de madeira e seus anexos encontravam-se inteiros e intactos, mas desprovidos de quaisquer sinais de vida.

Athelstan desmontou, contornou os restos sangrentos da pira e entrou no salão. O lugar tinha sido saqueado por completo. Todos os móveis, todas as tapeçarias das paredes, tudo se fora. O chão de terra batida tinha sido escavado em vários pontos, em busca de algum tesouro que pudesse estar escondido, imaginou ele.

Depois de encarregar seus homens da tarefa de enterrar os restos mortais no pátio interno, Athelstan seguiu para a cidade de Oxford. Passou pelos escombros carbonizados da igreja de St. Frideswide, mas não parou para inspecioná-la. Já vira o suficiente para confirmar os boatos desagradáveis. O que ele queria saber era se alguém havia escapado da ira do rei. Sua intenção era descobrir o que acontecera com a mulher de Pallig e seu filho pequeno.

Encontrou o capataz do condado no celeiro local supervisionando a separação de roupas, móveis, painéis e utensílios, ferramentas, até mesmo armas e armaduras. Athelstan deduziu de onde tudo aquilo viera – eram os pertences confiscados dos pobres infelizes que tinham sido exterminados por ordem do rei. O braço administrativo do reino de seu pai funcionara da forma mais eficiente possível. Aqueles objetos seriam classificados e vendidos entre os habitantes locais, com a maior parte dos rendimentos indo para Æthelred. Nada seria destruído ou perdido. Exceto vidas.

Sua conversa com o capataz foi breve. O sujeito garantiu-lhe ter cumprido a ordem do rei, e que ninguém havia escapado de sua justiça.

– Atacamos antes do amanhecer com mais de uma centena de homens – disse ele. – Eles tinham sentinelas no portão, mas acabamos com elas antes que pudessem dar o alarme. Nós pegamos a maioria dormindo, embora aquele filho da puta do Pallig tenha lutado como um louco antes de conseguirmos estripá-lo. A mulher dele também não foi um alvo fácil. Ela usava o machado com a habilidade de um lenhador, aquela peste, tentando

nos impedir de chegar perto do filhote dela. Matou dois homens meus, mas não adiantou nada. – Deu um sorriso largo e uma piscadela, depois inclinou a cabeça na direção da igreja de St. Frideswide. – Os da igreja eram gente da cidade, que moravam entre nós como se pertencessem ao lugar. Dinamarqueses sujos. – Virou para um lado e cuspiu no chão. – Acharam que o padre iria salvá-los, mas ele estava do nosso lado. Já tínhamos reunido uma boa multidão àquela altura, e foi o próprio padre Osborn quem pôs fogo na palha do teto. O bom Deus nos proporcionou um céu limpo e, ah, aquilo virou uma bela fogueira! – Balançou a cabeça, satisfeito. – Acho que foi um bom dia de trabalho, esse dia de São Brício.

Athelstan praguejou ao se afastar. Um bom trabalho, de fato. Os homens de Oxford tinham seguido as ordens do rei ao pé da letra. Quanto ao resto do país, provavelmente nem o rei jamais saberia quantas centenas de pessoas tinham sido assassinadas e quantas teriam escapado das espadas, pois sem dúvida nem todos os dinamarqueses teriam sido assassinados. E Athelstan também tinha certeza de que alguém levaria a notícia do massacre a Swein Forkbeard e lhe contaria que sua irmã e o filho dela estavam entre os mortos.

Haveria um preço a pagar pelo massacre do dia de São Brício. Sangue gerava sangue, e Swein não deixaria essa ofensa sem resposta.

Quando Athelstan voltou a Winchester, dois dias depois, já ouvira muito mais relatos de assassinatos praticados em Londres, Warwick e Shrewsbury. A cada nova história, sua raiva aumentava. Ignorando o protocolo da corte, ele entrou direto nos aposentos particulares de seu pai e bateu com as duas mãos na mesa diante do rei.

– Por que fez isso? – exigiu saber. – O que lhe deu para condenar inocentes ao fio da espada?

Æthelred levantou os olhos, contraiu os lábios e, com um gesto, dispensou o mordomo e o escrevente que trabalhava em uma mesa próxima. Afundando na cadeira, o rei cruzou os braços e olhou com ar soturno para o filho.

Athelstan, observando o pai, pensou que ele era a própria imagem de Deus do livro de Salmos que sua avó lhe dera. Lá estava ele sentado, o Senhor do Juízo Final, concedendo redenção ou condenação como bem entendesse.

– O dinamarquês que me ameaçou – disse Æthelred, devagar – afirmou ser parte de um exército. Você o ouviu. Você mesmo falou com ele.

– Sim, falei com ele! Era louco! Estava delirando! Não havia exército nenhum!

– Agora não há, mesmo. – A voz de Æthelred estava calma. – Meus capatazes cuidaram disso. E mataram apenas homens armados.

– O senhor está mal informado – retrucou Athelstan, friamente. – Eles mataram mulheres e crianças. Em Oxford, pessoas foram queimadas vivas na igreja onde buscaram refúgio.

Æthelred abanou a mão descartando a informação.

– Isso foi um engano.

Athelstan olhou para ele, boquiaberto. Um engano era como ele denominava aquilo. No entanto, não havia nenhum sinal de arrependimento no semblante do rei, apenas uma ligeira irritação.

– Foi feito em seu nome! – exclamou Athelstan. – A ação é responsabilidade sua.

– Não só minha. Ouvi meus conselheiros.

– Então o senhor foi mal aconselhado! A quem pediu conselhos? Deixe-me adivinhar. Eadric de Shrewsbury, que não faz segredo de seu ódio pelos dinamarqueses que se instalaram perto de suas terras? Æthelmær de Oxford, que provavelmente dobrará o tamanho de suas propriedades como resultado de tudo isso? O abade Kenulf...

– Consulte os homens que seriam os primeiros a morrer caso nosso inimigo nos atacasse internamente! – interrompeu Æthelred. – O reino está mais seguro agora que nosso inimigo foi destruído. *Eu* estou mais seguro!

Athelstan fitou o pai. Como um rei podia ser tão cego para as consequências de seus atos?

– O senhor não destruiu um inimigo, meu pai – insistiu ele. – O senhor criou um. Essa ação vai voltar para assombrá-lo. Centenas de pessoas estão mortas por ordem sua. Pallig está morto, embora o senhor tenha lhe dado ouro para construir seu solar e concedido as terras em que ele morava com a família. A mulher dele, Gunhild, e o filho pequeno estão mortos. Acha que o irmão dela, Swein Forkbeard, o mais feroz de todos os guerreiros dinamarqueses desde a época de Alfred, não vai procurar se vingar?

– Se assim for, vai fazê-lo de fora do reino, não de dentro! Eu não podia permitir que meus inimigos morassem dentro das minhas fronteiras,

engordando às custas de nossas terras enquanto esperam um sinal para se virarem contra nós e atacarem. Homens mais sábios do que você deram suas bênçãos a esse ato. Eles não questionam o julgamento de seu rei.

– Os dinamarqueses que vivem entre nós não tinham nenhuma razão para atacar, meu senhor. Agora o senhor lhes forneceu uma. Preste atenção nas minhas palavras, meu pai: o senhor vai lamentar essa ação impiedosa. Todos nós vamos lamentar!

– Seus lamentos não me interessam! – retrucou o rei. – O assunto está encerrado. Hubert!

O mordomo do rei entrou, fez uma reverência para seu senhor e ficou parado ao lado de Athelstan, olhando para ele incisivamente.

Frustrado e irritado com a resistência do pai a seu raciocínio, Athelstan bateu com a mão na mesa, virou-se e saiu.

Æthelred era um tolo. Era rico, poderoso e abençoado por Deus, e ainda assim era um tolo. Estava tomando decisões que inevitavelmente levariam a uma catástrofe. Era o mesmo que usar fogo grego para apagar chamas. E Athelstan desconfiava seriamente de que, agora que a labareda havia sido acesa, nenhum deles escaparia do incêndio.

Æthelred ficou carrancudo quando Athelstan deixou seus aposentos. O idiota do filho não compreendia. Como poderia? Não presenciara a ira de Edward, não sofrera com a antevisão da própria danação – e não fora obrigado a tomar medidas para impedi-la.

No entanto, com aquela ação que causara tanta repulsa a seu filho, ele havia triunfado sobre seus inimigos e sobre a vingança que seu irmão morto procurava exercer do além-túmulo. Tinha protegido seu reino e sua coroa.

E, sem dúvida, havia banido para sempre o fantasma hediondo que tanto o atormentava.

– Meu filho me repreende, Hubert – disse ele –, por defender o reino que ele mesmo herdará um dia. Ele opõe sua sabedoria jovem a minha experiência e meu conhecimento.

– Ele tem só 17 anos, meu senhor. Pense que, quando o senhor tinha essa idade, já reinava havia mais de 7 verões. Talvez seu filho acredite que é tão capaz quanto o senhor era na época.

Æthelred franziu a testa. Athelstan ainda era um filhote. Não tinha a experiência necessária para entender as mentes dos homens.

– Aos 17 anos, eu era muito mais maduro do que seria natural nessa idade – observou ele. – Meu filho, porém, ainda não domina as habilidades de um líder. Ele comanda sua pequena tropa, mas até o momento não passou por nenhum grande teste.

– No entanto, meu senhor, ele lhe prestou um grande serviço recentemente, não foi? Intervindo quando o dinamarquês poderia ter tirado sua vida? Com isso, mostrou habilidade e lealdade. Talvez a ação dele pudesse ser recompensada com alguma forma de reconhecimento, algum símbolo visível de sua consideração por ele.

– A Espada de Offa, você quer dizer? Designá-lo meu herdeiro e dar-lhe propriedades para administrar?

– Se o senhor Athelstan se ocupar com as próprias responsabilidades, talvez passe muito menos tempo refletindo sobre as suas, meu rei.

Æthelred apoiou o queixo nas mãos cruzadas e considerou a sugestão do mordomo. Tinha seus méritos. Seu filho sem dúvida merecia alguma recompensa por sua ação rápida naquele dia na praça da catedral. Conceder-lhe a Espada de Offa só iria confirmar o que já era de aceitação geral – o *ætheling* mais velho um dia herdaria o trono. Quanto às terras, talvez fosse hora de dar a todos os seus três filhos mais velhos mais autoridade na administração das propriedades que já possuíam. Isso os manteria ocupados e lhes daria a experiência necessária.

– No próximo *witan* – disse ele a Hubert –, vamos dar a espada a meu filho e outras incumbências também. Vou deixá-lo testar suas habilidades de decisão com os próprios homens. Vamos ver como ele se sai.

Capítulo Dezesseis

Fevereiro de 1003

Abadia de Wherwell, Hampshire

Emma, envolta num manto quente de lã forrado de pelo de marta e acompanhada por Wymarc e Margot, caminhou lentamente por um dos caminhos de cascalho do jardim da Abadia de Wherwell. Era a primeira vez que saía em muitas semanas e, depois de percorrer apenas uma curta distância, Emma teve de admitir a derrota. Estava cansada. Andava sempre cansada nos últimos tempos. Seu corpo e até sua mente estavam vagarosos. Cada movimento, cada pensamento exigiam um esforço enorme, como se seu corpo e seu cérebro tentassem seguir contra uma ventania. Ela havia rezado pedindo alívio dessa exaustão na escuridão silenciosa da capela da abadia, mas suas orações tinham ficado sem resposta.

Sentia-se grata pelo auxílio das irmãs e pelos cuidados que Wymarc e Margot vinham tendo com ela desde a noite em que a encontraram ensanguentada, machucada e violentada pelo rei. As duas tinham tratado de seus ferimentos até ela poder sair de Winchester e ser transportada para Wherwell numa liteira fechada, o rosto destroçado escondido atrás de um véu escuro. As marcas físicas agora tinham desaparecido. Só aquela letargia que lhe entorpecia a alma permanecia, tão debilitante que Emma era incapaz de lembrar quanto tempo fazia que chegara ali. Fora antes do Natal, portanto devia haver dois meses, ao menos segundo seus cálculos. O tempo parecia ter parado dentro das paredes da abadia, mas ela sabia que o pouco de paz que encontrara ali não poderia durar. Não podia continuar escondida do mundo como uma criança assustada, sobretudo porque o rei insistia para que ela estivesse presente nas festividades da Páscoa – pelo bem da política.

Assim, pelo bem da política, precisava retornar a Winchester. Essa obrigação desagradável, no entanto, ainda demoraria um pouco. A Quarta-Feira de Cinzas tinha passado, mas faltavam algumas semanas para a Páscoa. O jardim em torno dela, despido pelo inverno, não revelava nenhuma promessa de primavera. O momento da renovação da terra pairava no futuro como um sonho distante.

Emma se dirigiu a um banco sob a sombra de uma árvore cujos galhos nus se espalhavam como dedos esqueléticos contra o céu azul. Raios de sol passavam entre eles, e ela se sentou com o rosto virado para o seu calor delicado. Acenou para as companheiras se unirem a ela e, por alguns momentos, ficaram todas em silêncio, até que Emma, voltando-se para Margot, relutantemente retomou o fio da conversa que tinha interrompido um pouco antes.

– Diga-me como pode ter tanta certeza.

– Os sinais, minha senhora, estão todos aí – disse Margot com delicadeza. – Basta saber lê-los.

Emma fechou os olhos. Achava que poderia estar morrendo aos poucos de alguma doença debilitante, um inimigo insidioso que minava suas forças e não a deixava comer. Por algum tempo, até desejou isso. Entretanto, assim como sabia da existência do sol mesmo quando estava escondido por trás de nuvens pesadas, também sabia o que de fato a afligia: trazia um filho do rei dentro de si, afinal – o fruto da crueldade dele e de sua própria humilhação.

Emma abriu os olhos e fitou com firmeza o rosto enrugado e preocupado de Margot.

– Não quero este bebê – disse num sussurro, buscando a compreensão nos olhos da anciã. – Tenho medo de odiá-lo, de lembrar como foi concebido cada vez que olhar para ele.

Havia meios de acabar com aquilo. Margot saberia o que fazer.

A velha encarou-a de volta e seus olhos castanhos não vacilaram nem por um instante.

– Entendo o que me pede, filha. E tenho certeza de que, se acreditasse mesmo que eu faria a sua vontade, não me pediria isso.

Emma fechou os olhos mais uma vez. Não tinha certeza se Margot estava certa. Ainda assim, tivera sua resposta. Teria de carregar aquela coisa, botá-la no mundo e encontrar alguma forma de tolerar sua existência. Outros

cuidariam dela e a criariam. Só precisava carregá-la, embora até mesmo isso fosse difícil. Mas jamais poderia amá-la.

– Emma.

A voz cortante de Wymarc interrompeu seus pensamentos melancólicos. Ela sentiu a amiga segurar sua mão como se a socorresse do afogamento num mar sinistro.

– A criança não é o pai. É, na verdade, um milagre e a resposta às suas preces. Você aprendeu a amar os outros filhos do rei. Não vai amar ainda mais seu próprio bebê? Se tem alguma dúvida, pense na pequena Mathilda.

A imagem de uma criança travessa, radiante, de olhos azuis, veio à mente de Emma. Mathilda, a menina de sangue real que fora consagrada a Wherwell com 2 anos de idade, havia sido a companhia constante de Emma desde que ela aparecera na abadia. Fascinada pelas maravilhosas recém-chegadas que tinham entrado em seu mundo do convento, a criança apegara-se a Emma com a lealdade e confiança de um cachorrinho fascinado. Emma nada fizera para incentivá-la, mas foi impossível resistir à devoção da menina. Agora elas eram inseparáveis, e a filha pequena de Æthelred se tornara o único raio de sol na escuridão em que se transformara a vida de Emma.

E, no entanto, ela pensou, cruzando os braços firmemente sob o manto e balançando o corpo para a frente e para trás, desesperada, não tinha certeza de que seria capaz de amar a criança que crescia dentro dela. O bebê custara-lhe um preço alto demais. Repugnava-lhe o ato brutal que tinha plantado a semente em seu ventre, desprezava o homem que o tinha perpetrado, desprezava a si mesma por ter se submetido a ele. Como não desprezar a criança que resultaria daquilo?

Pressionou os dedos contra as pálpebras, lembrando os dias de sua infância na Normandia, desejando poder voltar àquela época mais simples. A imagem de sua mãe surgiu em sua mente, mas ela a expulsou. Gunnora era a culpada por ela estar ali naquele momento, morrendo de tristeza, de medo e com um filho indesejado na barriga. Iria odiá-la para sempre por condená-la àquele destino infeliz.

Todavia, para seu próprio bem, assim como para o bem daqueles que dependiam dela, precisava livrar-se dos pensamentos sombrios em que estava mergulhada. O tempo de chorar tinha acabado. Não podia mudar o passado, e não podia continuar a remoer a sua dor como uma menina

inexperiente. Agora devia pensar como uma rainha, porque, se não decidisse como agir, outros fariam isso por ela.

Deixou cair as mãos no colo e respirou fundo.

– O rei precisa ser informado a respeito da criança – disse, devagar, planejando o próximo passo como se tivesse uma batalha pela frente –, mas não de imediato. Isto continuará sendo um segredo até que eu mesma possa contar-lhe.

De alguma forma, precisava encontrar forças para enfrentá-lo – não como uma suplicante, mas como uma rainha cuja fertilidade foi comprovada. Ela exigiria a posição a que tinha direito. Insistiria no controle total sobre suas propriedades e sobre as pessoas que viveriam com ela em sua casa. Reivindicaria a liberdade de ir e vir como quisesse.

Seria uma rainha, não mais uma prisioneira.

Antes do fim da semana, Emma já tinha enviado uma mensagem ao conde Ælfric, pedindo que lhe fizesse uma visita formal. Quando ele chegou, respondeu a todas as perguntas relativas a acontecimentos da corte e contou-lhe sobre as preocupações atuais dos nobres e do povo, que eram a alma do reino.

Ela soube que o rei se instalara em Bath para a Quaresma e tinha designado Athelstan como seu herdeiro, presenteando-o com a Espada de Offa. Descobriu que Elgiva continuava a ser a companheira favorita do rei, apesar da desaprovação velada dos prelados que viajavam com a corte.

– Eles temem a ira do Senhor por esse pecado – disse Ælfric. – Há muitas pessoas, minha senhora, que receberiam com alegria a notícia de seu retorno à corte.

Emma ponderou com cuidado essas palavras, contrabalançando a vontade dos bispos e abades e os desejos de um rei voluntarioso. Ao partir, Ælfric levava uma mensagem a Æthelred, solicitando que ele fosse vê-la em Wherwell em sua viagem de volta para Winchester. Nas semanas que se seguiram, Emma planejou e rezou, reuniu suas forças e procurou aceitar a promessa de vida que crescia dentro dela, mas que lhe parecia um fardo sombrio e pesado demais para carregar.

Capítulo Dezessete

Semana Santa, março de 1003

Abadia de Wherwell, Hampshire

Elgiva vinha montada em um cavalo que andava com dificuldade sob uma chuva torrencial, por uma trilha enlameada que, supunha, levava à Abadia de Wherwell. Estava muito triste. Tinha começado a chover ao meio-dia e, àquela altura, três horas depois, a lã de sua capa forrada de peles estava ensopada. Pingava água das pontas de seu cabelo encharcado, do nariz, dos cotovelos e das pontas de seus dedos. Seu vestido molhado colava-se às suas pernas e ela sentia muito frio. Ansiava por estar abrigada, aquecida e seca, em uma cama com grossas cobertas acolchoadas de plumas, perto de uma lareira, mas não tinha muitas esperanças de desfrutar dessa trégua no final da viagem daquele dia. Já estivera em Wherwell antes e, a menos que as coisas tivessem mudado bastante, provavelmente não lhe ofereceriam nada muito mais confortável do que um colchão de palha no cômodo de hóspedes das freiras.

Pelo menos não a colocariam numa cela, pensou, com um arrepio. Tinha medo de espaços apertados e escuros desde que era criança – na época, seu irmão Wulf a atraía para o baú de roupas de sua mãe, fechara a tampa e a trancara, depois se esquecera dela. Passaram-se horas até darem por falta da menina e a libertarem, e em seguida ela ficou abatida e doente por dias a fio. Só pensar em passar uma hora que fosse numa cela minúscula e escura de freira dava-lhe um aperto no estômago.

Olhou de soslaio para Wulf, que cavalgava a seu lado. Onde, perguntou-se, ele iria dormir naquela noite? Era provável que encontrasse uma moça bonita com uma cama acolhedora em algum lugar na aldeia. O rei, à sua

frente com o bispo de Winchester, dormiria no aposento reservado aos visitantes reais. Infelizmente para Elgiva, não iria compartilhá-lo, pois ela era um dos prazeres de que o rei estava se privando durante aquela última semana da Quaresma.

Elgiva odiava aquela época. As orações intermináveis de arrependimento a entediavam, e os rituais de flagelação corporal quase a levavam à loucura. Conseguia entender por que os sacerdotes incentivavam sua prática pelo povo. Quando chegava a Quaresma, a maior parte de seus estoques de alimentos de inverno já tinha se esgotado. Convencer as pessoas a jejuar pelo bem de suas almas era apenas legitimar, a seus olhos, o que elas seriam forçadas a fazer de qualquer maneira. Mas o rei era rico o bastante para ter uma mesa decente até mesmo nos meses de jejum, então por que sua corte tinha de se submeter a uma dieta de verduras cozidas e peixe?

Elgiva tinha a impressão de que as porções de comida daquela viagem de Bath a Wherwell haviam sido especialmente escassas. Sentia fome o tempo todo, e o jejum e a maldita chuva não contribuía para seu bom humor. Graças a Deus a Quaresma estava quase no fim.

Porém, as últimas cinco semanas, por mais desagradáveis que tivessem sido, não haviam sido um total desperdício de tempo. Ela passara muitas horas ao lado do rei, distraíndo-o dos detalhes preocupantes do governo, contando-lhe histórias que ela improvisava. Incrementava contos que tinha escutado no colo de sua avó e criava narrativas sobre reis e batalhas em terras estranhas povoadas de monstros terríveis.

Sua história favorita era a do rei cuja rainha era estéril. Nela, a rainha sem filhos implorava ao marido que a deixasse entrar para um convento a fim de orar pela segurança de seu reino, que estava sob o ataque de invasores do extremo norte. Depois de muita relutância, o rei acabava concordando. Mandava a rainha para um convento e tomava outra mulher como esposa, que lutava ao lado dele para salvar seu povo.

Elgiva tinha inventado essa história uma noite em Bath, quando o rei estava sentado no salão com um grupo de seus *thegns*. Quando o conto terminou, ela se virou para Æthelred e perguntou, as sobrancelhas levantadas:

– Seria possível um rei afastar uma rainha estéril dessa maneira?

Sua ignorância era fingida: ela sabia a resposta.

O semblante de Æthelred ficou pensativo.

– Um rei pode seguir os próprios desejos no que se refere a mulheres – falou finalmente. – O imperador Carlos Magno tomou cinco rainhas como esposas, substituindo-as uma após outra quando se cansava delas. Nem precisou da desculpa da esterilidade para repudiá-las, embora eu acredite que várias delas não tenham gerado filhos. – Inclinou a cabeça para um lado, encarando-a. – Está me engambelando para conseguir uma coroa, lady? Seu pai a jogou nos meus braços com a intenção de me convencer a fazer a vontade dele?

O rosto dele adquiriu uma expressão carregada e ela se apressou em tranquilizá-lo.

– Não faço nada que não seja para obter seu afeto, meu senhor – respondeu, maliciosa. Depois, olhando-o de lado com ar sonso, acrescentou: – Mas eu não teria de dividir seu afeto com ninguém mais se sua rainha resolvesse entrar para um convento e abrir mão da coroa.

Æthelred ficou pensativo outra vez e ela sorriu intimamente. Plantara a semente. Com paciência, sorte e algum estímulo, faria com que florescesse.

Usando trajes secos mas ainda sentindo frio em razão da cavalgada daquele dia, Æthelred aquecia as mãos no braseiro do melhor quarto de hóspedes da abadia. Não estava com muita pressa de ver sua rainha. Que ela esperasse. Curvara-se à vontade dela de que interrompesse sua viagem ali para vê-la – uma convocação que Ælfric ornamentara com palavras eloquentes, mas ainda assim uma convocação.

Gritou pedindo vinho quente. Não faria mal nenhum fortalecer-se antes de enfrentar Emma. No último encontro com sua rainha, ela ousara criticá-lo por suas ações contra os dinamarqueses, imaginando poder doutriná-lo sobre os deveres de um rei. Ele achava que a dissuadira de pensar em aconselhá-lo sobre qualquer coisa, mas aparentemente estava enganado. Sem dúvida tinha algum assunto de grande importância que queria discutir com ele. Não o chamara pelo prazer de sua companhia, ele não tinha ilusões a respeito disso.

Bebendo o vinho em grandes goles, refletiu sobre a garota que era sua esposa. Seria possível que tivesse chegado à mesma conclusão que ele, que viveria muito melhor em um convento do que a seu lado? As freiras poderiam ter exercido alguma influência sobre ela durante a sua estadia ali.

Sem dúvida a receberiam de braços abertos – e mãos gananciosas – caso ela se recolhesse à abadia. Poderia até tornar-se abadessa um dia, quem sabe?

Tentou imaginar Emma como abadessa e pensou que ela se encaixava muito bem no papel. Na verdade, ele poderia até doar bastante ouro para ela fundar sua própria abadia e ornamentá-la como quisesse. E, caso Emma concordasse em se recolher a um convento, ele poderia tomar uma consorte mais adequada. Os bispos não teriam como contra-argumentar, pois certamente Emma era estéril. Cumprira seu dever para com ela e ela não concebera. Poderia colocá-la de lado com a bênção da Igreja.

Quando olhou para os carvões acesos no braseiro, eles pareciam brilhar com uma luz escura e malévola, e os seus pensamentos também ficaram sombrios. Havia mais a considerar do que apenas Emma. O irmão dela, Richard, poderia opinar sobre o destino da irmã. Poderia opor-se ao seu afastamento, poderia até querer que Æthelred a devolvesse para tentar negociá-la em outro lugar. Pediria seu dote de volta, também – uma consequência desagradável. E havia o problema adicional dos dinamarqueses e de seu acesso fácil aos portos da Normandia. Richard teria de ser convencido, de alguma forma, a manter os portões fechados para os vikings.

Æthelred franziu a testa. Não houvera ataques à costa da Inglaterra desde a chegada de Emma, portanto Richard parecia estar mantendo sua parte no trato. Ainda assim, se Emma não produzisse um filho, a boa vontade de Richard provavelmente desapareceria.

Balançou a cabeça. Era inútil especular. Primeiro, precisava ouvir o que Emma tinha a dizer. A partir daí, poderia decidir o que fazer com ela.

Os aposentos da rainha na abadia tinham sido concebidos pela mãe de Æthelred para atender às suas necessidades, e seu filho conhecia seus confortos. As tapeçarias bordadas que cobriam as paredes, as cortinas volumosas rodeando a cama enorme, até o baú para roupas com detalhes em bronze que ficava ao pé da cama, tudo lhe era familiar. Assim que entrou, porém, Æthelred sentiu uma antiga ansiedade começar a incomodá-lo, pois aquele era um mundo de poder feminino – estranho para ele como se fosse um outro país. Seu olhar passou pela criada sentada em um canto com uma roca e um fuso, pela abadessa acomodada a um lado do braseiro baixo e, enfim, se deteve em Emma.

Ela estava em uma cadeira estofada, trajando um vestido amarelo, o corpete bordado voluptuosamente com todas as cores do arco-íris. Na cabeça, usava um véu de cor creme preso com um diadema de ouro que brilhava à luz das velas. O véu emoldurava um rosto ainda mais lindo do que ele se lembrava.

Não se parecia com nenhuma freira que ele tivesse visto antes.

Surpreso, viu que ela tinha no colo uma menina de cabelos dourados vestida com a túnica simples das noviças. A criança fitava-o com olhos azuis cheios de solenidade, e ocorreu-lhe que aquela deveria ser sua própria filha, Mathilda. Aparentava a idade dela e tinha o cabelo louro-claro característico de todos os seus filhos, exceto Edmund.

Ao vê-lo, todas as mulheres se levantaram, e ele cumprimentou primeiro a abadessa, aceitando a taça ritual que ela lhe oferecia. Ficou aliviado quando, depois de murmurar uma breve frase de boas-vindas e algo sobre sua filha e sua rainha, ela pediu licença e se retirou. Menos uma fêmea com que lidar, ele disse a si mesmo, enquanto olhava para sua mulher e a criança agarrada a ela.

– Sente-se – ordenou a Emma, dirigindo-se à cadeira que a abadessa tinha desocupado.

Lançou um olhar irritado para a menina, que se tinha enroscado no colo de Emma como um gatinho contente. Esquecera-se daquela garota, embora a houvesse levado para lá depois que a mãe dela morrera. Tinha pouco contato com qualquer um de seus filhos até atingirem os 10 anos, e nenhum contato com as filhas. E aquela era sua filha, sem dúvida, com os olhos azuis límpidos e o cabelo brilhante, mas ele não tinha a menor ideia do que dizer ou de como agir com ela. Naquele momento, diante das duas, a criança encarando-o com olhos arregalados, ele se sentiu presenciando algum mistério feminino incompreensível. Sua irritação cresceu.

– Mandar a menina sair – resmungou.

A criada saiu depressa de seu canto, arrancou a menina, que agora choramingava, do colo de Emma e saiu do quarto.

– Perdoe-me – disse Emma com frieza. – Esqueci que seus filhos não lhe despertam nenhum interesse. Meu pai sentia muito prazer no contato conosco. Até com as filhas pequenas.

– Chamou-me aqui para me dar conselhos sobre meus deveres como pai? É um pouco tarde para isso. Não costumo alterar os meus hábitos,

sobretudo quando se trata de uma criança como essa, que agora pertence a Deus, não a mim.

– Não o chamei para aconselhá-lo, meu senhor – retrucou Emma. – Na verdade, o senhor deixou bem claro que não está disposto a ouvir a minha opinião sobre o que quer que seja.

Ele não esperava nenhuma demonstração de arrependimento de Emma, por isso não se surpreendeu. Ela o fulminava com os olhos, e mantinha o queixo empinado e altivo. A garota o deixava perplexo. Era apenas um instrumento sem poder, primeiro nas mãos do irmão, agora nas suas, mas parecia não entender o tamanho de sua fraqueza.

Incapaz de resistir, ele a provocou:

– Aconselhe-me sobre as relações de seu irmão com Swein Forkbeard e prometo, senhora, que ficarei atento a cada palavra sua.

Ele sabia perfeitamente que Richard não a deixava a par de nada. As correspondências que ela recebera da Normandia tinham passado antes pelas próprias mãos dele.

Emma ruborizou e Æthelred viu que sua farpa atingira o alvo. O queixo dela, porém, mantinha-se levantado, e o rosto tinha uma expressão determinada.

– Sinto decepcioná-lo – disse ela –, pois não posso responder pelas intenções de meu irmão. Mas espero que a notícia que tenho para lhe dar lhe desperte algum interesse.

– Não vejo a hora de ouvi-la – retrucou Æthelred, enchendo um copo de vinho e depois oferecendo-o a ela. Emma balançou a cabeça numa negativa e ele a olhou com certa surpresa. – Ah, está se abstendo de vinho. É em razão de seu jejum quaresmal ou algo mais significativo? Eu estava imaginando se teria tomado gosto pela vida do convento e houvesse me chamado aqui para anunciar que resolveu se dedicar a uma vida de oração e contemplação. Devo nutrir esperanças de que seja isso?

Evidentemente, não era. O rosto dela empalideceu e Emma se levantou devagar, indo se postar diante dele, as mãos fechadas dos dois lados do corpo.

– Sinto decepcioná-lo mais uma vez, meu senhor, porque o chamei aqui para lhe contar que estou esperando um filho.

Foi como se um véu caísse subitamente diante de seus olhos. Agora ele entendia: o alargamento da cintura e o volume dos seios, típicos da gravidez.

Essa era a origem, então, da segurança que irradiava dela como uma luz, pois Emma compreendia muito bem o novo poder que a gravidez lhe dava.

O rosto dele se contraiu, revelando surpresa e decepção, e ele a viu torcer a boca num sorriso amargo.

– Esta costuma ser uma ocasião feliz – disse ela –, mas vejo que o senhor não ficou satisfeito. Pensava em me pôr de lado para poder se casar com sua *leman*?

Ele levantou uma sobrancelha. Estivera afastado de sua companhia por algum tempo e esquecera como a descarada era inteligente – provavelmente tão inteligente quanto o maldito irmão. Seria bom ter isso em mente.

Em seguida, uma segunda revelação o atingiu, e ele percebeu quanto estava enganando a si mesmo. Nunca poderia se livrar de Emma. Mesmo que a criança que ela gerava nascesse morta, mesmo que a Igreja concordasse com o afastamento dela, Richard nunca iria tolerar isso. Ele usaria o fato como desculpa para se aliar ao rei dinamarquês. Os dois dividiriam a Inglaterra entre si, algo que seus tributos mais baixos e sua inferioridade numérica não conseguiriam evitar. O grande reino que Æthelred havia herdado desapareceria, invadido por uma onda normando-dinamarquesa, e seu irmão morto obteria sua vingança.

A sensação de impotência o enfureceu, e ele a extravasou da única maneira de que dispunha no momento.

– Aparentemente é uma concepção milagrosa – disse entre dentes, em tom raivoso. – O filho é meu?

Emma se atirou sobre ele, que foi forçado a largar o copo de vinho para agarrar os pulsos dela e impedi-la de arranhar-lhe o rosto. A taça de vidro bateu no chão de pedra e se espatifou.

– Claro que é seu – retrucou ela, com a voz sibilante. – O senhor plantou este filho dentro de mim na noite em que me usou como uma escrava pagã, o que me roubou qualquer alegria em relação a esta criança. Por causa disso, vou sempre desprezá-lo!

Então ela se afastou, olhando-o com uma fúria tão terrível que ele quase teve pena dela. Mas, ao contrário do copo de vinho, Emma não se quebrou. Tinha uma força interior que até Æthelred era obrigado a admirar, mas, por Deus, ela o cansava. Estavam casados – unidos por um contrato que nenhum dos dois poderia romper pelo resto da vida. Isso o fazia sentir-se

mais velho do que era por ser obrigado a arcar com a responsabilidade pelo bem-estar daquela rainha menina, além de todos os seus outros fardos.

– A senhora veio para a Inglaterra como mediadora da paz, lady – disse ele, esgotado –, para unir os interesses dos nossos países. E quando fez seus votos como esposa, concordou em ser governada por mim em todos os assuntos, pois não sou apenas o seu senhor, sou também seu rei. Se conseguir ao menos se lembrar disso, vai achar o peso deste casamento mais fácil de suportar.

Ela produziu um ruído semelhante a um riso estrangulado.

– O senhor acha? Acredito que isso aliviaria o *seu* fardo, meu senhor, e dificilmente diminuiria o meu. Apenas a morte o fará. – Colocou a mão na barriga e ergueu o queixo. – Mas tenho esperanças. O parto muitas vezes liberta a mulher das agruras da vida, não é?

Era verdade. O primeiro casamento dele havia terminado dessa forma, e uma solução semelhante não seria indesejável.

– Se é isso que anseia, senhora, talvez Deus a recolha em Seu seio – escarneceu ele. – Nesse meio-tempo, vamos partir para Winchester ao amanhecer. Certifique-se de estar pronta a tempo, junto com suas damas.

Quando Æthelred saiu, Emma se deixou cair no chão, apoiou a cabeça no assento da cadeira ao lado e liberou as lágrimas de raiva e decepção que estava represando até então. Lembrou o aviso de sua mãe – o de que iria enfrentar muitas provações em seu papel como rainha. Ela aceitara aquela verdade, ainda que na época não tivesse realmente assimilado o que seria exigido dela. Não sabia, então, que poderia se sentir tão infeliz um dia. No entanto, deveria suportar tudo, se não por si mesma, ao menos para o bem da criança que levava no ventre.

Levantou a cabeça, secou o rosto com os punhos e engoliu em seco para reprimir as lágrimas.

Não iria simplesmente suportar tudo, porém. Não iria rezar para aceitar com humildade o seu fardo, nem encolher-se e morrer, como o rei sem dúvida devia desejar. No dia seguinte voltaria para Winchester, e lá iria assumir seu lugar de direito ao lado de Æthelred. Não iria mais ceder esse papel a outra mulher.

Não seria fácil. As palavras finais do rei davam a entender que ele estava determinado a manter um controle firme sobre ela. Precisava proceder com calma, um pequeno passo de cada vez.

Começaria com a própria casa – e com Lady Elgiva. Conseguia entender por que Æthelred, ou qualquer homem, aliás, sentia atração por aquela mulher. Elgiva possuía muitos atrativos que afetavam o corpo de um homem, se não o seu coração. Tinha a boca pequena e vermelha como um botão de rosa, a pele branca como leite e seios que estufavam o corpete dos vestidos, confeccionados propositalmente em tamanho menor para deixar o colo mais pronunciado. Era um truque usado pelas costureiras, e Elgiva se limitava a isto: artifício, ilusão e engano. Não havia nada de honesto nela, e Emma conjecturou se isso também não aumentava o seu encanto.

O que Elgiva obtinha do rei, além de sua atenção? Ele era generoso em seus presentes, sem dúvida, mas será que era isso que Elgiva queria? Emma não invejava nenhum de seus objetos de ouro, porque ela mesma não desejava receber nenhum presente do rei. O que queria dele era o reconhecimento de sua verdadeira posição de rainha, algo muito mais valioso do que ouro ou prata.

Também não tinha nenhuma intenção em especial de tirar Elgiva da cama do rei, agora que estava grávida. Estava determinada, no entanto, a impedi-la de ficar ao lado do rei, pois era a posição que ela pretendia ocupar sempre em público, se não em particular. Precisava garantir que a garota soubesse qual era seu lugar – e não saísse dele.

Elgiva teve um sono agitado em seu frio e desconfortável catre no convento, e acordou de mau humor sob o tamborilar constante da chuva no teto de palha. Seu descanso havia sido interrompido repetidamente pelo ressonar e pelo ronco das outras mulheres alojadas perto dela, e pelos sinos que chamavam as irmãs para a vigília noturna. Tonta e com a cabeça pesada, ela estremecia enquanto Groa arrumava seu cabelo à luz de uma vela crepitante na escuridão anterior ao amanhecer.

– Pelo amor de Deus – gemeu Elgiva –, teremos mais um dia de viagem com chuva, lama e frio. Por que o rei não continuou em Bath para a Páscoa?

– A senhora poderia ficar aqui na abadia, milady – sugeriu Groa mansamente –, até que o tempo mude. A chuva não vai durar para sempre.

Elgiva estremeceu de novo e virou-se, carrancuda, para a velha.

– Como a rainha vai para Winchester hoje – retrucou Elgiva –, não posso pedir permissão para permanecer aqui, ainda que fosse capaz de suportar este convento por mais um dia, o que não sou.

Detestava o regime rigoroso que governava a vida das religiosas, detestava que lhe dissessem o que fazer e quando fazer – e Groa sabia disso perfeitamente bem. Além disso, não queria correr o risco de sair de perto do rei. Havia muitas mulheres bonitas na corte para chamar a atenção dele e tomar o lugar dela, se não estivesse presente para mantê-las distantes.

Dali a uma hora, depois de uma silenciosa refeição com pão e cerveja aguada, a comitiva real fez os preparativos finais para a jornada até Winchester. Elgiva se embrulhou o melhor possível na capa ainda úmida da viagem da véspera. Quando estava na entrada estreita da abadia junto com as outras mulheres, uma das irmãs chamou-a à parte.

– A rainha solicita que a acompanhe na carroça real.

Não teve tempo de retrucar e, instantes depois, estava sentada sozinha na incômoda carroça de Emma, esperando a chegada da rainha e das outras mulheres que a acompanhariam. Constatou, aliviada, que, apesar do tempo úmido, as cortinas tinham sido amarradas para que entrassem luz e ar – além de respingos de chuva – no compartimento. Não se importava com a umidade, contanto que não tivesse a impressão de estar trancafiada dentro de uma caixa.

Perguntou-se se seria ao rei que teria de agradecer por esse sinal de consideração. Por mais grata que estivesse pelo conforto das almofadas e do teto sobre sua cabeça, teria preferido cavalgar ao lado dele sob a chuva do que passar longas horas conversando com a esposa de seu amante. Felizmente, haveria outras damas e ela seria poupada de qualquer conversa particular com Emma que pudesse ser constrangedora. Além disso, a menos que Æthelred tivesse sucumbido ao remorso da Quaresma e confessado tudo à mulher, Emma não poderia ter certeza do relacionamento de Elgiva com ele ou de seus motivos para persistir na situação.

De qualquer maneira, ficou nervosa quando uma figura envolta no familiar manto azul forrado de pele que Emma sempre usava, o capuz encobrendo-lhe o rosto, tomou o assento à sua frente. Sentiu-se ainda mais apreensiva quando a carroça começou a andar e ela se viu sozinha com a rainha de Æthelred. Deixou escapar um longo suspiro. Então aquilo não era

obra do rei, afinal. Emma evidentemente tinha um objetivo em vista, e dali em diante só lhe restava permanecer sentada, rígida e tremendo de frio, enquanto esperava para descobrir de que se tratava.

Emma, no entanto, nada disse, nem mesmo a cumprimentou. O silêncio entre elas prolongava-se desagradavelmente, e Elgiva ficou cheia de desconfianças. O que faria se estivesse no lugar de Emma naquele momento? Como se livraria de uma rival se tivesse todos os recursos e poderes de uma rainha?

Havia muitas maneiras de fazer alguém desaparecer. Era algo que precisava ser realizado com cuidado, porém, e em segredo. Nenhuma rainha sujaria as mãos com a morte de um inimigo, embora...

Lembrou-se das histórias sobre a rainha viúva e os homens que contratara para eliminar seu enteado, o rei Edward, meio-irmão de Æthelred. Elgiva fixou os olhos na figura sentada à sua frente, imersa em sombras. Seria de fato a rainha? Ou seria outra pessoa? Um homem de confiança, talvez, escondido sob o manto, forte o suficiente para abafar seus gritos, prendê-la contra as almofadas e fazer... o quê?

Winchester, Hampshire

Athelstan entrou nos jardins do palácio à frente de sua pequena comitiva sentindo a satisfação de ter realizado um trabalho benfeito. Os faróis entre Winchester e o mar tinham sido inspecionados e preparados para o verão seguinte. Se em qualquer ocasião os dinamarqueses atacassem a costa sul de Hampshire durante os próximos seis meses, a notícia chegaria ao rei, em Winchester, dentro de uma hora.

Nos aposentos que compartilhava com Ecbert, Athelstan encontrou o irmão sentado em sua cama e Edward ajoelhado no chão, aos pés dele. O mais novo estava curvado sobre um capacete, com um pedaço de lã na mão e um recipiente com cera de abelha derretida no chão a seu lado, polindo a placa de proteção do nariz do capacete com tamanha energia que provavelmente estaria exausto em poucos minutos.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Athelstan, tirando seu manto molhado e bagunçando o cabelo de Edward. – Está finalmente

fazendo este pirralho desordeiro servir para alguma coisa, Ecbert?

– Não sou um pirralho desordeiro! – protestou Edward, interrompendo sua tarefa e virando-se para Athelstan com ar ofendido. – Depois que você partiu fui nomeado escanção do rei. Ele disse que vou ter minha própria armadura em breve, então preciso aprender a cuidar dela. Ecbert me deixou praticar na dele.

Athelstan ergueu as sobrancelhas e trocou um sorriso com Ecbert. Os membros das tropas do rei eram incumbidos de polir as próprias armaduras, uma tarefa enfadonha e cansativa. Era algo de que Ecbert sempre reclamava.

– Bem, é muita generosidade da parte dele – observou Athelstan. – Pode praticar na minha armadura também, se quiser.

Tirou o elmo e a *byrnie*, sua túnica de malha, e colocou-as na arca que havia ao pé de sua cama.

Aparentemente, Edward não achou a tarefa incômoda, pois assentiu com ar alegre e retomou a sua limpeza.

– E quais são as outras novidades? – perguntou Athelstan.

– A maior de todas, depois da promoção do Edward *ætheling* aqui ao posto de copeiro do rei, chegou por um mensageiro ontem à noite. A rainha Emma, ao que tudo indica, está grávida.

Athelstan interrompeu por um breve instante o gesto de tirar as botas enlameadas, mas não levantou a cabeça.

– É mesmo? – falou.

A notícia não deveria surpreendê-lo. Ela era esposa do rei. Compartilhava sua cama. Tinha sido isso que fora fazer ali.

Jogou a bota no chão com vigor exagerado.

– A comitiva real já está a caminho – acrescentou Ecbert –, pois o rei pretende fazer a distribuição de esmolas para os pobres da Quinta-Feira Santa, amanhã, aqui em Winchester. Edward, vá buscar algo para Athelstan comer e beber. Ainda faltam muitas horas para a próxima refeição e ele deve estar faminto.

– Mas hoje é dia de jejum – protestou Edward. – A despensa deve estar trancada.

– Você é copeiro do rei – retrucou Ecbert. – Use a sua nova influência para conseguir para seu irmão pelo menos um pedaço de pão e um pouco de cerveja.

Puxou Edward para cima, colocando-o de pé, deu-lhe uma palmada de leve e o garoto saiu correndo.

Ecbert esperou até o irmão mais novo estar fora do alcance de sua voz, então disse:

– Percebe que isso vai mudar tudo, não é? Se a rainha tiver um filho, vai querer que ele herde o trono, e vai influenciar o rei até ele consentir. Não temos ninguém para falar por nós, ninguém para defender nossa causa diante do rei.

Athelstan franziu a testa. Os temores de Ecbert pareciam-lhe um tanto prematuros.

– O que faz você pensar que o rei vai dar ouvidos a Emma? – questionou. – Há meses ele a vem ignorando.

– Se ele a estivesse ignorando, Athelstan, ela não estaria grávida. E, agora que ficou comprovado que é fértil, sua influência deve aumentar. Se Emma resolver se insinuar com seu bebê junto ao rei, a que lugar nós seremos relegados?

Athelstan imaginou Emma deitada na cama ao lado de seu pai, o corpo branco nu, a barriga arredondada com o filho dele. Balançando a cabeça para afastar a imagem indesejada, jogou o segundo pé da bota no chão.

– Suponhamos que você tenha razão, Ecbert. Vamos supor que a criança nasça e que seja um menino. Imaginemos que o rei concorde em designar esse filho seu herdeiro. E depois? Nosso pai não deve morrer tão cedo, e, no momento em que esse acontecimento infeliz chegar, muitas coisas podem ter ocorrido para mudar o curso de nossas vidas.

Ecbert se inclinou para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e olhou-o com firmeza.

– E nos anos que se passarem entre o agora e esse futuro incerto, você, eu e todos os nossos irmãos vamos lutar e sangrar para proteger esta terra dos dinamarqueses. Devemos, então, entregá-la depois ao filho de Emma?

– *Jesu!* Nem sequer sabemos se Emma terá um filho! – exclamou Athelstan, lançando um olhar exasperado e impotente para o irmão. – E que solução você propõe para o problema da rainha Emma e de seus filhos que ainda não nasceram? – indagou. – Afogá-los logo que ela der à luz? Ou tentar afogar a rainha antes que ela possa tê-los?

Ecbert levantou as mãos vazias com as palmas para cima.

– Não tenho solução nenhuma! – exclamou, irritado. – Eu só... Mas que droga! Ele é um homem velho! Tem filhos e concubinas em quantidade suficiente! Por que não manteve sua macheza longe dessa rainha?

Athelstan deixou escapar uma risada amarga.

– Você o faria, se estivesse no lugar dele?

Ele certamente não.

– Alguns homens conseguiriam! Edmund conseguiria, se fosse casado com Emma. Ele a odeia.

Havia certa verdade naquilo. A antipatia de Edmund por Emma tinha sido imediata e visceral, baseada, até onde Athelstan sabia, em nada concreto, a não ser no fato de ela ser a rainha de Æthelred.

– Edmund é um pragmático – disse ele. – Se fosse de seu interesse casar e ir para a cama com uma mulher, ele o faria, gostando dela ou não. Mesmo sendo Emma. E você também.

– Talvez eu não dormisse com ela se tivesse Lady Elgiva para me distrair – murmurou Ecbert.

– Tem certeza? E estaria disposto a se contentar com uma mulher quando poderia ter duas num estalar de dedos?

Ecbert desabou para trás na cama e gemeu.

– Não, não estaria! Admito que tem razão, mas, por Deus, o que vamos fazer?

– Nada – respondeu Athelstan. – Não há nada a ser feito. Tire essa criança da cabeça, Ecbert. Depois que nascer, for desmamada e tiver aprendido a usar uma espada, voltamos a falar do assunto.

Depois que Ecbert saiu, Athelstan começou a andar impaciente pelo quarto, remoendo as notícias dadas pelo irmão. Recordou, não pela primeira vez, a profecia da vidente do círculo de pedras – que o reino nunca seria dele. Ela não fora capaz de lhe dizer, porém, quem seria o próximo a usar a coroa da Inglaterra. A revelação estava imersa em sombras, a mulher alegara.

O que isso significaria? Que haveria muitos rivais disputando o trono? Ou que o herdeiro de Æthelred ainda não nascera? Se fosse procurá-la novamente dentro de um ano, após o parto de Emma, a resposta da velha seria diferente?

Seu semblante se fechou. Não acreditava de fato no que ela lhe dissera, e no entanto a profecia o roía por dentro, tão enervante quanto a imagem de

Emma deitada, branca e dourada, nos braços de seu pai.

Estrada de Winchester, Hampshire

Elgiva prendeu a respiração quando a figura sentada diante dela tirou o capuz que a escondia, mas relaxou quando viu que era Emma, olhando-a na penumbra, e não um impiedoso homem de confiança normando. Enquanto a carroça sacolejava na estrada esburacada e lamacenta, a rainha fitava a outra com olhar severo, e Elgiva se inquietou novamente. Emma parecia doente, com o rosto retesado e frio. Era evidente que tinha algo desagradável a dizer, e Elgiva desejou estar em qualquer lugar que não fosse ali.

– Tenho ouvido relatos sobre você ter caído nas graças do rei – disse Emma, afinal.

Elgiva aprumou um pouco mais o corpo no assento. Já esperava aquilo, mas Emma estava claramente lançando a isca. Não poderia ter certeza sobre os encontros amorosos de Elgiva com o rei, a não ser que Æthelred tivesse lhe contado. Sentiu uma pequena pontada de apreensão. Teria o rei confessado seu pecado à esposa?

Pigarreou e disse:

– Fui abençoada com alguma habilidade para inventar contos, minha senhora, pela qual agradeço a Deus. Minhas histórias parecem divertir o rei.

– Ah, Elgiva. – Foi quase um suspiro. – Você é, de fato, uma contadora de histórias. – Emma cruzou os braços e avaliou-a. – E é bela, além de talentosa. Não é à toa que o rei valoriza os seus... préstimos. Espero que ele a recompense de modo satisfatório.

Elgiva olhou recatadamente para as mãos.

– O prazer do rei é minha única recompensa. Não procuro nenhuma outra.

Então olhou para Emma com o que esperava ser um sorriso casto.

Emma retribuiu o gesto com tanta doçura que Elgiva quase acreditou, mas não por inteiro.

– No entanto – continuou Emma –, todos nós temos desejos secretos. Eu me pergunto o que você deseja no fundo do seu coração.

Elgiva procurou conservar o ar inocente e disse:

– Não consigo pensar em nada, minha senhora.

– É mesmo? – Emma inclinou a cabeça para um lado. – Engraçado, porque chegou aos meus ouvidos que você já pensou em ser a rainha de Æthelred.

Os olhos verde-claros de Emma imobilizaram Elgiva no lugar, e ela não se atreveu a desviar. Qual das duas, ela se perguntava, piscaria primeiro?

– Foi meu pai quem tomou a iniciativa de me apresentar para essa honra – explicou. – Sou inocente de qualquer ambição, minha senhora, eu lhe garanto.

Emma levantou uma sobrancelha de maneira expressiva.

– Não precisa tentar me convencer de sua inocência, Elgiva – falou. – Tenho uma opinião inteiramente formada a esse respeito.

Elgiva manteve sua expressão perfeitamente afável. Preferia morrer a deixar Emma notar seu desconforto. Esperou o que viria em seguida.

– Gostaria de lhe explicar algo – disse Emma –, pois quero que tudo seja muito claro entre nós. – Inclinou-se um pouco para a frente, de modo que seu rosto ficou a poucos centímetros do de Elgiva. – Sou a rainha ungida de Æthelred – disse ela, pronunciando as palavras com tanto cuidado que seu sotaque normando praticamente desapareceu. – Jamais vou ceder meu lugar, de forma voluntária ou involuntária. E o rei nunca vai colocar outra em meu lugar. Sejam quais forem as esperanças que possa ter, senhora, você nunca será a rainha de Æthelred.

Elgiva sentiu uma pontada momentânea de compaixão por Emma, porque era claro que a rainha estava enganada. Se continuasse estéril, nada poderia impedir o rei de colocá-la de lado.

– A única coisa que espero, minha senhora, é me manter a seu serviço e agradá-la – garantiu. – E rogo para que não duvide da minha lealdade. Rezo diariamente por sua saúde e que seja agraciada com filhos em sua união com o rei.

Emma deu uma risada curta, entrecortada pelos solavancos da carroça.

– Então, vai ficar contente em saber que suas preces foram atendidas, Elgiva, pois de fato fui abençoada. Estou esperando um filho.

Era a última coisa que Elgiva esperava ouvir, e por um momento apenas fitou, atordoada, a rainha de Æthelred. Como a vadia normanda conseguira engravidar? Ficara trancada no convento durante meses, e antes disso o rei

tivera pouco contato com a mulher. A própria Elgiva certificara-se disso. Recompondo-se, dirigiu um sorriso a Emma.

– Que notícia maravilhosa, minha senhora – falou. – Estou muito contente por ouvir isso. Quem não estaria?

Emma ergueu novamente a sobrancelha.

– Muitas pessoas, imagino – respondeu, quase para si mesma. – Por causa da criança, será necessário fazer algumas mudanças em minha casa. Quero a meu lado mulheres experientes em bebês e partos. Lamento ter de dispensar qualquer uma das minhas damas, mas é necessário, a fim de dar espaço para outras mais adequadas. Como você ainda é uma donzela, receio que não tenha o conhecimento de que vou precisar nos próximos meses. Já tomei as providências para que você seja levada de volta à sua propriedade na Mércia amanhã.

A carroça deu outra guinada súbita e Elgiva sentiu uma contração no estômago, embora não tivesse sido por causa do movimento. Umedeceu os lábios para falar, mas sua boca estava seca. Então era daquela forma que Emma se livrava de uma rival. O plano era admirável, pois era inocente, indolor e sem derramamento de sangue. Emma não seria responsável por nada que pudesse acontecer com Elgiva quando enfrentasse a ira de seu pai depois de uma dispensa como aquela.

Será que o rei sabia do plano da esposa? Desconfiava que não. Com Emma grávida e o fim do jejum da Quaresma, Æthelred precisaria de uma mulher, e Elgiva não tinha nenhuma intenção de ser mandada embora de Winchester quando seus serviços, como Emma os definira, sem dúvida seriam necessários.

– A senhora é um exemplo de bondade, milady – disse. – Acho, porém, que, dada a sua evidente falta de confiança em mim, seria melhor eu não voltar para o palácio com a senhora. Meu irmão Wulf, que hoje está cavalgando ao lado do rei, possui uma propriedade na cidade de Winchester. Ele pode cuidar de mim até que meu pai venha me buscar.

Por um momento Emma pareceu desconcertada, e Elgiva tirou certa satisfação disso. *Nay*, senhora, pensou, não vai ser tudo do seu jeito.

– Como quiser – disse a rainha.

Estava longe de ser como Elgiva queria, mas por enquanto teria de bastar.

Seguiram aos trancos pela estrada de Winchester, o balanço da carroça jogando-as para cima e para os lados – um lembrete de que o dia de viagem seria longo e nada ameno.

E a gravidez, pensou Elgiva, contemplando o semblante fatigado de Emma, era a mesma coisa, cheia de perigos para a mãe e o bebê. Qualquer coisa poderia levar uma mulher a entrar em trabalho de parto cedo demais e perder o filho. Qualquer coisa. A rainha podia ter ganhado aquela pequena batalha, mas até dar à luz uma criança saudável, viva, a guerra entre elas ainda não estaria terminada.

Capítulo Dezoito

Domingo de Páscoa de 1003 Winchester, Hampshire

Enquanto o rei estava em Bath, equipes de trabalhadores tinham se revezado no grande salão de Winchester e, no dia da Páscoa, o enorme recinto estava resplandecente – a pintura e o telhado de palha renovados. As folhas de acanto esculpidas que se entrelaçavam nas colunas de carvalho e nas vigas do imenso telhado tinham recebido uma nova camada de dourado para que brilhassem à luz das tochas. Flâmulas de seda ondulavam no alto, de coluna em coluna, como nuvens de ouro e branco. As mesas tinham sido postas para a grande festa da Páscoa, adornadas com toalhas de linho e enfeitadas com guirlandas de flores. Em cima do estrado real, uma toalha dourada cintilante cobria a mesa alta.

Emma, sentada ao lado de Æthelred, brincou com as tâmaras cobertas de mel e recheadas de amêndoas em seu prato e desejou ter mais apetite, pois a refeição havia sido magnânima. Queijos variados, enguias fatiadas, uma terrina decorada de forma a evocar a torre da Nova Catedral e quatro tipos diferentes de peixe, a que se seguiram enormes travessas de cordeiro cozido com alho-poró e legumes. Por fim, pavões de um marrom dourado, assados no espeto à perfeição, as penas da cauda espalmadas atrás deles como grandes leques, foram servidos de maneira cerimoniosa.

Agora, com as mesas vazias, Emma contemplava o deslumbrante grupo de homens e mulheres vestidos suntuosamente. Estavam reunidos em círculos indolentes, movendo-se devagar, numa espécie de torpor pós-refeição, com taças na mão, enquanto o vinho e o hidromel continuavam a circular sem parar. Atrás de Emma, o copeiro do rei, o jovem Edward, levava

sua nova posição muito a sério e não tinha derramado nem uma gota durante toda a ceia.

A copeira dela era neta do conde Ælfric e se chamava Hilde, uma bela menina magra de 11 anos que fora fazer parte do séquito de Emma no dia anterior. A mãe dela morrera de peste quando Hilde era apenas um bebê. Quanto ao pai, o filho de Ælfric, o conde dizia apenas que se fora. Emma suspeitava haver algo muito triste por trás da história, e não o pressionou para saber mais. Achou Hilde dócil, ávida por agradar e ansiosa para aprender o comportamento palaciano. A menina, pensou, se sairia bem na casa real.

Bebendo o vinho que Hilde repunha com frequência quase demasiada em seu cálice, Emma lamentou que a criança que crescia em seu ventre a privasse de qualquer prazer que pudesse ter com comida ou bebida. O vinho, em especial – um presente recém-chegado de seu irmão Richard – deixava um gosto amargo no fundo de sua garganta. No entanto, ela o sorveu – pois precisava da coragem que a bebida lhe concedia.

O rei nesse dia se portava de modo solene e intimidador – nada apropriado a uma celebração da renovação da primavera. Pouco se falaram no decorrer da ceia, e ocorreu-lhe que não estava sendo muito diferente da festa da Páscoa do ano anterior, quando ela havia jantado com ele como nova esposa e ele passara a refeição inteira carrancudo.

Mas havia diferenças, lembrou a si mesma, além de sua gravidez. Agora, o bispo de Winchester, Æl eah, estava sentado à sua direita, e sua conversa amável e inteligente contrastava fortemente com o silêncio taciturno do rei. Além disso, na multidão abaixo, a maioria dos rostos era familiar. Podia identificar as facções que se formavam em pequenos círculos ao redor da sala, e talvez até adivinhar o assunto de que falavam: estariam especulando sobre a criança que ela carregava.

Deslizou a mão protetora para a pequena protuberância em sua barriga.

Então avistou Athelstan, de pé num grupo de homens que incluía os irmãos Edmund e Ecbert. Ele pareceu sentir que ela o fitava, olhou para cima e acenou. Ela sorriu. Como sempre, seu coração ficou mais leve ao vê-lo. Sentira saudade dele durante sua longa e penosa estadia em Wherwell. Sentira falta de seus longos passeios e suas pequenas conversas, do jeito como ele inclinava a cabeça em sua direção quando ela falava da

Normandia, da intensidade apaixonada em seu rosto ao lhe contar sobre seus planos para o futuro do reino.

Sentira demais a falta dele durante os dias curtos de inverno e, nas noites longas, seu sono era perturbado pela lembrança de um único beijo. Ajoelhou-se muitas vezes na capela escura e se enfureceu com Deus por estar unida ao pai e não ao filho. Por que, perguntava, precisava ter um filho que tinha sido concebido com amargura e medo, em vez de uma criança nascida do amor e da confiança?

Se Deus respondera, ela não O escutara.

Mordeu o lábio, tomou mais um gole de vinho e voltou o olhar para o *scop* que havia começado a tocar para as pessoas reunidas ali. Não se atreveu a manter por mais tempo os olhos ou os pensamentos no filho mais velho do rei.

Æthelred, saciado com os alimentos substanciosos e a bebida forte, contemplou a multidão no salão com desinteresse, que em seguida se transformou em descontentamento quando ele viu os filhos mais velhos em uma conversa íntima com os filhos de Æl elm e seus companheiros do norte. O vínculo que continuava a existir entre os três *æthelings* e os nobres da Mércia poderia se tornar problemático se ele não encontrasse uma maneira de rompê-lo. E que negócios tanto prendiam Æl elm no norte, quando ele deveria estar ali no dia da Festa da Páscoa?

Seu olhar pousou, então, em Elgiva, e seu descontentamento cresceu. Ela estava seduzindo dois dos senhores da Mércia que tinham se colocado a favor dela durante a discussão sobre a sua escolha de uma esposa – apoio comprado, ele desconfiava, com o ouro do pai. Æthelred gostaria muito de saber qual seria agora o grau de influência do conde Æl elm e, por extensão, de Elgiva, sobre os senhores do norte. Ele não era tolo. Reconhecia a sede dela por poder. Era um traço de família, comum a todas as crias de seu pai. Podia facilmente imaginar como seria útil para Æl elm ter a filha como mensageira, como espiã – como puta do rei. Ela o tinha agradado bastante nesse papel, embora nos últimos tempos a desaprovação de seus bispos o tivesse obrigado a deixá-la de lado. No entanto, se podia servir de prostituta para ele, era capaz de fazer o mesmo com outros, o que talvez levasse a alianças perigosas demais a se considerar. O que seus filhos estariam discutindo com os parentes dela?

Teria de pôr uma rédea na moça. Não podia permitir que saísse muito do seu alcance, o que agora constituía um problema, porque Emma, com mais autoridade por causa da criança em seu ventre, a dispensara. Isso não poderia ficar assim. Ele não conseguiria manter as ambições de Elgiva sob controle se ela não estivesse por perto.

Teria de convencer Emma a deixar a moça voltar. Não lhe cabia intrometer-se nas questões domésticas da rainha, mas não tinha escolha. Precisava da cooperação dela nesse assunto. Por Deus, teria de pedir o apoio de sua mulher. Quanto isso iria lhe custar?

Apanhou uma maçã enrugada na fruteira à sua frente, inclinou-se um pouco para Emma e disse:

– Preciso falar-lhe sobre Lady Elgiva.

Emma retesou-se. Bem, ele sabia que não seria fácil.

Com cuidado, Æthelred cortou a maçã, ofereceu a primeira fatia a ela e esperou pacientemente que a pegasse.

– Já pensou por que é conveniente para nós manter Elgiva aqui em Winchester? – perguntou.

Ela mordeu a fruta e um pequeno vinco, indicando reflexão, franziu-lhe a testa.

– O senhor receia uma aliança de casamento no norte – disse ela em voz baixa – que possa criar cisões e ameaçar a fidelidade dos senhores de lá.

Então ela reconhecia o perigo. Ele tinha se esquecido mais uma vez de como Emma era sagaz, e de que ela também tinha suas formas de descobrir as coisas.

– Não só isso – disse ele, também em voz baixa. Deu-lhe outra fatia de maçã. – Receio que seu irmão a tenha casado com um rei sitiado, minha senhora. Os dinamarqueses nos pressionam a partir do leste. Os chefes da Irlanda atacam nossas costas ocidentais para arrebanhar o que puderem de gado e ouro. Líderes guerreiros que respondem ao rei de Alba tomariam nossas fronteiras do norte até Jorvik, se pudessem. Meus próprios nobres estão inquietos. As alianças entre eles são mais fortes que seus juramentos de fidelidade a mim. No entanto, por minhas filhas serem ainda muito jovens para manter os condes mais poderosos mais perto de mim, preciso usar – ele fez uma pausa, procurando uma palavra aceitável – medidas menos ortodoxas para controlar os mais propensos a conspirar contra mim.

Ela o encarou, a fisionomia solene e grave.

– Sejam quais forem as suas dificuldades políticas, meu senhor – falou –, não é decoroso ter duas mulheres a seu lado. Há um ano, o senhor me fez sua esposa, mas a senhora de Northampton reivindica o que deveria ser meu. – Ela pousou a fatia de maçã e limpou os dedos delicadamente com a ponta da toalha da mesa, como se estivesse removendo Elgiva das mãos. – Tenho suportado as ambições dessa senhora há tempo demais, e não continuarei fazendo isso. Não vou tolerar uma rival em meu séquito.

Ele ponderou aquilo por um momento. Seria possível que Emma, que nunca acolhera bem suas atenções como marido e senhor, tivesse ciúme de Elgiva? Imaginou que talvez sim. Era possível importar-se pouco com algo e ao mesmo tempo não querer que outros reclamassem aquilo para si. As mulheres eram criaturas fracas, conforme já observara, e portanto suscetíveis ao mais grave dos pecados.

– Não vejo Elgiva como sua rival – disse ele, na esperança de aplacá-la.

– O que me preocupa é como os outros a veem – respondeu ela. – Suas atenções para com Lady Elgiva enquanto estava em Bath não passaram despercebidas, posso lhe garantir. Como sua rainha, que se Deus quiser em breve será a mãe de seu filho, eu é que deveria estar sempre a seu lado, não ela.

Æthelred, irritado, apertou ainda mais a maçã e a faca, controlando o corte de cada fatia com precisão. Quem dera pudesse controlar tão bem sua rainha rebelde. Quando concordou em se casar com a irmã de Richard, tinha esperança de que fosse flexível, disposta a ser governada por ele em todas as coisas. Queria uma esposa jovem, que aceitasse seus favores com gratidão e que concordasse humildemente com todos os seus desejos.

Emma não era nada disso. No entanto, não podia se livrar dela, e havia muitas mulheres em sua corte que, se lhes desse a oportunidade, concordariam com tudo o que ele acabara de dizer. O clero, para seu aborrecimento, adorava Emma, e quanto mais ela subia na estima dos religiosos, mais ele caía. Se algo acontecesse com o filho dela, se os dinamarqueses atacassem, se as colheitas fracassassem ou a peste se espalhasse, a culpa seria posta em seus ombros. Eles iriam declarar que era o castigo de Deus por sua devassidão.

Sendo assim, se quisesse ter o controle sobre os atos de Elgiva e de sua família, teria de apaziguar a rainha e propor-lhe um acordo. Não lhe agradava, mas não via alternativa.

Pousou a mão direita sobre a mesa, com a palma para cima, e lançou um olhar significativo para Emma. Ela levantou uma sobrancelha, intrigada, mas colocou a mão na dele.

– Juro, minha senhora – disse Æthelred, entrelaçando os dedos com os dela –, que, em toda cerimônia pública possível, na igreja, no palácio ou no salão, irei mantê-la a meu lado. Em troca, a senhora precisa encontrar uma forma de manter Elgiva a seu lado.

Emma considerou a proposta do rei, pesando suas opções. Mesmo que concordasse, não podia ter certeza de que ele manteria a palavra. Além do mais, havia a questão de Elgiva. Não tinha a menor vontade de mantê-la em seu séquito, mas uma recusa ao pedido do rei teria consequências. Ela o conhecia bastante bem para saber disso, e não queria nem pensar que formas a represália dele poderia assumir.

Assim, sabendo que poderia estar vendendo a alma ao diabo, assentiu. Não via outra escolha.

Quando o rei levantou a mão dela para beijar seu anel, Emma desviou o olhar para as pessoas reunidas abaixo do estrado. Elgiva estava lá, fitando-a com um sorriso frio que lhe arrepiou os pelos finos da nuca.

– Vamos beber ao nosso acordo – ouviu o rei dizer.

Ele pediu para encherem de novo suas taças, mas, depois de brindar, Emma pousou a taça na mesa e empurrou-a para longe.

– Estou descobrindo que o seu filho não aprecia muito o vinho, meu senhor – disse ela.

– Então, senhora, deve dar-lhe um bom hidromel inglês em vez de vinho – retrucou ele.

Muitas horas depois, durante as vigílias noturnas, Emma estava presa na trama de um sonho. Cavalgava Ange, sua égua, em pelo, ao longo da praia de Fécamp em pleno verão. Um vento quente soprava contra seu rosto e o sol batia forte, o calor irradiando-se em ondas visíveis que emanavam da areia branca. Seu corpo estava encharcado de suor – as coxas úmidas e pegajosas pressionadas contra a pelagem do cavalo.

As pernas doíam com o esforço para controlar a montaria, que seguia num galope impetuoso e instável, e, de repente, sob o animal e a amazona, a areia transformou-se em pedra. Cada passo de Ange causava uma pontada de dor que ia desde as pernas tensas de Emma até o âmago de seu corpo, e o sofrimento físico intensificou-se de tal forma que ela pensou que poderia

morrer. Tentou gritar por ajuda, mas não conseguia emitir som algum, pois o medo parecia sufocá-la.

De repente, algum recanto minúsculo de sua mente reconheceu que se tratava de um pesadelo e, com muita força de vontade, ela abriu os olhos. A escuridão da cama envolta em cortinas substituiu o brilho ardente de seu sonho, mas as ondas lancinantes de dor ainda a atormentavam, e Emma enfim libertou o grito de angústia que tinha preso na garganta.

Por instinto, dobrou o corpo em posição fetal e levou as mãos ao ventre. O bebê estava vindo cedo demais. Gritou por Margot, depois sentiu as cobertas serem arrancadas de cima dela. Mãos fortes agarraram seus ombros e lá estava a mulher, chamando seu nome – com voz de comando e o rosto duro.

– Você tem de fazer força, Emma! Não pode salvar a criança. Está me ouvindo? Não há nada que possa fazer para salvar a criança. Ela já pertence a Deus. Agora precisa salvar a si mesma. Se quiser viver, tem que fazer força!

Depois iria se lembrar disso como parte do pesadelo – o cheiro pungente de sangue e as contrações de dor em seu ventre a intervalos regulares, repetindo-se vezes sem conta. Com Wymarc na cama atrás dela, apoiando-a, e as mãos de Margot entre suas coxas nuas e ensanguentadas, ela se preparava fazendo força para baixo até libertar o corpo do pequeno fardo que tinha carregado por tão pouco tempo.

Livre dos piores instantes de sofrimento mas sentindo-se vazia e dolorida, Emma jazia desconsolada enquanto suas damas cuidavam dela. Só quando viu Wymarc pegar o embrulho minúsculo e levá-lo para a porta foi que despertou de seu torpor.

– Espere – chamou. Não queria que seu bebê fosse jogado fora como um saco de estrume. – Leve-o ao padre Martin. Quero que ele abençoe a criança. – Não iria ser batizado, mas podia enviá-lo a Deus com uma bênção. – De manhã, vamos enterrá-lo no jardim da catedral.

Era uma coisa tão pequena, aquela criança, e não tinha ninguém para protegê-la a não ser Emma. E ela tinha falhado na tarefa que lhe fora atribuída. Virou-se para Margot, a visão enevoada pelas lágrimas que afastava com as costas da mão.

– O que fiz de errado? – perguntou. – O que fiz para ferir o bebê?

A mulher sentou-se na beirada da cama e segurou sua mão.

– A senhora não fez nada – afirmou, com doçura. – Não se culpe.

– Mas a culpa é minha! Eu disse ao rei que detestaria essa criança porque era dele. – Fechou os olhos, lembrando. – Não era verdade. Você tinha razão. Eu deveria ter amado o bebê, e agora Deus me castigou por ter dito tamanha crueldade.

Ela não confessou tudo. Não contou como se enfurecera contra o Criador por uni-la a um homem por quem não nutria nem respeito nem amor. No fundo de seu coração, desejou que o marido morresse. Deus, ouvindo suas preces, levava a criança em vez disso.

Margot, a mulher que cuidava de Emma desde que ela era capaz de se lembrar, virou o rosto da jovem para obrigá-la a olhar em seu olhos.

– Não acredito em um Deus que castiga crianças que ainda não nasceram por causa das palavras impensadas da mãe – disse. – Nem a senhora deveria acreditar. Pensa que o Senhor não pode ler seu coração? É claro que Ele sabia que amava a criança. Nunca descobriremos por que esse inocente se perdeu para nós, nem devemos questionar os desígnios do Senhor. Só podemos agradecer a Ele por seu parto ter corrido bem e rezar para que seu ventre em breve abrigue outra vez uma nova vida.

Mas Deus tinha, de fato, lido seu coração e encontrado maldade ali. Ela olhou o pequeno embrulho ainda nos braços de Wymarc, e sua angústia pela perda ficou mais aguda. O que aconteceria agora? E se ela nunca mais engravidasse? Ou então só desse à luz bebês mortos? Sua vida seria um desperdício total e absoluto.

Escondeu o rosto no travesseiro para abafar as lágrimas, mas logo em seguida sentiu uma mão suave em sua cabeça e ouviu a voz delicada de Margot:

– Tem de chorar o seu luto agora, minha senhora, e depois eu lhe suplico que deixe esse bebê partir. Não pode se apegar a ele, nem mesmo em seu coração. Haverá outras crianças.

– Mas e se não houver?

Ela chorava pelo bebê, mas não era aquela perda o que a aterrorizava. Era o medo do que o futuro lhe reservava que pesava sobre ela como uma nuvem negra. Não sabia como dissipá-la.

– Você vai ter mais filhos – garantiu Margot, e sua voz tinha uma certeza inabalável a que Emma se agarrou com esperança.

Virou-se para a mulher, em busca de segurança. As rugas naquele rosto conhecido lhe pareceram mais fundas que de hábito. A noite havia sido

longa e cansativa também para Margot, mas seus olhos estavam claros, brilhantes e firmes.

– Como pode ter certeza? – sussurrou Emma.

– Porque não há nenhuma razão nesta terra para não os ter – disse a velha, tomando a mão de Emma na sua e apertando-a. Deixou escapar um longo suspiro. – Falo porque perdi três bebês, um após o outro, nascidos antes do tempo. No entanto, vi seis filhos homens crescerem até a idade adulta. Sua mãe também perdeu três bebês da mesma maneira. Você não sabia?

Emma balançou a cabeça em uma negativa. Ela era a mais nova. Seu único contato com um nascimento tinha acontecido quando Judith apresentara a Richard um filho que dera à luz depois de um trabalho de parto tão rápido que até Margot se espantara.

A velha estava sorrindo agora.

– Não vai ser preciso nenhum milagre para que gere uma criança de novo, minha senhora, desde que o rei esteja disposto. Milagre seria se não gerasse.

Desde que o rei esteja disposto. E o que dizer de sua vontade de dar seu corpo ao rei? As leis da Igreja e do Estado exigiam dela esse dever, mas ela não suportava pensar naquilo. Não naquele momento. Com aquela criança, Emma obtivera uma pequena parte do prestígio que lhe cabia. Agora estava tudo perdido.

Fechou os olhos, entorpecida por um cansaço que não desejava controlar. Sentia-se como se tivesse caído num poço profundo, e não conseguia convencer a si mesma de que tinha força ou vontade para sair dele.

Na segunda-feira seguinte à Páscoa, o mercado de Winchester fervilhava. Moradores de aldeias vizinhas haviam sido atraídos para a feira da primavera para comemorar o fim do inverno, e o *Cheap* estava cheio de compradores, vendedores e uma boa quantidade de curiosos. Barracas de comerciantes ocupavam ambos os lados da rua, oferecendo produtos que vinham tanto de perto, como Londres, quanto de locais distantes, como Constantinopla.

Por volta do meio-dia, Elgiva, escoltada por vários guardas da tropa doméstica de seu irmão, já circulava por ali havia algum tempo. Embora o sol brilhasse, um vento frio soprava do sul e conseguia penetrar em seu manto. Ela estava gelada até os ossos, mas na verdade isso não tinha nada a ver com a brisa.

Mandara Groa ao palácio em busca de notícias sobre a rainha, e pelos seus cálculos a ama já deveria ter voltado havia muito tempo. Quaisquer rumores sobre Emma teriam se propagado pelo castelo como um incêndio. Groa só precisaria andar a esmo perto dos fornos de pão ou dos caldeirões de cerveja para recolher qualquer informação de interesse, portanto, onde afinal estaria ela?

Nervosa, Elgiva enrolava nos dedos um pedaço de seda bordada a ouro, ignorando a tagarelice ansiosa do vendedor. E se algo tivesse dado errado? Apanhou uma peça de seda castanho-avermelhada e viu que o comerciante – um homem alto e magro, com nariz adunco e olhos de falcão – a observava com interesse excessivo. Suas mãos tremiam tanto que o tecido ondulava, e ela o colocou de lado temendo que o homem percebesse sua angústia. Um instante depois, viu Groa vir correndo do palácio em sua direção.

– Separe isso para mim – disse ela ao vendedor, apontando para o pedaço de seda com o sorriso mais agradável que conseguiu dar. Permanecera ali por muito tempo, o que poderia levantar suspeitas se saísse sem comprar nada. – Vou mandar alguém buscar mais tarde.

Gesticulando para que os homens, caminhando atrás dela, lhe dessem espaço, agarrou o braço de Groa e seguiu na direção da rua Shieldmaker, onde ficava a casa do irmão.

– Qual é a novidade? – indagou.

– A criança não existe mais, minha senhora – murmurou Groa.

Então, tinha de fato funcionado. Deu um longo suspiro de alívio. O bebê estava morto, e ela não seria a única no reino a se alegrar com a notícia.

– E quanto à rainha? – perguntou.

Groa balançou a cabeça.

– Não consegui saber nada sobre ela, exceto que havia perdido a criança. O rei e seus filhos saíram hoje para caçar, o que leva a crer que ela está bem. Pode demorar dias até sabermos se a poção lhe causou algum dano.

– E se isso acontecer? – sussurrou Elgiva. – Existe alguma possibilidade de alguém desconfiar do vinho?

– *Nay* – murmurou a ama. – A nova copeira da rainha estava deslumbrada demais com o brilho da corte para notar o que fiz. E, mesmo que haja suspeitas, como alguém poderia determinar quem foi o responsável? Há muitas pessoas na corte que não têm nenhuma vontade de ver essa rainha ter um filho, inclusive os próprios filhos do rei. Pode ter certeza de que ninguém vai questionar essa perda, nem chorá-la por muito tempo.

– Então, tudo saiu exatamente como esperávamos – disse Elgiva. – Você agiu muito bem.

– Tenho outras notícias – acrescentou Groa, cheia de si. – Você será chamada de volta ao séquito da rainha, talvez até hoje mesmo.

Elgiva diminuiu um pouco o passo.

– Isso deve ser obra do rei.

Na véspera, havia notado que Æthelred a observava quando ela dava grande atenção a Wulfgeat e Leofwine. Sua intenção era causar-lhe ciúme, e pelo jeito havia conseguido.

– Ele ainda a deseja – afirmou Groa.

Claro que a desejava. Elgiva nunca duvidara disso. Ele a teria de volta na corte, e Emma não podia fazer nada a respeito.

A estrela ascendente da rainha havia caído bem depressa com a perda do filho, e agora a sua subiria rapidamente outra vez!

O clima na primavera mantinha-se ameno e, nas terras baixas de Wessex, as ovelhas e o gado bovino pastavam em capim novo e espesso. Nas florestas ao longo do rio, as campânulas azuis cobriam o chão, formando um tapete florido, e parecia haver uma espécie de bênção sobre a terra. Quando apareciam nuvens de tempestade, elas derramavam sua dádiva durante a madrugada, e os dias continuam inundados pela luz do sol. Assim se passou o mês de abril e, quando os ventos do sul não trouxeram nenhum sinal de navios vikings das duras terras do norte, o povo começou a ter esperanças de que naquele ano o reino de Æthelred poderia estar livre de incêndios e pilhagens.

Para Emma, no entanto, os belos dias da primavera eram quase intoleráveis. Parecia-lhe que só ela vivia dentro de uma nuvem escura. Seu corpo havia se recuperado rapidamente da provação do aborto, mas seu espírito permanecia sobrecarregado pela dor da perda. A cada dia, ela acordava com uma sensação de desamparo e de mau pressentimento da qual não conseguia se livrar – uma prostração que a aprisionava como se fosse uma armadilha. Interessava-se pouco pelas coisas que deveriam exigir sua atenção. Pedidos de orientação vindos de Hugh em Exeter eram ignorados; correspondências de sua mãe e seus irmãos ficavam sem resposta. Quase não saía de seus aposentos, presa agora por sua própria vontade, não mais pela de Æthelred. Nem as crianças conseguiam libertá-la de sua letargia. Não as acompanhava mais nas brincadeiras nem servia de confidente ou consoladora. Agora era Hilde que, ela mesma pouco mais que uma criança, dispensava seus cuidados aos filhos menores do rei.

Veza por outra, Emma avistava Athelstan no meio dos irmãos e acompanhantes, e às vezes seus olhares se cruzavam antes que ele desviasse o seu. O semblante dele, naqueles breves encontros, estava sempre solene, e, se havia algum significado mudo em sua expressão grave, ela não conseguia decifrá-lo. Athelstan nunca tentou falar com ela ou lhe enviar qualquer mensagem, e era como se o companheirismo que outrora existira entre eles pertencesse a uma outra vida. A criança que ela tinha carregado por tão curto espaço de tempo, segundo acreditava, era como um muro invisível entre os dois, e isso só contribuía para o seu desalento.

Emma raramente via o rei, a não ser durante o jantar no grande salão, quando tomava seu lugar ao lado dele na mesa alta. Fiel à sua promessa, ela colocara Elgiva a seu lado. Se Emma notou que Elgiva não parecia tão contente como antes com sua posição privilegiada – as atenções do rei para aquela senhora haviam esfriado de forma considerável –, nada deixou transparecer. Seu coração doía tanto de saudade do filho que perdera que quase não reparava nos humores e aborrecimentos dos outros membros da corte. Respondeu com indiferença às indagações do rei sobre sua saúde e temia o retorno dele à sua cama, sabendo que isso deveria acontecer em breve. Quando a primavera se estendeu, aproximando-se cada vez mais do verão, Æthelred enviou o próprio médico para examiná-la, e, apesar dos protestos de Margot, o homem a sangrou, declarando em seguida que a rainha já estava bem o suficiente para atender às necessidades do seu senhor.

Naquela noite, Emma se preparou para a visita do marido, mas, para sua surpresa e alívio, ele não apareceu. Em vez disso, mandou dizer que a corte iria se transferir para Londres dentro de uma semana e que ela deveria se preparar para a viagem. Era uma ordem, Emma sabia, mas não via como poderia obedecê-la. Mandou dizer a Æthelred que ainda não se sentia forte o bastante para uma jornada tão árdua e pediu autorização para permanecer em Winchester. Em seguida esperou a resposta com agonia. Ela expressara sua vontade como uma solicitação, mas a forma como Æthelred a interpretaria iria depender de seu humor no momento.

A réplica veio rabiscada em uma tábula encerada. Emma teve que estudá-la por algum tempo antes de conseguir decifrar o que dizia.

“Vou lhe conceder esse pedido, mas não me peça mais nada. Há muito tempo você vem negligenciando seus deveres para com seu rei. Minha paciência está quase no fim.”

Então, ela havia ganhado algum tempo – talvez um mês, mas não mais. Deveria contentar-se com isso.

Quase ao mesmo tempo que o rei e a corte partiram, o clima passou de ensolarado a desagradável, com chuva incessante. Nesse período, a atmosfera nos cômodos de Emma se tornou tão sombria e apática quanto ela própria, e ela não se animava a mudá-la. Elgiva, aparentemente irritada porque Æthelred a deixara para trás, vivia carrancuda e mal-humorada, usando a língua para atacar quem a contrariasse. Os criados murmuravam que um espírito maligno tinha amaldiçoado a rainha e causado a morte de seu filho. Alarmada com os rumores, Wymarc insistiu que Emma usasse todas as joias de âmbar que possuía, pois esse tipo de resina era um talismã contra o mal. Margot, por sua vez, tentou acabar com a melancolia da rainha colocando alecrim sob o travesseiro de Emma, para atrair sonhos agradáveis. No entanto, a névoa de desesperança que parecia envolvê-la como uma mortalha não se dissipava.

Por fim, foi o jovem Edward quem a arrancou de seu desânimo. Uma febre o havia impedido de acompanhar o pai a Londres, e, uma semana depois da partida do rei, o estado do menino piorou. Emma mandou que um criado o levasse para o quarto dela, onde a própria Emma e Margot poderiam cuidar dele, e de repente seus dias passaram a ter um propósito e um significado. Ficava horas a fio sentada ao lado da cama de Edward, colocando panos frios em sua pele febril, convencendo-o a abrir os lábios

rachados para tomar colheradas da infusão de casca de salgueiro preparada por Margot, contando-lhe histórias da Normandia até que o menino inquieto caísse no sono. Mas a saúde de Edward não melhorou, e Emma condoía-se com o sofrimento dele. Enviou um mensageiro a Londres, avisando ao rei que a doença de seu filho era grave, depois passou os dias esperando seu retorno.

Era tarde, numa noite de maio, quando uma comitiva real entrou nas terras do palácio. O rei, presumiu Emma, tinha finalmente chegado. Ela olhou para o canto escuro onde Margot, que iria passar a longa noite de vigília, estava sentada cochilando. Todas as suas outras criadas e damas tinham ido dormir, e ela não via nenhuma razão para chamá-las. Os criados do rei atenderiam às suas necessidades imediatas, e poderia levar algum tempo ainda antes que ele viesse ver o filho.

Edward estava sem camisa por baixo das roupas de cama, e Emma molhava repetidas vezes seu rosto e a parte superior do corpo com água fria, tentando banir a febre que agitava seu sono. O cabelo do menino tinha sido cortado para que pudessem cuidar dele com mais facilidade, o que o fazia aparentar bem menos do que seus 11 verões. Ele gemeu em seu torpor e, enquanto ela segurava a mão quente do menino na sua, um criado entrou no quarto e informou-lhe em um sussurro que o lorde Athelstan estava pedindo para ver o irmão.

Emma se sobressaltou ao ouvir isso, mas depois de um instante seu coração se encheu de ânimo, como se de repente lhe tirassem um grande peso dos ombros. Ordenou ao criado que mandasse Athelstan entrar, e então procurou ignorar o tremor de seus membros enquanto o esperava na penumbra do aposento. Havia milhares de coisas que desejava dizer-lhe. Todos os dias, a montanha de palavras não pronunciadas entre eles crescia mais. No entanto, as frases que queria dizer eram-lhe proibidas, e sendo assim deveria ficar calada para sempre. De qualquer forma, só tê-lo por perto já seria um consolo.

Levantou-se quando Athelstan entrou no quarto e, à luz fraca das velas, sorveu a imagem dele – a massa de cabelo brilhante, as sobrancelhas surpreendentemente escuras, a boca larga, a barba cor de mel, os olhos azuis solenes.

Ele parou na frente dela e, quando seus olhares se encontraram, ela viu a mesma gravidade fria e distante que ele passara a lhe dispensar desde o seu

retorno à corte. Aquilo a gelou como se estivesse exposta ao vento do inverno.

Athelstan fez um gesto para que ela se sentasse e, depois de puxar um banco próximo à sua cadeira, se acomodou ao seu lado.

– Meu pai recebeu sua mensagem, mas certos assuntos o prenderam em Londres, de modo que me enviou para saber como vai Edward. – Desajeitado, tocou o rosto do irmão com o dorso da mão. – *Jesu*, como ele está quente.

– Estou temerosa por ele – sussurrou Emma, examinando o rosto do menino, como vinha fazendo havia dias, à procura de algum sinal de melhora. Não o encontrou. Rubro de febre, o nariz afilado pela falta de alimento, ele mal lembrava o garoto corado que tinha cavalgado com eles ao longo do rio Itchen no verão anterior. – Minha irmã sofreu de febres a vida toda, mas não me lembro de tê-la visto tão debilitada assim. Edward se queixa de dores nos braços e pernas e de uma forte ardência na garganta. Nada do que fazemos alivia os sintomas.

Ela olhou para Athelstan e viu uma sombra passar pelo rosto dele. As palavras de Emma o haviam alertado para o perigo que seu irmão corria, e o fato de ser a portadora de tão más notícias a fez sofrer. No entanto, era melhor ele saber logo o que poderia ter de enfrentar muito em breve.

– Meu pai pediu ao bispo e a todo o clero em Londres que rezassem pela recuperação de Edward – disse ele, o olhar ainda no menino. – Ouviu, Edward? Londres inteira está orando por você neste momento.

Emma também tinha rezado por Edward, mas suas orações tinham vindo de um coração amargurado, e Deus não a atendera.

– Talvez Deus os ouça – disse. – A mim Ele não atendeu.

A revolta contida dentro dela, reprimida pelo silêncio e por lágrimas amargas, escapou de repente.

– Por que Deus é tão cruel? – disse com fervor, fechando as mãos e batendo os punhos contra os joelhos, impotente. Queria chorar, mas não iria dar aquela satisfação a Deus. – Por que Ele pune crianças inocentes pelos pecados dos outros?

Athelstan percebeu o desespero na voz dela, e aquilo feriu seu coração. Era a mulher de seu pai, e por isso ele tinha se obrigado a tratá-la com uma estima austera que não demonstrasse nem piedade nem compaixão, mas não podia agir assim naquele momento. Os olhos de Emma, cheios de angústia e

cansaço, estavam fixos em Edward, mas Athelstan soube que ela devia estar pensando na criança que tinha perdido. Se Deus era cruel, Emma era tão vítima da Sua crueldade quanto o pobre Edward. Ela havia perdido o próprio filho, e agora tinha medo de perder o filho que tinha acolhido como se fosse seu.

Procurou palavras para consolá-la, mas o que entendia da mente de Deus? Era um guerreiro, não um sacerdote. Seu dever era lutar, e cabia aos religiosos resolver as coisas com o Senhor. No entanto, como alguém poderia lutar contra a vontade Dele e vencer? Como era possível até mesmo reconhecer a mão de Deus em ação no mundo quando havia tanta escuridão e tanto sofrimento?

Emma, porém, precisava de consolo, por mais desajeitado que fosse.

– Somos instrumentos de Deus para a vingança ou para a misericórdia, não somos? – disse ele com brandura. – Então, se procurar a mão Dele na doença de Edward – ele segurou a mão dela e a levantou diante de seu rosto –, olhe para as mãos que lhe deram alívio na dor e cuidaram dele com o carinho de uma mãe.

Mas isso não adiantou. Emma balançou a cabeça, recolheu a mão e, com delicadeza, voltou a tratar de Edward. O rosto magro do menino agora já não estava rubro, mas estranhamente pálido sob a luz bruxuleante.

E se ele morresse? Athelstan nunca tinha pensado muito sobre a morte, apesar das centenas de sermões que ouvira descrevendo o destino final do homem nos termos mais angustiantes. Mesmo agora, não podia aceitar a perspectiva de um mundo sem Edward, pois ele era apenas um menino. Parecia impossível aquela criança ter de morrer. No entanto, as crianças, até os filhos de reis, também morriam. Seu próprio pai tinha sido o único de três irmãos a chegar à idade adulta.

De repente, as palavras da vidente em Warwick surgiram em sua mente. Ela previra que ele não herdaria o reino de Æthelred. Não conseguia entender como isso poderia ser possível, a menos que ele morresse antes do pai. Seria o que ela havia tentado lhe dizer? Seria a vontade de Deus – o seu destino, bem como o de Edward?

Esfregou o rosto com as mãos, tentando afastar esses pensamentos mórbidos. No mesmo instante, Emma deu um pequeno grito. Quando olhou para ela, viu que se inclinara para a frente e estava com as mãos espalmadas no peito de Edward.

– O que foi? – perguntou, tenso, com um mau pressentimento.

– Não sei! Alguma coisa aconteceu. Margot!

Em um instante, a velha surgiu das sombras e afastou-os da cama. Curvou-se sobre Edward, aproximou o ouvido de sua boca, em seguida tocou seu pescoço com os dedos. Athelstan prendeu a respiração.

Por Deus. Teriam seus pensamentos mortais de alguma forma atraído a Morte para o leito de seu irmão?

Quando a ama chamou um criado e virou-se para Emma, pousando as mãos nos ombros dela em seguida, Athelstan sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo todo. Fechou os olhos e, em meio à agonia e aflição, ouviu a velha desatar a falar em francês normando. Embora não compreendesse o que ela dizia, sabia que Edward devia estar morto.

Respirou fundo e, quando abriu os olhos, viu Emma diante dele, o rosto iluminado de alegria e alívio. Ela segurou sua mão.

– A febre cedeu, meu senhor – disse ela. – Deus atendeu às nossas preces, afinal.

Ele olhou para Edward, profundamente adormecido atrás dela, alheio às duas mulheres, agora ocupadas em trocar seus lençóis úmidos e amassados.

– É verdade? – perguntou Athelstan, mal ousando acreditar. – É possível uma doença se reverter assim tão rápido?

– Ele ainda não está bem – murmurou Emma –, mas Margot garantiu que agora vai começar a se recuperar. – Ela sorriu, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. – Talvez tenha ouvido quando falou com ele, e foi a sua voz que o chamou de volta para nós. Ele faria qualquer coisa por você. Você é o herói dele, sabia disso?

Ele balançou a cabeça em uma negativa, perguntando-se o que mais Emma conheceria sobre Edward que ele não conhecia. Queria puxá-la para si e envolvê-la em seus braços, como se tivesse o direito de fazê-lo. Mas ele não tinha, e a consciência desse fato o torturava tanto que ele a fitou com ar sério.

– A recuperação de Edward não é mérito meu – disse. – Foram seus cuidados que o salvaram, e vou contar isso a meu pai. – Ele olhou mais uma vez para a cama. – Devo partir para Londres pela manhã. Posso vir visitá-lo novamente antes de ir?

– Claro – assentiu ela –, mas não posso prometer que ele vá estar acordado quando vier. Não pode enviar um mensageiro para seu pai? Faria

bem para Edward tê-lo aqui por algum tempo, por mais breve que fosse.

– Não posso ficar. O rei quer que eu volte para Londres.

Notou que sua resposta brusca a havia magoado, mas não conseguia pensar em nenhuma maneira de transpor o muro que estaria sempre entre eles.

– Claro, meu senhor – disse Emma em tom firme. – Tenha uma boa noite, então.

Ele a cumprimentou com um gesto da cabeça e saiu depressa do quarto. Estava muito tentado a ficar, e isso seria um grave erro.

Logo que Athelstan saiu, Emma sentiu-se tão fria e vazia quanto antes. Queria ir atrás dele, aninhar-se em seus braços e sentir seu calor e sua força, experimentar o conforto de tocá-lo mais uma vez. Mas não havia lugar para ela nos braços de Athelstan, pois ele não era o seu senhor, e jamais seria.

Um segundo depois, Margot estava ao seu lado, insistindo que fosse se deitar e dormir, mas havia outra coisa que precisava fazer primeiro. Embrulhou-se bem num xale, chamou um criado para iluminar seu caminho com a vela e seguiu atrás dele por vários corredores até a pequena capela que tinha sido instalada ali pela primeira esposa de Æthelred. Emma não gostava daquele lugar, porque não passava de um cubículo estéril desprovido de qualquer coisa que pudesse oferecer conforto a uma alma fatigada. No entanto, entrou e caiu de joelhos diante do altar. Sussurrou uma oração de agradecimento pelo dom da vida de Edward e pediu perdão a Deus por suas dúvidas e seus pecados. Fez-lhe uma promessa também. Não se esquivaria mais de seus deveres como esposa e rainha de Æthelred, e fecharia o coração às tentações.

Capítulo Dezenove

Junho de 1003

Winchester, Hampshire

O rei voltou a Winchester à frente de uma longa comitiva e sob um sol forte, que fez seu temperamento já irritadiço piorar. Um mês no palácio do bispo em Londres o tinha forçado ao celibato, e, para piorar, seus altos clérigos haviam passado o tempo todo repreendendo-o por negligenciar seus deveres conjugais. Mas ele iria mudar isso em breve. Logo a faria se deitar para ele, pois o mantivera a distância por tempo demais.

Já era quase noite quando desmontou no pátio do palácio e jogou as rédeas para um cavaliço. Haveria um banquete aguardando por ele no salão, mas antes tinha assuntos a resolver com a rainha. Enquanto se encaminhava aos aposentos dela, uma pequena multidão de requerentes o cercava, todos choramingando pedidos que não lhe despertariam nenhum interesse ainda que fosse capaz de decifrá-los em meio a tamanha tagarelice. Abriu caminho entre eles, mas, antes de conseguir passar, um mais afoito colocou um pedaço de pergaminho em sua mão, que ele segurou e depois esqueceu.

Entrou direto nos aposentos da rainha, subiu as escadas e abriu a porta do quarto. Emma e seu sacerdote estavam sentados a uma mesa coberta de cartas. Havia um grupo de mulheres reunido num dos lados, falando sem parar, até que o viram e caíram em silencioso respeito.

– Saíam – ordenou ele.

Emma já se pusera de pé e fez um sinal para o sacerdote, que tentava atabalhoadamente recolher os pergaminhos.

– Deixe isso! – exclamou Æthelred.

O aposento se esvaziou rapidamente e ele se virou para Emma. Ela se manteve firme, encarando-o de queixo erguido e uma sobranceira arqueada em um ar de curiosidade.

Ele tinha um assunto para tratar com ela que varreria aquele olhar complacente de seu rosto, mas podia esperar. Segurou-a pelo pulso e dirigiu-se à câmara interna, puxando-a atrás de si.

– Não finja que não sabe por que estou aqui – falou, ríspido, atirando-a na cama cercada por cortinas exuberantes.

Não se deu o trabalho de perguntar pela saúde dela, pois não queria desculpas. Na última vez em que solicitara que ela cumprisse seus deveres como esposa, Emma se recusara. Æthelred não iria tolerar isso naquele momento.

Observou com satisfação enquanto ela despia o vestido e a camisola por baixo. Largando no chão o pedaço de pergaminho enrolado que lhe tinha sido entregue, ele tirou o cinto, a túnica, os calções e a meia. Quando se virou de novo para Emma, ficou surpreso com a rapidez com que se excitou ao vê-la deitada nua sobre os lençóis, as coxas brancas docilmente abertas para recebê-lo. Ele não perdeu tempo, derramando sua semente nela com vigor e rapidez. Depois, esgotado, ficou deitado em cima dela apreciando o perfume e a sensação de um corpo feminino. Em seguida, apoiou-se nos antebraços para examinar seu rosto.

A luz no ambiente era fraca, pois havia apenas uma única lamparina a óleo pendurada em uma corrente perto da porta. Mas por enquanto era o suficiente.

Emma se remexeu debaixo dele num esforço para afastá-lo.

– Posso levantar-me, meu senhor?

– Não. Ainda não terminamos.

A trança clara se desfizera durante a cópula, e agora ele brincava com uma longa mecha do cabelo dela, enrolando-a no dedo distraidamente enquanto observava seu rosto.

– Diga-me o que sabe da nova aliança do seu irmão com o rei dinamarquês.

Ela lhe lançou um olhar inocente como o de uma criança.

– Não sei de nada – falou. – Meu irmão não me contou nenhuma novidade.

Æthelred levantou uma sobrancelha, considerando a resposta. Podia ser verdade. Seus espiões não haviam lhe avisado sobre nenhuma correspondência da Normandia que falasse de uma aliança com Swein Forkbeard. Ainda assim, ele não confiava inteiramente nela.

– Seu irmão tem sido negligente, então – disse ele, puxando a trança loura e fazendo Emma estremecer –, porque, de fato, está negociando com Swein.

– Talvez seja alguma questão comercial...

– Mesmo assim – interrompeu Æthelred, e puxou-lhe o cabelo com mais força para ter certeza de que tinha a atenção dela. – O que acha que devem estar negociando? Eu lhe digo: pobres ingleses que foram arrastados de suas casas para serem vendidos como escravos, carregamentos de prata e produtos de saque de cidades inglesas.

E havia a pequena questão da vingança de Swein pela morte da irmã no dia da Festa de São Brício. Em Londres, os bispos o tinham criticado duramente sobre a possibilidade de retaliação do rei dinamarquês, e embora ele tivesse minimizado a importância do fato, o medo de uma revanche corroía suas entranhas como uma ferida aberta e incurável.

Emma se contorcia debaixo dele, tentando em vão aliviar a dor que ele lhe causava.

– Pare com isso – suplicou ela, entre dentes.

Mas Æthelred não tinha a intenção de parar. Com a outra mão, enrolou mais uma mecha brilhante nos dedos e a puxou também. Emma o teria arranhado como uma gata, imaginou ele, mas tinha tomado a precaução de prender seus braços ao lado do corpo.

– O sofrimento terreno leva à maior glória no Céu, não é? – disse ele. – Submeta-se às aflições da vida, senhora, e vai ver que elas serão mais fáceis de suportar. Já lhe falei isso antes.

– Diga-me o que quer – murmurou ela com a mandíbula semicerrada.

Æthelred sorriu, mas não aliviou a pressão. Seria preciso muito mais do que aquilo para dobrar Emma, mas ele acabaria dominando-a, e esperava fazer isso antes que a barriga dela inchasse de novo.

– Gostaria de lembrá-la que é a rainha dos ingleses, e não mais uma ferramenta do duque normando – respondeu ele. – Vai escrever para o seu irmão e falar sobre as promessas que ele me fez. Seria desastroso Richard se

comprometer com uma aliança que a senhora, mais do que ninguém, poderia lamentar. Entendeu?

Havia lágrimas nos olhos dela agora, embora Emma não as deixasse cair. Era fria, aquela mulher.

– Entendi – respondeu, quase num grunhido.

– Ótimo. Quero ver a carta amanhã.

Para lembrá-la de sua tarefa, mordeu a carne macia da orelha dela. Quando ela se encolheu, ele sorriu. Sua rainha não tinha o gosto de Elgiva para a aventura sexual.

Sentia bastante falta de Elgiva, mas havia outras mulheres na corte para satisfazê-lo.

Ele saiu de cima de Emma e observou, divertido, como ela deslizou para fora da cama, envolveu-se em um manto e saiu pisando forte para o outro lado do quarto e bem fora de seu alcance.

– Que cartas eram aquelas sobre as quais estava debruçada junto com o padre? – perguntou Æthelred.

– São do meu capataz em Exeter.

– Traga-as para mim. E acenda algumas velas. Está muito escuro aqui.

Emma acendeu uma vela fina e comprida na lamparina, depois acendeu todas as velas do aposento, uma por uma.

– O senhor não perguntou sobre o seu filho doente – disse ela.

– Como vai ele? – retrucou Æthelred, estendendo a mão para o jarro ao lado da cama e servindo-se de uma taça de vinho. – A febre cedeu, não é?

Deu um gole e serviu-se de mais.

– Ele se cansa com facilidade. Estou preocupada com ele.

Æthelred resmungou. As crianças eram uma preocupação dela, não dele.

– Ele vai para Headington na semana que vem, junto com os outros – anunciou. – Vai ser bem cuidado lá. Agora traga-me esses pergaminhos.

Ela foi buscá-los, depois começou a se vestir enquanto ele se sentava na beirada da cama e examinava cada carta enquanto bebia uma segunda e uma terceira taças de vinho. Havia informes de seu capataz, como ela dissera, bem como uma petição de inúmeros arrendatários de Devonshire insistindo que Emma fosse visitar suas propriedades no sudoeste.

Claro que eles gostariam que ela fizesse uma viagem real às suas terras de dote. Afinal, tinham sido os nobres do sul que a haviam apoiado como noiva, em vez de Elgiva. Agora queriam bajulá-la, tê-la em seu meio e

festejá-la na esperança de consolidar sua proteção real. Alguns meses antes, Æthelred recebera uma carta de um de seus *thegns* de Devonshire sugerindo uma viagem como aquela. Não lhe dera atenção na época. As coisas tinham mudado, porém, pensou ele, acariciando a taça enquanto considerava a ideia.

Caso o duque Richard tivesse se aliado ao rei Swein, durante os quatro meses seguintes toda a costa sul da Inglaterra estaria sujeita a eventuais ataques de navios que atravessariam o mar Estreito, e a frota inglesa era muito pequena para patrulhar aquela longa extensão litorânea. E se ele usasse Emma como escudo para os condados ocidentais do país? Se a mandasse a Devonshire, certificando-se de que Richard tomasse conhecimento disso, o irmão dela sem dúvida procuraria protegê-la, assim como suas terras, exortando seus aliados dinamarqueses a concentrar seus ataques mais a leste. Isso o deixaria com apenas metade da costa para defender. Era perfeito. Jogou os pergaminhos em cima da cama e começou a se vestir.

– A senhora vai fazer uma viagem até suas terras de dote – decretou ele.
– Os senhores do sul levariam a mal se recusasse. Vou mandar o conde Ælfric e os seus homens para escoltá-la. Aliás, pensando bem, a senhora pode aproveitar e parar em algum dos santuários ao longo do percurso e rezar para que o seu ventre logo dê fruto novamente.

Observou o rosto de Emma enquanto ela pesava suas palavras, e a consternação que ficou evidente o divertiu. Emma queria um filho. Não fora obediência o que a levava a abrir as pernas para ele hoje, mas a esperança de que a semente de Æthelred criasse raízes dentro dela. Um filho daria à rainha mais terras, mais uma parte da fortuna dele e até mais apoio ainda dos bispos. Com um filho, Emma se fortaleceria, algo que seus malditos bispos pareciam ser incapazes de compreender. Bem, eles não podiam esperar que a levasse para a cama se ela não estivesse presente, o que o deixaria livre para procurar prazer em outro lugar. E Emma teria que esperar um pouco mais por essa criança.

Ela não respondeu à sua sugestão, mas afastou-se dele, os dedos ocupados em trançar o cabelo. Æthelred vestiu os calções e a túnica, e então reparou no pequeno pergaminho caído no chão. Preguiçosamente, estendeu a mão para apanhá-lo e correu os olhos pelas linhas preenchidas.

E agora maldito és desde a terra, que abriu a boca para receber das tuas mãos o sangue do teu irmão.

Ele se retesou, a ameaça nas palavras tão palpável quanto um golpe físico.

Por Deus, que demônio lhe entregara aquele pergaminho?

Tentou visualizar os rostos que o haviam rodeado no pátio do palácio, mas tinha prestado muito pouca atenção à plebe. Leu novamente o texto funesto – a maldição do Todo-Poderoso para Caim. Ao mesmo tempo que sua mente fraquejava diante da ameaça contida ali, sentiu, horrorizado, um frio atemorizante se apoderar dele.

Adivinhou o que o frio pressagiava, mas com certeza estava enganado. Livrara-se da sombra vingativa de seu irmão ao acabar com os dinamarqueses que haviam planejado destruí-lo. A aparição tinha ido embora! Não poderia voltar a persegui-lo. Nem Deus seria tão cruel!

Preparou a mente e o corpo contra o pânico que crescia dentro dele, mas o frio cada vez mais intenso o prendeu em seu abraço implacável, seus tentáculos gelados penetrando sob sua carne para chegar ao coração. O pergaminho escapuliu de suas mãos e seus olhos, fixos, esbugalhados, só conseguiam ver o vazio que rodava, rodava. Toda a luz fugiu do ambiente e, na escuridão, o rosto furioso de seu irmão bruxuleava diante dele como uma chama instável, enchendo sua alma de medo.

Desta vez, porém, ele se recusou a sucumbir ao terror que o entorpecia. Dentro dele, acendeu-se uma raiva clara e forte como uma brasa viva. Teve vontade de estrangular a figura horrorosa que tinha diante de si – queria canalizar todo o seu medo e fúria em um só ato de violência que despedaçasse aquela emanção diabólica e a enviasse de volta ao inferno. Lutou contra os laços invisíveis que o prendiam, mas estava enfeitiçado, envolto em uma mortalha de gelo.

– Por quê? – bradou, arrancando as palavras das profundezas da alma. – Diga, maldito! O que quer de mim?

Não houve resposta e, com uma praga estrangulada, fazendo um esforço supremo, Æthelred levantou o braço e atirou a taça no rosto do irmão. A sombra de Edward não se moveu nem falou, apenas o fitou com olhos vazios, e o tempo pareceu ter parado.

Durante alguns instantes intermináveis, Æthelred sentiu um cansaço desesperador tomar conta dele e um peso gelado invadir seu coração, como se houvesse uma pedra em cima de seu peito. Tentou fechar os olhos, mas só conseguia fitar o rosto ensanguentado de Edward, até que afinal a sombra recuou devagar e a iluminação e o calor voltaram ao quarto.

Finalmente livre do domínio de seu irmão, ele se deixou cair na cama e chorou.

Emma ficou paralisada, os olhos se alternando entre o rei em prantos e a mancha vermelha na parede onde a taça tinha se espatifado. Perguntou-se quanto tempo teria se passado enquanto ela estava ali, perplexa e horrorizada, assistindo a Æthelred lutar contra alguma ameaça invisível que o descontrolou e levou à loucura.

Começou a respirar de novo quando percebeu que aquilo que o escravizara parecia tê-lo enfim libertado, pois até o choro dele havia cessado. No entanto, não fez nenhum movimento para ir até o marido. A lembrança de sua mesquinha crueldade ainda estava muito fresca em sua mente, e não podia ter certeza de que ele não descontaria sua raiva nela. Então, ficou de pé, imóvel, sem saber o que fazer.

– Estou com frio – sussurrou ele.

As palavras continham uma súplica que ela não podia ignorar, e a tiraram de seu transe. Apanhou seu manto e foi até ele, então cobriu-lhe os ombros com o agasalho de pele e lã grossa.

– Meu senhor, receio que esteja doente – disse.

O rosto dele estava branco como cera.

– Queime aquilo – sussurrou Æthelred.

Ela franziu a testa. Queimar o quê? Olhou para os pergaminhos caídos em torno dele na cama.

– O pergaminho – disse ele, apontando para algo no chão. – Queime!

Ela viu, então, um pedaço do tamanho de seu dedo. Seria aquilo a causa da loucura dele? Será que uma coisa tão pequena podia ser capaz de abalar a inteligência de um rei? Apanhou-o, bastante tentada a desenrolá-lo e ler o que estava escrito, mas Æthelred a fitava com um olhar duro como aço. Obediente, ela levou o papel à chama da lamparina.

– O que é? – perguntou.

– Não é da sua conta. Apenas faça o que mando, maldita – disse ele, a voz engrolada pelo efeito do vinho.

Ela viu o papel queimar, frustrada, consciente de que poderia ser a explicação do enigma que era Æthelred da Inglaterra.

Escutou o rei dar um longo suspiro e virou-se para fitá-lo. Um pouco de cor tinha lhe voltado ao rosto, mas o cansaço não o havia abandonado. Parecia doente e abatido, com marcas escuras sob os olhos. Era um homem que dormia pouco, ela sabia, e não pela primeira vez se perguntou que sonhos tenebrosos perturbariam seu sono. Æthelred tirou o manto dela dos ombros e se levantou, mas vagorosamente, como se ainda estivesse sob um grande peso.

– Amanhã entregue-me a carta que vai escrever para seu irmão e comece os preparativos da sua viagem para Exeter – ordenou ele com a voz dura.

Em seguida saiu do quarto, o andar lento e arrastado, enquanto ela permanecia num silêncio atordoado, ouvindo o som dos passos dele se afastando.

Quando teve certeza de que Æthelred não voltaria mais, dirigiu-se para sua grande cadeira e sentou-se, tremendo, as mãos unidas como em oração enquanto considerava o que acabara de acontecer. Sabia pouco sobre o universo masculino, pois sempre vivera em um mundo de mulheres. Mas estava começando a conhecer aquele homem duro e brutal que era seu marido e seu rei. E, quanto mais o conhecia, mais o temia.

No entanto, sem dúvida seus medos não eram nada comparados aos dele. Æthelred, parecia-lhe, temia todo mundo. O fato de desconfiar dela não a surpreendia. Era uma estrangeira e, apesar de seus votos matrimoniais, não poderia ter certeza de sua fidelidade até que ela desse à luz um filho, e talvez nem mesmo então. Emma compreendia isso. Mas Æthelred desconfiava de seus conselheiros e até dos próprios filhos, e também os temia. Via Athelstan, em particular, como um rival perigoso e uma ameaça. Haveria algum aviso sobre seu filho mais velho na correspondência que havia queimado? Ela não podia acreditar nisso. Athelstan tinha o coração puro e, Deus bem sabia, havia inúmeros inimigos que podiam representar uma ameaça a um rei.

Seria necessário a todo governante manter-se tão isolado de todos a seu redor, até mesmo daqueles em que deveria ser capaz de confiar? Ou haveria algo no próprio Æthelred que o colocava à parte dos demais? Tinha a impressão de que havia alguma fissura na alma daquele rei da qual as desconfianças emanavam como uma nuvem maléfica, contaminando-o

como um veneno – e era de conhecimento geral que quando um rei adoecia todo o reino sofria.

Como uma névoa fria, as histórias que tinha ouvido sobre a morte do irmão de Æthelred insinuaram-se em sua mente. Um rei havia sido assassinado e, desde que isso acontecera, a Inglaterra tinha sido amaldiçoada com má sorte. Se Æthelred carregava a culpa da morte de Edward – e, portanto, dos problemas que ameaçavam a terra –, fosse ele culpado de fato ou não, quantos inimigos devia ter! E por estar ligada a ele de corpo e alma, o destino unido ao dele de forma inexorável, esses inimigos eram também *seus* inimigos, pelo resto da vida.

Escondeu o rosto nas mãos e teve a sensação de que o medo do rei ainda pairava no quarto, e que sua essência pairava ao redor dela como uma névoa sufocante.



Os detalhes finais da transferência da rainha para Exeter estavam praticamente acertados. Na manhã anterior à sua partida, as damas do séquito de Emma separavam de forma frenética peças de seu guarda-roupa, discutindo entre si o que seria necessário para a viagem. Emma, sentada ali perto, em sua mesa de trabalho, estava absorta examinando um mapa que o padre Martin havia encontrado para ela. Muito mais velho do que a própria Emma, fora encomendado pelo rei Alfred mais de cem anos antes para mostrar as propriedades reais em Wessex. Com o dedo indicador, ela traçou uma linha de Winchester a Exeter, pensando na distância que deveria percorrer nas próximas semanas. Seu dedo se deteve, porém, quando ela viu o solar real de Corfe assinalado perto da costa sul. Corfe era o lugar onde o irmão de Æthelred, o rei Edward, tinha encontrado a morte.

Ela olhou para o círculo vermelho no mapa. O que teria realmente acontecido no local na noite em que Edward fora assassinado? Ninguém fora punido, não se pagara *wergild* pela morte daquele rei ungido. E agora, segundo os boatos, começavam a acontecer milagres no novo sepulcro de Edward em Shaftesbury: uma criança aleijada tinha andado; uma mulher cega havia recuperado a visão. Corriam rumores sobre a aparição do rei

Edward, martirizado, nos sonhos de algumas pessoas que o tinham conhecido, alertando que os culpados por sua morte deveriam fazer reparações para evitar a desgraça que estava prestes a se abater sobre a Inglaterra.

O bispo de Winchester havia falado em seu sermão do dia anterior sobre a necessidade de todos os homens confessarem seus pecados e fazerem caridade para expiar qualquer crime, por menor que fosse. Ela observou o rei ao escutar a voz que vinha do púlpito, seu rosto impassível. Æthelred nem piscou, não moveu um músculo que indicasse que seu coração havia sido tocado. No entanto, depois lhe pediu que parasse em Sha esbury durante sua viagem a fim de rezar no túmulo de Edward. Tinha lhe dado um saco de ouro para doar à abadia em nome do rei e de sua mãe morta, a rainha Æl hryth.

Isso fez Emma se perguntar novamente se o rei teria alguma responsabilidade na morte do irmão. Os boatos diziam que fora a rainha Æl hryth quem planejara o assassinato de Edward, para que seu próprio filho pudesse assumir o trono. Na ocasião, Æthelred era uma criança, com apenas 10 ou 11 anos. Com certeza não teria participado daquele pacto mortal.

No entanto, alguma coisa, algum terror inominável, atormentava o rei. Emma não conseguia esquecer o grito angustiado que ele dera quando estava no quarto dela, paralisado por um inimigo que ela não enxergava. Não se atrevera a lhe perguntar sobre isso – nem naquele momento nem depois. Em todas as noites em que Æthelred fora para a cama dela, tinha se mostrado cada vez mais perturbado, silencioso e rude do que antes. Emma cumpria sua obrigação e depois ele a deixava, mas a lembrança daquele acontecimento estranho e terrível pairava entre eles como um punhal reluzente, com a ponta virada para o pescoço dela.

Ansiava por estar longe de Winchester – longe do rei, com todos os seus segredos, e de toda a amargura que havia entre eles. Queria que o dia seguinte chegasse logo.

Quando um criado entrou para anunciar que o lorde Athelstan tinha pedido para vê-la, Emma foi invadida pela alegria. Ele não havia acompanhado o rei na volta de Londres e ela não esperava mais vê-lo antes de partir. *Não me deixeis cair em tentação*, rezou, seu rosto uma máscara de cortesia quando estendeu a mão para ele.

– Bem-vindo, meu senhor – cumprimentou.

Ele se inclinou para beijar o pesado anel de ouro que a marcava como propriedade do rei, mas seu sorriso de saudação não pareceu sincero.

No mesmo instante, ela se pôs em alerta para algo que pudesse estar errado. Indicou-lhe uma cadeira e olhou ao redor da sala. Elgiva, ajoelhada no chão perto dali arrumando vestidos em um baú, rapidamente se virou, como para dar privacidade à rainha. Mas Emma sabia que ela registrava todas as conversas que aconteciam ali, e suspeitava que as transmitisse ao rei. Quem mais poderia ter tanto interesse em tudo o que se passava nos aposentos da rainha?

Não se atreveu a violar as regras de etiqueta do palácio, mandando suas damas saírem para que ela pudesse falar sozinha com Athelstan. Por mais que quisesse fazê-lo, despertaria suspeitas indesejadas. Ignorou Elgiva e concentrou toda a sua atenção nele.

Ele não se sentara, e manuseava o mapa que estava aberto em cima da mesa dela. Indicou o mapa com um gesto da cabeça. Não sorria mais.

– A senhora não pode ir a Exeter – disse ele sem rodeios, como se estivesse dando uma ordem.

Ela olhou para ele, confusa.

– O senhor está me transmitindo uma mensagem do rei? – perguntou.

– Não. Estou lhe dando um conselho de amigo. Deve desistir desse plano, minha senhora. É perigoso demais até mesmo cogitar tal viagem.

Ela percebeu a paixão por trás das palavras, leu-a nos olhos dele, mas não conseguiu compreender.

– Agradeço a sua preocupação, meu senhor – respondeu ela –, mas sem dúvida não há grandes perigos na viagem que penso em fazer. O próprio rei me garantiu que...

– Eu sei o que o rei disse – rebateu ele. – Acabei de vir de seus aposentos. Ele está cego ao perigo, ou indiferente, não sei. É por isso que precisa ter cuidado! Minha senhora, os dinamarqueses vão atacar neste verão. Swein Forkbeard busca vingança pelo massacre do dia de São Brício, e a cada hora há mais probabilidades de a próxima maré trazer navios vikings às nossas praias.

Emma sentiu um peso no coração à menção do dia de São Brício. As notícias sobre o massacre dos dinamarqueses por Æthelred tinham se espalhado por toda a Europa, inspirando a revolta até do papa. Robert, o

irmão arcebispo de Emma, havia escrito ao rei protestando e, em uma carta para ela, quisera saber por que não usara sua influência junto ao rei para impedir um ato tão hediondo. Sua mãe tinha sido mais discreta. Em uma carta escondida numa fenda da capa de couro de um saltério, ela escrevera: “Que tipo de cristão queima mulheres e crianças inocentes?” Emma fora incapaz de defender o rei; não tinha tentado defender sequer a si mesma. Ela deveria ter sabido dos planos dele, deveria ter sido a voz da razão, deveria tê-lo aconselhado. Mas ele não quisera ouvir sua opinião, e esse era o seu fracasso, o seu fardo de vergonha a suportar.

Como todos na Inglaterra, ela imaginava que o rei dinamarquês iria operar algum tipo de vingança. Todos tinham esperado o golpe do acerto de contas na primavera, já que a estação trouxera boas condições de navegação, mas até o momento ele não havia chegado. E como ninguém consegue viver na expectativa constante da desgraça, tinham esquecido o medo de Swein Forkbeard. O rei insistia em afirmar que o ataque do dia de São Brício livrara a Inglaterra dos partidários de Swein, e que o próximo movimento do rei dinamarquês levaria anos para ser planejado. Evidentemente, porém, Athelstan não acreditava nisso.

– Como pode saber que Swein virá? – perguntou ela. – Ouviu alguma profecia?

– Não, não tenho nenhuma prova! – Ele bateu na mesa com a palma da mão, frustrado. – Mas pressinto isso. É uma espécie de vibração que estou sentindo. Não sei como explicar. Só posso lhe dizer que sei. Swein virá.

Ela olhou para o rosto dele e viu medo e urgência. Sentiu o início de um formigamento na nuca. Havia sido tola em imaginar que a Inglaterra poderia escapar da vingança de Swein. Havia boas razões para Richard, seu irmão, não querer irritar o feroz rei dinamarquês. Claro que Swein viria.

– Mas mesmo considerando que você esteja certo, isso não significa que ele vá atacar Exeter – argumentou Emma. – Sem dúvida, a costa daquela cidade é o lugar mais seguro para se estar. O local está todo bem protegido e os campos foram atacados há apenas dois verões. Pouco restou para pilhar daqueles miseráveis.

– Não é apenas pilhagem o que Swein procura, não vê? Ele tem contas a ajustar com meu pai. E, não, não há nenhuma maneira possível de saber exatamente onde ele vai atacar, mas vai atacar com certeza. Seu irmão

Richard enviou-lhe alguma informação, qualquer coisa que possa ser considerada um aviso?

Ela o fitou, surpresa.

– Não, meu senhor. Ele não me enviou nada. Só minha mãe me escreveu para contar que o casamento de minha irmã com o conde de Blois será em meados do verão. – Ela franziu a testa, tentando lembrar tudo o que Gunnora havia escrito. – Em algum momento depois do dia de São João, meus dois irmãos mais velhos vão escortar o casal de volta para o ducado de Blois, que faz fronteira com a Normandia ao sul.

O olhar dele avivou-se com essa notícia.

– Quer dizer que o duque Richard e o arcebispo estarão longe da costa normanda nas semanas posteriores ao solstício de verão – concluiu. – Se eu fosse Swein e se quisesse assolar a costa sul da Inglaterra, atacaria nesse momento.

– Mas por que atacar a costa sul? Por que não invadir os condados do leste, que estão diante do mar dinamarquês?

Ela olhou para o mapa à sua frente e apontou para o espaço vazio acima de Wessex onde estava escrito Ânglia Oriental.

– Quer dizer, a região pantanosa? – Athelstan refletiu por um momento, depois balançou a cabeça em uma negativa. – Swein está com sede de vingança. O objetivo dele será atacar Wessex, minha senhora, pois é o coração de Æthelred. E vai atacar nosso litoral sul – acrescentou, inclinándose sobre o mapa e correndo o dedo ao longo da borda inferior. – Aqui, talvez, perto de Pevensey. – Seu dedo parou em um ponto próximo da residência real em Beddingham. – Ou aqui, em Exeter – continuou, o dedo deslocando-se para a fortaleza onde terminaria a viagem dela. – Os navios dele descerão ao longo da costa sul da Dinamarca, ao longo da costa da Frísia e daí para a Normandia. Quando as marés e os ventos estiverem favoráveis, os navios atravessarão o mar Estreito. – Athelstan levantou os olhos para ela. – Se os seus irmãos estiverem no extremo sul de suas terras, como vão impedir que a frota de Swein se esconda em portos do norte da Normandia?

Emma ponderou isso, tentando lembrar exatamente o que sua mãe escrevera em sua última carta. Será que a notícia sobre o casamento de Mathilde e a decisão de Richard de visitar Blois tinha sido um aviso oculto? Um frio pensamento ocorreu-lhe de repente. Teria sido deliberado o plano

dos irmãos de viajar para Blois, a fim de poderem alegar ignorância sobre o que Swein talvez fizesse? A fim de poderem fechar os olhos para o uso que os homens dele fizessem dos portos da Normandia? O objetivo de Richard ao acompanhar o casal até o sul sem dúvida era apenas reforçar o seu apoio a uma aliança que tinha ambicionado por muito tempo. Além disso, seu irmão sabia que ela estaria em Exeter. Ela havia escrito para ele contando que iria para suas terras de dote, sabendo que ele iria aprovar sua determinação em assumir a responsabilidade por suas propriedades.

Não. Athelstan devia estar enganado sobre o local onde Swein atacaria. Estava especulando, como os padres que tinham feito previsões medonhas sobre o fim do mundo nos anos que antecederam o milênio. Diziam que o mar iria ferver, que a terra se partiria e as montanhas desmoronariam. No entanto, nada disso acontecera. A vida seguira seu curso normal.

– Não pode ter certeza de nada disso, meu senhor – disse ela em voz baixa. – É apenas conjectura. O que devemos fazer? Nos escondermos atrás das muralhas da cidade durante os próximos dois meses com medo dos dinamarqueses?

– Não, minha senhora – retrucou Athelstan. – Mas, se vemos nuvens negras e relâmpagos no céu, não subimos na árvore mais alta que encontramos para assistir à chegada da tempestade! A senhora não deve ir a Exeter nem a qualquer cidade que se encontre perto de um exército dinamarquês!

Ela suspirou, exasperada com a veemência dele.

– Já fiz meus preparativos, meu senhor, e vou a Exeter. Minhas responsabilidades exigem isso de mim. Até o rei o exige. – Ela sorriu, tentando aliviar o clima pesado. – Se isso o faz sentir-se melhor, prometo não subir em nenhuma árvore durante uma tempestade.

Athelstan lançou-lhe um olhar gélido.

– E se eu tiver razão e a senhora estiver enganada, milady?

– Ao primeiro sinal de um navio viking, irei montar num cavalo e fugir. Será que isso o satisfaz?

– E se os navios aparecerem no meio da noite? O que fará?

– Sem dúvida haverá uma sentinela. Com certeza o conde Ælfric terá providenciado.

Ele se afastou bruscamente da mesa, agitado e frustrado. Mas o que ela poderia fazer? Não podia atender a seu pedido quando o rei já determinara

que viajasse. E, por Deus, ela queria estar longe dali, qualquer que fosse o risco.

Athelstan apoiou as mãos em cima da mesa e se inclinou em direção a ela até seus rostos ficarem bem próximos.

– Se precisa ir a Exeter, então vou pedir ao rei que me mande para lá também. – Baixou a voz para um sussurro. – Não vou confiar sua vida a mais ninguém. Está me entendendo?

Ela o entendia muito bem. Assim como entendia o próprio coração o suficiente para saber que, se estivessem juntos longe dos olhos e dos ouvidos curiosos da corte, ela correria um perigo muito maior com Athelstan do que jamais poderia correr com Swein Forkbeard.

– Agradeço-lhe, meu senhor – disse ela, com delicadeza –, mas eu o proíbo de fazer isso. Prometa-me que não vai fazer. – Sua voz falhou e ela quis tocá-lo, colocar a mão sobre a dele para amenizar a dureza das palavras. Mas não podia. – Seu pai é um homem desconfiado, meu senhor. Ele vê inimigos em todos os lugares. Já não confia em mim. Quem sabe que má intenção vai enxergar em seu pedido? – Endireitou as costas e levantou a voz. – Obrigada, meu senhor, por dividir suas preocupações comigo. Pode ficar certo de que lhes darei a devida atenção.

Então deu-lhe um sorriso tranquilizador, implorando com os olhos que saísse.

Athelstan hesitou por um instante, depois se empertigou e se retirou. Emma acompanhou-o com o olhar, esperando as batidas do seu coração se acalmarem. O coro de vozes na sala se elevou de novo e ela ficou grata por seu murmurar suave, como o som das ondas quebrando na praia. Estava tremendo, como se tivesse andado pela beirada de um terrível precipício, plenamente consciente de que o menor passo em falso a faria despencar no vazio.

Notou que Elgiva a fitava com um ar curioso. Quanto da conversa teria ouvido? Quanto inferira? Emma respirou fundo e voltou a examinar o mapa, mas um momento depois sua criada voltou com algo nas mãos.

– O lorde Athelstan me pediu que lhe entregasse isto – disse a moça. – Recomendou que o mantenha afiado e o leve sempre consigo.

Era um *seax*, uma espécie de adaga com cabo de osso polido. Emma tirou-a da bainha. Ao contrário das facas delicadas que usava durante as refeições, aquela era uma arma – sem adornos, mas bonita em sua

simplicidade rústica. A lâmina era larga e pesada, com o gume levando à ponta letal. A bainha não tinha alça para prendê-la a um cinto, e ela percebeu que devia ser escondida em algum lugar do corpo – enfiada na meia, presa na parte inferior da perna, talvez encaixada em uma bota rígida.

Tinha certeza de que não precisaria usá-la. Mas faria o que Athelstan pedira, nem que fosse para ter algo que houvesse pertencido a ele. Pelo menos, pensou ironicamente, ninguém poderia insinuar que era um símbolo de amor.

Capítulo Vinte

Junho de 1003

Middleton, Dorset

Opovoado de Middleton localizava-se em um recôncavo verdejante das chapadas do sul, entre Winchester e Exeter. Bem no meio do nada, pensou Elgiva, parando ao lado de Groa no caminho para o cume coberto de bétulas, mais acima, e olhando para a aldeia lá embaixo. Daquele ponto avistava a aldeia, uma abadia, os pavilhões da rainha e mais nada, exceto campos, florestas e ovelhas.

Balançou a cabeça, contrariada.

– Nunca vou perdoar meu pai por me forçar a acompanhar a rainha nesta viagem deplorável – resmungou. – Ele poderia ter me poupado disso. Tenho sido uma filha obediente, e não mereço este castigo.

– Tenha paciência, minha querida – disse Groa, com delicadeza. – Receberá sua recompensa no final. Cada passo que dá a leva para mais perto de uma coroa.

Essa passara a ser a resposta-padrão de Groa para qualquer coisa que irritasse Elgiva. No entanto, a jovem não via como se beneficiaria da expedição real de Emma, e naquele dia menos do que nunca. Pelo menos os outros lugares onde a rainha havia parado – Romsey, Wilton, Shaftesbury – eram cidades movimentadas, que ofereciam algo mais para se ver além de uma catedral ou uma abadia. Middleton, porém, era um deserto verde.

Ao lado dela, Groa recomeçou a subir o caminho levemente inclinado e Elgiva a seguiu, ainda remoendo seu mau humor. Quando informou ao pai que Emma estava planejando fazer aquela viagem, rogou-lhe que

encontrasse uma forma de dispensá-la. Insistiu que iria enlouquecer se fosse obrigada a visitar cada maldita igreja e convento entre Winchester e Exeter.

Mas Æl elm respondera que a filha deveria acompanhar a rainha e ficar atenta a todas as pessoas importantes que se encontrassem com ela, transmitindo depois seus nomes a um de seus vários criados que iriam como sombras atrás do grupo. Assim, sempre que a rainha e sua comitiva chegavam ao ponto de parada do dia e terminavam sua refeição, Elgiva escapulia tendo apenas Groa como companhia. Um dos homens de seu pai ia a seu encontro – na catedral, no mercado ou em algum poço sagrado – e ouvia atentamente o que a jovem tivesse a relatar.

Nos últimos dois dias, porém, não houvera nenhum mensageiro, e hoje, como não havia nenhum mercado cheio de gente, só lhe restou ficar fora do alcance dos pavilhões e esperar que um dos lacaios de Æl elm fosse encontrá-la.

Não conseguia entender por que seu pai tinha tanto interesse nas ações de Emma. Achava irritante ter de seguir as suas instruções cansativas sem ao menos a vantagem de saber a razão, até porque, pelo que via, as atividades da rainha não eram nada interessantes.

Emma, ela observara, conversava com seus companheiros de viagem ao longo do percurso, em especial com o conde Ælfric, que liderava a comitiva. Quando paravam em santuários no caminho, ela aparentemente falava com Deus, rezando com a cabeça curvada. A única pessoa de certa importância com quem ela estivera tinha sido a abadessa de Sha esbury, no último domingo: as duas ficaram a sós por algum tempo. Elgiva não tinha como saber ao certo o que haviam discutido, mas achava que havia uma quantia generosa de dinheiro envolvido, pois a abadessa sorria largamente quando se despediu da rainha.

Emma estava, sem dúvida, subornando Deus com orações e ouro, esperando que Ele fizesse sua barriga crescer de novo. E, se esperava que isso acontecesse enquanto estava tão longe do marido, então sua fé era de fato muito grande.

Elas chegaram ao topo da colina, onde havia uma pequena capela de pedra encerrada em uma clareira. Um homem envolto num manto verde-escuro esgueirou-se na direção delas vindo dos fundos da capela, a luz do sol e as sombras pintalgando sua figura ágil enquanto ele se movia. Elgiva não o reconheceu, mas ele levantou a mão e mostrou o anel do pai dela no

indicador. Ela assentiu com a cabeça para Groa, que iria vigiar a aproximação de qualquer intruso, depois se virou para dar atenção ao sujeito.

O rosto dele era bonito – bronzeado, com as maçãs do rosto salientes e olhos cristalinos, pensativos. O cabelo castanho encaracolado fora cortado curto e a barba, bem aparada. Os ombros sob o manto eram largos, mas o tronco se estreitava numa cintura fina, a túnica apertada por um largo cinto preto.

– Traz alguma mensagem de meu pai? – perguntou ela.

– Ele envia suas saudações, minha senhora. Estou aqui para lhe dizer que ele espera que a senhora tenha oferecido uma missa por ele no túmulo de St. Edward, e que ainda não tenha sido levada à loucura por tantas orações.

Elgiva deu uma curta risada de desdém ante a ideia que seu pai fazia de uma piada.

– E isso é tudo o que você tem a dizer? Pode ao menos me informar onde ele está?

O homem deu de ombros.

– Na última vez em que falei com ele, estava com o rei em Winchester, mas isso já faz alguns dias.

Elgiva franziu a testa, intrigada com o que Æl elm poderia estar tramando. Será que planejava algo contra a rainha ou apenas desejava saber com quem ela se encontrava e, presumivelmente, quem influenciava?

Ela suspirou, ainda irritada com o pai, e examinou o sujeito à sua frente. Era diferente dos outros mensageiros que tinham sido enviados. Os anteriores eram meros criados, que mal levantavam a cabeça para olhar para ela. Aquele a fitava com um olhar ardente, a boca inclinada em um meio sorriso arrogante. Calculou que não devia ser muito mais velho do que ela e o achou um pouco jovem demais para demonstrar tanta autoconfiança.

– Qual é o seu nome, rapaz?

– Alric, minha senhora. Minhas terras ficam na Mércia Ocidental, e seu pai e seus irmãos me conhecem bem.

Então ele era um homem de algumas posses, afinal. Elgiva o observou quando inclinou a cabeça para ela em um pequeno cumprimento, mantendo os olhos fixos nos seus, como se achasse estar no mesmo nível que ela. O sujeito era insolente, de fato. Ainda assim, agradava-lhe bastante. Era ousado, e isso num homem bonito não era algo tão ruim assim.

– Não tenho muitas novidades para lhe transmitir – disse ela.
– Seu pai gostaria de saber algo sobre a rotina diária da rainha – informou ele.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Vai lembrar de tudo o que eu disser? – perguntou.

– Com prazer, senhora – retrucou ele, sua voz uma carícia.

Palavras melosas, na verdade, pensou Elgiva. Alric a avaliava, e ela passou por ele andando entre as árvores, de modo que o homem não percebesse como seu olhar faminto lhe agradava.

– Muito bem – continuou ela, tentando afastá-lo da mente enquanto ordenava os pensamentos. – Logo após o amanhecer, começamos as abluções, seguidas de uma oração e do café da manhã. Assim que a rainha está pronta para partir, as tendas são desmontadas e já são levadas para o próximo ponto de parada. Cavalgamos em um ritmo tranquilo na maior parte do tempo, mas mensageiros são enviados à frente para todas as cidades por onde a rainha vai passar, para anunciar sua chegada iminente.

Enquanto descrevia essa rotina, de repente lhe ocorreu o objetivo de Emma com essa expedição: ela estava seduzindo o povo da Inglaterra! Em cada vila e cidade, jogava moedas de pequeno valor para a multidão que a cercava e gritava saudações que guardavam apenas traços de sua origem estrangeira. E aquela maldita gente simples, estúpida, provavelmente iria adorá-la por isso! Poderiam ter qualquer tipo de apreensão sobre Æthelred, mas amariam muito a sua jovem e linda rainha.

Elgiva parou de andar e fechou os olhos, recordando a chegada de Emma em Middleton e os aplausos do povo.

Sentiu Alric postar-se atrás dela, mas sem a tocar. Não era tão atrevido assim, pelo menos.

– Diga ao meu pai – disse ela, bruscamente – que acredito que a rainha tenha dado presentes generosos para a Abadia de Shaftesbury. Não só as irmãs a amam, como os habitantes das cidades pelas quais passamos estão encantados com ela. Avise a ele para tomar cuidado se estiver planejando qualquer coisa contra a rainha. Vai conseguir se lembrar de tudo isso?

– Aye, senhora.

Foi um mero sussurro, pois sua boca estava ao lado da orelha dela.

Elgiva prendeu a respiração com a proximidade dele e, em seguida, virou-se para estender-lhe a mão, o que significava que a conversa tinha

acabado. Mas a mão dela tremia quando ele a segurou e levou aos lábios, os olhos mais uma vez sondando os seus.

Ele beijou seu anel, depois virou sua palma da mão para cima e também a beijou demoradamente, fazendo-a arder por dentro. Um instante depois, Alric já se fora, o manto verde fundindo-se com as cores da vegetação além da clareira. Ela ficou ali por um momento, recuperando o fôlego, esperando as batidas do coração normalizarem.

Alric. Sorriu para si mesma murmurando seu nome. Ali estava um homem que valia a pena.

Na volta para o acampamento, obrigou-se a se concentrar em Emma, finalmente admitindo a verdade para si mesma. Æthelred nunca deixaria sua rainha de lado. Naquele primeiro ano, quando Emma era vista como uma estrangeira e ainda precisava provar que seria capaz de conceber um filho, poderia ter havido uma oportunidade. Agora essa chance se perdera.

Elgiva mantinha os olhos no chão, atenta às pilhas de esterco de ovelha. Pelo que precisaria batalhar agora? Deveria resignar-se a um casamento com um dos *thegns* de Æthelred? Logo ela, a quem havia sido prometida uma coroa? Cerrou os punhos ao pensar nessa possibilidade. Não faria isso. Ao menos não enquanto o rei tivesse filhos solteiros.

Teria que seduzir um dos *æthelings* e convencê-lo a se casar com ela. Preferia Athelstan, é claro, mas ele estava obcecado por Emma. Não queria nenhum homem tão fascinado a ponto de flertar com a desgraça por causa de uma mulher – a menos que fosse *ela* a mulher em questão. Não, Athelstan estava além de seu alcance, mas Æthelred tinha muitos outros filhos. Se fosse mesmo seu destino ser rainha, precisava encontrar uma maneira de realizá-lo.

– Groa – chamou, interrompendo o passo até que a mulher se aproximasse –, o que me diz de Ecbert como marido para mim?

– Ele seria – ela fez uma pausa – maleável, minha senhora. Mas será rei algum dia?

Elgiva contraiu os lábios.

– Tem razão – falou, devagar. – Ele seria maleável, mas não é o herdeiro; ainda não, pelo menos. Como sua esposa, porém, acho que eu poderia lhe inspirar ambições que ele ainda não considera. – Sorriu para si mesma e enfiou o braço de Groa no dela. – Quando voltar a Winchester, acho que vou dar uma atenção especial ao jovem Ecbert.

No entanto, a imagem de Alric permaneceu em sua mente, nítida. Esperava vê-lo de novo, muitas vezes, antes de voltar para Winchester.

Winchester, Hampshire

O rei Æthelred, sentado com ar formal no grande salão de Winchester, em seu trono primorosamente esculpido e pintado de cores vivas, contemplava os nobres vindos de todo o reino para testemunhar as ações da corte. Conhecia a maioria deles pelo nome e tinha uma ideia geral de quanto valiam para ele em termos de propriedades tributáveis. Eram como crianças, pensou Æthelred, que às vezes tinham de ser apaziguadas, às vezes coagidas, às vezes aplacadas, às vezes punidas. Ele aprovava leis para protegê-los uns dos outros e cobrava impostos para protegê-los de invasores. Contudo, eles o consideravam fraco, por ter, durante alguns anos, comprado a paz com ouro em vez de sangue inglês. Não tinha dúvidas de que, se algum brilhante guerreiro aparecesse para desafiá-lo pelo trono, oferecendo-se para conduzir seus *thegns* em batalha contra seus inimigos, muitos deles o abandonariam.

Meditando sobre esse tema sombrio, Æthelred notou que seu filho mais velho saíra do meio de um grupo de homens no fundo da sala e se encaminhava para o tablado. Quando Athelstan se aproximou do trono e ajoelhou-se aos pés de seu pai, um raio de sol que penetrou pelas janelas altas iluminou o cabelo dourado do rapaz, fazendo reluzir a fivela de prata trabalhada em seu ombro direito. Ele não era mais um menino, Æthelred lembrou a si mesmo. Obstinado, dogmático, franco, sim, porém não mais um menino.

Estreitou os olhos em direção ao filho, tentando ler a expressão em seu rosto. Havia problemas no ar. Disso ele tinha certeza.

Fez um sinal com a cabeça para que Athelstan se pronunciasse, em seguida o jovem se levantou e deu um passo para o lado, virando-se para que todos ouvissem suas palavras.

– Gostaria de falar sobre nosso inimigo Swein Forkbeard, que agora reina na Dinamarca e na Noruega, e que pretende anexar a Inglaterra aos seus reinos do norte. – Sua voz ecoou pelo salão, tão nítida e sonora quanto o clamor de alerta de um sino. – É provável que, neste exato momento,

Swein esteja reunindo seus navios em algum porto normando, preparando-se para nos atacar. Ele vai cruzar o mar Estreito para saquear nossas terras e violentar nossas mulheres, pois tem a morte de uma irmã para vingar.

Fez uma pausa e Æthelred constatou que seu filho tinha atraído a atenção de todos os homens na sala, pois todos temiam o próximo ataque dinamarquês.

– Vamos esperar como ovelhas pelo golpe que tememos, rezando para que não venha, como fizemos tantas vezes antes? – continuou Athelstan. – Eu digo... – Fez uma nova pausa e pareceu ficar um pouco mais alto ao empertigar os ombros, quase como se estivesse prestes a enfrentar um inimigo. – Eu digo que não devemos esperar que os vikings ataquem. Proponho enviarmos nossos navios para a Normandia, a fim de localizar a frota viking e a destruir antes que atravesse o mar Estreito. Vamos incendiar suas embarcações como se fossem faróis de sinalização, vamos aleijá-los para que eles não possam nos agredir.

Ouviu-se um burburinho de vozes no salão, e então um lorde de Kent falou:

– E quem se compromete a liderar tal iniciativa?

– Há três de nós – respondeu Athelstan, enquanto Ecbert e Edmund se adiantavam e se postavam junto dele.

E então um som como um rugido surdo correu pelo salão feito uma ventania. Æthelred praguejou em voz baixa enquanto considerava rapidamente a probabilidade de sucesso de um plano como aquele e detectava suas falhas. A ideia baseava-se no pressuposto de que os navios de Swein poderiam ser encontrados num porto normando e destruídos em seguida. As chances não eram favoráveis, de fato.

Por outro lado, se por algum milagre a empreitada fosse bem-sucedida, ele não precisaria ir muito longe para achar quem desafiasse a sua coroa – tinha o próprio filho. Pois Athelstan já não o estava desafiando, naquele instante, ao fazer uma proposta tão ultrajante diante de sua corte e seu conselho? No entanto, ao mesmo tempo que pensava na melhor maneira de responder à provocação do filho, sentia o peso da presença invisível de seu irmão morto. A fria malevolência de Edward esgueirava-se na direção dele através das sombras enquanto, de pé na frente do estrado sob um feixe de luz, Athelstan o fitava com o rosto do tio.

Aquilo tudo era obra de seu irmão mais novo, percebeu – a vingança de Edward sendo levada a cabo por meio dos atos de seu filho mais velho. Æthelred sentia a ameaça do morto em torno dele, sinistra como o silêncio que precede um trovão, e preparou-se para enfrentá-la. Como se uma voz tivesse sussurrado em seu ouvido, ele entendeu enfim o que Edward queria dele como expiação por seu pecado. Mas era um sacrifício grande demais. Nada iria obrigá-lo a isso.

Prontamente, Æthelred se pôs de pé e, levantando a voz para ser ouvido em todos os cantos do salão, respondeu ao desafio de Athelstan:

– Não vou enviar meus filhos nem os de homem nenhum em uma empreitada tão irrefletida e perigosa. As ameaças superam de longe os ganhos, e isso está fora de cogitação. – Fitou o filho com um olhar de desdém que não admitia discussão. – Não se fala mais nisso.

Em seguida, saiu do estrado pisando forte, ansioso para escapar dos olhos curiosos e se livrar do frio úmido que agora o envolvia como uma bruma. Sabia, mesmo sem vê-la, que uma sombra vinha em seu rastro. Edward seria impiedoso com ele, mas, por Deus, a indenização que o irmão exigia era alta demais. Não iria pagá-la, e que a sombra ensanguentada do irmão fizesse o que bem entendesse.

Athelstan viu, estupefato, o pai se afastar. O rei não pedira a opinião dos conselheiros e tinha tratado sua sugestão com desprezo.

E quando, perguntou a si mesmo, já tinha sido diferente? Æthelred sempre havia descartado seus pontos de vista. Até o presente da Espada de Offa fora uma tentativa de acalmá-lo, como se ele fosse um bebê choramingão que um brinquedo pudesse calar.

Deu as costas ao trono vazio e abriu caminho pelo salão abarrotado, com Ecbert e Edmund em seu encalço.

– O que você vai fazer? – indagou Ecbert.

– Agora que o rei me humilhou na frente de toda a corte? Vou embora, é claro. Que outra opção eu tenho?

Ecbert apertou o passo e se colocou à frente de Athelstan.

– Você não pode deixar a corte sem a permissão dele! – exclamou.

– Vamos ver se não posso – retrucou Athelstan, empurrando o irmão para o lado.

– Sem dúvida você não imagina que vá acabar sozinho com a frota dinamarquesa.

Desta vez, era Edmund quem argumentava.

Athelstan deu uma risada.

– Sem um mandado com o selo do rei, não tenho poder para mobilizar os navios. Não, a frota de Swein está a salvo de mim. Vou esperar a notícia do fim do mundo em minha propriedade em Norton.

Suas terras ficavam a meio dia de Exeter, a cavalo, e que Deus não permitisse, mas se a força dinamarquesa atacasse ali, ele poderia ao menos proteger Emma do perigo.

De repente, deu com Edmund bloqueando seu caminho.

– Fique longe dela – advertiu o irmão, em voz baixa, o semblante sombrio. – Ela não vale o risco que você está correndo.

Não havia necessidade de perguntar a quem ele se referia. Edmund não gostava de Emma, e, se algo ruim acontecesse com ela, ele provavelmente se alegraria, não lamentaria.

Naquele momento, Athelstan sentiu o tênue controle de sua raiva – contra seu pai, contra os dinamarqueses, contra o próprio Deus – ceder. Atirou-se ao pescoço de Edmund, mas quase no mesmo instante sentiu seus braços serem presos por trás.

– Pare com isso! – disse Ecbert em seu ouvido, a voz sibilante. – Nós estamos do seu lado, seu idiota. Você corre o risco de perder suas propriedades e seus títulos se for embora.

– Se os dinamarqueses atacarem – retrucou Athelstan, soltando-se dos braços do irmão –, o rei vai ter muito mais com que se preocupar do que um filho que o desobedeceu ao partir para enfrentar o inimigo.

Afastou-se dos irmãos a passos largos. Já desperdiçara um tempo precioso tentando convencer o pai a lançar a ofensiva contra Forkbeard. Faltando menos de uma semana para o solstício de verão, quando a frota dinamarquesa talvez já estivesse pronta para cruzar o mar Estreito, havia pouco tempo a perder. Com cavalos velozes, poderia chegar a Exeter em cinco dias. Seu mau pressentimento, a sensação de que alguma calamidade estava prestes a se abater sobre todos eles, era mais forte do que nunca. O que quer que estivesse por vir, ele iria enfrentar ao lado de Emma, ou morrer tentando chegar até ela.

Middleton, Dorset

Era o Dia do Senhor e, na Igreja de Santa Catarina, no monte acima da Abadia de Middleton, Emma ajoelhou-se diante do pequeno altar. A missa acabara, mas ela permaneceu na capela para orar sozinha por um tempo na calma solene do lugar. A luz do amanhecer atravessava o espesso vidro amarelo da janela atrás do altar e chegava ao ambiente da cor do mel. A fragrância doce e pungente do incenso pairava no ar, mascarando o cheiro de umidade que emanava das paredes caiadas e do chão de terra batida coberto de junco.

Quando Emma terminou suas orações, levantou-se e virou-se para sair, viu que o conde Ælfric também tinha permanecido na capela. Ele se levantou ao mesmo tempo que ela e fez-lhe uma mesura.

– Minha senhora, posso falar-lhe um instante? – perguntou, com a voz suave.

– De que se trata, meu senhor? – retrucou Emma, acomodando-se num dos bancos que ladeavam as paredes da capela. Fez um sinal para Wymarc, que esperava perto da porta, e no instante seguinte os dois encontravam-se a sós no silêncio da igreja. – Por favor, sente-se – disse ela para o homem.

Ele tomou lugar no banco ao lado dela, com a testa ainda mais enrugada que de costume. Alto e magro, de cabelos grisalhos e pele macilenta, Ælfric fazia Emma lembrar um pouco o próprio pai. Havia a mesma amabilidade em seu rosto sempre que seus olhos pousavam nela, e o mesmo sorriso afetuoso. Suas recordações de infância do pai haviam se tornado tão entrelaçadas com a imagem daquele homem que ela não conseguia deixar de olhar para ele com o respeito de uma filha.

Ælfric a fitou com ar sério, as mãos enormes juntas nas dobras de seu manto marrom.

– Sabe alguma coisa sobre meu filho, minha senhora? – perguntou.

– Seu filho? – repetiu Emma, surpresa com a pergunta. – Não, meu senhor. Só o que me contou em Wherwell... Que o perdeu algum tempo depois que a mãe de Hilde morreu.

– Eu o perdi, sim – disse ele, balançando a cabeça. – Isso é verdade. Porém, não é toda a verdade.

Isso não a espantava. Muitas vezes tinha sido forçada a se contentar com meias verdades na corte do rei. Mas ficou em silêncio, apenas observando o velho baixar o olhar para o colo, em direção às mãos fortes e vigorosas. Quando pousou os olhos escuros nela outra vez, ele falou:

– Meu filho está perdido, mas não está morto.

Contou-lhe, então, a história lastimável de um filho obstinado que, depois da morte de sua jovem mulher, havia deixado a filha pequena aos cuidados de seus pais, e, apesar dos protestos do pai, desaparecera sem deixar rastro.

– Pensamos que ele também havia morrido, talvez até entre os muitos homens que perderam a vida na batalha contra os dinamarqueses em Maldon, em 991. Então, um ano depois de Maldon, quando Swein Forkbeard atacou em Kent, o rei convocou o *fyrð* para enfrentar o inimigo, e eu fui incumbido de liderar os navios que impediriam a retirada dos dinamarqueses após a batalha. – Ele fez uma pausa e levou a mão à testa de leve, como se quisesse apagar as lembranças. – Na noite anterior ao dia em que prepararíamos nossa armadilha, com nosso exército acampado na margem do Tâmsa, meu filho apareceu na minha tenda, forte e saudável. Para mim, foi como se Lázaro tivesse voltado do mundo dos mortos, pois eu pensava que Ælfgar estivesse enterrado nos pântanos de Maldon. Até hoje, não sei se alguma coisa que ele me contou naquela noite era verdade ou mentira: sua captura por marinheiros dinamarqueses e seus repetidos esforços para escapar. Não o fiz prisioneiro porque não sabia que era um dos homens de Forkbeard, leal a ele de corpo e alma. – Olhou para Emma, consternado. – Diz-se que o rei dinamarquês tem um poder em seu olhar que captura e prende o coração dos homens. Acho que deve ser verdade.

Emma recordou a energia e o calculismo que vira no semblante de Swein Forkbeard. Não entendia como isso era capaz de afetar o coração de seus seguidores. O homem só havia lhe inspirado medo.

Ælfric retomou seu relato:

– Meu filho sumiu de novo no meio da noite e, apesar de tê-lo seguido com uma patrulha, para capturá-lo, de madrugada ele já havia alertado o inimigo sobre nossas intenções e sua frota tinha partido. Apenas um navio foi incendiado. Toda a tripulação morreu, com exceção de um único homem: o traidor, Ælfgar. Meu filho.

Emma engoliu em seco, forçada a fazer a pergunta, ainda que temendo ouvir a resposta:

– Qual foi o castigo dele?

– O rei, por amor a mim, me concedeu a vida do meu filho. Mas arrancaram-lhe os olhos e o deixaram praticamente morto. Há dez anos, ele vem sendo cuidado pelos irmãos da Abadia de Magdalene, perto de Exeter, mas durante todo esse tempo eu não o vi, por medo de desagradar ao rei. – Calou-se e seus olhos, quando encontraram os dela, brilhavam com lágrimas não derramadas. – Gostaria de vê-lo de novo, minha senhora, mostrá-lo à sua filha, se ele assim o quiser. Hilde nada sabe sobre a traição do pai, mas precisa tomar conhecimento disso em breve. Prefiro que ouça a história de mim do que de qualquer outra pessoa. E, quando ela souber a verdade – o velho olhou para a rainha com ar suplicante –, acredito que vá precisar de consolo.

Emma pensou em Hilde, que muitas vezes se sentara perto do jovem Edward enquanto ele estava doente para contar-lhe histórias que o distraíssem de suas dores.

– Darei meu apoio a Hilde – garantiu –, e oferecerei a ela todos os conselhos de que precisar.

O velho não respondeu, mas beijou-lhe a mão. Ao vê-lo sair, Emma refletiu sobre a disposição dele de correr o risco de desagradar a seu rei para ir atrás de um filho infiel, cujos atos haviam desonrado o nome de seu pai.

Se os filhos do rei cometessem algum ato condenável, ela duvidava que Æthelred estivesse disposto a perdoar.

Capítulo Vinte e Um

Junho de 1003

Exeter, Devonshire

Quando a rainha Emma da Inglaterra adentrou no *burh* real de Exeter, no dia do solstício de verão, Athelstan presenciou o acontecimento de um posto de observação no alto das muralhas da cidade. O dia estava ensolarado, e, quando ela se aproximou do grupo de nobres que a esperava no portão sul, todos os sinos das igrejas da cidade começaram a repicar e um clamor ergueu-se da multidão que se juntara para assistir.

Athelstan imaginou que algo semelhante jamais tivesse sido visto em Exeter. Nunca, desde a época do rei Athelstan, cerca de oitenta anos antes, um cortejo de sacerdotes, soldados, nobres e damas da corte havia atravessado os portões da muralha romana da cidade, passando pela igreja, rumo à fortaleza na colina. Os bispos de Crediton e Sherborne, rivalizando uns com os outros em capas de seda escarlate, vinham a cavalo ao lado da rainha. Atrás dela, com sua túnica de malha e capacete muito polidos, o conde Ælfric eclipsava não só o traje reluzente dos prelados, mas também o brilho refletido de suas tonsuras lustrosas.

Athelstan mal os notou, pois seus olhos estavam fixos em Emma, vestida com um *cyrtel* azul de *godwebbe* cintilante. Seu manto era de um azul mais escuro, orlado de seda branca, e preso no ombro direito por um broche de ouro incrustado de pérolas. Na cabeça, ela usava um delicado véu de seda preso por uma tiara fina de ouro martelado. Montada em seu maravilhoso cavalo branco, ela estava deslumbrante. Para ele, todos que a viam deveriam amá-la.

Enquanto observava a rainha percorrer lentamente as ruas de Exeter, porém, nem por um momento ele esqueceu a ameaça de Swein Forkbeard e de seus navios. De onde estava, Athelstan avistava o rio Exe, que ultrapassava os muros da cidade em direção ao mar Estreito. De vez em quando ele desviava os olhos para o sudeste, onde fora instalado um farol no topo de uma colina que guardava os restos de uma fortaleza construída por um povo desaparecido muito tempo antes. Caso navios dinamarqueses fossem avistados no horizonte, o farol seria aceso em advertência, mas nenhum sinal foi dado, de modo que Athelstan relaxou um pouco.

Seus dois companheiros – que usavam, assim como ele, finas capas de lã cinzenta que lhes chegavam até os joelhos e cobriam suas túnicas de malha – estavam a seu serviço desde que todos eles ainda eram meninos. Ele acenou para que permanecessem atentos e os deixou, abrindo caminho através da multidão para descer da muralha. Contornou a aglomeração de pessoas que percorriam a rua Ceap atrás do cortejo da rainha, seguindo ao longo da muralha para o portão oeste, onde seu cavalo o esperava aos cuidados de um velho que preferira o peso das moedas de prata em sua bolsa do que a visão de uma rainha.

Athelstan montou e saiu rápido pelo portão, para fora de Exeter e para longe de Emma. Planejava ir esperá-la ao lado de Hugh quando seu capataz fosse recebê-la na fortaleza no alto da cidade. Tinha muito a lhe dizer, pois a despedida dos dois tinha sido desagradável, e por culpa dele. Ela o perdoaria, tinha certeza, se ele pedisse. Mas ali não era o momento nem o lugar para se desculpar. Teria que ser paciente, pois naquele momento ela pertencia a outras pessoas – aos *thegns* e suas damas, aos bispos, àqueles que esperavam um obséquio da mão branca da Senhora. Não tentaria ter uma audiência pública com ela. Aprendera com sua última e desastrosa interação com o rei que isso seria imprudente. Tinha que esperar o momento certo, alguma oportunidade de falar sozinho com ela.

E, quando se encontrassem, o que lhe diria, além de se desculpar? Será que verbalizaria tudo o que estava em seu coração? Não, seria cruel submetê-la a isso. Já não tinha tanto para suportar? Um marido que a tratava mal, um aborto e o medo dos horrores, quaisquer que fossem, que os dinamarqueses pudessem trazer com eles.

Iria sobrecarregá-la, também, com palavras de amor? Naquele dia mesmo o povo de Exeter já a aclamara, saudando-a como sua Senhora

Rainha, cativado apenas por vê-la. Não, ela não precisava do fardo do seu amor. Mas ele poderia oferecer-lhe seus serviços. Seria um homem da rainha, se ela permitisse. Iria guardá-la e protegê-la do que quer que acontecesse, sem pedir nada em troca. Conduziu o cavalo para o norte, em direção às suas terras em Norton. Em breve, porém, voltaria e assumiria o seu compromisso com Emma, se ela aceitasse.

Vários dias depois, sob um céu carregado, Emma estava no alto das muralhas da fortaleza que seria seu lar pelos dois meses seguintes. Teria preferido um aposento no priorado de St. Nicholas, nos limites da cidade, mas a sinistra advertência de Athelstan sobre os dinamarqueses a convencera a ser prudente. Ali, no topo daquele enorme rochedo vermelho-sangue, estaria protegida de qualquer perigo pela madeira, pela pedra e por uma grande altura. Só não estaria imune ao vento forte, disse a si mesma com ironia, quando a seda fina de seu toucado rodopiou em torno de seu rosto.

Puxou o véu para trás e contemplou a paisagem à sua frente. A cidade em si era cercada por colinas, e o rio Exe serpenteava entre elas em direção ao sul. Do portão da cidade que dava para o rio, a comprida rua Ceap, cheia de lojas e casas, seguia em linha reta. Num dos lados dessa rua, as paredes da catedral se erguiam acima de casas cobertas com telhados de palha, a pedra vermelha da igreja delineando-se nitidamente contra o verde dos pátios internos e dos campos que a cercavam.

Daquele ponto, Emma distinguia três dos grandes portões nas altas muralhas romanas da cidade. O quarto portão, Northgate, estava atrás dela. De acordo com Hugh, quando todos os quatro se achavam fechados, só era possível entrar na cidade por uma porta secreta, cuja localização exata apenas algumas pessoas conheciam. Hugh a chamava de *La posterle*, e dizia que ela levava a um túnel escavado sob as muralhas da cidade. Em caso de um ataque a Exeter, os defensores do *burh* poderiam escapar por *la posterle* para atacar o inimigo por trás. Mais recentemente, porém, acrescentou ele com um sorriso, a passagem costumava ser usada pelo ex-capataz, que escapulia por ela à noite para visitar a amante em Northgate. Suas incursões foram interrompidas quando, em certa ocasião, ele voltou para o *burh* e

encontrou sua esposa esperando-o ao lado de *la posterle* com uma chibata na mão, o que divertiu demais os guardas do castelo.

Ocorreu a Emma que dificilmente a porta poderia ser considerada secreta se até a mulher do capataz a conhecia. De qualquer forma, durante seu passeio guiado pela fortaleza, ela não fora capaz de localizar a entrada do túnel.

Ela passou pela sentinela, que continuou olhando impassível para o mar, e fez uma pausa para espiar o pátio lá embaixo pelo vão da escada de degraus de madeira. Era um contraste gritante com o tranquilo enclave real de Winchester. Aquele lugar não era um palácio, rodeado pela segurança das planícies cobertas de pastagens de Hampshire e agraciado com o luxo que a riqueza de sessenta anos de paz e prosperidade podia proporcionar. Era uma fortaleza nos limites do reino de Æthelred, e deixava muito a desejar em matéria de conforto e beleza, limpeza ou tranquilidade. O pátio fervilhava de soldados, criados, cavalos, carroças e uma fila interminável de comerciantes que iam e vinham através de uma pequena porta ao lado do portão principal. Hugh pusera à disposição dela seus aposentos particulares, e o salão alto de pedra, com seu telhado de palha, abrigava não só Emma e suas damas, mas também, em sua cripta, um galinheiro, um pequeno curral de ovelhas e um depósito cada vez menor de cereais, assim como famílias variadas de animais nocivos em que Emma preferia nem pensar. Presumivelmente, escondia também a entrada daquele túnel secreto.

Emma percorreu com cuidado o caminho revestido de pedra que levava ao salão e subiu as escadas até a porta de madeira. Wymarc a esperava ali, com um par de sandálias de couro limpas nas mãos e uma expressão tão luminosa que Emma teve de sorrir. Tinha certeza de que Hugh era responsável pela alegria da jovem. Ela havia presenciado o reencontro dos dois e os olhares de desejo reprimido que não tinham conseguido disfarçar. Enviara-os numa incumbência forjada só para lhes dar alguns momentos a sós, e Wymarc estava resplandecente como a lua desde aquele dia.

Emma estava prestes a falar sobre os sentimentos de Wymarc por Hugh quando se ouviu um grito vindo da guarda do portão. O grande e sólido portão exterior se abriu e um grupo de cavaleiros entrou, mas Emma enxergou apenas o homem à frente da tropa.

Não havia nada em seu traje que o distinguisse como o filho mais velho do rei e herdeiro do trono, pois ele estava vestido de forma simples, envolto

num manto de lã cinzenta fina, a cabeça coroada apenas com o brilho dourado de seu cabelo.

No entanto, não havia como duvidar de seu ar de autoridade, que proclamava a quem o visse que se tratava de um membro da família real.

Então Athelstan viera, como Emma sabia que faria. Desejou do fundo do coração que ele não tivesse ido. Não estava preparada para vê-lo, pois não podia fingir indiferença a ele, da mesma forma que Wymarc não podia fingir indiferença por Hugh. Suspeitava que cada palavra que dizia, cada ato, cada olhar era observado e anotado. Se permitisse a presença de Athelstan ali, quanto tempo levaria para o rei tomar conhecimento de seus sentimentos?

Já existiam desavenças entre Æthelred e seus filhos – tinha sido assim desde o dia do casamento dele com Emma. Como mediadora da paz, não era dever dela fazer o possível para consertar as rupturas no tecido do reino, e reconciliar pai e filhos? No entanto, caso o rei alimentasse suspeitas do que ela sentia por Athelstan, seus esforços só iriam semear mais discórdia entre eles.

Teria de mandar Athelstan embora, e fazê-lo de tal forma que ele não tentasse vê-la novamente.

– Vá chamar Hugh – disse a Wymarc.

Athelstan apoiou as duas mãos na mesa à sua frente e fulminou com os olhos o encarregado de Emma. Como filho mais velho do rei, não estava acostumado a ser contrariado, e não gostava muito quando isso acontecia. Além do mais, passara a ver Hugh como um amigo, e não esperava que logo ele fosse impedi-lo de fazer o que desejava.

– Como pode saber que a rainha não quer me ver? – indagou. – Nem ao menos avisou-a que estou aqui.

– Ela já sabe de sua presença, e pediu-me para lhe dizer que, como tem certeza de que veio lhe trazer os cumprimentos do rei, agradece a sua cortesia. Espera que compreenda as sérias questões que a impedem de lhe conceder uma audiência e solicita que qualquer mensagem de seu pai que esteja trazendo lhe seja transmitida por meu intermédio. Pede também que, ao retornar a Winchester, leve as saudações de uma esposa amorosa e obediente a seu pai, o rei.

Com esforço, Athelstan conseguiu conter sua fúria. Ele e Hugh tinham tomado cerveja juntos no salão de Æthelred e contado piadas obscenas um ao outro durante as intermináveis horas da vigília noturna no pátio do palácio em Winchester. O rosto de Hugh costumava refletir cada pensamento seu, e o fato de estar agora inexpressivo como uma poça de água parada revelava muito a Athelstan. Naquele momento, Hugh era apenas o porta-voz da rainha. Só diria o que ela lhe mandara dizer e nada do que Athelstan fizesse, exceto usar de violência, fazia diferença. No grande salão da cidade que era sua por dote, as ordens da rainha se sobrepunham até às do herdeiro do rei.

A saudação formal de Hugh devia ser ouvida por todos ao alcance de sua voz, mas Athelstan percebeu nela uma mensagem oculta que caiu sobre ele como um balde de água fria. Emma o estava cumprimentando não como uma amiga, mas como esposa do rei. Isso, por si só, já era um muro erguido entre eles, tão grosso quanto as próprias muralhas de Exeter. Ela não queria ouvir nenhuma das promessas dele. Pelo menos não em público, disse a si mesmo. E por razões que ele só podia conjecturar, não estava disposta a se arriscar a vê-lo em particular.

Estaria com medo do que ele poderia lhe dizer? Ou do que os outros pudessem dizer sobre ela? Ao entrar no salão, Athelstan tinha prestado bastante atenção em quem estava presente. O ambiente não era muito grande. O salão de Winchester tinha pelo menos o triplo de seu tamanho. Devia haver umas trinta pessoas andando por ali, e as conversas que tinham chegado aos ouvidos dele como um falatório alto haviam se reduzido a um discreto burburinho quase imediatamente após a sua entrada.

O grande salão era sempre um terreno fértil para boatos e mexericos. Qualquer coisa que ele dissesse ali poderia chegar aos ouvidos do rei. De sua parte, ele não se importava, mas precisava considerar Emma. Era evidente que ela queria que ele fosse embora, que voltasse para Winchester naquele mesmo instante. Teria seu pai a ameaçado de alguma forma? Estaria o rei, na verdade, com medo de perder a esposa indesejada para o filho ignorado? Seu pai nunca avaliava corretamente onde residia o perigo – era um rei que se assustava com sombras. Ainda assim, Athelstan precisava pensar na rainha. Teria de formular a sua resposta com o mesmo cuidado que ela usara na mensagem para ele. Fez um gesto brusco com a cabeça para Hugh, assentindo.

– Diga à rainha que peço desculpas por minha chegada intempestiva hoje, bem como por todos os meus outros atos irrefletidos. Tenho certeza que ela conseguirá pensar em muitos. Meu pai envia garantias – aqui ele não pôde reprimir um sorriso amargo ao manipular um pouco a verdade – de sua confiança na continuidade da paz do verão. Eu, naturalmente, transmitirei as saudações da rainha ao rei quando o encontrar. – Isso não aconteceria tão cedo, mas a plateia em torno dele não precisava saber. – Já deu início aos reparos das muralhas da cidade, como o instruí? – perguntou.

Pelo menos poderia se certificar de que as fortificações de Exeter resistiriam a um ataque.

– Começamos as obras hoje, meu senhor – respondeu Hugh.

– Muito bem. Há mais uma coisa. Sei que o lorde Ælfric veio acompanhando a rainha. Poderia pedir a ele que comparecesse à minha propriedade em Norton dentro de cinco dias?

– O lorde Ælfric partiu para Torverton hoje de manhã para cuidar de um assunto pessoal. Quando ele voltar, à noite, irei transmitir-lhe a sua mensagem – disse Hugh, levantando-se de seu banco e fazendo uma reverência de despedida.

Athelstan cumprimentou-o com um gesto da cabeça e encaminhou-se para fora do salão. A rainha agora saberia onde encontrá-lo. E, caso tivesse alguma mensagem para ele, de alerta ou de perdão, encontraria uma forma de enviar-lhe um recado. No momento, não havia mais nada que pudesse fazer.

Elgiva, vestindo um sóbrio manto negro, com os cachos revoltos presos numa trança recatada e cobertos por um véu de linho, estava parada na penumbra perto da porta da Catedral de St. Mary, fingindo rezar. O homem de confiança de seu pai tinha se atrasado. Ela estava esperando ali, com frio e desconforto, ao longo de uma missa inteira. Seus pés doíam por conta do chão de pedra, e cada centímetro de seu corpo sentia a umidade da parede ao lado. Groa, silenciosa e atenta, postara-se na frente dela, protegendo-a dos olhares curiosos e da corrente de ar frio que entrava pela porta aberta. A companhia da velha, no entanto, não oferecia nenhum conforto a Elgiva. Era o *thegn* atraente de seu pai, com seus olhos insinuantes e seu ar arrogante, que ela queria a seu lado. Ele mandara um recado por Groa dizendo que

Elgiva o encontrasse ali, e a frustração e a raiva dela cresciam conforme os minutos se arrastavam e ele não aparecia.

Agora uma multidão tinha se formado na porta da igreja, composta de sacerdotes e fiéis que tentavam sair e de peregrinos tentando entrar. Os peregrinos, alguns gemendo, outros chorando, todos eles miseráveis, avançavam em fila na direção do altar. A maioria se arrastava de joelhos, por doença ou devoção, outros mancavam com suas muletas, e ela viu um deles sendo carregado em um catre. Todos estavam em busca de perdão ou milagres – ou de ambas as coisas. Tinham ido até ali para tocar a pedra de Maria, supostamente retirada do túmulo da Virgem e colocada no chão diante do altar daquela igreja à época de sua construção. Um dos antigos reis de Wessex – Alfred ou Athelstan, não lembrava qual – havia comprado a pedra e mandado instalá-la ali. Inúmeras pessoas, dizia a história, tinham sido curadas de todos os sofrimentos que as afligiam apenas por tocá-la, e assim os crentes continuavam a aparecer em busca de cura e de paz.

Naquele momento não havia muita tranquilidade ali. A algazarra estridente dos peregrinos fazia Elgiva ranger os dentes, e ela acabara de decidir que o mensageiro de seu pai poderia ir para o inferno quando um vulto vestido de verde-escuro se separou do aglomerado de gente na porta e se posicionou imediatamente atrás dela.

– Quais são as novidades, minha senhora?

Elgiva reconheceu a voz e um arrepio de expectativa percorreu-lhe a espinha. Mas a igreja, a espera e os peregrinos a tinham deixado de mau humor, e ela não costumava ser facilmente aplacada.

– Você está atrasado – sussurrou. – Por que demorou tanto?

– Me desculpe. Estava em uma missão e acabei me atrasando.

Ela sentiu o cheiro dele, um odor masculino agradável de couro, cavalo e suor. O calor do corpo dele diminuiu um pouco a friagem das pedras ao lado dela, mas não havia remorso bastante em seu tom de voz para acalmá-la.

– Não me faça esperar novamente – retrucou. – Meu tempo é mais importante do que qualquer missão que possa ter.

Ela juntou as mãos e curvou a cabeça para dar a impressão de que estava rezando, se por acaso alguém olhasse em sua direção.

– Senhora... – Ele pronunciou a palavra com um longo e lento suspiro. – Não há nada mais importante para mim do que os breves momentos que

passo em sua presença.

Groa, de pé ao lado de Elgiva, resfolegou com desdém.

Elgiva fulminou-a com o olhar.

– Dê-nos alguma privacidade – ordenou, ríspida, à velha. – Você sabe qual é o seu lugar.

Groa afastou-se e Alric levou Elgiva para um lugar mais escuro, onde ficaram contra a parede da igreja, escondidos de todos os olhares por uma imensa coluna de pedra.

– Quero que me conte o que meu pai está planejando – cochichou ela. – Estou farta de trabalhar para um objetivo que não sei qual é.

– Eu lhe contaria se pudesse – respondeu ele, também num sussurro –, mas não sei de que se trata. Sou apenas um mensageiro cansado. Que novidades tem para mim?

Ele se colocou atrás dela, tão perto que seus corpos se tocavam. Grata, Elgiva se apoiou em seu sólido calor, então sentiu a ponta de seu véu ser levantada e um dedo acariciar com delicadeza sua nuca. Arquejou de leve, surpresa, e deu um suspiro de prazer. Ele estava tomando liberdades, com certeza, mas por que ela não deveria ter alguma recompensa pelas horas de tédio que passara esperando sua chegada?

– Minha novidade – murmurou – é que o lorde Athelstan foi visitar a rainha ontem, mas ela se recusou a recebê-lo.

A face do mensageiro roçou a dela, a barba agradavelmente áspera contra sua pele.

– A senhora o viu? – perguntou.

Agora seus lábios roçavam seu pescoço, e ela virou a cabeça de lado para facilitar-lhe o acesso, estremecendo quando sentiu a língua contornar sua orelha.

– Não, não o vi – respondeu, permitindo o mínimo indício de um gemido em sua voz. – Bem que teria gostado muito de passar alguns momentos furtivos com ele, mas, infelizmente, fiquei desapontada.

A mão dele percorreu o caminho dentro do manto dela e começou a tocar-lhe o seio por cima do vestido.

– Gostaria de fazê-la esquecer essa decepção, minha senhora, se me permitisse – sussurrou ele.

– Não duvido – retrucou Elgiva, tentando recobrar o fôlego sob a sublime tortura de seu toque. Fazia muito tempo que o rei a tinha levado

para a cama e, quando o fizera, nunca fora daquela maneira. Nada lhe agradaria mais do que se entregar àquele homem que parecia saber percorrer tão deliciosamente o corpo de uma mulher, mas ela não se atreveria a correr o risco de engravidar de uma pessoa como ele. – Tenho outra novidade – disse. – Quer ouvir?

– Estou às suas ordens – respondeu ele.

Ah, ela bem que gostaria de testar isso, mas não naquele dia.

– O conde Ælfric irá visitar Athelstan em Norton amanhã – cochichou.

A mão em seu seio se imobilizou.

– E a rainha? Também vai?

– Não – respondeu Elgiva, pressionando o corpo contra o dele, satisfeita quando a mão começou a apalpá-la de novo. – E eu também não. Mas Ælfric vai com a neta e Lady Wymarc em sua comitiva, a pedido da rainha. Tenho certeza que uma delas vai levar alguma mensagem da rainha para Athelstan.

– Acha que a rainha marcará um encontro com ele?

Elgiva não achava isso provável. Se Emma quisesse ver Athelstan, poderia ter feito isso na véspera. Seria tolice marcar um encontro secreto, pois havia muitas pessoas ao seu redor. A menos, é claro, que a rainha e o filho do rei realmente planejassem fugir juntos...

Ela abriu os olhos para fitar, sem ver, a frente da igreja. Seria aquilo que seu pai esperava? Pegar a rainha num ato de traição com o filho do rei? Ela tentou refletir sobre o assunto, mas a mão do mensageiro havia deixado seu seio e avançava mais e mais para baixo, em uma carícia desconexa e lenta, até ela não conseguir se concentrar em nada além das sensações que os dedos dele provocavam. Estendeu a mão para dentro da capa e puxou a dele de volta para seu seio.

– Não sei que mensagem a rainha vai enviar ao *ætheling* – falou com suavidade. – Amanhã ela seguirá para a propriedade do lorde Egwin por duas noites.

– Quem irá acompanhá-la?

Ele beliscou um ponto sensível abaixo da orelha de Elgiva, em seguida levantou a bainha de sua capa e colocou uma mão por baixo dela para pressioná-la fervorosamente contra seu membro rígido.

– Todo o seu séquito vai acompanhá-la, e uma grande força armada da fortaleza vai servir-lhe de escolta – sussurrou ela, tentando manter a voz calma.

Agora ele a acariciava por debaixo do manto com as duas mãos, uma em seu seio enquanto a outra se movia sem parar entre as pernas. Elgiva teria caído de joelhos como um dos peregrinos se ele não estivesse apertando-a contra si. Ela estremeceu em seus braços, e seus gemidos se juntaram aos gritos lamentosos dos fiéis.

– Então, ela viaja com muito mais do que uns poucos homens de confiança.

Ela recuperou o fôlego e, lânguida de prazer, procurou se concentrar no que ele dissera.

– Seu capataz insiste nisso – revelou, balançando um pouco a cabeça para clarear a mente.

Por que ele estava tão preocupado com o número de homens que protegiam Emma?

– Se souber que ela vai se aventurar fora dos muros da cidade com apenas uma pequena escolta... – As duas mãos acariciavam seus seios, os polegares sempre massageando com muita delicadeza –... terá de me avisar no mesmo instante. Não poderá esperar nem uma hora que seja.

Um pequeno tremor, dessa vez de medo, percorreu-a.

– Você transmitiu minhas palavras de advertência ao meu pai? – perguntou. – Disse-lhe para ter cuidado ao conspirar contra a rainha?

Ele beijou-lhe a nuca, mas seu toque já não a distraiu, pois ela esperava impacientemente a resposta.

– Transmitem sua mensagem, senhora. Seu pai ordena que faça tudo o que ele mandar e confie em seu julgamento. Toda vez que a rainha deixar a cidade, envie um aviso para a estalagem na rua Ceap. Vá me procurar lá de dia ou à noite se tiver notícias para me dar. – Ele mordeu sua orelha de leve. – Ou qualquer outra coisa.

Acariciou suas nádegas uma vez, firmou-a de pé e então sumiu. Elgiva apoiou a cabeça nas mãos. As garantias de seu pai pouco a tranquilizavam e suas ordens a irritavam. Ainda assim, o encontro com seu *thegn*, Alric, sem dúvida compensara a espera.

A comitiva do conde Ælfric passou uma semana na propriedade de Athelstan, em Norton. Quando voltaram a Exeter, Emma não esperou muito

para falar em particular com Wymarc. Juntas, caminharam ao longo das muralhas, onde Emma estava certa de que ninguém iria ouvi-las.

– O lorde Athelstan mandou dizer que não vai voltar para Winchester – contou Wymarc. – Ele quer vir para cá, onde pode lhe ser útil. Incumbiu-me de lhe dizer que não se importa com o que o pai pode pensar, acreditar ou ordenar.

– Mas ele *precisa* se importar! – protestou Emma. – É perigoso ignorar as ordens do rei.

Ou suas suspeitas. Por Deus, ela temia por Athelstan, por tudo o que a tensão crescente entre pai e filho poderia provocar.

– Ele está preocupado apenas com a ameaça dinamarquesa – continuou Wymarc –, e teme pela segurança da senhora. Gostaria que os próprios homens dele, sob seu comando, ficassem aqui para reforçar a sua guarda. – Wymarc franziu a testa para Emma. – Talvez ele tenha razão.

Emma balançou a cabeça. Também tinha medo dos dinamarqueses, mas Athelstan já havia providenciado os reparos das muralhas da cidade e pusera em andamento um treinamento rigoroso para os homens que guardavam a fortaleza. O que mais poderia fazer ali?

Não, era Athelstan quem estaria em perigo se a mente desconfiada de seu pai o fizesse se virar contra o filho.

– E o que mais ele falou? – perguntou a Wymarc.

– Ele manda dizer que, se a senhora quiser que ele volte para Winchester, então deve voltar para lá também. Ele virá aqui dentro de uma semana para conversar a respeito com a senhora.

Essa notícia a fez querer chorar. Queria muito ver Athelstan, um anseio que a fazia ajoelhar-se diariamente para pedir perdão a Deus. E por isso mesmo não podia deixá-lo se aproximar dela.

– Ele estará desperdiçando seu tempo – disse –, porque não vou recebê-lo.

Talvez não pudesse evitar um conflito entre Æthelred e seu filho, mas não queria ser a centelha que acenderia aquele fogo.

Capítulo Vinte e Dois

Julho de 1003

Exeter, Devonshire

Em meados de julho, Exeter realizava a sua feira de verão, e certo dia, pela manhã, Elgiva andava através do labirinto de barracas da rua Ceap. Acompanhada por Groa e um dos guardas da fortaleza, ela rapidamente contornou o curral e os cercados onde eram realizadas as brigas de ursos e rinhas de galos e perambulou entre as tendas que vendiam toucados e fitas feitos na região, bem como peles da Noruega e artigos de couro espanhóis. Muitos dos comerciantes, ela notou com desagrado, exibiam bonecas feitas à semelhança da rainha.

A popularidade de Emma em Exeter parecia aumentar a cada dia. Os sacerdotes achavam que ela poderia até andar sobre a água porque havia doado uma magnífica cruz de prata para a catedral. O povo a amava porque seus guardas atiravam moedas de prata para as multidões sempre que ela se aventurava além dos muros da fortaleza.

Elgiva esperava que suas advertências a seu pai, que ela repetia sempre que se encontrava com Alric, o mensageiro da mão deliciosamente ágil, o tivessem convencido a desistir de qualquer coisa que pudesse estar planejando. Ela temia as consequências de algum ato de Æl elm contra a rainha.

Enquanto pensava em comprar um colar de âmbar, Elgiva olhou para cima e viu Alric à sombra do Portão do Sul, profundamente entretido em uma conversa com dois homens. Um deles – um sujeito atarracado com cabelos louros e lisos que lhe caíam no rosto retorcido em um trejeito desagradável – ela nunca tinha visto. Mas o outro, de capuz e capa pretos,

virou-se de repente e ela percebeu com um susto que se tratava de seu irmão Wulf. Obedecendo a um instinto, dirigiu-se para o grupo, mas eles desapareceram depressa na penumbra do portão. O que seu irmão estaria fazendo em Exeter? Por que não a havia procurado? Sem dúvida estava ali por ordem de seu pai, mas para fazer o quê? E quem era seu companheiro mal-encarado?

Havia enigmas demais, e ela não gostava de enigmas. Wulf devia ser parte do plano de seu pai, qualquer que fosse. Na próxima vez em que encontrasse Alric, exigiria ver seu irmão, e insistiria que Wulf lhe contasse o que o pai pretendia fazer.

Emma estava à porta da pequena construção de madeira usada como capela da fortaleza. Naquele local tranquilo, a algazarra da vida no *burh* ficava para trás, e ela sempre encontrava consolo. Como de costume, seus olhos foram atraídos para o lampião do santuário, que pendia de uma corrente ao lado do altar, e para sua chama acesa que brilhava como uma estrela cadente. Quando se acostumou à fraca claridade, distinguiu um vulto esguio de joelhos sob a lâmpada, a cabeça curvada em oração.

Hilde, de novo. Emma havia encontrado a menina ali muitas vezes desde que o avô dela, Ælfric, partira de Exeter para voltar ao norte. Emma sentiu pena da garota, certa de que chorava pelo pai cuja existência descobrira tão recentemente – o pai que, segundo Ælfric, não queria ver a filha.

Emma pousou a mão com suavidade no ombro dela. Hilde se levantou no mesmo instante. Então, vendo quem era, voltou a cair sobre um dos joelhos.

– Minha senhora – sussurrou.

Consciente da promessa que tinha feito a Ælfric na Abadia de Middleton, Emma disse:

– Os fardos se tornam mais leves quando são compartilhados, Hilde. Se quiser falar comigo, vou ouvi-la.

A menina não respondeu, mas uma única lágrima desceu pelo seu rosto, e ela a enxugou com a ponta dos dedos.

– Venha – convidou Emma, pegando-a pela mão. – Vamos nos sentar um pouco.

Levou-a para um banco baixo de madeira e elas se sentaram juntas, de mãos dadas, os olhos voltados para a luz reconfortante que vinha do altar. Ficaram em silêncio, pois Hilde parecia incapaz de falar. Finalmente, Emma disse:

– Se eu fosse uma moça cujo pai me proibisse de vê-lo, acho que ficaria dividida entre a tristeza e a raiva.

Foi um estímulo suave, mas pareceu soltar a língua da menina.

– Ele não quer saber de mim – disse Hilde com a voz muito baixa, constrangida. – Ele é meu pai, sangue do meu sangue, mas não quer me ver. Ele me odeia, e não sei por quê.

– Ah, Hilde – retrucou Emma com um suspiro, colocando um braço em volta dos ombros estreitos. – Ele não a odeia. Mas você faz parte de um mundo que ele deixou para trás há muitos anos. Talvez acredite que é melhor para os dois que permaneçam separados.

– Não é melhor para mim – disse Hilde, a voz entrecortada com o esforço para não chorar. – É uma punição, mas não cometi nenhum crime.

– Não, é claro que não – garantiu Emma.

No entanto, o pai de Hilde tinha cometido um crime muito grave. A menina era muito ingênua para reconhecer que Ælfgar, mesmo cego e na situação deplorável em que se encontrava, poderia ser considerado uma ameaça para o rei. O homem tinha sido condenado como traidor e, como tal, seu crime era difícil de esquecer. Qualquer pessoa com quem tivesse contato, mesmo agora, seria suspeita.

Ao proibir a filha de visitá-lo, Ælfgar fazia o pouco que estava a seu alcance para protegê-la.

– Seu pai só está pensando em seu futuro, Hilde – disse Emma à menina.

– Pelo que ele fez no passado, o seu parentesco com ele não vai ajudá-la em nada, e pode até prejudicá-la. Desconfio que ele a proibiu de vê-lo por considerar que esse é o dever dele.

– Mas não é meu dever visitar um pai que está doente e preso? Não é isso que Deus nos manda fazer? Honrar os pais? Visitar os doentes?

Ela virou o rosto marcado de sofrimento para Emma. A rainha sabia que deveria responder com lógica e calma, explicar a Hilde que naquele caso não era a vontade de Deus que estava em questão, mas a vontade do rei. Duvidava que Hilde se mostrasse sensível à lógica, porém, e não podia

culpá-la por isso. A menina estava a poucas horas de distância de um pai que desejava conhecer, mas de quem era obrigada a ficar afastada.

Mesmo para Emma aquilo parecia injusto. Hilde tinha apenas 12 anos, era realmente uma criança ainda. Que mal poderia haver em deixá-la passar uma hora com o pai? E se aquilo fosse planejado com cuidado, quem iria saber?

Um plano começou a tomar forma em sua cabeça e ela sorriu para a menina.

– Um dia desses, acho que vou fazer uma cavalgada até Torverton e a Abadia Magdalene. Você e muitos outros irão comigo. Talvez até Margot queira ir, porque a abadia, pelo que sei, é conhecida pelos tratamentos com sanguessugas. Uma vez lá... Bem, não posso prometer que vamos convencer seu pai a falar com você. Mas podemos tentar.

Hilde a olhou com uma expressão tão radiante quanto a chama acesa ao lado do altar.

– Ah, minha senhora, é mesmo?

– Sim, mas agora você precisa me ouvir. Isto deve ser um segredo nosso. Vou falar a respeito com Hugh hoje à noite, mas você deve agir como se não soubesse de nada. Consegue fazer isso?

– Sim, minha senhora.

– Ótimo. Agora vá para o salão. Logo deve começar a arrumação das mesas e vão procurar por você.

Sozinha na capela, Emma meditou sobre o que sabia do pai de Hilde. Era um homem que tinha traído o próprio pai e se virado contra o seu rei. Quando obrigado a escolher entre servir a Æthelred da Inglaterra ou Swein da Dinamarca, optara por Swein. Por quê? O que levaria um homem honrado a fazer tal escolha?

Concluiu que poderia valer a pena descobrir a resposta a essa pergunta. Hilde não seria a única que poderia se beneficiar dessa visita à Abadia Magdalene.

Naquela noite, Elgiva escutou sem muito interesse a enfadonha recitação rotineira de Hugh da agenda de visitas de Emma para o dia seguinte. Só quando a rainha levantou uma objeção foi que Elgiva prestou mais atenção.

– Eu gostaria de um dia de descanso, Hugh – disse Emma. – Ouvi as queixas e solicitações de tantos senhores no último mês que minha cabeça está cheia delas. – Hugh começou a protestar, mas ela levantou a mão para fazê-lo se calar. – Não, não vou abrir mão disso. Faço questão de ter um dia fora da cidade apenas com minhas damas e alguns guardas por perto. Não precisa ser amanhã e nem mesmo esta semana, mas quero que seja em breve, e você deve providenciar isso. Verifique a sua programação e me diga quando será.

Hugh citou um dia na semana seguinte e Emma assentiu, satisfeita.

Elgiva mordeu o lábio. Era o que o homem de confiança de seu pai estava esperando ouvir havia semanas.

Não espere nem mesmo uma única hora, Alric recomendara. Mas ela não tinha como simplesmente ir passear fora da fortaleza, sobretudo à noite, sem ser parada e interrogada. Poderia subornar um dos porteiros para deixá-la sair do salão, mas em seguida teria que atravessar a praça de armas, onde mais de cem homens estavam aquartelados em tendas, com guardas postados por todos os lados. Nunca chegaria sequer aos portões.

Não. Seria inútil tentar sair naquele momento. Teria de esperar até a manhã seguinte.

Muito antes do primeiro raio de sol, enquanto a rainha e suas outras damas ainda dormiam, Elgiva se levantou da cama que dividia com Groa. No escuro, tremendo de frio, vestiu uma túnica velha cinzenta e um xale, prendeu o toucado de Groa desajeitadamente sobre seus cachos trançados, apanhou a faca que usava à mesa e esgueirou-se em silêncio para fora dos aposentos da rainha.

Escondendo o rosto do guarda normando, murmurou um cumprimento em frâncico – uma das poucas frases que sabia nesse idioma. No salão, os criados já corriam de um lado para outro, posicionando mesas e bancos para a primeira refeição do dia. Elgiva apanhou um jarro na mesa alta. Se alguém perguntasse, diria que estava indo buscar cerveja para a rainha. Quando desceu as escadas do grande salão, porém, ninguém lhe prestou qualquer atenção.

Ao pé da escada, pôs o jarro atrás de uns barris de madeira, depois seguiu ao longo do estreito pátio interno. O caminho levou-a para trás dos fornos de barro, que já produziam um calor e um brilho agradáveis no escuro, com os escravos da cozinha alimentando suas bocas com gravetos e

lascas de madeira. Passou pelos fogões acesos, sobre os quais havia chaleiras com água para as abluções matinais da rainha, contornou o pombal e chegou ao portão que dava nos terrenos externos do *burh*.

Parou ali, consciente de que estaria deslocada caso alguém a visse naquele bastião de homens armados. Mas decidiu que a iluminação fraca, feita apenas por fogueiras e tochas, ocultaria sua presença se ela se movesse com rapidez. Mantendo os olhos baixos, seguiu com determinação pelo caminho ao longo das muralhas exteriores da fortaleza, evitando as tendas dos soldados, dando passagem aos homens que carregavam baldes de água ou lenha e prendendo a respiração ao passar pelos fossos, onde uma fileira de homens urinava, amaldiçoando jovialmente o frio e uns aos outros. Ninguém lhe dirigiu a palavra nem sequer a olhou duas vezes. Na guarita, aproximou-se do guarda corpulento postado lá.

– Estou em uma missão para a rainha – disse. – Voltarei logo. – Colocou uma moeda de prata na palma da mão dele. – Quando eu chegar, vai me reconhecer e me deixar entrar?

O sujeito a olhou com ar malicioso.

– Não vou esquecer seu rosto, querida. Tem certeza que não quer companhia para mantê-la em segurança?

Ela se esquivou das mãos dele com um repelão. E quem, perguntou-se, a manteria segura dele?

A estalagem estava à sua frente, do outro lado da estrada, e ela foi direto para a larga porta de carvalho, ainda trancada em razão do horário. Na soleira, ela se deteve. Sem escolta, de repente se sentiu despida, pois era a primeira vez na vida que saía sem acompanhantes. A ansiedade percorreu sua espinha quando ela pensou em entrar, sozinha, num lugar que poderia abrigar o tipo mais grosseiro de homens. Mas, se precisava encontrar Alric e entregar sua mensagem, não tinha escolha.

Uma voz atrás dela a fez sobressaltar-se e agarrar a faca que trazia no cinto. E, de repente, lá estava Alric, com uma expressão de surpresa no rosto.

– Pensei que a velha a acompanhasse a todos os lugares – disse ele. – Veio sozinha da fortaleza, minha senhora ?

– Isso não importa – retrucou ela, ainda pouco à vontade na escuridão. – A rainha vai sair a cavalo daqui a uma semana, apenas com suas damas e uma pequena escolta.

– Aonde ela vai?

– Não sei. Deseja sair sem chamar atenção, por isso é provável que deixe a fortaleza pelo portão norte. Depois disso, não sei que direção vai seguir.

Ela o viu olhar de relance para a direita e percebeu que o louro alto e desconhecido que vira com ele no mercado estava parado num canto onde os beirais do telhado da estalagem projetavam sombras mais escuras, perto o suficiente para ouvir a conversa. A um aceno de Alric, o estranho sumiu na escuridão.

– Quero saber o que está acontecendo – sibilou Elgiva. – Quero saber quem é aquele homem, e o que meu irmão está fazendo aqui em Exeter.

Enquanto ela falava, Alric estendeu a mão para bater à porta da estalagem. Quem abriu foi um rapaz que ela reconheceu como um criado de seu irmão. Alric, pressionando-a firmemente nas costas, a fez entrar.

– Diga ao meu senhor que a irmã quer falar com ele – ordenou Alric.

O rapaz saiu apressado pela antecâmara e desapareceu atrás de uma cortina.

– Meu irmão está hospedado aqui? – perguntou Elgiva.

Estavam no guarda-vento da estalagem, e ela ouvia um murmúrio de vozes masculinas do outro lado da parede divisória.

– Seu irmão e a comitiva dele estão utilizando esta estalagem – explicou, puxando-a para um lado quando uma fila de criados passou por eles com travessas de pão e carnes frias.

Sentia o calor da mão de Alric em seu braço, e então ele se afastou quando seu irmão surgiu de trás das cortinas.

Wulf devia ter acabado de sair da cama. Estava amarrando os calções, sem túnica nem sapatos, e tinha os olhos pesados de sono.

– Você me trouxe notícias? – perguntou. Em seguida franziu a testa. – Por que veio pessoalmente, sua tola? E se derem por sua falta?

– A rainha só vai me procurar depois das orações matinais, quando se sentar para o café da manhã.

Ele a puxou para um aposento que era pouco mais que uma alcova, cujos únicos móveis eram uma arca de madeira e uma cama coberta de peles. Uma mulher bonita de cabelos escuros fitou Elgiva do emaranhado de cobertas. Wulf jogou algumas moedas para a prostituta e fez um gesto com a cabeça, indicando que saísse. Quando a mulher se foi, ele se virou para a irmã.

– Fale – mandou.

Enquanto ele vestia uma túnica, ela repetiu a notícia. Quando acabou, agarrou-o pela manga.

– O que você está fazendo aqui, além de se encontrar com prostitutas? – perguntou. – O que você e meu pai estão planejando? Fiz tudo o que me pediram e estou cansada de trabalhar às escuras porque não sei qual é a finalidade de tudo isso. Diga-me o que está acontecendo.

Wulf, carrancudo, repeliu-a.

– Meu pai não me conta nada.

– Você deve saber de alguma coisa – insistiu ela.

– Tenho minhas suspeitas, e só.

– Diga-me quais são as suas suspeitas, então.

– Não – retrucou ele, em tom agressivo. – Quanto menos souber dos planos dele, mais segura estará caso algo dê errado.

Por Deus! Aqueles homens e seus segredos a enlouqueciam!

Mas Elgiva não deixou transparecer a irritação. Wulf era mais fácil de convencer com palavras melosas do que com xingamentos. Além disso, ele era temperamental, exaltava-se facilmente, e pela primeira vez Groa não estava ali para protegê-la.

– Wulf – disse ela com a voz doce, seguindo-o enquanto ele ia ao outro lado do quarto apanhar seu cinto. – Como vou evitar o perigo se não sei onde ele se encontra?

De repente, a paciência do irmão se esgotou, e ele se virou e deu-lhe um tapa com o dorso da mão antes que ela pudesse evitar o golpe.

Elgiva o amaldiçoou enquanto lágrimas brotaram de seus olhos, mas Wulf não lhe deu nenhuma atenção.

– Agora – disse ele, agarrando-lhe o braço – você vai calar a boca e me escutar. Não vá com a rainha quando ela sair da cidade. Diga que está doente, fraca, qualquer coisa, mas não acompanhe a rainha. Espere que eu vá buscá-la na fortaleza, esteja preparada para uma longa viagem e não diga nada a ninguém.

– Mas o que vai acontecer quando a rainha voltar e não me encontrar mais?

– Isso não é da sua conta.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele levantou a mão novamente e ela se calou. Ele a empurrou para a porta.

– Eu já lhe disse tudo o que precisa saber! Agora volte antes que percebam sua ausência!

Wulf escancarou a porta do quarto e chamou Alric. Momentos depois, ignorando a enxurrada de perguntas e reclamações dela, o mensageiro a acompanhou até o caminho para o portão do castelo e a deixou lá.

Furiosa com o tratamento hediondo que tinha recebido, fulminou-o com o olhar enquanto ele se afastava, mas ele não olhou para trás. Por fim, ela não teve escolha a não ser passar pelo guarda e seguir para o salão, amaldiçoando todos os homens que já tinham colocado os pés sobre a terra.

Capítulo Vinte e Três

Agosto de 1003

Exeter, Devonshire

Na primeira segunda-feira de agosto, a névoa da manhã se dissipou e deu lugar a um dia estonteante. As nuvens altas corriam ligeiras pelo céu azul, sopradas como pedaços de lã por uma brisa do sul, que fazia o rio Exe ondular e balançava os toldos de lona das barracas do mercado. Os sinos da igreja tinham acabado de soar a terça, a terceira hora após o nascer do sol, quando a rainha e um pequeno grupo de pessoas saiu a cavalo pelos portões da fortaleza e entrou na rua principal em direção ao portão norte da muralha da cidade.

Emma seguia com o coração leve, deliciando-se com a beleza do dia e a ausência inesperada de Elgiva, que se queixara de um mal-estar e pedira que fosse dispensada. Com Elgiva enfiada nos aposentos da rainha, era provável que sua visita à Abadia de Magdalene se mantivesse em segredo. Além da própria Emma, só Hilde e Hugh sabiam aonde iriam naquele dia, o que pouco adiantava para acalmar Hugh. Emma ainda estava incomodada com a reprimenda que ele lhe dera quando ela revelara sua decisão de levar Hilde para um encontro com o pai.

– Está fora de si para se aproximar do lugar onde um traidor conhecido está refugiado – dissera ele. – Se o rei descobrir...

– O rei não vai descobrir – retrucara ela. – E, mesmo que isso aconteça, vamos dizer que topamos com a abadia por acaso durante a viagem. Ninguém no grupo além de nós três jamais saberá que era o nosso destino desde o início.

– Minha senhora – insistira Hugh, amaciando a voz e obviamente tentando outra tática –, se deseja que Hilde vá encontrar o pai, mande-a comigo. Não é preciso que a senhora sequer se aproxime da Abadia de Magdalene.

Emma não discutiu com ele, pois Hugh não entenderia sua necessidade de falar pessoalmente com Ælfgar para tentar entender o que tinha transformado o filho de Ælfric em um traidor.

– Vou levar Hilde à Abadia de Magdalene – dissera ela em tom categórico.

Hugh atirou as mãos para cima, frustrado.

– Deixe que pelo menos eu envie um aviso ao abade. Eu o conheço, e confio nele. Talvez ele possa encontrar uma maneira de evitar que a sua chegada aos portões do lugar se transforme numa festa que vai atrair pessoas embasbacadas num raio de quilômetros de distância.

Agora, Hugh cavalgava à frente do grupo com Wymarc a seu lado. Emma vinha logo atrás deles, com o padre Martin, e observava o casal, fazendo conjeturas. Algo tinha florescido entre Wymarc e Hugh durante a estada em Exeter, e Emma pensava se poderia dar frutos nos próximos meses. Teria havido um pacto de casamento entre eles? Provavelmente. E, caso Wymarc pedisse para permanecer em Exeter quando o séquito da rainha voltasse para Winchester, Emma não sabia como suportaria sua ausência.

Enquanto via Hugh inclinar-se para a jovem, dizendo algo que a fazia cair na gargalhada, Emma lembrou as vezes em que ela e Athelstan tinham explorado os caminhos fora de Winchester, Wymarc e Hugh cavalgando na frente com os *æthelings* mais novos, bem fora do alcance dos ouvidos deles. Não sabia o que os dois diziam um ao outro nessas ocasiões, mas imaginava que seria algo semelhante ao que ela e Athelstan conversavam. Tinham conhecido a mente e o coração um do outro. Foi quando ele havia lhe ensinado muito do que ela sabia sobre o povo, a história e a política do reino. Emma, por sua vez, lhe falara da Normandia, dos planos ambiciosos de Richard para o ducado e das alianças que ele havia forjado, através das irmãs, para realizar esses planos.

Ela e o rei jamais tinham chegado a esse nível de intimidade. Seu único vínculo fora criado na cama e, sob todos os aspectos, tinha sido um fracasso. Seria a juventude de Emma o que pesava contra ela? O rei teria ouvido sua

opinião caso fosse dez anos mais velha? Ela duvidava. Æthelred casara-se com ela somente por razões políticas, tinha tolerado a união com uma estrangeira como se fosse um remédio desagradável contra uma doença. Não se importava nem um pouco com o que ela pensava, nem, aliás, com a sua pessoa. Emma fora para a Inglaterra com a expectativa de desempenhar o papel de conciliadora, de ser uma ponte entre marido e irmão. No entanto, só participara da comunicação entre os dois ao transmitir a indignação de Richard por ocasião do massacre dos dinamarqueses no dia de São Brício e a sinistra advertência de Æthelred a seu irmão referente a uma possível aliança dele com Forkbeard.

Como sua vida seria diferente se Athelstan, e não o pai, fosse o rei... Como aquele reino seria diferente... Não teria havido nenhuma matança de inocentes e o povo agora não estaria apavorado com a possibilidade de vingança do rei dinamarquês. Teriam um rei sem medo de sombras ou rumores, ou dos próprios filhos.

A estrada levou-os através de várias pequenas aldeias e, finalmente, a uma longa subida. De lá, Emma avistou uma paliçada de madeira que cercava construções com telhados de palha, um pomar, uma horta disposta em fileiras e, erguendo-se acima de tudo, o vulto de uma pequena igreja de pedra. Além do povoado, os campos de trigo dourado ondulavam à brisa. Nas extremidades distantes dos campos, duas linhas de figuras escuras se moviam lentamente para a frente, e os altos talos de trigo desapareciam em seu rastro.

– A Abadia de Magdalene está à nossa frente, minha senhora – avisou Hugh.

Emma lançou um rápido olhar para Hilde, que estava com os olhos pregados nos muros da abadia, o rosto iluminado de esperança. Desejou ter achado uma forma de falar com Hilde durante aquela breve viagem para avisá-la que o encontro com seu pai poderia não ser tudo o que a menina esperava.

Dentro da paliçada da abadia, foram recebidos por dois dos irmãos. Emma reconheceu um deles como o abade que lhe fora apresentado no dia de sua chegada a Exeter.

– Abade Oswald, espero que não se importe se abusarmos um pouco de sua hospitalidade.

– A senhora é muito bem-vinda, minha rainha – disse ele, curvando-se em uma mesura –, mas devo pedir que nos perdoe por lhe oferecer uma recepção tão modesta. Começamos hoje a colheita do trigo e todas as mãos disponíveis estão nos campos, de modo que só restamos eu e o irmão Redwald aqui para recebê-la.

E então, pensou Emma, aquele abade inteligente tinha esvaziado o lugar para agradá-la, a fim de que nenhuma palavra sobre sua visita saísse daqueles muros. Ela sorriu para ele e para o irmão Redwald, um sujeito baixo e magro com a cabeça careca como uma pedra de rio, e que a fitava com olhos benevolentes num rosto estreito vincado pela idade.

– Espero que não esgotemos demais os seus recursos – retrucou ela. – As minhas companheiras – ela indicou Wymarc e Margot com um aceno da cabeça – gostariam de explorar o seu herbário. E eu desejaria visitar o recinto onde cuidam dos enfermos.

– O irmão Redwald conhece todas as plantas de nosso jardim – declarou o abade –, e sabe seus nomes e usos em latim, inglês e francês. Ele será um ótimo guia.

O pequeno monge levou as duas mulheres por um caminho que seguia entre um pomar e a comprida capela de pedra.

– Como vai o senhor Ælfgar? – perguntou Emma ao abade Oswald.

– Ele é um homem com aflições de corpo e mente – disse o religioso. – Essa é a filha dele?

– Hilde – apresentou Emma, assentindo com a cabeça. – Ela está ansiosa para conhecer o pai. Mas, Hilde – disse, colocando a mão no ombro da menina e inclinando-se para ela –, eu gostaria de ter uma conversa com seu pai antes de você ir vê-lo. Pode ter um pouco mais de paciência?

Hilde assentiu e ficou com Hugh enquanto Emma seguia o abade Oswald através do grande salão deserto da abadia, depois por um pátio e até os aposentos de hóspedes.

– Não posso prometer que Ælfgar vai falar de forma coerente com a senhora – avisou ele, enquanto caminhavam –, nem se vai ao menos falar. Não sei o que deseja dele, mas deve compreender que, embora o corpo esteja fraco, ele tem uma força de vontade forte e, lamento dizer isso, malévolas. O que quer que espere obter de sua conversa com ele, não é provável que ele concorde em fazer o que a senhora quer.

– Entendo – retrucou Emma. – E quanto à doença dele? O que é, exatamente?

– Ele teve a doença de quase-morte há alguns meses. Agora o lado esquerdo de seu corpo não responde por completo, de modo que ele não consegue levantar o braço nem mexer a mão. Tenho visto outras pessoas se recuperarem do mesmo mal, sobretudo quando estão determinadas a lutar contra os humores malsãos e assim voltarem para suas vidas. Mas Ælfgar não deseja viver. A morte é a única libertação que ele pode ter, e ele fica mais fraco a cada dia que passa.

Emma conhecia essa doença. O mordomo de seu pai fora atacado por ela e havia ficado sem poder falar ou se mover. Apesar de tudo o que os melhores médicos fizeram, ele morreu em uma semana.

– A fala dele está comprometida?

– Ele consegue falar, mas às vezes não o compreendemos. – O abade Oswald deteve-se diante de uma porta fechada, a mão no trinco. – Está preparada?

Emma pousou sua mão sobre a dele.

– Enquanto converso com Ælfgar, o senhor poderia preparar Hilde para o encontro com o pai? O senhor, melhor do que ninguém, pode ajudá-la a entender a doença dele e o que ela vai ver quando o encontrar.

– Pois não, minha senhora.

– Vá, então, enquanto eu enfrento o dragão em sua caverna.

O quarto de Ælfgar era um pouco maior do que a cela de um monge, e as tapeçarias que revestiam as paredes eram simples e sem adornos. Um homem cego, ela refletiu, tinha pouca necessidade de distrações visuais. Havia uma cama com cortinas diante dela, na parede oposta, ladeada por bancos, num dos quais se via uma pequena bandeja com uma jarra e um copo de barro. Uma única janela estreita, com o postigo de carvalho todo aberto, dava para o pomar, e a brisa com aroma de verão enchia o aposento com a fragrância de maçãs amadurecendo.

Ao dar mais alguns passos para o interior do quarto, Emma viu claramente o rosto destroçado deitado num travesseiro em meio às sombras da cama. As órbitas cicatrizadas tinham afundado tanto que a cabeça de Ælfgar parecia uma caveira, e o cabelo e a barba grisalhos aumentavam a

impressão de alguém já morto há muito tempo. Amparado por travesseiros e envolto em peles apesar do calor agradável, ele não deu nenhum sinal de que a ouvira entrar. Emma pensou que, para o resto da vida, o cheiro de maçãs lhe traria à mente aqueles traços destruídos que tinha diante de si.

– Que Deus o abençoe, Ælfgar – disse ela, em cumprimento. – Eu me chamo Emma.

Ele não respondeu, e ela fitou o rosto sem olhos nem pálpebras com alguma consternação. Como alguém poderia saber se aquele homem estava dormindo ou acordado?

Foi até a cama e puxou o banquinho próximo. Ao ser arrastado, o banco arranhou ruidosamente o chão, e ainda assim o homem não se mexeu. Emma sentou-se e olhou para ele. Não sabia o que dizer. Não seria uma conversa se só ela participasse.

– Eu trouxe a sua filha, Hilde, junto comigo – informou. – Ela quer conhecê-lo, e eu gostaria de conversar um pouco com você antes. – Ela examinou o rosto imóvel: as sobrancelhas grossas, retas e brancas acima das cicatrizes no lugar que um dia os olhos tinham ocupado, a testa vincada e as faces fundas, a palidez azulada da pele, a boca pendendo para um lado num esgar permanente. Era um rosto de pesadelo, e Emma teve um arrepio de horror e pena. – Sei que não quer falar comigo – continuou, e parou quando viu os lábios se contorcerem num sorriso de escárnio.

– É tão vaidosa que acha que pode ler o que está na minha mente?

A voz dele soava dura e sua respiração saía com dificuldade, como se alguém estivesse apertando sua garganta. Mas não havia dúvida quanto ao que tinha dito, usando uma estranha mistura de inglês e dinamarquês.

Seria àquilo que o abade se referia ao dizer que Ælfgar costumava ser incoerente? Para quem não conhecesse os dois idiomas, sua fala soaria mesmo como disparates guturais.

– Não posso ler a sua mente – respondeu ela em dinamarquês. – Se pudesse, não precisaria falar com você, não é mesmo?

Algo parecido com uma risada emergiu dos lábios finos, mas ele não sorria.

– O rei sabe que sua rainha fala a língua de seus inimigos?

Emma não respondeu. Æthelred não sabia que ela era fluente no idioma de sua mãe. Ela havia guardado esse segredo de todos, exceto de Athelstan.

– Então, milady – disse ele –, meu pai me falou muito sobre a senhora, mas o que não consigo entender é o que quer de mim. Sem dúvida, mais do que apenas contemplar a obra de seu marido.

Ela desejou com todas as forças não ter de olhar para aquele rosto horrível, e saber que Æthelred era responsável por aquilo era uma lembrança grotesca de como a justiça de um rei pode ser brutal.

– Eu queria entender por que você traiu seu rei e bandeou-se para o lado de Swein Forkbeard – disse ela.

Ele deixou escapar um resmungo.

– Por que acha que fiz isso, senhora? Eu escolhi o melhor homem.

Ela franziu a testa.

– E como fez essa escolha? O que sabia sobre os dois?

– Ah, eu conhecia Æthelred muito bem – disse ele em tom veemente. – Fomos criados juntos, pois éramos quase da mesma idade. Sou apenas um ano mais velho que ele.

Emma espantou-se com isso. Nunca tinha pensado em seu marido como um jovem, mas, em comparação com Ælfgar, grisalho e com o rosto castigado, Æthelred era vigoroso e forte.

– Fui criado na corte do rei Edgar – continuou ele –, e lá eu fazia as vontades de Æthelred. Eu o servia, brincava do que ele quisesse e até estudava os mesmos livros. Quando o *ætheling* era flagrado fazendo alguma traquinagem, era eu quem levava a surra. O rei Edgar nunca soube disso; era coisa da rainha. Ela não queria que ninguém tocasse em seu querido. – Ele deu uma risada escarninha outra vez, o que conferiu a seu rosto arruinado uma expressão ainda mais sinistra. – Eu me queixava a meu pai, mas Æthelred vinha sempre em primeiro lugar para ele. Quando o velho rei morreu, foi meu pai quem Æthelred procurou em busca de orientação. E, quando o rei Edward foi assassinado, foi meu confiável pai quem jurou que Æthelred não sabia de nada, apesar de eu lhe dizer o contrário.

O coração de Emma deu um salto. Era aquilo que ela tinha receado e temido.

– Æthelred era apenas uma criança – sussurrou. – Não teria sido capaz de participar do plano para matar Edward.

– Ah, mas ele sabia a respeito. Se quisesse, poderia ter encontrado uma forma de alertar o irmão. Mas não fez nada porque temia a mãe. Ele me confessou tudo quando já era tarde demais. E assim foi coroado rei, e

aprendeu qual é o preço a se pagar por uma coroa. Aliás, aprendeu o preço de tudo, pois é muito esperto quando se trata de ouro. Não comprou o amor e a fidelidade do meu próprio pai com dádivas de terras e de poder? Não comprou a paz dos homens do norte várias vezes seguidas? Mas ele é amaldiçoado, assim como todos os que o seguem. *Aye*, Æthelred comprou uma coroa, mas isso não faz dele um rei verdadeiro.

Ela fechou os olhos. Seu marido podia realmente ser amaldiçoado, mas, ao contrário de Ælfgar, Emma não tinha coragem de atribuir a uma criança a culpa pelo assassinato de um rei. Também não concordava com a avaliação do próprio pai feita por Ælfgar. Ela conhecia Ælfric como um homem honrado e generoso. Sim, ele era leal a Æthelred, mas por honra, não por ganância. Além disso, ela vira com os próprios olhos o amor e o sofrimento dele pelo filho.

Emma olhou mais uma vez para o rosto horrível diante de si e não pôde culpá-lo por seu ódio. Æthelred tinha feito aquilo com ele, e, ao implorar pela vida do filho, Ælfric o havia condenado a uma morte em vida.

– Se Æthelred não era um rei verdadeiro, então por que lutou por ele em Maldon? – perguntou ela.

– Não lutei por ele. Foi sob a bandeira de Byrhtnoth que seguimos para a batalha. Um grande guerreiro, aquele homem, e um líder nato. Mas o rei deveria ter estado lá. O corpo cortado em pedaços deveria ter sido o dele, assim como deveria ter sido dele o sangue a tingir de vermelho a água abaixo do caminho. O rei era jovem e vigoroso, com apenas 24 anos. No entanto, enviou um homem velho para enfrentar o ataque viking. – A metade direita da sua boca retorceu-se novamente. – Æthelred sempre achou a própria vida preciosa demais para arriscá-la no campo de batalha.

Emma não disse nada, mas balançou a cabeça. A aversão de Ælfgar por Æthelred o fazia ignorar as verdades da realeza. Se o rei tivesse sido morto em Maldon, o que teria acontecido com o reino? Naquele ano, o filho mais velho de Æthelred não passava de um bebê. Se uma criança fosse colocada no trono, a mesma instabilidade de dez anos antes, que levava ao assassinato do rei Edward, teria se instaurado de novo. Quaisquer que fossem os pecados de Æthelred, e provavelmente eram muitos, ter deixado de empunhar uma espada em Maldon não era um deles.

– Conte-me o que sabe sobre Swein – pediu ela, pois era o que mais queria ouvir.

– Pretende conhecer seu inimigo, não é? – retrucou ele, a voz se enfraquecendo com o esforço para falar. – Devo dizer então que é uma mulher sábia, Emma, rainha da Inglaterra, para alguém tão jovem.

Ele fez uma pausa, respirando pesadamente, e ela colocou a mão sobre a inútil garra aleijada que estava em cima das peles.

– Eu o cansei – disse ela. – Me desculpe. Descanse um pouco, e conversaremos mais tarde.

– Não, eu lhe contarei o que deseja saber, porque o destino de minha filha está em suas mãos. – Ele respirou com dificuldade. – Naveguei com Swein e lutei ao lado dele, e sei que é um líder destemido e capaz, que combina coragem com honra. Ele entende os homens, e sabe como governá-los. – Fez uma pausa para tomar fôlego. – Além do mais, ele pede os conselhos de seus nobres e considera as palavras deles antes de agir. Ao contrário do rei Æthelred, que não ouve ninguém.

Essa crítica a seu marido soou verdadeira. Ela seria a última pessoa a negar.

– O rei Swein é tão impiedoso quanto Æthelred? – perguntou ela lentamente.

Ela já tinha opinião formada sobre isso. Swein havia ganhado a coroa em uma feroz batalha contra o próprio pai. Mas queria ouvir a resposta de Ælfgar.

– Todo rei é impiedoso. É a única maneira de governar. Mas Swein equilibra sua impiedade com a justiça. E, por essa razão, senhora, ele não vai descansar enquanto a irmã e aqueles dinamarqueses que morreram por ordem de Æthelred no dia de São Brício não forem vingados. Todos na Inglaterra vão lamentar aquele ato pérfido. – Ele ergueu a mão boa, o dedo indicador levantado. – Ouça as minhas palavras. Swein vai devastar toda esta terra como uma tempestade de fogo, destruindo todos os que se opuserem a ele até tomar para si a coroa inglesa. E há mais uma coisa que precisa saber: haverá muitos no norte da Inglaterra que vão amaldiçoar Æthelred e se unir a Swein.

Ele baixou a mão e lutou para sorver o ar.

Emma teve a sensação de que a própria Morte tinha falado com ela. Olhou para o rosto sobre o travesseiro, a boca agora num esgar enquanto ele arquejava, tentando respirar. Teria razão em afirmar que Swein seria bem recebido pelo povo do norte? Se isso fosse verdade, se o rei dinamarquês

levasse seus exércitos para a Inglaterra, as forças de dois governantes impiedosos se enfrentariam e a terra seria inundada de sangue.

Ela se levantou, deu a volta na cama e encheu o copo com água do jarro. Emma o teria segurado para que ele bebesse, mas, quando a sentiu a seu lado, Ælfgar pegou o copo da mão dela.

– Por eu ser a rainha de Æthelred – disse ela com a voz suave, olhando friamente para a luz que entrava pela janela –, todos os que amaldiçoam o rei vão me amaldiçoar também.

Estava ligada ao rei por um juramento; não havia como escapar, não importava o que o futuro lhe reservasse.

– Se for sábia, senhora, vai voltar para a terra de seu irmão enquanto pode. E, quando for, leve minha filha junto, pois ela não estará segura aqui.

– Acha que eu deveria quebrar meu juramento?

– Por que não? Seria apenas uma entre muitas, garanto.

Por que não?

Porque, disse a si mesma, ela era uma rainha. E se quebrasse as promessas que fizera ao seu rei, independentemente das fraquezas e dos pecados dele, Emma iria destruir sua honra e fazer da própria existência, como a do homem à sua frente, uma morte em vida.

Já passava bastante do meio-dia quando a comitiva da rainha partiu para Exeter, acompanhada pelo irmão Redwald, que prometera mostrar a Margot um local abundante em arnica. Lá ela poderia reabastecer seu suprimento, cada vez menor. O padre Martin e Hilde tinham resolvido permanecer na abadia, porque a menina queria ficar com o pai até a rainha voltar para Winchester.

Enquanto cavalgavam, a mente de Emma repassava tudo o que Ælfgar lhe contara. O homem dissera o que acreditava ser a verdade, mas como avaliar a clareza da visão dele, considerando sua aversão a Æthelred? Essa inimizade era tão palpável que ela ainda a sentia, como uma substância cáustica sobre a pele. Ele a alimentara por dez anos, até que o consumira por inteiro. E Æthelred, pensou ela, também deve estar consumido, pelo medo de inimigos como Ælfgar.

Quantos deles haveria?

Sem dúvida, Swein Forkbeard era um deles, tão cruel quanto o rei da Inglaterra. A insistência de Ælfgar em afirmar que Swein não descansaria até que tivesse tomado a coroa inglesa para si era algo em que ela podia muito bem acreditar, e, com isso em mente, refletiu sobre o conselho que o homem lhe dera. *Volte para junto do seu irmão agora.* Mas ela não podia abandonar a Inglaterra. No dia de seu casamento e coroação, havia recebido dois anéis: um a unia ao rei, e o outro à Inglaterra e a seus deveres como rainha. Emma não podia, por obrigação moral, dar as costas a nenhum dos dois.

Por ora, só podia torcer para que Ælfgar estivesse enganado em sua estimativa do poder de Swein. Que ele viria, não havia dúvida. Athelstan também dissera que era só uma questão de tempo, e Emma teve a sensação desconfortável de que o tempo estava se esgotando. Ainda assim, seriam necessários muito dinheiro, homens, armas e navios para arrebataram o trono do rei de um país como a Inglaterra. Será que Swein possuía tantas riquezas assim? De fato, muita prata das cidades e abadias inglesas tinha corrido para os navios dinamarqueses e pelos mares do norte, mas seria necessária uma quantidade muito maior para ele se lançar numa iniciativa tão ambiciosa.

Ou talvez, pensou, bastasse a promessa de prata. Swein só precisava garantir a seus seguidores que grandes riquezas os aguardavam no final da rota marítima para conquistar sua lealdade.

Perdida nesses pensamentos melancólicos, quase não prestou atenção na estrada e nas distâncias percorridas. Estavam muito além das terras da abadia quando o irmão Redwald fez o grupo parar em um vale estreito entre duas colinas. Adiante, a estrada dobrava bruscamente para a esquerda, fora do alcance da vista.

– As touceiras de arnica ficam do outro lado da colina – disse ele, apontando para o acidente geográfico à direita deles.

Uma trilha estreita, visível apenas através de uma abertura na sebe espessa que margeava a estrada, levava à subida da encosta.

– Vão com ele, então – disse Emma para Margot e Wymarc –, e façam sua preciosa colheita. Ela olhou para trás, onde os galhos dos carvalhos formavam um dossel sobre a estrada e ofereciam um abrigo do sol. – Vamos esperar por vocês ali na sombra.

Enquanto o monge e as duas mulheres incitavam seus cavalos e enveredavam pela trilha, Emma e os outros voltavam para o alívio da sombra. Emma desmontou e Hugh fez sinal para os seis guardas também

descerem de suas montarias. Quando ela se pôs a andar, esticando as pernas, ele lhe entregou um recipiente com água.

– Acho que a sua conversa com o pai de Hilde não foi muito boa – comentou.

Ela bebeu um longo gole da água e devolveu-lhe o recipiente. Não queria falar sobre as previsões horríveis e sombrias de Ælfgar. De repente, sentiu a responsabilidade pelas pessoas que a tinham acompanhado da Normandia pesar-lhe sobre os ombros. Como as protegeria de Swein quando ele atacasse aquela terra com fúria e crueldade? Ninguém seria poupado, pensou. Era duro para ela ter de enfrentar tal destino. E a questão que se levantava agora era se seu irmão, Richard, teria suspeitado que algo assim poderia ocorrer. *Você é forte*, sua mãe lhe dissera. Seria o conflito iminente a razão pela qual ela, e não a irmã, tinha sido escolhida para se casar com Æthelred ?

– Quando fui enviada a esta terra para ser sua rainha, achava que estivesse vindo como uma oferenda de paz – disse a Hugh. – Começo a temer que tenha sido enviada em sacrifício, e que meu irmão sabia disso.

Sentiu os olhos de Hugh sobre si, como se ele estivesse tentando ler o que se passava em sua mente.

– Ælfgar lhe falou sobre Swein, não foi?

Ela assentiu, com os olhos voltados para as árvores cujos ramos formavam um arco acima deles, escondendo o céu.

– Na minha opinião, homem nenhum, minha rainha, pode ler o futuro – disse ele. – Nem Ælfgar, nem seu irmão, nem meu senhor Athelstan, nem mesmo os bispos que nos advertiram sobre o apocalipse há algum tempo, e cujos cálculos provaram estar completamente errados. O verdadeiro profeta diz *não temas*, e é à sua palavra que devemos nos apegar. Além disso – acrescentou, com um sorriso irônico –, temos certeza de que as muralhas da nossa cidade são fortes e nossas espadas, afiadas.

Seu sorriso desapareceu de repente, e ele levantou a mão. Emma ouviu, então, o que o fizera parar: homens e cavalos indo em direção a eles, ocultados pela curva acentuada na trilha à frente e pelas moitas que ladeavam a estrada.

– Vamos sair daqui, minha senhora – disse Hugh, ajudando-a rapidamente a montar.

Os guardas também saltaram para as suas selas e, assim que cercaram Emma com as espadas desembainhadas, uma carroça puxada por dois

cavalos e escoltada por cavaleiros montados, dois na frente e dois atrás, contornou a base da colina e avançou rápido em direção a eles, aproveitando o impulso do declive da estrada. O cavaleiro que vinha na frente, um homem alto de cabelos escuros usando um manto verde, chamou os companheiros e pegou as rédeas de um dos cavalos da carroça para detê-los na entrada do túnel de sombra onde Hugh se encontrava, com a espada reluzindo na mão direita.

– Meu senhor – disse o cavaleiro a ele –, o que há de errado? Somos homens honestos, não arruaceiros. Não é preciso sacar a sua espada. Raramente encontramos alguém por aqui. É uma sorte não terem também uma carroça, ou estaríamos todos em uma bela de uma complicação. – Ele estreitou os lábios, estudando a largura da estrada. – Receio que não possamos voltar atrás, mas se puserem suas montarias em fila na lateral do caminho, acho que conseguirão passar por nós. Vamos tentar?

Hugh considerou o problema por um momento, olhando para a estrada e a largura da carroça. Pareceu a Emma que era o que havia a ser feito, pois naquele ponto as sebes eram muito densas para permitir que os cavalos as atravessassem para liberar a estrada, e a última encruzilhada de que se lembrava já tinha ficado muito para trás. A carroça, que parecia muito carregada, com a carga amontoada sob uma cobertura de couro, as rodas firmemente entranhadas nos sulcos do chão, só poderia seguir em uma única direção: para a frente. Hugh, pelo visto tendo chegado à mesma conclusão, assentiu.

Os membros da guarda pessoal de Emma embainharam suas espadas e Hugh conduziu-os para o lado do caminho estreito. Emma, guiando Ange em fila atrás do cavalo de Hugh, notou que nenhum dos homens do outro grupo lhe lançara sequer um olhar; todos eles estavam focados em seus guardas. Isso lhe pareceu estranho, pois estava acostumada a ser encarada pelo povo do campo como se fosse uma aparição divina caída do Céu. Mas estava vestida com simplicidade naquele dia, disse a si mesma, afastando a apreensão enquanto fazia sua égua passar com cuidado pela carroça e, em seguida, pelos cavaleiros. Já tinha quase deixado o último para trás quando ele estendeu a mão, agarrou suas rédeas e puxou-as com força, quase as arrancando das mãos dela, e Emma gritou de surpresa e susto.

Ange empinou, mas o homem continuou segurando as rédeas, e Emma não conseguia livrar sua montaria dele. Viu Hugh desembainhar a espada e

voltar para ajudá-la. Então, quando sua égua empinou novamente, dançando e girando aterrorizada, Emma viu três homens armados irromperem de debaixo da cobertura da carroça. Eles se atiraram em cima de seus guardas normandos, que, presos entre a carroça e a sebe, não podiam manobrar seus cavalos.

Emma sentiu o aperto feroz em suas rédeas se afrouxar por um momento. Desvencilhou Ange com um puxão e ouviu Hugh gritar:

– Fuja, senhora!

Ela esporeou a égua com força nos flancos e o animal disparou pela estrada acima, para longe da confusão de cavalos e homens.

À sua frente, do lado direito, a trilha íngreme que Wymarc e os outros tinham seguido conduzia para fora da estrada principal, mas Emma a ignorou. Se fosse perseguida, não queria levar aqueles homens até o velho monge e as duas mulheres. Tomou a estrada, fazendo a curva em alta velocidade. Conforme avançava, continuava a esporear Ange, confiante de que poderia facilmente colocar alguma distância entre ela e qualquer perseguidor. Quando chegou ao alto e viu três cavaleiros vindo em sua direção, sentiu um lampejo de alívio. Sem dúvida iriam ajudá-la. Fez a égua diminuir o passo, preparando-se para pedir auxílio, quando algo familiar no cavaleiro da frente a fez perder o ar.

Ela o conhecia, e sabia agora que os cavaleiros que vinham em sua direção não iriam lhe oferecer nenhum socorro.

Deu meia-volta, procurando desesperadamente alguma maneira de escapar. As sebes que margeavam a estrada, porém, formavam uma barreira que só um coelho ou esquilo poderia penetrar. Sua única esperança era voltar para a abertura na sebe e tomar a trilha estreita que Wymarc e Margot tinham seguido na colina. Mas, depois que Ange obedeceu à ordem silenciosa da dona e saiu em disparada pelo caminho por onde tinham acabado de passar, surgiram dois cavaleiros contornando a curva. Um deles era o homem do manto verde-escuro, e Emma teve certeza de que estava perdida.

Mais uma vez, puxou as rédeas do animal, e inclinou-se à frente para acariciar o pescoço que suave e tremia, sussurrando-lhe palavras de incentivo. Então, devagar, virou outra vez a montaria para enfrentar os três homens que haviam bloqueado sua fuga. Nesse momento, deu de cara com os penetrantes olhos negros de Swein Forkbeard.

Capítulo Vinte e Quatro

Agosto de 1003

Exeter, Devonshire

Elgiva andava de um lado para outro nos aposentos da rainha, indo da janela para a cama e depois de volta para a janela, nervosa e impaciente. Estava ansiosa para ir embora, sair de Exeter como Wulf tinha prometido, mas seu maldito irmão ainda não tinha chegado para buscá-la. Passava muito da hora combinada.

– Onde estará esse idiota? – perguntou a Groa, que não levantou a cabeça, continuando a embainhar uma peça de seda vermelha que se espalhava em seu colo como sangue. – Provavelmente está demorando por causa daquela prostituta dele. O que vou fazer se a rainha voltar? Como vou explicar tudo isso?

Apontou para a cama de Emma, onde um pequeno baú e três sacolas de pano continham os pertences que Groa tinha embalado para a viagem delas.

– Ele virá – respondeu a velha, com uma calma tão irritante que Elgiva teve vontade de estrangulá-la.

Em silêncio, amaldiçoou a ama por aquela placidez enlouquecedora, e amaldiçoou Wulf por deixá-la esperando. Teve vontade de gritar de frustração, mas, naquele momento, um pensamento repentino e aflitivo lhe ocorreu. E se alguma coisa tivesse dado errado? E se as maquinações de seu pai tivessem sido descobertas e os homens do rei houvessem levado seu irmão?

Um grito exaltado vindo de fora, que foi imitado por outras vozes e repetido várias vezes, atraiu-a às pressas para a janela, com o coração na boca, temendo dar com seu irmão sendo preso. Em vez disso, viu os homens

no pátio lá embaixo correndo em direção aos portões da fortaleza, vestindo os capacetes enquanto avançavam. Com as cotas de malha brilhando à luz do sol, abriam caminho com dificuldade para sair do forte em meio a ondas de cidadãos em pânico, que tentavam desesperadamente entrar na fortaleza. Alguns deles empunhavam espadas, e as mulheres carregavam crianças e fardos.

No grande salão, alguém começou a dar gritos tão agudos que Elgiva se arrepiou. Outros gritos juntaram-se aos primeiros, um após o outro, como gansos alertando uns aos outros ao avistar um predador, e ela levou as mãos aos ouvidos para tapá-los. Groa se levantou e foi postar-se junto dela diante da janela aberta, a seda escarlate deixada para trás, caída no chão.

Em uma colina distante, um farol de alerta enviou uma coluna de fumaça em linha reta para o alto. Do ponto onde estava, Elgiva não podia ver as muralhas da cidade nem o rio, mas não havia necessidade. Só uma coisa poderia causar aquele tipo de pânico.

Os dinamarqueses tinham vindo afinal, e Exeter estava sob ataque. Quaisquer que fossem os planos de seu pai, estavam agora aniquilados.

Elgiva pensou em Emma, em segurança fora da cidade, com seu capataz normando. Hugh veria o alerta de perigo e conduziria a rainha a um refúgio, enquanto Elgiva, que tinha pensado que escaparia daquela cidade infeliz, provavelmente morreria ali dentro de suas muralhas banhadas de sangue.

Casa senhorial de Æthelmær, perto de Exeter, Devonshire

Athelstan estava sentado à mesa do grande salão de Æthelmær, um dos *thegns* de seu pai. Comparecera àquele encontro de nobres dos condados do oeste com certa relutância. Æthelmær, no entanto, achava indispensável que ele se encontrasse com aqueles homens, insistindo que, como herdeiro do trono e de inúmeras terras reais nos condados de Devon e Somerset, seria proveitoso reforçar os laços com aqueles que iriam um dia servi-lo.

– O rei se preocupa com os assuntos de Winchester e Londres – dissera Æthelmær –, mas ele também é rei de Exeter e Totnes, de Lydford e Dorchester. Desenvolver um relacionamento com o *ætheling* mais velho só pode solidificar o apoio ao trono.

Assim, dois dias antes Athelstan viajara para lá, para aquele agradável solar ao norte de suas extensas terras em Norton, a uma hora de viagem, e, a cada momento que passava, sentia-se mais apreensivo. Não só pelo fato de estar distante de Exeter quando o perigo das invasões dinamarquesas ainda era tão grande, o que por si só já era bem inquietante. Mas havia uma corrente de insatisfação entre aqueles homens e, ao mesmo tempo, uma deferência efusiva para com ele que Athelstan achava desconcertante.

O banquete final de almoço daquele encontro terminara, e os homens nas mesas estavam sonolentos após a comida e as bebidas. O *scop* tinha tomado seu lugar no centro da sala e começou a entoar uma história que todos os ouvintes deviam conhecer bem, Athelstan pensou. Era uma saga antiga raramente recitada de uma só vez. Naquele dia, o *scop* não começou do início, mas com a descrição de um rei tristonho e envelhecido que travava uma guerra contra um inimigo mortal. Então, sem dúvida com algum plano em mente, o cantor diminuiu o ritmo da música e saltou trechos até chegar aos versos que introduziam o herói corajoso da narrativa. Com uma intensidade vibrante, cantou sobre os homens que exortavam o jovem guerreiro a prestar ajuda ao rei incompetente. E, quando o *scop* recitou os versos que falavam da determinação de Beowulf em assumir o controle da batalha contra o inimigo monstruoso, Athelstan sentiu a força de dezenas de olhos voltados para ele.

Nenhuma palavra havia sido pronunciada sobre a incapacidade de seu pai de proteger a terra contra a destruição causada pelos homens do norte, nem sobre os impostos absurdos que aqueles homens à mesa de Æthelmær pagavam em ouro para subornar os invasores vikings. No entanto, ali naquela sala, o jovem encontrava-se cercado pelos nobres mais poderosos do sudoeste do país, e aquele trecho do antigo poema era um apelo dissimulado para que ele fizesse valer sua autoridade contra um pai envelhecido.

Entendido, pensou Athelstan. E se ele agisse de acordo com aquele apelo e desafiasse Æthelred pelo trono, aqueles mesmos homens apoiariam sua reivindicação contra o pai e rei, que se apegaria à sua coroa com toda a fibra e a força do monstro lendário? Teriam coragem de seguir Athelstan, apesar dos juramentos que haviam feito ao pai dele?

Uma agitação no fundo do corredor chamou sua atenção, e ele viu um dos criados de Æthelmær correr para o estrado.

– Os faróis foram acesos, meus senhores – exclamou ele, antes mesmo de chegar à mesa alta –, a partir de Exeter.

Foi como se o criado tivesse jogado uma bola de fogo no meio deles. O salão de repente foi tomado por uma movimentação e uma barulheira caóticas. Os homens derrubavam bancos, gritavam pelos criados e ordenaram que lhes aprontassem as montarias. Athelstan, que tinha comido pouco e bebido menos ainda, abriu caminho entre dezenas de homens cambaleantes. Com o próprio séquito em seus calcanhares, correu para as estrebarias e descobriu que seus cavalos já haviam sido selados e arreados. Em questão de minutos, o grupo já galopava em direção a Norton, onde ele planejava reunir o resto de seus homens para participar da defesa de Exeter. Enquanto cavalgava, ele sussurrou uma oração fervorosa para que Hugh já tivesse enviado Emma para o norte e para longe da região sob perigo.

Perto da Abadia Magdalene, Devonshire

Emma fitou com olhar penetrante o homem diante dela, montado num dos robustos cavalos nativos da Inglaterra. Vestindo uma túnica de linho escarlate tecida com primor, o manto marrom-escuro orlado de pele de marta preso ao ombro por um broche de prata, seu captor poderia passar facilmente por um abastado *thegn* inglês a alguém que nunca tivesse visto seu rosto magro.

Mas Emma já vira, assim como a farta e espessa cabeleira branca e a barba alva, dividida no meio e trançada.

Será que ele a reconheceria? Teria ela topado sem querer com uma tropa dinamarquesa que se dirigia para o interior e esquadrinhava os caminhos afastados à procura de montarias e tesouros? Tentou normalizar a respiração, acalmar as mãos trêmulas enquanto apalpava a faca de prata que trazia na cintura.

– Diga à rainha que ninguém lhe fará mal – ordenou Swein Forkbeard em dinamarquês.

Então ele sabia quem ela era, e aquele encontro não havia sido por acaso. Emma procurou manter o semblante neutro quando o cavaleiro do manto

verde, que veio por trás dela para lhe arrancar as rédeas das mãos, falou-lhe na língua frâncica, repetindo a garantia de segurança de Swein.

Fora um ataque planejado, então, e realizado com grande eficiência. O fato de, aparentemente, ignorarem seu conhecimento do idioma dinamarquês era um ponto a seu favor, porém, por menor que pudesse ser a vantagem. Ela manteve os olhos em Swein, mas falou com seu criado, em frâncico.

– Meu irmão uma vez demonstrou-lhe grande cortesia, Swein Forkbeard, em seu salão principal em Fécamp – disse ela. – Exijo que me liberte por respeito a meu irmão Richard. Não sou sua inimiga.

Swein ouviu a tradução e respondeu:

– Não, minha senhora, não é minha inimiga. Mas é um trunfo muito importante. Veremos quanto o seu rei pagará para resgatá-la. Se eu fosse ele, daria pelo menos metade do meu reino pelo retorno em segurança de uma esposa como a senhora.

Então sorriu para ela, esperando para ver se iria responder à sua cortesia. No entanto, após ouvir a tradução, Emma se manteve em silêncio. Ele seria tão ousado a ponto de exigir metade de um reino como resgate? E, se de fato o fizesse, qual seria a resposta de Æthelred?

Teve pouco tempo para refletir sobre a questão. O próprio Swein apanhou as rédeas dela e conduziu sua égua de volta para o ponto onde a guarda normanda dela havia sido atacada. Outro cavaleiro tomou lugar ao lado esquerdo de Emma, e ela reparou que não era um homem, mas um rapazinho magro e alto, de uns 12 ou 13 anos. Seu cabelo ruivo comprido estava preso para trás com uma tira de couro, deixando à mostra a testa larga e comprida que encimava olhos enormes, da mesma cor dos de Forkbeard. Os dois se entreolharam, e ele a examinou com uma gravidade solene que a fez imaginar se era mesmo tão novo. Lembrou-se de como Swein se gabara dos filhos para o irmão dela. Aquele talvez fosse um deles. Aprendiz de assassino e bandido. Seu pai estava lhe ensinando, em primeira mão, as emoções da selvageria. Ou talvez ele já as conhecesse. Provavelmente vinha frequentando os conveses dos navios vikings desde o dia em que aprendera a andar. Não era de admirar que já tivesse adquirido um ar de experiência e de comando.

Contornaram a curva da estrada e Emma sentiu um aperto na garganta quando o cheiro metálico de sangue a atingiu. Sabendo que um horror

maior estava por vir, preparou-se para ele. Não podia se dar ao luxo de demonstrar fraquezas femininas diante daqueles homens. Quando se aproximaram do local onde as árvores sombreavam a estrada, ela cerrou os dentes com força para não gritar.

Os homens de sua tropa doméstica – seis normandos que tinham vindo com ela do outro lado do mar Estreito – tinham sido abatidos como se fossem gado. Despojados das armaduras e armas, seus corpos banhados em sangue tinham sido jogados no fundo da carroça.

Hugh, ela constatou com uma mistura de alívio e apreensão, ainda estava vivo. Ela se perguntou que destino pior que a morte o esperava. Estava sentado na beira da estrada, o lado direito do corpo encharcado de sangue, as mãos amarradas à frente. Um dos dinamarqueses encontrava-se ajoelhado ao lado dele, tentando estancar um ferimento no braço direito de Hugh, envolvendo-o com uma tira de pano.

– Não quero que sangue até a morte antes de nos levar para a fortaleza – ela o ouviu resmungar em dinamarquês.

Os outros homens, ocupados em se equipar com as túnicas de malha de ferro e os elmos dos guardas normandos de Emma, deram gargalhadas satisfeitas.

Ela viu o olhar de Hugh parar primeiro nela e depois em Swein, e percebeu o sobressalto repentino dele ao reconhecer o dinamarquês. Sim, claro que ele o conhecia. Hugh estava em Fécamp quando Swein aparecera inesperadamente naquele Natal. O capitão voltou a procurar os olhos dela, mas Emma desviou o olhar. Não aguentaria ver a raiva e a frustração estampadas no rosto dele. A culpa tinha sido dela, por insistir em sair da fortaleza com uma guarda tão reduzida. Sua culpa, mas todos teriam de pagar o preço.

Ela queria correr os olhos pela colina à procura de Wymarc e Margot, mas não se atreveu. Rezou para que estivessem escondidas em um lugar seguro e que lá ficassem. Não lhe agradava pensar o que Swein, para vingar o ataque brutal à sua irmã e à família dela, lhes faria caso caíssem em suas mãos.

– Quantas perdas? – perguntou o dinamarquês.

– Uma, senhor. Sigurd. Ele morreu bem.

– Teria feito melhor se vivesse. Precisamos de todos os homens. Esqueçam a carroça – ordenou Swein – e sigam depressa para Exeter. Os

navios já devem ter sido avistados e os faróis de sinalização, acesos. – Ele acenou com a cabeça para Hugh. – Ele pode montar?

– Sim, meu senhor – disse o homem. – Halfdan! Ajude esse pedaço de carniça a subir no cavalo.

Depois que Hugh já estava montado, Swein postou o próprio cavalo ao lado do dele de forma que os dois homens ficassem face a face.

– Há uma entrada escondida na fortaleza em Exeter – disse Swein, enquanto o sujeito de verde traduzia suas palavras para o frâncico. – Você vai levar esses homens para dentro da cidade por aquele portão secreto.

Emma mantinha o rosto impassível, mas sua mente trabalhava de forma frenética. Então era por isso que tinham poupado Hugh. A fortaleza de Exeter – tão bem protegida, tão meticulosamente preparada por Hugh e Athelstan para resistir a qualquer ataque dos dinamarqueses – poderia ser tomada com relativa facilidade se até mesmo um pequeno grupo de homens entrasse e conseguisse abrir as portas para um número maior de invasores que estivesse fora dos muros. Swein devia ter espiões em Exeter que tinham revelado o segredo de *laposterle*.

– A passagem de que fala é trancada por dentro – disse Hugh.

– Trancas podem ser arrombadas – retrucou Swein, sorrindo. – Às vezes, o seu Deus até opera milagres. Talvez você vá presenciar um deles. – O sorriso desapareceu. – Agora, vai obedecer a cada ordem que esses homens lhe derem. Se eu descobrir que os traiu por uma palavra, por um ato, até pelo olhar mais discreto, sua rainha, embora seja mantida viva para ser resgatada, não permanecerá intocada. Você entendeu?

A boca de Hugh, machucada e sangrando, retorceu-se em um sorriso de escárnio.

– Nem mesmo Swein Forkbeard seria louco o suficiente para fazer mal à rainha de Æthelred e irmã do duque Richard – declarou, com a voz cheia de desprezo. – Não haveria lugar no mundo onde você pudesse se esconder da vingança deles.

– Fazer mal? – Swein sorriu de novo, desta vez com afrontosa malícia. – Não, eu não lhe faria mal algum. Mas nós dois poderíamos nos divertir um pouco juntos. Não acha que seria uma grande piada se Æthelred resgatasse sua mulher e descobrisse que no ventre dela há um filho meu?

Emma sentiu a bile lhe subir à garganta, enquanto Hugh respondia com uma torrente de maldições em normando para Swein.

– Já estou perdida! – gritou ela para Hugh em bretão, rezando para que só ele compreendesse. – Não ajude...

Swein girou rápido como um relâmpago e esbofeteou-a com tanta força que os ouvidos dela zumbiram. Hugh, mesmo imobilizado, lançou seu cavalo para cima do dinamarquês, mas dois homens o arrancaram de cima da montaria e desferiram-lhe uma saraivada de golpes até o subjugarem. Emma assistiu a tudo chocada e cheia de raiva, apenas vagamente consciente do gosto de sangue na boca.

– Halfdan! – bradou Forkbeard, com aspereza. – Você e o garoto vão comigo para a foz do rio Mouth. Lá vamos subir a bordo. Os outros sabem o que fazer. Gisli, se o normando sobreviver durante as próximas horas, leve-o com você para os navios. Ele pode ter mais alguma utilidade para nós.

Enquanto falava, fazia Emma passar pela carroça com sua carga sinistra. O menino e um outro os seguiram.

A mente de Emma era uma confusão de horror, raiva e medo, e ela se esforçou para superar a dor lancinante que sentia e conseguir pensar racionalmente. Sabia para onde estava sendo levada – a foz do rio Otter, Forkbeard dissera, onde um navio iria buscá-los. O rio Otter ficava a leste, entre o lugar onde se encontravam e o rio Sid. Lembrou que o tinha atravessado em sua viagem para Exeter. Era provável que levassem muitas horas para alcançar o seu destino.

De alguma forma, ela teria de fugir antes de chegarem ao navio que os estaria aguardando. Não poderia confiar em ninguém, pois seria muito improvável receber qualquer ajuda. Mesmo se, por algum milagre, Hugh conseguisse escapar de seus captores, teria poucas chances de organizar um resgate. A não ser, disse a si mesma, que a guarnição de Exeter derrotasse os dinamarqueses e conseguisse queimar todos os navios. Mas tal façanha era quase impossível e, se ao menos uma embarcação escapasse, iria para a foz do Otter e ao encontro de Swein.

Não, não haveria resgate.

Swein estabeleceu um ritmo constante de marcha. Enquanto seguiam, Emma lançou um olhar de avaliação para as montarias de seus captores. Robustos e capazes de transportar cargas pesadas, não deviam ser tão rápidos nem tão bem treinados quanto Ange. Ela teria uma vantagem no caso de uma perseguição. Por ora, cavalgando entre Swein e o filho dele, segurando as rédeas enquanto o rei dinamarquês mantinha sob firme

controle a corda que tinha amarrado a seu freio, ela não teria a oportunidade de disparar rumo à liberdade. No entanto, tinham um longo caminho a percorrer antes de chegar à costa. Ela só precisava de um momento de desatenção, um afrouxamento na corda.

E, caso não conseguisse escapar, encontraria um uso para a faca, o presente de Athelstan, firmemente presa em sua bota.

Sussurrou três orações à Virgem – uma por ela, uma pelo povo de Exeter e uma por toda a Inglaterra. Mas mantinha os olhos abertos e a cabeça erguida, à espera de uma oportunidade para fugir.



1003 d.C. Neste ano foi Exeter arrasada, através do mesquinho francês Hugh, a quem a Senhora havia nomeado como seu intendente naquela cidade. E o exército destruiu a cidade, e levou de lá muitos despojos.

– *Crônica Anglo-Saxã*

Capítulo Vinte e Cinco

Agosto de 1003

Exeter, Devonshire

Elgiva sentiu o pânico crescer ao ver os cidadãos aterrorizados de Exeter se aglomerarem na fortaleza. Eles já haviam passado por aquilo antes, portanto sabiam muito bem o que aconteceria se as defesas de Exeter falhassem: saques, estupros, assassinatos.

Afastou-se depressa da janela.

– Tenho de ir embora! – gritou para Groa. – Não vou ficar aqui para ser violentada e morta por algum dinamarquês bruto.

– Não, minha senhora – disse a velha. – Eu mesma a mataria antes de deixar isso acontecer.

Elgiva fitou-a horrorizada. Os olhos de Groa ardiam como brasas em seu rosto murcho, e Elgiva acreditou que a velha seria realmente capaz de matá-la caso chegassem àquele ponto. A ideia não lhe serviu de consolo.

Atrás dela, a porta do aposento se escancarou e ela gritou. Mas era Wulf, que entrou apressado.

– Não há tempo a perder – disse ele, agarrando a irmã pelo braço e arrastando-a para a porta. – Vamos. Há homens e cavalos nos esperando do lado de fora da cidade.

– Como é que vamos passar por aquela multidão no pátio? – perguntou Elgiva, enquanto Groa a envolvia num manto.

– Não vamos. Há outra saída na fortaleza. Ande! Depressa!

– Espere!

Elgiva apanhou o pequeno porta-joias que continha seus objetos de valor e Wulf a conduziu para fora do aposento com Groa em seus

calcanhares. Wulf levou-as através do salão, abrindo caminho pelo meio de uma onda compacta de mulheres e crianças que buscavam abrigo. As pobres coitadas, pensou Elgiva, procuravam um canto onde se esconder. Aquele bastião empoleirado no alto da grande colina que se elevava sobre a cidade poderia ser seu último refúgio contra os dinamarqueses.

Seguindo Wulf, que avançava com dificuldade por entre grupos de habitantes assustados e soldados que tentavam pôr alguma ordem no caos, Elgiva estremecia. Não poderia ter ficado ali enquanto os vikings investiam contra a cidade lá embaixo. A única forma de avaliar o curso da batalha era pelos sons de luta, e, se a maré se voltasse contra os defensores, não haveria escapatória. A morte inundaria o salão com a inevitabilidade nauseante de uma gigantesca onda do mar.

Ao pé da escada, Wulf precipitou-se através de um dos três grandes arcos da cripta e então parou. Apesar da fraca iluminação no espaço comprido como uma caverna, era possível ver que o depósito estava abarrotado.

Durante as últimas semanas, os proprietários de terras de toda a cidade haviam pago seus arrendamentos agrícolas à rainha. Elgiva conseguiu distinguir um cercado onde umas dez ovelhas tinham recuado, amedrontadas, para um canto distante. Tremiam e baliavam, e davam pena de tão assustadas – não muito diferentes das mulheres aterrorizadas no andar de cima, pensou ela. À frente deles, empilhadas de ponta a ponta na parede e quase até as vigas do teto, havia barricas de todos os tamanhos, provavelmente contendo vinho, sal, mel e queijos duros. Perto dali, havia montes de sacos cheios, imaginava ela, de trigo e cevada. Ao lado deles, via cordas feitas de couro oleado, enroladas e agrupadas cuidadosamente, e, próximo a elas, fardos de lã amontoados quase até o teto. Na frente da lã, uma série de caixas continha velas de cera do comprimento de seu braço, e duas vezes mais grossas.

– Aonde vamos agora? – perguntou ela.

– Existe uma passagem através da muralha norte – disse Wulf. – É aqui, em algum lugar deste depósito.

Ele correu para a frente, mas Elgiva não se mexeu. O cheiro de esterco de ovelha e de lã irritava-lhe o nariz e os olhos. Viu Wulf enfiar-se entre as barricas e as pilhas de sacos de cereais, batendo com os pés nas tábuas de madeira do chão enquanto andava.

– Tem de estar debaixo de nós – afirmou ele.

– Mas pode ser em qualquer lugar – retrucou Elgiva.

Groa foi abrindo caminho entre as caixas de velas, dando grunhidos enquanto as afastava para o lado a fim examinar o chão.

– E se estiver debaixo das barricas ou dos fardos de lã ? Não temos tempo para tirar tudo isso do lugar – falou Elgiva.

Gritos e berros continuavam a soar, e ela colocou o porta-joias em cima de uma caixa para poder tapar os ouvidos e parar de escutar os sons de pânico.

– O capataz de Emma não é tolo – disse Wulf, voltando para perto da irmã. Parou ao lado dela, depois virou-se para examinar o amplo ambiente, franzindo a testa. – A porta deve estar escondida, mas não inacessível.

Elgiva acompanhou o olhar dele, fixo no local onde as ovelhas baliavam, amontoadas no fundo.

– As ovelhas? – disse ela, incrédula.

– As ovelhas – assentiu ele, com um breve gesto da cabeça.

Correu os olhos em torno e apanhou um saco vazio que estava jogado perto do arco da parede. Em seguida, saltou por cima do cercado baixo que rodeava o pequeno rebanho, apavorando ainda mais as ovelhas e fazendo-as se espalhar. O chão da moradia provisória dos animais fora coberto com uma grossa camada de palha e, à medida que Wulf se dirigia para o fundo do cercado, afastava a palha suja com a bota. Mas não havia sinal de entrada para uma passagem.

Sem se deter, ele começou a explorar a parede oeste. Depois de alguns passos, agachou-se e usou o saco que ainda trazia na mão para limpar um espaço à sua frente, revelando um grande anel de ferro. Curvou-se e, ao puxá-lo, um pedaço do piso de madeira se levantou.

Era grosso, feito de carvalho, pesado demais para um homem erguê-lo sozinho. Elgiva, indo atrás de Groa, passou com dificuldade por cima da cerca enquanto Wulf descobria um segundo anel de ferro. Unindo suas forças, os três conseguiram levantar o alçapão.

Na frente deles, um lance de escadas descia em direção à escuridão.

Elgiva olhou para o buraco e ficou paralisada. Seu antigo pânico de espaços pequenos e escuros apoderou-se dela como as garras de uma fera selvagem. Não podia descer. Se entrasse naquela bocarra negra, a terra a engoliria e nunca mais ela conseguiria sair. Ficaria presa no ventre da montanha, sem poder respirar, sem enxergar. Morreria arranhando as

paredes de pedra, com falta de ar. Seria melhor perder a vida nas mãos de um dinamarquês.

Wulf tinha saído correndo do depósito, e agora voltava segurando uma tocha. Groa apanhou o porta-joias e estendeu a mão para entregá-lo a Elgiva.

– Não – disse Elgiva, balançando a cabeça em negativa e afastando o porta-joias. – Não vou descer. Não há necessidade. Os invasores serão detidos. Não vão passar dos portões da cidade. Wulf, você vai me proteger, e todos nós vamos ficar a salvo.

Mas ele agarrou o braço dela e apertou com força, fazendo-a se contorcer de dor.

– Não vou estar aqui para protegê-la, Elgiva – falou em voz baixa e entre os dentes, o rosto perto do dela. – Vou embora deste lugar, como nosso pai mandou. Goste ou não, você vem comigo.

Ela tentou recuar da escuridão que se escancarava a seus pés, mas Wulf não a largou.

– Groa! – exclamou ele, a voz áspera. – Me ajude! Temos de ir em frente!

Elgiva sentiu Groa empurrando-a por trás, enquanto à sua frente, ainda segurando seu pulso, Wulf descia os dois primeiros degraus em direção à escuridão.

– Estou com medo – gemeu ela, tentando se soltar do irmão.

– Respire, minha senhora – sussurrou Groa em seu ouvido. – Respire fundo e devagar. Sente-se no degrau mais alto e deixe seu irmão guiá-la. Estarei bem atrás da senhora. Nada vai lhe fazer mal, prometo.

Ainda assim, Elgiva resistia, olhando para a abertura estreita e escura e para as paredes, que pareciam inclinar-se para dentro, enquanto Wulf a puxava.

– Elgiva – disse seu irmão, com a voz firme. – Mexa-se agora ou levo Groa e deixo você para trás!

Groa pousou a mão no ombro dela e murmurou:

– Fique olhando para a tocha, minha querida. Olhe para a luz e nada mais.

Trêmula e enjoada, Elgiva se agachou e conseguiu sentar-se no degrau mais alto. Teve que cobrir a boca com a mão e se esforçar para engolir a bile. Então se virou e agarrou a saia de Groa.

– Você não vai fechar a entrada atrás de você? – perguntou a Groa. – Vamos poder voltar?

– Não posso fechá-la, minha senhora, porque é muito pesada – explicou Groa. – Mas não haverá nenhuma necessidade de voltar. Lá embaixo vai estar claro, acredite em mim. Olhe para a luz e siga o seu irmão. Seja uma boa menina.

Wulf puxou o braço dela de novo, arrastando-a para a escuridão. Ela tentou inspirar profundamente, como se estivesse prestes a mergulhar, mas seus pulmões se recusaram a se encher de ar. Então ela se viu dentro do corredor, e quase engasgou em razão do cheiro de mofo e podridão. Com a mão livre, bateu a parede áspera, pegajosa, tentando retardar sua imersão no escuro. Recuando e parando, ela se opunha à força de seu irmão, mal contendo o pânico enquanto ele descia implacavelmente pelos degraus irregulares e escorregadios.

Wulf praguejava, ordenando-lhe que fosse mais rápido, enquanto a voz de Groa fluía de trás dela, incitando-a. Mas, à medida que descia, resistindo a cada passo, o som das vozes dos dois desapareceu e o rugido de seu próprio terror cresceu e ecoou em seus ouvidos.

Tentou fazer o que Groa lhe aconselhara: olhar para a luz da tocha. No entanto, o brilho incomodava seus olhos, então ela os fechou e começou a ver um espaço diferente, menor ainda do que aquele túnel sem fim, e mais escuro. De repente ela era uma criança de novo, deitada de costas, sem poder se mexer ou respirar. Não conseguiu suportar aquela sensação, e quando abriu os olhos para escapar dela, viu-se de volta ao túnel, onde Wulf era uma sombra contra a chama da tocha.

As paredes inclinavam-se para a esquerda, e ela as sentia em movimento, deslizando e se aproximando. Ouvia a respiração da rocha, viva e maligna. Não os deixaria escapar, agora que os tinha em sua garganta. Como os outros não viam isso?

Não conseguia inspirar nem mesmo uma pequena quantidade de ar, e o pânico cresceu dentro dela. Tinha de voltar, ainda que fosse rastejando. Precisava sair para um espaço aberto. Ofegante, livrou-se do aperto de Wulf e raspou as duas mãos na parede, tentando voltar. Seu pé escorregou e ela caiu de lado contra o irmão. Houve um barulho, as paredes tremeram e, com um silvo, o mundo escureceu. O grito preso em sua garganta soltou-se, afinal, e ela berrou e berrou, até um tapa fazê-la se calar.

– Sua idiota! – A voz de Wulf soava tão dura quanto a pedra das paredes.– Juro que vou deixá-la aqui se não calar a boca e continuar andando.

Ele agarrou seu pulso mais uma vez e a arrastou implacavelmente para baixo. Ela não enxergava nada agora, e chorava, impotente contra o irmão e contra seu medo. A escuridão, assim como a rocha, era uma coisa viva, batendo asas perto dela como uma multidão de demônios.

Ela iria morrer ali, e não queria morrer. Começou a gemer alto, e Wulf puxou seu braço.

– Cale a boca! – rosnou ele.

Deu-lhe outro tapa no rosto, depois a puxou com tanta força que os joelhos dela cederam e ela escorregou pela parede abaixo. Agachou-se num degrau, soluçando, encolhida de pavor. Ouviu o irmão praguejar, e também um som igual ao de ratos arranhando, e então começou a gritar novamente. A rocha caía por cima dela, tentando esmagá-la, triturá-la. Levantou o rosto e as trevas sugaram seu ar como um súcubo, a boca negra moldando-se de maneira inflexível na dela. Ela tentou lutar, mas a escuridão era forte demais e engolfou-a como uma onda silenciosa, para um lugar onde não havia mais nada.

Casa Senhorial de Norton, Devonshire

Athelstan entrou à frente de seus homens no pátio do solar e logo pediu montarias descansadas, além das últimas notícias.

– Meu senhor, uma das damas da rainha apareceu aqui agora há pouco, a cavalo, perguntando pelo senhor – disse o cavaleiro que pegou a montaria dele. – Chegou em um estado lastimável e foi levada para o salão.

Athelstan correu, temendo não sabia o quê. Antes mesmo de chegar ao salão, Wymarc disparou em direção a ele. O vestido enlameado e os cabelos emaranhados mostravam que a cavalgada havia sido árdua, mas o horror em seu rosto sugeria algo muito pior. Num instante ele estava ao lado dela, agarrando seus ombros para firmá-la. Ela tremia violentamente, e as lágrimas escorriam por suas faces imundas.

– O que aconteceu? Está ferida?

– Não, ferida, não – respondeu ela com a voz rouca. – Por favor, preciso falar com o senhor a sós.

A agitação de Wymarc tomou conta dele. Athelstan a afastou dos olhares furtivos de seus criados no pátio, ocupados com os preparativos para a partida.

– A rainha? – perguntou, preparando-se para a resposta.

Emma devia estar morta. Do contrário, Wymarc nunca a teria deixado. Essa noção lhe veio não como um pensamento, mas como uma sombra negra tal qual a boca do inferno, que escureceu o mundo inteiro.

– Eles a levaram. Não sei quantos eram. Foi uma armadilha, e nós não pudemos ajudá-la. Ele quer a metade do reino. – A voz dela foi se elevando, cada frase se emendando na anterior de forma incoerente em razão da ansiedade, e ela começou a chorar. – O senhor tem de trazê-la de volta, meu senhor, e rápido. Ele ameaçou violentá-la. Precisa partir agora. Ninguém mais pode ajudá-la. Não há tempo.

Athelstan a sacudiu.

– Quem levou a rainha?

Ela olhou para ele, boquiaberta, confusa e aterrorizada.

– Forkbeard.

Ele a encarou, incrédulo e atônito. Não estava morta, então, mas à mercê de um homem vingativo ao extremo. A sombra que descera sobre ele se adensou.

Ele a interrogou meticulosamente, consciente de cada minuto precioso que passava. Pediu que um criado fosse buscar o monge que as tinha acompanhado, então os dois lhe contaram o que tinham ouvido enquanto estavam escondidos em um emaranhado de arbustos que margeavam o estreito desfiladeiro onde os dinamarqueses tinham atacado os guardas de Emma.

– Tem certeza de que o ouviu mencionar o rio Otter? – perguntou ele ao irmão Redwald.

– Não tenho certeza de que ele se referiu ao rio – explicou o monge, consternado –, pois estava falando na língua do norte. Mas ouvi a palavra Otter, ou o que soou para mim como Otter.

Athelstan refletiu sobre a informação. Não havia dúvida de que Forkbeard iria para o mar, pois era sua única rota de fuga. Provavelmente haveria um navio esperando-o em algum ponto ao longo da costa. A foz do

Otter seria uma escolha possível. As falésias vermelhas daquele local, voltadas para o mar, eram um marco familiar a qualquer marinheiro com um mínimo de conhecimento do litoral sul. Além disso, as cavernas pouco profundas que pontilhavam a escarpa da alta e estreita língua de terra que beirava a margem oriental do Otter ofereciam abrigo e proteção a qualquer um que quisesse passar despercebido do povo que vivia nas proximidades.

E se o irmão Redwald tivesse ouvido mal?

Então ele iria procurá-los no lugar errado, e Emma estaria perdida. Estaria perdida de qualquer maneira se ele não chegasse a tempo. Talvez já fosse tarde demais, mas tinha de tentar.

– Quantos homens eram? – perguntou.

– Forkbeard mais dois – respondeu o religioso. – Todo o resto foi para Exeter.

Sim, isso fazia sentido. Eram necessários poucos homens para proteger a rainha quando se presumia que não haveria tentativa de resgate. No entanto, Swein poderia ter uma surpresa se subestimasse Emma. *Jesu*, ele esperava que ela não fizesse nada que pudesse causar-lhe danos ainda maiores.

Deu ordens rápidas a seus homens e eles reagiram como tinham sido treinados para fazer: com eficiência, silêncio e velocidade.

Ele se virou para Wymarc, que estava apoiada contra a parede, encolhida dentro de sua capa, com o rosto entre as mãos, a própria imagem do desespero.

– Você vai ficar aqui até que eu lhe mande alguma instrução. Não diga a ninguém o que aconteceu.

Em poucos minutos, ele havia enviado uma força de vinte homens cavalgando a toda a velocidade em direção à cidade sitiada e mandado despachar um pombo-correio ao rei com a notícia do ataque a Exeter. Deixou seis homens protegendo o solar e o povo que fora buscar refúgio lá quando os faróis de alerta tinham sido acesos. Então, montou em seu cavalo e, com três companheiros de confiança, saiu em disparada para a foz do rio Otter.

Exeter, Devonshire

Elgiva abriu os olhos e deu com Groa encarando-a. A iluminação era precária, mas ela conseguiu distinguir, acima da cabeça da velha, as vigas do telhado e a palha manchada de fumaça. Estava deitada em um chão imundo de madeira, com a cabeça no colo da ama. A montanha não tinha caído sobre eles, então. Haviam conseguido escapar do túnel que ela acreditara que seria seu túmulo.

– Que lugar é este? – perguntou.

Seus ouvidos zumbiam ligeiramente, e ela se sentia tonta. Não conseguia ver muita coisa, pois o cômodo não tinha janelas e nenhuma outra fonte de luz além da claridade que vazava para dentro através do beiral do telhado.

– É um depósito ao lado da forja do fabricante de espadas, fora dos muros da cidade – informou Groa. – Uma porta escondida ali – ela apontou para uma parede – leva ao túnel.

Elgiva sentou-se. O mundo pareceu girar por alguns momentos e ela teve que fechar os olhos e respirar fundo várias vezes, mas, em seguida, seus pensamentos clarearam um pouco. Ela se virou para a porta escondida, mas a parede de tábuas encaixadas era tão benfeita e a iluminação, tão fraca, que não conseguiu enxergar a passagem. O quarto estava cheio de caixas de madeira contendo lingotes de ferro, fardos de fios e implementos variados que ela não saberia identificar.

– Cadê meu irmão? – perguntou.

– Foi lá fora ver se o caminho está livre. Beba isto.

Groa colocou uma xícara pingando nas mãos dela. Elgiva tomou alguns goles, sem muita certeza de que a água não iria subir de volta, nauseada e tonta como estava. Mas sentiu-se melhor. Um momento depois, a porta da frente se abriu e Wulf entrou com rapidez. De repente, ela percebeu que o zumbido em seus ouvidos, igual ao ruído constante de ondas do mar, eram gritos a distância e o clamor de homens.

– Estão saqueando e queimando as casas fora dos muros da cidade – disse Wulf. – Não vai demorar muito para chegarem aqui. Não temos tempo a perder.

Pôs Elgiva de pé, apanhou o porta-joias e colocou-o nas mãos dela. Em seguida, empurrou-a para a porta e eles saíram para a luz do fim da tarde.

Ela piscou repetidamente para se acostumar a tamanha claridade, e logo Wulf a puxava atrás de si, correndo por uma trilha que serpenteava através do pequeno povoado, fora da muralha norte de Exeter. Groa os seguia.

Elgiva achou estranho ver as casas desertas e silenciosas, como se fosse uma cidade-fantasma. Todos os moradores deviam ter fugido ao primeiro alarme para se abrigar no interior das muralhas da cidade ou nas profundezas da floresta. No entanto, havia cães abandonados que rosnavam e arreganhavam os dentes para eles. Wulf espantou alguns com a espada, fazendo-os correr para longe, uivando. A certa altura, tiveram de passar por cima de um velho morto. Elgiva não viu nenhum sinal de sangue no corpo e se perguntou se ele teria morrido de susto. O medo era, como ela mesma podia atestar, um inimigo terrível.

Finalmente, chegaram ao final da sequência de casas. Wulf parou para esquadrinhar com os olhos o perímetro externo do subúrbio – uma ampla faixa de campina que ela imaginou ser o local de um mercado da região. Mais à frente, estava a floresta.

– Meus homens estão nos esperando entre as árvores, com os cavalos, em algum lugar perto do rio – sussurrou Wulf para elas. – Procurem recuperar um pouco o fôlego e depois vamos dar uma corrida até lá.

Elgiva respirou fundo, mas o cheiro de fumaça era forte. Por Deus, como ela queria estar longe daquele lugar! Mas primeiro teriam de atravessar aquele largo espaço ao ar livre. Quanto tempo levaria para cobrir aquela distância correndo? Se os invasores os avistassem, logo estariam em seus calcanhares como cães atrás de uma raposa. Wulf só conseguiria resistir a eles por pouco tempo.

Os ouvidos de Elgiva latejavam com a força de seus batimentos cardíacos. A fumaça os rodeava completamente agora, vindo das construções que haviam sido incendiadas atrás deles. Groa encostou-se na parede de madeira de uma casa, ofegando e tossindo. Um grito vindo de algum lugar ali perto revelava que os invasores estavam se aproximando. Elgiva sentiu uma onda de pânico. Não havia nada de valor naquele povoado, nada para distrair ou retardar aqueles homens. E se a encontrassem e a capturassem? Como iria se salvar?

Ela poderia negociar as joias. Não, eles simplesmente lhe tomariam as joias e a matariam, ou fariam coisa pior. Poderia oferecer-lhes informações, então. Poderia mostrar-lhes a entrada escondida para a fortaleza. Isso sem

dúvida valeria a sua vida. E lhes prometeria prata. Seu pai pagaria por seu retorno em segurança mais do que poderiam obter se a vendessem como escrava.

Wulf agarrou sua mão.

– Agora! – cochichou ele, acenando para Groa por cima da cabeça.

Então puxou Elgiva junto consigo quando disparou para o espaço aberto.

Elgiva corria o mais rápido que podia, mas as saias volumosas a atrapalhavam, porque Wulf segurava uma de suas mãos e com a outra ela agarrava o porta-joias. Desesperada, desvencilhou-se do irmão para desenrolar o vestido das pernas, e então conseguiu correr mais rápido. Mantinha os olhos fixos nas árvores que margeavam a campina, em vez de no chão à sua frente, e por isso perdeu o equilíbrio, esborrachando-se em seguida nos tufos de capim. O pequeno porta-joias voou de sua mão e se abriu, espalhando adornos de cores vivas por todos os lados. Elgiva se pôs de joelhos e começou a recolhê-los, e foi então que percebeu que Groa tinha ficado muito distante dela. Ao olhar para trás, viu que a velha havia parado com as mãos sobre o peito, lutando para respirar.

Alguém teria de ajudar Groa ou ela nunca iria atravessar o campo antes que os dinamarqueses a vissem. Elgiva olhou para as joias em suas mãos; para Wulf, que, sem saber que ela tinha caído, continuava correndo; para Groa, tão longe dela, e para a casa à beira do campo cujo telhado de palha as chamas começavam a lamber.

Não podia voltar atrás – seria arriscado demais. Groa não iria querer isso. A velha ama lhe diria para correr, para se salvar.

Ela se levantou, apertou as joias e a barra do vestido contra os seios e saiu em disparada atrás de Wulf.

Quando chegou ao abrigo da floresta, o irmão estava ofegante, balançando a cabeça enquanto olhava para além dela.

– Pobre velha – murmurou. – Agora está perdida.

Elgiva se virou.

Groa caíra de joelhos e, enquanto a jovem observava, dois homens apareceram de trás da casa mais próxima. Foram em direção à velha, mas Groa não os viu, porque seus olhos estavam fixos nas árvores onde Elgiva e Wulf se escondiam. Os homens eram enormes, altos e de ombros largos,

vestindo túnicas de malha de ferro, as cabeças protegidas por capacetes de couro. Cada um trazia na mão um grande machado de cabo longo.

Quando se aproximaram da ama de Elgiva, um deles deu-lhe um empurrão brutal, de modo que ela caiu para a frente, sobre as mãos. Ele levantou seu vestido e se jogou sobre ela como um animal, empurrando e arfando. Quando terminou, saiu para um lado e assistiu enquanto o outro tinha a sua vez.

Durou apenas alguns instantes. Elgiva disse a si mesma que agora iriam deixar a velha em paz. Por que não o fariam? Ela era inofensiva, portanto não valia a pena o esforço necessário para matá-la. No entanto, depois que o segundo homem a largou, o primeiro levantou o machado. No último instante antes do golpe, Elgiva viu a cabeça do machado reluzir, brilhando como uma joia ao sol.

Devonshire

Os captores de Emma seguiam para sudeste, cavalgando sem pressa. Swein ia à direita de Emma, as rédeas da égua dela firmemente enroladas em torno do arção da sua sela. O filho – Emma ouvira Swein chamá-lo de Cnut – acompanhava-a à esquerda, e o terceiro homem, Halfdan, fechava a retaguarda. Já viajavam havia algum tempo quando ela viu, no céu distante a oeste, uma nuvem sinistra de fumaça. Lentamente, a mancha negra cresceu e se espalhou até tapar o sol, e Emma pensou que as muralhas de Exeter deviam ter cedido.

Os homens de Swein teriam encontrado *la posterle* e aberto os portões da cidade, e a carnificina que ela testemunhara naquela tarde, na estradinha entre as colinas, estaria agora se repetindo nas ruas de Exeter. Essa certeza amarga acendeu em seu coração um ódio profundo pelo rei dinamarquês, uma ira muda alimentada por sua incapacidade de fazer qualquer coisa a respeito.

Continuou buscando uma oportunidade para escapar, mas, à medida que o tempo passava, seu desespero crescia. Precisaria de um milagre para poder fugir. Seus captores a vigiavam atentamente, e o jovem Cnut parecia nunca tirar os olhos dela.

Emma não saberia dizer quantos quilômetros haviam percorrido, mas, conforme o céu escurecia, aproximavam-se cada vez mais da costa. No cume de uma colina baixa, Swein interrompeu a marcha e todos pararam enquanto ele examinava o horizonte. Ela acompanhou seu olhar e viu que a estrada à frente deles seguia quase em linha reta para o sul, onde uma aglomeração de nuvens assinalava o litoral, deduziu ela, do mar Estreito. A segunda trilha, mais estreita, descia para a esquerda, passava por uma pequena aldeia e, em seguida, por um campo cheio de ovelhas, até desaparecer em uma densa floresta de pinheiros.

Ela procurou, ansiosa, alguém que pudesse ajudá-la, mas era como se a terra tivesse sido varrida de tudo o que era humano. Imaginou que, ao verem os faróis de alerta acesos, as pessoas tinham recolhido os objetos de valor que podiam carregar e sumido terra adentro como coelhos em uma tempestade. Deviam estar escondidas agora, esperando o pior passar. Os pertences deixados para trás seriam de quem quisesse levá-los.

Swein gesticulou em direção à aldeia abaixo do morro.

– É provável que haja comida ali na aldeia – disse a seus companheiros.
– Talvez tenhamos uma longa noite pela frente, então vão ver o que conseguem encontrar. Sejam rápidos. Nesse meio-tempo, seguirei adiante com a senhora.

Enquanto o menino e o guarda cavalgavam em direção ao povoado, Swein conduziu sua montaria pela trilha que ia para o sul, puxando Ange atrás dele. Emma percebeu que aquela poderia ser sua melhor oportunidade de fugir. Avaliou o corpo forte e robusto de Swein. Era um sujeito intimidador, sem dúvida, mas considerou que a destreza e a velocidade de Ange estariam a seu favor se pudesse ao menos se soltar dele.

Ainda assim, hesitou. Se a tentativa falhasse, nunca teria outra chance. Não tirou os olhos do homem, enquanto a bainha da faca escondida em sua bota parecia queimar-lhe a pele como ferro em brasa. Não se atreveria a atacá-lo diretamente, pois ele – maior, mais forte e mais bem armado – a dominaria em um segundo.

Não, refletiu, calculando cada etapa, ela teria de contar com o gume afiado de sua faca, com sua própria força e rapidez, e com o elemento surpresa. Swein não esperava que Emma fosse tentar fugir, pois na verdade ela não tinha para onde ir. Só podia confiar que sua égua corresse mais do

que o cavalo dele, para conseguir despistá-lo na floresta. Enfrentar a mata seria melhor do que aquilo que a esperava no final daquela estrada.

Sua boca ficou seca enquanto ela descia a mão trêmula bem devagar pelo lado da perna, até alcançar o cabo da faca. Então, puxou a arma com um movimento rápido, ágil, e cortou a corda esticada. Swein, gritando, avançou para ela, mas Emma girou sua montaria para a esquerda e conseguiu aumentar a distância entre eles. Em seguida, esporeou Ange até que ela começasse a galopar e conduziu a égua para a estrada a leste. O animal normando, perseguido pelo cavalo mais lento de Swein, corria como se o próprio Diabo viesse em seu encalço.

Capítulo Vinte e Seis

Agosto de 1003

Bishop's Waltham, Hampshire

—**A**inda que não tenha pedido, meu senhor, gostaria de aconselhá-lo a respeito de seu filho mais velho.

Æthelred não gostou muito do tom de desaprovação do bispo Æl eah e remexeu-se em sua cadeira, incomodado.

Os dois homens estavam frente a frente no pavilhão de caça de Æl eah, a várias horas de distância de Winchester. O salão não era grande, mas o astuto bispo de Winchester se certificara de que os dois pudessem conversar em particular, longe dos nobres do séquito do rei e dos caçadores que estavam reunidos perto da lareira.

As distrações do dia haviam corrido bem, o banquete que se seguira fora mais do que satisfatório, e, apesar de saber que não haveria uma mulher esperando por ele em sua cama naquela noite, Æthelred tinha sido induzido a uma agradável languidez graças à hospitalidade do bispo. Deveria ter percebido, porém, que o religioso tinha outras intenções além de apenas conversar sobre a perseguição desenfreada da caçada do dia e sobre o veado que tinha sido por fim encurralado.

– Pensei que tivesse me convidado para vir caçar, não para me dar conselhos indesejados – murmurou o rei.

– Quando vejo a necessidade de aconselhamento, eu o ofereço – respondeu Æl eah –, desejado ou não.

Æthelred examinou o homem que vinha lhe dando opiniões, geralmente não solicitadas, por mais de metade da sua vida. O tempo fora generoso com Æl eah – ou melhor, Deus fora generoso com ele –, pois parecia muito

jovem para um homem de 50 anos que já ocupava a posição de bispo havia quase vinte. Sua cabeça tosquiada era encimada por cabelos castanhos grossos, e sua testa era lisa, sem vincos. Tinha o nariz aquilino e a boca emoldurada por uma barba curta e escura. Os olhos castanhos, perceptivos, revelavam uma mente sagaz e ágil. Estavam fixos em Æthelred agora, como se lhe vasculhassem a alma, e o rei desviou o olhar.

Aquele bispo vivia à luz da graça de Deus. Que direito tinha de julgar um homem que vivia à sombra do inferno?

– Então, quer me dizer como lidar com meu filho – murmurou Æthelred. – Com base em quê, bispo? Quantos filhos tem?

– Muitos, meu senhor, pois um bispo é pai de todos os homens sob seus cuidados. Até mesmo dos reis.

Æthelred apanhou a taça cheia de hidromel colocada a seu lado e tomou um longo gole. Aquele era o problema em relação à maioria dos bispos, e àquele em particular. Æl eah acreditava que sua posição permitia meter o nariz em preocupações reais que certamente não lhe competiam. No entanto, o bispo tinha o direito de dizer o que pensava em seu próprio salão, e até mesmo um rei, por cortesia, era obrigado a escutar.

– Prossiga – disse ele.

– Ouvi rumores de que Athelstan será punido por ter deixado a corte sem a sua permissão. Entendo que deva castigá-lo, mas peço-lhe, meu senhor, que seja leniente. A partida dele, creio, não foi sem provocação.

– Provocação? – Æthelred quase riu. – Porque me recusei a aprovar sua ideia insana de atravessar o mar Estreito e atacar uma frota dinamarquesa imaginária?

– Porque o tratou com desdém diante de toda a sua corte. Ele é o seu herdeiro, meu senhor, e se não se dirigir a ele com respeito, os nobres deste reino também não o farão. O senhor está solapando o futuro dele.

Æthelred bufou.

– Não é preciso se preocupar com o futuro dele. Neste exato momento, ele está assentando as suas bases. Seus padres espiões não lhe contaram o que ele vem fazendo no oeste?

– Eles me disseram que ele foi consertar as muralhas de Exeter, preparando as defesas da cidade contra...

– Contra o quê? Os dinamarqueses atacaram Exeter há dois anos e não conseguiram derrubar aquelas muralhas. Acha que iriam tentar de novo e

esperar um resultado diferente? Se atacarem mesmo, vai ser mais a leste, e as minhas forças estarão prontas para combatê-los. – Ele tomou outro gole e acenou para o bispo. – Ah, sim, Athelstan pode estar mesmo consertando os estragos do último ataque, mas eu lhe garanto que esse não é o seu objetivo principal. Ele está construindo alianças, atraindo os homens dos condados do oeste e assegurando-lhes que um dia vai ser um rei melhor do que eu. – Franziu a testa para Æl eah. – Os pecados dele, bispo, são o orgulho e a ambição. Ele acha que pode desafiar seu pai e seu rei e sair impune. Preste atenção no que lhe digo: se eu não o colocar continuamente em seu lugar, um dia o filhote de leão pode vir a me desafiar pela minha coroa.

O rosto de Æl eah transpareceu seu espanto, e Æthelred refletiu que aquela era a fraqueza do bispo: sua bondade o deixava cego para as más intenções dos outros.

– Acho que o julga mal, meu senhor – retrucou o homem. – Tenho conversado com frequência com ele...

Mas Æthelred tinha deixado de ouvir, a atenção voltada para um mensageiro real que havia entrado no salão e fora se ajoelhar diante dele.

– O que foi?

– Estou vindo de Winchester, meu senhor. Recebemos através de uma ave do solar real em Norton a notícia de que uma frota viking desembarcou em Exeter.

Ele olhou boquiaberto para o mensageiro. Não era possível. Tinha certeza de que, de todas as cidades costeiras da Inglaterra, Exeter estaria a salvo de um ataque viking. A própria Emma escrevera ao irmão contando que viajaria para suas terras de dote. O duque normando sem dúvida teria prevenido seus aliados dinamarqueses saqueadores para que poupassem o porto de sua irmã.

– Em Exeter? – perguntou, incrédulo. – Chegou alguma mensagem do capataz da rainha na cidade?

– Não, meu senhor, não até o momento em que saí de Winchester.

Æthelred o dispensou, totalmente consciente do olhar duro do bispo pousado nele.

– Acha que é Swein? – perguntou o bispo.

Swein, o rei dinamarquês que tinha a morte de uma irmã para vingar. O próprio nome pairava no ar como uma maldição. Mas ele não queria acreditar.

– Qualquer lorde dinamarquês com condições de equipar um navio pode se unir a um punhado de outros e agir como um viking. É provável que se trate de meia dúzia de embarcações cheias de homens loucos por qualquer pilhagem que puderem conseguir. Vamos torcer para que meu ambicioso filho tenha terminado a tarefa que tomou para si e que os marinheiros dinamarqueses apodreçam em cima das muralhas da cidade. Em todo o caso – acrescentou, em seguida levantando-se e chamando um criado com um aceno –, irei me retirar para meus aposentos, pois terei que voltar para Winchester ao amanhecer.

Æl eah também se levantou, e agora sua testa lisa estava franzida de preocupação.

– Mas, se for Swein... – começou ele.

– Se for Swein, ele será impiedoso. Vai nos fazer sangrar: primeiro sangue, depois ouro.

E, se derrubar as muralhas de Exeter, Æthelred pensou sombriamente, vai encontrar lá dentro uma rainha inglesa.

– Inunde o Céu com orações, bispo – rosnou ele –, para que não seja Swein.

Capítulo Vinte e Sete

Devonshire

Emma seguia com o olhar fixo no trecho da estrada que saía da aldeia e passava pelo meio do campo, até desaparecer entre as árvores. Corria a toda a velocidade, o vento fustigando-lhe o rosto. As ovelhas se dispersavam para longe dela, balindo assustadas. Percebeu que Swein ia ficando para trás e sentiu uma onda de euforia. Sussurrou uma oração à Virgem e gritou palavras de estímulo para Ange.

O povoado estava à esquerda agora, e ela manteve a égua em uma diagonal que iria levá-la à estrada depois da última casa da aldeia. Só mais um pouco e teria conquistado a sua liberdade. Porém, quando se aproximava de seu objetivo, viu outro cavaleiro sair em disparada da vila e seguir ao longo da estrada para interceptá-la. O filho de Swein. Ao contrário do pai, ele montava bem, e parecia formar um só corpo com o animal.

Emma não diminuiu a velocidade, mas desviou para a direita, saindo do caminho de terra e seguindo em linha reta através do campo para o bosque. Se conseguisse se manter na dianteira dele, ainda poderia escapar, pois tinha a montaria mais rápida. As árvores apareceram diretamente em frente, e, quando ela fez sua égua diminuir o passo para entrar na floresta, o garoto fez seu cavalo sair da trilha para segui-la.

Então ela se viu no meio das árvores, abaixando a cabeça para não ser açoitada por galhos que poderiam cegá-la ou matá-la. Contava com Ange para se manter à frente de seu perseguidor, mas a égua chegou a uma borda do penhasco e parou, tremendo. Emma deixou escapar um grito de frustração. A água do rio formava um redemoinho bem abaixo dela, em um canal profundo. Ela não perdeu tempo avaliando a distância, e deslizou imediatamente da sela para o chão. Agarrando as rédeas, levou Ange para a

borda íngreme, mas de repente Cnut já estava ao seu lado, os dedos longos e finos apertando-lhe o pulso.

Usando toda a sua força, Emma conseguiu se desvencilhar e se virou para ele brandindo a faca.

– Você vai me deixar ir!

Ele parou, mais supreso pelo uso do dinamarquês, pensou Emma, do que com medo da arma na mão dela.

Talvez pressentisse que ela não tinha nem vontade nem o instinto necessário para dar um golpe mortal. Talvez ele fosse apenas imprudente. Por um instante, os dois ficaram se entreolhando, congelados no tempo como estátuas esculpidas em pedra. Então, quando ela se virou para saltar na água, ele agarrou seu braço e a arrastou para trás, fazendo-a perder o equilíbrio e cair contra ele. Pondo-se de pé outra vez, Emma se debateu e desferiu pontapés, tentando em vão escapar do aperto cruel. Devagar, ele soltou os dedos dela do punho da faca e atirou a arma longe.

Ainda assim, ela resistiu, mais frenética do que nunca, mas ele a arrastou da borda do penhasco, e, como ela continuava a se debater, Cnut segurou seus dois braços e a sacudiu violentamente.

– Chega! – gritou ele.

Sacudiu-a de novo e ela teve que parar de lutar, pois estava tonta e fraca de frustração e raiva. Fitou o rosto dele, os olhos escuros que a encaravam não com o desprezo que ela esperava, mas com compaixão.

– Perdeu a batalha, senhora – disse ele. – Não pode escapar. Foi uma tentativa corajosa, mas acabou.

Qualquer pensamento que Emma pudesse ter sobre outra tentativa de fuga evaporou com a chegada de Swein e Halfdan. O rei dinamarquês desmontou rápido e caminhou a passos largos para ela, com o semblante duro. Por instinto, Emma percebeu que ele iria esbofeteá-la, e não queria sentir o peso de sua raiva outra vez.

Quando ele levantou a mão para dar o golpe, ela o amaldiçoou em dinamarquês e continuou com uma ameaça:

– Se me bater, na próxima vez em que eu puser a mão em uma faca, vou cortar-lhe a garganta.

Swein se deteve, olhou-a com espanto, baixou a mão e sorriu para o filho.

– Por todos os deuses! Falou como uma meretriz dos bordéis de Hedeby!

Seu sorriso desapareceu quando ele se voltou para Emma.

– Que idiota fui eu em esquecer a sua linhagem, minha senhora. Será um prazer conter minha mão, e também me certificar de que nada mais afiado do que a sua língua esteja a seu alcance. Me permite ajudá-la a montar? – disse ele, curvando-se para ela, zombeteiro.

Ela não queria que ele a tocasse, mas, tendo conseguido evitar o tapa, decidiu fazer uma concessão. Falou baixinho com Ange, pois a égua ainda tremia pelo esforço da inútil tentativa de fuga. Depois disso, a viagem continuou como antes, a não ser pelo fato de Emma estar agora entregue a uma melancólica desesperança.

Atravessaram o Otter por um vau acima de outra aldeia deserta, depois pegaram uma trilha que seguia pela margem oriental do rio. O terreno se inclinou aos poucos, e logo estavam andando pela crista de um morro. Emma olhou para o sul e viu que o cume se curvava para oeste. Lá embaixo, a foz do Otter brilhava aos últimos instantes de claridade do dia, mas os sentidos dela não registraram a beleza do que via. Estava insensível a tudo, exceto à consciência de que a sua vida como ela a conhecia estava acabada.

Tinham chegado ao mar. Ela ouvia as ondas quebrando na praia e sentia o cheiro da maresia. Em algum lugar nas proximidades, sabia, haveria salinas e pequenas cabanas onde a água salgada seria fervida para extrair os grãos preciosos. Havia numerosos tonéis cheios daquele sal guardados no depósito subterrâneo da fortaleza de Exeter. Ou talvez, refletiu, já tivessem sido transportados para os navios de Forkbeard. De qualquer modo, os salineiros deviam ter fugido para se esconder ao primeiro sinal dos faróis de alerta. Não haveria ninguém na praia agora para sair em auxílio de uma rainha aprisionada.

O céu, agora escuro, estava quase todo limpo, a não ser por algumas nuvens ameaçadoras ao largo. A lua crescente brilhava no alto, e era tarde, ela sabia. Havia chegado ao fim do dia, ao fim da terra e ao fim da jornada. Não se sentia nem um pouco grata. Na verdade, o que desejava mesmo era simplesmente continuar a cavalgar até que ela e Ange desmaiassem de cansaço. Em vez disso, agora seria obrigada a desmontar e esperar o que quer que seus captores tivessem planejado para ela.

Ao chegarem mais perto do mar, ela correu os olhos pelas águas procurando um navio, mas nada viu. Talvez a Virgem tivesse atendido às suas orações e a embarcação não estivesse lá.

O guarda já tinha desmontado e dirigiu-se para um amontoado de lenha e gravetos coberto por uma lona, pronto para ser aceso. Usando uma pedra-de-fogo e uma peça de metal, o homem logo produziu uma faísca e as chamas cresceram na noite.

– Leve a senhora para a praia – ordenou Swein ao filho. – Se ela ficar perto dos cavalos, pode cismar de querer fugir novamente.

O rapaz a conduziu por uma trilha íngreme e estreita que levava à praia. Ela deu uma olhada rápida para trás, para onde o guarda estava tirando todos os arreios dos cavalos. As peças seriam levadas com eles no navio. Anéis de freio de prata e peças de couro trabalhado seriam vendidos por um bom preço no mercado de Rouen. Sem dúvida, Swein lamentava não poder levar Ange também. A égua sacudiu a cabeça e relinchou para Emma, então o rapazinho a puxou pela mão, forçando-a a descer mais, e ela precisou olhar onde pisava para não cair.

Na praia, encolheu-se em um canto do penhasco para se proteger do vento cortante que varria a terra em direção ao mar. Mesmo assim, estava com frio, cansada e triste. Contemplou as ondas escuras com o semblante fechado e, depois de algum tempo, um único ponto de luz apareceu. A vaga esperança que acalentava – a de que o navio não chegaria para encontrá-los – tremulou e morreu.

Athelstan, liderando seus homens ao longo da margem oeste do rio Otter, viu sinais de fogo brilharem no promontório do outro lado do rio. Logo depois, avistou uma luz em resposta vinda do mar. Havia um navio a distância, seguindo lentamente em direção à praia.

Estavam no lugar certo, então. Em algum ponto do outro lado do estuário barrento, Emma era prisioneira de Swein. Ele não iria desistir dela sem lutar.

Ordenou que seus homens parassem.

– Lembrem-se: Forkbeard vale mais para nós vivo do que morto – disse a eles. – Ele e a rainha precisam estar vivos e ilesos. Há pelo menos dois homens com ele, talvez mais. Se quisermos sair daqui com as nossas peles intactas, é melhor sermos rápidos. Se ainda estivermos na praia quando o navio aportar, estaremos mortos. Todos entenderam? Quero Swein Forkbeard vivo.

Os três homens resmungaram sua concordância, relutantes. Haviam cavalgado por um longo tempo com o cheiro da fumaça de Exeter nas narinas, e Athelstan sabia que sua ordem de poupar o rei dinamarquês os irritava. Mas Swein poderia ser um importante prisioneiro de guerra. Sua vida poderia ser negociada em troca da paz para a Inglaterra pelas próximas décadas. Supondo-se, claro, que eles vencessem a batalha que tinham pela frente.

Ele agarrou seu escudo, desembainhou a espada e instigou seu cavalo, seguindo na diagonal pelo lamaçal exposto pela maré baixa. À sua frente, avistava a ampla margem do mar Estreito, em cujas pedras lisas e redondas o luar se refletia. Chegaram ao trecho coberto por seixos e o ruído dos cascos de seus cavalos deve ter alertado os dinamarqueses, pois, quando Athelstan se aproximou mais, viu dois homens na praia encarando-o com a espada em punho. Dois outros vultos seguiam cambaleantes ao longe, avançando devagar e de modo intermitente, porque um deles, certamente Emma, não parecia muito inclinado a andar.

Muito bem, pensou. Resista a cada passo.

Lançou um olhar rápido em direção ao mar e viu a luz sinalizadora do navio subindo e descendo conforme os remos da embarcação a impulsionavam contra a maré vazante. Trinta dinamarqueses desembarcariam e tomariam a praia assim que o navio entrasse em águas rasas mas, com a correnteza e o vento contra eles, avançavam muito devagar. Ainda havia tempo.

Concentrou-se nos dois homens armados, agora afastados um do outro por vários metros de distância, em posição de combate, seus mantos atirados para o lado. O mais próximo da água tinha a barba branca, era alto e impressionantemente vigoroso. Forkbeard. O outro, mais jovem e musculoso, de repente correu em direção a eles com um rugido, como se para interceptá-los antes que pudessem chegar a seu companheiro. Ergueu a espada com ambas as mãos e, quando um dos homens de Athelstan correu para enfrentá-lo, o dinamarquês desferiu um golpe destinado não ao cavaleiro, mas ao cavalo. O animal berrou de dor e caiu, prendendo o dono por baixo dele.

Athelstan contornou o homem e o cavalo derrubados sem olhá-los duas vezes, pois todos os seus sentidos estavam concentrados em Swein Forkbeard. Ele havia sonhado enfrentar aquele homem uma centena de

vezes, e não pensara em outra coisa durante meses. Seu maior desejo era vencer aquele pirata dinamarquês que se denominava rei, superando-o em astúcia, raciocínio e estratégia. Poderia não ter a habilidade para vencê-lo numa luta corpo a corpo, mas, se fosse capaz de contê-lo por algum tempo, ele e seus homens talvez acabassem conseguindo desarmá-lo. Athelstan era provavelmente um tolo prestes a perder a vida, mas tinha duas armas que Swein não tinha: seu escudo e sua raiva.

Viu a espada do rei dinamarquês brilhar ao luar e virou o cavalo para se esquivar do golpe. Antes que Swein tivesse tempo de levantar a espada outra vez, Athelstan saltou do cavalo bem em cima do inimigo, fazendo o escudo bater contra o braço que brandia a espada. Swein grunhiu e cambaleou para trás, mas não caiu. Athelstan afastou-se do oponente, os joelhos flexionados, espada e escudo prontos para receber o próximo golpe. Ele o repeliu com seu escudo e em seguida desferiu um golpe destinado mais a desarmar do que matar. Swein esquivou-se facilmente, e eles lutaram até que os braços de Athelstan se cansaram de aparar e desviar, girar e golpear, defendendo-se de um guerreiro hábil, um homem de armas com a intenção de matar.

Emma, desesperada para escapar da pressão brutal da mão de Cnut em seu pulso, atirou-se no chão de seixos e surpreendeu-se quando a tática funcionou. Livre por um momento, pôs-se de pé e voltou correndo para onde os homens estavam lutando na praia. Um cavaleiro tinha caído, mas os outros dois trocavam golpes com o dinamarquês imenso. O terceiro homem estava de costas para ela, movendo-se com agilidade e elegância, e pareceu-lhe que mais tentava se defender dos repetidos golpes de Swein do que propriamente lutar. Emma mal conseguira entender direito o que acontecia quando Cnut, praguejando, atacou-a por trás e ela caiu de cabeça. Agarrou uma das pedras lisas do tamanho de um punho e, quando o garoto a arrastou e a colocou de pé, ela bateu com a pedra na orelha dele e se desvencilhou de novo, seguindo aos tropeções em direção aos homens em luta.

Quase alcançou um dos cavalos quando Cnut a jogou no chão mais uma vez, com tanta força que ela ficou sem fôlego. Ele caiu em cima dela, mas num instante já tinha se levantado, puxando-lhe o braço violentamente e fazendo-a gritar de dor.

Então, um segundo grito ecoou na praia e tanto Emma quanto seu captor viraram para a direção de onde viera.

O rei dinamarquês estava de pé, desarmado, de costas para o penhasco. Dois homens usando túnicas de malha encontravam-se de frente para ele, a ponta das espadas contra sua garganta. Um terceiro homem saiu correndo na direção dela por cima dos seixos e ela viu que era Athelstan. Fora ele quem gritara, e agora estava apenas a alguns passos de distância, a espada apontada para Cnut. O rapaz fez um gesto para pegar a própria, mas Athelstan encostou a ponta da sua no peito dele e Cnut se imobilizou.

– Diga a ele que, se não soltar você, o rei vai morrer – falou Athelstan para Emma. – Mande-o fazer isso agora, ou Swein morre. Agora!

Emma traduziu as palavras, mas Cnut já não via Athelstan, porque estava com os olhos fixos no pai. Ela viu o desespero no rosto do menino, como se estivesse tentando descobrir o que Swein gostaria que fizesse.

– Agora! – gritou Athelstan, e Cnut, compreendendo, empurrou Emma para longe dele, em direção a seu salvador.

Ela se sentiu como uma peça de jogo, sendo empurrada de um lado para outro, só que aquele jogo era mortal. Dois homens estavam feridos e sangrando, caídos no chão, e Emma percebeu com súbito horror que outros estavam prestes a morrer, pois um coro de gritos vindo do navio atraiu todos os olhos para o mar.

Um grupo de homens determinados a alcançar a praia para defender seu líder tinha se atirado na água escura, revolta, e nadavam contra a correnteza. Suas armaduras e armas os puxavam para baixo, porém, e Emma viu vários deles desaparecerem sob as ondas. Ainda assim, outros surgiram à medida que o navio seguia implacavelmente para a praia.

Athelstan tinha encurralado Swein, mas seu tempo se esgotara.

No entanto, ele ignorou os dinamarqueses que se aproximavam, e ela percebeu, como ele já devia saber, que nenhum deles atacaria enquanto Swein estivesse desarmado com espadas apontando para sua garganta. Ao mesmo tempo que Athelstan desarmava Cnut e o levava para perto de Swein, ela corria para reunir os cavalos, o coração batendo forte. Agora Athelstan estava com a vida de todos eles nas mãos. O que iria fazer?

Havia meia dúzia de dinamarqueses na beira d'água. Eram bem treinados, pois, embora encharcados e castigados pelo mar, já haviam formado uma parede de escudos. Bastaria Swein acenar e eles atacariam.

Ela foi postar-se ao lado de Athelstan.

– E agora? – perguntou.

– Agora vou negociar nossas vidas – respondeu ele. – Traduza o que vou dizer para que todos ouçam.

Ela assentiu.

– Vou deixá-lo viver, Swein da Dinamarca – bradou Athelstan, e Emma traduziu –, mas em troca exijo que conceda à rainha sua liberdade. Vai nos permitir levá-la sem impedimentos de volta para Winchester. E vai jurar, por todos os deuses que respeita, que cumprirá sua palavra.

O dinamarquês inclinou a cabeça para um lado, fitando Emma fixamente. Ela olhou de Swein para Athelstan, que ainda segurava a espada contra o peito de Cnut. Emma sabia que deveria dizer a Athelstan que aquele era o filho de Swein, que o menino poderia ser o refém perfeito.

No entanto, não falou nada, e não saberia explicar por quê, a não ser pelo fato de que não tivera coragem de usar o garoto como ela mesma tinha sido usada.

Longos momentos se passaram e Swein continuou em silêncio. O coração de Emma batia a toda a velocidade. Swein poderia ordenar a seus homens que a levassem e matassem seus salvadores, mas isso iria lhe custar tanto a própria vida como a de seu filho. Ela não achava que fosse um preço que ele estivesse disposto a pagar, mas e se ele mentisse? E se promettesse deixá-los ir e em seguida lançasse seus homens contra eles?

Lembrou-se, então, das palavras de Ælfgar: *Swein combina coragem com honra*. Se isso fosse verdade, o rei dinamarquês seria fiel à sua palavra. De qualquer maneira, era um risco.

Finalmente, Swein bradou, de modo que todos os seus homens pudessem ouvir:

– Juro por Odin, Senhor do Valhalla, e por Christus, o Rei dos Céus, que ninguém vai fazer mal ao inglês nem à senhora! Eles podem ir para onde quiserem, e os meus marinheiros não vão segui-los nem os deter. Dou-lhes a minha palavra.

Emma acenou com a cabeça para Athelstan. Ele abaixou sua espada e saudou o rei. Em seguida, como se fossem companheiros de armas em vez de inimigos mortais, os dinamarqueses ajudaram os ingleses a colocar o corpo do companheiro morto em um cavalo.

Antes de seguirem para o norte, Emma se virou para trás e olhou para a praia. Cnut ficara ali, de costas para o mar, o rosto erguido para ela. Estava imóvel, apenas observando-a com seus olhos escuros e insondáveis.

– O que foi? – perguntou Athelstan, preocupado, sem dúvida pensando que os dinamarqueses pudessem ter feito algum gesto ameaçador.

– Nada – disse ela, ainda encarando o menino, desejando poder ler seus pensamentos. – Será que os dinamarqueses vão nos deixar em paz agora? O que acha?

– Se quer saber se Swein vai manter sua palavra e nos deixar voltar a Winchester sem sermos incomodados, sim. Agora, se quer saber se ele vai manter seus navios longe de nossas costas, não existe a menor possibilidade – respondeu Athelstan. – Não enquanto meu pai for rei.

Capítulo Vinte e Oito

Agosto de 1003

**Pavilhão de caça do *ætheling*, perto da foz do rio Otter,
Devonshire**

Athelstan pôs mais lenha na lareira para afastar o frio do amanhecer. Fora das paredes do pavilhão de caça – seu retiro secreto –, o dia raiava nos campos e na floresta próxima. Ele não podia vê-las, mas ouvia os ruídos matinais das aves e sentia a mudança sutil no ar que o nascer do sol acarretava. Logo os criados da cozinha, os pastores e os cavaleiros estariam começando suas atividades, mas ninguém iria incomodá-lo até que ele chamasse.

Na cama do outro lado do aposento, Emma dormia debaixo de uma pilha de peles. Ele ficara acordado durante toda a madrugada, sem conseguir dormir, a mente repassando os acontecimentos da longa noite e imaginando o temível acerto de contas que o dia seguinte provavelmente traria. Lamentou a morte de Eadsige, cujo corpo estava agora no priorado em Otterton. Ele havia doado uma quantia em prata aos irmãos de lá para que oferecessem orações pela alma dele, para enterrarem-no em solo sagrado e esquecerem que um membro da nobreza e seus companheiros tinham estado ali. Depois, mandara Eadmer e *Ælfmær* a Norton, para informarem a Wymarc que Emma estava em segurança.

Agora, o que aconteceria? Com Swein e seu exército rondando os condados do oeste, o amanhecer não deveria trazer boas-novas. O rei dinamarquês tinha sido despojado de sua maior prisioneira de guerra, mas iria encontrar alguma outra forma de levar sua vingança a cabo e encher seus navios de prata. Athelstan receava que Exeter fosse apenas o começo.

Os espiões de Swein provavelmente teriam lhe informado que os exércitos do rei eram mal preparados para conter qualquer ataque seu, e ficaria provado que estavam certos.

Athelstan descansou a cabeça na parede atrás de si e encarou, sem ver, as vigas de madeira do teto delineadas pela luz da lareira. Se tivesse levado mais homens com ele na véspera, teria conseguido capturar Swein? Achava que não. Não tinha sido a falta de homens, mas a falta de sincronia, o que frustrara sua tentativa. Chegara tarde demais à praia. Só teria prendido Swein se Deus houvesse ordenado, e Deus tinha resolvido que não. Talvez os bispos tivessem razão e o povo da Inglaterra estivesse sendo castigado por seus pecados.

Mesmo assim, desconfiava que mãos inglesas tinham ajudado Swein. Como ele sabia que Emma saíra a cavalo com apenas uma pequena escolta? Como sabia onde encontrá-la? Alguém a serviço da rainha devia ter fornecido informações para o dinamarquês e seus homens, e, como já tinham feito isso uma vez, poderiam fazer de novo.

Na cama, Emma se mexeu, e ele lançou um olhar para ela, em parte torcendo para não a ter perturbado e em parte querendo que acordasse para que pudesse compartilhar seus pensamentos com ela. Tinham conversado muito rapidamente na noite anterior. Ele a levara até ali por ser o local mais distante possível de Exeter e do litoral aonde poderiam chegar em poucas horas. No caminho, Emma tinha lhe perguntado sobre as pessoas que estavam com ela, e ele lhe garantira que Wymarc estava a salvo na fortaleza dele. Margot provavelmente teria se refugiado com os irmãos na Abadia de Magdalene. Não tinha outras informações para compartilhar, pois não sabia ao certo o que tinha acontecido em Exeter, embora temesse o pior. Depois disso, ela permanecera em silêncio durante toda a viagem.

Ao chegar ali, no entanto, a força que a sustentara no decorrer de sua longa provação finalmente se esgotou. Emma chorou, inconsolável, culpando-se por tudo: pela morte dos guardas que haviam tentado defendê-la, pelos homens, mulheres e crianças que tinha quase certeza de que haviam morrido em Exeter, pelo seu passeio imprudente fora da fortaleza com uma escolta pequena demais para protegê-la de modo apropriado.

Ele quis reconfortá-la e tentara tomá-la nos braços, mas ela o repelira como uma gata selvagem. Só lhe restara, portanto, esperar a tempestade passar, observando em silêncio a autorrecriação e o desespero dela.

Finalmente, a fúria passara, ela sucumbira ao cansaço e caíra em um sono profundo.

Athelstan curvou-se para a frente e apoiou a cabeça nas mãos. A culpa de tudo aquilo não era da rainha de Æthelred, mas de Swein da Dinamarca. E, junto com Swein, de Æthelred da Inglaterra pela chacina que tinha levado o exército dinamarquês às costas inglesas. O irmão de Emma, Richard, também tinha desempenhado o seu papel, com a astuciosa negligência de suas responsabilidades assumidas nos tratados e de uma viagem muito bem calculada para suas fronteiras do sul, deixando seus portos do norte à disposição da frota dinamarquesa. Em comparação com as ações de homens tão poderosos, a parcela de culpa que cabia a Emma naquela desgraça era muito pequena.

Quando Emma abriu os olhos, ouviu o canto dos pássaros e piscou. O pesadelo de Swein e de Exeter, de sangue e de terror, havia sido muito real, e, no entanto, lá estava ela, na Inglaterra, a salvo em uma cama quentinha, dentro de um cômodo com o cheiro familiar de lenha queimando.

Procurou Athelstan e viu-o ali perto, a cabeça entre as mãos, como se estivesse rezando. Lembrou-se da noite anterior, quando ele havia tentado consolá-la e ela se enfurecera com ele. Seu ataque de fúria teria sido aceitável em um homem. Homens podiam desabafar sua raiva através da força bruta, atirando coisas longe, lutando e até mesmo matando o inimigo em combate. Uma dama, porém, sobretudo uma rainha, deveria ser sempre serena. Uma rainha devia canalizar sua culpa para as orações e concentrar sua raiva na agulha de bordado. Na noite anterior, ela não tinha feito nada disso.

Como é que aquele homem que ela amava a olharia agora, depois de ouvi-la vociferar contra ele como uma louca? Mas, muito pior que isso: será que ele, ou quem quer que fosse, algum dia a perdoaria pela devastação perpetrada em Exeter por sua causa? Sentiu as lágrimas subirem-lhe outra vez aos olhos ao pensar nisso, mas rapidamente as enxugou. Hoje, ela se controlaria. Hoje, seria rainha de novo.

– Meu senhor – disse, sentando-se.

Ele levantou a cabeça e foi ajoelhar-se ao lado dela.

– Como está se sentindo a rainha? – murmurou, estendendo a mão para segurar a dela.

A palma dele estava áspera mas calorosa quando Athelstan levou os dedos de Emma aos lábios e os beijou. Foi um toque bem leve, apenas um roçar dos lábios úmidos sobre a pele sensível, mas que deixou claro que, independentemente do que Emma tivesse de enfrentar em outro lugar, ali haveria perdão.

– Sou eu mesma de novo – respondeu ela. – Mas por Deus! Daria tudo para voltar no tempo e reviver o dia de ontem. Faria tudo de forma diferente.

Ele sentou-se na cama e apertou a mão dela.

– Mesmo que isso fosse possível – falou, fitando-a com o olhar firme –, não existe nenhuma garantia de que o resultado seria melhor. Talvez fosse pior. Swein Forkbeard é um inimigo astuto. O que aconteceu ontem provavelmente foi apenas um dos muitos planos que ele concebeu para o ataque a Exeter e o rapto de uma rainha. Ninguém pode saber ao certo o que teria acontecido se você, eu, Hugh ou alguém próximo agisse de outra forma. Agradeça, como eu, por estar aqui em segurança, e não nas entranhas de um dos navios de Swein.

Ela o olhou com uma espécie de fascinação. O fato de ele se recusar a atribuir qualquer centelha de culpa a ela lhe parecia nada menos que um milagre. No entanto, ao mesmo tempo que se maravilhava com aquelas palavras generosas, lembrava o perigo a que ele próprio se expusera na noite anterior. Swein mal sabia que não tivera apenas a rainha de Æthelred nas mãos, mas também o *ætheling* mais velho.

– Meu senhor, sou-lhe grata pela minha vida, e grata a Deus por Ele tê-lo guiado e mantido em Sua mão. E, sim, tem razão quando diz que o resultado poderia ter sido muito pior. Se o senhor tivesse sido capturado, ou ferido, ou morto...

Ele a fez se calar colocando as pontas dos dedos sobre seus lábios.

– Sejamos gratos pelo que aconteceu, minha senhora, e não desperdicemos nossa energia pensando nos males que não se tornaram realidade.

Ela balançou a cabeça em uma negativa.

– Isso é mais fácil quando não se tem nenhum arrependimento.

– Arrependimentos são inúteis, Emma. Eles nos forçam a olhar sempre para o passado. É melhor focar no futuro, para mudar o que está errado, em vez de lamentar a forma como as coisas acabaram degringolando.

Ela pensou no que ele tinha dito enquanto estudava seu rosto – as maçãs salientes, o queixo forte, quadrado, com a barba loura cerrada; os olhos azuis, que agora a encaravam sem piscar. Eram traços de um jovem, mas a inteligência por trás daquele olhar firme era afiada como uma lâmina.

– Você já olhou para o futuro – disse Emma. – Parece que nos últimos meses lhe foi dado algum dom especial de profecia. Sabia o que Swein faria e tomou precauções para impedi-lo. Se seu pai o tivesse escutado, se eu tivesse... – Ela fez uma pausa. – Ah, já estou olhando para trás novamente. Acho que é porque não quero olhar para o meu futuro.

Só via dor e tristeza em seu futuro, unida a um homem a quem não podia amar, no qual não podia nem mesmo confiar.

– O que tem a temer do futuro, minha senhora? – perguntou ele, a voz já não suave, mas cortante. – Sua posição como rainha de Æthelred é segura. Vai voltar para a corte e para a cama dele, e vai ter os filhos dele, como é o dever de uma rainha.

Ela notou a amargura nas palavras dele, e isso partiu seu coração. Aquele homem que nada lhe devia tinha arriscado tudo – sua vida, sua honra – por causa dela. Como deixar isso sem resposta? Será que não podia, por ele, correr o risco de falar a verdade só uma vez?

Athelstan se levantou e teria saído se ela não houvesse segurado sua mão e descido da cama para ficar de pé diante dele.

– Acredita mesmo que esse é o futuro que eu gostaria de ter? – perguntou. – Acha que eu não teria desistido da coroa se pudesse possuir honradamente o que vale mais para mim do que qualquer coisa? – Sentiu as lágrimas brotarem, mas agora já não tinha importância. Não estava falando como rainha, mas como mulher. – Acha que não acordo no meio da noite ardendo de desejo pelo que sempre me vai ser negado, e que não amaldiçoo todos os dias o *wyrd* que me ligou ao pai e não ao filho?

Ela dissera aquilo em voz alta, afinal, havia falado o indizível. Mas não retiraria suas palavras, não voltaria atrás, não importava a que custo. Athelstan hesitou por um momento, como se esperasse que ela desmentisse tudo. Quando Emma apenas olhou para ele através das lágrimas, ele a puxou impetuosamente para si. E ela foi, inconsciente do passado e do futuro, ignorando o certo e o errado. Entregou-se, como nunca antes, ao instinto e aos apetites, às ardentes exigências da paixão.

Capítulo Vinte e Nove

Exmoor, Somerset

Elgiva inclinou a cabeça para trás de modo que seu cabelo escuro flutuasse atrás dela. Estava nua, imersa até o queixo nas águas geladas de uma lagoa, e era uma sensação maravilhosa depois do calor sufocante do dia e da cavalgada por lugares imundos. Era maravilhoso simplesmente estar viva.

Olhou para o irmão, sentado à beira da água, encostado numa pedra. Ele fitava as árvores, sem dar atenção a ela. Wulf estava de mau humor. Não queria que ela entrasse na água, mas Elgiva insistira, e agora ele a punia com seu silêncio emburrado. Era obrigado a servi-la agora que Groa se fora, e se ressentia disso. Bem, ela também não gostava, e, assim como ele, também estava de mau humor.

Afinal, estava de luto. Groa tinha sido sua ama, sua confidente e sua escrava voluntária, e ela a perdera. Não tinha sido culpa sua, claro. Não poderia tê-la salvado, mesmo que tentasse. Só teria se exposto ao perigo, o que a velha ama não iria querer. Não prometera matar Elgiva com as próprias mãos para não vê-la ser atacada por um dinamarquês qualquer? Groa teria insistido para que ela corresse.

No entanto, já sentia falta da mulher. Era uma crueldade Wulf ser tão frio com ela quando estava tão consternada.

Eles tinham cavalgado quase a noite inteira, até que Wulf enfim decidira – após alguns cálculos mentais possibilitados por um dom concedido por Deus somente aos homens – que era seguro pararem para acampar. Seus homens estavam tomando conta dos cavalos enquanto ele tomava conta dela.

– Por que você não entra na água? – chamou Elgiva, na esperança de convencê-lo a fazer algo que melhorasse seu humor. – Deve estar com tanto calor e tão sujo quanto eu, e com certeza estamos bem longe de Exeter para temer os dinamarqueses. Eles devem estar em algum outro condado agora. Mesmo que os invasores viessem do norte por essa mesma estrada, não poderiam viajar na mesma velocidade que nós.

– O *hird* dinamarquês tem batedores, Elgiva, que podem cobrir distâncias ainda mais rápido do que nós. E esta não é uma viagem a passeio – disse ele com uma carranca.

– Eu nunca disse que era – retrucou ela com rispidez, irritada com a crítica implícita. – Mas não posso contar com outra oportunidade de me banhar até chegarmos a Winchester. E como já comi pouco, quase não dormi e meus companheiros de viagem são um grupo de homens sujos e um irmão ranzinza, vou desfrutar de meus confortos onde os encontrar. – O azedume dele a entediava. – Passe-me o meu manto – pediu, indo para a margem.

Ele jogou o manto dobrado para ela. Após enrolá-lo em torno dos ombros, ela se sentou ao lado dele.

– Quantos dias faltam para chegarmos a Winchester? – perguntou.

– Não estamos indo para Winchester – disse Wulf.

Elgiva lançou-lhe um olhar penetrante. Ele dissera que Æl elm estava em Winchester, e ela naturalmente supôs que iriam ao encontro dele lá. O rei e os filhos estariam no palácio, e ela tinha assuntos a resolver com o *ætheling* Ecbert, embora ele ainda não soubesse.

– É claro que estamos – falou. – Para onde mais poderíamos ir?

– Recebi ordens de acompanhá-la até Aldeborne, em Northampton, onde estará segura e bem protegida.

– Não quero ir para lá – resmungou Elgiva. – Sem dúvida eu estaria igualmente segura na cidade real.

– Se os dinamarqueses atacarem Winchester, você vai ter de fugir de novo. Aldeborne é mais seguro.

Ela o encarou, estupefata.

– Decerto não vão tentar saquear Winchester. É bem protegida demais.

– Exeter era bem protegida – rebateu ele.

Ela fungou.

– Ainda não sabemos o que aconteceu em Exeter. Os invasores podem ter sido rechaçados e obrigados a voltar para os seus navios.

Não lhe agradava se lembrar de Exeter. Gostaria de poder esquecer completamente o dia anterior – os gritos, o horror daquela descida desesperada no escuro, sua última visão de Groa. Encolheu-se, como se a dor que sentia fosse física. Detestava pensar em Groa.

– Os dinamarqueses queimaram Exeter, Elgiva – respondeu Wulf em tom de escárnio. – Aquele brilho no céu ontem à noite foi o da pira funerária em que a cidade se transformou.

Ela analisou o rosto dele, de coloração e traços tão semelhantes aos do seu. No entanto, havia algo naquela fisionomia que ela nunca tinha visto. Wulf tinha envelhecido desde a primavera. Havia sombras ao redor dos olhos, tão escuras que parecia que ele tinha usado a caixa dela de tintas para os olhos.

– Você sabe de alguma coisa que não está me dizendo – afirmou ela. – O que o está incomodando?

Ele franziu a testa.

– Há um exército dinamarquês solto por aí. Será que não é o bastante?

– Wulf, por que não me confia os seus segredos? – insistiu ela, colocando a mão suavemente no joelho dele.

Ele olhou para a mão dela, depois para seu rosto, e levantou uma sobrancelha.

– Digo tudo a você, querida irmã, quando julgo que deve saber. No momento, não tenho nada na cabeça além de conjeturas, e sobre isso não vou falar com ninguém.

Escrupulosamente, ele tirou a mão de Elgiva de seu joelho e colocou-a no colo dela.

Ela via que ele estava determinado a não ceder, mas não iria desistir ainda. Com naturalidade, baixou a mão que segurava o manto, revelando o botão de rosa de um seio redondo. Os olhos dele seguiram seu movimento e ela arqueou as costas um pouco, em um convite mudo. Era uma brincadeira que se repetira muitas vezes quando eram crianças, em que Elgiva ganhava doces e presentes de seu grato irmão mais velho, até o dia em que Groa os pegou e deu uma boa surra em Wulf. Depois de crescidos, ela nunca tivera coragem de provocá-lo tão descaradamente. Mas naquele momento estava ansiosa para saber o que ele escondia.

– Não há risco nenhum em me contar – disse ela –, e você sabe que eu não lhe negaria nada que me pedisse.

Wulf desviou o olhar do seio para o rosto dela e curvou os lábios em um sorriso frio. Devagar, ele estendeu a mão, puxando-a para perto dele, depois beliscou seu mamilo com tanta força que ela gritou, o manto caindo de seus ombros enquanto ela lutava em vão para se soltar.

– Não estou com disposição para suas brincadeiras infantis, Elgiva – disse ele entre os dentes. – Há muita coisa em risco aqui, e você, minha meretrizinha, deve levar a vida mais a sério. Quando eu quiser algo de você, vou tomar, quer você esteja disposta a me dar ou não.

Ele largou o seio e agarrou a cabeça dela com as duas mãos, então a beijou rudemente, a língua invadindo-lhe a boca apesar dos esforços de Elgiva para empurrá-lo.

Quando enfim a soltou, ela balbuciou:

– Seu canalha.

– Guarde suas carícias para o rei, querida – disse Wulf, levantando-se. – Assunto encerrado aqui. Vista suas roupas e volte para o acampamento. Ou eu a excitei? Devo mandar um dos meus homens vir terminar o trabalho? Talvez você prefira mais de um. Estou certo de que todos eles se ofereceriam.

Ela cuspiu na direção dele, e Wulf deu uma risada áspera antes de desaparecer entre as árvores. Elgiva se vestiu, depois se sentou sobre a pedra quente para pensar, esfregando o seio dolorido com a ponta dos dedos. Deveria ter esperado aquele tipo de reação de Wulf. Havia um traço de crueldade nele. Ela presenciara manifestações daquele tipo muitas vezes, mas raramente se voltavam contra ela, e quando isso acontecia, Groa sempre estivera lá para protegê-la. Ela contava com essa proteção sem pensar, mas sua ama agora estava morta, e Wulf se transformara numa pessoa que ela mal reconhecia. Teria de lidar com ele com mais cautela.

Olhando com ar taciturno para a água, tentou adivinhar o que poderia estar atormentando o irmão. Em que seu pai estaria envolvido que não compartilhava nem mesmo com os filhos? Enquanto refletia sobre isso, notou um movimento debaixo das árvores do outro lado da lagoa, e, lembrando as palavras de Wulf sobre os batedores dinamarqueses, ficou tensa, pronta para se levantar e correr. Mas não era nenhum dinamarquês perambulando entre as árvores. Um cervo de pelagem branca como a neve veio andando com delicadeza em direção à luz do sol e inclinou a cabeça

coroadas de chifres para beber água. Outros três cervos, todos de coloração normal, seguiram o primeiro até a beira da água. Junto com os tons castanho-avermelhados e marrons dos outros, o animal de pelo alvo parecia fantasmagórico, sobrenatural. Ela não tinha certeza nem de que fosse real.

Elgiva prendeu a respiração. Groa tinha lhe dito que tais criaturas existiam, mas nunca havia pensado que veria uma. *O cervo branco*, a ama dissera, *era um presságio, um sinal de que o mundo estava prestes a mudar – uma visão concedida a muito poucos.*

Elgiva sentiu um arrepio correr-lhe pela espinha. Aquela era, sem dúvida, uma mensagem que ela deveria tentar interpretar. O mundo como o conhecia estava prestes a sofrer alguma forte transformação que iria mudar sua vida. Seria para melhor, ou para pior? Seria aquilo uma promessa ou um aviso?

Fechou os olhos, mas a imagem gravada em sua mente era o lampejo de um machado e o jato de sangue quando a arma atingiu o alvo. Obrigou-se a abrir os olhos.

A clareira do outro lado da lagoa estava vazia.

Capítulo Trinta

Agosto de 1003

**Pavilhão de caça do *ætheling*, perto da foz do rio Otter,
Devonshire**

— Não podemos ficar aqui.

Emma ouviu as palavras sussurradas com doçura em seu ouvido, reconheceu que estavam certas e depois as ignorou. Virou-se de frente para Athelstan e aninhou o rosto contra o dele enquanto as pernas dos dois se entrelaçavam maliciosamente sob os lençóis.

– Não podemos ficar só esta noite? – implorou.

Eles haviam feito amor por horas seguidas, como se o próprio tempo não existisse. Emma queria mais. Ninguém sabia onde ela estava, nem mesmo se continuava viva. Se ficasse ali por mais algumas horas, com certeza não teria de dar satisfações a ninguém exceto a si mesma.

Entretanto, junto com esses pensamentos vinha a consciência de que já tinha se passado muito tempo e que havia outras pessoas a quem devia satisfações.

Athelstan tirou delicadamente uma mecha de cabelo do rosto dela e a beijou. Os dois se abraçaram por um breve instante e, em seguida, ele se afastou e se sentou.

– Precisamos de homens, de armas e de um refúgio fortificado – disse. – Iremos para Somerset, creio, para Watchet.

Franziu a testa, e ela percebeu que a mente dele estava longe.

– As fortificações de lá estão em bom estado de conservação – continuou ele. – Podemos reunir um contingente à medida que avançarmos.

Ela também se sentou e olhou para ele, confusa. Uma vaga apreensão começou a roer-lhe as entranhas.

– Um contingente? – indagou. – Está pensando em liderar um exército contra Swein? Mas ele não vai para o leste, ao longo da costa?

Ele riu – um gesto seco, sem humor.

– Não dou a mínima para o que Swein fizer agora. Ele pode queimar e pilhar à vontade. Que meu pai ordene a seus condes que lancem as forças que conseguirem reunir contra os dinamarqueses e os detenham, se puderem. – Ele estendeu a mão e correu o polegar pela face dela, encarando-a. – O exército que vou liderar terá um objetivo completamente diferente.

Emma pegou a mão dele e ficou segurando-a, cada vez mais assustada.

– Em que está pensando? – perguntou.

Ele roçou os lábios nos dela.

– Sou o *ætheling* mais velho, herdeiro do trono de um rei que é lamentavelmente incapaz de proteger esta terra. A própria rainha compartilha da minha cama, e pode até estar carregando meu filho. – Acariciou a carne macia da barriga de Emma, mas seu olhar estava em outro lugar, focado em algo que ela não conseguia ver. – Se eu desafiar meu pai pelo trono, os nobres do oeste irão me apoiar. Espero que outros os sigam.

Ela olhou para ele, paralisada pelos horrores que tal plano evocava em sua mente.

Também era culpada daquilo. Athelstan não estaria alimentando aquelas ambições monstruosas se não fosse pelo que acontecera ali entre eles, debaixo daqueles lençóis. Ela havia lhe dado seu corpo, seu amor, achando que seria um pecado que não afetaria mais ninguém a não ser a si mesma. Deveria ter previsto que não seria o suficiente para satisfazê-lo. Ele aspirava a um trono, e pensou que, com Emma ao seu lado, bastaria aparecer e tomá-lo.

Enquanto procurava palavras para expressar seu pavor, ele tomou-lhe a mão.

– Não tenha medo, Emma. Vou encontrar um refúgio onde você será guardada e protegida, um lugar onde nem Swein nem meu pai poderão tocar em você. Então, quando eu for rei em Winchester, você será minha rainha.

Ela recolheu a mão e envolveu o próprio corpo com os braços, não só para afastar o frio, mas por causa do horror que parecia congelá-la por

dentro.

– Você faria mesmo isso? – disse, imprimindo à voz uma calma que não sentia. – Desafiaria o seu pai, e os dois destruiriam por completo este reino? – Ele fez menção de falar, mas ela o cortou, as imagens horríveis do que poderia acontecer se sucedendo rápido em sua mente. – Não, você tem de me ouvir! Não vê como isso iria acabar, meu senhor? Mesmo que vença as batalhas que tem pela frente, o que virá depois? Irá sujar as mãos com o sangue de seu pai? Acha que o *witan* vai nomeá-lo rei se os bispos o condenarem como assassino?

Ele descartou a objeção dela com um gesto da mão.

– Eu não disse nada a respeito de assassinato! As coisas não vão chegar a esse ponto.

– É exatamente a esse ponto que vão chegar! Mesmo que o vença em mil batalhas, seu pai não vai descer do trono e curvar-se a você. Qual foi o rei de sua linhagem que algum dia fez isso? Vocês serão como os cervos da floresta, o jovem desafiando o velho pela supremacia numa luta de morte. E quem são esses *thegns* que você acha que irão apoiá-lo em sua pretensão à realeza? Os condes que devem todas as terras e poder a seu pai? Seus irmãos, que devem a própria vida a ele? Estão todos ligados ao rei por juramentos, Athelstan. Não a você! – Ela segurou o rosto dele com as duas mãos e olhou-o nos olhos. – Também estou ligada a ele por um juramento – disse ela com a voz pausada –, não a você.

Athelstan agarrou-lhe os dois pulsos e prendeu as mãos delas juntas, à frente.

– Você já quebrou um desses juramentos hoje, minha rainha – disse ele friamente.

Emma viu raiva, desespero e paixão no rosto dele, e percebeu a loucura que tinha feito ao ir para aquele lugar com ele. Os destinos deles eram como dois rios que fluíam sempre na mesma direção, um à vista do outro, mas sem nunca se encontrarem num só. No entanto, ela não tinha o poder de desfazer o que já estava feito, como ele próprio acabara de lhe lembrar. Eles tinham se deitado juntos, e Emma não poderia mudar isso. Era o futuro que deveria procurar reparar.

– Tem razão em me castigar – afirmou, soltando as mãos para apanhar sua roupa de baixo perto do travesseiro.

Desvencilhou-se dos lençóis, desceu da cama baixa, virou-se de costas para ele e começou a se vestir. Não conseguia, porém, controlar o tremor que lhe percorria todo o corpo. A tempestade que Athelstan queria desencadear naquela terra era mais amedrontadora do que qualquer ameaça representada por Swein Forkbeard.

– Não estou tentando castigá-la. – A voz dele soou rouca de sofrimento.
– Pelo amor de Deus, Emma!

Ela contornou o pé da cama para ficar de frente para ele, meio vestida, fria e controlada agora, pois havia muito em jogo e ela não podia dar um passo em falso.

– Cometi um pecado grave – falou –, e estou pronta para pagar por isso. Aceitarei qualquer punição que Deus me enviar, mas não irei agravar o meu pecado incentivando você a cometer essa loucura. Toda a Inglaterra vai ser submetida a uma terrível desgraça se você levar esse plano adiante. – Caiu de joelhos diante dele e juntou as mãos. – Eu lhe imploro, meu senhor. Não quebre seu juramento ao rei. Você é o herdeiro, e sim, um dia será coroado rei da Inglaterra. Mas o seu tempo ainda não chegou. Precisa ser paciente. Suplico-lhe que espere.

Ele envolveu as mãos dela com as suas e fitou-a com tanta ternura que ela teve vontade de chorar.

– Se eu fizer o que pede – disse, a voz tão racional que ele poderia estar apresentando um argumento no conselho de seu pai –, se esperar para subir ao trono, que garantia existe de que ainda haverá um trono? Os dinamarqueses estão acabando conosco. Será da mesma forma que foi nos tempos de Alfred: navios, homens e armas chegando com os ventos de verão como uma praga, ano após ano. O que um dia foi próspero será incendiado e devastado; campos, rebanhos e aldeias, saqueados. Nem o grande Alfred foi capaz de deter as pilhagens daqueles homens até os subornar com terras onde pudessem se estabelecer. Meu pai não é Alfred! Ele não tem nada que possa usar para aplacar Swein Forkbeard.

O semblante dele estremeceu quando as lágrimas encheram os olhos dela, pois ele estava certo sobre o pai, sobre os dinamarqueses, sobre tudo, exceto sobre a solução.

– E você gostaria de aumentar o sofrimento de seu povo fazendo-o escolher entre pai e filho, assolando a terra com seus próprios exércitos, que irão matar, mutilar e sangrar um ao outro, e que para sobreviverem vão se

apoderar de toda a comida e de todo o gado que os dinamarqueses já não tiverem tomado? Quantos homens bons serão mortos em combate, meu senhor? Quantas mulheres e crianças irão passar fome porque você se voltou contra os seus?

As palavras dela, cortantes como uma saraivada de flechas, expulsaram Athelstan da cama. Ele empurrou as mãos suplicantes de Emma e foi se servir de uma taça de vinho. Estava furioso com ela por sua lealdade cega ao rei. Estava furioso consigo mesmo por lhe contar sobre o projeto que só tinha formulado pela metade na mente. Deveria simplesmente tê-la levado para alguma fortaleza e mantido-a lá até que tudo acabasse. Fazer a corte dessa forma era uma prática comum entre a realeza e bastante conhecida em Wessex, e pouca diferença fazia se a dama escolhida fosse uma criada, mulher casada ou freira. A ideia tinha suas vantagens: até Emma ficaria convencida que ele estava certo uma vez que tivesse um exército às suas costas e uma coroa na cabeça.

Mas por que ela não conseguia ver isso agora? Athelstan sabia que o amava. Não se entregara a ele com abandono, deixando de lado a reserva inflexível que por tanto tempo mantivera? Para ele, a união de ambos não havia sido apenas uma conclusão, mas um começo, uma nova aliança que varreria para longe todas as lealdades passadas.

Emma, pelo jeito, via as coisas de forma diferente. Ele pousou a taça e começou a vestir a túnica e os calções.

– E o que quer que eu faça enquanto espero pela minha hora? – perguntou a ela em tom contido.

Ela não fez nenhum movimento para transpor a distância entre eles.

– Não precisa de mim para lhe dizer isso – retrucou em voz baixa. – Já sabe o que fazer.

– Sim, eu sei – atalhou ele com ar de zombaria, destilando toda a raiva e a frustração reprimidas num sarcasmo venenoso. – Já não venho fazendo isso há dois anos? Meu papel é sentar-me no conselho de meu pai como um filho obediente e vê-lo levar a mulher que eu amo para a sua cama. Então me distraio imaginando suas mãos sôfregas manuseando e apalpando os seios brancos dela, e seu sexo rígido ternamente sugado por...

– Pare!

Ela o olhava fixamente, não com vergonha, que era o que ele queria, mas com fúria.

– Satisfeita, minha rainha? – Ele pegou a taça de vinho e ergueu-o para ela em uma saudação. – Bem, eu também. – Esvaziou o recipiente e, em seguida, atirou-o ao chão, mas isso não diminuiu sua fúria.

– Sua raiva está mal direcionada, meu senhor – disse ela, a voz dura como pedra. – Nem eu nem você podemos controlar o destino que nos mantém separados. Ao me tomar como sua mulher, seu pai não roubou nada que lhe pertencesse. Mas Swein lhe tiraria tudo, se você deixasse. Ele é seu verdadeiro inimigo, Athelstan. Seja a mão direita de seu pai na campanha contra os dinamarqueses, e conquistará o direito à realeza.

Era o velho argumento outra vez. Ela não estava levando em conta a realidade de Æthelred, com sua aversão em aceitar conselhos e só seguir a própria cabeça.

– Meu pai não me escuta! – exclamou, pronunciando as palavras com clareza dramática, como se com isso pudesse levá-la a compreendê-las e aceitá-las, e acabar com aquilo tudo de uma vez. – Ele me trata como uma criança!

– Seu pai tem pavor de você – retrucou ela em voz baixa.

Ele olhou para ela de forma brusca, espantado. A surpresa deve ter transparecido em seu rosto, pois Emma anuíu lentamente com a cabeça para confirmar o que dissera.

– Seu pai conseguiu a coroa pelo assassinato de um irmão. Acha que não receia que Deus possa derrubá-lo? Você pressentiu algo sombrio dentro dele, e eu já presenciei tal coisa. Ele não dorme, Athelstan! Teme pela própria vida e, por isso, tem medo até de você. – Ela deu uma risada amarga, quase chorando. – E pelo que você me disse hoje, ele tem razão em temê-lo. Mas não quero acreditar, nem mesmo agora, que você irá algum dia cometer tamanha traição. Você pode punir seu pai em seu coração. Pode até mesmo desprezá-lo. Mas não vai levantar a mão contra ele. Ah, meu amor, apesar de sua fúria, você deve convencê-lo de que não vai quebrar os juramentos que lhe fez. Não vê que ele pode estar testando-o, procurando uma razão para confiar em você?

– Você está delirando, Emma – retrucou Athelstan, passando a mão pelo cabelo. Ela era mulher, e normanda. Como poderia saber de que maneira a mente distorcida de seu pai funcionava? – Você está imaginando que meu pai é sábio, previdente e astuto, em vez de vaidoso, lascivo e cruel.

– Seu pai é todas essas coisas, meu amor.

Ele quase riu, mas ela continuou:

– Pense, Athelstan! Você já faz parte do conselho dele. Demonstrou sua coragem e lealdade quando, no ano passado, colocou-se na frente da faca de um dinamarquês, marcando um ponto a seu favor. E depois, o que você fez? Criticou-o por seus atos no dia de São Brício. Você tinha razão, mas fez aquilo na hora errada e da forma errada. – Ela sorriu com frieza. – Mas eu também não fui mais sensata que você, receio. Conhecia-o pouco na ocasião, e falei o que pensava sem diplomacia.

Ele viu um lampejo de sofrimento cruzar o rosto dela. Se falara abertamente a seu pai, Æthelred a tinha punido. Outra marca negra na alma do rei, pensou Athelstan, mas Emma não havia terminado:

– Então, na frente de toda a corte e sem consultar ninguém, você lhe deu conselhos sobre como lidar com Swein. Sim, eu ouvi a história. Você o humilhou diante de todos. E, quando ele o repreendeu, você fugiu da corte sem a autorização dele. Ainda se admira, Athelstan, que ele olhe para você com medo e desconfiança?

– E, supondo que esteja certa – disse ele –, como poderei mudar a opinião dele a meu respeito?

– Não será pegando em armas contra ele – retrucou Emma com delicadeza, aproximando-se e pousando a mão no ombro dele.

– Nem levando a mulher dele para a cama? – Ele a puxou para si e ela enlaçou seu pescoço com os braços. Ficaram unidos por um instante. Naquele momento, ela pertenceu a ele novamente. – Se eu fizer como você diz, Emma – sussurrou ele em seu ouvido –, se eu representar o papel de bom filho e me curvar à vontade do meu pai, o que será de nós, então?

Ela deu um passo para trás e o fitou, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

– Seja qual for o papel que representar, meu senhor – disse ela –, não pode haver *nós*.

Ela teria se afastado dele, mas ele não permitiu.

– E se você já estiver grávida? Como será, então?

Ela ficou em silêncio, mas ele leu a resposta em seus olhos. Então a soltou, e ela se afastou dele rapidamente.

– Agora preciso voltar a Winchester o mais rápido que puder, sobretudo se estiver grávida.

Tinha de receber o ferrão do rei entre suas coxas, de modo que, se houvesse uma criança, todos acreditassem que era de Æthelred.

A vontade de Athelstan de agarrá-la e sacudi-la era tão grande que ele não ousou se aproximar, pois não era o pai – não lhe daria nenhum prazer causar-lhe dor. Queria que Emma viesse a ele por vontade própria, para pôr as mãos nas suas e comprometer-se com ele de corpo e alma. No entanto, sabia que ela não podia fazer isso, pois já assumira esse compromisso com outro.

Naquele momento, enfrentou a dura verdade sobre si mesmo: não queria a coroa do pai tanto quanto queria sua mulher. Mas ela deixara claro que, enquanto o pai vivesse, nunca seria do filho.

Capítulo Trinta e Um

Priorado de St. Giles, Sidbury, Devonshire

Por mais ansiosa que Emma estivesse em voltar para Winchester, precisava, antes, reunir o que restava de seu séquito, pois não podia deixá-los entregues à própria sorte com um exército dinamarquês à solta na região. Cavalgou com Athelstan até o priorado nas proximidades de St. Giles e, de lá, mandou mensageiros a Wymarc e ao padre Martin.

No convento, encontrou sobreviventes do ataque a Exeter, os refugiados que tinham procurado abrigo dentro dos limites do priorado. Eles contaram sobre a destruição da cidade, e muitos juraram que Exeter nunca teria caído se não fosse a traição do capataz da rainha. Segundo eles, fora Hugh, o normando, que tinha traído a cidade, abrindo-a para os dinamarqueses.

Uma vez dentro dos muros, os marinheiros tinham roubado casas, saqueado igrejas, esvaziado lojas e armazéns e despojado os tesoureiros do rei de sua prata. Assassinararam todos os que se opuseram a eles, incendiaram tudo e voltaram sua fúria até mesmo para as muralhas que cercavam a cidade, reduzindo-as a pouco mais do que pilhas de escombros. Quando voltaram para seus navios, Hugh fora visto com eles. Tinha traído Exeter, deixando para trás uma cidade devastada.

Emma ouviu as histórias com o coração em pedaços. Procurou entre aqueles rostos pessoas que tivessem partido com ela de Winchester em junho, mas só viu estranhos. Não conseguiu saber nada sobre Elgiva e Groa, e, ao ouvir os relatos de horror, começou a perder a pouca esperança de que ainda estivessem vivas.

Quatro dias após a queda de Exeter, Emma e sua comitiva viajaram às pressas para Winchester, impelidos por rumores de guerra às suas costas. Os

navios dinamarqueses tinham partido, mas ninguém sabia onde poderiam atacar em seguida.

Por insistência de Emma, ela e suas damas foram vestidas com as roupas simples e os mantos encapuzados das irmãs de St. Giles. Escoltadas por Athelstan e vinte de seus homens armados, seguiram por estradas reais pavimentadas, acampando onde quer que se encontrassem quando a escuridão caía – sempre fora da estrada e escondidas, protegidas pelos olhos atentos das sentinelas durante as longas horas da noite.

Foi durante essas madrugadas escuras, solitárias, que Emma se encontrou com cada um de seus companheiros e ouviu o que tinham a contar sobre os acontecimentos que ela mesma não tinha testemunhado. Soube como Margot e Wymarc tinham se escondido e escutado o que se passara naquele caminho malfadado perto da Abadia de Magdalene, e como, quando tudo tinha se aquietado e elas tiveram certeza de que era seguro sair, encontraram a carroça e sua carga funesta. Margot insistira que Wymarc e o irmão Redwald fossem correndo procurar o *ætheling*, em Norton, enquanto ela esperava com os mortos. Depois, acompanhara os corpos de volta à Abadia de Magdalene, onde o padre Martin providenciou que fossem enterrados em solo sagrado.

Wymarc contou sobre sua torturante espera por notícias de Emma e sobre o destino de Exeter. Sua voz vacilou quando ela falou do retorno das tropas pessoais de Athelstan, que trouxeram a informação de que a cidade caíra rapidamente para os dinamarqueses mas não sabiam nada sobre Hugh. Ela e Emma choraram nos braços uma da outra pelo homem em quem confiavam, que haviam aprendido a admirar e que Wymarc viera a amar. Então, Emma teve a impressão de que haviam chegado a uma época em que o amor não tinha lugar. Que era algo a ser apagado, queimado e descartado, deixando espaço apenas para o ódio, o medo e, na melhor das hipóteses, uma fria aliança ocasional. O amor que ela própria sentira – pela criança que tinha perdido, por Athelstan, até por seus parentes normandos – nada lhe trouxera além de dor. O amor pertencia a um outro mundo. Talvez pudesse ser encontrado após a morte, mas seria imprudente, pensou, procurá-lo durante a vida.

O relato do padre Martin foi sobre o pai de Hilde, Ælfgar, que não demonstrara surpresa nem satisfação ao saber que as forças de Swein tinham desembarcado no país. A chegada de Swein, Ælfgar dissera, era tão

inevitável quanto as marés. Ele havia previsto, como um adivinho de antigamente, que Æthelred e seus filhos seriam varridos para longe como destroços trazidos pelo mar. Emma estremeceu quando ouviu isso e murmurou uma oração para afastar um augúrio tão ruim. *Ninguém pode ler o futuro*, Hugh lhe garantira. No entanto, sempre tinham existido profetas com algum conhecimento prévio do que estava por vir. Lembrou-se das palavras enfurecidas vociferadas pelo dinamarquês que tentara assassinar Æthelred. *Morte ao rei! Morte ao conselho!* Ela se perguntava agora se o que o homem dissera tinha sido fruto de delírio, como Athelstan pensara, ou de algo mais sinistro. Poderia ter sido um prenúncio? Havia um exército dinamarquês na Inglaterra agora, uma promessa de dias negros para o rei e seu povo. Mais uma vez, ela sussurrou uma oração pedindo proteção e misericórdia.

Por fim, Martin contou-lhe sobre Hilde, que ficara de coração partido quando o pai se recusara a deixá-la ficar, dizendo-lhe que ela não significava nada para ele. Ao ouvir isso, Emma se perguntou mais uma vez se o amor poderia existir em um mundo como aquele.

Ela mesma nunca chegou a falar sobre as horas que passara como prisioneira do rei dinamarquês, a não ser para pedir àqueles que sabiam sobre sua captura e fuga que nunca contassem nada a ninguém. Confiava neles para manter esse segredo, porque sabiam que, se uma só palavra sobre o seu sequestro fosse mencionada, todos diriam que ela havia sido manchada por seus captores e ela não seria mais considerada uma esposa digna de um rei cristão.

Quanto às horas que tinha passado nos braços de seu enteado, Emma manteve esse segredo trancado no coração.

No sexto dia após deixar St. Giles, a comitiva da rainha chegou à Abadia de Wherwell, a pouco mais de 15 quilômetros das muralhas de Winchester. Lá, descansaram e revigoraram-se. Emma, com a ajuda das freiras, se vestiu para se apresentar diante do rei. À luz do crepúsculo em um fim de tarde de agosto, ela voltou à cidade de Winchester, onde Æthelred e sua corte a esperavam.

Capítulo Trinta e Dois

Agosto de 1003

Winchester, Hampshire

Æthelred, sentado em seu trono no grande salão, assistiu à entrada de Emma com uma impaciência que achou difícil disfarçar. Aquele encontro era uma simples formalidade, pois recebera mensagens no dia anterior informando-o de que a rainha estava sã e salva e que logo voltaria à corte. *Te Deums* tinham substituído as orações de súplica oferecidas pela saída dela de Exeter em segurança, e, a partir do momento em que Emma pôs os pés dentro da cidade, os sinos de todas as igrejas soaram com clamorosa alegria.

Apenas alguns instantes antes, porém, tinham chegado do sul notícias de que Dorchester fora saqueada e incendiada. O reino de Æthelred estava sob cerco, e a gravidade do perigo pesava muito em sua mente.

Os membros do conselho que haviam sido convocados para orientá-lo estavam reunidos em pequenos grupos, cochichando, quando o rei se levantou para saudar a rainha com a devida solenidade. Ela usava um belo traje de linho, negro como o céu noturno. Os únicos adornos eram uma larga faixa prateada na bainha e um delicado bordado em prata no véu preto de seda que cobria seu cabelo louro. Uma delicada cruz de prata pendia de uma corrente entre os seios. Ela aparentava o cansaço da viagem, mas continuava tão bonita quanto ele se lembrava. Seu rosto parecia brilhar entre as dobras escuras de sua roupa, mas os olhos estavam vermelhos, como se houvesse chorado.

Tinha razões suficientes para chorar e guardar o luto. Sua estada em Exeter – que ele havia esperado dissuadir os dinamarqueses de atacar as

terras dela – terminara em calamidade, provocada pela perfídia de seu capataz normando.

Ele franziu a testa, pois o ataque a Exeter ainda o intrigava. Æthelred imaginava que Richard manteria Swein longe das terras de Emma, então pensou se haveria mais coisas em jogo naquela situação do que ele era capaz de discernir. Aquele não era o momento, porém, para considerar o problema.

Beijou a testa de Emma como cumprimento, mas não quis prolongar o ritual de boas-vindas por mais tempo que o necessário.

– Está cansada, minha senhora – comentou. – Vá descansar, e amanhã conversaremos. Quando disser suas orações, peça a Deus que abençoe tudo o que fizermos aqui esta noite.

Ele esperava que ela se despedisse, mas Emma o encarou por um momento e algo que Æthelred não soube interpretar cintilou naquele olhar. Seria raiva? Medo? Rancor? Logo se foi e ela fez uma mesura, submissa.

– Como quiser, meu senhor – disse.

Ele a viu deixar a sala e franziu a testa. Algo nela havia mudado. Emma sempre fora um mistério para ele, mas agora, com aquele único olhar, Æthelred tivera a impressão de que um véu se afastara e, em seguida, caíra rapidamente de novo. Sentou-se, irritado com o mal-estar que ela era capaz de despertar nele apenas com um olhar. Ela o distraíra, maldita fosse, quando ele precisava de toda a sua inteligência para tratar de assuntos mais urgentes. Os dinamarqueses haviam atacado a oeste, enquanto ele havia se preparado para um desembarque no leste, e agora tinha de decidir o que fazer.

Desviou o olhar para Athelstan, que dava um passo à frente na direção do estrado, ladeado por meia dúzia de seus companheiros de tropa. Æthelred fez um sinal aos nobres reunidos para que se sentassem. Não perderia mais tempo com uma cerimônia sem sentido, mas queria que toda a corte assistisse a seu filho briguento ter a acolhida que merecia.

Emma se dirigiu para seus aposentos com passos fortes, irritada. Mais uma vez, ficaria presa dentro dos muros do palácio, e não sabia se aguentaria. Nos últimos três meses, havia experimentado o gosto da liberdade e da responsabilidade. Em Exeter, era ela quem presidia a corte, ouvia opiniões e

tomava decisões. Como se contentar novamente com os assuntos de menor importância dentro de sua pequena esfera de poder? No grande salão, o rei e seu conselho estavam decidindo o destino do reino, enquanto a ela cabia apenas se ajoelhar em seu quarto, em oração silenciosa.

Ao entrar em seu quarto, já havia chegado a uma decisão. Não seria tratada como uma joia tomada ao inimigo – enfiada em um cofre escuro e guardada em lugar seguro. Não permitiria que a afastassem dos assuntos da corte e do rei. E se seu senhor a proibisse de estar presente em seu conselho, então encontraria algum outro meio de ficar a par das decisões tomadas ali.

Ela acenou para Hilde e puxou-a para um lado, longe das outras damas.

– Volte para o salão e se misture com os criados que levam comida e bebida para os conselheiros do rei. Escute tudo o que aqueles homens disserem e depois venha me contar o que viu e ouviu. Entendeu?

A menina fitou-a sem qualquer traço de malícia no olhar. Seria, de fato, uma espiã perfeita.

– Sim, minha senhora.

Virou-se para sair, mas Emma pousou a mão em seu braço e a deteve, pois havia ainda outra tarefa para ela desempenhar naquela noite.

– Quando a reunião terminar, você deve procurar o conde Æl elm. Você sabe quem ele é?

A menina assentiu.

– Traga-o até aqui. Não diga nada sobre Exeter, mesmo que ele pergunte. Quero que ele ouça da minha boca o pouco que há para contar sobre Lady Elgiva. Entendeu?

Hilde assentiu e Emma a observou sair, com o coração pesado. Não lhe agradava nada dizer ao lorde Æl elm que sua filha havia sido deixada para trás nas ruínas de Exeter – entregue a um destino que ninguém sabia qual fora, mas que se podia imaginar. No entanto, era um dever do qual ela não podia se eximir.

Os deveres, pensou com amargura, eram o preço a pagar por ser rainha. Não pela primeira vez, Emma se lembrou com pesar da angústia nos olhos de Athelstan quando ela se recusou a apoiar sua reivindicação à coroa. Isso também tinha sido o cumprimento de seu dever. Para o resto da vida, seria obrigada a pagar esse mesmo preço muitas vezes.

Æthelred estudou o rosto bonito de seu filho mais velho – as sobrancelhas escuras e espessas que se destacavam, ousadas e surpreendentes, sob o cabelo dourado; a barba que havia engrossado e escurecido. A semelhança do jovem com o tio morto mais uma vez impressionou o rei. Viu a mesma determinação orgulhosa nos olhos de Athelstan, assim como uma coragem rebelde que ele detestava e admirava ao mesmo tempo. Ali estava um filho capaz de inspirar orgulho no coração de um pai – e cautela também.

O filhote de leão era autoconfiante demais. Pediria perdão, sem dúvida, por sair de Winchester sem autorização, mas não havia nenhum remorso em seu olhar. Ele havia feito o que queria fazer e esperava que tudo fosse perdoado. Mas hoje não haveria perdão. O garoto precisava ser punido de uma forma que lhe ensinasse a devida humildade, se não o remorso.

– Disseram-me que você orientou o capataz da rainha na preparação para a defesa de Exeter – começou Æthelred, lentamente. – Isso é verdade?

Athelstan franziu a testa, como se tentasse entender o motivo da pergunta. Não hesitou em responder, porém:

– É verdade. Falei com...

– E, no entanto – interrompeu Æthelred –, apesar de seus esforços, Exeter foi conquistada. Chegou até nós a informação de que a cidade foi totalmente destruída e que muitas pessoas morreram. Como você, que estava tão envolvido no planejamento da defesa, explica tamanha catástrofe?

Um lampejo de indecisão – ou confusão – perpassou o rosto de seu filho. Depois se foi.

– Não sei explicar, meu senhor – disse ele.

– Não sabe explicar. – Æthelred imprimiu um tom de desaprovação à voz, embora a resposta fosse servir perfeitamente a seu propósito. – Você não admite, mesmo com as evidências gritantes que tem diante de si, que foi sua própria incapacidade que levou à destruição de uma cidade próspera. Está tão cego assim que não sabe avaliar as próprias falhas?

Fez uma pausa para permitir que a pergunta ressoasse no salão, assinalando seu desagrado na mente de todos os presentes. Ninguém se mexia nem falava, e a boca de Athelstan contraiu-se em uma linha inflexível.

Sim, seu filho era inteligente o suficiente para saber quando se calar, pois nada que pudesse dizer o salvaria daquela humilhação.

– Talvez, então – continuou Æthelred, empunhando a voz como um chicote para esfolar o filhote de leão ajoelhado diante dele –, tendo deixado a

minha corte sem a minha permissão, você esteja voltando agora para me dar notícias de alguma importância. Talvez possa me dizer o número de navios inimigos. – Ele não esperou respostas, mas atirou suas perguntas como punhais, elevando o tom a cada uma delas. – Qual é o tamanho do exército? Quem o lidera? Como está armado? Diga-me, por favor, Athelstan, o que tem a me informar que eu possa usar a meu favor?

Athelstan sentiu o rosto arder de humilhação. Era só o que podia fazer para manter a boca fechada, para resistir às provocações de seu pai. Sabia como Exeter havia caído, pois Hugh fora forçado a conduzir o inimigo para o interior da fortaleza. E sabia que Forkbeard havia liderado a frota inimiga para a costa da Inglaterra. Mas não podia falar sobre essas coisas sem comprometer a rainha. A menor insinuação de seu rapto pelo rei dinamarquês daria motivo ao pai para renegá-la. Por mais que isso fosse agradar a Athelstan, Emma não pensaria o mesmo. Ela era rainha e emissária de paz, e não renunciaria a esse papel nem mesmo por amor a ele. Exigira de Athelstan um juramento de silêncio, e ele lhe dera sua palavra. Agora tinha de se manter fiel a ela a qualquer custo.

Olhou para o rosto do pai e viu nele o triunfo. *Jesu*, o homem era um tolo! Sua mente deveria estar voltada para a defesa de seu reino, mas lá estava ele, agindo como uma ave de rapina e divertindo-se perversamente com o próprio filho.

– Não posso lhe dar nenhuma informação sobre o exército inimigo, meu senhor – disse ele entre os dentes. Era um ato de submissão, e ele sabia disso. Seu pai o derrotara mais uma vez em seu jogo favorito. Os dois estavam sempre em luta pelo domínio na relação, e Æthelred sempre vencia. Se Emma estivesse certa e seu pai tivesse medo dele, ainda não percebera nenhum sinal disso. – Aguardo o que aprouver ao rei – acrescentou, mas não baixou o olhar.

Que seu pai visse sua raiva. O que lhe importava?

– Hoje à noite, me reunirei com meu conselho para falar sobre a ameaça dos homens do norte – declarou Æthelred. – Já que não tem nada de importante para relatar, vá se sentar. Não tenha a pretensão de oferecer conselhos a menos que seja solicitado. – A voz dele soou cáustica. – Está claro?

Athelstan encaminhou-se para um banco, o estômago contraído de raiva. Correu os olhos ao redor do salão, verificando quem estava presente.

Seus irmãos Ecbert e Edmund, acomodados do outro lado, o fitaram. O rosto de Edmund estava impenetrável, mas Ecbert lançou-lhe um olhar de comiseração a que ele respondeu com um trejeito. Eles conheciam a sensação de ser o alvo da ira de Æthelred.

Enfileirados perto do rei estavam os seus quatro condes, com seus partidários e séquitos por perto. O velho Ælfric, de Hampshire, parecia pálido e abatido, e não encarou Athelstan. Próximo a ele, Leofwine, de Hwicce, estava sentado com a expressão solene de costume. Eram os veteranos, mais velhos até que seu pai. Fariam o melhor possível para dar bons conselhos, e Æthelred iria ignorá-los.

O terceiro conde, Godwine, de Lindsey, magro e esquelético, brincava nervosamente com o anel grosso que era o distintivo do ofício e ficava grande demais em sua mão efeminada. Ele teria pouco a oferecer. A seu lado estava Æl elm, da Nortúmbria, grande e robusto como nunca.

Jesu. Æl elm iria querer notícias da filha.

Murmurou uma maldição em voz baixa, esperando não ser ele a ter de lhe dizer que Elgiva havia sido deixada para trás em Exeter enquanto a cidade era destruída.

Fez sinal para um criado trazer-lhe hidromel. Não havia razão nenhuma para não ficar embriagado. O rei não queria seus conselhos, apesar de haver poucos conselheiros presentes naquela noite. Mais cinco condes deveriam estar ali, mas seu pai decidira não convocá-los, porque, em sua sabedoria, desconfiava de quem quer que pudesse desafiá-lo. O rei queria manter os seus nobres enfraquecidos e conservar o poder e a riqueza nas próprias mãos, e havia sido admiravelmente bem-sucedido nisso.

Agora, os condes e o rei tinham em Forkbeard um adversário temível, embora ainda não soubessem a extensão do perigo. Athelstan duvidava de que pudessem vencer um confronto contra o rei dinamarquês, e era muito provável que um ou mais daqueles homens estivesse apoiando o inimigo em segredo. Será que o pai suspeitava disso?

Claro que sim. Æthelred desconfiava de todo mundo.

Depois de uma série interminável de orações, o mensageiro de Dorchester postou-se diante deles e transmitiu suas notícias. Não tinha muito a dizer: a cidade havia sido atacada e incendiada; os invasores tinham agido durante a noite, e o mensageiro não sabia quem os liderava, nem quantos homens havia. Seguiu-se um debate sobre o rumo que os

dinamarqueses tomariam – iriam de Dorchester para o interior ou voltariam para seus navios a fim de atacar mais à frente, ao longo da costa?

Athelstan fez sinal para encherem sua taça novamente.

A discussão seguinte foi sobre o tamanho do exército que deveria ser reunido. Depois disso, abordaram a questão da liderança, então falaram sobre quais condados contribuiriam com homens e armas para a força terrestre.

Três horas depois, Athelstan havia esvaziado cinco taças de hidromel e o conselho tinha chegado a uma decisão importante: não iriam decidir nada naquela noite. O rei decretou que haveria tempo suficiente para considerarem que providências tomar quando os invasores tivessem dado seu próximo passo.

Athelstan também chegou a uma decisão. Decidiu que estava bêbado e que gostava daquilo, porque era uma desculpa para se esquivar das perguntas dos irmãos e evitar Æl elm. Ignorando todos, cambaleou em direção a seus aposentos. Quando afinal os encontrou, atirou-se de roupa e tudo em cima da cama.

Teve um sono agitado, perturbado por sonhos com Emma no meio dos escombros das muralhas chamuscadas da cidade arrasada.

Enquanto o conselho do rei se reunia no salão, Emma e suas acompanhantes faziam uma refeição silenciosa nos aposentos das mulheres. A melancolia que as viajantes tinham trazido consigo do sul parecia ter baixado sobre o ambiente como uma névoa negra, e não havia a movimentação habitual que se seguia a uma longa viagem, com a reorganização da bagagem. Na verdade, pensou Emma, olhando em torno, havia pouco para tirar das malas. Joias, vestidos, móveis – tudo tinha sido deixado para trás. E era o de menos. Seu coração se apertou ao pensar nos que tinham morrido nas mãos dos homens de Swein, e em tantos outros que estavam desaparecidos.

Não podiam estar todos mortos, dizia a si mesma. Alguns deviam ter escapado se escondendo ou encontrando algo para negociar em troca de suas vidas.

Mandou chamar uma das criadas da cozinha que achava que teria notícias.

– Chegou alguma novidade de Exeter, Ebba? – perguntou.

A mulher, com o rosto largo e vermelho radiante por ter sido convocada pela rainha, disse avidamente:

– Ah, sim, minha senhora! Exeter inteira foi queimada, e morreu todo mundo que estava lá dentro. Dorchester também foi incendiada, e só pela graça de Deus poderemos escapar de sermos todos assassinados em nossas camas. O frade que prega fora da Antiga Catedral declarou que os homens do norte vão nos assassinar a todos, que é a vontade de De...

Emma, arrependida, levantou a mão para fazê-la calar, porque a ladainha da mulher faria mais mal do que bem.

– Quem lhe disse que Dorchester foi queimada? – quis saber.

– Um mensageiro veio do sul hoje com notícias para o rei. Ele foi à cozinha para comer e tomar um pouco de cerveja, e informou que Dorchester estava em chamas.

O semblante de Emma se anuviou. Então Swein Forkbeard já tinha atacado duas cidades, ambas com muralhas resistentes, fortemente guardadas. Ele devia ter um exército grande, portanto. Seria ousado o bastante para tentar tomar Winchester? Receava que sim, e, ao olhar em volta, percebeu que não era a única a temer. A taça de vinho tremia na mão de Wymarc e até Margot parecia pálida.

– Não devemos nos desesperar – disse. Estava assustada, mas não acreditava que Winchester pudesse ser destruída. Era inimaginável. – Sem dúvida o rei logo vai lançar uma força contra os inimigos e obrigá-los a voltar para seus navios.

E quanto a ela? E se o rei decidisse mandá-la embora por segurança – quem sabe ir se juntar aos filhos dele em Headington?

Cruzou as mãos sobre o ventre, onde talvez naquele exato momento houvesse uma criança em gestação. Seu dilema era menos grave que a ameaça do exército dinamarquês, mas precisava pensar em uma forma de resolver aquilo. Havia uma semana que se deitara com Athelstan, e agora dispunha de pouco tempo para garantir que, se tivesse um filho dali a nove meses, o bebê fosse reconhecido como filho de Æthelred. Precisava atrair o rei à sua cama, e logo.

Qual das favoritas estaria dormindo com ele agora? E como iria afastá-la? O rei acharia estranho se ela demonstrasse um ardor repentino por suas atenções, portanto teria de ser paciente. Ele dissera que falaria com ela no dia seguinte. Quando o visse, deveria ser obediente e dócil. Deveria oferecer-

lhe conforto e alívio dos problemas que o afligiam. Deveria fazê-lo sentir-se bem recebido em sua cama.

E poderia imaginar que ele era outra pessoa?

Sua coragem vacilou. Ele não era Athelstan, nunca seria. Porém, o que mais ela poderia fazer? Precisava ser a mulher daquele com quem se casara, nunca esquecendo que ele era o rei e tinha o destino dela nas mãos.

Durante as horas seguintes, a conversa entre as mulheres fluiu como a água em um córrego: tocava levemente nos assuntos como se fossem pedras, depois corriam para outras coisas. Emma percebeu que só Wymarc não participava, entregue a uma dor que suportava em silêncio. Não havia nada que alguém pudesse fazer ou dizer para ajudá-la, e Emma temia que a perda de Hugh – pois ela tinha certeza de que ele estava morto ou era prisioneiro dos dinamarqueses – ainda fosse pesar sobre a jovem por longos meses. Entristecia-se pela amiga e se perguntou mais uma vez se haveria lugar naquele mundo para o amor.

Era bem tarde quando Hilde voltou, seguida pelo lorde Æl elm. Emma mandara todas as mulheres para suas camas, e agora, a sós com o pai de Elgiva, contemplou-o.

Não era um homem fácil de lidar, ou mesmo de olhar. Tinha o rosto enrugado e cheio de cicatrizes, com feições grosseiras e irregulares – o tipo de rosto que assustava crianças pequenas. A cabeleira negra e rebelde chegava-lhe até quase os ombros, e a barba espessa era entremeada de fios brancos. Sempre a surpreendera que um homem como aquele tivesse podido gerar três belas criaturas como Elgiva e seus irmãos.

Æl elm tinha a compleição de um urso e um temperamento agressivo, não se dobrando a ninguém, nem mesmo ao rei. Na verdade, ela o tinha visto olhar para Æthelred mais de uma vez com uma expressão de sutil desprezo, e desconfiava que seu marido só o tolerava porque não tinha escolha. Dono de uma fortuna em terras e prata, Æl elm era o conde mais poderoso do rei, e o tipo de homem que podia instilar medo apenas com um olhar.

Ele agora a fitava com olhos semicerrados. Emma apertou as mãos uma na outra, angustiada por causa do sofrimento que estava prestes a infligir.

– Lorde Æl elm, temo ser portadora de más notícias. É com grande pesar que preciso lhe dizer que sua filha estava dentro da fortaleza de Exeter quando a cidade foi atacada. Groa estava com ela, e continuo a esperar e rezar para que tenham conseguido escapar, mas não sei qual foi o destino das duas.

Olhou para ele pesarosa, preparando-se para lidar com sua dor, mas, para seu espanto, nada aconteceu. O rosto dele, duro como granito, não demonstrou nenhum horror, nem tristeza, nem mesmo surpresa. Era como uma parede vazia, e Emma não conseguia entender. Seria possível um homem, mesmo um tão insensível como aquele, mostrar tamanha resignação? Será que não se importava nem um pouco com a filha?

– Guarde suas orações para uma oportunidade mais adequada, senhora – disse ele, a voz indiferente e inexpressiva. – Minha filha está muito bem.

Emma o fitou com perplexidade e uma súbita esperança. Se Elgiva havia escapado do saque de Exeter, talvez tivesse trazido outros com ela.

– Ela está bem, então? Está ilesa?

– Ah, sim. Os dinamarqueses não a estupraram, e por isso acho que devo ser grato. Não importa que por quase um ano ela tenha sido prostituta do rei – acrescentou ele, ríspido – quando deveria ter estado sob sua proteção. – Ele deve ter reparado em seu sobressalto de surpresa, porque levantou uma sobrancelha. – A senhora acha que eu não sabia? E, depois que o rei a descartou, acha que eu iria confiá-la a seus cuidados mais uma vez sem tomar medidas para garantir a segurança dela? Não sou tão tolo assim. Meus homens a seguiram por todo o caminho até Exeter, e meu filho estava lá, vigilante, para proteger a irmã contra quaisquer ameaças. Quando os faróis foram acesos, Wulf a tirou de lá, enquanto a senhora, segundo me disseram, estava a salvo fora da cidade. – Os olhos dele reluziram, frios e hostis, mas o rosto permaneceu inexpressivo. – Quer saber qual foi o destino de Groa? Ela morreu sob a lâmina de um machado dinamarquês. – Ele mostrou os dentes, mas não era um sorriso. – Há mais alguma coisa que deseje saber, *senhora*?

Emma limitou-se a encará-lo, afetada pelas palavras dele e abalada demais para dar uma resposta. Como permaneceu em silêncio, Æl elm fez uma mesura e deu-lhe as costas. Ela o viu sair do aposento pisando forte, aturdida com a força do ódio dele.

Como devia odiá-la... Ela já sabia que Elgiva era sua inimiga. Agora percebia algo que já deveria ter notado muito antes: Æl elm também era. E

muito mais perigoso do que qualquer um de seus filhos.

Capítulo Trinta e Três

Agosto de 1003

Winchester, Hampshire

No dia seguinte o sol não apareceu. Pesadas nuvens negras encobriam o céu, e uma chuva torrencial transformou os jardins do palácio e todas as ruas de Winchester em um lamaçal espesso e fluido. Æthelred, com sua rainha vestida de negro a seu lado, liderou uma procissão de condes, membros do clero, nobres com suas esposas e todas as pessoas da cidade que podiam andar ou até se arrastar. O cortejo solene partiu dos degraus do palácio e seguiu pelo caminho margeado de árvores que levava à Antiga Catedral. Ali, na maior igreja da Inglaterra, sob o altar de ouro maciço de St. Swithin, o bispo Al eah conduziu as orações de súplica.

Æthelred olhava desesperado para o magnífico relicário de ouro e prata cravejado de pedras preciosas que o pai havia adquirido para homenagear St. Swithin. Seu pai, o rei, era conhecido como Edgar, o Pacífico. Ele honrou a Deus e à Igreja, e seu reinado foi marcado pela paz e pela prosperidade, em vez da constante ameaça de guerra.

Æthelred tentara seguir o exemplo de seu progenitor: havia concedido terra e renda para os bispos da igreja de Cristo e nomeado homens capazes para as posições eclesiásticas de poder. Havia até mandado erguer a alta torre de pedra que abrigava os dezesseis sinos que agora soavam toques fúnebres por seu povo infeliz. Mas Deus rejeitara todos os seus esforços e ignorara seus apelos. Seu pecado era grande demais, e a voz de seu irmão no além-túmulo era demasiado alta.

O cheiro enjoativo de incenso misturado com os soluços e lamentos da congregação durante as orações pela misericórdia de Deus o cercava por todos os lados. Com o rosto nas mãos, Æthelred procurava esvaziar a mente e o coração de todo o desespero. Uma efusão tão grande de preces e de sofrimento, um clamor de vozes daquela magnitude às portas do Céu, chegaria sem dúvida aos ouvidos do Todo-Poderoso.

Ele implorava por perdão enquanto o canto em latim do clero ecoava a seu redor. *Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur Nomen Tuum*. Pai nosso, que estás nos Céus, santificado seja o Vosso Nome.

Imaginou o próprio pai sentado ao lado do Senhor no Paraíso, erguendo as mãos para amainar a tempestade que ameaçava o reino de seu filho. Não era aquilo uma visão? Não era um sinal do perdão de Deus? Nas palavras reconfortantes do pai-nosso, Æthelred ouviu a promessa de que tudo ficaria bem, e quando se uniu ao coro da oração, finalmente foi aliviado de seu medo e de sua amargura. Seu coração ficou mais leve, pois, se Deus o perdoava, o que tinha a temer de invasores dinamarqueses ou fantasmas ensanguentados que surgiam no meio da noite?

Quando a missa terminou, um mensageiro encharcado e sujo de lama esperava-o no portão oeste da catedral. Æthelred o olhou com desconfiança. O desgraçado não poderia estar trazendo más notícias, pois ele havia rezado. Todos haviam rezado.

– O que é? – perguntou.

– O exército viking está vindo para cá, meu senhor, com três mil homens liderados pelo rei dinamarquês.

O clima solene da manhã despedaçou-se como se atingido por um relâmpago. O clamor da multidão soou atrás do rei, que, impaciente para obter mais informações, levantou a mão pedindo silêncio.

– Eles cruzaram o Stour? – indagou.

– Sim, meu senhor. No início desta manhã.

Aquilo significava que, dentro de quatro dias, o exército de Swein estaria nos portões da cidade. Ele dispensou o mensageiro e, como a congregação atrás de si se dispersou, tomada pelo pânico, seguiu para o palácio. Teria que contar consigo mesmo agora, pois Deus o havia abandonado por completo.

Imediatamente, convocou os conselheiros a seus aposentos particulares. Solicitou alguns mapas e, com seus nobres agrupados em torno dele à mesa, estudou os pergaminhos estendidos. Com o dedo indicador, procurou

Dorchester, mas a notícia do avanço do rei dinamarquês tinha marcado sua mente como ferro em brasa, e ele não conseguia se concentrar na tarefa. A calma que descera sobre ele na igreja o havia abandonado, sendo substituída por uma crescente sensação de desgraça iminente.

– O exército de Forkbeard vai chegar às portas de nossa cidade em questão de dias, a menos que encontremos uma forma de detê-lo – declarou.

Mesmo naquele momento, Æthelred achava difícil acreditar que uma calamidade tão monstruosa estivesse prestes a engoli-los.

– Ofereça-lhes bastante ouro e eles logo voltarão a seus navios – murmurou o conde Leofwine.

Em seguida cruzou os braços sobre o peito, como se considerasse o assunto resolvido.

Æthelred fechou a cara.

– Não acha que já levaram bastante ouro e prata dos escombros de Exeter e Dorchester? Não, eles querem mais do que nossas riquezas. Querem nos devorar vivos, como lobos famintos. Querem destruir tudo o que há de belo e valioso nesta terra. Em Exeter, não deixaram pedra sobre pedra. Se não os impedirmos, Winchester vai ter o mesmo destino.

Nos olhos deles só havia negação. Ainda não tinham percebido a extensão do perigo.

– Meu pai está certo. – Fora Athelstan quem falara, e Æthelred olhou-o com espanto, pois não era uma frase que seu filho costumasse proferir. – Forkbeard quer vingança pelo assassinato de sua irmã e da família dela. Já avançou profundamente em Dorset com seu exército, chegando mais longe do que nunca. Precisamos reunir um exército equivalente ao dos dinamarqueses e combatê-los antes que cheguem aos nossos portões.

Em seguida, ergueu-se um alarido de vozes, mas Æthelred não estava mais ouvindo. A coroa sobre sua cabeça ficara pesada como chumbo, e suas têmporas latejavam com uma dor dilacerante. Sob a dor havia o dedo gélido do pavor que anunciava a iminente aparição silenciosa de seu irmão.

Ele não via Edward, mas o sentia observando das sombras com um olhar feroz e triunfante. Seria o cheiro fétido do medo o que o trouxera ali? O terror da morte certamente tinha sido a última emoção que Edward experimentara sobre a Terra. Será que sua sombra queria sentir agora o mesmo cheiro no corpo ainda vivo do irmão?

Contraíu os ombros à dor que se estendia de sua cabeça para o pescoço, conduzida, ele tinha certeza, pelo olhar sinistro de Edward. As palavras que havia lido meses antes em um pedaço de pergaminho surgiram em sua mente, atormentando-o mais uma vez com a sua mensagem de condenação: “E agora maldito és desde a terra, que abriu a boca para receber das tuas mãos o sangue do teu irmão.”

Quem teria escrito aquelas palavras? Estaria ali? Seria um membro de seu conselho, talvez até um de seus filhos? Quantos daqueles homens, imaginou, enquanto seu olhar desesperançoso corria de um rosto para outro, se jogariam na frente de uma espada para protegê-lo? Qual deles sequer sentiria tristeza se ele morresse? Ælfric, talvez, pensou, olhando para o velho amigo de seu pai. Quanto ao resto, se o vissem ser feito em pedaços, não duvidava que passariam rapidamente para o lado de Swein.

Hoje seus nobres exigiriam que os liderasse na luta contra Swein. Mas ele não iria colocar sua vida nas mãos deles.

Não confiava em nenhum homem ali.

Quando a chuva passou, sendo substituída por uma tarde dourada, Emma procurou o refúgio de seu jardim. Havia ficado grande parte daquela manhã orientando os criados na triagem dos montes de objetos que precisavam ser embalados e preparados para remoção caso os dinamarqueses atacassem a cidade. Castiçais de prata, bandejas e cálices de ouro, joias, enfeites brilhantes de cabelo, vestidos e túnicas cravejados de pedras preciosas, capas de peles, manuscritos primorosamente ilustrados – todos os aparatos da realeza tinham de ser relacionados e despachados para longe.

Ficara satisfeita por ter algo para distraí-la de pensamentos sobre o que deveria estar ocorrendo na câmara do rei – a sessão do conselho para a qual ela não havia sido convidada. Na verdade, não tivera conversa nenhuma com Æthelred, apesar da promessa dele de que iriam se encontrar naquela manhã. As notícias que chegaram do sul tinham interrompido tudo, e ela se perguntou se algum dia iriam retomar a vida normal. Sua necessidade de falar com Æthelred, de preparar um clima favorável que o atraísse para sua cama, a preocupava, deixando seus nervos já desgastados num estado ainda pior.

Naquela manhã, na catedral, vira o terror nos olhos do marido quando ele soubera que seu maior inimigo estava à solta no país. Imaginava que o medo que Æthelred tinha de Forkbeard não poderia ser maior nem se brotasse chifres no rei dinamarquês, e ela não confiava no raciocínio do marido quando ele estava assustado. Fora o medo que o levava a ordenar o massacre do dia de São Brício. Agora que os acontecimentos escapavam ao controle dele, Emma temia sua reação. Não era do feitio dele refletir sobre as coisas até o fim, e não se podia esperar que ouvisse os conselhos de ninguém, muito menos dela.

Estava considerando esses fatos quando Athelstan passou pelo portão e foi em sua direção. Ele lhe tomou a mão para beijar seu anel e ela fez um esforço consciente para não entrelaçar os dedos aos dele, mesmo que por um breve momento. Fora ela quem estabelecera os limites entre ambos e não poderia ultrapassá-los, por mais que desejasse.

– O que ficou decidido? – perguntou.

Ele lhe contou rapidamente o plano de batalha de Æthelred.

– Você estava certa sobre o medo de meu pai – afirmou. – Acho que ele está enlouquecido com isso. Não confia em ninguém, nem em seus condes, com exceção de Ælfric. Acho que teme que, se deixar qualquer um dos outros liderar um exército, ele vá se unir a Forkbeard em vez de combatê-lo. Toda a defesa do rei depende das tropas que Ælfric conseguir reunir em Hampshire e Wiltshire nos próximos dias.

– Será que ele tem motivos para ser tão receoso em relação a seus nobres?

Athelstan olhou para ela diretamente, as sobrancelhas escuras erguidas em um ar severo.

– Claro que tem. Os condes também não confiam no meu pai. Mas, por Deus, se Ælfric enfrentar os dinamarqueses e perder...

– Ælfric é um bom líder – objetou ela –, e leal a seu pai.

Ele descartou o argumento dela com um gesto de impaciência.

– Não é a lealdade dele que me preocupa. Ælfric terá que enfrentar uma parede dinamarquesa de três mil guerreiros experientes, enquanto nosso exército será composto principalmente de agricultores e chefes de família com pouco treinamento em combate, e só Deus sabe com que tipo de armaduras e armas. Como vão poder resistir aos oponentes? É provável que haja um massacre, e tudo porque não nos preparamos para enfrentar um

exército tão grande. Meu pai insiste em manter os homens realmente treinados de reserva aqui em Winchester, como última medida de defesa. Ele está errado. Seria melhor mobilizar o máximo de soldados bem armados e experientes de que dispomos no primeiro ataque, em vez de dividir nossas forças dessa maneira. E melhor ainda seria meu pai liderar o exército, ou, no mínimo, cavalgar ao lado de Ælfric. A presença do rei iria fortalecer a determinação dos nossos guerreiros.

– Já disse tudo isso a ele? – perguntou Emma.

– Ele não me escuta! Ofereci minhas tropas particulares para engrossar o contingente de Ælfric, mas ele não permitiu nem isso. Meu irmão Ecbert vai com Ælfric. Fui ordenado a ficar e preparar a defesa da cidade, para compensar o fracasso em Exeter.

Ela sabia como isso devia irritá-lo. Já era bastante ruim ter sido responsabilizado pela pilhagem de Exeter, e agora teria que ver o irmão ir para a batalha, enquanto ele era deixado para trás. No entanto, Emma estava feliz por ele ficar. Se lhes acontecesse o pior, ela o queria perto.

– Se seu pai o incumbiu do comando da nossa defesa – disse ela em tom resolutivo –, pelo menos uma coisa ele fez certo.

– Você está enganada – retrucou Athelstan, já parecendo totalmente derrotado. – Tenho a sensação de que está tudo errado. Emma, ouça-me. – Ele tomou-lhe a mão. – Você tem de sair da cidade agora, pois só Deus sabe o que pode acontecer em alguns dias. Vá para Londres e prepare um navio de modo que, caso os dinamarqueses vençam, você possa ir se refugiar na corte de seu irmão na Normandia. Não há nenhuma razão para ficar aqui.

Ela entendeu a urgência nos olhos dele, mas, antes que pudesse formular uma resposta, viu que o mordomo do rei, Hubert, tinha entrado no jardim e andava apressado na direção deles. Ficou tensa e soltou a mão de Athelstan, sem saber o que o homem teria visto. Hubert, cujo nariz comprido e pontudo sempre a fazia pensar em um rato ou uma doninha, dirigiu-se a Athelstan:

– Meu senhor, o rei solicita a sua presença em seus aposentos.

Em seu rosto sem rugas sob a franja castanha não havia nenhuma indicação de que ele havia notado algo estranho entre a rainha e o filho do rei.

– Irei imediatamente – disse Athelstan, e depois se virou para Emma. – Pense no que eu disse, minha senhora. Tome providências, eu lhe peço.

Quando ele saiu, seu apelo ecoou nos ouvidos de Emma.

Ir embora. Refugiar-se na Normandia.

Não era o primeiro que lhe aconselhava a fugir. O filho de Ælfric, o amargo Ælfgar, sugerira a mesma coisa.

Podia imaginar o que todos tinham pela frente. A selvageria que presenciara na estrada perto da Abadia de Magdalene não seria nada em comparação com a carnificina que se aproximava.

Cobriu a boca com as mãos trêmulas, pensando em Groa e em todos os outros que jaziam nos escombros de Exeter e Dorchester – cidades muradas que não tinham resistido à investida dos dinamarqueses. Por que Winchester seria diferente?

Tinha pânico do que estava por vir. Por Deus, ela queria fugir, embarcar num navio e cruzar o mar Estreito, impelida por seus receios e pela fúria do rei dinamarquês. Mas sabia que tipo de acolhida teria na Normandia. A mãe, que a escolhera para desempenhar o papel de rainha, iria desprezá-la por sua fraqueza.

E teria razão. O lugar da rainha era ali, qualquer que fosse o perigo. Naquele mesmo instante, talvez estivesse carregando uma criança de sangue real, que um dia poderia governar aquele reino por direito. Ela não iria levá-la para longe dele.

Pousou a mão na barriga, por cima do belo tecido verde do vestido. Rezou pedindo coragem, e que seu ventre estivesse gerando um filho de Athelstan.

Era muito tarde quando, finalmente chamada pelo rei, Emma entrou no quarto dele. Æthelred estava sentado à mesa comprida de um dos lados do aposento, cercado de castiçais com velas acesas. Ao alcance de sua mão havia uma taça e uma jarra. Seu mordomo, Hubert, também estava acomodado à mesa, trabalhando em um documento de aspecto oficial. Lançou-lhe um olhar furtivo, como o de um rato, que fez Emma arrepiar-se com uma súbita ansiedade.

Æthelred a ignorou por completo, por isso ela permaneceu onde estava, um manto pesado por cima da camisola de linho, os pés frios dentro de chinelos finos, enquanto aguardava a atenção de seu senhor. Sentia-se desconfortável ali, naquela fortaleza de privilégio soberano. Era o refúgio de

Æthelred, e ela nunca se aventurara a entrar ali sem ser chamada. Naquela noite, tinha sido despertada em sua cama para atendê-lo, o que jamais acontecera antes.

Mais uma vez, sentiu um leve arrepio de inquietação e uma onda de frio correu-lhe pelos braços, apesar do manto que usava. Nervosa, olhou para a outra extremidade do aposento, onde a luz das velas não alcançava. A escuridão bruxuleante naquele canto apoderou-se de sua imaginação, pois lhe pareceu sentir um movimento nas sombras sempre que não estava olhando diretamente para lá.

Era apenas um truque de luz, disse a si mesma, ou uma corrente de ar fazendo ondular a cortina espessa que ia de uma parede a outra. Atrás daquela cortina escura ficavam os baús e arcas que guardavam grande parte do tesouro pessoal do rei. A riqueza de Æthelred era lendária, e o seu reino, um prêmio cobiçado por homens que arrancariam tudo dele se pudessem.

Ela o contemplou, de repente tomada de compaixão por aquele homem que acreditava estar tão cercado de inimigos que não podia confiar nem nos próprios filhos. Æthelred pareceu sentir que era observado, pois levantou a cabeça naquele instante e os olhares dos dois se cruzaram. O rosto dele estava fundo, e Emma teve a impressão de que as rugas tinham se tornado mais acentuadas desde aquela manhã. Mas talvez fosse apenas um efeito da luz vacilante, pois as sombras pareceram se estender e estremecer como se tivessem vida própria quando o mordomo apanhou uma vela da mesa e usou a cera derretida para selar o documento que acabara de preparar.

O rei fez um sinal para o mordomo sair. O homenzinho levantou-se, fez uma mesura, depois recolheu o material de escrita e se retirou. Lançou um olhar malicioso a Emma antes que a pesada porta de carvalho se fechasse com um gemido, deixando-a sozinha com o rei e com as sombras ameaçadoras. Emma sentiu outra pontada de apreensão.

Æthelred tomou um gole de sua bebida e se levantou devagar. Vestia uma roupa de dormir de linho branco finamente bordada, com um grosso manto de lã escura por cima. Não a cumprimentou nem a mandou se sentar, e sua expressão era intimidadora.

– Escrevi para seu irmão a fim de informá-lo do ataque a Exeter, embora não tenha dúvidas de que ele já sabe. Na verdade, pode ter sabido até antes de acontecer.

Então, lançou-lhe um olhar de avaliação, como se a desafiasse a contradizê-lo. Emma gostaria de lhe dizer que estava enganado, assegurar-lhe que seu irmão não poderia saber das intenções de Forkbeard, mas ela mesma não tinha certeza disso. Richard poderia, de fato, ter feito vista grossa para os navios dinamarqueses reunidos em seu litoral norte. Athelstan mencionara essa possibilidade, e isso a atormentara durante todo o verão. No entanto, mesmo que fosse verdade, ela não conseguia imaginar como o irmão poderia impedir Forkbeard de levar seu plano adiante.

Emma não tinha uma resposta para o rei e, vendo isso, ele abriu um sorriso cruel.

– Não acha interessante – continuou – que os dinamarqueses tenham atacado sua cidade de dote, minha senhora? Tenho pensado nisso, e começo a achar que Forkbeard visava a rainha da Inglaterra, em vez de seu rei.

O rosto dele assumiu um ar especulativo enquanto esperava a reação dela à sua insinuação.

Emma fingiu estar confusa, mas sentiu o sangue gelar sob o olhar de Æthelred, pois aquelas palavras a torturavam como uma lâmina pontiaguda. Seu marido saberia das horas que tinha passado nas mãos do rei dinamarquês? A carta para seu irmão Richard seria para informar que a estava renegando?

– Não entendi o que quer dizer, meu senhor – obrigou-se a falar, embora sua boca de repente tivesse ficado seca.

– Não consegue pensar em nada? – instigou ele, erguendo as sobrancelhas, zombeteiro, e torcendo os lábios num sorriso escarninho de descrença. Andou lentamente em direção a ela, tomou-lhe a mão esquerda e começou a brincar com o anel em seu dedo médio, símbolo de seu vínculo matrimonial. – De minha parte – acrescentou –, não posso deixar de imaginar se o seu irmão teria prometido sua mão em casamento a outra pessoa antes de mim.

Ao dizer isso, fixou os cristalinos olhos azuis no rosto dela, esperando sua reação, mas ela estava tão perplexa que apenas o fitou com total incredulidade.

– Swein Forkbeard tem dois filhos – acrescentou Æthelred. – Você não se comprometeu com um deles, Emma, e depois rompeu o compromisso quando o meu emissário fez uma oferta melhor?

– Não, meu senhor. Nem o meu irmão assumiu tal compromisso, eu lhe garanto.

Ele sorriu, mas não foi um gesto caloroso.

– Então talvez tenha sido o próprio rei dinamarquês que ganhou a sua... admiração, digamos? Perguntei-lhe em nossa noite de núpcias se era donzela, e embora tenha acreditado em você quando me deu certeza de sua inocência, tenho de perguntar isto agora. Você por acaso concedeu seus favores a Swein Forkbeard antes de seu irmão me dar a sua mão? Será que comprei uma mercadoria usada? Foram as suas terras que Swein devastou, Emma, não as minhas. Vingança de um amante rejeitado, talvez?

O primeiro instinto dela foi esbofeteá-lo, mas com muito esforço conseguiu controlar a raiva. Era o medo de Æthelred que estava falando. Ele era como um animal acuado que agredia o que estivesse ao seu alcance. Se lhe desse um pretexto para machucá-la, ele o faria com uma alegria selvagem. Não podia perder a cabeça, pois estava completamente sob o poder dele.

Ela puxou a mão da dele e disse, com frieza:

– Eu era virgem quando me casei com o senhor, meu rei, e não estava prometida a ninguém antes de lhe dar a minha mão. Quanto à escolha do alvo de Swein Forkbeard, não tenho a presunção de adivinhar o que se passa na cabeça dele. Sem dúvida ele vê Wessex inteira como propriedade do rei.

Então ela cruzou os braços. O quarto estava frio, e o sorriso desagradável do rei o fazia parecer mais gelado ainda.

– De qualquer forma – retrucou ele –, receio que a destruição de Exeter deverá afetar negativamente os seus rendimentos, como informei a seu irmão. Seria bom consultá-lo sobre meios adicionais de apoio financeiro, já que vai receber pouco de suas propriedades em Exeter até os danos serem reparados. Tem a minha promessa de que não vai receber mais nada de mim até cumprir a tarefa da qual, virgem ou não, foi incumbida ao vir para cá. Vamos?

E fez um gesto em direção à cama.

Ela o encarou. Aquele era um homem que tinha exibido um desfile de amantes praticamente desde o dia do casamento. Agora, porém, com base em atos criados por sua imaginação doentia, ele a considerava uma prostituta. Ela o desprezava. Não queria que a tocasse, nem sequer que

falasse com ela. A compaixão que havia sentido por ele tinha se evaporado, e ela só queria distância.

– Não tem medo, meu senhor – disse ela, com o mais frio desdém que conseguiu reunir –, que eu vá contaminar seus lençóis sagrados?

Talvez ele simplesmente a esbofeteasse e atirasse para fora do quarto.

Não houve nenhum clarão de raiva em seus olhos, porém. Só o que viu em seu rosto foi frieza e calculismo e, para seu espanto, uma espécie de diversão sinistra.

– Tem razão – falou. – Por que sujar minha roupa de cama com uma puta normanda? Você não precisa de cama para cumprir o seu papel como receptáculo real.

Ele agarrou-lhe o braço e empurrou-a para a mesa comprida. Por um momento, Emma ficou confusa. Em seguida, pressionando a nuca dela com firmeza, forçou-lhe a cabeça para baixo. Ela estendeu os braços instintivamente para se apoiar na superfície de madeira, mas não conseguiu resistir à força dele – só pôde virar a cabeça para um lado pouco antes de seu rosto bater na mesa.

– Posso chamar meu criado para segurá-la, se quiser – sussurrou ele em seu ouvido. – Ou você pode cumprir o seu dever, como uma boa esposa. O que vai ser? Você escolhe.

Ele exigia uma resposta, pensou Emma, porque desejava a completa submissão dela à sua vontade.

O poder absoluto sobre alguém era, para Æthelred, o máximo da excitação.

– Vou cumprir o meu dever – respondeu ela, com a voz rouca, entre os dentes cerrados.

Sentiu-o levantar sua camisola e expôr sua carne quente ao ar frio. As mãos dele agarraram seus quadris e a puxaram com força contra si ao penetrá-la. Emma agarrou-se à borda da mesa e, a cada estocada, via a chama da vela tremer.

Quando ele terminou, limpou-se com a barra da camisola dela, enquanto ela jazia ali, atordoada e humilhada.

– Você vai me atender aqui, amanhã à noite, desta mesma forma – decretou Æthelred –, e vai continuar a fazê-lo até poder me informar que está grávida. Saia daqui.

Ela se levantou da mesa e ajeitou a roupa, mas sem se apressar. Não lhe daria a satisfação de sair correndo, e não iria demonstrar medo. Olhou para ele com o queixo erguido, depois caminhou para a porta.

– Emma.

A voz a deteve antes que ela pudesse levantar a tranca e escapar de sua presença repugnante.

Não se virou. Não tinha estômago para encará-lo de novo.

– Fique longe do meu filho – ordenou ele. Podia ouvi-lo enchendo a taça novamente. – Você me entendeu?

Então aquilo tinha sido mais do que um castigo por algum episódio romântico imaginário com o rei dinamarquês muito tempo atrás. Era uma competição ilusória, feroz, entre o rei e seu filho. O que ele teria imaginado sobre seus sentimentos por Athelstan, ou dele por ela? Com certeza, se soubesse a verdade o castigo teria sido muito pior.

– Entendeu? – repetiu ele, com mais ênfase na voz.

– Sim, meu senhor – retrucou ela.

Nas três noites seguintes, Emma atendeu a seu marido no quarto dele, voltando depois para a própria cama, onde se curvava de forma protetora ao redor do ventre, que rezava para estar carregando a semente de uma criança. Na quarta manhã, acordou com a roupa de baixo manchada de sangue. Não haveria bebê nenhum, e ela chorou a perda com o coração dolorido e lágrimas secretas, pungentes.



1003 d.C. Então foi reunida uma força militar enorme, que logo se pôs em marcha contra o inimigo. Deveria ter sido o conde Ælfric a liderá-la; no entanto, quando estavam tão perto que um exército já avistava o outro, ele alegou doença e começou a ter ânsias de vômito, dizendo que estava nauseado... Quando Swein viu que não estavam preparados e que batiam em retirada, conduziu seu exército para Wilton, e eles saquearam e incendiaram a cidade.

– *Crônica Anglo-Saxã*

Capítulo Trinta e Quatro

Agosto de 1003

Winchester, Hampshire

A cidade de Winchester viveu imersa numa névoa de apreensão e medo durante sete angustiantes dias. No horizonte a sudoeste, uma fina mancha de fumaça subia incansavelmente em direção ao céu, pois os invasores queimavam cada cidadezinha, aldeia e fazenda que estivesse em seu caminho. Um fluxo constante de refugiados trazia notícias sobre o avanço dos dinamarqueses em direção ao norte.

A própria Winchester tinha sido privada da maioria dos seus homens treinados, que haviam pegado suas armas e marchado para o oeste com o conde Ælfric para rechaçar o inimigo. Os que ficaram para trás revezavam-se em cima das muralhas da cidade, atentos a qualquer sinal de aproximação do exército invasor. Todo o comércio parou. Lojistas e artesãos fecharam as portas. Não restou ninguém para trabalhar nos moinhos, e o pão se tornou escasso. Apenas as enormes pedras dos moinhos do palácio continuaram a girar, e trabalhavam desde a primeira luz da manhã até a escuridão total. Ao meio-dia, os portões do palácio eram escancarados e criados distribuíam farinha à população, que formava uma fila que seguia para além da Antiga Catedral, passando pelo Portão de St. Thomas até a rua Ceap. Dentro das duas grandes igrejas e da Abadia de St. Mary, os monges e as freiras lançavam aos Céus uma torrente de orações por misericórdia.

No oitavo dia depois do ataque a Dorchester pelos dinamarqueses, o destino de Winchester foi decidido em uma planície a oeste, perto da cidade de Wilton. Dois dias após os exércitos se encontrarem, Athelstan e Edmund

ouviram de Ecbert o relato do que acontecera, já que ele havia assistido a tudo em primeira mão.

– Avistamos o inimigo no início da tarde – contou Ecbert no leito em que convalescia, e Athelstan aproximou seu banco da cama para ouvi-lo melhor. – Por Deus, estávamos muito perto uns dos outros, o suficiente para vermos os rostos dos patifes horrendos. – Ele parou e engoliu em seco várias vezes antes de continuar: – Os homens de ambos os lados estavam agitados, prontos para lutar. Começamos a nos insultar, gritando ofensas e palavrões. Não que conseguíssemos compreender as palavras, mas o significado era bem claro.

Ele tentou forçar um sorriso, que virou uma careta.

– Espero que tenha aprendido algumas obscenidades em dinamarquês – disse Edmund. – Podem vir a ser úteis daqui a algum tempo.

Ecbert riu, depois gemeu.

Athelstan, impaciente para ouvir a história, repreendeu Edmund:

– Não o interrompa. O que aconteceu depois?

– Tínhamos parado no meio da manhã para os homens comerem alguma coisa. Ælfric chamou os comandantes, uns dez de nós, mais ou menos, para tomar o café da manhã com ele. Obriguei-me a comer um pouco de pão e carne e, durante a refeição, ele expôs seus planos para a batalha iminente, e deu a cada um de nós as nossas ordens. Sabíamos o que fazer, como posicionar nossos homens... Sabíamos tudo. Mas não tivemos a oportunidade de fazer nada.

Ecbert olhou para a parede oposta, como se estivesse assistindo de novo aos acontecimentos. Uma fina camada de suor umedeceu-lhe a testa.

– Ainda não tínhamos tomado posição – continuou ele –, e eu ainda estava montado quando percebi que algo estava errado. Os dinamarqueses já tinham formado uma parede de soldados, e começaram a bater as espadas contra os escudos, prontos para a batalha. O som era como um trovão, e parecia estar dentro da minha cabeça. Fechei os olhos para afastar a dor, mas ela não ia embora. Quando abri os olhos, vi Ælfric a apenas alguns passos de mim, de quatro no chão, vomitando as tripas, cercado por seus *thegns*.

Ele fechou os olhos e colocou a mão sobre o rosto.

– Fiquei sentado ali, olhando para ele, com minha cabeça latejando horrivelmente e o estômago se contraindo de dor. Lembro de ter ficado tonto, e então vi Osric, que tinha sido enviado para negociar com os

dinamarqueses, de repente cair da montaria enquanto cavalgava, como se tivesse sido atingido por uma flecha invisível. Minha dor de cabeça tinha piorado tanto que eu só conseguia pensar que precisava desmontar antes que caísse também. Desci do cavalo e comecei a vomitar, e minhas mãos tremiam tanto que eu não conseguia nem segurar as rédeas. Deus, a dor na cabeça e na barriga eram tão terríveis que eu teria recebido de bom grado o golpe de uma espada dinamarquesa só para pôr um fim naquilo.

Athelstan observava o irmão deitado ali, mole e prostrado. Ecbert ainda não havia se recuperado, embora os acontecimentos que relatava tivessem se passado dois dias antes.

– Os homens estão dizendo que Ælfric ficou apavorado ao ver os dinamarqueses – falou Athelstan devagar, detestando ter de sobrecarregar seu irmão com a notícia, mas sabendo que ele iria ficar sabendo mais cedo ou mais tarde.

Ecbert praguejou.

– Mesmo passando mal, ouvi os homens a meu redor resmungando, me chamando de inútil, de chorão, de covarde. – Ele suspirou. – Na verdade, devo ter parecido isso tudo mesmo.

Sentou-se e agarrou fracamente o braço do irmão mais velho.

– Eu estava com medo, Athelstan – murmurou. – Essa parte é verdade. Mas não foi medo que me derrubou, eu juro! Foi uma espécie de maldição ou magia pagã que nos fez cair de joelhos. Não sei como eles fizeram isso. – Sua voz fraquejou e ele desabou de novo nos travesseiros. – Nem sei o que aconteceu depois disso. O resto você vai ter de me contar.

– Houve mais ou menos dez homens doentes como você – disse Athelstan. – Ælfric, Osric, Edric, Brihtwold, Lyfing. Todos os comandantes, percebe? Quando o chefe fica doente, todo o exército é prejudicado. Não havia ninguém mais para comandar, então todos os soldados recuaram. Os dinamarqueses venceram a batalha sem levantar uma espada.

– Deve ter sido sabotagem – insistiu Edmund. – Algum espião dinamarquês passou pelas nossas linhas e envenenou a comida ou a bebida.

– Mas havia horas que tínhamos comido – rebateu Ecbert. – Um veneno com certeza faria efeito antes disso.

Athelstan ficou em silêncio, pois não tinha resposta para aquilo. Alguma força, ele tinha certeza, estava ajudando o rei dinamarquês. O que não sabia, porém, era se havia sido a mão de Deus, do homem ou do Diabo. Suspirou,

frustrado e desanimado. Eles haviam sofrido uma derrota, era verdade, mas não fora tão ruim quanto poderia ter sido.

Ele contou ao irmão o resto da história, tudo o que Ecbert não tinha visto enquanto estava deitado em uma carroça coberta, perdido em sonhos febris, quando fora levado de volta para Winchester.

O grande exército de Ælfric, sem líder, havia sido forçado a bater em retirada. Muitos homens tinham se desgarrado e voltado para suas casas e fazendas. A maioria, porém, retornara em grupo para a cidade real.

– Os dinamarqueses primeiro invadiram Wilton, depois Salisbury. Saquearam casas e lojas, e levaram uma grande quantidade de prata das oficinas e dos depósitos de cunhagem de moeda. Pelo jeito, esses despojos os satisfizeram – disse Athelstan secamente. – Não tentaram sitiar Winchester, graças aos soldados remanescentes do exército de Ælfric, que se juntaram a nós nas muralhas que havíamos preparado para defender a cidade. Isso afastou os dinamarqueses, que desviaram para o sul e seguiram ao longo do Avon. Enviamos homens em seu rastro, e espero receber em breve a informação de que embarcaram de volta para sua terra.

– Assim nosso pai não terá de suborná-los com ainda mais prata para irem embora e nos deixarem em paz – comentou Edmund.

– Se lhes déssemos mais prata – resmungou Athelstan –, seus navios provavelmente afundariam com o peso. – Olhou para Edmund e viu no semblante do irmão seu próprio medo refletido. – Os dinamarqueses não vão nos deixar em paz por muito tempo. Você e eu sabemos o que Forkbeard vai fazer com toda a sua riqueza recém-adquirida.

Edmund assentiu.

– Vai construir mais navios e pagar mais homens.

– E então, irá voltar – concluiu Athelstan com ar severo.

Capítulo Trinta e Cinco

Setembro de 1003

Casa senhorial de Aldeborne, Northamptonshire

Foi o conde Æl elm quem levou a notícia dos saques de Dorchester, Wilton e Salisbury para seus filhos e sua filha, em Northamptonshire. Elgiva assistiu à chegada de seu pai da porta do grande salão, com Wulf à sua direita e seu irmão mais velho, Ufegeat, à esquerda. O ar do outono estava frio, e ela tinha a taça de cerveja de boas-vindas nas mãos quando Æl elm desmontou e subiu os degraus para ir ao encontro deles.

Elgiva não o via desde a primavera, e ficou impressionada com sua aparência envelhecida. Teria ele realmente ficado mais velho ou os sentidos dela é que estavam mais aguçados? Desde que tivera a visão do cervo branco, ela tinha a sensação de que tudo parecia diferente – mais velho, mais tenebroso, até ameaçador. Seria esse o dom que aquela visão concedia? Se assim fosse, preferiria que seu efeito passasse bem depressa.

Mandara preparar uma refeição e, quando o pai se sentou para comer e beber, os três filhos escutaram com atenção o que ele tinha a relatar.

– É certo, então – disse Elgiva, depois que ele contou sobre a doença inoportuna de Ælfric e a retirada inglesa –, que os dinamarqueses se foram de nossas costas de uma vez?

Desde seu retorno de Exeter, os irmãos a tinham mantido confinada dentro da propriedade, por medo de invasores dinamarqueses. Sempre que ela conseguia pôr os pés para fora dos muros, fosse para ir a cavalo até Northampton, nas proximidades, ou a uma expedição de caça dentro das florestas próprias, era acompanhada por uma escolta armada e por um dos irmãos. Estava farta deles.

– O certo é que eles deixaram nossas costas por enquanto – respondeu Æl elm. – Quem acreditar que se foram para sempre é um sonhador ou um tolo.

– E em qual categoria você colocaria nosso amado rei? – perguntou Ufegeat.

Ele levantou a taça em direção a Elgiva pedindo mais cerveja, como se ela não passasse de uma criada. A atitude arrogante do irmão mais velho a enlouquecia, embora, verdade seja dita, ele dispensasse aquele mesmo tratamento a todas as mulheres – como se o único propósito da existência do sexo feminino fosse servi-lo. Ela encheu a taça dele, mas praguejou em voz baixa.

Ufegeat recostou-se na cadeira com a taça cheia até a borda e esperou a resposta do pai ao seu gracejo.

– Æthelred é um sonhador e um tolo, como sabem muito bem – resmungou Æl elm. – Vocês mesmos viram isso em Cumberland há dois anos, não viram? Quando a frota se deparou com uma tempestade e não conseguiu se encontrar com a força terrestre na hora marcada, toda a ação militar foi um fracasso. Um grande desperdício de tempo e dinheiro, tudo porque Æthelred não tinha a menor capacidade de antecipar o que poderia dar errado, nem o intelecto para se preparar para isso. E como ele é incrivelmente azarado, algo sempre acaba mesmo dando errado, e o resultado é um desastre. Já aconteceu várias vezes. Esse episódio de Wilton é apenas o exemplo mais recente. Não admira que o nosso rei não tenha estômago para lutar. Em vez disso, ele reza, chora e sonha que tudo ficará bem. Mas não adianta sonhar com os dinamarqueses longe daqui. Eles vão nos atacar de novo no próximo verão, podem ter certeza. A única dúvida é onde.

– Eles não vão nos atacar aqui, vão? – perguntou Elgiva, apavorada, ávida por ser tranquilizada.

E, caso atacassem, entrando pela foz do rio Wash e subindo o rio Nene, ou marchando de Wessex para o norte, haveria faróis de alerta acesos, com certeza. Haveria tempo para fugir.

– Não tenha medo – disse Æl elm. – Eles não vão atacar nenhum lugar aqui perto.

Ela viu o pai e Ufegeat trocarem um rápido olhar astuto, tão breve que ela não teve certeza de que realmente acontecera.

– Parece muito certo disso, meu senhor – observou Wulf.

Æl elm deu de ombros.

– Swein não iria atacar tão no interior a menos que estivesse louco, ou então preparado para desafiar Æthelred pelo reino inteiro. Ele não é louco, e não acredito que tenha a quantidade de navios e homens de que precisaria para invadir toda a Inglaterra. – Levou o copo aos lábios e murmurou: – Pelo menos, ainda não.

Elgiva olhou para ele.

– O senhor acha que é isso que ele quer? Acha que ele se tornaria rei da Inglaterra, além da Dinamarca e da Noruega?

Era um pensamento aterrorizante. Se fosse verdade, não haveria lugar onde se esconder dos combates. Nenhum local do reino seria seguro. Por Deus, seu pai provavelmente a trancaria em um convento para protegê-la, e isso a deixaria louca.

Æl elm fez um gesto descartando a possibilidade.

– Não perca tempo se atormentando com isso, filha. Seus irmãos e eu vamos cuidar de você, haja o que houver.

Elgiva deu um riso de desdém.

– Faz semanas que meus irmãos me protegem, e acho isso indescritivelmente tedioso. Gostaria que os dinamarqueses ficassem na casa deles, em seus próprios salões. Se esse Forkbeard vier para as nossas costas de novo, vou rezar para uma tempestade passar e engolir toda a frota dele.

– Perdoe-nos, Elgiva, por não acreditar que as *suas* orações vão ser atendidas. Tenho observado que você tende a ser bastante relapsa nessa prática.

Ela o ignorou. Não acreditava realmente no poder da oração para efetuar mudanças na vida dos homens. Por que Deus se importaria com o que os mortais faziam uns aos outros? O que acontecia neste mundo não podia afetá-Lo, nem para o bem nem para o mal. Além disso, todos os cristãos não estavam rezando para o mesmo Deus? Será que o Todo-Poderoso deveria escolher um dos lados de uma batalha de acordo com o número de orações enviado para o Céu? O conceito de um Deus assim só poderia ter sido inventado por algum macho arrogante, alguém como Ufegeat, que já havia fundado uma abadia com a finalidade específica de rezar por sua alma imortal. Ele parecia convencido de que isso o autorizava a desobedecer aos

dez mandamentos enquanto estivesse na terra e ainda assim encontrar um lugar reservado para ele no reino celestial de Deus.

Ela mesma não tinha interesse nos salões do Paraíso. Estava muito mais interessada no que deveria estar ocorrendo no salão de Æthelred agora que a ameaça dinamarquesa tinha passado.

– Tem notícias da rainha? – indagou ao pai. – Ela perguntou por mim?

– Ela se mostrou bastante satisfeita ao ouvir sobre sua fuga de Exeter – disse ele. – Pensou que estivesse morta. – Ele lançou um olhar inquiridor a Wulf. – Gostaria de saber mais sobre o que aconteceu naquele dia, e espero que você me apresente uma explicação completa.

Havia uma frieza em sua voz, e Elgiva não invejou o irmão. Ele teria de confessar que se atrasara para resgatá-la do *burh* em Exeter porque estava se divertindo com uma prostituta. Isso, no entanto, era problema dele.

– A rainha não mandou me chamar? – perguntou Elgiva com urgência na voz. – Não vou voltar para a corte?

Ela queria estar em Winchester, longe do tédio sufocante do solar de seu pai. Seria capaz de jurar que até o salão estava encolhendo diariamente, pouco a pouco.

– A rainha não a chamou – retrucou ele. – Na verdade, você não teria muito com que se divertir por lá. Lady Emma está de luto pelas vidas perdidas em Exeter. Tem muito poucas damas em seu séquito, pois não pode pagar. Sua renda ficou bastante reduzida, já que muitas propriedades dela em Exeter foram saqueadas e incendiadas pelo exército de Swein. Há rumores de que ela pediu mais fundos ao irmão, Richard. Além do mais, ela perdeu as boas graças do rei. Ele a trata com uma civilidade fria e continua a impedi-la de participar de seus conselhos.

Elgiva brincou com a colher de sal, pensativa. Se Æthelred havia se cansado de Emma outra vez, seria mais importante ainda ela retornar à corte. Poderia influenciar o rei de uma forma que seu pai jamais conseguiria. Além disso, os *æthelings* estariam lá, e ela ainda esperava atrair Ecbert para sua cama.

Cruzou as mãos sobre a mesa à sua frente, inclinando-se com ar insistente para o pai.

– Estou cansada de viver tão longe da corte. Se não há lugar para mim no séquito da rainha, a casa de meu irmão em Winchester vai me servir

muito bem. Sem dúvida o senhor vai participar das festas do Natal com o rei, e então eu poderia...

– Não vou participar das festas do Natal na corte – interrompeu-a Æl elm. – O rei gostaria da minha presença, com certeza. Ele quer todos os seus condes a seu lado, mas fiquei à disposição dele durante o verão e não vejo razão para cortejá-lo também durante o inverno. Ele não ouve o que eu digo, e não vou perder meu tempo.

– Mais uma razão, então – insistiu ela –, para eu voltar a Winchester. O rei me favoreceu antes, e posso ser...

– Você, menina – vociferou seu pai, estendendo o braço por cima da mesa para agarrar-lhe o pulso com tanta força que a dor e o susto a fizeram gritar –, será menos generosa com seus favores daqui por diante. Sei muito bem como o rei a favoreceu, e que você o recebeu como uma cadela no cio. Fingi que não via enquanto pensei que poderia ser proveitoso, mas não nos trouxe nenhuma vantagem, e agora isso vai parar. Vou cuidar disso! Sua ama não está mais aqui para lhe servir de alcoviteira, e você vai ver que não é tão fácil me tapear.

Ele a empurrou para longe, e Elgiva fechou a cara, esfregando o pulso. Ficou sentada em silêncio sepulcral e tomou um longo gole de cerveja, limpando a boca com as costas da mão em seguida.

– De qualquer maneira, o rei não vai se divertir com você – acrescentou ele com um arrote. – Os bispos puseram as garras nele e o convenceram de que um governante casto tem mais chances de obter as graças de Deus. A rainha é a única mulher que visita o quarto dele agora.

– Mas o senhor não disse que ele a trata com frieza? – murmurou Elgiva, emburrada.

– Sim, mas isso não o impede de ter relações carnavais com ela. Ele odiava sua primeira esposa, e ainda assim teve mais de dez filhos com ela. Deus permita que essa outra não seja tão fértil.

– O rei não vai viver para sempre – observou Wulf. – Nós deveríamos estar bajulando os filhos dele.

Elgiva achava a ideia excelente, mas sabia que não devia expressar sua opinião naquele momento. O pai estava bêbado além do ponto em que poderia convencê-lo com palavras doces e sorrisos. Não podia fazer mais nada além de ficar ali sentada e ouvir – e esperar descobrir alguma informação para seu benefício.

– O rei fechou o bolso para os filhos – disse Æl elm, engrolando as palavras e olhando inexpressivamente para seu copo de cerveja. – Assumiu o controle das propriedades e da renda deles e, o que é pior, colocou espiões para vigiá-los. Não podem nem dar uma mijada sem o rei saber.

– Ele desconfia de que possam traí-lo, então? – perguntou Ufegeat, surpreso.

Æl elm deu uma gargalhada.

– E de quem ele não desconfia? Por enquanto – continuou, espetando outro naco de carne com a faca –, vamos ser pacientes. Observar, esperar e ouvir. Você – apontou a faca para Ufegeat – irá para Jorvik no Natal. Há assuntos lá que precisam ser resolvidos. Você – apontou a faca para Wulf – vai ficar aqui comigo, e juntos vamos guardar o maior patrimônio de nossa família. E você – Elgiva viu a faca apontada para ela – vai se retirar para uma vida de tranquila solidão. Dê graças a Deus por não ter de contar os centavos, como a rainha de Æthelred. E se eu a pegar de olho em qualquer homem, não importa quem seja, vou raspar sua cabeça e vesti-la com um saco de batatas com minhas próprias mãos.

Ela ficou boquiaberta.

– O que fiz para merecer isso? – choramingou.

– É o que você ainda vai fazer que me interessa – disse Æl elm –, e não vou deixar que coloque meus planos em risco. Agora vá para o seu quarto. Tenho assuntos a discutir com meus filhos.

Ele apontou para a porta com a faca, bêbado, mas Elgiva não se mexeu. Sentiu o sangue lhe subir à cabeça e atirou toda a cautela para o alto.

– Não, pai. Agora *eu* tenho alguns assuntos a discutir com *o senhor* – disse ela, a voz sibilante, inclinando-se por cima da mesa. – Gostaria de saber o que fez com a informação que lhe dei sobre os movimentos da rainha naquele dia infeliz em Wessex. Gostaria de saber por que meu irmão estava falando com um bandido dinamarquês em uma ruela erma de Exeter. E, acima de tudo, gostaria de saber quais são os planos que fez para mim sem a minha permissão.

Æl elm ficou paralisado de espanto, boquiaberto, enquanto o molho da carne lhe escorria pelo queixo e a barba. Mas foi Ufegeat quem respondeu, dando um forte tapa no rosto dela. Enquanto ainda estava atordoada demais para se mexer, ele agarrou seu braço e arrastou-a do banco.

– Você está com a língua solta demais, menina, e com a boceta também.
– Ele a sacudiu tanto que ela ficou tonta. – Dessa vez você foi longe demais. Vai calar a boca, manter as pernas fechadas e fazer o que está sendo mandada fazer. Agora saia daqui!

Empurrou-a para longe e ela caiu fora do tablado, sobre o piso duro de ardósia. Ficou ali por um momento, esperando a cabeça parar de girar, avaliando os danos. Seu quadril e seu cotovelo doíam por causa da queda, e ela estava com gosto de sangue na boca. Viu Wulf olhar para ela, mas sem fazer qualquer movimento para ajudá-la. Era covarde demais para desafiar o irmão mais velho.

Æl elm nem sequer a olhou, e Ufegeat já tinha desviado a atenção para outra coisa. Devagar, ela se levantou e mancou em direção à porta, segurando o braço.

Ufegeat nunca teria tocado nela se Groa ainda estivesse viva. Todos eles temiam a velha em razão de seu conhecimento sobre ervas, sabendo que Groa poderia se vingar caso alguém machucasse sua protegida.

Bem, ela podia não ter os conhecimentos de Groa ou suas habilidades, mas iria encontrar uma maneira de fazê-los pagar por aquilo. Não sabia como nem quanto tempo levaria, mas um dia iria fazê-los se arrependerem daquele tratamento. Que tivessem seus planos e segredos. Que tentassem mantê-la presa como um cão no canil. A cadela preciosa era brava, e um dia eles iriam descobrir, para seu grande desgosto, que ela sabia morder.

Outubro de 1003

Winchester, Hampshire

Emma tinha a sensação de que a frieza do rei para com ela impregnara as próprias paredes do palácio. Ela tinha poucos amigos entre os nobres, e até os criados a tratavam com uma cortesia seca que ela achava difícil suportar.

Tal como Æthelred, eles a consideravam de alguma forma responsável pelo ataque dinamarquês, como se, tal qual a força das marés, Emma tivesse atraído os invasores às costas da Inglaterra. Corria à boca pequena que seu capataz normando, Hugh, abrisse com as próprias mãos as portas de Exeter aos inimigos, e assim a destruição da cidade recaía diretamente sobre os

ombros dela. O massacre do dia de São Brício, no ano anterior, perpetrado por ordem do rei, tinha sido esquecido. Em vez disso, era a rainha estrangeira a culpada de tudo.

Assim, Emma vivia como uma estranha entre eles. O rei nunca a procurava e quase nunca se dirigia a ela, nem mesmo por ocasião das visitas noturnas ao quarto dele para satisfazer-lhes as demandas sexuais. Ela sabia, ao se submeter a essa função particularmente odiosa, que estava cumprindo seu dever como esposa e rainha, mas sentia-se maculada pelo ato, pois não havia afeição ou entusiasmo da parte de nenhum dos dois. Tinha a impressão de que eram animais presos na mesma jaula com o único propósito de copular.

Apesar da frieza de Æthelred, no entanto, ela o via com frequência, porque se recusara a formar uma segunda corte, como no primeiro ano de seu casamento. Pressentindo que o rei adoraria se ela se escondesse em seus aposentos, Emma aproveitava todas as oportunidades para acompanhá-lo aonde quer que fosse. Ia com ele à missa e às caçadas diariamente. Sentava-se a seu lado à mesa e quase nunca saía antes que ele se retirasse para seus aposentos. Tolerava seu frio desdém com paciência estoica, endurecendo-se contra ele como o aço de uma espada afiada. Tinha sempre em mente a noção de que era a filha de um duque normando, que era uma rainha inglesa, e usava essa consciência como uma pedra de amolar para aguçar a sua resistência a ele.

Também via Athelstan com bastante frequência, mas tomava o cuidado de nunca ficar a sós com ele. Um simples olhar do filho mais velho de seu marido ainda tinha o poder de acelerar seu coração, mas ela se especializara em disfarçar seus pensamentos e emoções. A advertência de Æthelred ainda soava em seus ouvidos, e ela não lhe daria nenhuma razão para suspeitar de seus sentimentos, pelo bem tanto de Athelstan quanto de si mesma. Em vez disso, cultivava os poucos amigos que tinha na corte, como o conde Ælfric e o bispo Æl eah. Os dois eram seus aliados e forneciam-lhe informações sobre o reino que o marido, com seu frio silêncio, lhe omitia. Com a ajuda deles, Emma conseguia se manter por dentro do que acontecia em todos os lugares, de Canterbury a Jorvik, de Londres a Exeter.

Ainda assim, era uma existência deprimente e, no final de setembro, Emma já aguardava com impaciência o retorno dos filhos do rei da estadia em Oxfordshire. Não alimentava a ilusão de que a presença deles de alguma

forma melhorasse a disposição do rei e da corte para com a ela, mas pelo menos as crianças iriam distraí-la. E assim aconteceu.

O pequeno grupo chegou num fim de tarde. Emma, em seus aposentos com Wymarc, Margot e o padre Martin, ditava cartas que seguiriam para seu irmão em Rouen. As igrejas e os mosteiros dentro de Exeter e em seus arredores estavam muito necessitados de dinheiro a fim de começar os reparos e, mais importante, fornecer alimentos e abrigo às muitas pessoas que tinham sofrido nas mãos dos dinamarqueses. Todos recorriam a ela para pedir ajuda, e Emma tinha pouco a oferecer.

Enquanto pensava na melhor forma de apresentar seu pedido a Richard, ouviu um barulho fora do quarto. No momento seguinte, a porta se abriu e os filhos de Æthelred se lançaram sobre ela como um bando de pássaros barulhentos. Wulfa, de 4 anos, imediatamente pediu colo a Emma, enquanto as duas irmãs maiores insistiam que ela decidisse qual delas tinha crescido mais durante o verão. Emma havia acabado de declarar que Ælfa parecia um pouco mais alta quando Edgar, agora com 10 anos e sedento de sangue como todos os meninos da idade, foi lhe mostrar uma adaga nova segurando-a bem debaixo do seu nariz. Ele se ofereceu para demonstrar a qualidade da lâmina cortando um dos cachos dourados de Ælfa, levando a menina às lágrimas enquanto ela se protegia atrás da cadeira de Emma.

– Ponha a faca de volta na bainha, Edgar – ordenou Emma, enquanto Wymarc tentava distrair Ælfa e Edyth com uma arca cheia de fitas de seda. – Agora me mostre o punho da adaga – pediu, passando Wulfa para sua outra perna. – Que desenho é esse nele?

– É um dragão – disse o menino, entusiasmado, desafiando o cinto e segurando a faca na bainha para que Emma pudesse admirá-la. – Olhe como o corpo dele envolve todo o punho. E há labaredas saindo da boca, veja. Eu o batizei de Firedrake.

– É lindo – elogiou ela, correndo o dedo pelo delicado engaste de prata que formava o dragão. – Onde você conseguiu este presente principesco?

– Edward me deu antes de sairmos do palácio de Headington – disse ele. – O ferreiro de lá tem caixas e caixas de armas guardadas em uma sala especial, coisas que pertenceram ao meu tio e ao meu avô. Ele deu esta adaga a Edward logo que chegamos, mas meu irmão falou que não iria ter utilidade para ele, então a deu para mim. Tenho um escudo também. Posso lhe mostrar. Quer ver?

– Quero, amanhã – retrucou Emma, vagamente apreensiva ao ouvir Edgar contar sobre a generosidade do irmão. Qual rapaz não acharia utilidade para uma adaga, sobretudo uma tão bonita e valiosa como aquela? – Mas onde está Edward? Será que foi encontrar seus irmãos mais velhos?

– Não – respondeu Edgar com uma careta. – A ama o levou direto para a cama. Ele está sempre cansado agora. Nunca brinca comigo. – Então, seu rosto se iluminou. – Mas ele disse que eu vou ser copeiro do rei agora, porque é muito difícil para ele ficar de pé por muito tempo.

Alarmada, Emma lembrou quando tinha visto Edward pela última vez. Era o mês de junho, e ele ainda não tinha se recuperado totalmente da doença que o derrubara na primavera. Não teria melhorado durante todo o verão? Trocou olhares com Margot, que, compreendendo, assentiu com a cabeça e saiu. Margot iria checar como estava o menino, e Emma tinha certeza que a velha ama encontraria algum remédio para o que quer que o afligisse.

No entanto, logo ficou claro que Margot não tinha nenhuma poção que pudesse devolver a saúde ao jovem *ætheling*. Quando Emma foi se sentar junto dele mais tarde naquele dia e segurou a mão do menino na sua, estava cheia de maus presságios. Era como se alguma centelha vital dentro dele houvesse esmaecido, e ela pressentia que em pouco tempo estaria extinta por completo.

Capítulo Trinta e Seis

Abril de 1004

Winchester, Hampshire

Durante todo o inverno e o início da primavera, Margot procurou um tratamento para a doença de Edward. Esfregava o peito do menino com um unguento feito de arruda e babosa fervidos em óleo que parecia dar-lhe um breve alívio da dor no peito. Uma pomada de absinto e hortelã fervidos em manteiga aliviava as dores nos joelhos e nos dedos das mãos. Uma mistura de cerveja com pastinaca foi preparada para fortalecê-lo e acabar com sua lancinante dor de cabeça, mas apenas o ajudou a dormir.

O médico enviado pelo rei insistiu em sangrar Edward, o que pareceu fazer mais mal do que bem. O menino, que conseguia andar pelo seu quarto um pouco a cada dia, não pôde nem mais ficar sentado por duas semanas depois da sangria, e nunca mais recuperou as forças para sair da cama. Durante todo o outono e as festas natalinas ele permaneceu acamado, assistido pela rainha e suas acompanhantes.

Emma passava uma hora com ele todos os dias, distraíndo-o com histórias que lembrava da infância. Às vezes levava a harpa e cantava para ele, explicando-lhe depois o que as palavras significavam, embora muitas vezes a música o fizesse adormecer. Aos poucos, as exíguas forças do menino desapareciam, e Emma contemplava seu lento declínio com o coração pesado.

O rei quase nunca ia ao quarto do filho, e essa indiferença irritava Emma. Ela queixou-se amargamente sobre isso com Margot e Wymarc numa tarde no final da primavera, quando uma chuva monótona

tamborilava no telhado de palha. Naquela manhã, com uma voz que era pouco mais que um sussurro, Edward havia confidenciado a ela que sabia que seu pai não gostava dele, já que suas visitas eram tão raras.

– Eu disse a ele que nunca deveria duvidar do amor de seu pai. Expliquei que um rei precisa cuidar de cada pessoa no país, por isso não pode dispor de seu tempo da maneira que desejaria. – Ela se levantou e foi até a janela. A vidraça espessa, esverdeada, dava reflexos sinistros à chuva implacável de abril. Fazia muitos dias que não viam o sol, e ela começava a pensar que, assim como seu desânimo, as nuvens nunca iriam embora. – Não entendo – continuou em voz baixa – como o rei pode ser tão frio com o filho. Será que não percebe que ele está morrendo? Athelstan o visita quase todos os dias, e no entanto o próprio pai dele não pode vir sentar-se a seu lado, mesmo que por alguns breves instantes, em uma semana inteira. É triste ver quanto Edward anseia por ele.

Ela se afastou da janela e viu Wymarc, com o corpo arredondado pela gravidez, de repente levantar o rosto de seu bordado, o semblante velado de tristeza. Emma mordeu o lábio inferior e desejou não ter dito aquilo. O filho de Wymarc não teria pai. Àquela altura, todos acreditavam que Hugh deveria estar morto, assassinado pelos dinamarqueses. E mesmo que de alguma forma tivesse conseguido escapar desse destino, provavelmente nunca mais voltaria à Inglaterra.

– Acho que, neste caso, a senhora está sendo injusta com o rei – opinou Margot.

Ela estava separando uma pilha de vestidos que tinham pertencido a Edyth, verificando os que poderiam ser ajustados para as irmãs mais novas.

– Como assim? – quis saber Emma.

Margot fez uma pausa e olhou pensativa para sua senhora.

– Não estou dizendo que concordo com a maneira como o rei lida com a doença de Edward – disse ela, por fim. – Eu, por exemplo, não agiria assim. Mas acho que não é uma reação incomum. Ficando longe de Edward, o rei está se protegendo da dor da separação. Acredito que ele não consiga suportar ver essa morte lenta que enfraquece o menino a cada dia. Cuidar de doentes não é algo natural para os homens, e, como nunca foram ensinados a fazê-lo, eles não sabem como agir.

– Ninguém está pedindo que ele cuide do menino – objetou Emma amargamente –, só que o trate com carinho.

– E o que ele entende disso? – retrucou Margot. – Seu próprio pai morreu quando Æthelred era só uma criança...

Isso fez Emma refletir, pois havia alguma verdade nas palavras de Margot. O rei Edgar tinha morrido quando Æthelred tinha apenas 6 ou 7 anos. Como ele poderia, agora, lembrar-se do amor de seu pai? E, ainda assim, Emma não podia deixar de comparar mais uma vez o comportamento de seu marido com o de Athelstan. Demonstrar afeto a uma criança não era algo que se aprendesse. Assim como a compaixão e a ternura, residia no coração e na alma de um homem. Se as sementes de tais sentimentos tivessem sido plantadas um dia no peito de seu marido, ela imaginava que, em vez de serem cultivadas, haviam murchado e morrido.

Pousou a mão sobre a barriga, onde um bebê tinha uma vez mais criado raízes. Esperava apresentar uma criança ao rei no início do ano seguinte, mas não alimentava nenhuma expectativa de que ele fosse apreciar a novidade. Provavelmente não demonstraria pelo filho dela mais afeto do que demonstrava aos outros, e talvez fosse ainda pior, em razão de seu desprezo por ela.

O pensamento a fez sentir um calafrio e ela se afastou da janela, envolvendo mais o xale em volta dos ombros enquanto andava.

E quanto a ela? Será que amaria menos o bebê porque o pai era Æthelred e não Athelstan? Lembrou-se, com uma pontada de angústia, do aborto que sofrera pouco mais de um ano antes. Ainda sentia aquela dor, e tinha certeza de que para o pai da criança não fazia diferença. Mas o bebê seria dela, e ela lhe daria todo o amor que coubesse em seu coração.

No final, foi Emma quem assistiu, sozinha ao lado da cama de Edward, ao menino dar o seu último breve suspiro. Era uma manhã no final de junho, e Emma fora para o quarto dele na noite anterior. Tinha perdido o sono depois de ser acordada pelos choramingos do filho de Wymarc, que havia nascido uma semana antes. Ao chegar ao quarto de Edward, encontrara-o dormindo pesadamente. Durante a madrugada, quando não conseguiu acordá-lo, chamou o padre Martin para ungi-lo com óleo bento e mandou dizer ao rei que o filho dele estava perto da morte. Então ficou segurando a mão pequena até senti-la fria.

Desejou, por amor a Edward, que o rei tivesse aparecido para se despedir dele. Mas Æthelred tinha ido com os três *æthelings* mais velhos para o porto de South Hampton a fim de recepcionar o recém-nomeado arcebispo Wulfstan, que retornava de sua consagração em Roma. Esperava que Wulfstan não voltasse com eles – não ainda. Era provável que o arcebispo, cuja cabeleira branca e expressão feroz condiziam perfeitamente com seus sermões inflamados, tivesse pouco a oferecer em matéria de consolo à família de luto. E, embora não fosse ter importância para Edward, cujo corpo sem vida agora jazia na Antiga Catedral, as mãos cruzadas sobre o peito e velas acesas junto à cabeça e aos pés, a presença dominadora de Wulfstan era mais do que ela achava que poderia suportar.

Ela velava o corpo perto do caixão com Margot e Hilde, enquanto um grupo de irmãs de Nunnaminster entoava as orações pelos mortos em uma das capelas laterais. Mais cedo, enquanto lavava as pernas e os braços debilitados que tinham sido tão ágeis, ela chorou pelo menino que fora seu primeiro amigo na corte. Edward a acolhera como uma irmã mais velha, se não como mãe, e as lágrimas que Emma derramou eram tanto por si mesma quanto por ele. Agora, ouvindo as vozes agudas das freiras, ela não chorava mais. Assistir ao sofrimento de Edward tinha sido a parte mais difícil. Pelo menos, para ele, o pior já tinha passado.

Enquanto Emma rezava, a enorme porta de madeira da catedral se abriu. Quando se virou, ela viu o rei entrar e percorrer toda a nave, sua silhueta encapuzada desenhada contra a luz da porta. Estava sem escolta, e ela presumiu que ele teria ordenado que os outros esperassem para poder ter alguns momentos a sós com o filho. Imaginando que ele desejava que ela também se afastasse, Emma fez um sinal para suas acompanhantes saírem. Antes que ela pudesse se retirar, porém, Æthelred a chamou. Surpresa, foi até ele e viu que seus olhos estavam marejados. Então, tocou-lhe o braço em silenciosa solidariedade. Quaisquer que fossem as diferenças entre eles, estavam unidos em sua tristeza pela morte daquela criança.

Ficaram calados por algum tempo, enquanto a ladainha em latim das freiras ecoava suavemente na ampla igreja. Por fim, o rei rompeu o silêncio.

– Tenho uma dívida com você, minha senhora – disse, olhando não para ela, mas para o rosto de Edward, branco e imóvel como se esculpido em mármore –, pelo afeto com que cuidou do meu filho.

Ao ouvir isso, ela não pôde deixar de refletir sobre a frieza dele em relação ao menino, sobre sua ausência quando Edward precisava tanto do carinho paterno. De que valia agora aquela demonstração de tristeza quando o menino não podia mais tomar conhecimento de nada? Mas ficou calada. Não poderia ser tão cruel, mesmo com Æthelred.

– Ele precisava dos cuidados de uma mãe – retrucou, com mais secura do que pretendia –, e suas irmãs não tinham idade suficiente para preencher esse papel. Fiz isso de bom grado, pois Edward me parecia ser o irmão mais novo que nunca tive.

Mesmo naquele instante, o rei não olhou para ela, mas para um recanto escuro ao lado do altar, pensativo. Ela seguiu seu olhar, mas não conseguiu distinguir nada ali, exceto sombras que se moviam à luz bruxuleante das velas.

– Mas não é toda mulher que tem um coração grande o bastante para acolher uma criança que não é sua – observou ele.

Emma percebeu, nas palavras dele, emoções que não conseguia definir. Desejou poder ler sua mente, ver as lembranças que se acumulavam na memória. Estaria se referindo à própria mãe, que ordenara o assassinato do outro Edward, meio-irmão de Æthelred, para reivindicar a coroa para o filho?

Ela estremeceu e sentiu um arrepio na nuca. Ainda não tinha filhos saídos do próprio ventre para colocar acima dos de seu marido. Será que, um dia, ela seria capaz de planejar a morte de um dos filhos do rei para favorecer o seu? Apenas imaginar uma coisa dessas já a aterrorizava. Não podia sequer cogitar manchar sua alma de sangue pelo dom de uma coroa.

Em seguida, outro pensamento ainda mais terrível insinuou-se em sua mente. Seria possível que os filhos de Æthelred vissem o dela como uma ameaça a seu poder? Se fosse forçada a levantar a mão contra eles a fim de proteger a própria cria, ela o faria?

“Meu bom Deus”, rezou em silêncio, “nunca permita que eu seja submetida a uma provação tão terrível.”

A voz do rei a chamou de volta para o presente.

– Ter mostrado tanta compaixão por esta criança diz muito sobre você – disse ele. – Deus permita que eu tenha um filho seu um dia.

Emma hesitou. Seria aquele o momento, enquanto ele chorava por Edward, de lhe contar que ela estava grávida? E, contudo, que momento

melhor? Naquele instante, pelo menos, eles estavam de acordo.

– Meu senhor – falou, sentindo-se à beira de algum abismo tenebroso –, estou grávida. Espero dar-lhe um filho antes do fim do inverno.

Aguardou uma resposta, ainda sem certeza de ter escolhido o momento adequado para lhe dar aquela informação. O rosto dele não revelou nem surpresa, nem alegria, nem satisfação. Ele nem sequer se virou para ela.

– Se for um menino, vamos chamá-lo de Edward. – Então, voltou seu olhar mais uma vez para as sombras bruxuleantes. – Agora vá. Eu gostaria de ficar sozinho.

Ela o observou por um instante, espantada com a facilidade com que aquele homem substituía um filho por outro. Virou-se para sair, mas parou ao ver que Athelstan estava junto da porta, observando-a, a fisionomia dura como pedra. Leu em seus olhos que ele tinha ouvido a promessa do pai de batizar a criança em seu ventre como Edward, e que aquilo havia criado um abismo entre eles que nenhum dos dois jamais poderia transpor. Os olhos de Athelstan brilharam com frieza antes que ele desviasse o rosto.

Ela passou rapidamente por ele, pressionando a mão no peito, na altura do coração, consciente de que poderia estar carregando o rival de Athelstan pela coroa da Inglaterra.

Æthelred contemplou o rosto pálido de seu filho morto e se perguntou se aquilo seria um castigo de Deus – uma criança pagar pelos pecados do pai. Ou seria apenas o *wyrd* de Edward deixar esta vida tão cedo?

Como pai e rei, tinha feito tudo o que podia para proteger seus rebentos de perigos que poderiam correr nas mãos de seus inimigos. Mas havia outros perigos no mundo que os homens não podiam explicar nem compreender. Edward tinha se enfraquecido diante de seus olhos e ele tinha sido impotente para evitar isso, mesmo sendo rei.

Contemplou as sombras além do ataúde e sentiu seu irmão – o outro Edward – à espreita nas trevas, como uma grande ave de rapina. Deus, como ele odiava aquela coisa! Fedia a morte, um odor enjoativo sob a fragrância adocicada das velas. Tinha o cheiro repugnante da condenação eterna de Æthelred.

O medo da maldade daquele espectro tomou conta dele. Sua presença deixou a pele de Æthelred pegajosa, e apesar de seu ânimo enfraquecido,

uma raiva virulenta o consumia. O que o fantasma de seu irmão estava fazendo ali junto do corpo de uma criança inocente de qualquer crime? Teria o rei morto, que nunca havia gerado um filho, aparecido para deleitar-se com a dor de um pai? Teria sido atraído pelo cheiro de putrefação?

Ou será que o Edward assassinado fora reivindicar a alma daquele menino que tinha o seu nome?

Æthelred contraiu o rosto em um esgar, sentindo o peso em seu peito crescer, e então caiu de joelhos, abatido pelo medo e pela dor. Fechou os olhos, a mente embotada. Ainda assim, lutou contra o torpor que o envolvia, em busca de alguma forma de acalmar para sempre aquele espírito inquieto. Seria possível negociar com os mortos? Seria possível oferecer ao irmão algum favor em troca do fim daquele horror interminável que só fazia crescer?

Passou a língua seca pelos lábios ressecados e estendeu a mão para apertar a cruz de madeira simples que estava ao lado do esquife.

– Vou lhe conceder um filho – sussurrou –, outro Edward, consagrado a você. Ele será o seu herdeiro, seu *ætheling*. Juro pela cruz de nosso Salvador. Vai se contentar com isso, e me deixar governar em paz?

Prendeu a respiração, esquadrinhando a escuridão em busca de algum sinal de que aquela promessa o libertaria da vingança implacável do irmão, mas as sombras haviam sumido, o cheiro fétido de decomposição desaparecera e ele nada mais ouviu a não ser a recitação fúnebre das freiras.

Respirou fundo, olhou uma última vez para a face de seu filho morto e o invejou, pois ele tinha ido para o lado de Deus como um inocente. Jamais conhecera desconfiança ou medo, e nunca fora corroído pelos vermes do ciúme e do ódio.

Em respeito à família do rei, o arcebispo Wulfstan adiou sua ida a Winchester em algumas semanas, e, quando chegou, as comemorações foram discretas. Ele passou um mês inteiro na corte do rei, impedido de partir em razão da chuva, que continuou durante toda a primavera e agora ameaçava seguir também pelo verão. Havia uma preocupação muito grande com a possibilidade de a colheita ser escassa, e na mente das pessoas estava presente o medo de que os vikings voltassem a tirar-lhes o pouco que tinham.

Por fim, no início de junho, apesar do clima horrível, o arcebispo preparou-se para seguir para Jorvik. Acompanhado por cerca de dez membros do clero, por cinquenta homens armados de sua comitiva pessoal e pelos três filhos mais velhos do rei, junto com seus séquitos também armados, sua escolta era digna de sua posição como eclesiástico mais influente de toda a Inglaterra.

Athelstan, líder da comitiva, esperava a ordem de partir, junto com seus irmãos, debaixo de uma chuva torrencial. Estava ansioso para se afastar da corte de Winchester, da qual estava saturado, ansioso para se encontrar com os homens dos condados do norte. Desejava avaliar a disposição e a lealdade do povo na Nortúmbria, em particular, tanto no que dizia respeito a seu pai quanto a Wulfstan, novo líder espiritual da região.

Toda a comitiva estava a postos à espera do arcebispo, que se despedia do rei e da rainha sob um dossel no alto dos degraus do grande salão. Athelstan, os olhos atraídos implacavelmente para a rainha, viu como Wulfstan ergueu as mãos acima das cabeças do casal real para abençoá-los. Emma estava toda de preto, pois desde Exeter não usava nenhuma outra cor. Agora, porém, os trajes escuros só serviam para acentuar o brilho do ouro de suas grossas pulseiras – presentes de seu pai, sem dúvida, na expectativa do nascimento do filho.

Nenhum anúncio oficial fora feito até então, e com certeza nenhum observador ocasional seria capaz de afirmar, ao olhar para ela, que Emma estava grávida. Ela ainda era notavelmente esguia e alta, e tão clara que parecia iluminada por dentro. Não, era a atitude do rei para com ela que não deixava dúvida sobre o estado da rainha. Naquele mesmo instante, Æthelred tocava o cotovelo dela, reivindicando-a como se ela fosse uma antiga propriedade que ele de repente percebera ter valor. Na verdade, Athelstan tinha notado a mudança no comportamento de seu pai com Emma na Antiga Catedral, quando ela o consolara pela morte de Edward anunciando que em breve iria substituir o filho que ele havia perdido.

Em algum dia ao longo do inverno, com a bênção de Deus, Emma iria finalmente realizar o desejo do seu coração. Quantas vezes, ele se perguntava, ela teria procurado os braços torpes do marido para conseguir aquilo? Não fizera segredo de suas visitas noturnas à cama do rei. Athelstan a tinha visto, mais de uma vez, quando ela passava pelo corredor estreito onde ficava a porta para os aposentos do rei, pálida como um fantasma.

Imaginar aquilo o enlouquecia, mas ele também não conseguia afastar o pensamento da cabeça. A distância e o passar do tempo operariam aquele milagre para ele. Quanto aos próprios projetos, por ora ele iria seguir o conselho que a própria Emma lhe dera recentemente. Seria paciente, forjaria planos, faria o que fosse preciso para ganhar a confiança do pai, ao mesmo tempo que se preparava para governar o reino um dia. Æthelred não viveria para sempre.



1004 d.C. Nesse ano, Swein veio com sua frota para Norwich, saqueando e incendiando a cidade inteira... O inimigo foi para Ectford três semanas depois de devastar Norwich; e, ali permanecendo por uma noite, pilhou e queimou a cidade.

– *Crônica Anglo-Saxã*

Capítulo Trinta e Sete

Setembro de 1004

Casa senhorial de Aldeborne, Northamptonshire

Uma corrente de ar frio tocou a bainha do vestido de lã de Elgiva. Ela estava em pé diante do pai, nervosa e em expectativa. Havia semanas que só chegavam más notícias – clima ruim, colheitas escassas e relatos de selvageria cometida pelos dinamarqueses na costa leste. Vivia apavorada, pois achava a paliçava que cercava a propriedade de seu pai uma defesa lamentável contra os machados de guerra vikings. As histórias horripilantes vindas de Ânglia Oriental, sobre cidades queimadas e ingleses acorrentados e levados para navios inimigos, tinham lhe lembrado tão claramente aquele dia negro em Exeter que ela chegava a sentir o cheiro da fumaça dos incêndios e ouvir de novo os gritos estridentes de pânico.

Seu pai sem dúvida a mandaria embora agora, para longe do alcance de outro exército dinamarquês que, se os boatos se confirmassem, avançava direto na direção deles.

Ele a fitou com os olhos avermelhados e ela reparou no jarro e na taça meio vazia em cima da mesa a seu lado. O que quer que tivesse a lhe comunicar, precisara da bebida forte para dar-lhe coragem. Ela prendeu a respiração e esperou.

– Tenho notícias de sua rainha – começou ele, a fala arrastada –, de sua Lady Emma.

Não era o que ela esperava. Que novidades poderia haver sobre Emma? Ela estava com o rei e a corte, todos seguros, sem dúvida, enfiados em um dos *burhs* reais, longe de qualquer ameaça dinamarquesa.

– Que notícias? – perguntou ela.

– Em breve ela vai dar ao nosso rei outro pirralho para sua coleção. Desta vez, porém, vai ser um pestinha normando. – Ele pegou a taça e acenou para ela. – Se os irmãos tiverem um pingão de bom senso, vão matá-lo antes que ele aprenda a andar.

Ela o fulminou com o olhar. Tal notícia poderia tê-la atormentado antes, mas agora não significava nada.

– Por que eu deveria me importar com a rainha ou com seu pirralho? – retrucou. – Antes do fim do ano eu provavelmente já vou ter sido morta por algum dinamarquês imundo.

Ele a fitou com ar espantado.

– Está com tanto medo deles assim? – indagou. – Não precisa estar.

– Por que não? O senhor não os teme?

Æl elm gesticulou com a taça outra vez, descartando a pergunta.

– Os pântanos vão engoli-los muito antes de chegarem até nós.

Aquelas garantias indefinidas, porém, não acalmaram Elgiva.

No decorrer das semanas seguintes, conforme o inimigo se aproximava, o medo de Elgiva crescia. Tornou-se seu companheiro constante, sobretudo nas noites escuras, terríveis, quando ela acordava de pesadelos cheios de sangue e fogo, e assombrados pelo rosto de Groa, com a boca aberta num grito silencioso.

Finalmente, em outubro chegou-lhes a notícia de uma grande batalha entre os dinamarqueses e uma força militar de Ânglia Oriental. Os defensores tinham sofrido grandes perdas, mas haviam expulsado o exército dinamarquês do país. Por ora.

Elgiva não descobriu muito mais do que isso, pois seu pai era mesquinho com as informações. Teve que esperar até novembro por um relato mais detalhado, quando, para sua surpresa e euforia, Athelstan e seus irmãos mais velhos chegaram aos seus portões em busca de hospedagem por uma noite. Vinham de Jorvik e estavam a caminho do sul, para Oxfordshire.

Enquanto jantavam javali assado e uma sopa de legumes e verduras, Elgiva observava os *æthelings*. Eles haviam passado por duras provações desde a sua última visita àquele salão, mas os infortúnios da guerra, e até a morte de seu irmão mais novo, pareciam não tê-los afetado.

Athelstan exibia um ar de comando ainda muito mais notável do que antes. Até o pai e os irmãos dela pareciam de alguma forma diminuídos na presença dele, como se por instinto reconhecessem no jovem o dom da liderança para além da que lhe pertencia por direito, como herdeiro da coroa.

Edmund, ela concluiu, não tinha mudado nada. Sempre parecera uma criança tocada por fadas ao nascer: era muito mais moreno que os irmãos e não lembrava Æthelred em nada. Tinha a pele trigueira e a barba escura.

Era Ecbert quem tinha mudado mais, porém ela não tinha certeza de que tinha sido para melhor. Ostentando uma barba clara e um tanto rala, havia perdido seu sorriso espontâneo e o entusiasmo de um filhotinho de cão. Havia uma gravidade em sua fisionomia que ela achava preocupante. Ainda nutria a esperança de se casar com ele, e o rapaz serviria muito melhor a seus propósitos se não pensasse tanto.

A voz de Athelstan, respondendo a algumas perguntas de seu pai, chamou-lhe a atenção.

– Foi Swein Forkbeard quem liderou o ataque contra Norwich e Ectford – dizia ele. – Ele não conseguiu resistir à tentação das casas de cunhagem, com toda a sua prata.

– Acha que ele sabia da existência dessas casas? – perguntou Ælfric displicentemente, a atenção concentrada no prato de carne.

– Pense nas cidades que Forkbeard teve como alvo – disse Athelstan. – Norwich e Ectford este ano, Exeter, Dorchester, Wilton e Salisbury no último verão. Todas locais de casas de cunhagem do meu pai. Forkbeard sabia exatamente quais as cidades que lhe renderiam mais tesouros. A questão é: como foi que ele descobriu?

Ele se recostou na cadeira e olhou para o conde. Elgiva, observando os dois homens, sentiu uma mudança sutil no ambiente. Viu que a têmpera de seu pai começou a latejar, e sabia o que isso significava: tensão, angústia, raiva. Perigo. Ao lado dela, Wulf retesou-se, o olhar se alternando entre o pai e Athelstan. Os nós dos dedos da mão que segurava a pequena faca estavam brancos.

– Forkbeard é um herói para muitos no Danelaw – retrucou Ælfric devagar, agora fitando Athelstan. – Eles são mais dinamarqueses do que ingleses lá, e as façanhas de Forkbeard são entremeadas à maioria das histórias cantadas em todos os salões ao norte do Humber. Muitos homens

que vivem na Nortúmbria, ou mesmo em Mércia, lhe forneceria de bom grado qualquer informação que ele desejasse sobre a prata inglesa. O novo arcebispo de seu pai em Jorvik terá muito trabalho em convencer aquela gente, a maioria de origem viking, a se submeter às leis do rei.

– O arcebispo vai precisar de ajuda para isso, com certeza – atalhou Ecbert, medindo as palavras, escolhendo-as com muito cuidado. – O senhor, como conde da Nortúmbria, está em excelente posição para auxiliá-lo. Seu filho Ufegeat já não está trabalhando duro lá, tornando-se conhecido entre os proprietários de terras e até mesmo entre os homens livres? Podemos assumir que ele esteja lançando as bases para a fidelidade daquela gente a Wessex, no caso de Forkbeard vir a desafiar meu pai por sua coroa, não é mesmo?

O coração de Elgiva disparou. Ela não tinha conseguido descobrir o que seu irmão estava fazendo em Jorvik. Mais uma vez, teve curiosidade de saber o que seu pai e seus irmãos estariam tramando.

– Meu filho está lá por ordens minhas, sim – retrucou Æl elm em tom despreocupado –, avaliando a situação. Quando chegar o momento – nesse ponto ele fitou Athelstan fixamente, com os olhos reluzentes –, supondo-se que chegue, vamos precisar saber em quem podemos confiar. Alguns homens, receio, talvez tenham que ser persuadidos.

Athelstan manteve o olhar fixo no conde, procurando algum sinal de perturbação, mas não detectou nada. O homem era impossível de se decifrar. Ecbert tinha feito bem a sua parte, insinuando ligações entre a família de Æl elm e os homens da Nortúmbria simpatizantes de Forkbeard, e ainda assim o velho não deixara transparecer nada.

Era possível que não houvesse ligações, mas Athelstan tinha ouvido e visto o suficiente durante a sua estada em Jorvik para duvidar disso. Os três irmãos haviam pressentido a mesma coisa – aquele súbito silêncio carregado sempre que se aproximavam de um grupo de homens. O silêncio durava apenas alguns segundos, mas a tensão permanecia no ar.

Jorvik era uma cidade cheia de segredos, repleta de homens de lealdade incerta. Era o lugar mais provável para encontrar apoiadores à causa de Forkbeard, como sem dúvida alguém fizera quando ele raptara a rainha no verão anterior. A população do norte estava inquieta, e Æl elm tinha

ressentimentos contra o rei, por mais hábil que fosse em escondê-los. Æl elm tinha apostado que Æthelred iria se casar com sua filha, uma aliança que aumentaria seu prestígio e sua influência. Quando o rei tomara Emma como esposa e em seguida levava Elgiva para sua cama, Æl elm não protestara. Devia imaginar que seria recompensado por sua generosidade, mas Æthelred tinha feito algo impensável: tomara a garota e não dera nada em troca. Elgiva não ocupara a posição de esposa nem a de concubina, e a aposta de Æl elm não lhe rendera nada.

Como o arcebispo Wulfstan devia ter se enfurecido com o rei em razão de sua aventura amorosa com Elgiva! Athelstan desejou poder estar presente para ouvi-lo. Na ocasião, não havia pensado muito sobre isso. Em Jorvik, porém, o religioso lhe advertira que Æl elm poderia se vingar e explicara o motivo. Só então Athelstan avaliou as profundezas da inimizade entre seu pai e aquele homem, e aos poucos os acontecimentos começaram a se encaixar.

Alguém do séquito da rainha em Exeter mantivera Forkbeard informado sobre os movimentos dela. Poderia ter sido Elgiva ou sua criada, Groa. Alguém fornecera os cavalos ao rei dinamarquês e seus homens, então os escondera, alimentara e abrigara. Æl elm tinha dois filhos que poderiam ter tomado essas providências enquanto seu pai permanecia na corte. Muitas evidências apontavam para Æl elm e sua família como cúmplices de Forkbeard, porém Athelstan ainda não podia acusar nenhum deles de deslealdade para com o rei, nem apontar qualquer ato específico de traição. Não podia provar nada. Teria de esperar.

Assentiu com a cabeça para Æl elm.

– O senhor tem razão: alguns homens precisam ser lembrados de seus juramentos a seu legítimo rei. Acho que seria sensato ajudá-lo nessa tarefa forjando laços mais fortes entre a Casa de Wessex e o conde da Nortúmbria. Falarei sobre isso com meu pai.

Deliberadamente ele não deu nenhuma indicação de como esses laços poderiam ser forjados. Deixaria Æl elm pensar que talvez houvesse uma proposta iminente de casamento. No mínimo, isso talvez o impedisse de dar qualquer passo precipitado na direção de Forkbeard. Acenar com a perspectiva de uma aliança matrimonial talvez os fizesse ganhar um pouco de tempo. Ele poderia até convencer Æthelred a produzir algum gesto conciliatório em direção a Æl elm.

Virou-se para Elgiva e sorriu.

– Espero que acompanhe seu pai ao *witan* de Natal em Oxfordshire no mês que vem – disse ele, certificando-se de que Æl elm o ouvisse.

– Também espero – respondeu ela, com um sorriso inseguro –, pois fui mantida a sete chaves aqui durante todo o verão por conta da ameaça dos dinamarqueses. Ainda assim, não sei se meu pai me deixará ir.

Havia apenas uma nota de insatisfação na cadência suave de sua voz, e ela exibia o comportamento recatado de uma filha submissa. Athelstan teve de conter uma risada, pois Elgiva era tão submissa quanto um gato selvagem, e todos à mesa o sabiam.

– Então, meus irmãos e eu vamos torcer para que seu pai traga mais brilho à nossa festa de Natal levando seu tesouro mais belo consigo – disse ele.

A garota lançou um olhar para Æl elm. Em seguida, Athelstan também o fitou, para ver como o conde iria reagir. No entanto, o rosto do homem permaneceu tão obscuro e enigmático quanto o mar.

Capítulo Trinta e Oito

Dezembro de 1004

Headington, Oxfordshire

Elgiva conduziu sua montaria pela ponte que atravessava o rio Cherwell, seguindo atrás do irmão, que liderava uma pequena comitiva para o palácio do rei. O grupo tinha de atravessar a ponte estreita uma pessoa de cada vez, e, quando Elgiva chegou ao meio do vão, seu cavalo, nervoso, empinou a cabeça para trás e começou a andar de lado, assustado com a correnteza do rio, que se tornara mais caudaloso em razão da chuva. Enquanto lutava para evitar que o animal batesse contra a grade de madeira, Elgiva via a água subindo avidamente por entre as tábuas e xingou o cavalo em voz baixa. Por fim chegou ao outro lado e então amaldiçoou o irmão, que apenas sorriu e lhe disse para se acostumar com aquilo.

Ele estava certo, pensou ela. Elgiva teria de atravessar aquela maldita ponte cada vez que quisesse participar de uma festividade real no palácio. A culpa era de seu pai, que a instalara em um convento em vez de nos aposentos da rainha, onde era seu lugar. Emma sem dúvida a teria acolhido se Æl elm pedisse, mas ele fizera questão de mantê-la onde pudesse vigiá-la de perto, e não fez segredo disso. Pelo jeito, preferiria que ela se afogasse tentando atravessar o rio a confiar nela sozinha dentro dos muros do palácio de Æthelred.

Naquela manhã, ouvira Æl elm recomendar à sua escolta, composta de Wulf mais cinco homens, que a levasse direto à porta dos aposentos da rainha e ficasse com ela todo o tempo. Seria humilhante se eles realmente fizessem isso, mas o fato é que não seriam bem-vindos nos domínios da

rainha grávida, e mais tarde, quando começassem a comer e a beber no grande salão, seria fácil perder-se na multidão. Quanto à criada que se arrastava atrás dela em um jumento, Elgiva lhe dera prata suficiente para que ela mantivesse em mente a quem deveria ser leal.

Seguiram ao longo do rio por algum tempo, e não demorou muito para que seu manto ficasse todo respingado de lama. *Jesu*, ela estava farta daquela sujeira. Era inevitável, mais persistente até do que a chuva, que, por ora, tinha se reduzido a um chuvisco. Quando saíra de Northampton, seis dias antes, imaginara que, como viajava para o sul, iria ver o sol, ou teria pelo menos uma trégua da chuva constante. Mas o tempo continuara péssimo, e a viagem levava dois dias a mais do que deveria. O verão e o outono haviam sido muito úmidos, e parecia que toda a Inglaterra se transformara num atoleiro.

Olhou através da garoa para o homem de seu pai, Alric, que agora seguia ao lado dela. Um ano se passara desde que o vira pela última vez, naquela manhã em Exeter, quando ele a deixara de modo tão abrupto no portão da fortaleza. Alric havia cortado o cabelo e raspado a barba, e parecia completamente diferente – nem de perto tão bonito quanto antes. Sua atitude para com ela também tinha mudado. Ele a cumprimentara com uma fria solicitude que nada parecia com as ardorosas atenções que lhe dispensara em Devonshire. Agora mesmo não a fitava diretamente, e ela se perguntou que punição horrível seu pai teria prometido a qualquer homem que dirigisse um olhar lascivo à sua filha.

Ela olhou para além de Alric, na direção das inúmeras tendas e pavilhões coloridos que tinham brotado como cogumelos dentro da propriedade real e abrigariam as comitivas dos homens que participavam do conselho do rei. Elgiva avistou o estandarte do pai no meio de uma porção de tendas localizadas numa elevação do terreno, um ponto seletivo reservado aos acompanhantes do mais poderoso conde do rei.

A estrada enlameada fez uma curva e começou a subir, e, quando a comitiva se aproximou do palácio, uma matilha de cães atravessou latindo o portão, seguida por uma tropa de cavaleiros que mal dirigiram um olhar aos que saíam às pressas do caminho. Ela reconheceu o rei, seu manto amarelo esvoaçando atrás dele, e distinguiu a cabeça luminosa de Athelstan, bem como a juba grisalha do próprio pai. Olhou de soslaio para Wulf e o viu fazer uma cara feia para os cavaleiros. Sem dúvida ele teria preferido a

emoção da caçada ao tédio de esperar a irmã na porta dos aposentos da rainha.

Ótimo. Ele merecia um destino tão infeliz quanto o dela. Quando a ajudou a descer do cavalo, instantes depois, ela lançou-lhe um olhar azedo e ele devolveu na mesma moeda. Em seguida, Elviva subiu os degraus para os domínios da rainha.

Para sua surpresa, os guardas à porta usavam a insígnia do rei em suas túnicas. Então ela lembrou que os membros da comitiva normanda de Emma tinham sido mortos em Exeter. A rainha agora dependia inteiramente de ingleses como criados e acompanhantes. Elgiva perguntou até que ponto eles seriam leais à sua senhora normanda.

Deixando para trás seus acompanhantes masculinos junto com seu manto enlameado, ela passou pelo guarda-vento do quarto de Emma e deu um suspiro de alívio. Durante todo o ano anterior, ficara sob a vigilância constante do pai, dos irmãos ou de seus espiões. Provavelmente haveria espiões ali também, mas pelo menos não iriam fazer intrigas dela com Æl elm.

Olhou ao redor da sala, bem iluminada por candelabros com velas acesas e pela lareira central. Havia ainda mais pessoas ali do que ela esperava. A convocação do rei para o *witan* tinha atraído todos os nobres poderosos do reino para Headington, e todas as suas mulheres e filhas deviam estar hospedadas nos cômodos do castelo. Todas menos Lady Elgiva de Northampton, pensou amargamente.

As mulheres formavam grupos de cinco ou seis, algumas com crianças agarradas a suas saias, outras acompanhadas de criadas que tomavam conta dos bebês. Conversavam em voz baixa, com exceção do círculo de meninas sentadas no chão perto da porta, formado pelas filhas do rei e sua própria pequena corte, que davam gritinhos ocasionais durante a conversa.

Após gesticular para sua criada ir na frente abrindo caminho para ela, Elgiva atravessou o aposento. Passou por um grande bastidor que fora instalado ao longo de uma parede, onde várias mulheres bordavam, algumas diligentemente, outras com o ar de tédio que a própria Elgiva exibia sempre que realizava aquela tarefa.

Conhecia algumas delas, mas muitos rostos ela nunca vira – uma indicação de como perdera o contato com as linhas de poder perto do trono. Teria que mudar isso.

Finalmente, encontrou a rainha em um recanto do cômodo, onde um biombo alto a protegia do calor do fogo e proporcionava um mínimo de privacidade. De início, quase não reconheceu Emma. Seu rosto, que Elgiva sempre tinha considerado muito magro e pálido, tinha se arredondado e estava ruborizado, talvez em razão do ambiente fechado. Havia sombras azuis de fadiga sob seus olhos, e o sorriso que dirigiu a ela parecia tenso.

Elgiva tinha pouca experiência com mulheres grávidas, mas se significasse ficar daquele jeito – inchada e abatida –, achava que não gostaria nem um pouco de estar naquela situação. A rainha estava meio reclinada em uma cama, com o corpo amparado por almofadas e travesseiros. Margot achava-se sentada no chão na frente dela, com os pés de sua senhora no colo, esfregando vigorosamente as panturrilhas e os tornozelos inchados da rainha. Ali perto, Wymarc estava sentada em uma cadeira baixa, amamentando um bebê.

Olhou perplexa para aquela criança. Não sabia que Wymarc tivera um filho, nem ao menos que se casara. Quem seria o pai? Poderia ser um dos *æthelings*? Ainda estava considerando essa hipótese quando fez uma mesura diante da rainha.

– Seja bem-vinda, Elgiva – disse Emma. – Há tempos que ansiava por vê-la, até para provar a mim mesma que você saiu incólume dos horríveis acontecimentos em Exeter, no ano passado.

Ela fez uma pausa quando Hilde, que surgira de trás de outro biombo, ofereceu a Elgiva uma taça de vinho.

– Eu agradeço, minha senhora – retrucou Elgiva, aceitando a taça e sentando em seguida num banco ao lado da cama de Emma.

– No entanto, todos nós sofremos de alguma forma – continuou Emma, analisando a fisionomia de Elgiva –, por conta daqueles que perdemos nas mãos dos dinamarqueses. Imagino que a morte de Groa deva ter lhe causado muito sofrimento. Nós lamentamos por ela, e ainda a incluo em nossas orações todos os dias.

Elgiva não conseguiu pensar em nenhuma resposta. Groa, que não acreditava no Deus de Emma, dificilmente teria lhe agradecido por suas preces. Na verdade, ela não tinha nenhum amor pela rainha, e não se furtara a matar o feto de Emma. Será que a rainha ainda ofereceria orações pela alma da velha se soubesse disso?

Elgiva procurou assumir uma expressão de sofrimento, mas não chorava por Groa. Ainda estava muito furiosa com ela por se deixar apanhar por aqueles dois malditos dinamarqueses.

– É verdade que todos nós sofremos perdas – murmurou. – Até o rei perdeu um filho que lhe era caro. – Assumiu um ar zeloso. – Mas a senhora lhe dará outro filho muito em breve, e eu rezo por isso. Vejo que muitas mulheres vieram testemunhar sua alegria e ajudá-la no momento do nascimento.

Então, olhou para Emma com expectativa. Aquele seria o momento em que a rainha deveria convidá-la para participar do nascimento. Emma sorriu.

– Receio estar cercada por mais senhoras do que provavelmente será necessário, e muito mais do que desejo. O rei deu-me permissão para me recolher a um retiro particular para o parto, o que farei em breve.

– É mesmo? – Elgiva viu a possibilidade de ocupar um lugar ao lado da rainha escorregar-lhe por entre os dedos. – Mas será que é prudente viajar, minha senhora? Passei alguns dias nas estradas e cada trecho da viagem foi repleto de perigos. Os caminhos estão cobertos de lama, e todos os rios estão transbordando. Apenas atravessar o Cherwell hoje me pareceu um grande risco. Certamente, em seu estado, encarar uma jornada de que distância for será um perigo muito grande, tanto para a senhora quanto para a criança.

Como era estranho aquilo: pedir a sua maior inimiga que tivesse cuidado com sua segurança!

Emma inclinou de leve a cabeça, como se considerasse a sugestão.

– Talvez tenha razão – falou. – Vou levar em conta o seu conselho. – Ela se reacomodou na cama, o assunto do parto obviamente encerrado. – Receio, Elgiva, que você tenha perdido as sessões de abertura do *witan*, mas o grande banquete de boas-vindas está marcado para amanhã. E, como já está aqui conosco, deve jantar em nossa companhia hoje.

– Será um prazer, muito obrigada.

Ela não havia sido exatamente dispensada, mas não era o convite que tinha esperado. Escondeu sua decepção atrás da taça de vinho, vendo a rainha se reclinar nas almofadas e fechar os olhos.

Emma podia estar na penúria um ano atrás, mas sua situação tinha melhorado a olhos visto agora que esperava um filho do rei. Os braços estavam cheios de pulseiras de ouro e o colar de ouro no pescoço era

cravejado de granadas. O bordado do vestido também era de ouro, e os punhos das mangas tinham pedras preciosas incrustadas. Os sapatos que Elgiva espreitava debaixo da cama eram forrados de pele. Isso sem falar na grande quantidade de mulheres que ela tão generosamente hospedava em seus domínios. A riqueza de Emma parecia bem grande, de fato.

Elgiva girou o vinho em seu copo e olhou para o fundo. A rainha podia estar em uma posição vantajosa naquele momento, mas, no fim, nem mesmo o nascimento de um filho lhe seria tão proveitoso. Seu filho nunca herdaria a coroa do pai: havia muitos irmãos mais velhos no caminho. Quando o rei morresse, um deles reclamaria o trono. Um rei que ainda não saiu da infância e uma rainha viúva não seriam de utilidade para ninguém, e Emma teria sorte se terminasse seus dias em um convento, à frente de uma congregação de freiras.

Olhou mais uma vez para Emma e viu que ela a encarava fixamente, de modo desconcertante.

– Talvez possa me contar o que aconteceu com você naquele dia em Exeter – disse a rainha. – Eu nunca soube como consegui escapar quando quase ninguém, nem mesmo Groa, conseguiu.

Era uma acusação velada, e Elgiva sentiu uma pequena pontada de alarme. Baixou a cabeça para evitar o olhar atento de Emma.

– Groa também teria escapado se não fosse velha demais para correr, e os dinamarqueses estavam muito próximos. Ela insistiu que eu fugisse, apesar de não conseguir me acompanhar. – Apertou as mãos juntas no colo. Fora aquilo mesmo que acontecera, não? Groa a tinha mandado correr para que ela também não fosse atacada. – O que deseja saber, minha senhora? – perguntou, abaixando a voz até um sussurro. – Dói-me falar sobre isso.

– Não precisa se ater à perda de Groa – retrucou Emma –, mas conte-me como se salvou.

Wulf já a havia treinado sobre o que dizer, e assim as mentiras vieram com facilidade. Elgiva não fez nenhuma referência à passagem secreta sob a fortaleza ou sobre a porta escondida que eles tinham deixado aberta quando fugiram – aquela que provavelmente permitira a entrada dos dinamarqueses no centro de Exeter, como percebera mais tarde. O capataz de Emma, Hugh, ficaria para sempre com a culpa por isso, mas, como ele devia estar morto, com certeza não se importaria. Elgiva inventou que escapulira pelo portão

norte da cidade antes que os guardas o fechassem, incrementando a história com suas lembranças muito reais de gritos e cheiro de queimado.

Emma ouviu as palavras de Elgiva atenta a seu rosto. Os olhos da jovem estavam marejados e seu semblante era de sofrimento e dor, mas Emma desconfiava que havia outros pensamentos por trás daquela expressão de tristeza, embora só pudesse imaginar o que seria.

De uma coisa, porém, estava certa: Elgiva não era leal ao rei ou à rainha, à sua família ou aos nobres de seu séquito. Não era ávida por amor ou riqueza, nem mesmo por felicidade. A garota tinha fome de poder, e era leal apenas a si mesma. Evidentemente, queria assistir ao nascimento do filho de Emma, mas só porque ansiava por se insinuar entre os poderosos, um lugar que acreditava lhe pertencer por direito.

Emma não tinha intenção de fazer a vontade dela; isso seria como enrolar uma víbora em torno do próprio pulso. Acabaria tendo de encontrar um lugar para Elgiva um dia, pois o rei a queria sob controle, para evitar que seu pai a usasse para forjar alguma aliança perigosa. Porém, mais alguns meses não fariam nenhuma diferença.

Quando Elgiva terminou sua história e foi se sentar perto de Wymarc, Margot acomodou-se no banco junto de Emma.

– Duvido que algum de nós vá saber a verdade sobre o que aconteceu em Exeter naquele dia – murmurou a velha.

– Todos nós temos coisas a esconder sobre aquele dia, não é mesmo? – retrucou Emma.

E ela tinha mais a esconder do que ninguém. Raramente via Athelstan agora, mas cada vez que isso acontecia, seu coração parecia se partir de novo. Não havia calor em seu olhar quando ele a fitava, e com certeza se arrependia de tê-la amado. No entanto, ela ainda o amava, e não conseguia se livrar desse sentimento. O pecado que compartilhara com ele permanecia inconfesso, uma mancha em sua alma, porque não era capaz de lamentar.

– De qualquer forma, Elgiva deu-lhe um bom conselho – disse Margot –, recomendando que fique aqui para o parto.

Emma suspirou. Ela e Margot já tinham discutido sobre isso antes.

– Eu não gostaria de trazer meu filho ao mundo em meio a um monte de estranhos – argumentou Emma. – E uma rainha não deve ter direito à privacidade durante o trabalho de parto?

– A criança que a senhora dará à luz irá pertencer tanto a elas quanto à senhora – disse Margot. – Elas têm o direito de estar presentes. Além disso, o trajeto ao seu solar em Islip, apesar de curto, colocará a senhora e o bebê em um risco desnecessário, sobretudo agora, quando viajar é tão perigoso.

Emma não discutiu mais. Margot estava certa. Era dever de uma rainha conceder às mulheres da corte o privilégio de testemunhar o nascimento. No entanto, o solar em Islip, embora nunca o tivesse visto, continuava em sua mente como um abrigo tranquilo e um refúgio, e foi com relutância que abriu mão dele.

Capítulo Trinta e Nove

Dezembro de 1004

Headington, Oxfordshire

Duzentos homens e mulheres estavam reunidos no grande salão do rei no dia do banquete de boas-vindas. Ainda faltava uma semana para o Natal, portanto os pratos servidos seriam simples comparados com o que estava por vir. Mesmo assim, as vigas e as janelas fechadas do salão estavam enfeitadas com guirlandas de azevinho, hera e pinheiro, e na lareira central o fogo brilhava. Velas grossas em enormes suportes perfumavam o ar e iluminavam o ambiente.

Æthelred lançou um olhar de aprovação para a sua rainha quando a levou para o estrado. Ela vestia uma túnica festiva verde-escura. O toucado era feito de uma espécie de gaze entremeada de fios de ouro, e sua expressão solene era apropriada à ocasião, embora ela mesma não tivesse conhecimento do papel importante que estava prestes a desempenhar.

Conduziu-a pelos degraus acima, depois se virou para fitar os nobres reunidos diante dele. Aqueles eram homens que ele elevara a posições proeminentes e aos quais outorgara poder. No entanto, ao olhar para seus rostos, ficava desesperado. Todos exigiam um pedaço dele, e sugariam o sangue de suas veias se pudessem. Ele era como um carvalho imponente infestado de pragas, cujos galhos suportavam o peso de um inimigo que, por fim, o esgotaria de todo vestígio de vida.

Em troca do que fizera por eles, conspiravam contra ele. Ah, sim, Æthelred sabia de sua traição. Seus espões o mantinham a par de todas as tramas e maquinações. Ele não podia confiar em ninguém, e em seus filhos menos ainda. Suas próprias crias haviam conspirado com Æl elm da

Nortúmbria: tinham ido se encontrar com ele em seu salão para forjar uma aliança que permitiria a Athelstan tomar o trono.

O três negaram tudo, é claro. Protestaram, Athelstan em voz mais alta e com mais veemência do que todos, afirmando que pretendiam apenas apoiar o rei, seu pai.

– Peço-lhe que se aproxime de Æl elm – dissera Athelstan. – Ouça os conselhos dele. Encontre alguma maneira de demonstrar-lhe consideração. Se não o fizer, vai plantar as sementes da sua própria destruição.

Assim, ele tinha sido obrigado a ouvir ameaças da boca do próprio filho, sangue do seu sangue. Fora paciente com ele, tolerara suas palavras e seus atos voluntariosos por muito mais tempo do que qualquer um tinha o direito de esperar. Mas colocaria um fim àquilo agora. Iria libertar-se dos parasitas que tentavam derrubá-lo, e manteria o juramento que fizera à alma vingativa de seu irmão morto.

Ergueu as mãos e o vozerio no grande salão diminuiu aos poucos para um burburinho, um sussurro e depois para o silêncio. Æthelred sentiu uma onda repentina de poder ao tomar consciência de que só ele, de todas as pessoas reunidas naquela sala, sabia o que aconteceria no momento seguinte. Nem Emma – que, cansada com o peso da criança que carregava, sentara-se agora a seu lado – tinha ideia do que viria.

Todos os rostos estavam virados para ele em expectativa, pois ele se encontrava de pé no estrado como se fosse conduzir uma oração. O arcebispo de Canterbury, que normalmente seria a pessoa a iniciar a prece, aguardava o chamado do rei e parecia perplexo por isso ainda não ter ocorrido. Os *æthelings* estavam reunidos em um grupo diretamente abaixo dele, nos lugares de honra. Os três também o observavam em silêncio, à espera.

Æthelred pegou um rolo de pergaminho com o escrevente a seu lado. Ele mesmo havia escrito aquele texto, pois não queria que ninguém mais soubesse do que se tratava. Com o documento ainda fechado em uma das mãos, virou-se para a rainha e, segurando-lhe o braço com delicadeza, a fez levantar.

– A rainha Emma – começou ele, certificando-se de que sua voz podia ser ouvida mesmo no canto mais distante da sala –, irmã de Richard, duque da Normandia, em breve terá um filho meu. Desejo que cada homem

presente nesta sala hoje faça um juramento solene de fidelidade a essa criança, se for um menino, como meu herdeiro real ao trono da Inglaterra.

As palavras do rei chegaram aos ouvidos de Emma como um trovão, e pela primeira vez ela se sentiu grata por ter a mão dele segurando-a. Se não a estivesse apoiando com firmeza, ela certamente teria desmoronado. Conseguiu, com a ajuda dele e uma grande determinação, manter a compostura diante da declaração. Não mexeu nem um músculo e conservou no rosto uma expressão calma e sóbria.

A multidão de homens no salão, no entanto, não fez nenhum esforço para conter o choque e a indignação. Gritos de surpresa e protesto ecoaram por todos os lados. Alguém perto do guarda-vento na parte de trás da sala berrou uma maldição dirigida não ao rei, mas a Emma. Até os membros do clero pareciam consternados, e o arcebispo de Canterbury olhava fixamente para ela com uma carranca.

A comoção atingiu-a como uma enorme onda, e ela cerrou os dentes e respirou fundo várias vezes para conter o medo. Olhou para os filhos do rei, tão perto que poderia tocá-los. Fitou Athelstan em busca de compaixão e o viu encarando-a com surpresa e dúvida. Ao lado dele, Edmund a olhava com ódio.

“Meu Deus”, pensou. O Demônio teria plantado aquele plano na mente de Æthelred? Todos ali iriam acreditar que ela estava por trás da ideia, que ela, de alguma forma, o convencera de que seu filho, fruto de uma rainha consagrada, deveria ser favorecido em detrimento da prole de sua primeira esposa, que jamais recebera uma coroa. Eles não enxergariam o óbvio. Não veriam que, com um só golpe, Æthelred a separava de todos naquela sala – isolando-a como se a trancasse num convento em uma ilha distante. Os rancores, tramas e intrigas que circulavam no palácio tendo o rei como alvo agora se concentrariam na rainha e em seu filho.

– Preciso sentar – sussurrou para Æthelred.

Ele assentiu com a cabeça e ajudou-a a se acomodar. Parecia imune à confusão que havia causado. Implacável, chamou o arcebispo e entregou-lhe o pergaminho. Então, tirou a cruz de ouro que usava numa corrente em volta do pescoço e olhou para seu filho mais velho.

Athelstan hesitou, e Emma prendeu a respiração enquanto os dois se encararam através de um abismo que parecia se alargar enquanto ela os observava. Finalmente, Athelstan se adiantou e segurou a cruz na mão

direita. Antes que começasse a prestar o juramento, porém, Æthelred pegou a mão esquerda do rapaz e a pousou na barriga redonda de Emma. Ela sentiu o bebê se mexer e viu o rosto de Athelstan corar. Mas ele não olhou para ela. Em vez disso, encarou seu pai durante todo o tempo em que repetia em voz alta o juramento que o arcebispo lia para ele.

Emma teve vontade de chorar de frustração e tristeza. Athelstan a conhecia melhor do que qualquer um ali, e agora devia achar que ela estava por trás daquela decisão, que era sua inimiga. Ninguém naquele salão imaginaria que Æthelred faria aquilo por outro motivo que não fosse agradar sua rainha.

Um a um, todos os homens presentes compareceram ao estrado para prestar o juramento, uma das mãos na cruz e a outra na barriga dela. Emma viu os rostos dos filhos de Æthelred ao cederem sua posição na linha de sucessão ao trono àquele irmão que ainda não nascera: Ecbert com o olhar duro de ressentimento, Edmund fitando-a com um ódio feroz e indisfarçável, Edrid e Edwig parecendo desnorteados, Edgar – o mais novo, de 11 anos – se encolhendo quando o pai lhe ordenou que falasse mais alto para que todos pudessem ouvi-lo.

Depois disso, ela parou de prestar atenção. Primeiro deixou o olhar vagar em torno do salão, observando as pessoas presentes para se distrair da fila de homens, a maioria deles de cara feia, que se formou à sua frente. Elgiva estava perto do tablado com seu irmão Wulf ao lado. Logo atrás dela havia um homem com traços que Emma achou familiares, embora não conseguisse ligar um nome ao rosto. Barbeado e bonito, parecia bastante inofensivo, mas alguma coisa nele fez soar um forte sinal de alerta. Ela não conseguiu detectar a origem de sua inquietação, porém, e, frustrada, desistiu de tentar decifrá-la.

Desviou a mente para outro lugar, e seus pensamentos atravessaram o mar Estreito até Fécamp, chegando à enorme igreja perto do grande salão de seu pai. Ela tinha 5 anos e sua mãe estava com ela em uma capela, dizendo-lhe para colocar a mão no mármore onde um anjo tinha tocado uma vez. Segundo Gunnora, ele aparecera ali no ano do nascimento de Emma e deixara a marca de seu pé na pedra, que desde então se tornara cada vez mais profunda em razão das mãos de fiéis que a tocavam em reverência.

Se o mármore podia se desgastar pelo toque constante das mãos, o que não aconteceria com ela? Ficaria roxa por conta de todas as pessoas que

encostavam nela agora com obediência e ressentimento? E quanto à criança? Será que tamanha hostilidade faria seu filho nascer deformado?

O rosto do conde Æl elm de repente surgiu à sua frente. Os olhos dele, negros e frios como os de uma serpente, a envolveram com um ódio indisfarçável.

Naquele momento, resolveu que tinha de sair daquele lugar. Não teria seu filho rodeada de inimigos. No dia seguinte, jurou a si mesma, iria para Islip.



Na manhã seguinte, junto com Edmund e Ecbert, Athelstan assistiu da margem do caudaloso rio Cherwell seu pai acompanhar Emma ao navio que a aguardava. Era um dia soturno, com nuvens pesadas pairando no céu e a ameaça sempre presente da chuva. A rainha caminhava, mesmo naquele final de gravidez, com passo firme e o corpo aprumado. O conde Ælfric, que ela pedira que a acompanhasse na curta viagem para Islip, estendeu a mão para ajudá-la a embarcar. Ela aceitou a ajuda, pisou no convés e se dirigiu cautelosamente ao pequeno abrigo da meia-nau, sem nem sequer lançar ao marido um olhar de despedida.

O que foi apopiado, Athelstan pensou, pois o rei havia se afastado assim que entregou a mulher, como se fosse uma carga, para outra pessoa. Æthelred já estava voltando para junto da multidão de *thegns* e suas senhoras que o haviam acompanhado até a beira da água. O rosto estava contraído em uma careta e ele andava com o passo acelerado de alguém que acabou de se livrar de um fardo pesado.

Athelstan, por sua vez, observou o grupo de mulheres e criados que iria acompanhar a rainha se acomodar em outras embarcações menores para a curta viagem rio acima. Por fim, a tripulação do *Trinitas* manobrou o barco para longe do cais quase submerso e se dirigiu ao centro do rio.

Ao lado dele, Edmund virou o rosto para um lado e cuspiu.

– Que bom que nos livramos dela – resmungou. – Deve ter envenenado o rei contra nós. Se morrer durante o parto, ninguém me verá chorando.

Athelstan cerrou os dentes, mas havia desistido de tentar defender Emma de Edmund. Além do mais, naquele caso talvez o irmão estivesse certo. Emma poderia ter convencido Æthelred a deserdar os filhos mais velhos para garantir poder e segurança a si mesma através de seu bebê.

– Queira Deus que ela só dê meninas à luz – murmurou Ecbert.

– Mesmo que tenha um filho – lembrou Athelstan aos irmãos mais uma vez –, por enquanto ele não poderá nos prejudicar. Nosso pai é saudável. É provável que seja rei por muitos anos ainda, e que mude de ideia sobre o seu herdeiro uma centena de vezes.

– A menos que lhe aconteça algum acidente – observou Edmund sombriamente. – O santo rei Edward teve uma morte violenta e prematura que ele não esperava.

Athelstan bufou, com ar de pouco-caso.

– Acha que um grupo de nobres da Inglaterra derrubaria nosso pai para colocar um bebê no trono? – zombou. – Emma tem poucos partidários, e nenhum que eu imaginaria levantando a mão contra o rei.

– Não subestime mãos ambiciosas – murmurou Edmund, ríspido.

Athelstan lançou-lhe um olhar penetrante. A mão responsável pela ascensão de seu pai ao trono estivera sempre envolta em mistério, mas todos tinham ouvido os rumores que atribuíam a culpa à rainha viúva. Será que Edmund acreditava naquilo?

– Lembre-se, também – acrescentou Ecbert, pensativo –, que Emma tem simpatizantes em todo o mar Estreito. Se o rei morrer, será o irmão dela quem irá controlar seu destino. Você mesmo disse que ele pode ser um peão dos dinamarqueses. Quem sabe quantos planos o duque Richard já deve ter à mão caso nosso pai tenha uma morte inesperada?

Edmund concordou, resmungando em voz baixa:

– Não me surpreenderia se me dissessem que parte do ouro de Richard já chegou às mãos de alguns dos nossos nobres do norte. Há rumores de que ele está ansioso para ver a Inglaterra sob o domínio da Normandia e da Dinamarca.

– Isso é ridículo! – exclamou Athelstan. – Seus argumentos se anulam mutuamente. Não pode afirmar que a rainha está conspirando para que seu filho suba ao trono e, ao mesmo tempo, que o irmão dela prometeu a mão da viúva a alguma potência estrangeira cuja primeira ação seria assassinar

esse filho. E ainda imaginar que ela planeja tudo isso enquanto o marido ainda está vivo e ela é a rainha da Inglaterra.

Ecbert deu de ombros.

– Estamos apenas sugerindo possibilidades. Sim, podem parecer ridículas, mas acontecimentos muito mais improváveis já determinaram o destino de uma coroa. Quem teria imaginado, quando nosso pai nasceu, que um dia iria assumir o trono? Era o terceiro filho de um rei jovem, saudável. No entanto, ele passou de terceiro para segundo na linha de sucessão em apenas alguns anos.

– O filho de Emma, se for mesmo um menino – disse Athelstan –, terá sete irmãos adultos na sua frente.

– Seis – corrigiu Ecbert. – Você esqueceu que Edward já morreu.

Athelstan se encolheu. A ferida causada pela morte de Edward ainda não havia cicatrizado.

– Considerando a declaração do nosso pai na noite passada – insistiu Edmund –, o filho de Emma terá prioridade à coroa e será rei antes de qualquer um de nós.

– Sem aliados verdadeiros por perto a não ser uma rainha viúva e seus fantoches normandos imaginários em algum lugar no norte – rebateu Athelstan.

– E quanto ao conde Ælfric? – lembrou Edmund. – Ele sem dúvida se sente compelido a honrar o juramento que fez, e deve haver outros que o seguiriam.

Athelstan olhou para o rio e para o navio que, a qualquer momento, faria uma curva e desapareceria de vista. A que ponto chegaria a lealdade de Ælfric? Estaria agora mais ligado ao rei ou a Emma?

– Os homens mantêm juramentos apenas enquanto se beneficiam com isso – declarou. – De que maneira os *thegns* de nosso pai se beneficiariam colocando um bebê no trono? A Inglaterra precisa de um rei forte, que proteja as suas costas dos estragos causados pelos dinamarqueses.

– Então por que nosso pai exigiria nossos juramentos a favor do filho de Emma, a menos que fosse por insistência dela? – perguntou Ecbert. Balançou a cabeça. – Eu vi como ele olha para ela. Ele não a ama, logo não pode ser por amor. Acho que ela o enfeitiçou.

– Seja qual for a motivação por trás disso – observou Edmund, mantendo a voz baixa e virando-se para voltar ao palácio –, esse juramento

torna difícil para você obter apoio, Athelstan, a qualquer tentativa que faça para subir ao trono. Não seria fácil reunir homens sob a sua bandeira.

– Também penso assim – retrucou Athelstan –, e garanto que não é preciso procurar mais longe uma explicação para o juramento de ontem à noite. O rei desconfia de mim, e não sei como reconquistar a estima dele. Ainda assim, enquanto eu for dono da Espada de Offa, posso reivindicar o trono. Se for preciso, empunharei minha espada contra quem quer que ameace a Inglaterra, ainda que seja o próprio rei.

Quando chegaram ao portão da paliçada, começou a chover de novo na terra já encharcada. Athelstan mal notou. Seus pensamentos tinham voltado às palavras da vidente do círculo de pedras: “A espada você poderá empunhar, mas o cetro permanecerá fora de seu alcance.”

E ele realmente recebera a Espada de Offa, como ela dissera, mas muitas coisas tinham mudado desde aquele dia no inverno em que ela lera o seu futuro. Seu destino não poderia ter mudado também?

De repente, pareceu-lhe imperativo descobrir. Havia homens no sul dispostos a lutar por ele agora se resolvesse reivindicar o trono. Seus irmãos também o apoiariam, apesar do juramento feito ao filho de Emma. Mas se a rainha tivesse uma filha, se os dinamarqueses atacassem na primavera de modo que toda a Inglaterra se reunisse em torno do rei e se ele recuperasse a confiança de seu pai, então não haveria necessidade de rebelião. O cetro acabaria indo parar nas suas mãos sem que ele precisasse empunhar uma espada para conquistá-lo.

Quando se despediu dos irmãos, tomou o caminho de seus aposentos, mas dali a uma hora, acompanhado por dois membros de seu séquito, seguia pela estrada real para Saltford.

Quando os remadores manobraram o *Trinitas* para longe do cais, Emma não olhou para a margem que se afastava. Ninguém lá lamentava sua partida, e ela sentiu apenas alívio em ir embora, pois estava ansiosa para deixar Headington e toda aquela hostilidade para trás.

O rio agitado, porém – o turbilhão marrom de água e espuma ao redor do casco do navio –, não lhe deu muitas razões para achar que sua breve viagem seria fácil ou agradável. As ondas vinham rápido contra a

embarcação, e a distância ela avistava um véu escuro descendo das nuvens para o horizonte. Provavelmente estariam encharcados em pouco tempo.

Estava sentada dentro de uma barraca no meio do navio, e era só fechar a aba à sua frente para manter-se seca, mas seu manto já estava pegajoso com os borrifos de água do rio e ela não suportava viajar às cegas, sobretudo a bordo de um navio. Melhor sentir o frio e a umidade do que ficar abafada e nauseada. Margot aparentemente não se incomodava com o balanço da embarcação, pois tinha se acomodado num canto protegido de seu abrigo improvisado e já parecia estar cochilando.

Emma puxou o manto para mais junto do corpo quando a rápida correnteza empurrou a popa e o navio deu um solavanco repentino. O bebê chutou, como se protestando contra aquele novo modo de viajar, e Emma viu sua barriga ondular com os movimentos da criança. Suas costas tinham doído a manhã toda e ela se sentia pesada e entorpecida. Ajustou seu assento, tentando se acostumar ao ritmo do navio, mas era impossível. Os remadores lutavam contra o rio, praguejando contra as águas e o vento, usando a força bruta para manobrar a embarcação.

Uma pontada de dor mais aguda nas costas obrigou-a a mudar de posição nas almofadas mais uma vez. No canto, Margot começou a roncar baixinho, apesar do balanço das ondas.

Ela perdeu a noção do tempo contemplando a paisagem. Uma fileira de freixos erguia-se para fora da água de cada lado, pois o rio se espalhava para muito além de suas margens naturais. As terras pantanosas, Emma pensou, deviam ser parecidas com aquilo. O solo, que deveria ter o colorido amarronzado do inverno, brilhava, molhado, à claridade soturna, até onde a vista alcançava. Talvez ela o tivesse achado bonito se tamanha abundância de água não pressagiasse fome e escassez na primavera.

– Doce Virgem – sussurrou, começando uma prece pedindo misericórdia.

Mas, antes que pudesse continuar, o navio, que enfim começara a deslocar-se com suavidade, subiu e, em seguida, caiu drasticamente, como se uma mão invisível tivesse levantado a proa para fora da água e depois a largado. O estômago dela se contraiu com o movimento inesperado e a bile lhe subiu à garganta. Margot acordou com um sobressalto, benzeu-se e se reacomodou para voltar a dormir.

Emma engoliu em seco, desejando que seu enjoo se abrandasse. Tentou mais uma vez adaptar o corpo ao ritmo do rio, mas não adiantou. O navio parecia lutar contra uma criatura viva que não parava de se debater. Algo raspou no casco com um ruído alto e áspero, fazendo seu coração ir à boca, e então começou a chover – finas agulhadas oblíquas que a faziam estremecer.

A dor nas costas aumentou, transformando-se em uma cãibra forte que se refletiu pelo ventre e a fez ofegar e se dobrar. Ela sentiu uma umidade entre as coxas e se lembrou de outro momento, quando acordara toda manchada de sangue. Estava acontecendo de novo. Deus do Céu, estava acontecendo de novo.

Gritou de dor e medo, e imediatamente Margot estava a seu lado, com a mão em seu cotovelo.

– O que foi? – perguntou a velha.

– Estou sangrando – sussurrou Emma, com um soluço. – Estou perdendo o bebê mais uma vez.

Mas Margot já estava inspecionando freneticamente as almofadas debaixo de Emma.

– Não, minha senhora, não é sangue. Sua bolsa estourou. O bebê está chegando.

Emma agarrou a manga da roupa de Margot e cerrou os dentes quando a dor se apoderou dela.

– Mas é cedo demais! – exclamou.

– Bem, Deus decidiu que não é – murmurou Margot.

O ouvido de Emma, desde a infância em sintonia com todas as nuances da voz da velha, captou um tom de ansiedade que seria melhor não ter discernido. Aquilo só aumentou seu medo. Quando a dor deu uma trégua, ela respirou fundo para fazer uma pergunta, mas Margot já estava concentrada em sua barriga, passando as mãos por toda a sua extensão, como se estivesse se comunicando com a criança através de alguma alquimia tátil.

– O bebê ainda está muito no alto. – Ela apertou os lábios e fitou Emma fixamente com seus penetrantes olhos castanhos. – Não vou mentir, minha senhora. Terá um trabalho difícil pela frente para empurrar essa criança para fora. Devemos confiar que a Virgem irá ajudá-la, e graças a Deus a senhora é jovem e forte.

Forte! Ela não se sentia forte. Sentia-se fraca e com medo. Queria Wymarc e Hilde perto dela, queria estar segura ao abrigo de paredes espessas. Como faria aquilo num navio, com frio e sob chuva, cercada de homens rudes? Estava tudo errado.

Margot virou-se para puxar as cortinas e não deixar a chuva entrar, e Emma teria se oposto, mas veio outra contração e ela fechou os olhos, concentrando-se em suportar a dor excruciante.

– Por que já está doendo tanto? – perguntou entre os dentes cerrados, enquanto seu medo crescia. – As dores de Wymarc não começaram tão cedo.

– Cada parto é diferente – disse Margot. – A gravidez de Wymarc estava mais avançada e a passagem, larga, quando a bolsa dela estourou. Você não teve tanta sorte. – Começou a massagear as costas de Emma. – Descanse entre a contrações, filha. Vai precisar de toda a sua força antes de acabarmos.

Emma sentiu o pânico aumentar quando a dor atingiu o pico. Queria acabar logo com aquela provação. Era difícil demais. Deus se voltara contra ela e Emma sabia, com uma terrível certeza, que iria fracassar. O bebê morreria, e ela também.

– Estou com medo! – gritou, apertando a mão de Margot.

– É claro que está com medo – sussurrou a velha. – Toda mulher tem medo quando chega a hora. Mas deve se lembrar de quem você é. – Ela pegou o rosto de Emma entre as mãos e a encarou com um olhar severo. – Você é a filha de Richard da Normandia. Rainha de toda a Inglaterra. O sangue viking corre em suas veias, filha. Vai permitir que seu medo a derrote?

Emma fitou os olhos castanhos em que confiara durante toda a sua vida e não viu ansiedade ali, apenas determinação. Margot estava certa. Ela tinha de se lembrar quem era e por que tinha sido escolhida para aquela tarefa. Se deixasse o medo dominá-la, iria fracassar em seu dever como rainha, como filha e, pior de tudo, como mãe. Não podia fazer aquilo de novo. Não podia permitir que outro filho seu morresse, não sem lutar. Se *ela* morresse, que assim fosse. Mas não deixaria aquela criança fenecer dentro dela.

– Diga o que tenho de fazer.

– Você precisa caminhar para o bebê mudar de posição, mas não pode fazer isso aqui. Assim que chegarmos a Islip...

– Não vou esperar até chegarmos a Islip – interrompeu Emma. – Agora! Quero caminhar agora.

Quanto antes começasse a andar, mais cedo a criança nasceria. Ainda estava com medo do que viria pela frente, mas queria que acabasse o mais rápido possível.

– Não pode andar sob a chuva num convés inundado! – exclamou Margot. – Nem precisa cair por cima da amurada para se afogar.

– Aqui não é mar aberto – disse Emma, levantando-se e agarrando-se a uma coluna de madeira para se apoiar –, e não consigo ficar parada. A dor vai ser mais fácil de suportar se eu estiver em movimento, não acha? Peça a lorde Ælfric que venha me ajudar.

– Mas minha senhora...

– Tenho de me mexer, Margot – gemeu, quando outra onda de dor começou a tomar conta dela. – Chame Ælfric, eu imploro!

Durante a hora seguinte, com uma das mãos agarrada ao braço firme e vigoroso de Ælfric, a outra segurando a verga do mastro, Emma deu seis passos vacilantes para a frente ao longo do convés, depois seis passos de volta. A chuva bicava-lhe o rosto, e seu manto molhado e o vestido encharcado prejudicavam seus movimentos. Sempre que uma contração crescia tanto que ela perdia a firmeza nas pernas em razão da dor, Emma parava e se apoiava no sólido corpanzil do conde. Suportava cada contração em agonia silenciosa, pois agora lembrava que era a rainha da Inglaterra e sabia qual era o seu dever. Nenhum homem iria ouvi-la gritar, nem mesmo os marinheiros que olhavam inquietos para ela enquanto remavam. Concentrou os pensamentos no que acontecia dentro dela e, tomada por um instinto de sobrevivência primitivo, suportou a dor e o frio, a chuva e o balanço do navio. Tudo o que estava fora de seu corpo desapareceu enquanto ela lutava para dar à luz.

Finalmente a embarcação atracou em Islip e, com a ajuda de Margot e Ælfric, Emma transpôs o espesso lamaçal até a mansão. Mal tinha notado suas paredes protetoras quando foi despida de suas roupas molhadas e envolta em cobertas quentes, grossas. Quiseram acomodá-la em uma cama, porém ela se recusou a ficar deitada. Andava de um lado para outro, impelida pela dor implacável que a atormentava. Às vezes, nos breves intervalos de alívio, descansava nos braços de Margot ou de uma das outras acompanhantes, conseguindo ter alguns instantes de sono. Outras vezes,

desabava sobre o enorme tapete de pele de urso no chão de madeira, agachando-se sobre as mãos e os joelhos como um animal até que a necessidade de andar a forçava a se levantar novamente.

Assim as horas se passaram, mas o bebê não vinha.

Capítulo Quarenta

Dezembro de 1004

Arredores de Saltford, Oxfordshire

Athelstan levou quase dois dias para chegar a Saltford por conta das estradas castigadas pela chuva forte e incessante. Uma nesga de claridade atravessava as nuvens escuras quando ele se aproximou do alto da serra, com sua pedra apontando para o céu, e, ao menos por ora, a chuva tinha dado uma trégua. Desceu do cavalo e contemplou o familiar círculo de pedras na clareira abaixo.

Havia uma pessoa no centro do círculo, o rosto erguido para o seu. Estava envolta em um casulo de xales e iluminada pelo brilho fraco de uma pequena fogueira que estalava entre as lascas de pedras a seus pés. Ela não se moveu, apenas aguardou, e, como antes, Athelstan pressentiu que esperava por ele.

Ele desceu, conduzindo seu cavalo pela encosta suave, e entrou no bosque. Ali, amarrou as rédeas no galho de um dos carvalhos que circundava a clareira. De onde estava, podia avistar, protegidos pelas árvores, o trançado de varas marrons e o reboco das paredes da pequena casa dela se erguendo de um mar de lama. O musgo cobria metade do colmo do telhado e a construção parecia bastante necessitada de reparos.

Passou entre duas pedras gigantes e entrou no círculo, quase esperando ouvir um trovão ao chegar. Mas não houve nenhum som, e isso lhe pareceu ainda mais ameaçador.

Cumprimentou a mulher com um gesto da cabeça, e ela o fitou com uma expressão em que não havia qualquer indício de boas-vindas.

– Por que me procura, filho do rei? – perguntou ela, a voz áspera abafada por seus agasalhos. – Está tão perdido que precisa vir a mim para encontrar seu caminho?

Ocorreu-lhe que aquele era, de fato, o motivo por que fora até ali. Estava perdido. Parecia-lhe que vários caminhos se abriam para ele, e sem uma orientação não descobriria qual o melhor a seguir.

– Creio, mãe, que qualquer pessoa que vem vê-la deve estar perdida, de uma forma ou de outra. – Ele olhou para a casa e balançou a cabeça. – Será que ninguém mais tem aparecido para visitá-la esses dias? Parece-me mal preparada para o frio do inverno.

– As pessoas trazem o que podem – retrucou ela –, e este ano há pouco para distribuir.

Ele tirou uma bolsa do cinto e estendeu-a para ela, mas a mulher não fez nenhum movimento para pegá-la.

– A senhora me falou uma vez – começou ele, lembrando com muita clareza as palavras dela – que eu iria empunhar a Espada de Offa, mas que não tinha força suficiente para segurar um cetro. Vim agora pedir-lhe que leia o meu futuro mais uma vez, para me dizer se o meu braço adquiriu alguma força.

Ainda agora, ela não fez nenhum movimento para pegar a bolsa, mantendo os olhos fixos nos dele. Então tirou o xale do rosto e Athelstan pôde vê-la com bastante clareza. Percebeu, surpreso, que a mulher não era idosa como ele tinha pensado. Suas faces e testa eram lisas, e sua pele era morena, não clara como a dos saxões. Devia pertencer à raça dos Antigos, ele supôs, que habitara aquela terra antes dos primeiros saxões virem do outro lado do mar. Provavelmente tinha a idade muito mais próxima da dele do que imaginara – tanto que Athelstan chegou a pensar que talvez se tratasse de outra mulher. Mas a voz era a mesma. Ele a ouvira apenas uma vez, mas não a confundiria com nenhuma outra.

– Se acha que pode me subornar para lhe dizer palavras doces – retrucou ela –, vai desperdiçar suas moedas. Digo somente a verdade, para o bem ou para o mal. Nem toda a prata do mundo vai mudar isso.

– Pegue a prata então, senhora – sugeriu Athelstan –, e me diga a verdade em troca, pois estou em uma encruzilhada e não sei qual caminho seguir. Talvez possa me ajudar a escolher que direção tomar.

Ela estendeu a mão e Athelstan deixou cair a bolsa nela. Então tirou a luva e estendeu a palma vazia para que a mulher a lesse. Mas ela simplesmente segurou a mão dele e olhou dentro de seus olhos, como se pudesse enxergar-lhe a alma através deles e ler o que estava escrito nela.

Depois de um longo momento, a mulher fechou os olhos e por algum tempo ficou imóvel como uma estátua, os dedos finos e frios segurando os dele. Quando finalmente falou, sua voz soou profunda e forte, e correu por todo o corpo dele, como antes:

– Vai brandir espada e escudo, mas a coroa e o cetro permanecerão fora do seu alcance, pois quem quer que vá segurar o cetro da Inglaterra deverá primeiro segurar a mão da rainha da Inglaterra.

Athelstan sobressaltou-se com essas palavras, a dúvida e a esperança lutando em seu coração. Havia tentado tirar a rainha de seu pai e falhara. E se tentasse de novo? Será que conseguiria?

Mas a mulher à frente dele abriu os olhos e olhou fixamente dentro dos seus. Ele viu tristeza ali, e uma imensa compaixão.

– Uma estrada amarga se estende diante dos filhos de Æthelred – sussurrou ela. – De todos, menos de um.

Capítulo Quarenta e Um

Dezembro de 1004

Islip, Oxfordshire

Na casa real em Islip, dois dias inteiros se passaram sem que a rainha e suas acompanhantes se dessem conta, pois estavam trancadas lá dentro à luz de tochas enquanto Emma tentava dar à luz o bebê, que se recusava a nascer.

Para ela, estavam sendo horas repletas de sofrimento físico e cansaço crescente. Apoiada nas mulheres em quem mais confiava, tinha andado sem parar de um lado para outro do aposento, parando de vez em quando para respirar em meio às contrações que transformavam sua existência em um longo pesadelo. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, ansiava por libertação, ainda que significasse a própria morte. Por fim, exausta demais para continuar andando, permitiu que a levassem para a cama.

– Quero que chamem o padre Martin – sussurrou para Margot, quando a onda de dor começou a crescer de novo –, para que ele me absolva dos meus pecados.

Mas Margot agarrou sua mão com firmeza, como se a apertando pudesse aumentar as forças de Emma.

– O seu trabalho não acabou, minha senhora – disse ela. – Seu filho está chegando. Não vou deixar que se desespere.

Quando a dor tomou conta dela, Emma apertou a mão da velha com as suas duas e gritou. Depois que a contração passou, ela conseguiu dar um sorriso cansado para sua ama.

– Sim, Margot – falou –, mas não tenho medo de pedir ajuda a um poder superior.

Com o alívio momentâneo de seu sofrimento, Emma fechou os olhos. Ao abri-los novamente, o padre estava a seu lado, fazendo o sinal da cruz em sua testa.

Ela agarrou a mão dele e a apertou quando mais uma contração se apoderou de seu corpo. A pressão da mão do padre era quente e forte, e eles atravessaram aquela etapa juntos até ela chegar a outro intervalo.

– Preciso confessar um grande pecado – sussurrou Emma, com a garganta tão seca que o som que produziu era dolorosamente fraco.

O homem precisou se aproximar mais para ouvi-la.

– Fique em paz, minha senhora – disse, traçando o sinal da cruz nos lábios dela. – Já perdoei todos os seus pecados. Não há necessidade de falar.

Ela sorriu, agradecida. Agora só precisava pedir perdão à criança que não conseguia dar à luz, pois, apesar dos cuidados de Margot e de sua própria vontade, suas forças estavam quase no fim. Mais uma vez ela fechou os olhos, mas foi arrancada do sono quando a contração seguinte começou.

Margot e Wymarc estavam a seu lado, e ela agarrou-lhes a mão, gritando que precisava empurrar aquela dor para longe de seu corpo.

– Sim, e tem mesmo de empurrar, senhora! – exclamou Margot, com a voz tão rouca quanto a de Emma. – Vamos! Agora!

Elas a puxaram da cama e a colocaram no banco. Nesse momento, em algum lugar dentro de si que Emma não sabia que existia, encontrou uma inesperada fonte de energia. Apertando a mão de Wymarc, fez força para baixo todas as vezes que Margot mandou. Teve a impressão de que o tempo, que lhe parecera ter parado até então, agora voava. Finalmente, com um grande esforço final, ela empurrou seu filho para o mundo. Ouvia o choro do bebê e em seguida, ao longe, a voz de Margot, tirando-a de dentro da névoa de exaustão que a envolvia.

– Seu filho nasceu.

Logo depois, um minúsculo embrulho que berrava foi colocado em seus braços, e ela olhou através das lágrimas para o pequeno milagre diante de si. Tinha visto poucos recém-nascidos, mas aquele lhe pareceu diminuto. No entanto, tinha uma aparência bastante vigorosa e saudável, com o rosto vermelho, gritando com raiva por ter sido forçado a sair para um mundo estranho.

– Será que ele vai sobreviver? – perguntou, ansiosa.

– Ele é bem pequeno, sem dúvida – retrucou Margot –, mas os pulmões são fortes, e ele me parece muito bem. A ama de leite vai engordá-lo num instante, minha senhora.

– Nada de ama de leite – murmurou Emma. – Eu mesma vou amamentá-lo.

Não confiaria seu filho aos cuidados de mais ninguém, pois todo o seu futuro estava entrelaçado ao dele. O pequeno fora designado herdeiro do rei e por isso tinha uma legião de inimigos. Seria tarefa sua protegê-lo e prepará-lo para o papel que um dia deveria desempenhar.

Roçou a cabeça do bebê com os lábios, depois assistiu, extasiada, quando ele se aninhou em seu seio e começou a sugar.

– Você é a coisa mais linda que já vi – disse ela num sopro de voz.

Percebeu que já o amava com uma ferocidade que ameaçava dominá-la. À luz desse amor, o penoso ritual do juramento em Headington assumia um aspecto diferente.

Quando estava grávida e indefesa, a tentativa de Æthelred de enfraquecer todos os que via como inimigos nomeando o filho como seu herdeiro deu a Emma a sensação de ter uma espada encostada em sua garganta. Agora, porém, ela era a mãe do único filho dele nascido de uma rainha consagrada. Teria mais poder do que jamais pretendera, e sem dúvida mais do que o próprio Æthelred pretendia. Não havia pedido isso, mas as sementes do destino tinham sido postas em suas mãos. Seria sua tarefa plantá-las e cuidar delas por causa de seu bebê.

– Quero enviar uma mensagem para o meu irmão – disse para Wymarc. Ela deveria dar a Richard a notícia de que tivera um filho que seria herdeiro do trono da Inglaterra. Ele enviaria, se Emma lhe pedisse, mais homens, que seriam leais apenas a ela. – E envie uma mensagem para o rei – acrescentou. – Diga que Deus e a rainha deram-lhe outro filho homem.

Capítulo Quarenta e Dois

Janeiro de 1005

Headington, Oxfordshire

Na Festa da Epifania, em cerimônia realizada no palácio de Headington, o *ætheling* Edward, filho do rei Æthelred II e da rainha Emma, fez sua primeira aparição perante a corte real. O salão estava lotado, com bispos e abades, com os *thegns* mais confiáveis do rei acompanhados de suas esposas e seus filhos, e de várias dezenas de criados. Todos estavam ansiosos para ver a jovem rainha e o menino que Æthelred havia nomeado seu herdeiro.

Lady Elgiva ocupava um lugar condizente com sua posição de filha do poderoso conde da Nortúmbria: estava em uma mesa logo abaixo do estrado real, entre os irmãos e o pai. Ao observar os membros da família real, ficou impressionada com a pantomima de unidade familiar que exibiam. Tinha certeza de que ninguém naquele salão seria tão idiota para acreditar naquela aparente harmonia, mas era de fato impressionante.

A rainha estava à direita do rei, com as três filhas de Æthelred em uma fileira ao lado dela, com expressões solenes. Edyth, de 11 anos, a mais velha, observava destemidamente os nobres reunidos, uma sobranceira arqueada, como se avaliasse cada pessoa na sala. Ælfgifu, de 10 anos, parecia entediada, e conteve um bocejo. Wul ilde, de 7 anos, mexia-se, inquieta, esticando-se de vez em quando para olhar com admiração o bebê nos braços de Emma.

À esquerda do rei, seus seis filhos estavam postados com a mesma solenidade do casal real, em ordem de idade e posição: Athelstan, Ecbert, Edmund, Edrid, Edwig e Edgar. Eram todos bonitos, cada um à sua maneira.

Mas todos eles, em seus ricos trajes em cores sóbrias orlados de pele de zibelina escura, eram ofuscados pela rainha, que brilhava como o sol à luz das tochas.

Ela usava uma túnica dourada de *godwebbe* ajustada ao corpo, bordada com fios de prata e cravejada de pedras preciosas em faixas que contornavam o decote e as compridas mangas drapeadas. O vestido cingia-lhe a cintura, esbelta novamente, e moldava-lhe tanto os seios que Elgiva percebeu, com um choque, que Emma devia estar, ela mesma, amamentando seu bebê. Na cabeça, a rainha usava um longo véu de seda amarelo-claro ligeiramente cintilante e, por cima, uma delicada coroa de ouro trançado com pingentes de pérolas. Havia sido um presente do rei, Elgiva soubera de fonte segura. Ele também dera terras à rainha, além do que havia concedido a seu filho mais novo. E tudo seria controlado por Emma.

Elgiva desviou os olhos da coroa dela e examinou o filho – um fedelho enrolado em um cobertor bordado com fios de ouro, tão esmirrado que parecia um fantoche, dormindo nos braços da mãe.

– Acho que os *æthelings* mais velhos não têm nada a temer desse novo – sussurrou ela para o pai, enquanto o resto das pessoas recitava a Oração do Senhor em latim. – Parece que uma simples brisa pode mandá-lo para o Céu.

– Pode ser um fracote – respondeu o pai com ar severo –, mas todos nós temos muito a temer, porque a rainha agora provou que pode ter um filho vivo, e um filho homem, ainda por cima. Se der mais seis outros meninos a Æthelred, podemos acordar um dia em meio a uma batalha real pelo trono. Se isso acontecer, todos nós teremos que escolher um lado, e o último *ætheling* que restar de pé vai ganhar.

– Bem, com certeza não vai ser aquele – murmurou Elgiva, olhando de novo para a pequena criatura nos braços de Emma.

– Talvez não. Mas pode haver outros, e até um filho doente pode ser usado como peão no jogo real. Tudo depende de quem a rainha conseguirá reunir para apoiá-la. Olhe para ela. Está coberta de ouro, e nem tudo veio de Æthelred.

Elgiva voltou a olhar para Emma. Todos na corte sabiam que o vestido dourado era de confecção normanda e que era parte de uma remessa

enviada da Normandia meses atrás, quando a rainha anunciou que estava grávida.

– Aposto que Richard está determinado a ver o filho de Emma no trono da Inglaterra – continuou Æl elm. – É provável que envie mais presentes à rainha, agora que o menino foi nomeado herdeiro de Æthelred. Com o ouro do irmão, ela vai poder comprar a lealdade de um grande número de homens.

– Mas as pessoas ainda culpam o capataz dela pelo ataque a Exeter – objetou Elgiva. Ela ouvira as freiras na maldita abadia onde passava a noite dizerem isso, e para as freiras saberem era porque o assunto devia ser comentado em todos os lugares. – A reputação dela sofreu com isso. Ela não é tão popular como antes.

– Ela sempre será popular enquanto for jovem, bonita e mãe do *ætheling* – sussurrou Wulf, inclinando-se para eles.

Elgiva bufou.

– Prefiro ser casada com um *ætheling* a ser a mãe de um bebê choraminguento como esse. – Desviou o olhar de Emma e do bebê para Athelstan, à esquerda do rei. – O filho mais velho ainda tem a Espada de Offa, não é?

Enquanto o símbolo das boas graças do rei pertencesse a Athelstan, ele poderia usá-lo para reunir os próprios partidários, mesmo entre aqueles que tão recentemente haviam jurado fidelidade a seu meio-irmão bebê.

Agora foi o pai quem bufou.

– A Offa pode influenciar alguns nobres, mas, quando chegar a hora, será o braço forte do homem que empunha a espada que vai definir o próximo rei da Inglaterra. E você, menina, deveria tirar da cabeça essa ideia de se casar com um *ætheling*, porque enquanto viver Æthelred não permitirá que nenhum de seus filhos se case. O rei pode ser tolo, mas não a esse ponto. E, quando você se casar, será com um homem da minha escolha, não da sua.

Elgiva mordeu o lábio, subitamente apreensiva. Se o que seu pai dizia era verdade, então todos os seus sonhos de um dia chegar ao trono estariam terminados. Ela não poderia esperar a morte de Æthelred para se casar. Era provável que ele ainda vivesse por muitos anos, e quem iria querê-la quando ela estivesse velha demais para ter filhos? Temia que seu pai não tivesse marido nenhum escolhido para ela. Ele era o conde da Nortúmbria. A única aliança de fato vantajosa para ele seria com o filho de um rei, e, não

existindo essa opção, nada mais restava a Elgiva. Lançou-lhe um rápido olhar de esguelha. Ele não iria trancá-la em um convento, iria? Ela se mataria se o pai a pusesse atrás dos muros de uma abadia.

Olhou novamente para Emma, coberta de ouro e embalando o filho nos braços, e sentiu sua antiga inveja crescer e amadurecer. Na longa lista de pessoas que um dia iriam experimentar o gosto da vingança de Elgiva – uma lista que incluía seu pai, seus irmãos e até o rei e seus filhos –, o nome da rainha estava no topo.



Æthelred, de pé no meio de sua família sobre o estrado, conteve sua impaciência com a bênção interminável que Wulfstan recitava em tom monocórdio. O elaborado ritual tinha sido ideia do arcebispo – uma consequência de sua recente viagem a Roma, onde a grandeza das cerimônias o havia impressionado nos salões dourados do papa. Wulfstan tinha razão, claro. Era importante para a família de Æthelred apresentar uma imagem de união ao mundo, mas sem dúvida as orações não precisavam se estender por tanto tempo.

Olhou para a criança adormecida nos braços de Emma, o único membro da família, presumia, que estava verdadeiramente contente. Os demais apenas tentavam parecer dignos perante a corte. Era o que havia exigido deles, e não tinham escolha a não ser se curvarem à sua vontade. Havia até dado instruções a respeito de como deveriam se vestir, para deixar a rainha e seu filho brilharem naquela ocasião. Que mal poderia haver?

Sem dúvida nenhuma, o bebê que Emma lhe dera havia sido uma dupla bênção – um filho para manter o duque normando Richard consciente de seu dever para com a irmã e um herdeiro para deixar seus próprios filhos mais velhos inquietos sobre o próprio futuro. Tudo isso havia sido bom. Mas ele não tinha esperado a reação de Emma à criança. Sua primeira esposa parira seus bebês e os entregara para outras pessoas tomarem conta deles, e depois disso quase nunca os via. O fato de Emma ter decidido amamentar seu filho o preocupava. Criava uma ligação entre eles, um vínculo que poderia ser perigoso.

Teria que mandar a criança para longe, talvez para uma das grandes escolas dirigidas por abades, afastada da influência da rainha e fora do alcance do ciúme dos irmãos mais velhos. Talvez o menino aprendesse a rezar de uma forma que convencesse Deus a interromper o ciclo de desgraças.

Lançou um olhar irritado para o enfadonho Wulfstan, que pareceu entender, porque levou suas orações a uma retumbante conclusão. Quando as pessoas se sentaram para o banquete, Æthelred contemplou a corte reunida com com sentimento semelhante a satisfação. Seus súditos pareciam contentes naquele momento, prestes a se banquetear à sua custa. Até mesmo Æl elm, da Nortúmbria, geralmente tão intratável e beligerante, havia concordado com todas as suas propostas nas sessões do *witan*. Os estragos causados pelos dinamarqueses no verão e no outono seriam esquecidos na primavera seguinte, e o bebê Edward, consagrado a seu tio martirizado, poderia vir a se tornar o símbolo do renascimento da Inglaterra.

Concentrou-se no pedaço de carne à sua frente, mas, assim que levantou a taça para se juntar a um brinde à sua rainha e seu filho recém-nascido, sentiu o braço começar a se arrepiar, ao mesmo tempo que o coração dava um salto repentino e doloroso. Pousou o copo sobre a mesa e, olhando com cautela para a meia distância à sua frente, viu o ar ondulando como água enquanto seu irmão se aproximava, cada ferida em seu corpo aberta como uma boca sangrenta.

“Ele ainda me atormenta”, pensou, levando a mão ao peito para acalmar as batidas do coração. Tinha sido loucura acreditar que poderia fazer um acordo com os mortos.

Forçado a fitar os olhos ardentes do irmão, amaldiçoou em silêncio o horror que o tiranizava. O Edward martirizado, ele sabia agora, nunca se contentaria com um relicário de ouro, nem com o filho de um rei consagrado a ele. “Olho por olho”, dizia a Bíblia. Coroa por coroa. Seu irmão e seu Deus exigiam uma indenização, e não aceitariam nada menos que isso. Não haveria perdão, não haveria paz, até que ele abrisse mão do poder que nunca deveria ter sido dele.

E isso ele nunca faria.

Jamais entregaria sua coroa – nem a seus filhos, nem ao rei dinamarquês que tentava destruí-lo. Resistiria até o último suspiro, e, por maior que fosse

o pânico que o fétido espectro de seu irmão morto lhe infligisse, resistiria a isso também.

Fez uma careta para os olhos reluzentes do espectro e exultou quando o fantasma desviou o olhar, como se derrotado por seu desafio.

Então percebeu, com um sobressalto, que o Edward martirizado encarava os *æthelings*, um por um. Havia destruição naquele olhar lívido, um mau augúrio dirigido aos filhos do rei. Æthelred viu, soube o que era e sentiu sua alma ser tomada pelo desespero e por uma raiva amarga e abrasadora.

Athelstan, após suportar primeiro a cerimônia orquestrada por Wulfstan e, em seguida, o calvário de uma refeição na companhia de seu pai, deixou a mesa alta assim que a prudência permitiu. Encaminhou-se para o fundo do grande salão, certo de que a canção que o *scop* de seu pai tinha iniciado manteria a atenção dos convivas longe dele. Queria pensar.

O espetáculo de solidariedade familiar que Æthelred tinha exigido deles o irritara profundamente. Desejou poder enxergar os pensamentos de seu pai para decifrar os planos dele para seus filhos e o reino. Não confiava na visão do pai. E, nos últimos tempos, havia começado a não confiar na da rainha também.

De onde estava, nas sombras, ele a observou. O bebê tinha acordado, mas, em vez de passar o menino para a ama, Emma continuou a segurá-lo. Olhava para ele como a Madona para o Cristo recém-nascido, e aquele gesto amoroso atingiu Athelstan profundamente. Ela já tinha olhado para ele da mesma forma.

Mas isso havia sido no passado. O que quer que Emma tivesse sentido por Athelstan dera lugar ao amor maternal que ela nutria por Edward. Qualquer pessoa podia ver que o bebê era tudo no mundo para ela. Que homem poderia esperar competir com aquele bebê – um filho que poderia ter sido dele?

Que Deus o ajudasse, mas ele ainda a amava. Prometera a si mesmo que iria arrancá-la de seu coração, mas a mãe lhe parecia ainda mais desejável do que a noiva havia sido. A ternura que poucos tinham presenciado agora era evidente para qualquer um que tivesse olhos para ver.

Enquanto a observava, ela roçou a têmpora do filho com os lábios e correu as pontas dos dedos ao longo de seu rostinho. Ele a viu rir quando Edward fechou a mãozinha em volta do seu dedo.

E, naquele momento, as palavras da vidente voltaram-lhe à cabeça: “Quem quer que vá segurar o cetro da Inglaterra deverá primeiro segurar a mão da rainha da Inglaterra.”

Athelstan olhou para a mãe e para a criança segurando seu dedo.

“Uma estrada amarga se estende diante dos filhos de Æthelred. De todos, menos de um.”

Seria Edward, então, o filho cujo *wyrd* estava sob a luz do sol e não nas sombras?

Não! Ele não acreditava naquilo. Não era possível que todos os seis filhos de Æthelred deveriam se afastar ou morrer para que o bebê de Emma um dia se tornasse rei.

No entanto, não conseguia tirar da mente as palavras da vidente. Deu as costas para sua família e, no meio do banquete, deixou o salão de seu pai.

Emma viu Athelstan deixar o estrado, depois o viu parado sozinho por algum tempo observando-a na escuridão, em seguida notou quando se virou e seguiu para a porta. Não saberia dizer o que o aborrecera, mas, quando ele saiu do salão, ela sentiu um arranco em seu coração, como se ela fosse um cais e Athelstan, um navio forçando as amarras para se libertar.

No entanto, nunca haviam sido verdadeiramente ligados um ao outro. Tinham cometido um grande pecado, mas o que ela sentira por ele, e ainda sentia, jamais poderia ser verbalizado nem posto em prática. Nunca mais. Não por ela ser a rainha de Æthelred, mas por ser a mãe de Edward. Os votos que a prendiam ao rei não eram nada comparados aos laços invisíveis que a ligavam àquele bebê. Ele era o seu tesouro, seu presente e seu futuro, seu começo e seu fim.

Toda a felicidade dela estava contida naquela criança. E agora Emma tinha se tornado igual ao marido: não confiava em ninguém, não por medo dos riscos à própria vida, mas por temer pela segurança daquela criatura que precisava de seu amor e proteção para sobreviver. Tinha de mantê-lo seguro, tinha de proteger seu futuro.

Então Emma pensou em Gunnora, em como a achara insensível e cruel por mandar a filha mais nova para uma terra cruel e para a cama fria de um rei sombrio. “Você deve ir porque tem forças para tanto”, sua mãe lhe dissera. E Emma pensara que nunca poderia perdoá-la por isso.

Mas agora percebia que Gunnora tinha feito o que qualquer mãe verdadeiramente amorosa deve fazer: dera à filha a oportunidade de realizar o melhor de si, de cumprir o seu destino mais elevado.

Era isso que fazia agora por seu filho. Quaisquer que fossem os sacrifícios a se submeter, quaisquer que fossem as alianças a serem forjadas, ela se empenharia até o fim. Porque ela era Emma, rainha da Inglaterra, e dera à Inglaterra um filho que seria rei.

Nota da Autora

Em alguma ocasião por volta do ano 1040, Emma da Normandia incumbiu um monge flamengo, provavelmente um membro de seu séquito, de escrever um livro sobre sua vida. Uma versão do século XI desse notável manuscrito, *Encomium Emmae Reginae*, ainda existe. A narrativa, porém, começa *in medias res*, no ano 1017 da Era Cristã, quando Emma devia estar com aproximadamente 30 anos. Embora o escritor se refira a ela como uma grande rainha, não faz menção nenhuma a seu marido, o rei Æthelred II, ou aos 15 anos de casamento dos dois.

Temos de admitir que o laudatório escritor tinha boas razões para essa enorme omissão, nas quais não me deterei aqui, mas aqueles anos não mencionados, envoltos nas brumas do tempo e velados pelo silêncio de Emma, tornaram-se o ponto central do meu interesse por essa enigmática rainha inglesa. Este romance, o primeiro de uma trilogia sobre ela, é o resultado dessa curiosidade.

Como a data de nascimento de Emma nunca foi registrada, ela poderia ter entre 12 e 20 anos na primavera de 1002 d.C., quando, como relata a *Crônica Anglo-Saxã*, “chegou Lady Emma, filha de Richard, a esta terra”. O que sabemos com certeza é que o casamento dela foi organizado muito rapidamente, o que era incomum, poucos meses depois da morte da primeira esposa de Æthelred. Embora pouco se saiba sobre a Emma dos primeiros anos de matrimônio com um rei descrito como desconfiado, violento e perturbado por assombrações, muito se pode imaginar, e foi o que fiz.

A história da Inglaterra entre os anos de 1002 e 1005 d.C. – o período que este romance abrange – foi registrada em crônicas, testamentos, sermões, leis, cartas e outros documentos da época. Todos os condes, os nobres e os prelados que povoam meu livro foram pinçados desses registros, mas principalmente da *Crônica Anglo-Saxã*. É importante notar, porém, que

todas as entradas da *Crônica* que tratam do reinado de Æthelred foram escritas alguns anos após esses acontecimentos terem ocorrido, por cronistas que tinham pontos de vista distintos e que pareciam ver Æthelred com desaprovação ou desesperança.

Ele de fato chegou ao trono por causa do assassinato de seu meio-irmão mais velho, Edward, no ano 978, e a crença comum na época parece ter sido a de que a mãe de Æthelred estava por trás do crime. Existe um relato do século XII sobre Æthelred chorando a morte do irmão, mas não há registro de que ele tivesse ou não conhecimento da trama que levou à morte de Edward. Essa é uma daquelas maravilhosas lacunas na história que se tornam tão tentadoras para os romancistas. O culto ao martirizado rei Edward promovido por Æthelred, que envolveu a construção de um santuário e o enterro do corpo do santo por volta do ano 1001, sugere, se não um sentimento de culpa, ao menos uma tentativa de angariar a boa vontade de Edward, o Mártir, em um momento de turbulência e perigo extremos na Inglaterra. Foi sob essa ótica que o caráter de Æthelred, atormentado e cheio de remorso, começou a tomar forma para mim.

Quanto aos filhos dele, cartas régias fornecem seus nomes e uma ideia de suas datas de nascimento. A probabilidade de que o *ætheling* mais velho, Athelstan, tivesse quase a mesma idade de Emma desencadeou irresistíveis possibilidades românticas em minha mente enquanto eu esboçava o meu romance. Na verdade, um rumor que ecoou através dos séculos dá conta de que houve pouco amor entre o rei inglês e sua noiva normanda, e a ideia de uma ligação romântica entre uma rainha desprezada e o filho rebelde de seu marido abria muitas chances de conflitos deliciosos para que eu as ignorasse. Além de seus nomes nas cartas, no entanto, nada mais se sabe sobre Athelstan ou seus irmãos nos anos compreendidos por este romance, então eu os aproveitei à minha maneira.

O quarto ponto de vista no romance pertence a Elgiva de Northampton. Em documentos históricos, ela é Ælfgifu, mas escolhi usar a variação Elgiva para diferenciá-la da primeira mulher de Æthelred e de uma de suas filhas, ambas chamadas Ælfgifu. Sabemos que Elgiva era filha de Æl elm, e que por volta de 1016 tinha pelo menos um filho, mas não há nenhuma indicação de sua idade ou de seu relacionamento com as grandes figuras históricas da Inglaterra antes dessa data. Entretanto, como os nomes das mulheres que fizeram parte da corte de Æthelred não aparecem nos anais, é

bem possível que Elgiva fosse uma delas, sobretudo por seu pai ter sido o líder dos condes durante muitos anos. Também a coloquei na cama do rei, sobre o que, confesso, não existe nenhuma referência histórica, a não ser pelo fato de que Æthelred tinha uma reputação notória no que se referia às mulheres, pelo menos em histórias posteriores, assim como seu pai antes dele.

Sobre a comitiva normanda de Emma, fontes indicam que uma mulher chamada Wymarc e um homem chamado Hugh estavam entre aqueles que navegaram com ela da Normandia para a Inglaterra. Hugh foi nomeado capataz de Emma em Exeter, e a *Crônica* diz que foi devido à perfídia dele que Exeter foi destruída pelos dinamarqueses em 1003. O cronista não fala como isso aconteceu, de modo que parte da minha história é pura ficção. Que eu saiba, não existe nenhum túnel sob o que foi outrora o *burh* de Exeter, mas há passagens subterrâneas sob a High Street que datam do século XIV, e sua existência me sugeriu a escura rota de fuga de Elgiva, Wulf e Groa.

O que nos leva a Swein Forkbeard e os vikings. Teria Forkbeard visto Emma na Normandia antes de sua ida para a Inglaterra, na primavera de 1002? É possível. O paradeiro exato do rei dinamarquês naqueles anos é desconhecido. No final de 1001, ele pode ter estado na ilha de Wight, onde um exército de saqueadores dinamarqueses instalara-se para aguardar um pagamento do rei inglês. Com ventos favoráveis, ir da ilha até Fécamp seria fácil, mesmo no inverno.

O massacre do dia de São Brício, que alguns historiadores acreditam ser o motivo que levou Swein Forkbeard a se vingar do rei inglês, ocorreu numa sexta-feira, 13 de novembro de 1003. Não existe registro de quantos dinamarqueses foram mortos, mas a carnificina tornou-se lendária, com detalhes macabros acrescentados (possivelmente inventados) à medida que a história era contada e recontada. Ainda assim, a morte horrível das pessoas que foram presas e queimadas na Igreja de St. Frideswide, em Oxford, de fato ocorreu, e esse acontecimento foi descrito em uma das cartas régias de Æthelred como “muito justo extermínio”, o que parece ser uma indicação bastante clara de como o rei encarava o assunto.

O sequestro de Emma por Swein é fictício, mas foi inspirado num acontecimento verdadeiro que ocorreu em 943. Naquele ano, os dinamarqueses atacaram Tamworth e levaram a riquíssima Wulfrun – avó

de Elgiva –, presumivelmente para pedir resgate por ela. Na verdade, em razão desse fato, Wulfrun é a única mulher, além de membros da realeza e abadessas, mencionada nominalmente na *Crônica Anglo-Saxã*.

Quanto aos nomes de lugares, escolhi usar as versões modernas exceto em poucos casos, quando o nome utilizado no século XI era excepcionalmente descritivo ou apenas diferente demais do nome atual da localidade. Saltford, agora Salford, foi no século XI exatamente o que seu nome indica em inglês – uma passagem (*ford*, ou vau) rasa na estrada, usada para transportar o sal dos depósitos em Droitwich para os condados do sul. Middleton (cidade média) é o nome anglo-saxão para a Milton Abbas de hoje. Optei por usar o nome escandinavo Jorvik para a cidade de York, no norte do país, porque queria separá-la um pouco do mundo anglo-saxão do sul que Emma teria conhecido. A descrição do grande círculo de pedras onde Athelstan e Groa se encontram com a vidente é baseada nas Rollright Stones, perto da fronteira entre Warwickshire e Oxfordshire.

A rainha Emma, que encomendou o *Encomium Emmae Reginae* na quarta década do século XI, estava naquela época no auge de seu poder – um poder que a jovem que chegou a Canterbury no ano 1002 para se casar com um rei perturbado dificilmente poderia ter imaginado. No entanto, a vida dela quase nunca esteve livre de contratemplos. Os anos de seu casamento com Æthelred foram repletos de conflitos – na família real, na corte e no reino. Era preciso ser uma mulher forte, corajosa e determinada para progredir naquele mundo muitas vezes brutal, mas ela conseguiu, e ainda há muito mais de sua história para ser contado.

Agradecimentos

Nenhum manuscrito faz a viagem da concepção até a publicação sem ajuda, e o meu não é exceção.

Meus primeiros agradecimentos vão para meu marido, Lloyd, cujo amor e incentivo me ajudaram a realizar muitos dos meus sonhos, incluindo este, e aos nossos filhos, Andrew e Alan, que me mantiveram ancorada ao mundo moderno quando eu tantas vezes me perdi no passado.

Obrigada à minha inabalável e brilhante agente, Stephanie Cabot, por acreditar neste livro e me ajudar a colocar o rumo da história na direção certa; à assistente de Stephanie, Anna Worrall, e a todos na Gernert Company que ajudaram a orientar o manuscrito até a publicação; à minha editora nos Estados Unidos, Emily Murdock Baker, com quem tem sido um prazer trabalhar, e à sua equipe na Viking e na Penguin; à editora Louisa Joyner e sua equipe na HarperCollins do Reino Unido; e a Keira Godfrey. Todas essas pessoas mostraram muito entusiasmo.

Tenho uma dívida com as colegas escritoras Christine Mann e Deborah Griffin, que leram o primeiro rascunho da história e cujas perguntas e observações ajudaram a moldar os personagens e a narrativa; com Matt Brown, por seu maravilhoso mapa da Inglaterra de Æthelred; com Linda Watanabe McFerrin, por sua orientação sobre todos os aspectos da escrita e publicação; com os membros da Le Coast Writers®, por sua paixão pela palavra escrita; e com a Dra. Janice Baeuerlen, por seu incansável interesse e seus conselhos especializados. Todo escritor deveria ter um psiquiatra como vizinho!

Sou grata a Andy Orchard, renomado estudioso da era medieval e um professor envolvente, cujo curso de verão de 2007, em Downing College, Cambridge, iluminou alguns dos cantos mais escuros do mundo anglo-saxão. Obrigada, também, aos muitos acadêmicos que responderam às minhas perguntas e me ofereceram seu incentivo durante os almoços no

Congresso Internacional de Estudos Medievais em Kalamazoo, e cujas amplas pesquisas e consideráveis trabalhos escritos ajudaram a dar forma a este livro, em especial as professoras Gale Owen-Crocker e Maren Clegg Hyer. Um agradecimento especial ao professor James Earl, cuja tradução da epígrafe da *Crônica Anglo-Saxã* de 978 d.C abre o livro.

Tenho uma dívida de gratidão com Lloyd Bracey, por me levar, em outubro de 2009, da Londres moderna para a reconstituição da Batalha de Hastings; com Maria Faul, por tirar todas as minhas dúvidas sobre pergaminho; com Gillian Bagwell, por compartilhar seu conhecimento sobre luta com espadas; com Sara Latta, Jean Langmuir, Margret Elson, Karen Carlson, Dorothy Mondello e Ron Leavens, pelos ouvidos sempre abertos e pela capacidade de me animar; com Joanne Lopez, Joan Harper e Mary Wieland, por décadas de amizade, estímulo e orações; e com Jane Pitcock, cuja memória vai viver para sempre em meu coração.

Dos muitos livros que consultei enquanto pesquisava a história por trás deste romance, vários merecem reconhecimento especial. *Queen Emma and Queen Edith: Queenship and Women's Power in Eleventh-Century England*, de Pauline Stafford, foi uma fonte inestimável e meu principal recurso; *Encomium Emmae Reginae*, editado por Alastair Campbell, com introdução de Simon Keynes; *Anglo-Saxon England*, de Frank Stenton; *Æ thelred II*, de Ryan Lavelle; *Æ thelred the Unready*, de Ann Williams; *Cnut*, de M.K. Lawson; *An Atlas of Anglo-Saxon England*, de David Hill; e *The Death of Anglo-Saxon England*, de N.J. Higham. Duas biografias recentes de Emma, *Queen Emma and the Vikings*, de Harriet O'Brien, e *Emma: The Twice-Crowned Queen*, de Isabella Strachan, foram fontes de inspiração e são uma excelente leitura para quem quiser aprender mais sobre a vida da rainha normanda.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes

Ken Follett

Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. *Queda de gigantes*, o primeiro volume da trilogia “O Século”, do consagrado Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos.

De maneira brilhante, Follett constrói sua trama entrelaçando as vidas de personagens fictícios e reais, como o rei Jorge V, o Kaiser Guilherme, o presidente Woodrow Wilson, o parlamentar Winston Churchill e os revolucionários Lênin e Trótski. O resultado é uma envolvente lição de história, contada da perspectiva das pessoas comuns, que lutaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, ajudaram a fazer a Revolução Russa e tornaram real o sonho do sufrágio feminino.

Ao descrever a saga de famílias de diferentes origens – uma inglesa, uma galesa, uma russa, uma americana e uma alemã –, o autor apresenta os fatos sob os mais diversos pontos de vista. Na Grã-Bretanha, o destino dos Williams, uma família de mineradores de Gales do Sul, acaba irremediavelmente ligado por amor e ódio ao dos aristocráticos Fitzherberts, proprietários da mina de carvão onde Billy Williams vai trabalhar aos 13 anos e donos da bela mansão em que sua irmã, Ethel, é governanta.

Na Rússia, dois irmãos órfãos, Grigori e Lev Peshkov, seguem rumos opostos em busca de um futuro melhor. Um deles vai atrás do sonho americano e o outro se junta à revolução bolchevique. A guerra interfere na vida de todos. O alemão Walter von Ulrich tem que se separar de seu amor, lady Maud, e ainda lutar contra o irmão dela, o conde Fitz. Nem mesmo o americano Gus Dewar, o assessor do presidente Wilson que sempre trabalhou pela paz, escapa dos horrores da frente de batalha.

Enquanto a ação se desloca entre Londres, São Petersburgo, Washington, Paris e Berlim, Queda de gigantes retrata um mundo em rápida transformação, que nunca mais será o mesmo. O século XX está apenas começando.

Inverno do mundo

Ken Follett

Depois do sucesso de *Queda de gigantes*, Ken Follett dá sequência à trilogia histórica “O Século” com um magnífico épico sobre o heroísmo da Segunda Guerra Mundial e o despertar da era nuclear.

Inverno do mundo retoma a história do ponto exato em que termina o primeiro livro. As cinco famílias – americana, alemã, russa, inglesa e galesa – que tiveram seus destinos entrelaçados no alvorecer do século XX embarcam agora no turbilhão social, político e econômico que começa com a ascensão do Terceiro Reich. A nova geração terá de enfrentar o drama da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, culminando com a explosão das bombas atômicas.

A vida de Carla von Ulrich, filha de pai alemão e mãe inglesa, sofre uma reviravolta com a subida dos nazistas ao poder, o que a leva a cometer um ato de extrema coragem. Woody e Chuck Dewar, dois irmãos americanos cada qual com seu segredo, seguem caminhos distintos que levam a eventos decisivos – um em Washington, o outro nas selvas sangrentas do Pacífico.

Em meio ao horror da Guerra Civil Espanhola, o universitário inglês Lloyd Williams descobre que tanto o comunismo quanto o fascismo têm de ser combatidos com o mesmo fervor. A jovem e ambiciosa americana Daisy Peshkov só se preocupa com status e popularidade até a guerra transformar sua vida mais de uma vez. Enquanto isso, na URSS, seu primo Volodya consegue um cargo na inteligência do Exército Vermelho que irá afetar não apenas o conflito em curso, como também o que está por vir.

Como em toda obra de Ken Follett, o contexto histórico pesquisado com minúcia é costurado de forma brilhante à trama, povoada por personagens que esbanjam nuance e emoção. Com grande paixão e mão de mestre, o autor nos conduz a um mundo que pensávamos conhecer e que a partir de agora não parecerá mais o mesmo.

Eternidade por um fio
Ken Follett

Durante toda a trilogia “O Século”, Ken Follett narrou a saga de cinco famílias – americana, alemã, russa, inglesa e galesa. Neste livro que encerra a série, o destino de seus personagens é selado pelas decisões dos governos, que deixam o mundo à beira do abismo durante a Guerra Fria.

Esta inesquecível história de paixão e conflitos acontece numa das épocas mais tumultuadas da história: a enorme turbulência social, política e econômica entre as décadas de 1960 e 1980, com o Muro de Berlim, assassinatos, movimentos políticos de massa, a crise dos mísseis de Cuba, escândalos presidenciais e... rock ‘n’ roll!

Na Alemanha Oriental, a professora Rebecca Hoffmann descobre que durante anos foi espionada pela polícia secreta e comete um ato impulsivo que afetará para sempre a vida de sua família, principalmente a de seu irmão Walli, que anseia atravessar o muro e fazer carreira como músico no Ocidente.

Nos Estados Unidos, o jovem advogado George Jakes, filho de um casal mestiço, abre mão de uma carreira promissora para trabalhar no Departamento de Justiça do governo Kennedy e acaba se vendo no turbilhão pela luta em prol dos Direitos Civis.

Na Rússia, Dimka Dvorkin, jovem assessor de Nikita Krushev, torna-se um agente primordial no Kremlin, enquanto os atos subversivos de sua irmã gêmea, Tanya, a levarão de Moscou para Cuba, Praga, Varsóvia – e para a História.

Do extremo sul dos Estados Unidos à vastidão da Sibéria, da isolada Cuba ao ritmo das ruas da Londres dos anos 1960, *Eternidade por um fio* encerra com maestria a história de pessoas que acreditaram em seus sonhos e, assim, mudaram o mundo.

Um lugar chamado liberdade

Ken Follett

Desde pequeno, Mack McAsh foi obrigado a trabalhar nas minas de carvão da família Jamisson e sempre ansiou por escapar. Porém, o sistema de escravidão na Escócia não possui brechas e a mínima infração é punida severamente. Sem perspectivas, ele se vê sozinho em seus ousados ideais libertários.

Durante uma visita dos Jamissons à propriedade, Mack acaba encontrando uma aliada incomum: Lizzie Hallim, uma jovem bela e bem-nascida, mas presa em seu inferno pessoal, numa sociedade em que as mulheres devem ser submissas e não têm vontade própria.

Apesar de separados por questões políticas e sociais, os dois estão ligados por sua apaixonante busca pela liberdade e verão o destino entrelaçar suas vidas de forma inexorável.

Das fervilhantes ruas de Londres às vastas plantações de tabaco da Virgínia, passando pelos porões infernais dos navios de escravos, Mack e Lizzie protagonizam uma história de paixão e inconformismo em meio a lutas épicas que vão marcá-los para sempre.

Com 8 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, *Um lugar chamado liberdade* é mais uma prova de que Ken Follett é um mestre absoluto em criar tramas complexas e emocionantes.

A vida em tons de cinza

Ruta Sepetys

Lina Vilkas é uma lituana de 15 anos cheia de sonhos. Dotada de um incrível talento artístico, ela se prepara para estudar artes na capital. No entanto, a noite de 14 de junho de 1941 muda para sempre seus planos.

Por toda a região do Báltico, a polícia secreta soviética está invadindo casas e deportando pessoas. Junto com a mãe e o irmão de 10 anos, Lina é jogada num trem, em condições desumanas, e levada para um gulag, na Sibéria.

Lá, os deportados sofrem maus-tratos e trabalham arduamente para garantir uma ração ínfima de pão. Nada mais lhes resta, exceto o apoio mútuo e a esperança. E é isso que faz com que Lina insista em sua arte, usando seus desenhos para enviar mensagens codificadas ao pai, preso pelos soviéticos.

A vida em tons de cinza conta a história de um povo que perdeu tudo, menos a dignidade, a esperança e o amor. Para construir os personagens de seu romance, Ruta Sepetys foi à Lituânia a fim de ouvir o relato de sobreviventes dos gulags. Este livro descreve uma parte da história muitas vezes esquecida: o extermínio de um terço dos povos do Báltico durante o reinado de horror de Stalin.

Para Estônia, Letônia e Lituânia, essa foi uma guerra feita de crenças. Esses três pequenos países nos ensinaram que a arma mais poderosa que existe é o amor, seja por um amigo, por uma nação, por Deus ou até mesmo pelo inimigo. Somente o amor é capaz de revelar a natureza realmente milagrosa do espírito humano.

Escravas de coragem

Kathleen Grissom

Belle já tinha problemas suficientes preparando a comida da casa-grande e cuidando para se manter longe dos olhos de D. Martha e de seu filho, Marshall. Eles não sabem que, na verdade, ela é filha ilegítima do capitão James Pyke, por isso imaginam o pior em relação à preferência do capitão pela escrava mestiça.

Ser responsável por uma menina meio doente que acaba de chegar à fazenda é um tormento do qual Belle não precisava. A garota parece incapaz de reter comida no estômago, mal fala, não se lembra de nada e, às vezes, é até meio assustadora, com sua cara de avoada. Além de tudo é branca e tem cabelos cor de fogo. Mas Belle sabe que, entre as pessoas que a acolheram, a cor da pele não significa nada e por isso acaba recebendo Lavinia de braços abertos.

Esse é apenas o início da saga de uma família formada por laços que vão muito além do sangue. Uma história de coragem, esperança, força e amor à vida.

Querida Sue
Jessica Brockmole

Março de 1912: Elspeth Dunn, uma poetisa de 24 anos, nunca viu o mundo além de sua casa na remota Ilha de Skye, na Escócia. Por isso fica empolgada ao receber a primeira carta de um fã, David Graham, um estudante universitário da distante América.

Os dois começam a trocar correspondências – compartilhando os segredos mais íntimos, os maiores desejos e os livros favoritos – e fazem florescer uma amizade que, com o passar do tempo, se torna amor. Porém a Primeira Guerra Mundial toma a Europa e David se oferece como voluntário, deixando Elspeth em Skye com nada além de esperanças de que ele sobreviva.

Junho de 1940: É o início da Segunda Guerra Mundial e Margaret, filha de Elspeth, está apaixonada por um piloto da Força Aérea Real. A mãe a adverte sobre os perigos de se entregar ao amor em tempos de guerra, mas a jovem não entende por quê. Então, durante um bombardeio, uma parede de sua casa é destruída e, de dentro dela, surgem cartas amareladas pelo tempo. No dia seguinte, Elspeth parte, deixando para trás apenas uma carta datada de 1915. Com essa única pista em mãos, a jovem decide ir em busca da mãe e, nessa trajetória, também precisará descobrir o que aconteceu à família muitos anos antes.

Querida Sue é uma história envolvente contada em cartas. Com uma escrita sensível e cheia de detalhes de épocas que já se foram, Jessica Brockmole se revela uma nova e impressionante voz no mundo literário.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br



Christine Krieg

PATRICIA BRACEWELL cresceu na Califórnia, onde lecionou Literatura e Redação antes de embarcar na carreira de escritora. É mestre em literatura inglesa e sua pesquisa histórica a levou a lugares como Grã-Bretanha, França e Dinamarca. Tem dois filhos adultos e mora com o marido em Oakland, na Califórnia.

Sumário

[Créditos](#)

[Glossário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

[Sobre a autora](#)